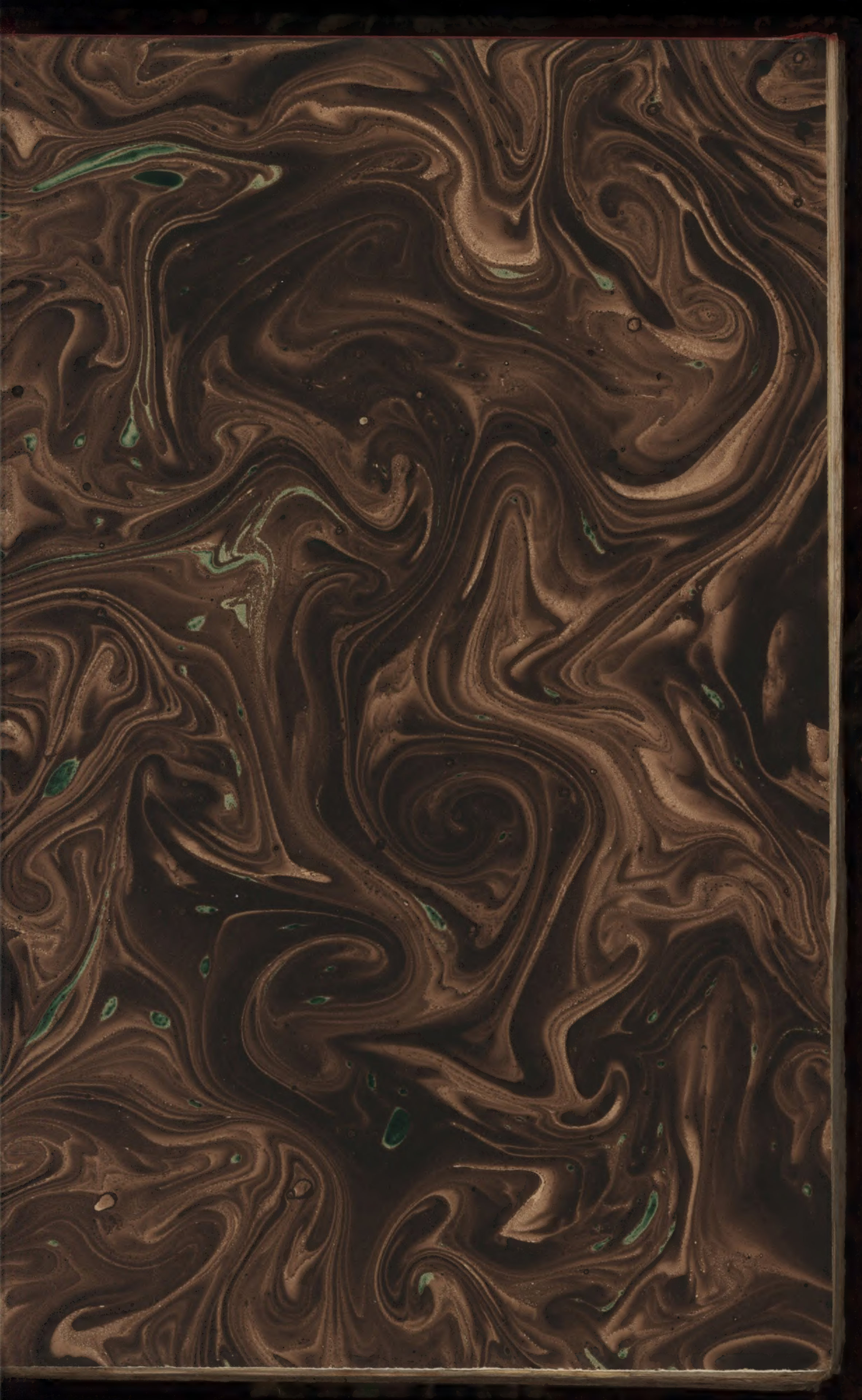



DO · ESTUDO · FLORESCE · A · LUZ
LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 12
PORTO ✠ TELEFONE, 5988


EX BIBLIOTHECA
ANTÓNIO CAPUCHO



MISCELLANEA

DE

MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA

NOVA EDIÇÃO CORRECTA

LISBOA
Imprensa Nacional
1867

MISCELLANEA


MISCELLANEA DO SITIO
DNS DA LUZ DO PEDROGÃO
GRANDE
Apprecimto desuas ta Imagem
Fundacão do seu Conuento
Seede lxa Expugnacão della
PERDA DELREI SEBASTIAM
EQ SEIA NOBREZA Sor Sa VASS
ALLO DELREI RICO HOME
INFANCÃO CORTE CORTE
ZIA MIZURA REVERENCIA
E TIRAR O CHAPEO E
PRODIGIOS
Com mtas curiozidades e P
oezias diuersas
Por Mighel leitão di Andra Comédor de Christo
em lxa por Matheus Pinheiro
anno 1629.
p fr Nicolao leitão do rosario primo d A. deste sitio. padeceo em Cuama año 1592.
p Di. d'And. primoirmão do A. e padrinho deste sitio: padeceo no Brasil, año 1570.

MISCELLANEA

DE

MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA

NOVA EDIÇÃO CORRECTA



LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1867

ADVERTENCIA

Tem desde muito a administração geral da imprensa nacional concebido o pensamento de, a expensas do proprio cofre e em obsequio das letras, publicar, em edições correctissimas, e quanto possivel aprimoradas, uma serie dos melhores escriptores nacionaes, começando pelas obras que, ou por sua indole especial e importancia, ou por sua extrema raridade, lhe parece merecerem a preferencia. Não entra aqui a minima idéa de especulação industrial, aliás menos digna do objecto e do caracter do estabelecimento; comprehendel-o-ha desde logo quem reflectir prudentemente quão poucos são os que entre nós frequentam a leitura dos antigos monumentos litterarios, e por consequencia quão mal avisado andará quem se persuadir que póde de algum d'esses livros extrahir-se com facilidade avultado numero de exemplares.

Para começo de execução d'esse pensamento, que não deverá certo ser taxado de menos patriotico, foi escolhida a *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrada, incontestavelmente um dos mais curiosos livros que porventura se hajam publicado em lingua portugueza.

Infelizmente a urgencia e vastidão dos serviços a cargo da imprensa nacional, e outras difficuldades supervenientes, fizeram com que houvesse de pôr-se de parte ou antes adiar-se o empenho projectado, e ainda com que o trabalho typographico

da *Miscellanea* por bastantes vezes interrompido, se demorasse muito alem do que se desejava, e só agora podesse a final concluir-se.

A primeira edição da *Miscellanea* foi impressa em Lisboa, por Matheus Pinheiro em 1629; e em verdade será difficil encontrar alguma obra estampada com mais imperdoavel descuido. Á correcção da nossa edição cumpria pois applicar o maior desvelo, e n'este ponto cremos que ella não deixará nada a desejar, havendo-se incumbido, espontanea e desinteressadamente, da sua escrupulosa revisão (trabalho enfadosissimo e impertinente) o mui distincto bibliographo, o sr. Innocencio Francisco da Silva.

Em quanto ao mais a administração não poupou diligencias para que a presente edição da *Miscellanea* saísse a lume com todas as circumstancias que é de esperar a tornem apreciada; e por isso fez reproduzir em fac-simile, por excellentes artistas, todas as estampas que acompanhavam a edição original, incluindo até o curiosissimo rosto que a antecede e o retrato do auctor, sendo umas d'essas estampas impressas á parte e em papel expressamente preparado, e outras intercaladas no texto. Tambem se reproduziu com escrupuloso cuidado a musica do romance que se cantava depois da batalha de Alcacer-Quibir, de que no fim do volume encontrará o leitor uma *traducção,* exacta quanto era possivel, em caracteres musicaes modernos.

Desejando que o publico illustrado receba com favor esta publicação, a administração geral da imprensa nacional aproveita com prazer a opportunidade que assim se lhe offerece de agradecer ao illustre escriptor já citado, e que tão efficazmente a coadjuvou n'este empenho, prestando até o exemplar que serviu á composição, o modo altamente lisonjeiro por que no volume VI do seu excellente *Diccionario bibliographico,* se referiu á referida administração, annunciando a n'esse tempo (1862) projectada e só agora realisada nova edição da *Miscellanea.*

Agosto de 1867.


O Autor mighel leitão d'Andrada
etat. 75
Joao bautista

BREVISSIMA NOTICIA DE MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA

Miguel Leitão de Andrada, commendador da ordem de Christo. Cursou na universidade de Coimbra a faculdade de canones, porém não chegou a formar-se, partindo para a jornada de Africa com el-rei D. Sebastião. Ahi ficou captivo dos mouros na batalha de Alcacerquibir em 4 de agosto de 1578, conseguindo evadir-se no fim de algum tempo. Seguiu depois as partes de D. Antonio, prior do Crato, pelo que foi perseguido e esteve preso durante muitos annos, por ordem de Filippe II.—Nasceu na villa de Pedrogão, bispado de Coimbra, em 1555; e vivia ainda em Lisboa no anno de 1629, contando então setenta e quatro de idade.—Escreveu

Miscellanea do sitio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão grande, apparecimento de sua sancta imagem, fundação do seu convento, e da see de Lisboa, expugnação d'ella, perda de elrei Sebastiam. E que seja Nobreza, Senhor, Senhoria, Vassallo delRei, Rico-homem, Infanção, Corte, Cortezia, Mizura, Reverencia, e Tirar o chapéo, e prodigios. Com muitas curiosidades e poesias diversas. Lisboa, por Mattheus Pi-

nheiro 1629. 4.° de XVI (innumeradas)-635 pag.—Este titulo é aberto a buril, e com tal orthographia, em uma portada gravada pelo artista portuguez João Baptista; alem do frontespicio ha na obra o retrato do auctor, e duas estampas descriptivas da batalha de Alcacer.

É a *Miscellanea* um dos livros raros e curiosos que possuimos. Escripta em fórma dialogistica, e contendo ao todo vinte dialogos, a sua linguagem de mixtura com algumas vozes antiquadas e outras vulgares, conserva geralmente aquella pureza e propriedade que caracterisam os escriptos contemporaneos. No estylo, aindaque pouco castigado e ás vezes duro, não deixa de apresentar de vez em quando formosura, viveza e elegancia, qualidades que melhor se distinguiriam se a edição, por mal cuidada e incorrecta, não as desfigurasse e confundisse. Quanto ás peças em verso, que ahi apparecem intercaladas na prosa, são tidas por inferiores a esta em merecimento, e alguns criticos as julgam destituidas de gala e suavidade poetica. Advirta-se porém, que em o numero d'essas peças entram muitas alheias, das quaes Leitão foi mero compilador; a cujo respeito póde ler-se uma nota que em sua defeza e justificação escreveu Antonio Ribeiro dos Sanctos, a qual se acha transcripta no *Jornal da sociedade dos amigos das letras,* n.° 4 (Julho 1836), a pag. 98, contra os que pretenderam accusal-o de querer usurpar para si as obras de outros. Entre essas composições alheias ha algumas que se attribuem ao cantor dos *Lusiadas,* e andam incluidas nas obras do grande poeta. Taes são, por exemplo, a canção: «*Oh pomar venturoso*» (*Miscellanea,* pag. 9)[1] que é com leves variantes a XIII de Camões; outra que começa: «*Quem com solido intento*» (*Miscell.,* pag. 431) contada como a XIV de Camões; e a outra: «*Que é isto? sonho ou vejo a nympha pura*» (*Miscell.,* pag. 435), que é nas respectivas edições a XV.—Tambem a pag. 377 um soneto: «*De quantas graças tinha a natureza*» havido pelo CXXXI entre os

[1] As citações das paginas reportam-se á edição de 1629.

de Camões, e a pag. 435 outro: «*Si gran gloria me vino de mirar-te,*» que é o CCLXX, com a differença de apparecer na *Miscellanea* traduzido em castelhano, etc., etc.

Ao sr. visconde de Juromenha em sua novissima edição das *Obras de Camões* occorreu mencionar, no tomo II, a identidade das referidas canções: porém não vejo que diga cousa alguma quanto á dos dous sonetos.

No que nos relata da batalha de Alcacer, Leitão gosou sempre do credito de historiador fidedigno, como testemunha presencial dos successos. Comtudo o auctor da *Deducção chronologica e analytica*, firme e tenaz no proposito de achar na companhia de Jesus a origem de todos os males e desgraças de Portugal, attribuindo aos seus membros toda a sorte de machinações e falsidades para levarem por diante os seus tenebrosos projectos, lá foi descobrir não sei aonde (ao menos assim o affirma na parte 1.ª, divisão VI, § 200, isto é, a pag. 105 da edição de 8.º), que a *Miscellanea* «fôra obra mandada estampar pelos jesuitas, com o fim expresso de manterem o povo na persuasão de que D. Sebastião escapára vivo da batalha, fingindo (são palavras suas) uma historia verdadeiramente d'aquellas, a que o vulgo chama de *mouros encantados*»!!! Apesar porém d'esta estranha affirmativa, tão destituida de provas, não creio que Leitão haja desmerecido em auctoridade no conceito dos que o reputam historiador veridico e sincero dos factos que observára.

A *Miscellanea* paga-se desde muitos annos por avultado preço. Sei que D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares, comprára no principio d'este seculo um exemplar por 8$000 réis. Monsenhor Ferreira Gordo deu por um que possuia 5$760 réis. Outros em tempos mais recentes foram vendidos por 6$400 réis, isto é, quando bem tratados e completos, com rosto e estampas, que em alguns costumam faltar. Na livraria que foi de Joaquim Pereira da Costa, existem não menos de dois, a que os respectivos avaliadores pozeram no

inventario o preço total de 6$000 réis, em verdade bem diminuto, mas que não deve servir de motivo para admiração, á vista de tantas e tão disparatadas irregularidades como a cada passo se notam n'aquelle inventario, em que os peritos tamanha impericia mostraram![1]

[1] Esta brevissima noticia é, com a devida venia, extrahida do *Diccionario bibliographico,* tomo VI, p. 239, omittindo-se apenas a parte em que o benemerito auctor allude, com o favor, que já agradecemos, á resolução tomada pela administração da imprensa nacional de fazer reimprimir o mui notavel livro de Miguel Leitão.

LICENÇAS

Vi este livro intitulado «Miscellanea do sitio de Nossa Senhora da Luz», não tem cousa que encontre nossa santa fé ou bons costumes, antes tem muita erudição e curiosidades, que o fazem mui digno de se imprimir. Lisboa, nesta casa de S. Roque da Companhia de Jesu, 20 de Abril de 626. = *O Doutor Jorge Cabral.*

Pode-se imprimir. = *O Bispo.*

Pode-se imprimir. Lisboa, 15 de Março de 626. = *Eugenio Cabreira.*

Que se possa imprimir este livro, vistas as licenças do Santo Officio e Ordinario, que offerece, e depois de impresso torne pera se taxar, e sem isso não correrá. A 26 de Agosto de 627. = *D. de Mello = Araujo = Cabral = Pimenta de Abreu.*

Está conforme com seu original. A 29 de Maio de 629. = *O Doutor Jorge Cabral.*

Taxão este livro em 400 réis em papel. A 30 de Maio de 629. = *Araujo = Pimenta de Abreu.*

O DOUTOR ELOY DE SÁ SOUTOMAIOR,

Ao Autor

Dixitque Deus, fiat lux, et facta est lux

Naquella confusão de trevas, quando
As dividio o Autor da Natureza,
A luz criou, que esteve sempre aceza,
Pera se poder ver o que hia obrando.
Esta luz vos esteve alumiando,
Porque a Senhora della he vossa empreza;
Com luz levais a Luz a tanta alteza,
Que a luz nos olhos de aguias vai faltando.
De noite, qual Jacob, luta atégora
O mundo, que não vê do pégo o fundo,
No assumpto que tomais, da luz a Aurora.
Acaba a luta, e vós, qual Sol segundo,
Affugentando a que ás escuras mora,
Cheio de tanta luz dais luz ao mundo.

DIDACUS DE PAIVA DE ANDRADA

Domino Michaeli Leitão de Andrada, in gratiam hujus operis, mittit

EPIGRAMMA

S.

Post nimis exhaustæ jam grata silentia Musæ
Et positam celebri Chaulidos arcæ tubam,
Nunc licet Aoniis iterum conatibus audax,
Expediam laudes, vir generose, tuas.
Vix novus ista furor, veniensque implesset Apollo,
Tanta quod excudis carmina poscit opus.

DE DONA BERNARDA FERREIRA DE LACERDA,

Ao Autor

Colhendo gentil copia de boninas,
Odoriferas hervas, rosas bellas,
Hum ramalhete composestes dellas,
Com perfeições, e cores peregrinas.
Do vario tempo isentas por divinas,
O vosso nome sobem ás estrellas;
Para vós louro são, palma e capellas,
Vós dellas, e de vós ellas só dinas.
Namorado do Ceo, sem fazer caso
Das fabulosas aguas de Helicona,
As que dão vida, e luz buscais prudente.
Acclama-vos o filho de Latona,
Acclamão-vos as nove do Parnaso
Poeta illustre, historico excellente.

D. LUDOVICUS DE AGUIAR RIBEIRO,

In laudem Autoris

Jam labor ingeniique decus nova carmina surgant,
Cujus opus mirum secula nostra beant.
Quo duce conspicio Regis prædura Sebasti,
Prælia, et exilium, quo tibi tantus honos.
Principium antiquum patriæ, quoque nomen, et arma,
Andradum Sobolem, politicosque modos
Ingredere, et celebres cape quos spondemus, honores,
Dum calamo ingenii fundis in astra jubar.
Quo clarum toto stabit tibi nomen in orbe
Dum Cœlum stellas, dum vehet amnis aquas.

A

CHRISTO NOSSO SENHOR

O AUTOR, SEU CAVALLEIRO,

PEDE SUA GRAÇA, E BOM ACABAMENTO EM SUAS COUSAS

Enferma e triste, e em termos de perder-te,
Senhor, jaz tua esposa, e só deseja
Que ou tu queiras ir vel-a, ou chegue a ver-te.
Como te deixou sempre, e como esteja,
Filha de Adam[1], de flores mal cuberta[2],
Suspira e teme, e se envergonha e peja.
Vê-se nua, e bem vê que em ver-se acerta,
Que quem se vio primeiro só merece
Que ponhas nella a vista descuberta.
Porém, sabe inda á terra, e bem conhece
Que não terá manjar celeste em quanto
Das comidas do Egypto não se esquece[3].
Mas com ella o costume pode tanto,
Que a seu vomito torna, e fica preza,
E deixa seu caminho honesto e santo.
Tu a guia, que acabe a boa empreza,
Não com açoute, não, com vivo lume,
Que em teu divino fogo a traga acceza.
As armas de Saul, nas quaes presume[4],
Ponha de parte, e saia ao campo leve,
Sem a pezada carga do costume.
Quando restituiste á vida breve,
O filho da viuva, os nós quebraste[5]
Primeiro, com que atado o corpo esteve.
Quando a Maria o irmão resucitaste,
Arrancando primeiro a sepultura,
Depois co'a voz do inferno o arrancaste[6].
Assi tira desta alma a força dura,
Quebra os nós do costume, porque possa
Ir ver-te mais ligeira, e mais segura.

[1] Gen. 3.
[2] Flores pro foliis: id est, virtutes.
[3] Exod.
[4] I. Reg. 17.
[5] Luc. 7.
[6] Joan. 11.

A

NOSSA SENHORA DA LUZ

O AUTOR

OFFERECE ESTE LIVRO

A vós, nossa luz, Princeza do mundo,
  A quem o Autor delle amou com tal zelo,
  Que o mando apoz si vos dá o segundo,
  Na terra e no ceo, e firma com sello.
A vós este livro, tosco novelo
  De varia lição, mas bem fortunado,
  Pois fala de vós, e vosso reinado,
  C'os giolhos no chão, vos venho offrecel-o.

Nom casos falaces, Senhora, contamos,
  Mas quaes são da vida, e do mundo as trocas;
  Muitos favores, merces, que não poucas,
  De vós recebi, e ser vossas achamos.
Mas porque contal-as ao certo venhamos,
  E possa dos meus fazer breve summa,
  Guiai-me esta lingoa, [1] guiai-me esta pruma,
  Que aceito vos seja o que começamos.

Vós, nom Caliope, me sey favoravel,
  Dando-me azas de dom virtuoso,
  Vós, que sois luz, e hum sol luminoso,
  Que fale de vós, me dai que seja habel.
A fama levante sua voz inefabel,
  Que os feitos passados, a que fui presente,
  Corrão de gentes sabidos em gente,
  Lætheo nom prive, o que é memoravel.

Porque não creio, que fossem maiores
  Que dos Lusitanos, os feitos do Cide,
  Nem que feroces menos em a lide,
  Andassem os nossos que os Agenores[2].
Mas se os peccados forão menores,
  Sua fé, e valor (que he o que se ama)
  Voará sem ser damnada essa fama,
  Por culpa, e error de falsos Autores[3].

[1] Lingoa mea cal. Ps. 44.
[2] Agarenos, mouros netos de Agar.
[3] A saber: Geronimo Franqui, e Fr. Geronimo Romão e os que o seguírão.

Se por ter por esposa hũa alma nossa
Do ceo desceste, ah vê que desta minha,
O mór imigo teu te desapossa [1].
Roubou-lhe a graça, que por armas tinha,
E c'o fogo encuberto (ah grave damno!)
Queimou a ceara, e tem desfeita a vinha.
Ella que tem cahido em seu engano,
Por dote te offerece a magoa e pena,
Para ti dote bello e soberano.
Nestes meus olhos renovar-se ordena,
Qual no mar a aguia, e toda rependida,
A lagrimas perpetuas se condena.
Detem, Senhor, nesta alma convertida
O sol de tua graça, que pereção
Os imigos, que leva de vencida [2].
Da-lhe que suas lagrimas mereção,
Que como os de Babel te conhecêrão [3],
Seus soberbos contrarios te conheção.
Se suspiros da Esposa te movêrão,
Faze que vença as causas de seu erro,
Por onde ellas vencel-a pretendêrão.
Seja a sabia Judith, que em seu desterro [4]
Ao capitão, que a patria lhe cercara,
A cabeça cortou c'o proprio ferro.
Seja a fermosa Esther, que a força rara [5],
De seus chorosos olhos foi bastante
A pôr Amon na cruz, que aparelhara.
Vê seu amado esposo e charo amante,
Que a dor e magoa do passado feito
Não se lhe tirão nunca de diante.
O remo ao mar: ao remo a força e geito,
O sangue ao diamante, á folha o vento,
A ti só dobra hum coração sogeito.
Se engeitavas no velho testamento,
Sacrificios sem sal [6]: eis de giolhos
Te sacrifica o sal de seu tormento.
Se tinha os appetites por antolhos,
Vê agora c'os olhos que lhe deste,
Que sempre pões em lagrimas os olhos.
E que o eterno amor que lhe tiveste,
A escada foi, que vio Jacob sonhando [7],
Por onde tu, Deos vivo, a nós deceste.

[1] Jud. 15.
[2] Jos. 10.
[3] Gen. 11.
[4] Jud. 15.
[5] Esth. 7.
[6] Lev. 2.
[7] Gen. 28.

Em quanto Deos continuamente amando
  A estás da eternidade (nem finito
  Amor lhe tens) c'os homens conversando.
Peregrinava neste humano Egypto
  Amor, no ser da causa limitado,
  Porém no ser de amor era infinito.
Desta affeição, senhor, arrebatado,
  Sobre as aras da Cruz, por seu respeito,
  Foste cordeiro a Deos sacrificado.
Ali todo huma chaga o corpo feito,
  Pelicano divino sustentaste
  A teus filhos, c'o sangue de teu peito.
Mas ah, que as pedras a chorar forçaste,
  E não chora o home, e só naceo chorando,
  E só por elle á morte te entregaste!
A terra treme, e as nuvens se ajuntando,
  O Ceo se cobre: e hum bicho vil da terra,
  Nem pensamento ou rosto vai mudando?
O sacro veo, que o templo antigo encerra,
  Faz-se em partes, e o veo do amor profano
  Inda com grossa nevoa os olhos cerra.
Erguem-se a ver o sentimento humano
  Os mesmos mortos: porém morto em vida,
  Jaz sepultado o homem por seu damno.
Não seja, não meu Deos, assi perdida
  Em tua esposa tão gentil lembrança,
  De tua alegre e triste despedida.
Antes vendo que em meio da esquivança
  Dos imigos, fermoso Abel pediste
  Perdão ao Padre Eterno, e não vingança.
Apartando de todo o medo triste,
  Na Cruz te busque, onde c'o lado aberto,
  A teu povo escolhido os Ceos abriste.
Como David, em Deos seguro e certo,
  Cinco pedras tomou contra o Gigante,
  Que poz todo Israel em tanto aperto,
Assi de tua Cruz, daqui em diante,
  Tome as chagas divinas por defensa,
  Quando contra ella o inferno se levante.
Ahi nas dores seja em recompensa,
  De teu divino amor comtigo unida,
  Nem te deixe por culpa, ou por offensa.
E se cahir em falta conhecida,
  Sentindo mais a culpa que o desterro,
  Qual serva chore a pena merecida,
  Mas qual esposa, o ter cahido em erro.

AO PADRE PRIOR E MAIS PADRES DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LUZ, DO PEDROGÃO GRANDE

Este livro, meus Padres, ou selada, que andei colhendo no sitio dessa santa casa e seus arredores (onde me criei) de varias plantas, que a Nossa Senhora da Luz tenho dedicado, envio a Vossas Paternidades e Reverencias, pera que como ministros seus, e familiares de sua casa, como cousa sua, o leião: pois só isso leva de que se poder lançar mão. E se alguma cousa acharem neste prato com algum sabor, digo menos mal guisada, o attribuão á virtude das mesmas plantas ou flores, que sendo de tal Senhora, lh'a não póde tirar o serem guisadas por mãos tão grosseiras, quaes são as da rudeza de meu engenho. Porém, se como taes misturassem aqui cousas suas parecidas, indignas de apparecer na presença de tão alta Princeza, sirvão a Vossas Paternidades e Reverencias, de insipido ou amargo sal, como pera mais sabor se costuma nas iguarias do mundo, pera que nas suas celestiaes, em que sempre se empregão e tratão altas e divinas, com mais sede se poderem applicar, e entrar nellas mais querençosos, refocilando o animo. Pois não póde o arco estar sempre armado sem enfraquecer. E nosso Senhor, por meio desta Senhora, os faça grandes santos, a quem peço me encommendem, porquanto

O tempo já de si me pede conta,
He necessario dar-se á conta tempo,
Que quem gastou sem conta tanto tempo,
Como dará sem tempo tanta conta?
Não quer levar o tempo, tempo em conta,
Porque conta não fez de dal-a em tempo,
Onde só para a conta havia tempo,
Se na conta do tempo houvesse conta.
Mas que conta dará quem não tem tempo,
Em que tempo a dará quem não tem conta,
Que quem á conta falta, falta o tempo?
Vejo-me sem ter tempo, e com ruim conta,
Sabendo que hei de dar conta do tempo,
E que se chega o tempo de dar conta.

PROLOGO AOS LEITORES BENEVOLOS

Vendo-me muito obrigado das muitas mercês, e favores que Nossa Senhora da Luz me tem feitas desde minha meninice, e quão poucos serviços por ellas lhe tenho feito, nem faço, quero ao menos mostrar-me agradecido com as publicar, e convidar com ellas a outros, a serem devotos desta Senhora, pera a servirem; em quem he certo acharem-se sempre as mercês certas, quando a mim (sendo tão grande peccador) não as negou; porque emfim, ella he quem he, mãi de Deos, advogada de peccadores, e a que se diz neste Soneto:

Antes do parto Virgem escolhida,
  No parto Virgem e Mãi, permanecestes,
  Depois do parto Virgem, que só déstes
  Principio ao voto casto, nesta vida.
A geração humana já perdida,
  Vós, ó grande Senhora, a soccorrestes,
  E por vossa humildade merecestes
  Alcançar-nos de Deos ser redimida.
Olhai, que tambem sou por quem pedistes,
  Não me desampareis, Virgem sagrada,
  Alcançai-me perdão de meus peccados.
E lá no santo ethereo onde subistes,
  E fostes da Trindade coroada,
  Pedi que entre eu tambem, d'entre os chamados.

E achando-me confuso e envergonhado assás, de quão pouco lhe sei merecer mercês tamanhas, e rependido de não ter feito aquella vida que ella quizera, e lhe fora esse o mais certo sacrificio meu, fora

pelo menos muita razão lamentar-me, e chorar muito isso, e com mais veras do que se diz neste Soneto:

Quando os olhos ponho no passado,
De quanto passei me acho rependido;
Agora vejo foi tempo perdido,
Fadiga e trabalhar mal empregado.
Sempre no mais damnoso, mais cuidado,
E o que mais cumpria, mal cumprido,
Do desengano então fui advertido,
Quando das esperanças mais frustrado.
Castellos, que fazia o pensamento,
Quando vel-os mais altos parecia,
Por esse chão os vi em hum momento.
Que errada conta faz a fantasia,
Pois tudo em morte pára, e tudo he vento;
Triste quem spera, triste quem confia,

Senão em Deos!

Bem estou vendo que muitos me hão de notar, por verem neste livro (a que me pareceo chamar Miscellanea ou selada, pola diversidade de cousas que nelle vão misturadas) algumas que lhe parecerão alheias, e ditos tambem alheios; a quem se responde que me mostrem hum só livro de quantos té hoje são escritos, que não tenha cousas alheias, e antes algumas inteiramente tresladadas. Porque, que cousa se póde dizer, que não seja já dita? *Nihil sub sole recens,* diz o Sabio, que nenhuma cousa ha nova debaixo do Sol. Pelo que, assás fará quem bem as applicar, e eu com isso me contentara: porque dos que a esta nossa Miscellanea ou selada chamarem outro nome, não me curo, porquanto a elles quizemos tambem dar sua iguaria.

Pois os que me arguirem falar aqui de mi, e minhas cousas e parentes, devião attentar não poder fazer-se menos, sendo disso o livro, pera notificar as muitas mercês que Nossa Senhora da Luz, em particular a mi e a elles tem feitas; como á mesma Senhora o digo, no offerecimento que delle lhe faço, quando digo: «E possa dos meus fazer breve summa, etc.» Pelo que, antes quando se trata alguma cousa alheia, he fora do intento, por vir a proposito. Por onde parece não se dever aqui entender, o que com razão se soe estranhar; a saber: que o louvor na boca propria he vileza; pois vemos que Santo Agostinho fez hum livro, a que chama de suas Confissões, contar de si proprio, em todo elle, e de suas cousas, e o mesmo fez S. Jeronymo, cuja vida se tirou de seus escritos proprios; e Julio Cesar, nos seus Commentarios

enunciativamente, como nós o fazemos, e na oração funeral de sua tia Julia, como diz Suetonio, capitulo 6.º E hora a Madre Santa Theresa de Jesus, que neste anno 1622 foi canonisada, fez hum livro, em que reconta sua vida, e trata dos seus. E diz Cornelio Tacito, n'um livro que fez da vida de Julio Agricola, seu sogro, que muitos escrevêrão sua vida propria, pola segurança de seus costumes, mais que por arrogancia, e que não perdêrão por isso credito, nem reputação Rutilio, nem Escauro, nem elle espera perdel-a por escrever a vida de seu sogro; e que escrevendo suas virtudes, antes merece desculpa que nota. E Trogo Pompeyo fez hum livro, que foi o derradeiro de suas obras, em que sómente trata de si, e de seus avós e antepassados. Pelo que bem podera eu com mais razão esperar isso mesmo, pois todo este livro he de Nossa Senhora da Luz, de milhares de mercês que a mi fez, e aos meus, e não podia apregoal-as (que he o que pretendo) sem me nomear, e as pessoas a quem as fez, inda que parentas. E quem disso neste prato se enfastiar, passe adiante quando o topar, e o deixe a outros de melhor boca, e aos meus, a quem o apresento, pera em todo o tempo darem graças a Deos nosso Senhor. E o mesmo, quando toparem algum latim, que logo adiante o acharão em lingoagem, o qual se poz pera mais authoridade aos curiosos, porque aos malevolos diz Boecio:

Si latras hac te esse canem ratione putabo,
Qua: si ullulas verum te rear esse lupum.

MISCELLANEA

DE

MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA

DIALOGO PRIMEIRO

Descreve-se o sitio da villa, o convento de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão grande, e calidades delle, com algumas poesias aos santos, cujas ermidas ha aqui, e ao pomar do mesmo convento. E a nobreza e appellidos dos Cavalleiros antigos d'aqui: onde hum libertou seis donzellas de poder de mouros, do que procedeo a liberdade de Espanha.

DEVOTO — GALACIO

Á fama de humas festas que se fizerão na villa do Pedrogão grande (terra quasi no coração da Lusitania, e meio deste nosso Portugal) o anno 1612 a 8 de Setembro, se abalou muita gente das villas e cidades ao redor (e ainda desta nossa Lisboa): entre os quaes foi hum Cavalleiro por nome Galacio, o qual, assim porque nacera naquella villa, e amisade grande que tinha com o devoto que fazia as festas (em tanto que se dizia, serem ambos huma mesma vontade) que era Miguel Leitão de Andrada, Commendador da ordem e milicia de Nosso Senhor Jesu Christo, como tambem pola devação que ambos tem á sacratissima Virgem Santa Maria Nossa Senhora da Luz, a cuja honra se fazião as festas, e por se haverem criado em sua santa casa, que he convento da ordem do Senhor S. Domingos, que ha naquella villa, onde havião bebido o primeiro leite da doutrina christã de nossa santa fé catholica, sendo meninos, e apprenderão as primeiras letras do A B C, como o latim, tendo por mestres varões muitos insignes, que naquelle convento então erão moradores, assi nas muitas virtudes de que erão ornados, como nas letras. Quaes erão o Padre Fr. Manuel de

Sousa, tio do Governador do Porto, Henrique de Sousa, ora Conde de Miranda, e o Padre Fr. Lopo de Sousa, que depois foi Provincial, e o Padre Fr. Antonio de Ourem, grande latino e escrivão, mas muito maior nas virtudes. Quiz, como digo, acompanhar o devoto, seu cordial amigo, e achar-se com elle nestas suas festas; movido tambem das saudades, que naturalmente todos temos dos lugares da nossa criação, e nacimento, quaesquer que elles sejão; quanto mais estes desta villa, tanto pera obrigar, não sómente a continuas lembranças, se não tambem a mui vivas saudades: porque alem de ser fresquissima a terra de sombras, e ares mui delgados e limpos, e por isso muito sadia, tem excellentissimas agoas de muitas fontes, que a fazem ainda mais sadia e fresca, porque ha nella mais de duzentas, humas que nacem como fervendo em cachões por entre penedos, outras dependurando-se dos mesmos rochedos, acompanhadas humas e outras de mil verduras de diversas plantas e parras, muitas em valles, entre as mesmas arvores correndo entre milhares de boninas, e flores de suavissimo cheiro. Algumas ha, que nacendo muito abundantes fazem de si mesmas huns tanques mais e menos altos de hum covado, vindo do fundo a agoa pulando pera cima, cuberto o mesmo fundo de seixinhos alvissimos, e outras pedrinhas de diversas cores entre a arêa grossa. E por cima a avenca, a douradinha, a serpentina, a hepatica, e outras ervas tão alegres á vista quanto medicinaes á saude; e a agoa sempre tão clara, que facilmente quem nella chegar a beber ou refrescar-se, poderá ver sua mesma figura e rosto como em hum espelho muito cristalino. E se as sombras e fontes são frescas, o não são menos os muitos ribeiros que ha no limite desta villa e sitio, em valles amenossissimos e soutos mui sombrios, com outros mil arvoredos. Por onde as sahidas desta villa são muito deleitosas e apraziveis, por campos e estradas chanissimas cubertas das sombras destes soutos, por baixo dos quaes ha milhares de boninas exquisitissimas; infinitas violas, que naturalmente nacem; as estradas acompanhadas de uma parte e da outra de muita giesta amarella e branca fermosissima. As boninas, humas parecem fradinhos com seu capelo azul, outras com rosto como de serpe vermelho, que abre e cerra a boca, outras que fazem de si hum piramide, ou castello de quatro quinas roxas com mil pendurados nellas, e em cima seu capitel; outras, que cada huma só, he hum ramalhete de muitas boninas; ha humas de feição de huma campainha vermelhas, e pegadas muitas por ordem, por huma hastea alta como huma garrocha, maiores e menores que hum dedal, e com estas se deleitão muito as donzellas e meninas, dando com ellas estalos na testa

e nas mãos; e ha outras diversidades sem conto e innumeraveis, que as mesmas donzellas colhem, quando por sua devação e recreação vão por estas sombras, com suas mãis e parentas, visitar as hermidas que ao redor desta villa ha. Porque della pera a parte do norte está em espaço de hum tiro de mosquete, passando hum bello rocio que chamão Adeveza, huma hermida de S. Sebastião, no começo de huma larga e espaçosa carreira, e a este santo se fez este mote:

PERGUNTA

Dizei, Sebastião, se basta
Crer, e ser bautizado,
A que his ser martyrisado?

REPOSTA

Só a fé, ouço dizer
Que basta pera ser salvo,
Mas não só se erra o alvo,
Que com obras deve ser,
E assi por mais merecer,
Quero ir ser seteado,
Por Deos, e ser degolado.

PETIÇÃO

Dai-me logo fortaleza
Porque ir comvosco possa,
E seguir a tenção vossa,
Sem que esta alma desfaleça;
E se em mim houver tibeza
Me dai hum animo ousado,
A ser por Deos martyrisado.

E desta hermida pela mesma carreira e estrada, se vai a outra hermida de Nossa Senhora da Conceição muito devota e frequentada, e tem huma fonte junto de muita e boa agoa, e a estrada que he por debaixo de soutos muito plana, e com largueza a carreiras e folgares a cavallo: e a esta Senhora da Conceição se fez este Soneto, que foi concebida sem peccado original.

SONETO

Se aquella mulher sois, do sol vestida,
Como cabera em vós escuridade;
E se do mesmo Deos, santa cidade,
Como havieis de ser jamais rendida?
Se palma sois, como heis de ser vencida,
Se torre, como com fragilidade?
Ou como original mortalidade
Na casa podia entrar do autor da vida?
Mulher, cidade, palma, torre, casa,
Que digo? Mãe de Deos, quem o Pai por filha,
E o Espirito Santo, tem por sua esposa.
Elle qual phenix, que por vós se abraza,
Vendo-vos huma só por maravilha,
Diz quem sois, e que sempre sois fermosa.

Ante secula.

E este romance ratinho villanesco se fez á mesma Senhora, sobre sua Conceição.

Pardes, que venho pasmado,
Senhora, a de José,
Que ouse ninguem boquejar,
Samicas em sa mercê.
Que em que sei pouco de egreja
A doutrina clara he,
Foi sem culpa original
Vosso ditoso nacer.
Nom me tomo com Thomás
Que foi de mui bom jaez,
E o affirmara assi mil,
Cicais o nega huma vez.
Nom já que por ser Thomás,
Tivesse o crer de Thomé,
Se duvidar póde então
Já agora não, que se vê.
Que tambem disse de Deos,
Que com todo seu poder
Nom podia fazer mãi
Melhor que a mãi de Deos he.

Logo se nella houve culpa
  Que Thomás deu a entender,
  Nom foi a melhor que pode,
  Pois podia não na ter.
De modo que em sa opinião,
  He forçado conceder,
  Ou que nom houve culpa nella
  Ou pode mais melhor ser.
Que foi lei commum confesso,
  Mas diz lá hum bacharel,
  Que dispensar, e isentar,
  Pode o autor da lei.
Lei foi commum que no paira
  Virgem alguma mulher;
  E que assi pario Maria,
  He firme artigo de fé.
Lei foi, que esse sol que vemos,
  Nom possa deter o pé;
  E vimos, que se deteve,
  Com a voz de Josué.
Dirão, que se nom cahio,
  Que redemida nom sé,
  E que se nom foi remida,
  Que a Deos nom houve mister.
A tão terrivel vaivem.
  Ouça, quem isto mal crê,
  Hum exemplo que a hum Cura
  Ouvi em termo de Alemquer.
D'uma cachopa enfeitada,
  Que cahir na lama quer,
  Se hum galante lhe dá a mão
  E tem que nella não dê.
E hum mestre, que preserva
  A saude melhor he,
  Que o que cura o doente,
  Depois que doente o vê.
Se nom vede n'uma pomba
  Que vai dar n'um redepé,
  E se algum mavioso
  A livra, que ali nom dê.

Isto nom será remir?
  Antes melhor remir he,
  E ao que livrou a pomba
  Se deve maior mercê.
Assi Deos livrou Maria,
  E della redemptor he;
  Nom do peccado, que nom teve,
  Se nom do que pode ter.
Que pera Deos nada lhe he mais
  Sendo immenso seu poder,
  Ter mão nella, que nom caia,
  Que erguel-a limpa em pé.
Se lhe deu o mais que pode,
  Que é si mesmo: perque
  Lhe negaria o menos,
  Pois tudo sa honra sê?
Eu me espanto por minha alma
  Que caia em algum saber,
  Que podesse caber Deos
  Hu o mal pode caber.
E duvidar disto cuida
  Que é falar, ou querer dizer;
  Porém, eu me atenho antes
  Com quem isto assi o crê.
Havia Deos de tomar carne
  De escrava de Lucifer,
  E pois lhe deu tiçoadas,
  Vá arder além de Guiné.
Nem som escolar, nem senego;
  Mas a lutar com quemquer,
  E c'o punho e dentes, Virgem,
  Vos defenderei bofé.
E pois crel-o he cortesia,
  Ninguem haja descortez,
  E a alma se nos arranque
  Com esta verdade, ou fé.

Amen.

E pera a parte do ponente, da mesma maneira fresca e cheia de sombras, tem esta villa outra sahida muito plana pera outra hermida de S. Dionis; mas á sahida da mesma villa lhe fica primeiro outra hermida de S. Pedro, a cujas lagrimas se fez este Soneto:

SONETO

N'uma cova escondido, e a Deos patente,
   Mil rios de teus olhos emanavão,
   Nacidos com tal dor, que bem mostravão
   Ser de muito amor sua corrente.
Mostrando-te ao peccado penitente,
   Mostraste ao peccador como se lavão
   Peccados commettidos, e se acabão,
   Seguindo teu fervor, com pura mente.
Mostraste quanto póde um puro amor,
   Nacido de affeição mui verdadeira,
   Que a Jesu tiveste em tanto extremo.
Mostraste do peccado a viva dor,
   Mereceste assentar-te na cadeira,
   Que o lugar tem na terra o mais supremo.

E a S. Dionis:

São Dinis, digno dos ceos,
   Pois que nas mãos a cabeça
   Levais por prégar a Deos,
   Com grão confusão de increos
   Porque o mundo o conheça:
Eu, que confesso, e tenho
   A Jesu crucificado
   Por Deos (em que home encarnado)
   A vós a valer-me venho
   Ser na fé mais confirmado.
A cabeça e pensamentos
   Tambem nessas mãos entrego,
   Hum Deos trino tambem prego,
   Porque desvanecimentos
   Não me possão fazer cego.

E alem desta hermida de S. Dionis, ha outra mais afastada, alem de huma ribeira grande, que chamão Pera, que he a de S. Vicente, e em louvores do mesmo:

S. VICENTE

Vicente, pois vencedor,
vos sente o mesmo tyrano,
com sua confusão, e damno,
vejão todos o valor,
que tendes tam soberano.
E pois com Deos valeis tanto,
rogai-lhe por este povo,
por quem rogarmos me movo,
e por mi: para que um santo
me faça, e outro homem novo.

E humas hermidas e outras, e a estes santos, tomão os moradores por defensores da sua patria contra todo o mal, principalmente da peste, que nunca se sabe entrar nesta villa; e crêm, que pelos merecimentos e intercessão destes santos, que lhes ficão como alcaides móres, nas entradas por estes caminhos. Pelo que e por outras mercês, que delles recebem lhes tem singular devação em geral, e são delles visitados muitas vezes, principalmente as hermidas de Nossa Senhora, assi a da Conceição, como a dos Milagres, e a do convento de Nossa Senhora da Luz, que distão da villa o mesmo espaço de meia milha, ou meio quarto de legoa.

Está a dos Milagres da villa pera o meio dia, posta em hum outeiro redondo alto, cercado ou coroado de huma muralha de pedra solta, como que fosse alguma obra real ou propugnaculo d'algum golpe de gente de guerra, especialmente pera a banda da villa, porque da outra banda cae sobre o rio Zenzere, que os latinos chamavão Ozecarus, tanto a pique dependurado, que por ali ficava assás defensavel este sitio por natureza. He este outeiro quasi todo de pedra, porem por entre ella cuberto de fresquissimo arvoredo, muita giesta branca e amarella, e mil boninas e flores, a madresilva, que nasce polas fendas da mesma penedia, e por entre ella o zenzereiro louro, e murta.

E a esta Senhora dos Milagres, cuja hermida está no mais alto deste monte encumbrado e deleitoso, e de muitas legoas longe visto, tirado do Psalmo *Fundamenta ejus in Montibus Sanctis*, se fez este Soneto:

Jerusalem divina, quam seguro,
Quam firme está teu glorioso assento,
Pois tens lançado o nobre fundamento
Sobre as ameias do mais santo muro!
As tuas portas de diamante puro
Ama Deos mais, qu'o mais nobre aposento,
Do bom Jacob; nem todo o pensamento
Te pode ver, por mais que te affeguro.
Templo de Deos, que a fortaleza tua
Não chegou nunca imigo a commetel-a,
Que o Senhor te emparou por seu respeito.
Que em ti, cidade que escolheo por sua,
Homem naceo; e te fundou tam bella,
Que a ti te fez, quem de ti foi feito.
Et homo factus est.

De aqui se vê bem aquelle soberbo e medonho rio Zenzere, que quando, crecido com as cheias, muito mais soberbo e mais medonho, cujos roncos se ouvem muitas legoas longe delle. E aquella legoa, ou meia, que fica á eminencia deste outeiro, que se chama o Cabril, he muito notavel e aprazivel á vista, ainda dos que tiverem visto muito; porque he aqui o rio tão alcantilado, e metido tanto abaixo, que ficando quasi a meio prumo deste outeiro, e outros com os da outra banda d'álem, e sendo huma legoa, ou quasi de baixar ao rio, e tornar a subir da outra banda, se fallão ás gentes em cima de cá, e de lá muito intelligivelmente. E he tudo quasi huma pedra, mas por entre ellas infinitas verduras diversas, muitas parras, que dellas se dependurão; loureiros, dragoeiros, castanhos, sovaros, carvalhos, azinhos e outros muitos; e o notavel zenzereiro, arvore a quem o rio deu o nome, por se criar sómente nelle grande e copado, e de folhas muito verdes de feição de louro, cujas flores são brancas, e de feição de cacho de uvas em flor, mas de tão admiravel fragancia de cheiro suavissimo, que por grande espaço de sua circumferencia, e ao redor se está meixeriando entre o arvoredo. E alem das muitas agoas de fontes e ribeiros que por cima desta penedia vão fazendo diversas formas de espadanas e escumas, voão por cima muitas aguias, que todos os annos aqui crião.

Vê-se deste outeiro e hermida aquella tão afamada ponte, que chamão do Cabril, que lhe fica ao pé, e a eminencia, a qual toma todo o rio em salvo, com hum só arco de mais de cem palmos de vão, posto

tem mais outros dous em secco, pera evasão das grandes crecentes, e cheias, que muitas vezes são tamanhas, que parece querem subir a estes outeiros, pola muita estreiteza do leito.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA LUZ.

Desta hermida de Nossa Senhora dos Milagres, decendo della pera o ponente, ao pé deste outeiro, menos de dous tiros de pedra, está aquelle devoto convento, e casa de Nossa Senhora da Luz, minha Senhora, cujo este livro he, e se fez este Epigramma:

EPIGRAMMA A NOSSA SENHORA DA LUZ.

Maria, lucescis, lucenti, lucida, luce,
Mens mea lucescat lucida luce tua.

A quem eu peço, que
Mares de luz, pois que luz
vossa luz com luz luzente,
luza esta alma, e esta mente
com vossa luz a Jesus.
Pois, que tambem.
(Que) vós sois vós, Senhora, vós
Luz del dia,
Que nos guia,
Hasta Dios.

Lux lucis luci lucem, lux luce dedisti,
Mens mea lucescat lucida luce tua.

He este convento da ordem do Senhor S. Domingos de Gusmão, a quem eu peço, á honra desta mesma Senhora da Luz, me alcance della luz, pera me saber governar e salvar, e poder dar louvores a seus devotos e dizer de suas cousas. E pois, santo bemaventurado, passastes com essa tocha tão resplandecente este tão perigoso caminho, tanto em salvo, alumiai com ella aos que himos detraz, para que não caiamos em algum barranco, como já em outra parte se vos pedio com este

ROMANCE AO SENHOR S. DOMINGOS DE GUSMÃO.

Como a cavalleiro os trata
 grã Domingo vuestro amo,
 aunque tirais sus gages,
 como los demàs criados.
Con un recado os embia,
 una noche, y quiereos tanto,
 que un page con una hacha
 haze que os va alumbrando.
Es noche escura este mundo,
 do nada se sabe claro,
 que vapores de la culpa
 han todo el cielo anumblado.
Y la calle desta vida,
 por donde todos passamos,
 desempedrada, y lodosa,
 con mil hojos y pantanos.
Y como naturaleza,
 es torpe de pies, y manos,
 sino tiene quien la adiestre
 es impossible dar passo.
Vos llevais quien os alumbre,
 para no recebir daño,
 que en tal noche, y por tal calle
 es menester alumbraros (1).
Hazed, Domingo, dos luzes,
 vayase el page despacio,
 que vienen mucho tras vos,
 Y caeran deslumbrados.
Alumbrad al gran Thomas,
 y Jacintho, y sus hermanos,
 que a luz de aquessa antorcha
 van siguiendo vuestros passos.
Y a la calle desta vida
 aveis sin riesgo passado,
 y llegado a vuestra casa,
 libre de peligro tanto.

(1) Ledesma.

Hazed, que se vaya el hacha,
con los que agora passamos,
se quiera por cortesia,
pues sois cavallero y santo.
Encargasela a Thomas,
que a Fè, que el sepa llevarnos
por elle mas limpio camino,
hasta ponernos en salvo.
Y no serà rodear,
que dado que todos vamos
por tan differentes sendas,
todos himos a palacio.

He pois este vosso convento, glorioso santo (devotissima habitação para religiosos que o desejarem ser em crecida perfeição), padroado de meus passados Leitões e Andradas, sepultura de meus pais e irmãos. Sitio muito sadio, deleitavel á vista; aprazivel e jocundissimo a todos os sentidos, pola fresquidão dos ares, sombras, rios e rochedos; pola suavidade do cheiro das flores, e entre ellas o sussurro das abelhas; pola melodia e harmonia da musica continua dos passarinhos, da saudosa melroa, do ruysinol, com aquelle tão suave e namorado assobio e queixas, o chocalheiro e nunca calado pintisirgo, e de outros milhares, o pombo trocaz, a rola, que todas quasi nas janellas das cellas dos religiosos fazem suas ordinarias musicas. Debaixo das quaes lhes fica hum pomar grande do mesmo convento, pelo meio do qual passa hum ribeiro fresquissimo, acompanhado de huma e outra banda de fontes, huma das quaes nace pulando como fervendo á porta da Senhora, fazendo de si mesma dous tanques, hum covado ou quasi de alto, cuja agoa passava pelo meio da igreja velha e cahia no refeitorio, e delle, pelo meio da adega e cozinha, sahia a regar, como hoje rega huma rua comprida de laranjal, e outra de limões e limas, e outras de cidras e zamboas, que tudo fica debaixo das janellas do dormitorio, enchendo-o todo, e o convento de suavissimo cheiro de suas flores; e tanta a laranja e fructa de espinho, que se não podem acabar de gastar, não se negando a ninguem; e as larangeiras tão altas, que das mesmas janellas se estão colhendo as laranjas. E tam fechado o laranjal, que não acha o sol entrada nesta rua, onde os padres podem huma hora por outra ter suas honestas recreações de jogo de bola ou laranginha. E a este proposito me lembra, que jogando em Coimbra a laranginha Martim Gonçalves da Camara (que depois foi grande pri-

vado d'elRei Sebastião, e Presidente do Desembargo do Paço), sendo clerigo com o Doutor Thomás Rodrigues, Lente de Prima de Medicina, por parceiro, contra D. Jeronymo de Menezes, Reitor da Universidade, que depois foi Bispo do Porto, com outro. E o dito Doutor perdeo e ficou devendo hum tostão ao Reitor: o qual dahi a outro dia lhe mandou pedir huma certidão, e élle lha mandou com hum par de perdizes, e esta trova:

Das perdises o singel,
C'o vintem da certidão,
Pagão mui bem o tostão
Pondo de casa o papel.
Não serei mais cascavel,
Que o parceiro que tomar,
Mais olhos m'hade mostrar
Que o livro de Ayres Pinel.

Porque o parceiro Martim Gonçalves da Camara o fez perder, por ser muito curto de vista, e o não queria confessar. E o livro de Ayres Pinel, que então sahira, tudo n'elle erão abrolhos.

Tem este pomar muitas outras ruas de arvores de fructas singularissimas, de peros e peras de toda a sorte, a camoeza, o verdeal, o pero de Rei, a chainha e outras mil, e os codornos tão gabados da Rainha D. Catherina, a quem os padres mandavão cada anno cargas delles; os abrunhos, a reinol, e outras extraordinarias e agrestes, como nesperas e sorvas: aqui ao longo do ribeiro, que parece o estão escondendo com sua fria e delicada sombra muitas aveleiras.

De huma das ruas do laranjal, no cabo della, começa outra de parreiras de diversos generos de uvas, que vai cingindo como meio pomar, e tão comprida por huma banda, como huma carreira de cavallo; e passando no cimo á outra banda do ribeiro, vem fechar-se em huma praceta como pateo lageado de lagens toscas, cuberto tambem de parreiras, com assentos ao redor feitos das mesmas lagens, e por as espaldas e encosto d'elles muitas arvores cheirosas, como murta, araião, jasmins, e delles mil figuras. E o ribeiro parte delle passa por debaixo destas lagens, parte dependurando-se de alto por uma lagem ao longo deste pateo, vem della em fórma de huma toalha cahir nella por huma parte: e pola outra banda do convento rebenta por huma fenda de humas piçarras, huma fonte de muita agoa, que faz na mesma piçarra hum vazo como alqueire de tres quinas, onde os padres trazem buzios e vazos pulidos de cortiça nadando na mesma fonte.

Polas ilhargas destas ruas tudo ervas cheirosas, cravos de toda a sorte, goivos, violas, açucenas, e outras flores. A manjerona, erva cidreira, salva, ortelã franceza e todo outro genero dellas, e muitas rozeiras entretecidas nas arvores.

Na divisão de humas ruas e outras, huns portais ou arcos feitos de jasmins; e por detraz toda a sorte de ortaliça, de que tudo os padres sacerdotes fazem pouca conta, pola muita que tem de seus estudos, e exercicio de seu ministerio.

Da outra banda do ribeiro do mesmo pomar pera baixo tem muitos pinheiros mansos, grandes; e por todo elle abaixo, que he muito comprido, muitas outras fontes. Fóra da cerca do pomar tem outra segunda cerca muito grande de matto em que tem e vão criando arvores agrestes e muita madeira: e ha por ali muito coelho e perdizes; e acontece muitas vezes verem os padres de dentro das suas cellas montear os porcos montezes, que naquella villa he isto muito pera se ver, por se parecer muito com actos de guerra, e escaramuças de mouros, polas ciladas, espias e armadas de gente de cavallo e de pé, tudo muito frequente, e de lanços mui arriscados. E em louvor deste pomar se fez esta

CANÇÃO AO POMAR DE NOSSA SENHORA DA LUZ.

Ó Pomar venturoso,
Onde co'a natureza
A sutil arte tem demanda incerta,
Que em sitio tão fermoso,
A maior sutileza,
De engenho em ti nos mostra descuberta!
Nenhum juizo acerta,
De cego e de enlevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza ou arte,
Se terra ou ceo de ti tem mais cuidado;
Pois em tão bom terreno,
Gozas o ar mais puro e mais sereno.

De teu fermoso pezo
Está o monte ledo,
E o Zenzer soberbo ver-te estranha,
De olhares com desprezo
Sua corrente e rochedo,
Que com Pera teus pés rodea e banha.

Em ti pintura estranha,
A que Apelles cedera,
Enigmas intricados,
E mirthos animados
Vemos em ti, que Escopas não fizera:
Em ti co'a paz interna,
Tem o santo prazer morada eterna.
Os jardins da famosa
Babel (tão nomeados,
Por maravilha) o mundo não levante,
Bem que, com voz gloriosa,
Estarem pendurados
No meio do ar, a fama antiga cante:
Nem haja quem se espante
Ja dos jardins de Alcino,
Nem as mais doutas pennas
Celebrem os de Mecenas,
Cultor de todo engenho peregrino.
Mas onde quer que voe,
De ti só fale a fama, e te pregoe.
Que se era antigamente
De pomos de ouro bellos
O jardim das Hesperidas cercado,
O qual tendo a serpente
Por guarda, só colhel-os
Pôde o famoso Alcides de esforçado:
Tu inda avantajado,
Mostras a uma alma casta
Seguir o que deseja,
Fugir da torpe inveja;
(Pomos d'ouro, que o tempo não contrasta)
Em fim, co' a caridade,
Vencer o inferno, e abrir a eternidade.
Portanto da ventura,
Que a ti só te foi dada,
Te deixe o ceo gozar perpetuamente,
Porque sejas figura
Da gloria avantajada,
De teu Senhor, que em ti se represente;
Porque em quanto sustente

O ceo, o mar e a terra,
Seus feitos milagrosos,
Mysterios gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra,
Por onde em nossas almas
Com mór pompa triumpha, e com mais palmas.
Goza pois longamente
Teu venturoso fado,
Da mãi deste Senhor bem possuido;
Que em ti leda e contente,
De seu sublime estado,
A alma aos seus alegra, e o sentido,
Cada qual preferido
Nas grandes calidades
Ao sabio Nestor seja,
E que o Mundo os veja,
(Velhos paternidades)
Em ti passar de Nestor as idades,
Porque com longa vida,
Illustre a casa, e deixe enobrecida.

Tão metido vinha o devoto em debuxar este seu sitio de Nossa Senhora da Luz, que tendo andado perto de duas legoas des que sahiram de Lisboa, em nenhuma outra cousa tinha fallado, quando seu companheiro e amigo Galacio, cortando o fio, lhe disse:

«Grandemente vos trabalhais de gabar este sitio em que atégora vindes tão enlevado, que não ousei interromper-vos a pratica». Ao que o devoto: «Ao menos, Galacio amigo, o desejo fazer; e assim fora se o soubera pintar na realidade do que he. E me maravilho muito, como os religiosos desta sagrada Religião, não andão a competencia importunando seus Prelados os assinem pera aqui, ou como os d'aqui não trabalhão muito pelos deixarem ficar. Pois alem do sitio ser o que he, como bem o conheceo aquelle insigne varão de Deos, o P. Fr. Luis de Granada, que d'aqui onde foi morador muitos annos não havia tiral-o, e aqui compoz muitos dos seus livros, tão uteis quanto bem recebidos de toda a Christandade, escolhendo hum lugar onde os hia escrever, imagino áquelle modo onde S. João Evangelista escreveo o seu Apocalypse: que he no cabo da sua cerca, ao pé d'um penedo muito grande, entre outros pendurado sobre os dous rios Zenzere e Pera, onde hum se mete no outro; lugar muito ermo, só e apartado, e pera

escrever e falar com Deos accommodadissimo; o qual penedo de seu nome em sua memoria se chama hoje por aquella região, e chamará pera sempre o Penedo do Granada. E cuido foi aqui onde se acharão humas letras muito antigas, esculpidas em huma pedra que parecião ficar de tempo de gentios, que mal se podião ler de gastadas, que dizião assim:

Vita honesta,	Querem dizer	Vida honesta,
Domus quieta,		Casa quieta,
Facultas certa,		Comida certa,
Dona celestia.		Dões que o ceo deita.

As quaes palavras se podem bem verificar neste Convento, que posto não seja rico, pode bem sustentar vinte religiosos, tendo prior maduro, e a mi me lembra haver nelle dezoito, quando tinha muito menos renda, porque ainda não tinhão a sua quinta da Ribeira, que lhes deixou o Padre Domingos Paes, pelos annos 1570, nem as propriedades e casaes que lhes deo meu tio Rafael Leitão d'Andrada, que são de consideração. Ao redor do Convento trazem seus carneiros e cabras, e tão fertil o pasto, que alem do muito leite, parem algumas cabras quatro cabritos cada anno; a saber, dous cada meio anno; e me contarão pessoas de verdade, que acontecia parir tres, e tão gordos e taes que se farião muito bom lugar ainda em mesas de Principes, como tambem o sabor do carneiro, por ser o desta terra saborosissimo mais do que se pode crer, como o são todos os mantimentos desta villa e sitio, de que os padres gozão, porque pola falta dos pescados no mar, que fica longe, comem aqui carne. Porém gozão daquellas tão excellentes e gabadas truitas, que nestes dous rios Zenzere e Pera e outras ribeiras, que aqui tambem ha, se crião em muita cantidade, e dos barbos, e daquellas delicadas e saborosas bogas, que n'outras partes nada prestão, e as d'aqui por se criarem em pedra, tem competencia com as mesmas truitas, ao menos as que chamão geivãs. Aqui daquelles desenfastiados bordallos, ditos assim por se criarem nas bordas das ribeiras, cujas ovas são tamanhas como elles mesmos. Aqui a enguia e eiró gordos e de bom sabor. Aqui da lampreia, que quando as cheias do Zenzere, não são muito grandes que as deixe pescar, se tomão em muita cantidade: de que tudo os Padres são providos de seus devotos, e de muitas perdizes, coelhos, lebres e outras caças, e da cachaça dos porcos montezes, e de outros mil regalos, por onde, se a vida aqui he honesta e a casa quieta, como bem se deixa ver, he a sustentação mui certa.

A villa em si he fresquissima e muito sádia, por estar em sitio alto e plano, e como fechada em triangulo, entre a aspereza destes dous rios Zenzere e Pera, e pola parte do norte com a serra da Louzã, que se deriva da da Estrella, que muita parte do anno está cuberta de neve, mandando de si ares fresquissimos, de duas e tres legoas.

E porque diz Cassiodoro, que *Nobilissimi civis est patriæ suæ augmenta cogitare* (1); a saber: que de nobilissimo cidadão e bom natural he procurar á sua patria quantos mais acrecentamentos, não quero eu defraudar a minha de seus louvores e antiga nobreza, posto esteja agora como esquecida, e antes agradecido pagar-lhe minha boa criação.

Está pois situada esta villa em triangulo, em figura de harpa deitada (e quasi da mesma forma erão seus antigos limites), entrando nella da parte do ponente por huma hermida de S. Pedro, que he a primeira casa, d'onde vai huma rua que chamão rua rica, muito direita e comprida, mais que a rua nova de Lisboa, e acaba n'huns penedos onde considero o tangedor desta harpa, com as costas pera o meio dia. E do seu braço direito por arco desta harpa, outra rua chamada raposeira, que vai pera o norte entestar na da Igreja matriz, e por detraz della vai dar n'hum recio dito Adeveza (bella sahida da villa). E passada sua largura, torna huma rua que vai direita dar n'outra, que dizem do eirado, e assim direita mais comprida que a rua rica, vai fechar no pé desta harpa em S. Pedro, onde fazem huma praceta com hum crucifixo de pedra no meio. E o braço esquerdo deste tangedor, he outra rua direita e comprida (onde me criei) que vai por diante da dita Igreja dar na deveza. E os dedos da mão outras ruas e travessas, e por dentro desta harpa, em lugar das cordas della, muitas ruas, becos e travessas; e no meio em lugar do espelho a Misericordia e Hospital com as costas na rua rica pera ficar mais adequada a comparação, fazendo melhor harmonia. Porque as casas todas têem seu quintal com arvores diversas, larangeiras, limeiras, que estão enchendo toda a villa de suavissimo cheiro e alegria com sua frol, e todo anno fruto, porque são muito grandes como aqui o são todas as arvores: em tanto que ha pereira que serrada dará taboas de tres e quatro palmos de largo, e carvalhos e castanheiros mais de sete, e alguns quasi hum moio de castanhas; as ruas muitas dellas cubertas de parreiras de huns telhados a outros, que fazem delicadissimas sombras, e muito alegres, e o mesmo as arvores ao redor da villa; e contiguo com as casas os olivaes

(1) In Epistol.

e castanheiros, entre e por debaixo dos quaes se semeião trigos, centeios, milhos e linhos. Por onde as sahidas e entradas nesta villa são deleitosissimas que vos parece entrais n'hum paraizo terreal, e o mesmo olhando-a de longe hum ramalhete.

He sádia tanto esta villa e sitio de Nossa Senhora da Luz, que nunca aqui se vio rebate de peste, em tanto que nestes nossos tempos; a saber, no anno de 1569 a peste grande, e outras no anno de 1580, sendo este reino tão trabalhado deste mal. E no anno de 1598 vi eu, que chegando elle a estas villas todas circumvizinhas, nunca comtudo nesta entrou: e eu vi, que vindo pera ella um mancebo por nome Pedro da Agria ferido deste mal, determinado entrar escondido, e chegando á hermida de S. Vicente, que atraz de si tinhão os desta villa por alcaide mór, e defensor della como outros santos por outras estradas, ali cahio o mancebo, sem poder dar mais um passo adiante, e ali mesmo dentro na hermida deste santo recebeo saude.

Vive aqui a gente muitos annos e muito são, sem medicos, e eu tenho hum instrumento de nobreza e limpeza, em publico, que me foi necessario pera tomar o habito de Christo, de seis testemunhas, tirado nesta villa; e todas passavão de cem annos, e algumas de cente e vinte, e cento e quinze; e hum Pero Carvalho, testemunha, dizia a sua neta: Neta (traze-me cá tua neta, que he viva).

Pola delicadeza dos ares e mantimentos, cria esta terra engenhos sutilissimos, posto que pouco cultivados, por ser por outra parte a terra não tão rica, que possa levantar os engenhos que cria na altura a que poderião chegar sendo rica.

Cria outro sim, pola mór parte, fermosos rostos, assi de homens como de molheres, lindissimas donzellas, alvas e córadas, e em geral muito honestas, pola pouca concorrencia de gentes de fóra, e estragamento de costumes que aqui chegão devagar. E finalmente achando-se nesta terra e sitio hum personagem do reino, disse em abono do mesmo sitio: Certo, isto he hum paraizo, mas vem-se a elle pelo purgatorio, entendendo polas difficuldades e aspereza dos rios e serra, com que está cercado e fechado. He esta villa antiquissima habitação de tempo de Romanos, e se achão disso vestigios, porque alem das letras latinas que atraz vos disse, *de vita honesta*, etc., se achou huma pedra, huma vara debaixo do chão, no anno 1620, como huma campa grande, cuberta com huma lagem, e outra em pé com letras ao costume dos Hespanhoes antiquissimos que levantavão a seus defuntos tantas pedras altas, quantos forão os seus feitos heroicos, e lhe chamavão elles na lingua de então Calepas ou Calpas, donde cuido procedeo o nome e costu-

me das que agora chamamos campas, que pomos aos nossos defuntos [1].

VI. C. A. S. P. R. A. LIDIA. SCRIPTVM.
MANV. VALGIRII. IVSCI.

E vivenda, e daqui os hião acompanhar em todas suas conquistas e emprezas: porque como o logar de sua recreação era a Louzã, como Cintra ou Aranjuez, lhes ficava esta villa a mais perto, que com ella parte o rego, e com Coimbra quatro legoas. E sendo a mais fresca e mais accommodada, aqui vinhão os Reis e Principes a suas montarias, pescarias e caçadas, e assi era pera elles como a Louzã, e por isso tem o mesmo foral e privilegios. E o Castello era commum, por onde havia aqui muitas casas de fidalgos e cavalleiros heroas, que por isso por aqui vivião, e pelo exercicio da caça, e pola delicadeza dos ares e mantimentos.

E era esta vivenda por aqui mui segura dos Mouros de Alemtejo, porque posto ficavão com elles, como em fronteira distante oito legoas; comtudo, com o rio Tejo, Temolha, Isna e Codes; e com este Zenzere alem de outras ribeiras, ficavão murados; e pola outra parte com o mesmo Tejo, Nabão e o rio Algia, e com o rio Pera, e tambem outras ribeiras: pela qual rezão tenho pera mim, que nunca esta villa, nem Figueiró, nem a da Certam foi de Mouros; e se póde tambem colligir isto, porque sendo Coimbra dos Mouros, comtudo Lorvão, que são duas legoas, era habitação de Christãos. E ali vivião neste mosteiro os frades de S. Bento em liberdade. E ainda que lhes pagassem algum tributo, parece que sempre isto por aqui foi de puros Lusitanos sem mistura, até agora, onde ainda (Deos louvado) não entra a contagião e peste da nação Hebrea.

Porém, estas casas e familias destes fidalgos e cavalleiros antigos, se forão pouco a pouco com a mudança da côrte, mudando e diminuindo, como as de Almeirim de que já não apparecem senão algumas ruinas. E ainda que algumas familias illustres deste reino tem daqui suas raizes, que não publicão, por verem a villa avassallada, comtudo ainda ficarão alguns cepos velhos, que de quando em quando não deixão de brotar alguns garfos de varões excellentes, e deixar-se enxertar de outros, misturando appellidos antigos nobres com modernos: e inda que os muito antigos usavão só do nome proprio da pia, o qual depois seus filhos toma-

[1] Olao Magno e Florião do Campo.

rão por sobrenome ao modo que se diz na santa leitura: Jacobo Alphei, Jacobo Zebedei, como ainda hoje faz a gente commum; comtudo, nelles achei em papeis antigos o appellido de Gil, mui levantado e costumado, e em huma escritura ser daqui hum Conde Martim Gil, que depois achei n'huma pedra d'huma parede velha humas letras, que mal se podiam ler: Aqui jaz o Conde Martim Gil; nome mui costumado entre os senhores Godos, como se vê nas suas chronicas, como Atanagildo, Hermenegildo, Gilona, e outros muitos derivados de Gil em diversas terminações, no que se pode bem ver a antiguidade desta villa: cujos termos erão pelo rio Zenzere acima té o rio Unhais, e por elle té ás vertentes da serra da Louzã, que he braço da da Estrella, polas quaes hia entrar no rio Algia, chamado dos antigos Riba Fria ou Ribeira Fria, que isso quer dizer Algia, e por elle abaixo té tornar a entrar no Zenzere. E assi continha o dito termo cousa de seis legoas de comprido e quatro de largo.

Porém, Dom Sancho II, Rei de Portugal, lhe tirou huma grande nesga ao longo do dito rio Algia té o Zenzere, dando alguns pedaços ás villas de Miranda, Aguda, Maçans, e ao Avelar polo dito rio Algia acima; e pera baixo o mais a Figueiró, fazendo-o villa sendo hum lugar que se chamava o Figueiral, que era termo do Pedrogão grande pelos annos 1212, querendo honrar esse lugar do Figueiral (que já nesse tempo devia ser grande) por haver acontecido nelle aquelle notavel feito, ou insulto (que assi lhe quero chamar, em quanto não acquire nome de louvor) de aquelle cavalleiro Goesto Ansur, por alcunha o Figueiredo, que libertou aquellas seis donzellas, matando os Mouros que as levavão a el-Rei de Cordova Abderrhamen. As quaes erão das cento que os Christãos pagavão cada anno de pareas aos Reis de Cordova, no tempo que el-Rei Mauregatto reinou, oitavo Rei de Leão, que forão quasi seis annos, pelo haver o dito Rei de Cordova ajudado a alcançar o reino, sendo bastardo, e de casta pola mãi de Mouros. E o caso passou desta maneira, segundo a chronica antiquissima de mão deste Rei. Levando os Mouros seis donzellas nobres e escolhidas para el-Rei de Cordova Abderrhamen, e com outras cousas de valia que com ellas lhe levavão, por aquella estrada a mais real, e cursada de Portugal, que he a que vem de todo elle, e de Galiza passar a ponte de Coimbra, e por Thomar vai passar o rio Tejo em Tancos, que em todo o dito rio não ha outra passagem tão accommodada, pola qual já de tempo de Romanos lhes era forçado passar com seus exercitos para as outras bandas: polo que se fundou ali o castello de Almourol, dizem pelos Templarios, pera defensão daquelle passo. E vindo os Mouros

com muita segurança, pola que tinhão de el-Rei Mauregatto e suas justiças, como embaixadores que erão, junto onde agora he Alvaiazere, tiverão nova como alem de Thomar andava hum cavalleiro levantado, fazendo entradas em terras de Mouros, que era todo Alemtejo e Cabilicastro (que agora he Santarem), e saltos nos que passavão, onde agora são as Vendas da Guerreira (chamadas assi desde esses tempos, polas brigas que por ali cada dia havia). Do que havendo grande rumor, temerão os Mouros passar adiante, e declinarão o caminho para a mão esquerda, e passando o rio Algia, se vierão a este lugar do Figueiral, esperar por outros Mouros que vinhão com as outras donzellas, para juntos em cafila (como ainda hoje costumão caminhar) passarem o perigo mais seguros, parecendo-lhes estavão aqui distantes da estrada cousa pouco mais ou menos de duas legoas, e com o rio Algia em meio, e em lugares de pazes que tinhão com os Mouros.

Porém, como Goesto Ansur fosse mui temido por todos os lugares perto desta estrada, pelos ares teve logo nova de tudo, e lhe veio isto vento em popa a seus desenhos, que logo poz em execução. E juntos os que trazia comsigo, deo de subito no lugar do Figueiral, e com as seis donzellas que vinha buscar, que logo achou chorando sua má ventura, e se poz a falar com ellas sem receio algum. O que vendo os Mouros, acodirão logo a defender-lhes as praticas, sobre que se travou grande briga, na qual, quebrando-se-lhe a espada (como quer que *furor arma ministret*, como diz Virgilio) lançou mão de hum troço de figueira, e dando de refresco nos Mouros que brigavão com seus companheiros, os acabou de matar, ficando senhor das donzellas, e do fato dos Mouros, que devia ser de preço, e se foi com tudo, e seus companheiros, a suas guaridas, que havia por mais seu seguro não ter lugar certo como o tivera o ladrão Iayão (que assim se deve chamar, que na lingua antiga quer dizer, homem gigante *(de gigas)*. O qual tinha sua torre forte, onde de salto, dizem se subia por huma janella, sem ter alguma outra porta, cujas ruinas ainda hoje se parecem perto da estrada das vendas de Ceras, termo da villa de Thomar. E sua sepultura demarcada com pedras metidas na mesma estrada onde foi morto, me foi mostrada, a qual medindo-a eu, achei ter quatorze pés de comprido. E passando por ali o Infante Dom Luis, filho de el-Rei Dom Manuel, a mandou abrir para ver os ossos, e não appareceo delles cousa alguma.

E nos tempos de Goesto Ansur, e antes e depois, houve muitos cavalleiros heroas, que andarão levantados, em desgraça de seu rei, com os quaes convinha dissimular, como Bernardo del Carpio, o Cid Ruy Dias, Pero Rodriguez de Castro, e Giraldo *Sine pavore*. O qual sen-

tindo-se muito culpado para alcançar a graça e perdão del-Rei D. Affonso Henriques, se atreveo a hum feito verdadeiramente heroico; o qual foi, que ajuntando todos os mais que poude, assi de culpados, como de amigos, tomou de noite aos Mouros a cidade de Evora, matando a atalaya da torre de Venus, onde agora está o mosteiro de S. Bento da banda de Lisboa, e dando rebate da outra banda á cidade com alguns de cavallo, a quem os Mouros sahirão em seguimento, cuidando estar seguros dest'outra banda, fiados na dita vigia, donde Giraldo com os seus, rodeando a cidade, se meteo nella pola mesma porta que achou aberta, por onde os Mouros havião sahido, e se fechou dentro, e ficou senhor da cidade. Pelo qual feito, el-Rei lhes perdoou e fez mercê, e deste Giraldo *Sine pavore* ha ainda hoje geração de appellido Sem medo.

E o mesmo aconteceo a Goesto Ansur, ao qual lhe ficarão daqui por diante chamando o Figueiredo, por este feito que commeteo no figueiral, em si mais afamado em todo o reino, que de louvar, porque emfim, foi crime de lesa-magestade, e ir contra o seguro real e direito, que entre todas as gentes do mundo têem os embaixadores. E ao lugar onde andava o Figueiredo de Thomar, té o dia presente se chama o Figueiredo. Sentio el-Rei Abderrhamen de Cordova notavelmente no coração este caso pola perda das donzellas escolhidas, que estava esperando com alvoroço (porque são os Mouros sobremaneira dados á sensualidade), e por lhe matarem seus embaixadores, que devião ser pessoas de conta, pois el-Rei os mandara a negocio de tanta importancia, e pola perda da fazenda e peças ricas que lhe levavão. E se mandou logo queixar por seus embaixadores a el-Rei Mauregatto, pedindo de tudo satisfação, e o tributo das cem donzellas; os quaes por acharem ser fallecido o dito Rei Mauregatto neste meio tempo, se tornarão sem effeituar ao que vinhão. E por dahi a poucos dias fallecer tambem o dito Rei Abderrhamen, seu filho Hicem, que lhe succedeo, tornou a mandar outros embaixadores a el-Rei Ordonho, que succedera a Mauregatto, e a Dom Alonso seu companheiro, que a poucos dias succedeo a Ordonho, com o mesmo requerimento, mas com palavras soberbas, e ameaços de guerra.

Os quaes não sómente não forão ouvidos, mas antes excluidos e mal tratados, e se assentou por el-Rei Alonso e prelados, e grandes e povo todo, que nunca jamais se pagasse tão vergonhoso, infame e triste tributo, e antes morressem todos sobre isso. E daqui ficarão louvando todos em geral o feito de Goesto Ansur (de quem os embaixadores Mouros se queixavão e pedião emenda e satisfação), dizendo que fizera

muito bem, e antes merecia mercês. O qual feito foi a causa da rutura das pazes com os Mouros, e da victoria que os Christãos delles alcançarão junto a Aledos, onde morrerão setenta mil Mouros, como diz o Padre João de Mariana, na sua Chronica geral, e o Padre Frei Bernardo de Brito, e todos os mais chronistas; com o que ficou a Christandade de Hespanha alliviada e libertada de tão nefando tributo, e de todo isenta com outra que depois alcançarão, que chamão a de Clavijo, dali a cincoenta annos, que o apostolo Santiago lhes fez haver, apparecendo nella armado, e a cavallo pelejando, no primeiro anno del-Rei Ramiro, que succedeo a Dom Alonso.

Porque el-Rei de Cordova Hicem, com a má reposta que os seus embaixadores lhe levarão, como era soberbissimo, ardia de raiva, e logo rompeo as pazes, fazendo entradas nas terras dos Christãos, em quanto aprestava exercito competente pera de todo os destruir, que entregou a Mugayo, valeroso capitão seu, o qual foi vencido na dita batalha Aledos, no anno 791, o terceiro do reinado del-Rei Dom Alonso. Na qual batalha se achou nosso Goesto Ansur, já Figueiredo, pois não sómente alcançou perdão, mas muitas mercês do Rei, e favores de todo povo, com applauso e louvor, por dar a causa e principio a todos estes bens, e se lhe derão por armas cinco folhas de figueira em campo vermelho, e por timbre outra pera serem seis, em memoria das seis donzellas que elle libertou da mão dos Mouros com morte delles; e o lugar ou concelho de Figueiredo em terra de Arouca, solar antigo desta familia.

E pelo mesmo acontecimento (do qual em tempo del-Rei Dom Sancho II, Rei de Portugal, havia mais fresca memoria) deo elle estas mesmas armas de cinco folhas de figueira, ou lh'as confirmou, a Figueiró, quando o fez villa, separando-a do Pedrogão, mudando-lhe o nome de Figueiral em Figueiró. E deste cavalleiro Goesto Ansur, e quiçais desta villa de Figueiró, procedem as illustres e nobres gerações de Figueiroas, Figueiredos e Figueiras de Portugal e Castella, que hoje trazem as mesmas armas em memoria deste feito; posto que alguns as trazem com duas folhas por timbre em duas mãos de leão com unhas de sangue.

Porém Goesto Ansur Figueiredo, que no cabo da vida foi varão cheio de muitas virtudes, fez grandes doações ás igrejas de Deos, de herdades e ornamentos, e do mesmo mosteiro de Arouca, como se vê das mesmas doações do dito mosteiro, e outras que traz o Padre Frei Bernardo de Brito, na segunda parte da Monarquia, fol. 296, quiçais em restituição de algumas do seu tempo passado, que pola maior parte

estes cavalleiros, que por grandeza de coração andarão levantados, vierão a ser depois de reduzidos grandes homens, como o foi Viriato, Sertorio e o grão Tamorlão, e os atraz nomeados e outros muitos, que em fim todos os reinos, imperios e monarquias, pola maior parte começarão pola força e tirania.

E julgando-se este feito de Goesto Ansur, pelo successo da batalha, a que o mesmo feito deo causa, o qual fora differentemente julgado, se a batalha se perdera, como esteve em muito risco, e sendo de todos bem recebido, alem dos louvores que davão ao Figueiredo, que já então lhe não chamavão outro nome (como quem diz o cavalleiro do Figueiral, que nelle obrou tal façanha) lhe cantavão muitas cantilenas, de aquelle tempo, entre as quaes he huma, que traz o mesmo Frei Bernardo de Brito, na segunda parte da sua Monarquia Lusitana, folhas 296 v.: a qual me lembra a mim ouvi-la cantar, muito sentida, a huma velha de muita idade, natural do Algarve, sendo eu muito menino, e he a seguinte:

No Figueiral Figueiredo
A no Figueiral entrei:
Seis ninhas encontrara,
Seis ninhas encontrei.
Pera ellas andara,
Pera ellas andei.
Chorando as achara,
Chorando as achei.
Logo lhes prescudara,
Logo lhes prescudei.
Quem las mal tratara,
Ya tão mala ley.
No Figueiral Figueiredo,
A no Figueiral entrei.

Una repricara:
Infançom nom sei,
Mal haja la terra,
Que tene o mao Rey.
S'eu las armas usara,
Y a mim fé nom sey,
Se hombre a mi levara,
De tão mala ley.

A Deos vos vayades,
Garçom, ca nom sey,
Se onde me falades,
Mais vos falarei.
No Figueiral Figueiredo,
A no Figueiral entrei.
Eu lhe repricara:
A mim fé nom irei,
Cá olhos dessa cara,
Caros los comprarei.
A las longas terras,
Em traz vós me irei,
Las compridas vias
Eu las andarei,
Lingoas de aravias,
Eu las falarei.
Mouros que me vissem,
Eu los matarei.
No Figueiral Figueiredo
A no Figueiral entrei.

Mouro que las goarda
Cerca lo achei,
Mal la ameaçara,
Eu mal me anogei,
Troncom desgalhara,
Troncom desgalhei.
Todos los machucara,
Todos los machuquei,
Las ninhas furtara,
Las ninhas furtei,
La que a mi falara,
N'alma la chantei.
No Figueiral Figueiredo
A no Figueiral entrei, etc.

Da qual cantiga ou canção, que por sua antiguidade merece fé, pois não ha escritura outra em contrario; e chamar-se esta villa de Figueiró, primeiro Figueiral, nome muito usado neste sitio em muitos lugares em al, como ainda hoje Carregal, Coentral, Soural, Nesperal

e outros como este Figueiral, onde a cantiga diz entrou o Figueiredo e as donzellas estavão.

E chamar-se a estrada alem de Thomar pera o Tejo o Figueiredo, em memoria deste Figueiredo, e logo ali a Guerreira, pelos saltos e brigas que elle fazia; e ser esta a estrada, por onde forçado, ou mais commodamente havião de passar estes embaixadores Mouros com estas donzellas; e darem-se a esta villa as mesmas armas das folhas de figueira em memoria do mesmo, porque se derão e as trazia Goesto Ansur Figueiredo, e seus descendentes que procederão desta villa; e da boa razão, que assi o está ditando, se collige claramente acontecer esse feito aqui neste lugar e sitio, pois dos autores que o contão, se não acha nem collige lugar certo, e de conjecturas, parecem estas mais semelhantes da verdade.

Principalmente estando nesses tempos neste sitio escondida a santa imagem de Nossa Senhora da Luz, que depois appareceo, e veio a luz resplandecendo com muitos milagres, porque he de cuidar que sendo ella a rainha da pureza, permittiria o acontecimento, pera de aqui por sua intercessão se alcançarem de Deos tamanhos bens, como desta victoria procederão e resultarão; que foi causa da outra adiante cincoenta annos, del-Rei Ramiro do Clavijo, que foi no anno 844, o primeiro do seu reinado.

E não no Figueiredo de Donas, como quer o Padre Frei Bernardo de Brito, na segunda parte de sua Monarquia, levado só pola conjeitura dos nomes de Donas e Figueiredo. Porque o tributo era de donzellas, quaes os Mouros á sua vontade as saberião preitejar com Mauregatto, que tudo lhes concedera, por ser Rei, e não de donas, que nunca se disserão moças donzellas, senão mulheres casadas, ou viuvas ou religiosas, e não meninas, como este seu romance chama a estas seis de agora. E Figueiredo de Donas, parece seria fazenda de algum mosteiro de donas, que então havia, como ainda hoje vemos S. Domingos de donas em Santarem, e o de Santos em Lisboa, e em Salamanca S. Pedro de donas e outros muitos por Portugal e Castella, alem dos que vierão a ser de frades, que chamão de dom, como a ellas chamavão donas. Pelo que não he prova o nome de donas para se entender destas cem donzellas, nem a casa cahida, que diz o mesmo padre, que antes devia ser onde se recolhessem as rendas desse mosteiro de donas, por quanto se pera estas donzellas se fizera não fora em lugar tão ermo e solitario.

E o que diz Gonçalo Argote no fim do seu livro da Nobreza de Andaluzia, e outros que o seguem, como o Licenceado Molina, e D. Luis

Çapata, falando dos Figueiroas da casa dos Duques de Feria; a saber, que levando de Galiza humas donzellas destas cento, lhas tomarão dous mancebos entre a Corunha e Betanços, onde agora chamão Peito Burdelo, de que procedeo a batalha de Clavijo; e porque o lugar onde as tomarão, foi debaixo de umas figueiras, tomarão por appellido Figueiroas, e por armas cinco folhas de figueira; e que destes valerosos mancebos procedem os Duques de Feria, Figueiredos e Figueiroas; o que dizem sem allegar autor que tal diga, com só o fundamento da conjeitura de nome de Peito Burdelo, e terem por ali estes senhores suas terras; o que he fraca prova do acontecimento ser ali.

Porque primeiramente, estas donzellas vinhão pera Cordova, que he pera o meio dia, e não pera a Corunha, que he norte sul, como se forão para Inglaterra, nem de ali podião vir cento, ou ajuntar-se ali nos ultimos lugares pera o norte devendo ajuntar-se nos pera o meio dia mais accommodados, nem como podião dous mancebos furtar cem donzellas aos que as levavão, como diz o Licenceado Molina, que devião ser cem Mouros ou pessoas, se não com huma esquadra de gente com guerra aberta contra seu Rei, em cuja fé e seguro real as levavão? E como podia caber tanta gente debaixo de humas figueiras, das quaes dizem tomarão o appellido de Figueiroas, sendo assi, que melhor se deriva de Figueiró?

Quanto mais, que a rutura das pazes dos Mouros que deste insulto procedeo, foi em tempo del-Rei Mauregatto, que só pagou estas páreas, o qual faleceo no anno 788, e a victoria que dizem do Clavijo foi d'ahi a mais de 50 annos, a saber, no anno 844, em tempo del-Rei D. Ramiro, no primeiro anno de seu reinado, terceiro Rei depois de Mauregatto, a quem succedeo Ordonho, Alonso e este Ramiro, como diz Garibai e o Padre Mariana: pelo que vão mui errados estes autores.

Nem he de cuidar que estes dous mancebos (que diz Gonçalo Argote sem os nomear) ou Goesto Ansur (que bem podia ser algum delles) se atrevesse de proposito ir contra o seguro real do seu Rei, nas suas barbas e olhos das justiças das cidades de Corunha e Betanços a furtar estas donzellas escolhidas pera hum Rei amigo, e matar os Mouros seus embaixadores que as levavão, se não fosse em lugares longes e deshabitados, qual era então o Figueiral onde o caso aconteceo; porque se este seu insulto fora licito, ou menos punivel, não lhes fora necessario acodir a libertal-as. Pois claro está, que sendo estas donzellas nobres, e ainda que o não forão, cada qual teria parentes, amigos e naturaes que lhes acodissem (quanto mais sendo seis) a tiral-as de po-

der dos Mouros que as levavão, se fora perto das suas patrias, e cousa licita. Pelo que tudo he muito mais verosimil acontecer este feito no lugar que mostramos do Figueiral, longe del-Rei, que não em Peito Burdelo, que diz Molina, nem em Figueiredo de donas, que diz o Padre Frei Bernardo de Brito.

E ser longe se pode ver do que a donzella disse a Goesto Ansur: *A Deos vos vayades, Garçom, ca nom sey, se onde me falades, mais vos falarei,* isto por se ver já perto da terra de Mouros de Alemtejo, daqui nove legoas. E se acontecera onde dizem estes autores, perto dos pais e parentes das donzellas, sendo libertadas ellas, lhas restituira este cavalleiro ou mancebo, com muito gosto. E o romance diz: *La que a mi falara, n'alma la chantei;* a saber: me aproveitei della, e o mesmo farião os companheiros das outras. E da liberdade com que ella respondeo: *Mal haja la terra, que tene o mao Rey,* se vê que falava como quem se via já tão longe delle, o que não fizera em Peito Burdelo, nem no Figueiredo de donas, que diz o Padre Frei Bernardo, querendo que seja Figueiredo por muitas figueiras como vinhedo e olmedo, que parece graça, e etymologia trazida pelos cabellos. E melhor concerta o que diz o romance, a saber: Eu a quem chamais Figueiredo, entrei no figueiral, e fiz tal e tal, etc., que he o nominativo de todo o romance, e se deve referir á pessoa, e não ao lugar. Do qual romance se pode tambem notar, como estas seis donzellas ião escolhidas diante para el-Rei Mouro, como por mostra da fructa que lhe levavão, que devião ser muito fermosas, pois Goesto Ansur se mostra tão vencido de sua fermosura, que se offerece a seguil-a por caminhos e carreiras té o cabo do mundo, dizendo: *Olhos dessa cara, caro los comprarei,* etc., o que faz mais claro e apparente o que mostramos.

Por quanto as armas das folhas de figueira, que dizem estes autores, aqui as mostramos nesta villa, que são estas.

E do nome de Figueiró melhor se deriva Figueiroa, o que em Galiza não ha; e ainda que estes senhores Duques de Feria tenhão em Galiza suas terras, bem podião elles proceder desta villa de Figueiró, levando della o nome e as armas de seu brazão, e serem Portuguezes, os quaes sempre montarão muito em Castella; pois vimos Ruy Gomes da Silva, sendo cá senhor da Chamusca, villa tão differente, veio em Castella a ser Principe de Ebuli e Duque de Pastrana. E João Fernandes Pacheco, que se foi pera lá pola morte de D. Ignez de Castro a ser Duque de Escalona, e D. Christovão de Moura a ser camareiro-mór del-Rei, que he a maior cousa de Castella, e Marquez de Castello Rodrigo: deixo os Condes de Cifuentes, Silvas e outros muitos.

E finalmente, o chamar-se este lugar Figueiral (como lhe chama o romance) antes que fosse feito villa, com nome de Figueiró, he cousa muito notoria, e tradição antiga de pais e filhos, e se acha isto em papeis antigos da camara de Pedrogão grande, cujo termo era. E deve o alcançar este nome de Figueiral, por nacerem por ali muitas figuei-



ras, como ainda hoje nacem, e dal-o ao Figueiredo Goesto Ansur, e elle aos Figueiredos, Figueiroas e Figueiras. Do que tudo se vê claramente ser aqui o acontecimento das seis donzellas, que Goesto Ansur libertou dos Mouros com morte delles, que foi a causa original da liberdade de Hespanha, e isenção de tributo tão vergonhoso, e não em

Galiza, que dizem estes autores Castelhanos com fraco fundamento, querendo levar antes lá como costumão (não podendo a Castella) o que foi em Portugal. Porém alguns escudos destas armas das cinco folhas de figueira se achão muito antigas com estas letras por orla: PRO DEO. PRO PATRIA, para mostrar que esse feito que obrara, fora só por Deos e pola patria.

DIALOGO SEGUNDO.

Dá-se razão do mosteiro de Nossa Senhora dos Martyres de Sacavem. E da ponte de pedra que ali havia e poderia haver agora. E da natureza maravilhosa de algumas pedras. E quando foi tomada Lisboa, e fundada a Sé. E se mostra como as idades e estatura dos homens forão sempre as mesmas que agora.

GALACIO. — DEVOTO.

Galacio. Pois até aqui viemos andando por todo esse vosso gabado sitio do Convento de Nossa Senhora da Luz, apertemos o passo, que parece vai desamarrando esta barca de Sacavem.

Devoto. Ó da barca.

Gal. Paciencia, que já havemos de esperar que torne.

Dev. Esta he huma cousa em que eu a perco, haver de estar Lisboa como enfreada com esta barca, tanto contra sua nobreza e commodidade de seus moradores e caminhantes, podendo tão facilmente haver aqui huma ponte de barcas como em Sevilha, a pouco custo ou sem algum.

Gal. Alguma cousa deve haver nisso de por meio, pois se não faz, sendo notoriamente tão necessaria e util.

Dev. Nenhuma, que eu saiba, se não se for por se não prejudicar á renda que o Duque de Bragança tem desta barca, que se lhe arrenda em trezentos mil réis cada anno, tendo-a visto muitos que hoje são vivos, andar arrendada em dez ou doze mil réis cada anno, e pagar a tres réis cada pessoa a cavallo e agora a vintem, pelo grande descuido dos da camara de Lisboa.

Gal. Não parece deve ser a causa isso que dizeis do Duque, que sendo hum principe tão grandioso, não lhe devem de vir em consideração essas pouquidades em respeito do bem commum e grandeza de Lisboa, á qual se lho pedisse lhe largaria muito facilmente esta barca.

Dev. Se isto não he, menos o deve ser o que dizem, que por causa das náos a que neste rio se dá querena, porque alem de que já aqui se lhe não dá, se não da banda d'alem: era facil abrir-se essa ponte, e passada a náo tornar-se a fechar, ou fazer-se onde as náos lhes podessem dar essa querena pera a banda do mar. Nem menos o deve ser a passagem dos barcos, que navegão o rio acima, que podião tirar os mastros e passar: quanto mais, que os deste rio são tão pequenos, que com elles poderião passar por debaixo da mesma ponte; pelo que a razão do Duque, me parece consideravel se alguma o causa ou impede, e podera isso ter remedio muito facil. Que com esse meio real que

chamão da agoa, que novamente se impoz para a trazida da agoa ao rocio, em cada quartilho de vinho, e real em cada arratel de carne, se poderia satisfazer ao Duque, e fabricar-se aqui huma ponte de barcas.

Gal. Comtudo, me parece muito custo haver-se de sustentar essa ponte, alem do feitio della.

Dev. Não seria senão muito pouco: porque, que cousa são seis ou sete barcas, que podem durar trinta ou quarenta annos? quanto mais que só as cavalgaduras a tres réis bastava bem a esse custo, porque tambem acudirião os gados a esta passagem.

Gal. Tambem haveria difficuldades e brigas sobre essa paga.

Dev. Se na barca isso não acontéce, menos seria na ponte; quanto mais, que se poderia pôr na entrada huma porta, e cessaria esse inconveniente. E eu digo isto em caso que a cidade a não podesse sustentar de graça, o que fora grande nobreza de Lisboa, a que primeiro se houvera de acodir, que a outras cousas menos necessarias e menos nobres. Pois vemos que quando Lisboa era nada, em comparação do que hoje he, tinha aqui ponte de pedra, segundo agora se parece nos pedaços de piares que della ali vedes, desta banda e da outra.

Gal. Isso seria ha muitos mil annos, em tempo que este rio seria mais estreito, e menos fundo.

Dev. A largura he a mesma, segundo mostrão os vestigios dos piares que vedes, que chega o rio a elles e não passa; e quanto a profundidade, ainda que seja mais, o que não sabemos, comtudo, bem se pudera refazer de pedra, que no fundo devem estar os alicerces ou bases dos piares: quanto mais, que a arte da architectura com dinheiro muito alcança e pode, pera se fazer de hum só arco: pois dizem, que he infinita esta arte sem termo. E vemos que naquelle tão famoso rio Danubio, está ainda em pé a ponte que nelle mandou fazer o Imperador Trajano, com quasi todos os piares inteiros por cima da agoa cento e cincoenta pés, os vinte delles, que se parecem, e cada hum de sessenta pés de grossura, e o vão de cada arco de cento e sessenta pés. A qual ponte o Imperador Adriano mandou depois derrubar, para enfrear com isso esses barbaros, que da outra banda habitavão, os quaes molestavam muito estoutras bandas. E por isso ficou esta ponte só com os piares por cima da agoa, cujo vaso deve ser tanto mais profundo que este, e esse rio tanto mais arrebatado. Pois a largura he d'um quarto de legoa pouco mais ou menos, como tudo affirma Pero Mexia na sua Historia imperial, e outros muitos.

E aqui vimos fabricar-se o forte da Cabeça seca, abaixo de Lisboa, na entrada do rio Tejo neste mar Oceano, tanto mais profundo entre

tão grandes correntes, e tormentas que admirão. O qual forte mandou fazer el-Rei Philippe, primeiro deste reino, pelos annos 1585 e ficou tão fixo e forte como vemos, com ser sobre arêa. Por onde digno era da grandeza de Lisboa, haver aqui huma famosa ponte de pedra, ainda que se fintasse para isso todo o reino.

Gal. Já nos contentáramos com ella de barcas.

Dev. E eu dessa vos trato. Porém, ao que dissestes de se poder ter alargado este rio, o que aqui não fez, bem sei, que os rios vão comendo e abaixando as terras, e tenho pera mim que esses valles grandes e piquenos e essas varzeas e veigas espaçosas forão causadas das agoas dos rios e enxurradas delles, e das cheias e chuvas, que vão comendo e levando a terra e descobrindo estas ossadas e penedias que o sol foi criando e coalhando debaixo da terra della mesma. Donde vierão a dizer os Philosophos (quiçais enganando-se) que o mundo por tempos se havia de acabar, ou mudar n'outra forma, porque muitas ilhas havia, de que falão as historias, de que hoje não ha rasto algum nesses lugares, e pelo contrario apparecem ilhas onde não as havia, e as mesmas mudanças ha nas terras firmes, em humas partes gastadas, e em outras acrecentadas em differentissimas formas.

Porém aqui não ha esses milhares de annos, que cuidais havia esta ponte: porque no tempo que el-Rei D. Affonso Henriques, primeiro de Portugal, cercou Lisboa e a tomou aos Mouros, estando sobre ella teve aviso como a vinhão soccorrer os Mouros da comarca de Alenquer. E sabendo havião de passar por esta ponte de Sacavem, lhes mandou tomar o passo com gente de cavallo (que não podia ser muita), os quaes achando já os Mouros, que quasi todos a tinhão passado, tiverão com elles huma muito perigosa e desigual batalha, porque sendo muito poucos e os Mouros muitos, já a não puderão escusar sem se perderem, e delles houverão huma muito sinalada victoria neste plano. Onde disserão depois os Mouros virão huma molher que os cegava, e os desbaratou, que foi a Virgem Nossa Senhora, a cuja honra e por memoria desta victoria se edificou aquella igreja que ali vedes. A qual nestes annos reedificou Miguel de Moura, que foi hum dos cinco Governadores que el-Rei Philippe, primeiro deste reino, deixou nelle, fundando ali aquelle mosteiro tão religioso de Capuchinhas.

E a esta igreja chamarão então a igreja de Nossa Senhora dos Martyres, pelos cavalleiros que nella forão sepultados, que aqui nesta batalha peleijando forão mortos. Que naquelles tempos chamavão martyres a todos que peleijando contra Mouros, erão mortos; como a igreja de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa, que os Ingrezes fundarão

neste cerco o anno de 1152 (posto que agora em sua reèdificação puzessem na porta, que foi no anno de 1147) pera enterrarem seus mortos. E quiçais isto, e esta honra de lhes chamarem martyres os fazia peleijar com mais animo; como aos Turcos a opinião errada que tem (como he tudo o seu) que cada hum tem escrito na testa o lugar e a hora de sua morte (segundo elles dizem) a que não ha fugir, nem ella lhe pode vir d'outra parte, nem tempo, com o que mais ousadamente se atrevem e arriscão.

Gal. Por essa conta não serão passados muitos centos de annos, que aqui havia essa ponte, pois esse cerco e tomada de Lisboa foi no anno de 1147, segundo se vê nos letreiros que estão na Sé de Lisboa, e o dizem os Chronistas todos, e o Padre Frei Bernardo de Brito, depois delles; e se essa ponte nesse anno estava inteira que se passava por ella como dessa batalha e passada dos Mouros se collige, e da tradição antiga e memorias, que disso ha nesta igreja; e não devendo logo acabar-se, antes durar muitos annos essa ponte depois disso: fica claro, não serem, nem poderem ser passados muitos annos, ou centos de annos que durava essa ponte, e a havia aqui. Donde considero tres cousas: primeira, a força do tempo em gastar e consumir tudo, até a memoria do que foi. He que até as pedras têem tambem sua idade, pois vemos acabadas sem memoria alguma, nem rasto, tantas cousas e tão grandes, que sabemos houve de edificios e cidades. E quão depressa se acabou a memoria de tudo, e como a dessa ponte, de que parece não ha outra, se não isso que me contais com estes pedaços que della vemos, por culpa de nossos passados ordinaria daquelles tempos, sepultarem cousas grandes nas trevas do esquecimento, contentando-se com só a honra presente de as obrar.

Dev. Que as pedras tenhão sua idade, não ha duvida, e que se hão de acabar, pois tiverão e têem seu começo, como vemos em partes onde antigamente não havia pedras, havel-as hoje.

Gal. Segundo isso, devem logo as pedras nacer e crecer.

Dev. Não ha tal, nem isso se segue, porque as pedras são hum coalhamento de terra com outros mixtos, ou de agoa com os mesmos mixtos; outros dizem que dos vapores e exhalação, como as de corisco, como diz Alberto Magno. E o que disserão alguns, como Cardano, Paracelso e outros, que as pedras erão hum regeitamento dás estrellas, e os metaes e mineraes, gordura e tutanos dellas, por onde ficavão sendo excrementos mais excellentes do ceo, e que vivião com nutrimento e alma vegetativa muito escondida, errarão; porque o crecer he por ajuntamento da materia, e o decrecer por subtracção della: e

ainda que Plinio, lib. 36, cap. 18 e 19, com outros, digão que concebem, parem, vivem, e envelhecem e morrem, falão metaphoricamente: o certo he o que digo. Posto que a materia prima e remota he a mesma dos metaes que das pedras, e a que segundariamente vai tomando do arido e seco, com falta do humido, fica pedra menos ou mais fina, té diamante, segundo a calidade do mixto e quentura do sol, e a que vai tomando mais de gordura, humidade e untuosidade, será mineral ou metal, menos ou mais perfeito, té ouro, onde todos os metaes caminhão, segundo a milhor disposição da materia e quentura do sol. E daqui vem que os metaes por sua untuosidade, gordura e humidade se podem estender, e tirar pola fieira, o que ás pedras por sua arididade foi denegado. Verdade seja, que assi como alguns animaes seguem as naturezas das estrellas, assi algumas pedras, como o heliotropio, que imita o Sol e Norte, e o selenites a Lua, e o Helioselino a ambos, e a pedra de cevar magnete, a Cinosura, Norte, isto por certas calidades e maravilhosos effeitos.

Porém, bem se podem ir augmentando, sem isso ser, nacer, nem crecer, como o vemos no sal, nas pedras dos dentes e bexiga, e vemos barreiras de saibro ou terra, n'uma parte branda, e logo pegado mais dura, e adiante já feita pedra da mesma côr e semelhança, e outras que se tirão moles por não estarem ainda de todo coalhadas, e na mesma obra postas, acabam de endurecer. Como em Condeixa, termo de Coimbra, onde cortão d'um barro que chamam tufo (e assi lhe chama tambem Plinio), do tamanho e forma que querem, e em poucos dias depois de tirada se faz pedra, e se põe assi cortada de cantaria na obra: e eu tenho algumas amejoas, quasi como laranjas, que parece se encherão de lodo, e com elle se forão fazendo pedra tudo n'um corpo; e vejo cada dia em Lisboa e n'outras partes, em lugares altos, onde nunca poude chegar o mar, multidão de ostras feitas pedras em pedreiras, e bancos compridos dellas, como que foram trazidas e ajuntadas com a força das ondas, que me parece ficarião das innundações do diluvio universal, que as agoas ajuntarão e deixarão nos altos quando se recolherão, onde se forão coalhando com a materia junta, e se fizerão pedras.

E faz-me cuidar isto, achar-se no campo de S. Clara de Lisboa, n'uma pedreira que ali se abrio pera as obras de S. Vicente, no fundo da pedreira, dentro nas pedras consolidado com ellas, hum tijolo muito inteiro e são. E na pedreira de S. Bernardo de Lisboa, huma mó como de moinho de mão consolidado com as mesmas pedras; e muitas amejoas e ostras no centro das mesmas pedras, e em muitas outras partes. E

isto quando no anno 1591, huma segunda feira 15 de Abril, se começou aquelle mosteiro de S. Bernardo, onde o Padre Frei João de Andrada, religioso daquella ordem, meu irmão, deitou a primeira pedra.

E Sua Magestade tem huma bolla de cristal em Madrid, que no meio tem huma mosca inteira, que parece cahio na materia aquosa e liquida, que se foi coalhando e fazendo pedra, retendo em si a mesma mosca sem se corromper, por lhe não poder entrar o ar.

E tenho para mim que a causa por onde se vierão e vão areando muitos campos, qual o de Coimbra, Santarem, Cardiga, e Alfezirão e outros, he porque antigamente ainda não estavão coalhadas as arêas, e assi trazião os rios nateiro, com que fertilizavão os campos, como o Nilo no Egypto; mas hoje, que já com a virtude do sol se forão e vão coalhando estas arêas, estas trazem com que deitarão e deitão a perder cada vez mais estes campos, sem remedio algum. E não trato das pedras que Deos criaria, quando criou o mundo pera ossada delle, ou pera o que foi servido.

E diz Alberto Magno que vio hum diamante lavrado e polido por arte, que se achou na cidade de Colonia, no coração d'uma pedra solida n'uma pedreira, e que lavrando-se outra pedra appareceo dentro nella insculpida a figura de hum Rei com sua corôa, e huma fouce de páo na mão: e que a natureza muitas vezes per ludibrio e passatempo faz estas cousas, e outras que elle conta; e ver n'uma concha de ostra sete cobras insculpidas e relevadas e atadas pelo meio, e se parecião pola banda do concavo e convexo, e com suas boquinhas, tudo da materia da concha, como tambem vemos cangrejos, e cobras e lagartos, que nos vão cingindo da mesma materia de nossa carne: e o Bispo de Coimbra, Dom Affonso de Castelbranco, o cingia huma cobra, feita na sua mesma carne, que sempre lhe durou.

Porém, não per ludibrio, se não com grande mysterio, no anno 1562, sendo Governador da India Francisco Barreto, em a ilha de Ceilão, indo ao longo da praia hum soldado Portuguez, encontrou com hum Joga (que são huns negros que fazem penitencia como hermitãos no ermo), o qual levava hum saquinho de pedrinhas, seixinhos e vieiras da praia, entre as quaes vio o soldado huma pedra parda, do tamanho de hum ovo, e nella figurados sete ceos de outras cores, e huma figura de molher com hum menino no collo, tudo natural e de cores entremetida nestes ceos. Pedio esta pedra ao negro, que lha deo por huma esmola, e trazendo-a a Cochim a mostrou a hum seu amigo, que a entendeo milhor, e lha comprou por dous pardáos, o que sabendo o Governador lha pedio, mas não lha quiz dar senão com lhe prometer

(dando-lhe disso hum assinado) de lhe haver hum officio que o casado pretendia. Trouxe-a Francisco Barreto, e vindo com elle na náo hum fidalgo Pero Alvares de Mancelos, que lha vio muitas vezes, e conta isto hoje, affirmando, que era a Virgem Nossa Senhora com o menino JESUS ao collo, metida entre aquelles sete ceos per admiravel maneira, e que em Moçambique fizera alguns milagres: deitada na agoa e dada a beber sarava muitos doentes, e molheres de parto, que logo tendo-a muito bem parião. A qual o dito Francisco Barreto dera á Rainha Dona Catherina, que no extremo a estimava, em cujo poder fazia os mesmos milagres; a qual agora estava no movel das Rainhas de Portugal, onde se podia ver.

E na praia de Santos o velho de Lisboa, que he para Alcantara, se tem achado muitas pedras, e cada dia se achão, que são quasi como hum ovo pequeno amassado, e com huma cruz de Malta d'uma banda, e da outra relevadas, e em algumas dellas gotinhas de sangue, e tambem se achão dentro ali no mar, que parece o permitte Deos á honra destes Santos Martyres Verissimo, Maxima e Julia, todos irmãos, que aqui forão martyrizados o primeiro dia Outubro sua festa. Como tambem se achão algumas pedrinhas em Santarem, no Tejo, onde veio ter o corpo de Santa Iria com gottas de sangue, e o mesmo em Thomar, no rio Nabão, onde esta santa foi martyrizada e lançada.

E tornando ás pedras, parece que algumas de alguma maneira podem nacer e crecer, como vemos os coraes, que do fundo do mar vem crecendo com seus ramos como arvores altas tres e quatro palmos, e alguns muito mais, como os virão muito altos os nossos Portuguezes que se perdêrão nos baixos da India, ou junto a elles, na náo Santiago, capitão Fernão de Mendoça, o anno 1585, em 19 de Agosto, em 22 gráos e hum terço, onde era tanto o coral, e tão alto, que parecia hum prado todos aquelles baixos, segundo me contou Gaspar Ximenes, que hoje vive, que deste naufragio se salvou, e que era o coral verde e vermelho; e ha livro impresso deste naufragio, feito por Manuel Mendes Cardoso.

Onde aconteceo hum successo admiravel, e foi, que da gente que procurou salvar-se se encheo o batel de maneira que desenganou o Piloto ser impossivel salvarem-se. O qual estava feito pedaços, e arrochado, e logo pelos eleitos forão lançados ao mar 17 pessoas, e querendo lançar este Gaspar Ximenes, por se dizer que onde se lançavão tantos não era rezão salvar-se dous irmãos; que ficasse seu irmão Fernão Ximenes (os quaes erão dous homens muitos honrados de Lisboa) por ser mais robusto, e elle porfiou que antes lançassem a elle, por quanto

seu irmão era como seu pai. E que sua mãi e irmãas ficavão desemparadas. E o Gaspar Ximenes porfiava o contrario, dizendo que seu irmão era mais moço, e era bem salvar-se: e nesta porfia que a brevidade do tempo deo logar, venceo o Fernão Ximenes. E logo o lançarão no mar, e elle com tanto animo como se fora n'uma praia de amigos, nadando se recolheo em hum penedo, onde lhe dava a agoa pelo pescoço, e logo o mar alcantilado profundissimo; mas querendo despir duas camisas que trazia vestidas pera seguir o batel, tendo a cabeça dentro nellas, veio hum mar grosso que lhe furtou os pés e trouxe-o ao pego, onde trabalhou tanto que com a furia e força escalou as camisas, e tornou ao penedo, onde acabou de as despir, e foi seguindo o batel mais de tres horas, rompendo grandissimas correntes de agoa, e com taes lamentações suas e do irmão, que respeitando-se a fineza do amor de ambos, foi recolhido e se salvarão ambos. E aqui vejo cada dia o Gaspar Ximenes em S. Anna de Lisboa onde óra vivo, e elle tem duas irmãas freiras, em cuja profissão se prégou este acontecimento, e fineza de amor mais refinado que o da amorosa contenda de Pylades e Orestes.

E semelhantes a este successo ha muitos entre Portuguezes, de fineza de amor, e fidelidade. Que estando preso no Limoeiro de Lisbôa hum homem, cujo nome sinto não achar, por huma morte, e deixando-o o carcereiro ir algumas noites sobre sua fé a sua casa, vindo huma madrugada della pera o Limoeiro, o esperava hum amigo a S. George, e o avisou como estava dada a sentença do dia dantes, que o enforcassem, e que logo lha havião de notificar. Mas elle reparando hum pouco, se foi meter na prisão, por não quebrar sua fé, e destruir o carcereiro, e indo já pera a forca, foi dito o caso a el-Rei Dom João o III, o qual lhe perdoou a morte, dizendo não era rezão que padecesse tal homem. Vede agora que comparação têem estes com os Pylades, tão celebrados dos Gregos, nem com esse Marco Regulo, de Romanos. O qual se tornou a Cartago, pola fé que tinha dado, não cuidava o matassem, e estes fizerão estas finezas tragando a morte diante de si. E como este temos muitos, como Belchior do Amaral, corregedor da côrte, que estando cativo da batalha del-Rei Sebastião, e vindo a Portugal sobre sua fé tratar do resgate dos fidalgos, se tornou ao cativeiro; e mil outros, como D. Luiza, que estando presa no Limoeiro, pola morte do marido, que era juiz de fóra, por se achar que o que lhe succedera no officio, succedera em tudo, e indo ella com a molher do carcereiro a S. Martinho na noite de quinta feira de endoenças, sobre sua fé, lá lhe forão dar a nova como estava sentenceada á morte,

que se deixasse ficar no sagrado. E ella se tornou á prizão, donde logo foi degolada, e o successor do marido Paulo Gomes de Lemos, degradado pera o Brazil, pera sempre. E foi isto pelos annos 1596. E em Arronches, indo hum prezo do castello sobre sua fé a huma herdade, lhe foi recado a elle de Lisboa de sentença de morte, e elle se tornou á cadêa, o que sabendo el-Rei lha perdoou.

E tornando aos coraes vermelhos e verdes, que tirados moles da agoa fóra della endurecem; tem a natureza infinitos segredos admiraveis, e a nós incognitos, que cada dia se vão descobrindo. Qual he acharem-se no Perú, junto ao rio da Prata, ao baixar de huma serra, humas pedras na superficie da terra, ou quasi postas em carreira, em muita direita e igual distancia, e junto dellas outra carreira da mesma maneira em respondencia, defronte huma da outra, que são macho e femea, lisas e do tamanho de hum coco tirada a casca de fóra, e de côr leonado escuro. Das quaes pedras a femea, quando chega a certa madurez, que não deve ser senão a cabo de muitos annos, rebenta com tamanho estouro, como mosquete ou petardo, e se abre pelo meio em duas ametades iguaes, que ficão como dois copos, e a abertura muito lisa, e dentro no vão destas ametades (cousa maravilhosa) todo esse concavo estrellado d'uma e outra banda, de pedraria, como diamantes lavrados por arte, muito lisos, e de diversas cores, vermelhos, verdes, azues e brancos, e destes mais, e claros mais que cristal, e arraigados no dito concavo por ordem, com os bicos em respondencia, que são da feição de meia bolota; e me disse Luiz Nunes, contador, pessoa de bom entendimento e pratico, meu vizinho, que elle tivera na mão sete ou oito destas ametades, quando a este reino veio el-Rei Philippe I, o qual mandou fazer experiencias se esta pedraria era fina, e poderia correr como tal, e se achara não ser fina; porém mais fina que cristal. E parece que deve este coco ou pedra nacer ao modo dos nossos cogumelos, que tambem são macho e femea defronte hum do outro, e ir endurecendo, té se fazer pedra com o discurso do tempo e virtude do sol, ou ao modo dos cornos do veado, quando de tempo em tempo os muda, que lhe vão crecendo tão tenros, que se comem, té serem de hum palmo, e os têem os monteiros por iguaria delicada entre os melhores bebedores. E por isso se esconde muito nesse tempo o veado, alguns dizem que de vergonha, outros que por lhe não tocar nelles o matto.[1]

E conta Gilberto Genebrardo, que a hum filho de hum atafoneiro,

[1] Gilb. Genebrardo.

tambem em Colonia, lhe nacco hum dente queixal todo de ouro finissimo, pelos annos 1590.

De maneira que a natureza cria muitas destas cousas per ludibrio, como diz Alberto Magno, ou força de sua potencia, e as acaba, e estas pedras em mais ou menos tempo do que se diz nesses letreiros que foi tomada Lisboa, que foi pouco mais ou menos nesse que dissestes.

Gal. Como dizeis pouco mais ou menos, se os letreiros sinalão que foi no anno 1147, e o dizem todos os que falão na materia, chronistas, escritores, e ultimamente o Padre Frei Bernardo de Brito?

Dev. Sem embargo disso, tenho muita duvida ser nesse anno a tomada de Lisboa.

Gal. Como, ou donde vos pode nascer esta duvida?

Dev. De esses mesmos letreiros, que he só a memoria que disso ha; que parece forão mal entendidos, e peior declarados.

Gal. Se elles dizem, que me lembrão muito bem; a saber: o que está dentro na porta travessa da Sé, mais chegado ao pulpito, da banda do mar, reformado por estar muito gastado, por chronicas de França, e por outro que está fóra da porta principal da mesma Sé, que dizem:

TUNC. ANNI. DOMINI. CUM. C. M. NOTANTUR. CUNQ. QUATER. DENIS. IIII.
ATQ. TRIBUS. CUM. PER. CHRISTICOLAS. EST. URBS. ULIXBONA.
CAPTA. ET. PER. EOS. FIDEI. REDDITA. CATHOLICAE

A saber:

Então no anno do Senhor, quando se contavão mil, e cento com quatro dezes, e quatro e tres, então foi tomada Lisboa pelos Christãos, e por elles tornada catholica.

E isto mesmo, e com as mesmas formaes palavras, diz o outro letreiro de fóra da porta principal, com letras gothicas, mas muito inteiras. E com mais dous versos, que ainda o declaram melhor, que dizem:

AERA. MILENA. FUIT. HOC. DECIESQ. VIGENA. V^{e}. DECEM. DEMPTIS.
IN. CHRISPINI. QUOQ. FESTO.

A saber:

E isto que digo do anno de Christo, foi na era de 1200, tirando 5 e 10 que ficão 1185, os quaes cotejados com os 1147 do anno do nacimento de Christo, que se dizem acima neste e no outro letreiro, e acrecentando os 38 que vão do anno de Christo, a era de Cesar, por-

que tantos ha de hum anno a outro, vem cahir ao justo neste anno 1147, por onde não sei que duvida vos possa daqui nacer?

Dev. Eu vol-a direi: nessa segunda regra, desse primeiro letreiro, e o mesmo na segunda, e ultima dessoutro segundo letreiro da era, está a minha duvida, porque dizei-me: *cumq; quater denis,* não dizeis que são quatro dezes?

Gal. Si.

Dev. Pois *quatuor atq; tribus,* porque não serão quatro trezes, que são doze, e não quatro e tres que são sete, pois fica assim melhor modo de falar e mais congruo o latim, dizendo *quatuor denis, e quatuor tribus;* a saber: no anno do Senhor 1100, com quatro dezes e quatro trezes, foi tomada Lisboa, e não dizer quatro dezes e quatro e tres, pois estão os *denis* e os *tribus,* tudo em ablativo, e se quizera dizer quatro e tres, puzera os tres em nominativo, pois diz Martial, *Patruus atq; meus,* e outros que usão esse modo de falar.

Principalmente, que por esse anno 1147, e outros junto a elle andou el-Rei Dom Affonso Henriques occupadissimo n'outras cousas, porque vencendo a batalha do campo de Ourique no anno 1139 e casado no de 1146, e tomando Santarem neste de 1147, como o dizem todos os chronistas, e o letreiro, que está na igreja do milagre de Santarem:

Anno ab Incarnatione Domini 1154, *et ab urbe ista capta, septimo, regnante Domino Affonso Rege, Comitis Henrici Filio, et uxoris ejus Regina Mahalda: hæc Ecclesia fundata est in honorem S. Mariæ Virginis, et Matris Christi, à militibus templi Hierosolimitani iussu magistri Hugonis, Petro Arnaldi ædificii curam gerente animæ eorum requiescant in pace. Amen.*

A saber: Que no anno da Encarnação do Senhor, 1154, e sete da tomada desta cidade, reinando el-Rei Dom Affonso Henriques, foi fundada esta igreja pelos cavalleiros templarios.

E logo abaixo o seguinte:

El-Rei Dom Affonso Henriques, que esta villa tomou aos Mouros, dia de S. Miguel, 8 de Maio do anno 1147.

Por onde mal podia nesse anno, e dahi a cinco mezes e dezoito dias tomar Lisboa, que tantos ha de 8 de Maio, dia de S. Miguel, té dia de S. Crispim, 25 de Outubro, em que foi tomada. Pois diz a chronica deste mesmo Rei, que tomou Santarem a 8 de Maio, e que o proveo muito bem, como era rezão provesse de mantimentos, munições e gente, e requeria isso muito tempo, principalmente em hum reino tão pobre de tudo, e tão gastado de gente; e diz mais a dita chronica,

que tornou a Coimbra, e que o veio receber a Rainha á ponte, e por sinal que lhe dissera que já ninguem poderia pôr duvida na tomada de Hiericó, e outras rezões. E diz mais, que neste anno tomou o castello de Mafra, e o de Cintra inexpunhavel. O que tudo devia gastar-lhe muito tempo: como poude logo neste anno aprestar-se pera huma cousa tão grande, como tomar Lisboa, e que requeria tanto cabedal, tendo elle tão pouca gente, pois forçado a havia de ter distribuido pelos lugares e fortalezas, que de fresco tinha tomado?

Quanto mais que elle esteve sobre Lisboa cinco mezes, segundo diz a mesma chronica e he notorio, e esses mesmos cinco mezes, e pouco mais ha de 8 de Maio, té 25 de Outubro. Logo ullo tempo para tantas cousas? nem que o queiramos estirar c'os dentes. Por onde parece não poderia esse Rei nesse anno 1147 tomar Lisboa, e meteria no meio alguns annos té o de 1152, e nessa conformidade e melhor concordancia do falar poderemos antes entender o letreiro dizer, no anno mil e cento, com quatro dezes e quatro trezes, que não quatro e tres: sem embargo do que dizem Nicoláo Gile e Jacobo Migero, chronistas francezes, que tambem se enganarão ou podião enganar, no entendimento destes letreiros, como os nossos fizerão.

Gal. Pois pera acudir a essa duvida que podia haver, se porião as duas regras abaixo, que dizem em que era foi, as quaes vem ao justo com o anno de 1147: porque dizendo, e isto que diz acima do anno de Christo, foi na era de Cesar de 1200, tirando delles cinco, e dez que são quinze, e ficão 85, dos quaes tirando trinta e oito (que tantos vai a dizer da era de Cesar ao anno de Christo) ficão os 47 justamente, que diz o letreiro primeiro do anno de Christo, por onde fica claro haver de entender-se quatro dezes, quatro e tres; e não quatro trezes como vós quereis se entenda, e a tomada de Lisboa no anno 1152, e não no anno 1147.

Devot. Ainda nisso acho eu mais forte a minha duvida; porque dizendo o letreiro da era, que foi na era de 1200, tirando delles cinco, e dez, e estes cinco notados por letra de conta desta maneira $\overset{e}{V}$, não parece se pode por ella entender cinco, tendo o V. em cima esta letra e. porque se quizera dizer, tirando quinze, ou o dissera por letras tudo de conta como XV ou tudo por letra; mas pondo V. com *e* em cima, muito melhor se póde entender *unde*, que não *quinq;* e assim dizer *unde decem demptis*, donde tirando-lhe dez que ficão noventa, os quaes concertão ao justo com o anno de 1152, entendendo-os pelos quatro trezes, e juntos os 38 da era de Cesar. Porque seja verdade, que na conta de Hespanha V. significa cinco, comtudo isso commummente

he junto com outras notas de conta, ou só, sem se lhe dar crecença de letras de ler como aqui está, e sem e em cima. E a mim me affirmarão letrados julgadores, costumar-se isto, e o verem em livros antigos de mão, V. com e em cima significar *unde:* quanto mais, que dizendo aqui *unde,* fica melhor e mais elegante o verso, que não *quinq; decem demptis,* que parece falar negro e escabroso.

Quanto mais, que sendo esta tomada de Lisboa em sabbado 25 de Outubro, pola computação dos annos, vem a cahir neste de 1152. Posto que Duarte Nunes de Leão, e Pero de Máris, digão que foi no anno 1148, por lhes parecer impossivel ser no anno 1147 pelas rezões que digo.

Gal. Dissestes, que do anno de Christo á era de Cesar havia 38 annos de differença; e eu vejo commummente usar-se indistintamente desta palavra *æra* por anno de Christo, e dizer isto foi em tal *æra,* e pôr-se ainda hoje em letreiros e pedras: Esta obra foi feita na *æra* tantos annos, entendendo pelos de Christo.

Devot. Essa he huma cousa, por lhe não chamar grosseria, de que tambem não tenho paciencia; porque havendo essa differença de trinta e oito annos, de hum a outro, o confundimos com notavel inconveniente da verdade das historias, cuja alma he a certeza do tempo de que se trata, dando com isso causa a mil duvidas, e não haver quem nisso attente. Antes em todas as obras que faz Lisboa e reino, deixão que ponhão os pedreiros, que foi feita em tal era, podendo dizer em tal anno de Christo.

Gal. Parece que por ir pouco nisso, se não attenta.

Dev. Não he pequeno inconveniente que huma cidade ou pessoa, que deve prezar-se ser polida, deixe passar em publico tal grosseria. Quanto mais, que pode causar esse descuido mil duvidas e inconvenientes aos vindouros, como a nós agora os letreiros e escrituras antigas, em que houve esse erro e descuido.

Gal. Donde procedeo este nome, e costume de contar por era?

Devot. Depois que Augusto Cesar, que foi segundo Imperador de muita parte do mundo, venceo a Lucio Antonio em Perosa, irmão de Marco Antonio, e ficou com isso pacifico Imperador, mandou que toda a pessoa lhe pagasse certa moeda de cobre, que na lingua de então latina se chamava *æs, æris,* e deste anno que este *ære* se começou a pagar-se-lhe, se começou a dizer o anno do *ære* ou da era, como se nós disseramos o anno dos patacões, que el-Rei Dom Sebastião mandou abater no anno de 1568; (por evitar falsidades que houve) e valia o meio real, hum real, e o real tres réis, e o real e meio cinco réis, e os tres va-

lião dez réis, e cada real tinha seis ceitis (1). E o nacimento de Christo foi dahi a trinta e oito annos, e porque muitos centos de annos se foi contando por esta conta de *æra,* quando depois de mil annos os Reis christãos mandarão, que se contassem os annos desde o nacimento de Christo, sendo cousa tanto mais notavel, se ficou confundindo huma cousa com outra, e usando isso, porém só gente grosseira, e esta opinião he de Santo Izidro; posto que alguns digão que *Era* erão tentos ou contos de contar, ou capitulos ou paragrafos de livros de conta, como diz Marco Tulio.

Gal. Eis o barco, metei a tento vós outros esses cavallos, que se não manquem aqui, como cada dia acontece, que he outro inconveniente por não haver a ponte, que diz o senhor Devoto, a quem peço me diga já que estamos nos letreiros da Sé de Lisboa, da fundação e principio della, que Frei Bernardo de Brito, quer que seja de Mouros, outros de Gentios, outros de el-Rei Dom Affonso Henriques.

Devot. Em cousa tão antiga, de que nem ha letreiro algum, nem certeza mais que conjeituras, pelo grande descuido dos passados, ou pelo grande estrago em tudo dos Mouros, quando por peccados destruirão e conquistarão Hespanha, ainda que não ha certeza, direi o que me parece. Que sendo esta Sé de Lisboa hum edificio tão nobre, he lastima vêl-o assi, por sua antiguidade e extraordinaria traça, e por aquella admiravel torre, que tem no cruzeiro sobre os quatro pedestaes, ou columnas delle, que lhe fica como zimborio, tão fermosa, tão grande e tão alta, pelo que, e por ser como metropole deste reino e o merecer ser de Hespanha e quiçais da christandade (não tratando de Roma) por della beberem o leite de nossa santa fé catholica e doutrina christã que de continuo estão bebendo tantos reinos e tão remotos, e tantas gentes incognitas dantes ao mundo, merecia ter-se em muita estima e veneração, que he lastima vêl-a tão mal tratada. E se espera que o senhor Arcebispo Dom Affonso Furtado de Mendonça, ora governador destes reinos de Portugal, a repare e a ponha em grande perfeição e policia, como o tem feito á crasta da mesma Sé, que achou lastimosamente damnificada. E que faça mudar o altar do Salvador pera huma capella, que de traz da maior está desfeita, para que fique a crasta por ali com outra entrada pera mais desafogamento da mesma Sé, e menos licença pera immundicias e peccar. E acabe de aperfeiçoar a mesma crasta, tornando as capellas antigas della á sua limpeza e perfeição, pois de fóra tem a mesma Sé casas na rua dos Conegos, onde se pode

(1) Patacões abatidos.

despejar huma em que se ponhão as cousas, que ora se põem nas ditas capellas do serviço da mesma Sé.

Galat. Disso não tratemos nem nos metamos, pois do seu bom e grande zêlo, todo bem se pode, e deve esperar. Mas vejamos se podemos atinar com o principio e autores desta fabrica.

Devot. A mim me parece foi obra de Christãos, e não de Gentios, nem Mouros, nem vejo fundamento em que se fundem os que isso cuidão e dizem: porque primeiramente, ella está de Oriente a Poente e com cruzeiro, como o estão todas as sés da christandade.

Item, se achão muitos letreiros antiquissimos, e tanto que alguns se não podem já ler, nem entender mais que serem letras latinas, e nomes de Christãos, ou sepulturas de Christãos. Por onde não he obra de Gentios, que queimavão seus corpos, e tinhão outros modos de se enterrar no campo e não nos templos; nem de Mouros, que tambem se enterrão no campo, e não nas mesquitas. E alem disso, não se acha em toda esta Sé letra alguma arabiga, antes muitas pela banda de fóra, da parte do norte, e no alto, latinas nas pedras, como erão dos nomes dos pedreiros para seus pagamentos. Principalmente, que as suas mesquitas todas, e ainda as mais nobres, qual era a de Cordova e a de Fez, são em quadrado, e são maiores ou menores, quanto tem mais ou menos columnas, com arcos, e todas descobertas no meio para fazerem a çalá ao ceo, que he o seu retabulo. Alem do que entre elles he peccado gravissimo pintar, nem insculpir nenhuma figura de gente ou animal, nem de arvore, nem ramo, nem ainda de huma bonina. E nós vemos tudo isto em todos os capiteis e pedestaes desta Sé, e n'outras partes della. E nos arcos do alto do cruzeiro, sobre que assenta aquella insigne e estupenda maquina daquella torre, sobre o cruzeiro e zimborio delle, no pé dos mesmos arcos lá em cima, assentarem sobre cabeças de animaes e de homens, em tanto que da banda do mar, assenta hum arco sobre o rosto de hum abbade, tanto ao natural e ao vivo que parece vos está falando.

Pelo que não ha que cuidar em ser obra de Mouros, os quaes, nem huma pedra levantarão na Hespanha, antes puzerão nella por terra edificios e obras excellentes que havia, e a esta devião de fazer quasi o mesmo. E tal a acharia el-Rei Dom Affonso Henriques, pois diz a sua chronica, que quando tomou Lisboa foi logo á Sé em procissão (depois de purificada) dar graças a Deos. E por isso a restauraria onde fosse mais necessario.

Donde naceo poder cuidar alguem, que elle a edificara. Que o mesmo fez depois el-Rei Dom Affonso quarto, o bravo, que reedificou

a capella mór (que dizem cahio com hum raio) onde jaz, e assi as mais ao redor della. E na sua sepultura está este mesmo Rei de pedra de doze palmos de comprido, e a Rainha sua mulher de quasi outros tantos.

Por onde em conclusão, sendo como foi esta Sé obra de Christãos e não de Gentios nem Mouros, como parece claro. E estando os Mouros na Hespanha desde o anno de 714, em que vencerão em batalha campal, e acabarão de todo a el-Rei Rodrigo, até estes nossos tempos, que della forão acabados de lançar. E não devendo logo nos primeiros annos de Christo fazer-se tão insigne obra, sendo a christandade ainda tanto de mama. Alem do medo das persecuções dos Imperadores. Poderemos cuidar que Constantino, primeiro Imperador christão, mandaria cá edificar esta Sé em propagação da fé catholica, pelos annos 310 de Christo, té 341 de seu imperio; pois he traçada ao modo da insigne igreja de Santa Sofia de Constantinopla, porque tambem se vêem algumas letras, que parecem gregas, e sabemos que assim elle como Santa Helena sua mãi, fundarão nesse Oriente e n'outras partes muitissimas igrejas, e entre ellas mandarião fundar esta.

E quando assi não fosse, parece seria fundada pelos Suevos, quando reinarão em Galiza, e parte de Portugal pelos annos 440, ou pelos Godos, que aos Suevos lançarão do reino, e ficarão senhóres de toda a Hespanha, entre os quaes houve excellentes reis, como Réccaredo e outros mui zelosos da religião catholica. Posto que a mim me parece mais verosimil, ser obra do Imperador Constantino, ou de Santa Helena sua mãi.

Gal. Emquanto não apparecer outra melhor rezão ou computação, parece poderá essa passar. Mas tornemos ao que dissestes, da estatura desse Rei que está na Sé, e Rainha serem de doze palmos, que não me assenta poderem ser tamanhos, nem outros que estão em Alcobaça e em outras partes.

Devot. Nem eu me posso persuadir, que estes corpos que vemos de pedra nestas sepulturas, fossem tamanhos vivendo. Antes cuido que a estatura das gentes, como tambem a idade, foi sempre a mesma que agora.

Gal. Muito contraria he essa opinião da commum que geralmente se diz, a saber, que já agora são as idades curtas, e os homens muito menores.

Devot. Eu vou-me pela rezão, e não pelo dito das gentes sem fundamento.

Gal. Folgara eu muito de vol-a ouvir, e saber.

Devot. Vejamos primeiro o que apparece disso em livros antiquissimos.

Primeiramente David Rei e Propheta, que foi ha perto de 2680 annos, diz a Deus: 70 ou 80 annos de vida que são? pois o mais não he senão trabalho e dor. Tito Livio conta, que sendo em Roma antes que nella houvesse Imperadores (que ha cousa de dous mil annos) eleito Paulo Emilio, pera a conquista e guerra que se decretou contra Macedonia, elle se escusava por velho de 60 annos. E esses Imperadores antiquissimos, e pessoas de conta os contão suas historias por muito velhos de 70 annos, e dizem que Julio Cesar quando o matarão, começava já por velho a sentir em si indisposições, sendo então de 56 annos. E Sallustio, que foi antes, diz no começo do seu livro, que sem rezão se queixa a natureza humana de ter a vida fraca e breve, sendo assás bastantes 60 annos de vida para bem obrar, inda que em algumas impressões se não declara os 60, n'outras se achão. E de 60 annos erão escusos os Romanos da guerra por velhos. E Cicero, accusando hum homicidio, diz contra Capitonio, que não provava ser o morto ainda de 60 annos, como cousa de menos culpa, matar hum velho já inutil, na oração *Pro Roscio Amerino.*

Por maneira que já naquelles tempos se havia por medida commum da vida sessenta, e setenta annos, e nós vemos hoje isso mesmo, e ainda melhor, e muitos homens de cem annos, e cento e vinte, e cento e trinta; e eu vi hum homem no mosteiro de Ceiça, da ordem de S. Bernardo, que vinhá ali á Missa, de cento e quarenta annos, e na villa das Caldas faleceo ha pouco pelos annos 1600 hum cortidor Antonio Lopes de cento e trinta e cinco, bem desposto, e que trabalhava ordinariamente; e eu hoje, que isto escrevo, sou de setenta e cinco, com inteiras potencias. E destas idades ha hoje muitos pelo reino, e milhares que de setenta, oitenta e de cem annos se casão, e hão filhos. E se as idades fossem em diminuição havião de tel-a, e mostral-o de tres mil annos para cá. Logo, parece que sempre forão as mesmas, pois Abraham teve por grande cousa, sendo de cem annos, poder ter filhos. Deixo os que nomêa Gaspar Estaço no seu livro de Antiguidades, no capitulo 72, que diz são vivos e os conhece, que passão de cem annos, e cento e vinte.

E não faz ao caso chegarem os menos aqui, que isso he, ou por estragamento da vida, ou casos que sempre houve, e antes parece boa ordem da natureza, ir gastando e comendo os mais pera os outros poderem medrar, como o faz nos fructos, que pela mór parte os menos vem a perfeição dos que nacem; e por isso, quiçais, nos dá de quando

em quando hum oxeo (como dizem) ou repellão de peste, tabardilhos e batalhas, inda que tudo por peccados. Porque he certo, que se todos os que nacem vivessem até quarenta annos não caberiamos de pés como em pilha sobre a face da terra. Por onde vemos, que se entrão no estudo este anno dous mil moços, não chegão duzentos ao cabo, e o mesmo nas armadas e guerras continuadas, que inda que a ellas não fossem, em suas casas terião a mesma diminuição; e nem por isso se pode dizer que as idades são mais curtas. Não tratando dos que por Divina Providencia viverão aquellas tão largas idades, que diz a Escritura sagrada, porque seria isso então necessario. Nem trato da diversidade de annos que houve de seis mezes, de quatro, de tres e de hum mez, como o diz Marco Varrão, haver annos de vinte e nove dias, e de trinta e seis, como outros, multiplicando o numero senario, como perfeitissimo, em que Deos criou o mundo, donde naceria dizer Plinio serem fabulosas as vidas largas dos antigos, crendo que o erro era da diversidade dos annos [1]; porque eu trato dos annos nossos de agora, como tem Santo Agostinho, e Lactancio e Josepho das Antiguidades [2], que dizem serem os annos antigos como os de agora. Mas parece que, sendo naturalmente as mesmas causas da vida, e as mesmas influencias, e procedendo tudo da primeira causa, que he Deos Nosso Senhor immovel, constante, e sempre a mesma devem os effeitos ser os mesmos. Bem que se possão mudar de humas partes a outras, e receber alteração, donde vemos algumas, hoje doentias ou esteriles, que já o não forão, e pelo contrario.

E o mesmo parece será na grandeza dos corpos, aos quaes Deos Nosso Senhor deu sua forma em commum, que sempre devem conservar, assi homens como animaes e prantas, e como produzidas desta primeira causa, onde não ha, nem pode haver faltar, nem mudança, como diz Boecio: *Stabilisque permanens dat cuncta moveri* [3]. E ainda que vemos levantar-se alguma destas cousas, ou ser diminuta fora do ordinario, e ser um homem extraordinariamente grande, como huma espiga n'um agro de pão, e como o gigante Goliath e outros, e o ladrão Gayão que já vos disse. Ou como huma molher em Roma, quando a destruião Godos, giganta, cujos pais erão de estatura menos que ordinaria, como affirma Santo Agostinho [4]. E nestes annos traz o Duque de Alva em sua casa hum gigante nacido em Asturias, a que chamão...

[1] Plin. lib. 7.
[2] Agost. lib. 15. Cid. de Deos.
[3] Boetius.
[4] Agost. Cid. de Deos, lib. 25 c. 23.

E nem por isso devemos regular o commum. E o mesmo Santo Agostinho, diz que elle com outros vio hum dente queixal de homem, que se achou junto á cidade Utica, ou Biserta, que era tão grande, que se se partisse se farião delle cento dos ordinarios dos homens de então; vede agora qual seria o dono!

Gal. Dizei-me, não he sabido que houve gigantes em commum gente grande?

Dev. Si, que os houve e ha hoje em dia, porque eu vi em Madrid dous homens, trazidos das partes lá do Perú de Arauco, andar por essas ruas com seus arcos na mão, e aljava com settas, e seu pano sobraçado com hum nó no hombro, descalços, e davão com as cabeças por essas janellas. E vi hum osso de coxa de homem, em Guadalupe, com huma arcabuzada, e era de mais de tres palmos, e outro em Madrid, no conselho de Indias, deste tamanho, por onde seu dono seria de mais de doze ou treze. E Fernão Mendes Pinto[1] conta no seu livro da China, que navegando por certa derrota, em demanda da ilha onde se enterrão os Reis da China, em busca do ouro e prata com que se elles enterrão, lhes dissera hum china ladrão, que comsigo levava o Capitão Antonio de Faria por guia, se afastassem da terra no esteiro por onde ião, porque havia por ali gigantes, e que dentro no mar os assaltearião. Os quaes virão logo pola terra, e que hum que mais se achegou, com ser ainda moço, era quasi de doze palmos. E destes devem ser os cincoenta gigantes, que o Padre Mestre Belchior diz no livro das Cartas do Japão[2], que os Reis da China têem de sua guarda ordinaria. Posto que Lourenço Anania diz que são trezentos, donde quiçais naceria dizer-se em Orlando de aquelles gigantes, que apparecerão hum dia em palacio na sala de Carlos Magno, em companhia de Angelica e Argalia, guiados por Dom Roldam, desde o Catay, que he a mesma China.

Porém tudo isso não repunha ao que digo, que sempre as idades e corpos forão os mesmos, porque assi como em todos os generos de cousas ha especies differentes; a saber: de cavallos, ginetes, rocins, quartãos facas. E de cães, libreos, galgos, podengos, rafeiros, e em tudo o mais, té nas plantas e fructas. O mesmo será nos homens, como esses gigantes, brancos, negros, vermelhos, pardos e outras feições, té pigmeos ou pyneos, que se tem por certo que os ha, de quatro e cinco palmos, mais ou menos de alto. E isto mesmo foi sempre, ou

[1] Livro de Fernão Mendes Pinto.

[2] O Padre Mestre Belchior. An. lib. fab. fol. 263. — Orlando cant.

por natureza e casta, ou acaso levantando-se algum, ou alguns, como espigas n'um agro de pão, ou serem enanos.

Pelo que não sendo estas estaturas destas sepulturas, assi grandes acaso, pois disso se não fez caso nas historias desses Reis, nem podendo ser esse caso logo no Rei e Rainha juntamente, nem sendo a nossa especie de gente de Hespanha dessa grandeza de estaturas, poderemos cuidar, que os quizerão insculpir assi grandes, por dar autoridade a esses corpos, assi como a tiverão na magestade vivendo, ou para proporção da grandeza dessas sepulturas que lhes fabricárão, o que nestas se vio bem, porque sendo abertas no anno de 1623, para se levantarem onde agora estão, medio o Conego Manoel de Andrade o corpo desse Rei por ante mim, o qual inda estava com o rosto quasi inteiro, com sua barba branca, e tinha sete palmos e meio, e pouco mais de comprido.

E vemos as portas e janellas dessas torres antiquissímas, e da que no castello de Lisboa dizem fundou Ulysses, e são como as de agora, e ainda mais pequenas, e sabemos que nesses primeiros mundos a que alcança a memoria, como a guerra de Troya e outras antes della, houve peleijar a cavallo, e se os homens fossem assi grandes mal poderião andar nelles, senão se quereis que tambem os cavallos e mais animaes, e prantas, e fructas fossem tambem grandes, e viessem comtudo em diminuição, o que não he de cuidar.

E sobre tudo a mais forte rezão de todas he a figura de Christo Nosso Senhor, que vemos do seu tamanho nos santos sudarios ser da estatura commua dos homens; o qual diz Publio Lentulo, Governador que era de Hierusalem antes de Pilatos, n'uma carta que escreveo ao Senado Romano, em cujo nome governava aquella provincia da Palestina, no tempo que Christo nella prégava; a saber: Nestes tempos appareceo hum homem de grande virtude, que vive aqui entre nosoutros hoje em dia, cujo nome he Christo Jesu, chamando-lhe as gentes Propheta da verdade. Os seus discipulos lhe chamão Filho de Deos. Resucita mortos, e sára todas as enfermidades. He hum homem bem desposto, e de bom corpo, alto, inda que não muito demasiado, e agradavel a quem o olha. Tem o rosto veneravel, e tal que quem põe os olhos nelle o provoca a temor, e reverencia com amor. Tem o cabello de côr de avelãa madura, chão e mui igual té chegar ás orelhas, e dahi pera baixo crespo, roxo e alguma cousa mais claro e resplandecente que o de riba, cahido sobre os hombros e partido pelo meio, como he costume dos Nazareos. A fronte chãa, e mui serena. Todo o rosto sem ruga, nem tacha alguma, afermoseado com huma côr viva e aceza. Na

boca e nariz não ha cousa que reprender. A barba he mui povoada, e muito branda, da mesma côr do cabello, fendida pelo meio, e não muito comprida. O seu olhar he repousado e honesto, os olhos azuis e resplandecentes. He aspero no reprender, e no aconselhar brando e amoroso. No rosto representa alegria com gravidade, ninguem o vio rir, chorar si. Tem todos os membros proporcionados com a estatura, as mãos compridas e muito direitas, os braços agradaveis á vista. Fala pouco, e com muita gravidade e mesura. E pelo dizer em huma palavra, he formoso sobre todos os filhos dos homens[1]. Esta, diz Eutropio, foi a carta segundo dizem muitos autores.

Logo, se aquella estatura, que vemos nos santos sudarios se havia então por maior que a ordinaria, isso mesmo vemos hoje. E como elle quiz por amor dos mesmos homens fazer-se perfeitissimamente homem, fica claro, tomaria a estatura mais perfeita e commua do homem, e a que elle quiz dar-lhe pera em commum quando o criou.

E vemos nesta mesma Sé, e em S. Mamede, e em Santa Marinha, e havia muitas na igreja antigua de S. Vicente sepulturas em arcas de pedra dos que ali se enterrarão no cerco e tomada de Lisboa, e em mil outras partes de Portugal e Hespanha, e fóra della muito mais antigas, e que devião ser feitas pola medida de seus donos, e nenhuma comtudo he senão da medida ordinaria dos homens que hoje vivem. E em S. Bernardo de Lisboa se achou em hum olival muito debaixo do chão, no anno de 1624, huma pedra, sepultura cuberta e batumada com chumbo e ferro, tudo gastado, que parece de mais de tres mil annos, e ser de gentio, ovada nos cabos do comprimento, e não tem mais de oito palmos de vão, e diz Pero Martyr milanez, n'uma carta aos Reis Catholicos, que dentro d'hum piramide do Egypto, de cuja antiguidade não ha memoria, estão arcas de sepulturas de sete pés de comprido, logo, etc. Segundo tambem refere Jeronymo Ruscelli[2].

E bem sei que ha sobre isto grandes debates entre Philosophos antigos e modernos. Porque Ptolomeo, com outros que refere o conciliador, affirmão que desde o primeiro principio a virtude dos aspectos e astros celestes, com mais perfeito modo fazião sua impressão por suas meias causas nos corpos inferiores, pola grande correspondencia que entre si tinhão. E que agora, por não haver tanta consonancia, nem tal respondencia, a natureza humana, com outras muitas cousas inferiores, era mais fraca, mais debil, e mais enferma.

Porém, que tornando aquella primeira disposição dos astros aos

[1] Eutropio.
[2] Jeron. Rus.

mesmos pontos que no principio, o qual circulo se fazia em espaço de nove mil annos (segundo o mesmo Ptolomeo) a natureza humana cobraria sua antiga força e vigor, e que estas opposições e transmutações, segundo os Peripateticos (nisso enganando-se), havião precedido infinitas vezes, o que he falso, porque diz Santo Agostinho, que he muito falsa esta tal doutrina de imaginar estes circulos [1].

Dizem tambem, que a causa astrologica desta mudança era dos planetas, e maiormente das conjunções de Saturno, e Jupiter, no principio do signo de Aries, o qual acontecia no fim de novecentos e sessenta annos. E que então, segundo o ascendente da conjunção, e seu dominio, e segundo o lugar da conjunção, e tambem segundo as fortunas ou infortunas que olhão o lugar do ascendente, e da conjunção, não sómente se variava a natureza humana em fortaleza ou fraqueza, ou longa ou breve vida: mas que tambem todo este mundo inferior padecia grandissimas mudanças, e transmutações, de tal sorte que não sómente os Reinos se alteravão, mas tambem se levantavão novas leis, e novos Prophetas, como aconteceo na vinda de Nabucodonosor, de Moysés, de Alexandre Magno e de Mafamede. Tambem dizem, que a causa astronomica era dos mesmos planetas, segundo a elles se lhes deve certo regimento commum no mundo, principalmente pola intelligencia e virtude que cada hum delles traz comsigo, como o affirma Averroes, e o regimento, e monarquia de cada hum destes, he de trezentos cincoenta e quatro annos e quatro mezes lunares, á semelhança do anno lunar, que contém trezentos cincoenta e quatro dias, e onze trigessimas [2]. E segundo isto foi achado que, governando o mundo o planeta Marte, aconteceo o diluvio pola conjunção dos planetas em signo de Piscis. E no ducado e regimento da Lua forão as linguas divididas, foi destruida Sodoma e Gomorra, e aconteceo o transito dos filhos de Israel no Egypto, como o mostra o dito conciliador, doctissimo medico, e philosopho.

Item, que tambem outras causas philosophicas desta alteração e transmutação da natureza, como he a permixtão, e corrupção dos elementos, ou pelo diluvio de fogo (como se diz no Timeo) [3] ou pelo diluvio de agua, ou por outras transmutações nocivas e pestiferas, que fazem continua impressão nos corpos subjectos, como o diz Hipochrates, e conforme a isto diz Albumazar, que o Santo Propheta Noé fugio á corrupção e frialdade do ar dos montes de Armenia, deixando nel-

[1] Agost. Cid. de Deos, lib. 10, c. 13.
[2] Averroes in Tract. de subst.
[3] Tim.

les a arca, e se foi a Chaldea, buscando o ar quente onde a natureza se fortificou. Outros dizem, que por outra causa philosophica; a saber: pelo máo uso de seis cousas, que os medicos chamão non naturaes, porque he já tanta a cobiça dos homens destes tempos, a avareza, a gula, a luxuria, que têem feito mudança na mesma natureza: em tanto, que tendo dito Hipochrates, que nos meninos, nem nos eunuchos, não havia este mal de gota, achou Galeno o contrario. E fora mui verdadeira a sentença de Hipochrates, se os homens viverão como era rezão.

Porém, a estas causas se ajunta outra não menor desta transmutação da parte, do modo da geração differente do que havia nos tempos antigos, do de agora: porque antigamente, não se ajuntavão pera a geração o marido com a mulher, se não em idade mui perfeita, e com forças e membros fortes pera o tal ministerio, conforme ao qual, quer Aristoteles[1], que o varão seja de trinta e cinco annos, e a mulher de vinte e oito, e pola mesma rezão disse o mesmo Aristoteles, que era muito contra a ordem da natureza conhecer o homem outra mulher mais que a sua, porque disso se seguia muito damno e muita fraqueza na prole, e filhos que se engendrão, o que vemos mui ao revez nestes nossos tempos, que antes do devido augmento dos corpos do homem e molher, e quando o nutrimento se havia de converter em augmento e fortaleza desse homem, se converte agora em humido espermatico que mal serve á geração. E não sómente ha este inconveniente, que he gravissimo, mas alem disso se ajuntão homem e molher cheios de comida, e bebida, do que se segue mui fraca a geração, como o affirma Aristoteles[2].

Por onde parece, que para utilidade da prole e filhos, devia ser ajuntamento lá polas madrugadas e manhãs feito já o cozimento, e melhor disposta a materia da semente, ao menos a produzir macho, inda que parece seria menos nocivo ao varão no tempo do meio cozimento do comer no estomago, porque então está o calor em sua maior e mais forte disposição, inda que isto não he documento forçado, porque Fernão de Andrada, primo irmão de meu pai, teve de huma só molher, com quem foi casado, vinte e quatro filhos, e bastardos outros dezaseis, e viveo cento e trinta e um annos, e minha tia Isabel de Andrada vinte e dois filhos, e em Alvalade de Lisboa vivem tres homens; a saber: Dom Alvaro da Silveira, Ruy Figueira de Almada, e hum hortelão, que entre todos tem sessenta filhos.

Porém, todas estas rezões destes philosophos não me convencem,

[1] Aristoteles, Polit. 4.
[2] Aristoteles, Polit. 3.

nem apartão de cuidar, que as idades e estaturas dos homens sempre forão as mesmas, porque o que disse Ptolomeo, e outros com elle, o disserão ha muitos mil annos, e comtudo depois delles não vimos essas mudanças, nem o mundo he da idade que elles cuidarão, senão da que diz na Escritura Sagrada. E quanto ás outras rezões philosophicas, claro está, que ainda hoje sè podem verificar em nossos tempos, nos que viverem conforme a estas mesmas rezões, e outras, e ainda melhor. Porque deixando a parte os divinos milagres dos que viverão por permissão divina aquellas largas idades. Sabemos que o calor natural, que todos os animaes trazem desde seus principios de sua geração que os governa, e sustenta, e lhes dá a vida, tem agora o mêsmo vigor, a mesma natureza e virtude que teve desde o principio do mundo. E que da mesma maneira póde alargar e corroborar a vida, que quando aquelles fortissimos homens, Hector, Achilles, Hercules, e Milão, e que se agora os homens guardassem a ordem devida á sua saude, e trouxessem mais concerto e recato do que trazem em sua vida, achariamos por verdade, que nestes tempos como nos passados, podia haver, como ha, homens tão fortes, e tão robustos, e de tão larga vida, como os vemos. E quanto a forças, não ha muitos annos, havia hum homem em Castella a velha, Alonso Peres, que detinha hum cavallo na carreira, peito com peito, por mais esporeado que fosse do que vinha em cima. E eu vi em Madrid hum Dom Jeronymo de Ayance Biscaynho, que fazia com os dedos os abanos nas bordas de hum prato de prata, como em manteo de camisa. E aqui vimos muitos, que quebravão com as mãos huma ferradura, por grossa que fosse, e duas juntas, e milhares de cousas outras cada dia, em demonstração de taes forças que admirão. Logo, etc.

DIALOGO TERCEIRO

Contão-se as muitas, e quasi milagrosas mercês, que Nossa Senhora da Luz fez ao autor, no discurso da sua vida. E como estando ajudando á missa sendo menino, vio a Christo Nosso Senhor no passo de lhe acabarem de dar os açoutes, e muitos perigos de que Nosso Senhor o livrou.

GALACIO. — DEVOTO.

Galacio. Muito nos divertimos com a passagem desta barca, e ainda que o que nella, e depois té esta fonte da Talha tratamos, não fosse tempo mal gastado: com tudo, agora que já nos refrescamos com esta agoa, que não he má (com nacer tão perto deste brejo), me fazei mercê em proseguimento do caminho, que levamos, proseguir o contar-me de vossas cousas em particular; que pois são mercês, que dizeis, Nossa Senhora vos tem feito, que melhor empregado tempo? e mais pois vamos a seu serviço.

Devoto. Ja vos disse, como me criara nesta santa casa de Nossa Senhora da Luz, e como aqui aprendera as primeiras letras do A. B. C. e latim, e os mestres, que tivera. Sabei pois, que ao Padre Frei Antonio de Ourem, que tenho estará no ceo, porque era hum santo, devotissimo, honestissimo, e religioso muito, e muito escrupuloso, fiz a primeira confissão de siso, e seria eu de nove pera dez annos, e esteve comigo, mais de huma hora, desde o sahir do coro, té os padres acabarem de jantar, que zombavão de seus escrupulos; e que queria dizer, com hum menino sem capacidade, tanto tempo?.. E o santo estava-me metendo no caminho da salvação (e lá o terá achado de Deos) com taes palavras e rezões, que inda agora me estão lembrando, se eu me soubesse aproveitar dellas. E entre outras cousas me disse, me entregasse a Nossa Senhora, tomando-a por padroeira, e defensora, e lhe pedisse com muita confiança, e de verdade, me aceitasse em sua defensão, o que eu fiz ajudando-lhe a elle á missa, e outras vezes depois. E se esta Senhora teve bom cuidado de mim, no que vos contar o vereis, e se tem dado boa conta de mim. E eu lhe peço, que ao menos, por tantas mercês suas não ficarem em mim debalde, que á honra desse mesmo Senhor, que por mim tanto padeceo seu Filho, não attentando tantos milhares de peccados, com que a sua divina magestade, e a ella como Mãi sua tenho offendido, que pois se chama advogada de peccadores, e em mim cabe tanto esse nome, pois o sou tanto: não me engeite, nem largue de sua protecção, e emparo, té me apresentar diante a divina magestade em salvo. E livre de tantos ini-

migos, como sempre fez, lembrando-se, que essa sua maior honra que tem, quê he ser mãi de Deos, a mim a deve, e a outros taes como eu: pois por nosso respeito, e da geração humana a tomou Deos por mãi dando-lhe essa honra nisso.

Parece que contei eu a este santo que digo Frei Antonio de Ourem: como vindo huma noite, seria polas nove, ou dez horas, com outro meu irmão menor, sendo ambos meninos, que se chamava Lourenço de Andrada, que depois se perdeo indo pera a India, na costa do Brazil na náo Santa Clara, que ali se perdeo (capitão Luis d'Alter d'Andrada nosso parente, com cuja irmãa, Brites d'Andrada, eu casei depois); vinhamos como digo, de hum ribeiro, que se chama Valbom, distante desta villa cousa de quatro carreiras de cavallo, e fazia escuro; eis que ouvimos uma folia de tambor, e pandeiros, pera a parte de alem do ribeiro, que parecia toar de longe, como meio quarto de legoa, pouco mais, ou menos. Lembra-me, como o que hoje fiz, que tão claro ouvimos isto, como se estiveramos muito perto. E eu realmente, cuidando seria alguma festa de gente que passava. Mas o meu irmão: corramos, mano, que aquillo he folia dos diabos, e deitamos a correr, e como meninos, não fizemos disso caso, mas muitas vezes depois cuidei, e cuido nisso, porque me lembra ser dia de trabalho, e nunca ali naquella terra houve folia, e pera a parte onde a ouviamos he despovoado. E quiçais, por isto me aconselharia este santo, me entregasse a Nossa Senhora, como entreguei, e de novo torno a entregar, alma, e corpo, e tudo o que tiver nome de meu, com todo meu coração.

Por estes meus primeiros annos, estando hum dia á missa, e não sei se ajudava eu a ella, na capella mór da igreja matriz desta villa, da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, levantando o padre a hostia sagrada, vi por detraz, e entre ella, e hum pano de veludo preto, que ali costuma estar diante do sacrario, que he de pedra branca, e assi o retabolo todo com as molduras, e guarnições douradas, pera melhor se poder ver de longe a santissima hostia, por ser a igreja grande; vi, como digo, huma figura de hum homem nu com os panetes que vemos ter a figura de Christo Nosso Senhor, abaixando-se a tomar a tunica, postas ambas as mãos no chão pegadas na santa tunica como que a queria vestir: e não me lembra, se lhe vi sangue nos vergões que lhe via, mas a carne macilenta, como pisada. E certo, que vi depois esta mesma figura, e passo, pintado desta maneira n'alguns retabolos. E sempre tive particular devação a este passo, por me parecer o maior extremo de paciencia, mansidão, e humildade, que se

pode imaginar, e não faço nisto digressões, por não ser da minha profissão, nem talento. Logo começou a Senhora, antevendo os perigos em que me havia de ver pelo discurso de minha vida, a mostrar que me tomava em sua protecção, livrando-me delles, sem a qual parece impossivel poder escapar de tantos. Por que indo eu hum dia nadar com outros meninos, a huma ribeira, que chamão Escoallos, n'um pego, que chamão do Godinho, e não sabendo ainda nadar, de inveja dos outros dava alguns mergulhos, e contente de me ver sahir com isso, quiz dar outro maior. E pondo-me n'um penedo, me deitei de cabeça, como fazião os nadadores, mas errando o lanço, dei com a cabeça n'uma pedra, que a abri, ficando na agoa atordoado, e com tudo, sahindo fóra, nos fomos, e sarei facilmente, do que parecia haver de morrer. Porém, me ficou este sinal que vedes no cimo da cabeça, porque os outros, alcancei eu na batalha del-Rei Dom Sebastião, do qual sinal podereis entender qual seria a ferida.

Havia neste Convento de Nossa Senhora da Luz, hum criado que servia de cozinheiro, que se chamava Antonio das Regadas, por ser natural desse casal das Regadas, o qual depois de servir a casa muitos annos, veio a ser frade leigo: porém áquelle modo que se conta de Frei Pedro, que foi santo da ordem, assi contumaz na virtude, e observancia da regra. Este pois, em moço era muito mais contumaz, e como aloucado, e porque tinha um olho vesgo, lhe chamavamos Miracego, cousa com que elle desatinava, e se metia em furia, como um touro. Aconteceo, que estando elle lavando os pratos fóra da cozinha, fomos eu e outro meu primo Gaspar de Andrada (que tambem no convento aprendia comigo) dar com elle, e achando-o assi occupado, lhe fechamos a porta, e fizemos a festa de Miracego aosadas, com o que se meteo em tal furia, que remeteo á porta com um espeto na mão, e não a podendo abrir, porque estavamos nella encostados: mas vendo hum furo, que ficou d'algum torno, meteo por elle o espeto com toda a furia, e me passou pola ilharga ao longo da carne, sem me fazer damno algum.

Tinha meu pai hum potro da serra de Minde, que naquelle tempo era muito estimado, no qual hum dia cavalguei em osso, escondidamente: andando n'um serrado, e em sahindo delle, vendo humas mullas, se lançou a correr pera ellas, sem eu o poder ter, por hum olival, e passando por huma pernada d'uma oliveira baixa, com a furia de correr, me toma a pernada polos peitos, deitando-me por detraz das ancas, com as costas sobre um penedo. E onde todos os que me virão, cuidarão ficava morto, me levantei sem perigo, mais que não me poder

levantar, nem assentar, mais de seis mezes, té que passou a dor: sem nunca ousar dizer disso palavra com medo de meu pai.

Indo eu com outros meninos a hum pomar d'um cavalleiro nobre, Diogo Mexia, e com hum filho seu chamado Paulo, escondidos de seu pai, nos subimos ambos n'uma parede, onde parecendo-nos sermos vistos, saltamos depressa para dentro: coube-me o meu salto, haver de salvar umas rozeiras, que estavão ao longo da parede, sustentadas com forquilhas. E parece, não podendo salval-as, meto huma forquilha pola perna esquerda, por cima do artelho, da banda de fóra acima, té chegar á reigada da forquilha, onde ella se quebrou com o peso, ficando-me todo o páo dentro da perna, onde tenho huma grande costura, porque foi escalada. E desconfiando-se da vida, ou aleijão, sarei muito bem.

Indo com outro estudantinho maior que eu, Manuel da Cunha, huma tarde de muita calma, polo ribeiro da fonte da Mogueira abaixo, ao longo das hortas, té hum pomar de Manuel Nunes, que se andava tapando de parede n'outros dias; e estava muito fresco, com muita erva: eis que damos de subito com uma cobra, ou serpente que jazia toda direita sobre a erva, e sem se bulir, nem fazer caso de nós, e o outro estudante, que a vio primeiro, tornou fugindo para traz, e pegando-se a mim, com ser muito maior. Levava elle na mão hum pedaço de hastea de dardo, e eu por não entender o perigo, ou por temerario, porque a cobra seria como de duas varas, ou quasi, e grossa como hum braço de homem, pego-lhe no pedaço de hastea, e vou-me á cobra, e quiz Nossa Senhora, que lhe acertei no meio huma pancada (logar que as decepa); a qual embravecida, salta pera o ar mais de huma vara, como embrulhada, e logo sem me bulir dali, lhe dei outra, e outras, com que a matei, e chamando o estudante, a trouxemos nos hombros no mesmo páo, que chegava a cabeça e rabo ao chão, e a penduramos n'uma oliveira, onde a gente a ia ver, benzendo-se da minha ignorancia do perigo, porque facilmente me pudera matar. E logo disserão muitos, como muitas vezes se via ali esta cobra, e que era o macho d'outra, que matara havia poucos dias um negro muito mais grossa.

Querendo vir de Coimbra depois de já grandinho, estudante, me puz na cinta uma espada, e brincando com outros se me cahio da bainha, e ficou com os cabos no chão, e a ponta pera mim, sem eu attentar, indo fugindo, o que vendo hum dos outros, Sebastião Coelho, que ora he Contador do mestrado de Christo, e cavalleiro dessa ordem, pegou em mim depressa, porém a tempo, que já parecia não poder-se

evitar o damno, sem milagre e protecção da minha Senhora da Luz; e escapei.

Como tambem outra vez, que da mesma maneira, andando brincando com certos estudantes, que indo após mi, que lhe fugia por certa travessura, e indo para decer a escada, se me pegou a sola da bota na cabeça de um prego, que estava escarnado da taboa velha, e carunchosa, e como ia correndo, e o pé ficava preso, dei comigo pela escada abaixo, que era muito alta, e fazia uma volta no meio, em huma parede da volta com a cabeça, que a faria em pedaços, se me não valera esta Senhora, dando-me acordo de acodir com as mãos diante, que chegarão primeiro á parede que a cabeça, por onde não recebeo damno, mais que ficarem as mãos escalavradas, que esbarrarão pola parede, de que logo sarei.

Aconteceo-me uma noite, por certa occasião da justiça ou injustiça, ir por cima de huma parede alta, e de pedra e barro, a qual estava humedecida com a chuva, e cahio comigo, e fiquei metido entre as pedras sem lesão alguma.

Estando em Lisboa, nas casas do Conde da Vidigueira, para lhe falar, esperando levantar-se, acertei de querer ver o seu jardim, por estar a porta aberta, e chegando a ella parei olhando. E eis que dece de cima dos telhados, que se concertavão, huma cantidade de pedras grandes, que deitarão de cima n'um cesto, e cahirão ao longo de mim, quasi tocando-me no vestido, que a não estar emparado com o lumiar da porta, ou quatro dedos mais fóra della, me rachara osmiolos.

Estando ouvindo missa, n'um dia de calma em S. Francisco de Lisboa, a porta que da igreja vai pera a crasta, que estava aberta, por receber ali alguma viração, e tendo a mão pegada na porta em que bate o postigo (o qual he ferrado) elle se cerrou com impeto, por vir hum vento, que nelle deo: e sem eu sentir o movimento do postigo, por estar com o tento na missa. E quiz Nossa Senhora que ao fechar, achasse o postigo em baixo huma pedrinha como uma noz, e a foi levando, e o não deixou ajuntar, senão feita em pedacinhos, pola força do postigo: por onde quando a senti na mão, foi tão levemente, que não recebi damno, ouvindo primeiro o quebrar da pedrinha, a qual se o postigo a não achara pera oppor ao damno, me espedaçara a mão, e matara, segundo ma tomava pelo meio.

Vindo eu de levar uma minha irmãa pera freira, ao mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, que se chamava Marqueza de Andrada, que quizerão as freiras entrasse com muitos atavios, e peças d'ouro, de collares, cadeias e joias, que se pedirão para isso emprestadas.

E indo eu do Pedrogão para Coimbra com estas joias n'uma bariuleta no arção da sella, n'um cavallo grande e corpulento, quiz fazer o caminho por Figueiró dos Vinhos, pera dar ali parte destas joias a huma sobrinha, que ali tinha freira: e passando por uma ponte de páo, huma ribeira, que se chama Nodel, a qual ia muito crecida, por haver hum mez que chovia, e tendo passado diante hum homem que levava comigo, o Patinho d'alcunha, indo eu no meio da ponte, querendo-me desviar d'um buraco d'um nó d'uma taboa pera huma banda, parece devião estar podres as pontas das traves, a ponte com o peso, desapegou e virou comigo, com as travessas e pregos sobre mim, que tudo foi comigo ao fundo. E não dou acordo de mim de nada neste breve successo, nem para chamar por Deos (pelo que he bom andar sempre aparelhado: *Quia nescitis diem neque horam).* Nem mais que ver-me debaixo da agoa, e pegar-me com as mãos no fundo, no que achei té a borda, e vir sahindo-me fóra todo feito agoa, e o cavallo da outra banda assoprando, e dando roncos, sem perder a bariuleta do arção, pelo pezo della de mais de dous mil cruzados de ouro. E o meu homem da outra banda donde eu sahi, com o queixo debaixo cahido de pasmado sem se mover: e porque o capote, e chapeo que eu levava, ião pola ribeira abaixo, lhe fui acodir, e tudo tirei sem lesão alguma. E esta ponte se fez depois de pedra o anno 1622: e de alguns pastores, e pessoas que isto virão, correo logo a fama, que quando cheguei ao mosteiro, me fizerão as madres ir primeiro á igreja dar graças a Deos onde ellas lhas derão, cantando o *Te Deum laudamus* por esta mercê.

Esquecia-me, que sobre a ferida que vos disse fiz na cabeça no mergulho, estando ainda com ella aberta, se fez uma festa nesta villa, em que houve touros. E hum mancebo Casqueluzio, que andava homisiado, ordenou hum palanque no meio do corro, que ficava á metade delle, no que he adro sagrado, e o fez sobre quatro vergueiros de castanheiros novos com sua rama, metidos no chão, que ficavão por cima do taboado fazendo sombra, onde o homisiado se assentou fóra do que era sagrado, n'uma cadeira, á vista das justiças e corregedor que ali estava, e aqui me subio o homisiado onde eu me havia por assás contente. E eis que sáe um touro bravissimo, que cego com a primeira furia e carreira, dá com os cornos n'um dos vergueiros, que sustentavão o palanque, e o quebrou pelo meio cerceo, vindo logo toda a maquina ao chão sobre o touro, e eu embrulhado em tudo, banhado em sangue da ferida da cabeça, nem sei agora o que foi dos outros, nem de mim, mais que quasi com o touro me vim a humas portas, onde meu pai já

vinha com a espada nua pera o touro, que quiz Nossa Senhora, passasse pera outra parte.

Querendo meter-me na fugida que fiz de Fez, onde estive cativo (de que outro dia vos contarei) prometi a Nossa Senhora da Guia, de ir em romaria a sua casa, se ella me guiasse, o que ella fez, e me trouxe a salvamento. E porém, eu como ingrato, deixei passar muitos annos, sem a cumprir, 'té que hum dia, envergonhando-me de mim mesmo, me determinei cumpril-a, e pondo-me pera isso a cavallo, que mandei sellar á bastarda por andar a gineta pola cidade de Lisboa. E por a bastarda estar larga, e o cavallo ter no lombo uma matadura, lhe assentou nella com o pezo a sella, com o que o cavallo se confrangeo muito, e ao sahir da porta da rua, onde a pedra do lumiar era lisa e larga, resbalou nella o cavallo, e virou sobre mim ao longo da umbreira, e eu com os pés nos estribos, e huma perna debaixo do cavallo, o qual sendo novo e furioso, e boquiardente, comtudo se deixou estar sem bulir comsigo, té que tirando eu os pés dos estribos, e de debaixo delle a perna lhe pude fincar os pés na ilharga, com o que arrancou com uma furia terrivel que não havia tomal-o, e toda a rua, que isto vio, ficou maravilhada quando me virão em pé sem lesão alguma, tendo isto por milagre. E apezar do diabo, não deixei de fazer minha romaria.

Como outra que o diabo pretendeo tolher-ma, indo a Nossa Senhora da Ameixoeira n'um cavallo castanho, que se me vendeo, o qual foi de Pedro Affonso, e do que se fingio por sua ordem na Ericeira Rei Sebastião, sendo um conteiro, por nome Matheus Alvares, os quaes ambos forão por isso justiçados: e indo eu já perto da casa de Nossa Senhora n'uma charneca, como a palma da mão, sem pedra, nem lama, e caminho muito limpo, se pegou a ferradura da mão do cavallo ferrada á italiana n'uma raiz, ou reigota de hum tojo, com o que o cavallo se embaraçou, e cahio comigo sobre a parte esquerda, sobre a minha perna esquerda, e quiz Nossa Senhora ficasse o estribo levantado assi como ia, que sustentou o pezo do cavallo, o qual esteve muito quedo, té eu tirar o pé, que se levantou como um raio; por onde e outras conjecturas, vim a presumir, que os cavallos tem algum mais instincto, e conhecimento que os outros animaes.

E morando junto da Sé de Lisboa, se me empinou hum cavallo ao cavalgar na rua, e virou sobre mim, e me levantei de debaixo, sem receber damno; cuidando o Chantre Paulo Bezerra e o Conego Diogo Homem (que isto virão) que ficava muito mal. E da mesma maneira outra vez detraz de Santo Antonio.

Vindo de Obidos pera a minha quinta junto de Villa-nova, termo de Alemquer, n'um cavallo murzelo, quiz fazer o caminho pelo campo, e metendo-me a passar um paul, o qual estava cheio de agoa, e em se vendo nelle o cavallo, com a agoa quasi pola barriga, se deixou cahir de ilharga na agoa (e he isto proprio dos murzelos, e mui ordinario), ficando eu todo debaixo da agoa, com huma perna debaixo do cavallo, e eu fazendo força por levantar della a cabeça, e bebendo muito agoa té acabar de me desembaraçar dos estribos, e tudo com perigo notavel de me affogar, por estar muito embaraçado com fato, e hum gibão de ilhoz vestido, tão duro, que me não deixava revolver, té que milagrosamente escapei.

Achando-me em Madrid, com grande dor de hum dente, me entrei na calhe de Toledo, na tenda de um barbeiro acossado da dor, para o tirar, o qual me levou a huma casa em cima sob color de mais honesto lugar, ou decente, e acertando ver-me entrar, hum amigo portuguez, Affonso Gomez Paes, se veio á dita tenda, pera d'ali nos acompanharmos ambos, e perguntando por mim, esperou em baixo que eu decesse. E vindo a este reino, soube depois como o dito barbeiro costumava levar os homens de fóra acima, onde aos que lhe parecia, dava com uma tranca por detraz na cabeça, e os matava e roubava, e dava o corpo a hum pasteleiro, que delle fazia muito excellentes pasteis, e ambos tinhão enricado muito com este trato, que descobrindo-se como por milagre, os justiçarão todos os de huma e outra casa, e tenho por sem duvida, que se Nossa Senhora me não fizera mercê, mandar ali aquelle amigo, para estorvo do insulto, me houvera de acontecer o mesmo de me porem em pastel, e certo, segundo me lembra, a casa parecia apparelhada para isto. Que se Deos não guardar a cidade, não ha escapar a tantos perigos, como de continuo nos cercam e rodeão.

No tempo que o Senhor Dom Antonio se levantou Rei, me achei com elle em Lisboa, por não pôder escusar servil-o, sendo fidalgo de sua casa. Porém, vendo entregar-se a fortaleza de S. Gião a Sua Magestade, me pareceo ir-me pera o dito senhor, e indo já na Gollegãa, a meu parecer fóra já de perigo da pena de morte, a todos os que se fossem de Lisboa, a qual executava cruelmente Manuel da Silva, fronteiro mór de Santarem: ali me prenderão as justiças daquella villa, pola dita ida, e dar nova ser entregue S. Gião. Os quaes mandarão logo recado ao dito Manoel da Silva, para me mandarem assi prezo a elle, para fazer justiça de mim, e eu com a inquietação que podeis cuidar, e tendo tanto recado em mim, que de noite dormia o alcaide, carcereiro

ferrado em mim. Porém, fingindo eu accidente de camaras, huma tarde me entrava e sahia dentro n'uma casa escura, onde ao longo do chão, fui com um prego escarnando a parede, pondo diante um cesto velho, a qual parede estava muito humida ao longo do chão, e indo e vindo muitas vezes, fui tirando as pedras, té o outro dia á noite, que pude escapar-me, deixando todos os que ali estavão jogando com o alcaide. E de tudo ha autos, dos quaes por força me derão depois o treslado pera meus requerimentos.

Vindo da minha quinta do Carregado pera Lisboa, n'um cavallo castanho grande, me adiantei da gente que trazia, porque fazia frio com chuva, e era tarde, e desejava chegar a minha casa cedo, e metendo-me na barca de Sacavem, com o cavallo, me puz em pé na borda da barca, por estar cheia de lama e agoa, encostado quasi no pescoço do cavallo: e nisto chegou outro cavallo que trazia um criado de Christovão Preto, corregedor de Lisboa, meu amigo, e não querendo o cavallo entrar de medroso, lhe tomei as redeas, e fiz que o fustigassem por detraz com o que saltando o cavallo, se veio ao meu, com medo, dando-me com a cabeça nos peitos, que deo comigo no mar, que por ser ali muito alcantilado, e havia então muito vento com chuveiros, e por isso grande corrente, e eu com sobre-botas, e polainas sobre ellas e vestido n'um tabardo, com o capello na cabeça, e hum farragoilo em cima, com espada nos talabartes, e esporas: vede agora que salvamento pudera ter, se Nossa Senhora me não puzera as mãos nas comas do cavallo, em que fiquei depindurado, com os pés no mar, e não dou fé do como isto fiz, segundo a brevidade do acontecimento.

Vindo de Madrid, em mulas de alquiler, me apartei da companhia, fazendo o caminho pelo Escurial, onde Sua Magestade estava, determinando alcançar a companhia a mais andar, e tomar pera isto parte da noite: e vindo ter ao Tejo, seria polas dez da noite, onde nelle se mete uma ribeira que se chama Alverche, me assaltarão tres ou quatro ladrões, e me rodearão pegados em mim, perguntando: «Quien es?» E quiz Nossa Senhora, que lhes soube responder em castelhano, que vinha do Escurial, com certas provisões de Sua Magestade muito importantes a seu serviço, e que nenhuma outra cousa levava; o que ouvindo-me, olharão huns para os outros suspensos hum pouco. E he tão temido o nome de Sua Magestade, e respeitado de gente de guerra, que me deixarão passar sem mais palavra, se não, «no diga a nadie que nos topo», o que tive por grande mercê de Nossa Senhora. E em Talavera soube serem certos soldados fugidos, que por ali andavão fazendo assaltos.

Indo de Lisboa, a huns casaes que tenho no termo de Obidos, que chamão Cotem, pelo mez de setembro, donde avendo de ir dormir a huma quinta de Gaspar de Seixas na Cornaga, d'ali duas legoas, e partindo ao sol posto, decendo do dito casal a hum rio que chamão Silir, e dos Romanos Siler[1], começarão a aparecer algumas nuvens, que se forão ajuntando, e deitando gotas de agua, e logo trovões, os quaes foram crecendo, e assi a chuva com muitos relampados, e de tal maneira se foi tudo multiplicando, que parecia se desfazia o mesmo ceo, e juntamente; (Jesu, nome de Jesu, que ainda me estão tremendo as carnes na memoria disto e do que passei) rebentou, e se desfez esse ar em coriscos e chover coriscos huns sobre outros, sem cessar ao redor de mim, que davão na terra tão bastos, como a mesma chuva. E levantavão hum fedor de enxofre horrendissimo, e porque todo este rio é muito plano, e de areia, com ficar entre outeiros muito apertado, nelles parece davão os coriscos, mas era tudo tão perto, que parecia cabião a menos de duas e tres varas de mim. E não havia onde nem pera onde me poder recolher, e fui passando com esta terribilidade da tormenta estas duas legoas, esperando cada momento o derradeiro ponto de minha vida, té chegar á dita quinta, onde ainda ao entrar, passou por diante de mim, cousa de vara e meia, hum fazendo arcos e chapeletas, que quasi deu no rosto do cavallo, e foi passando como cobra. E na dita quinta achei todos tremendo tambem de medo. E certo parece impossivel escapar sem milagre, e mercê de Nossa Senhora, que sempre mais fez em outros muitos acontecimentos de quédas e desastres, e outros perigos que deixo por não enfadar.

Parece-vos sr. Galacio, que tenho obrigações a esta Senhora, e razão de a servir?

Gal. Maravilhado cada vez mais vou, do que me ides contando, que parece, que todo o discurso de vossa vida foi hum continuo perigo.

Devot. Pois tudo isto he muito pouco em comparação do mais, que outro dia vos direi, em que esta Senhora teve assás em que exercitar sua curadoria, e tutella. E fora muita razão, que ao menos lhe pagasse em suas vintenas.

Gal. E por isso lhe ides agora fazer a sua festa?

Devot. Por isso não, e não porque eu lhe não deva por cada huma de tantas mercês differentes serviços, do que he huma festa, que não sei quanto aceita lhe será, e fora-lhe mais aceito ser eu o que ella quizera que eu fora. Mas por outras mercês muito maiores, e trances

[1] Titul.

de que me livrou, lhe prometti esta festa: como já lha fiz aqui outra que lhe prometi n'outro trance de captiveiro, de que algum dia vos direi. E agora baste-vos saber, que se houvesse de contar-vos tudo o passado, de casos arriscados de que esta Senhora me livrou, e tirou a salvo, e com honra, seria nunca acabar. E a jornada desta noite vai-se acabando, quanto mais, que algumas de proposito as deixara por serem alheias da tranquillidade do animo que pretendo e desejo tanto. Mas nas jornadas das noites seguintes vos direi algumas outras, pois agora já entramos em Santarem.

DIALOGO QUARTO

Dos costumes novos, e deverem melhorar-se as estalagens: e das grandes riquezas de Portugal, e muitas mercadorias, que de si lança: e gente, e quanto mais rico fora, se se dessem a crear sedas, e açafrão, pelo muito apparelho que pera isso tem: e aproveitar todas as terras. Com huma invectiva contra o vinho; mostra-se como sem elle haveria mais fartura, e menos peccar. E nossas armadas melhor providas.

GALACIO. — DEVOTO.

Galacio. Foi dita acertarmos tão boa pousada, qual esta; he grande e nova, e se deve sentir nella menos a grande calma que faz.

Devoto. Segundo são peçonhentas quasi todas as deste nosso Portugal, dita foi acertarmos esta, que parece não o ser tanto. E não sei como se nos não tem pegado nisso já o costume de outros reinos, como outros se tem introduzido, e vão introduzindo: e deve ser por ser bom, porque o máo he sempre mais apegadiço. Bella cousa será ver aquellas estalagens de Italia e França, que chamão hostarias, onde as casas são huns paços, a policia admiravel, a limpeza aprazivel, o serviço e recebimento do hospede, e gente de casa, o mais acariciativo que pode cuidar-se. Logo em chegando vos tomão com huma mão a redea, com outra o estribo; e eis que vos vem brindar com qualquer cousinha, ou doce, vos alimpão, lavão, e vos entregão huma ou mais casas, armadas de seda, e camas de brocado, cadeiras, e bofetes, e tudo recendendo em perfumes. Se quereis comer a pasto (que dizem) vos servem á mesa, que em si he magnifica, e limpa, e concertada, com toda a sorte de manjares, o faizão, a perdiz, o cabrito, e veado: capão ou gallinha, o pombinho, o carneiro, e outras cousas, e diversos vinhos, e fructas, e doces: e no cabo o finochio, que são humas cabeças de funcho, com sua semente confeitadas, pera esgaravatarem os dentes, e evitar as ventosidades do estomago. E tudo em hum jantar, por dois reales por pessoa. Se quereis damas ali as achais, inda que só para entretenimento, com musica, e outros jogos: e he isto tanto em geral, que em todas essas partes o achais, e muito mais do que vos posso dizer.

Em tanto, que quando alguns senhores querem banquetear outros, em huma hostaria lhes dão algumas vezes este banquete, por mais concertado, mais barato, e menos trabalho, até aos mesmos Reis de França, onde elles se deixão mais acariciar, e conversar dos senhores della, que em nenhuma outra parte do mundo.

No que se pode bem ver quaes pessoas, e quão ricos são os que lá usão este officio, que tenho por mais nobre, considerado bem, que todo outro officio mecanico, e ainda mercantil.

Gal. Boa doutrina é essa pera prégar nesta nossa terra, onde se teria por heretica em rasão do que nella se pratica e usa; pois vemos que além de a não usarem, senão pessoas, ou perdidas e quebradas, ou muito baixas, e de larga consciencia, só a fim de roubar, e esfolar os passageiros. E he isto tanto assi, que com não achares se não huma casa muito pequena, muito suja, e tudo della misturado, almocreves, albardas, azeites, e disto assi, e huma cama com mil piolhos e pulgas, e as bostellas pegadas de vinte, que n'ella terão dormido. Vos aparece o hospede muito encadarroado, «pera onde caminha v. m?.. eu sei bem este caminho,» e logo vos acode, que elle não era pera este trato, porque he de tal geração, e tem hum primo vigario em tal parte, e seus parentes são da governança, e que seus peccados o trouxerão a isto. E tanto, que não ha podel-o soffrer. E té n'um porto de Mugem, no Pereiro, e Venda da Cuja e outras, que todas o são, onde não achais senão humas esteiras de atabua cobertas de piolhos, e mais moidas que sal, vos vem logo com esta arenga.

Dev. Eu não me vou pelo que ordinariamente passa neste reino, e essa he a minha queixa, senão tomando a cousa em realidade considerada, como vos disse. Porque, se as artes e officios se estimão mais, ou menos nobres segundo o objecto, e materia que tratão: saibamos? agasalhar, não he cousa virtuosa e nobre?

Gal. Sim por certo.

Dev. Logo o de agasalhados, se podia dizer officio nobre?

Gal. Assi parece, se não andasse junto o interesse, por cujo respeito se faz.

Dev. O premio não diminue na essencia da cousa: que tambem o capitão, que he officio nobilissimo, tem seu premio, e o soldado, e todos os officios, e cargos, ainda os da casa do Rei, por mais nobres que sejam: porque digno he o mercenario de seu premio, ou paga, se diz nas letras sagradas. E quanto a ser acto virtuoso, como já concedestes. Claro está, que pode muito bem exercitar-se este officio com muita caridade, e achar-se nelle muito que merecer com Deos, como os que se metem na irmandade da Misericordia, para melhor poder exercitar-se em obras de misericordia, e tudo acharia hum bom estalajadeiro com muita facilidade em sua propria casa.

Gal. Assi parece; por onde o que usa mal do officio, será digno de maior condemnação. E não sei como já não sabem alguns gulosos á praça, ou curiosos amigos de novidades, com esse bom costume que dizeis de Italia, e França, pois vemos a facilidade com que temos recebido outros de menos importancia.

Dev. Por isso mesmo, porque o bom he de mais importancia; ou quiçais por a terra ser mais pobre, e de menos trafegos de caminhos, porque nem em Castella, posto é isto já quasi á imitação de Italia, na gente, e limpeza, não chega comtudo ao de lá, com muitas varas. Os vestidos, as meias de seda, as obreas vermelhas das cartas, os melões de inverno, que trouxe os primeiros o Marquez de Castello Rodrigo primeiro, que semeou no seu paul da Chamusca, com que de pobre, e cahida se levantou a rica, o cercear as cortezias no escrever das cartas, e outros costumes assi, ainda que bons, forão faceis de introduzir, porque não requerião tanta fabrica.

Gal. Tive por tão boa esta introducção, e de algumas outras cousas, que ainda a quizera mais fixa, ao menos a das cortezias, pelos grandes inconvenientes que nisso dantes havia, de dissabores e successos, digo desastres. Porque, quem quer queria lhe fallassem por senhoria, e qualquer enxerto de vilão, se lhe não punheis no sobrescripto: «Ao muito illustre senhor o senhor fulano,» se vos arrufava logo, e não vos falava a proposito no negocio: e com a pragmatica, se atalhou a tudo. Porém as meias nas molheres, com grandes ligas de rendas de ouro, e çapatinho de ambar: E calção das melhores sortes de seda: o jogar tão largo, como qualquer bom taful, toda a noite: o sahirem embuçadas, sós com outras taes: as visitas escudas, e os pais e maridos, que isto consentem, como em Castella: a isto não ha paciencia, que me baste, porque daqui a tudo o mais, não ha dous dedos, e cada hum cuida e diz disto o que lhe vem á vontade, e a virtude ha de ser recatada. E não passo daqui, etc.

Que os melões de inverno, sem elles passaremos, posto quizera os houvesse em toda a parte, por ser cousa excellente para sãos e doentes, e de grande regalo, e que os acharamos já nesta villa e sitio.

Dev. Já eu trabalhei por introduzir isso, e outras cousas aqui, e era muito facil, pois a terra é aptissima para tudo. Mas porque tudo se furta, o deixão de fazer: porque ha aqui muitos casadinhos, sem cousa alguma de seu, que tudo apanhão, por não quererem trabalhar, por dar-se á boa vida, que o mimo da terra lhes está offerecendo, e pudera isso ter bom remedio.

Gal. Galante cousa he, quereres vós até dos furtinhos, e preguiça desses vossos casadinhos, fazer gabo deste vosso sitio, inda que vos concedo ser a terra mimosa, que té açafrão se podia dar nella.

Dev. Que chamais se podia dar, e eu cuido se dá, e nace por aqui muito em muita cantidade, naturalmente, e que os naturaes se

não sabem aproveitar delle; e cuido isto, porque passando por huma villa em Castella, que se chama Fontiveros, onde a principal fazenda dos moradores he açafrão, o vi andar apanhando, e em nada he differente deste que por aqui naturalmente nace, do qual, toda esta serra da Louzã se cobre pelo outono. Porque a flor he do tamanho, feição, e côr azul do outro sativo; as fevaras, o mesmo, e fazem o mesmo effeito de tingir, que o sativo; e se o açafrão se estima só por isso, e pola calidade de apperitivo, não sei porque razão nos não aproveitamos deste nosso, que faz os mesmos effeitos; ou porque não semeamos o outro: se não se for desestimar-se, pola muita copia delle que por este tempo do outono por estas partes nace, ou quiçais, porque o não sabemos curar, e conservar: ou tambem por ser agreste, e se chamar por isso açafrol, e se cuidar ser o que muitas vezes nos vendem falsificado, sobre que ha graves castigos, e pena; não o sendo, quanto a mim, senão muito bom, de que espero fazer experiencia.

Gal. Não fora isso máo, e pois ha tanta cantidade, seria essa huma das muitas mercadorias, que este reino tem, e lança de si, proprias mais que todos os outros reinos do mundo do seu tamanho. Por onde não soffro que lhe chameis pobre, como agora chamastes, antes isso vos nego, porque o tenho pelo mais rico.

Dev. Quizera me provasseis isso por demonstrações apparentes, e verdadeiras: pois ordinariamente nós mesmos lhe chamamos pobre, e deve ser, porque não sabemos aproveitar-nos do que nelle ha.

Gal. Indevidamente lh'o chamamos, e eu vol-o quero mostrar por evidencia, pois assi o quereis.

Primeiramente, Portugal abunda de quasi todos os metaes, cobre, estanho, chumbo, ferro infinito, algum ouro, e dizem houve nelle muitas minas de prata, de que vemos muitas cousas por todo o reino sem cabo, de que se contão mil patranhas; e se se buscasse como no Peru, se acharia muita: em tanto, que diz Justino, e outros autores graves, ser toda a Lusitania huma prancha de metaes se se buscassem. Ha muito azeviche, muito jaspe, e tanto, que a villa de Setubal, que he quasi huma cidade, seus muros são de jaspe: ha muito alabastro, marmore branco, a pedra lioz tão excellente para toda a fabrica, e lindezas della; e outros muitos generos de pedraria; muito sal com que provê muitas provincias, muito azeite, vinhos, melles, cera, laranja, limões, de que tudo se carregão náos pera outros reinos: muito linho, de cujo pano, linhas, e curiosidades provê toda essa Castella: muito canhamo, muito pastel que se leva pera tintas, pera todo esse Norte: muito esparto, muita madeira pera toda a fabrica, e pera todo

genero de náos e baixeis, em tanto, que só no pinhal de Leiria se podem fazer mil náos, e ficar pinhal, por ser de seis legoas, alto, e cerrado. Tem além d'isto muita gram, de cujo nome se chamão os panos de gram tintos nella. E se levão pera todo o mundo, e tingem as excellentes escarlatas. Tem muito atum, figo secco, e passa e amendoa, de que se carregão tantos navios pera todo Levante, muita cortiça, castanha, e mil outras cousas que deixo, por não cançar.

Pois, a seda (dita assi da cidade de Siraz, junto a Babilonia, d'onde se inventou e nos veio) que imos buscar á China e Japão, e mandamos a Castella, donde nos torna tecida, a todas essas partes a puderamos mandar nossa, de casa, em maior cantidade. E por puro desuzo não curamos de a criar, sendo este reino naturalmente fertil de arvoredos, e cria excellentissimamente moreiras, e morais, e se podião prantar infinitos, e delles infinda seda, porque o tempo dessa occupação, que é Abril, e Maio e Junho, nenhuma outra ha de semear, nem recolher, nem adubios de vinhas, e anda a gente então ociosa. Além de que toda a calidade de homens e mulheres, e ainda os da religião, se podião occupar nisso: e bastara só isto para o reino ser muito rico: pois vimos que o de Granada, com só a seda (que de tudo o mais era muito falto) e com só os direitos della, se sustentavão os Reis mouros, com tanta gente de guerra, de cavallo, que parece cousa incredivel, que ha autores, que falão em oitenta mil, sendo o reino muito menor que este nosso. Pois de homens[1], vede os milhares, que deita de si cada anno: mais de dois mil para a India, e para o Brazil, Angola, São Thomé, e para tantas conquistas, e agora para a nova povoação do Maranhão, novamente descuberto, (que dizem ser terra excellente para tudo, e com vinte dias de jornada) mais de outros dois mil. E se acrescer a conquista da terra Austral, que no anno de 1620 descubrio Pero de Queiroz, natural de Evora, que achou ser terra muito boa, e de gente muito simprez, em vivendas pequenas, e gente branca, que vive ao modo da primeira idade d'ouro. Dizei-me, he tudo isto verdade evidente? Dai-me logo algum outro reino, que tenha, e deite de si tanto como isto seu natural? que eu não trato do que lhe vem de suas conquistas, que quasi se pudera chamar seu. O trigo, e assucares das ilhas e Brazil, e o páo do Brazil, que tanto se leva para todo o mundo, para tintas, as drogas, as sedas, a pedraria preciosa, alcatifas, diversos panos, e outras inumeraveis cousas que nos vem da India Oriental, e da Mina tanto ouro cada anno. Pois tal reino quereis se chame pobre, sendo assi, que ha nelle villa, que he a de Setu-

[1] Morales, Garibai e Navarrete.

vel, que rendia a el-Rei, mais que alguns de seus reinos na Hespanha. Pois reino, cujo Rei vê de suas janellas de seu palacio, e aredor delle cousa de dois milhões de renda cada anno, pode ter nome de pobre?

Dev. Bem se pode dizer por nós estar na aldeia, e não ver as casas, porque tudo isso cuido que passa assi.

Gal. Pois se deste reino não se levara cada anno para a India, perto de meio milhão de cruzados, e pera o Norte tantos, pelo pão que de lá nos vem, parece puderamos ter empedradas nossas ruas com cruzados, e as casas cheias. E parece pudera isto ter remedio, ainda que ao da India, se o tivesse, não he de minha profissão dal-o. Mas o do pão, parece se poderá remediar, obrigando os povos a romper e semear os mattos de boa terra, e tudo o mais que por desazo se está perdendo; e ha muito disto, que só o Duque de Aveiro, tem algumas quinze legoas de terra defesada em matto, que he sua coutada, que dizem ser terra preta excellente, e que daria muito pão: e nesse Algarve ha muitos valles espaçosos por romper, e de muito boa terra, que darião muito pão, e se podião nelles fundar villas. E Sua Magestade com privilegios e penas, fazer aproveitar tudo; como já fizerão alguns Reis deste reino, como el-Rei D. Fernando, com leis utilissimas, que não sei o porque se esqueceram, e apagarão. E abrir todos os paues, e para as suas liziras fazer vir framengos, que ao modo dos seus diques, e outras fabricas vedassem as cheias: e se perdesse o dó ao dinheiro, pois assi como assi, muito redobrado se leva cada anno fora do reino, por essa falta. Sendo assi que para nol-o levarem os estranhos, se semeião muito peiores terras, cobrindo as mesmas piçarras com terra ás costas, obrigando-as com isso a dar pão com que nos levão o dinheiro, e tem levado contos d'ouro sem conto, e com mil bugiarias escusadas. E buscar-se remedio ao lamarão que vae de Sacavem até Alverca, quasi tres legoas, pera se abrir em cortes com esteiros, e vallas, que parece só elle manteria parte grande de Lisboa.

Que se Portugal não provesse de pão tantas conquistas, e com tantas e tamanhas armadas, pão teria muito bastante para se sustentar assi, e ainda acodir aos vizinhos, como algumas vezes provê Castella com trigo e carnes. Dai-me ora outro reino que isto tenha, ou faça?

Deixo milhares de fructas, e pescados, e mil outros regalos, sem lhe faltar cousa alguma, das que na vida se podem desejar. E attentai para as muitas vinhas deste Santarem, e tantas quintas, a que aqui chamão Aonias, por estes seus bellos campos.

CONTRA O VINHO.

Bem tendes mostrado, senhor Galacio, respondeo o Devoto, ser tudo isso assi verdade, e tanto que nella vos quero ainda ajudar. E digo, que se não se prantarão tantas vinhas, e nas melhores terras (como se faz aqui) seria esta nossa muito mais rica e farta, e fora bem escusado haver tantas, e se evitarão mil inconvenientes.

Gal. Mais escusada doutrina me parece a mim essa, e mais heretica para os muitos devotos que hoje ha do vinho, que a que pouco ha dissestes dos estalajadeiros nobres. Pois vemos, que os mesmos nobres se não desprezão hoje do bom beber; digo alguns, e assi algumas donas deste nosso tempo, em que esse costume com outros que deixastes de dizer, foi tão facil de introduzir nellas: como o jogar tão largo muitas joias, como quaesquer bons tafues. E justar huma meia, e outras cousas taes, etc.

Nem eu, respondeo o Devoto, vol-a vendo por muito aceitavel. Mas pergunto: Podem os homens bem viver, ou viver sem beber vinho? Não se pode negar que podem, pois de cem partes do mundo, mais de noventa e nove o não bebem, nem tem: e comtudo vivem muito, e quiçais mais que os que o bebem, e alguns em terras muito frias, e muito mais sãos e fortes. E se não houvesse vinho, nem vinhas, ao menos nas terras boas, claro está, que darião essas mesmas pão ou fructa (que podem sustentar, o que o vinho per si não pode) ou caça, ou pasto, ou madeira, ou lenha, e tudo isto, ou qualquer destas cousas, daria mais fartura, que a falta do vinho, nunca causou fomes, nem carestias, e se pode escusar. E bem cuido acharia isto mais applauso no tempo dos Reis passados, quando havendo de ir falar a el-Rei D. João III certo fidalgo, que acaso tinha já huma gota, ou vez no corpo e por lhe não cheirar a vinho, mastigou humas folhas de louro. Mas el-Rei, logo pelo repreender, lhe perguntou: «Debaixo desse louro a cómo vale a canada?» porque as tavernas costumão por divisa ter ramo de louro á porta.

E hum certo Conde deste reino, e nelle assaz valido, dizendo-lhe hum fidalgo, acaso em pratica, como encontrara o senhor D. Fulano seu irmão em tal parte, a pé embuçado: e o Conde respondeo, que se maravilhava muito disso, porque tendo visto muita agua a pé, nunca vira vinho a pé senão esse. E isto por repreensão do irmão beber vinho, e pera este mesmo fidalgo lh'o poder dizer. Porque era nesses tempos na gente nobre, e de conta, grande nota beber vinho se não fosse muito pouco, e por grande necessidade. E tendo-a muita

hum amigo, lhe mandou outro huma garrafinha por grande cousa, escrevendo-lhe comtudo:

Ter bibe, ter profit, ter memor esto mei.

E neste sentido quiçais aconselharião os santos o beber vinho, como Galeno, e outros philosophos medicos, o haver de ser por onças, e da botica por mezinha. E a prova disto seja, que os Padres Capuchinos (que assim se devem chamar, de caput e Chino ou Kino, que quer dizer a cabeça baixa, como elles a trazem por humildade, como digamos os cabisbaixos) não bebem vinho nos seus refeitorios, nem o tem, mais que o que pedem n'uma cabacinha para as missas; e com andarem descalços, e despidos, e sem cama, ha comtudo entre elles muitos velhos, e vivem muito, e muito sãos, e mais que os das outras ordens: que me maravilho, como nisto os não imitão, pois vem esta experiencia, ou meio quartilho, e aos velhos para cozimento do estomago, que diz Ovidio, que o vinho apparelha os animos pera Venus. E Euripides, que tirando o vinho, cessa o ardor de Venus. E todos os philosophos chamão leite de Venus ao vinho. E Virgilio:

Sine Cerere, et Bacho friget Venus.

Gal. Não nos matemos nisso, que elles sabem o que fazem, e he muito bem, pois pera celebrarem o officio santo da missa, convem costumar-se a bebel-o.

Dev. Assi he; porém, isso podia haver modo, como o tem os Capuchinos, que tudo consiste no costume, como eu, e muitos experimentamos no tempo de cativos, que com só pão e agua, e dormir no chão, e despidos e descalços, e trabalhar todo o dia, andavamos sanissimos: que esta nossa natureza, assi como he de terra, quer-se tratada a couces, e com a enxada, e os principes e republicas, devião ordenar, não se plantarem vinhas, senão algumas para este effeito de missas, e pera doentes quantas bastassem, e em terras fracas, e de areias, que bastarião para isso, e para uvas e passas. Do que resultarião muitos proveitos, como irem as náos pera a India com menos carga, e o mesmo as muitas armadas que fazemos, e em seu logar a agoa que lhes não pudesse faltar, mantimentos e munições. Ao menos, por não acontecer o que aos francezes nas guerras que trazião com o Imperador Carlos V, que sendo nellas ajudados dos turcos, com quem de ordinario tem pazes, em certa empreza de Niza, e Villa-franca do Ducado de Saboya, aos oito dias faltou aos francezes toda a munição, mas não o vinho, do que os turcos que o não bebem, blasfema-

vão, e lhes dizião mil vituperios por isso, os quaes, nem pelo não beberem, são menos valerosos e fortes, e assi os mouros.

Item, se escusaria o continuo trabalho, e suor dos filhos dos homens nisso sempre occupados, e forçado buscarião em que trabalhar, que seria na lavoura, fructas e hortas, que tudo viria a parir mais abundancia que o vinho, e poderião melhor prover sua casa, e familia; e desse tostão ou dous que ganhasse, não gastaria o terço ou a metade em vinho, e não em lugar de remediar sua familia, enchel-os muitas vezes de pancadas bebado.

E o que mais he, se evitarião muitos peccados mortaes, muitos adulterios, e outros de concupiscencia da carne, muitas mortes, brigas, odios, e differenças: no que atentando o Imperador Domiciano, prudentissimamente vedou por lei, e edito, que ninguem plantasse vinha na Italia, e que nas provincias se arrancassem ao menos ametade dellas. Por se achar, que as muitas vinhas erão a causa efficiente das carestias e falta de pão, por occuparem as melhores terras; assi o affirma Suetonio Tranquillo[1] no capitulo 7.º da vida deste Imperador. E diz mais Philostrato, nas annotações, ao mesmo Suetonio, que outra cousa tambem moveo a este Imperador, pera esta lei e edito, a saber, que por se darem os homens muito ao vinho, fazião muitos desmanchos e brigas, por onde veio a vedar de todo haver vinhas, principalmente na Asia. Mas depois o Imperador Probo, concedeo poderem plantar-se vinhas em algumas provincias; e na Hespanha, onde parece nunca as houvera, e esta prohibição, e lei de Domiciano, deveo achar Mafoma ainda na Asia, onde levantou a sua maldita seita, e lhe deveo parecer bem, pola experiencia que em si mesmo acharia dos damnos que o vinho causava. E a converteo em religião na sua seita, que tem por peccado gravissimo beber vinho.

Com quanta mais razão os Christãos, que devemos em tudo ser avantajados, pois vivemos com luz, e lei verdadeira (pois este Imperador, sendo gentio, prudentissimamente vedou as vinhas, e vinho, e deveo fazel-o com muito conselho pelos damnos que causava, e Mafoma o mesmo, sendo hum infernal), deviamos nós atalhar aos mesmos damnos, e maiores, que são peccados, que elles não respeitarão, o que tudo vemos cada hora, e a cada passo com nossos olhos: e pera sermos em tudo, e nos costumes mui perfeitos e concertados. Pois diz Julio Cesar no livro 2.º de seus Commentarios[2], que os Nervios, gente que confinava com os Francezes Belgas, nenhuma entrada consentião

[1] Suet. Tranq. lib. 1. cap. 7. — Philostrato.
[2] Cesar lib. 2. Comm.

em suas terras de mercadores com vinho, nem outras cousas de regalo, que podessem causar luxuria. Porque com o vinho, e estas cousas, se affeminavão os animos, e se fazião languidos e moles, e se lhes diminuiria a virtude, forças e ferocidade, e no livro 4.º diz o mesmo dos Suevos e Godos; os quaes, sem beberem vinho, conquistarão depois Hespanha, e outros reinos; por onde he grande engano cuidar que o vinho dá forças ou brio, porque antes as tira, sendo em demasia, como o dizem todos os philosophos, e Virgilio:

Et Venus enervat vires: sic copia Bachi.

Assi como a luxuria tira as forças dos nervos, assi o muito vinho, como, senhores, podereis ver por experiencia, o dia que vires beber com qualquer pequeno excesso; e tenho por excesso tudo o que passar de meio quartilho, e quando muito hum quartilho, a hum muito robusto comedor.

Gal. Com tudo isso, vejo eu que gostais mui bem de beber huma goteira.

Dev. Sim bebo, por causa do estomago e da idade, e já vos disse era bem bebel-o, e havel-o para isso com moderação. E essa consideração deveo mover ao Imperador Probo, pera largar, ou conceder o poderem prantar vinhas na Hespanha, o que foi pelos annos de Christo 280 té 285, onde parece nunca as houvera, pois diz a historia imperial, na pontifical, que este Imperador foi o primeiro que concedeo poder haver vinhas na Hespanha, onde logo se derão tanto a isso, que diz o mouro Rasis na sua Chronica da perdição da mesma Hespanha, a qual aconteceo alguns centos de annos depois que nella houve vinho e da concessão desse Imperador, tratando da mesma Hespanha. Ha nesta provincia tanto vinho, que tenho pera mim que se se vazasse por ordem faria hum rio cabedal. Do que se colhe, e podem bem ver, quanto mais valentes e valerosos erão os Lusitanos antes dos Imperadores, e de terem vinho e vinhas que Probo concedeo, que erão terror aos contrarios os exercitos em que os havia, e que fazião tremer a barba a essa Roma, em tempo de Viriato e Sertorio. E todavia, depois de por essa concessão haver vinho e vinhas na Hespanha, a conquistarão Arabios, gente tanto inferior da Romana, e mais não bebendo vinho, em menos de quatro annos, toda ou quasi. E antes delles os Godos e Suevos, que tambem não bebião vinho, como o affirma Julio Cesar em seus commentarios, no livro segundo.

Pois tratar dos damnos que causa o vinho, se os houvesse de dizer seria nunca acabar, os furtos dos escravos pera vinho, e que nas

tavernas tem seu covil, onde lh'os comprão, e encobrem (cousa que muito se havia de tolher, com graves penas, entrarem escravos nas tavernas, nem ainda falar com taverneiros, nem gente sua, que é lastima ver o que nisto ha); e pobres e cegos, tudo tavernas, o que vendo como podeis attentar, parece tira a devação de lhe dar esmola, pois he tudo para enricar taverneiros, e elles sempre bebados. E eu tive hum escravo Malabar, homem grande e forte, e se embebedou hum dia de tal maneira n'uma taverna, e adormeceo de modo que não acordou, se não ao outro dia no outro mundo. E vemos milhares de pessoas sãos, e doentes, morrer de beberem vinho, e nenhuma por deixar de o beber. E estando eu doente d'umas febres ardentissimas em idade de 21 annos, me veio ver hum clerigo, a quem queixando-me da ardente sede, se me offereceo trazer-me huma borrachinha de vinho escondida, dizendo-me, que não curasse de fisicos, que não sabião mais que sangrar (ao que eu digo que não farão pouco se isto o soubessem bem) porque elle n'um sangueprioris, o mandavão sangrar com muita pressa, mas que elle mandara assar meio cabrito, e sobre elle bebera meia canada, e se levantara são. E rechaçando-lhe eu a caridade, e em me levantando, cahio elle d'ahi a tempo de outro sangue, e curando-se da maneira que o havia feito, ficou antes de quatro dias são na outra vida.

E finalmente, eu conheci e conheço muitos homens que nunca beberão vinho, e são muito mais sãos, e vivem e viverão muito, e o mesmo seria em todos se não houvesse vinho: por onde digo, que seria muito mais util e mais fartura não haver vinho, nem vinhas, se não com a limitação que disse, e pera taes effeitos.

E por vinho se perdeo o reino de Chipre, no anno de 1571. Porque estando o grão Turco farto delle, e perguntando donde era, se lhe disse, que da ilha de Chipre; e disso tomarão occasião os seus de lhe fazerem conquistar esse reino, quebrando as pazes juradas, e guardadas desde antepassados com Venezianos, cujo o reino era, onde os Turcos executarão lamentaveis estragos, nas igrejas de Deos e Religiosas, e toda a mais gente, espetando em páos pola praia todos os defensores da ilha, enchendo-a de Mahometanos, em cujo poder está.

E a Holofernes, ensopado em vinho, permitio Deos lhe cortasse a santa Judith a cabeça, com o que se perdeo seu exercito tão temido e poderoso.

E a Mafoma, o vinho, e o embebedar-se (inda que alguns dizem ser mal caduco) lhe fez buscar alguma escapula ou desculpa, que foi

dizer (encobrindo sua bebedice) e fingir lhe vinha então falar o Anjo S. Gabriel, e que por isso ficava alienado, como bebado, do que se seguirão tantos damnos, como se tem visto e vêmos cada dia, além de outros muitos que cada hora causa o vinho, e nunca proveito algum temporal aos homens.

Pois nas molheres, se não tamanhos damnos, não menores vituperios. Pois diz S. Chrysostomo com grande severidade, que não havia cousa mais feia e torpe, que a molher bebada.

E S. Hyeronimo affirma, que a bebedice na molher he sacrilegio, e Ovidio: *Turpe jacens mulier multo madefacta Liæo.*

E no Ecclesiastico se diz: «A molher amiga de vinho, he ira grande, e sua affronta, e torpeza, não se cobrirá.»

E antigamente, em muitas republicas, foi interdito, com pena capital, as molheres beberem vinho, a saber: os Romanos, Latinos, Italos, Melesios e outros, que diz Dionisio Halicarnaseo, Catão e Tulio, livro terceiro, de Natura Deorum[1].

Porém a razão por que as molheres se embebedão menos, não he porque não sejão avidissimas de vinho, e muitas o não bebão, se não porque abundão de grandissima humidade, o que bem se deixa ver, na brandura de suas carnes e couro, e nas continuas purgações, por onde o vinho que bebem como cae n'um poço de tanta humidade, perde sua força agoando-se ahi. Além do que o corpo da molher, tem mais meatos, por onde evaporar: e tem sua demasiada frialdade, esfria o vinho com o que debilita sua força, que he a causa pola qual o appetecem muito, do que tudo he autor Plutarco, e Aurelio Theodosio nos Saturnais, lib. 7, c. 6, onde diz, que dando-se á molher agoa da vide podada, aborrecerá o vinho; e Plinio, que se lhe derem a beber tres dias dos ovos da curuja, e no lib. 32, c. 10, diz que se lhe deitarem no vinho hum par de enguias, ou uva marinha, o aborrecerá: inda que isto das enguias me disse pessoa de credito, o quizera experimentar, e que a pessoa perigara. Mas foi deitando-lhe o sangue d'ellas, e diz Alberto Magno, que se lhe deitarem esterco de leão, o aborrecerá pera sempre[2].

E finalmente, são tantos os damnos, e tão graves os que causa o vinho, que diz S. Basilio no Sermão da Paschoa, que os dados ao vinho, perdem as forças do corpo e da alma, e que envelhecem mais depressa e morrem mortes subitas. E Aristoteles diz, que o vinho de-

[1] Cap. 26. Tulio lib. 3 de Nat. Deor.

[2] Plut. lib. 3. cap. 3—Aur. Satura. lib. 7. cap. 6.—Plin. lib. 3. cap. 5.—Alb. Magno.

sordenado, tira as forças a todos os nervos, e deixa o homem sem vigor algum[1].

Porém, não são estes dâmnos os maiores que o vinho desordenado causa; mas tambem, faz impotentes pera gerar, por onde Platão manda tirar o vinho aquella noite que se ajuntam marido e molher pera geração: e Galeno approva muito isto, e o mesmo Platão, no 6. das Leis diz: para que o que se conceber seja solido, fixo e quieto, convem que os casados não se enchão de vinho, que serão inuteis pera gerar[2]. E he cousa averiguada, que a semente d'estes he invalida e impotente, porque seu habito do corpo, fica mui humido, e a semente humida não he boa, se não a que he constante e grossa, como o diz o mesmo Aristoteles, e adiante, que os vinolentos não podem engendrar, porque convem que huma parte do corpo esteja mais quente que as outras, o que n'estes não acontece, pelo demasiado fervor que tem em todo corpo[3]. Outros dizem, como Macrobio e Atheneo, que a causa he pola muita frialdade da semente, pois a quentura que lhe vem de fora pelo vinho mortifica e apaga o calor natural, e faz a semente fria e debil: e por isso dizem muitos, que Alexandre Magno foi pouco aparelhado pera geração porque era vinolento. Assim o affirma Plutarco[4].

Tambem se prova o sobredito polas divinas letras, porque no livro dos Juizes, disse o Anjo á molher de Manita: És esteril e não tens filhos? Porém, conceberás e parirás hum filho, mas has de te guardar que não bebas vinho. E pario o forte Samsão, comprindo o que lhe disse o Anjo[5]. E dizem as historias de Romanos, que por isso as matronas romanas parião filhos fortissimos, por serem muito temperadas no comer, e não beberem vinho como atrás já disse.

E por remate deste dialogo, vos quero contar hum successo de Amaro Dias, meu lacayo, que hoje tenho em casa, o qual indo a huma quinta de Santo Antonio do Seixal, defronte de Lisboa, com meu sogro, lá se esquentou de maneira que parecia terrivel endemoninhado; e vindo na barca, se deitou no meio desse mar, e acodindo-lhe, o tirarão delle, e se tornava a deitar muitas vezes, até que o atarão: e perguntado, dizia: «Quero ser peixe, que me enfado já de ser carne.» E tive outro que agora he soldado, Ayres Garcia, que depois de consoado com outros, vespora de Natal, se sahio ao pateo, pera irem á

1 S. Basil.—Arist. lib. 10. cap. 37.
2 Plat. in Leg. 2 in fin.—Galen.—Plat. 6 Leg.
3 Arist. Probl. cap. 4.
4 Plut. Probl. dec. 2. tit. 6.
5 Jud. cap. 13.

missa do Gallo, e logo se poz de giolhos a chorar, e bater nos peitos, dizendo: «A mim meu Deos duas Luas, sendo peccador, hei-me de ir ao deserto, e nunca mais ver gente.» Pera que vejais as utilidades do vinho!

E tive em casa huma dona, que sendo de boa gente, bebeo mais de mil cruzados que tinha de fazenda, e aqui sempre bebada, em tanto, que falecendo-nos huma menina muito linda, filha do senhor Simão Rebello meu cunhado, e levando-a a enterrar, gritava, que havia de ir por seus pés, e que estava viva. E porque meu sogro, seu avô, que no estremo a amava, he Ribeiro, e o pai Rebello, se lhe fez este soneto, que se põe aqui, pera que esta selada, ou Miscellanea, leve de tudo. E ella se chamava Dona Margarida.

Murchada he aquella flor, bella Rebella,
Do mais perto Ribeiro, mais regada,
Por quem a face terei sempre molhada
Com saudade, e dor, que he magoa vel-a.
Não permitio o Ceo nós muito tel-a,
Porque lhe tinha lá sua morada,
E de sua lindeza desusada,
De preço a Margarita fez estrella.
Alminha pura, pois com verde palma
N'um instante subiste ao ethereo santo,
Onde as Virgens te off'recem a Deos menino:
Consola-nos, Anginho, em nosso pranto,
Alcança-nos de Deos o gozo da alma,
Que tendo tal bonina, está benino.

E advirto, que aos meninos nunca lhes fação medos, nem cocos, que lhes fica com isso o coração tremulo, e elles medrosos, nem os lavem nunca com agoa quente, que lhe faz os tutanos languidos; e a fria os faz fixos, e o miolo mociço; e assi com mais habilidades, e mais forças, e tudo mais cedo. Porque se imprimem melhor as especies intellectivas, como em melhor papel, não estopento. E diz hum santo, que o baptismo tambem he util pera o corpo, porque a agoa fria endurece os membros. Pelo que se enganão os que aquentão esta agoa.

DIALOGO QUINTO

Da fundação do convento de Nossa Senhora da Luz, mosteiro de Santa Clara de Figueiró, e Jesus de Aveiro, com alguns poemas devotos. E a morte de pais, e parentes deste sitio, que acabarão santamente, e alguns martyrisados pola fé de Christo.

GALACIO. — DEVOTO.

Galacio. São horas.

Devoto. Antes das seis não havemos de caminhar, que melhor he agora andar de noute.

Gal. Tempo teremos logo, de me contares de vossas cousas.

Dev. Primeiro será bem vos diga da fundação desta santa casa, é da antiguidade della, e achamento da devota, e santa imagem de Nossa Senhora, que nella está.

Gal. Antes devera isso ser o primeiro.

Dev. Como a estas nossas praticas lhe chamei Miscellanea, ou selada de diversas cousas misturadas, como taes, cahirão as que tratare- mos, onde cahirem; e vós senhor Galacio, lançareis mão do que melhor vos souber, ou parecer menos mal. E o mais ahi poderá ficar pera os moços.

Já sabeis como de menino me criei nesta santa casa, e de tão menino me lembrão cousas, que houvera vergonha de as dizer, se não lera nas Confissões de Santo Agostinho, confessar-se a Deos de cousas de dous annos. E a mim me lembra, que dessa mesma idade me levavão ao collo a esta Senhora, com muitas particularidades disso, que contando-as depois a meus pais, e pessoas de casa, averiguarão ser eu de cousa de dous annos. E certo, que inda agora me lembrão cousas de então, como se fossem de hontem. E tomarem-me os padres, e levarem-me ao seu refeitorio, quando fazião as obras do convento, que mudavão de vigairaria, por quanto por estes tempos de antes era só vigairaria, com hum só vigairo, e seu companheiro, e dous frades leigos, que erão os que sustentavão a casa com os petitorios, hum, por todo esse Alemtejo, outro, por estas villas, e cultivavão o pomar: que era a causa da mutua caridade que delle fazião os padres, por carecerem os lugares d'alem de fructas, especialmente de espinho, por onde havia para a casa muito maiores esmolas.

Mas o primeiro Prior, que a minha tenra memoria aqui alcançou, que tambem foi primeiro, se chamava Frei Antonio de Caria, que foi o que começou e acabou as obras, e deste padre era meu pai especial amigo e devoto, e era seu confessor, e ia muitas vezes praticar com elle, e me levava comsigo, como a filho de sua velhice. E nestas idas

assi como eu ia crecendo, ia tambem fazendo apprehensão do que elles falavão, que por isso o digo; e entre outras cousas tocantes ao convento, tratavão como nossos antepassados Leitões forão os primeiros fundadores daquella vigairaria, pelo qual respeito, folgava meu pai muito de ajudar e favorecer a casa e obras em tudo o que podia.

Havia neste tempo aqui hum fradinho leigo velhissimo, a que chamavão Frei Gonçalinho, que devia haver mais de setenta annos era frade, e sempre aqui morador: o qual contava a meu pai e parentes, entre os quaes era isso muito averiguado, e o mesmo dizião os padres, que junto a esta fonte, que ora está á porta da igreja deste convento de Nossa Senhora da Luz, apparecera esta sua santa imagem, e que havia tantos annos que nem os muito antigos tinhão memoria de quando fora achada, nem mais que dizer-se, que ficara aqui escondida do tempo que os Mouros forão destruindo e conquistando a Hespanha toda, e que logo em apparecendo, fizera muitos milagres. E que a gente desta villa lhe fizera por isso no lugar desta igreja huma hermidinha muito pequena, onde acodia muita gente em romaria, e que alguns dizião, que a propria imagem que apparecera era a de Nossa Senhora dos Milagres, que já contei fica no outeiro acima, distante desta a tiro pouco mais de pedra. Movidos os que isto dizião do nome da hermida dos Milagres, pelos muitos que esta Senhora fazia, e tambem por a imagem ser pequena, e da fórma e feitio das que por esta Hespanha forão achadas, ou por acaso ou revelação, como a de Guadalupe, da Lapa, Penha de França, e a da Luz de Lisboa, e outras, que todas ficarão (a meu parecer) do tempo da destruição de Hespanha. E movo-me ao cuidar assi, porque ordinariamente forão achadas junto de fontes ou de ribeiras, em lugares escondidos e desertos, onde os Christãos se ião retirando, e deixando as imagens que comsigo trazião, que as mais erão de Nossa Senhora, por occasião de varios successos de sua desaventura, como as que digo, de Guadalupe, Penha de França e Nossa Senhora da Luz de Lisboa, com a fonte á porta, e em balseiras e brenhas.

E por apparecer esta Senhora, e ser achada debaixo de humas pedras, onde estivera tantos centos de annos escondida, e por vir á luz, como o seu nacimento, se chamaria da Luz, e pola mesma occasião se chamou da Luz a de Lisboa por esta nossa desse nome, o que parece mui verosimil, cotejados os tempos do seu achamento.

Comtudo, dizia o Frei Gonçalinho, e o averiguavão os padres nas praticas, que sobre isto tinhão com meu pai e outras pessoas, ser esta mesma a santa imagem, a que aqui appareceo, e não a da hermida dos

Milagres do Outeiro, que já dantes devia de estar ali, de quando de ali gentes antigas se quizessem defender de alguns inimigos, segundo ainda hoje mostrão os pedaços de repairos, que ainda ali durão de pedra ensossa. Porém eu me não sei determinar nisso, porque he grande a semelhança, e antiguidade da do Outeiro, salvo se se achassem ambas juntas.

E dizia mais o dito Frei Gonçalinho a meu pai, e a outras pessoas e padres que de novo vinhão, e sempre o disse em quanto viveo, que eu fui sendo maior, como havia já cento annos, segundo a tradição dos seus mais antigos, e dos padres vigairos daquella vigairaria antepassados (e quando isto dizia seria pelos annos 1560 té 1564), que vindo a esta villa hum padre velho, natural della, Frei fulano Leitão, e não me lembra o nome da pia, mas elle o dizia, o qual vinha pousar a casa de seus parentes, e folgar, e com elles muitas vezes em quanto aqui estava dizer missa a esta hermidinha de Nossa Senhora da Luz. E porque naquelle tempo, e por aquelles mesmos annos, huma sua parenta delles, por nome Brites Leitoa, cujo pai fora desta villa, fazia o mosteiro de Jesus de Aveiro, de cujas virtudes era todo o reino tão cheio, que se não falava em outra cousa, em tanto que a Infanta Dona Joanna, filha unica del-Rei Dom Affonso V, e irmã do Principe Dom João, que despois foi Rei segundo do nome, trabalhando ambos, pai e filho, muito nisso, com muitas pessoas que nisso meterão a mão, a não poderão divertir, nem remover a que se não fosse meter na obediencia desta santa Brites Leitoa, a cuja imitação foi esta Infanta hum raro exemplo de santidade e humildade, varrendo e esfregando, e servindo em tudo, como se fora a mais desprezada escrava que podesse haver.

De que não trato mais, porque ha livro impresso particular desta Senhora, e desta nossa parenta fundadora deste mosteiro[1]. Das quaes este mesmo padre era confessor e particular devoto (por ser o dito mosteiro desta mesma ordem de S. Domingos) que dellas lhes contava a estes seus parentes maravilhas. Por onde parece seria a fundação desta vigairaria pelos annos 1460, pouco mais ou menos.

Do que movidos os parentes deste padre, moradores nesta villa, apertarão com elle alcançasse de seus prelados fazer-se aqui neste sitio e nesta hermida, onde estava esta santa Imagem de Nossa Senhora da Luz, hum mosteiro, offerecendo pera isso suas fazendas e ajuda de suas pessoas, que fosse necessaria; e assi o cumprirão comprando o chão, e terra que foi bastante, tudo á custa destes Leitões.

Com o que visto bem o sitio, circumstancias e calidades do lugar,

[1] Lib. do P. Fr. Nicol. Dias.

o dito Padre Frei fulano Leitão alcançou dos Prelados, em capitulo, fundar-se aqui huma residencia de vigairaria, a qual se fizera na fórma que logo vos direi, e durava havia os ditos cento annos, pouco mais ou menos, por onde parece foi a fundação pelos ditos 1460 té 1464 annos.

Fizerão então os padres, que a isso forão mandados, com ajuda e favor desta parentela, Leitões, meus antepassados, á imitação desta santa sua parenta Brites Leitoa, esta casa de vigairaria, que eu alcancei, nesta fórma que direi no mesmo lugar da hermida antiga.

A igreja era pequena, de duas naves, e tinha pera a banda do Evangelho dous arcos e a capella mór, e porta pera onde agora está, e tinha quatro altares; a saber: o da capella mór, onde estava esta Senhora, e pera a banda da Epistola hum de Nossa Senhora do Rosairo, com o milagre pintado das rosas, sahindo pola bôca do cavalleiro, que outro ia pera matar, estando rezando o rosairo a Nossa Senhora, a quem ella livrou, com mostrar ao aggressor as rosas sahirem pola bôca do devoto, por cada Ave Maria sua rosa; o que vendo, não sómente desistio do insulto, mas se converteo.

E pera a banda do Evangelho outro altar, com hum crucifixo devotissimo, de vulto, e a Santa Magdalena abraçada ao pé da cruz, com os olhos cheios de agua, olhando pera o mesmo Christo Crucificado, que parece lhe estava dizendo:

Como estais luz sem luz? vida sem vida?
  Sol sem curso? e com sede fonte pura?
  Imagem do Pai Eterno sem figura,
  Do mesmo Pai palavra immudecida:
Vara santa de Aaron, já não florida,
  Bello espelho dos céos, sem fermosura,
  De Samsão doce favo, entre amargura,
  Torre de David forte enfraquecida.
Mas sem vida dais vida, luz sem luz,
  A sede vossa ao mundo farta, e a imagem,
  Que tendes, me faz ver onde vos puz.
Calando ensinais: immovel moveis,
  Mais duros corações, que a dura lagem;
  Morto, espelho mais bello pareceis.

E da mesma banda, mais pera a ladeira, na segunda nave, o quarto altar, e nelle os tres Anjos, e huma imagem de vulto, do santo Joseph, velhissima, comida toda do caruncho, e quiçais por isso não estava no

altar mór, e junto a esta Senhora, onde parece era o seu lugar: e não sei de certo em minha lembrança, se dizião ser tambem com ella achada esta santa imagem, a quem hum devoto, muitos annos depois, fez estas trovas, de seus louvores:

Si en el huerto de plazer
  Dios igual no pudo hallar,
  A Adan, y fue menester
  De nuevo a Eva criar,
  Pera darsela por muger:
Assi queriendo dar Dios,
  Quien fuese esposo decente,
  A su madre, os criò a vós,
  El mas santo, y continente,
  Que fue, ni será entre nós.
Por su provecho, a otros santos
  Mil martyrios se le han hecho
  Y por Dios sufrieron tantos,
  Peró vos, por el provecho
  De Dios, affan, y quebrantos.
Con vara y flor los pintores
  Os pintan, no sin justicia,
  Pues que la ira en favores,
  Y la vara de justicia
  De Dios nos bolveis en flores.
Fuistes mas, que el de Egypto:
  Porque si el otro guardó
  El pan de tierra finito,
  Vós el del Cielo infinito,
  Que tierra y cielos hartò.
Fuistes mas que Evangelista,
  Pues vuestros hechos contó,
  Y fuistes mas que el Bautista,
  A quien el mismo Dios dió
  Honra y gloria nunca vista.
Qua si le llamò el mayor
  De los nacidos, y es ley,
  Que le den tan grande honor
  Fue porque leyes con Rey,
  No tienen ningun vigor.

Rey sois, porque si con Dios
La Virgen Maria reyna,
Y sois esposos los dos,
Siendo del cielo ella Reyna
Tambien del sereis Rey vos.
Si Apostol Joseph no fuistes,
Fue por mas lugar tener,
Y si llaves no tuvistes
Qual Pedro, mas posseistes
Teniendo Dios en poder.
Aveis dexado tan atras
Los mas santos y mas buenos,
Y os halló Dios tan capás,
Que ni el devio daros mas
Ni vós pudistes ser menos.
Y si la que es de Dios Madre
A Dios buscando ella, y vos
Dixo que sois de Dios Padre
Siendo vós padre de Dios,
Qual Dios padre sois compadre.
Y aun aviendo comparado,
A Dios con vos en el nombre,
Y el ser inmenso increado,
Vos pues Joseph en quanto hombre
Sois mas que el hijo honrado.
En aquesta conclusion,
Al santo Spirito vos
Le teneis antelacion,
Que el procede de Dios,
Dios de vos por opinion.
Y aun con mayor fuerça arguyo,
Y es, que siendo el quien obró
En la Encarnacion de suyo
Dios vuestro hijo se llamó,
Y nunca se ha llamado suyo.
En aquel mismo sentido,
Que sois de Dios hijo, padre,
Tambien, mas honrado aveis sido,
Que fue la Virgen su madre
Y vós fuistes su marido.

Mas honra, y mayor renombre,
Que en Christo se halla en vós,
Pues teneis titulo, y nombre,
De ser Salvador de Dios,
Y Christo lo fue del hombre.
Sustentando al Rey mayor,
Y a la Reyna mas honrada,
Mas que Dios sois gastador,
Que a Dios no le cuesta nada
E a vós trabajo y sudor.
Mas poderoso os mostrais
Que Dios, Joseph, a mi cuenta,
Quando de comer le dais,
Que Dios al hombre sustenta,
Vós hombre y Dios sustentais.
Y tan poderoso os mostrastes,
Que andais con Dios a porfia
Y en aquesto le ganastes,
Y Dios lo que es Dios no cria,
Y vós lo que es Dios criastes.
Fuistes mas que el Padre honrado,
Pues su hijo os dio tal honra
Que os sirve de page al lado,
Y se precia mucho y honra,
De que fue vuestro criado.
Criado en sustentacion,
Porque vos le aveis criado,
Mas tambien será razon,
Se llame vuestro criado,
Pues comio vuestra racion.
Que fuistes mas venerado,
Que el Padre, claro se muestra
Pues vivio em casa vuestra,
Sirviendoos su hijo amado
Y en su cielo está a su diestra.
Veis como queda provado,
Y aun dirá su misma madre,
Que lo vio en pie, y aun postrado
Ante vós, y con el Padre,
En tan buen lugar sentado.

Teneis, Joseph, tal grandeza,
Que como a Dios con razon
Adoraran vuestra alteza,
Si lo que fue en opinion,
Fuera en vos naturaleza.
Y porque la fee me quita,
Que os adore como a Dios,
Lo que a la Virgen bendita,
Dixo el santo Areopagita,
Dirê yo, Joseph, de vós.
Que si Dios no me dixera
Que ay solo un Dios trino y uno,
Tambien por Dios os tuviera;
Pero despues del alguno,
No es qual vós, ni se espera.
Y ansi comparar com vós
A otros santos, es locura,
Porque aun del mismo Dios
Es muy chica la pintura,
Estando juntos los dos.
Sois de Dios padre y tutor,
Del Padre compadre aveis sido,
Sois del Hijo salvador,
Sois de la Virgen marido,
Y de los santos, el mayor.

Parece que por este devoto ver a imagem deste santo como esquecida, por muito velha e desfeita, lhe quiz dar estes louvores. Mas tornando ao que vos ia dizendo desta igreja, tinha o coro em cima da porta principal, e de fóra hum alpendre, pera recebimento da gente, por não haver por ali onde recolher-se da chuva, e pera dormirem os devotos nas novenas, o que era mui conveniente: e aqui estava a portaria, e por aqui entrava a agoa desta fonte, e por parte da igreja, e ia caír no refeitorio, e delle, pola adega e cozinha, que tudo ficava debaixo do dormitorio, ia regar o laranjal e as outras ruas de fruitas, de espinho e horta.

Esta era a vigairaria, da qual a cabo de cento annos o Padre Frei Simão de Santa Maria, prior, derribou despois e fez de novo a igreja, fazendo a capella mór della meu tio Raphael Leitão de Andrada, a exemplo de nossos antepassados Leitões, fundadores da vigairaria, e

dotou esta dita capella com mui boas propriedades o anno 1580, sendo prior o dito Frei Simão de Santa Maria, e a ornou com o retabolo que tem, e outros ornamentos, com obrigação de missa quotidiana a do dia pera sempre. E nella tem sua sepultura, onde jaz com sua molher, Francisca Leitoa, e tem dentro da dita capella seu brazão de armas de Leitões e Andradas, como padroeiros della, como hoje he Luiz Leitão Correa de Andrada, seu filho.

Gal. Parece que tambem, á imitação desses vossos antepassados Leitões, que fundarão esta vigairaria, e dessa santa Brites Leitoa, fundadora do mosteiro de Jesus de Aveiro, fundaria este de freiras de Santa Clara em Figueiró dos Vinhos vossa tia Paulina Leitoa, irmã de vossa avó Violante Leitoa, que foi a fundadora delle.

Dev. Nisso nenhuma duvida pode haver, que assi seria.

Gal. Quizera eu que para que a não houvesse, fora isso mais authentico, e contado tambem por pessoas estranhas.

Dev. O que he notorio não ha mister prova, quanto mais que da fundação do mosteiro de Aveiro ha disso livro impresso, feito pelo Padre Frei Nicoláo Dias, varão de Deos, e tambem se conta nas chronicas destes Reis Dom Affonso V e Dom João II, pai e irmão da Infanta Dona Joanna, que aqui se meteo das primeiras, e se podia por isso chamar fundadora: e no mesmo mosteiro ha disso tradição, e escrituras authenticas, como tambem no de Figueiró ser fundado por Paulina Leitoa, minha tia, a qual meteo comsigo algumas suas parentas e minhas, e a essa conta me tomarão ali huma sobrinha quasi sem dote, em memoria da dita Paulina Leitoa, e reconhecimento de minha mãi Catherina Leitoa, que Deos haja, haver dado graciosamente muita parte do chão em que se edificou este mosteiro. E já que estamos na materia, e vir agora a proposito, vos quero contar de raiz o principio e fundamento desta santa casa, que assi lhe podemos chamar pola grande santidade e virtudes, que nas religiosas della resplandecem, com admiravel observancia de sua sagrada religião.

Pouco despois que el-Rei Dom João III pedio ao Papa pera Portugal os Padres da Companhia, que vierão a elle os primeiros, o Padre Mestre Francisco, natural do reino de Granada, e o Padre Simão Roiz portuguez, em Fevereiro o anno 1541. E tanto que elles tiverão collegio em Coimbra por suas missões costumadas pera a conversão das almas, continuarão na villa de Figueiró dos Vinhos. E nella prégavão, confessavão e ensinavão frequentemente a doutrina christã. Com os quaes exercicios, e com o exemplo de sua vida, fazião notavel fructo nas almas dos moradores. Do que succedeo alumiar Deos Nosso Se-

nhor nove molheres das principaes da villa, que frequentavão estes exercicios destes Padres, e com a exortação delles se resolverão em deixar o mundo, tomando vida e nomes de religiosas. E dando conta primeiro deste seu intento ao Padre Antonio Mendes, da Companhia, que então residia na dita villa, e seguindo ellas seu conselho, se ajuntarão todas nove, e se forão assi juntas á igreja de S. João Bautista, matriz da dita villa. E ali em presença de todo o povo fizerão voto de religiosas, e derão obediencia ao Padre Frei Gaspar Banha, que então era Prelado da provincia de S. Francisco.

E feito isto, acompanhadas de todo o povo, se recolherão a humas casinhas pobres, onde os ditos Padres da Companhia as instruirão, ministrando-lhes o necessario, té que tiverão confirmação de Sua Santidade, e Prelado, que as tomou á sua conta.

As quaes na mudança dos nomes que tomarão, se chamarão Anna de Jesus, Justina do Salvador, Catherina do Espirito Santo, Isabel da Conceição, Leanor de S. Nicoláo, Joanna da Apresentação, Maria da Conceição, Maria de S. Lourenço e Joanna da Cruz, todas mulheres simpres na virtude, e que nenhuma dellas sabia ler, pera mais gloria de Deos: *Qui abscondit hæc à sapientibus, et revelavit parvulis, etc.*

Nestas casinhas pois desta maneira passarão estas santinhas alguns dias e tempo, sem mosteiro nem mais fórma delle, e sem a confirmação do Papa que atrás digo, em grande aperto e falta de todas as cousas necessarias á vida, mas com admiravel crecimento de virtudes, e fervor do amor de Deos nosso Senhor, que tudo lhes fazia passar com alegria.

Mas neste comenos, viuvando Paulina Leitoa nossa tia, na villa da Certã, que são tres legoas desta, a qual sabendo o recolhimento e modo de vida destas nove santinhas, e sua extrema pobreza, e como não tinhão casa, nem igreja, nem mosteiro, nem bulla do Santo Padre pera elle, nem com que o fazer, se resolveo meter-se com ellas, e com seu dote e fazenda (que dizem era rica) fazer e fundar o mosteiro, e haver pera isso as bullas necessarias (como fez), porém com ter primeiro grandes contrastes, assi de casamentos grandes, a que os parentes a persuadião e obrigavão, por ser moça e de bello parecer, e com outros mil estorvos que lhe buscavão, por ser assi rica. A qual imagino que vendo-se combatida destas e outras tentações, e variedade de pensamentos diria a Deos:

Onde estais bom pastor, que a vossa ovelha
  Está em grande aperto:

Perigo occulto, e certo
Meu imigo interno me aparelha:
Comigo se aconselha,
E urdindo está comigo
As traças de meu damno:
Que admiravel perigo?
Ver enganar-me, e consentir no engano:
Que veneno tão raro,
Que alegra em morte, e mata sem reparo!
Bem qual Amon, ao povo Israelita
Arrancar-me do peito
O olho são direito
De meu conhecimento solicita,
E com manha exquisita
Por sabio, e por prudente
Me lisonja, e affaga:
Que emfim naturalmente
Todo mortal de seu saber se paga.
Mas porque eu não pereça
Dai-me Senhor que sempre me conheça.
Que aproveita de todo o firmamento
Ver as cousas mais bellas?
Contar os ceos, e estrellas
Medir a terra, e humido elemento?
Se o vão entendimento
No mundo que tem visto
De soberbo não cabe:
Se quem não sabe a Christo
Anda sempre aprendendo, e nunca sabe:
Se hum ignorante e rudo,
Que só a Christo sabe, sabe tudo [1].
Ditoso quem co' a vista levantada
Na vossa fermosura,
Só comvosco procura
Ser sabio; e tudo o mais estima em nada [2].
Quanto huma alma he mais dada
A este estudo excellente
De saber tão profundo,

[1] Hoc est nescire sine Christo plurima scire.
[2] Si Christum scis, satis est, si cætera nescis.

Tanto mais do ceo sente,
Tanto mais fica inutil pera o mundo:
Qual c'o anjo lutando
Ficou Jacob, da luta manquejando [1].
Vossa pura, e immortal sabedoria
Desbarata os scientes,
Bem como as mais serpentes
A de Moysés tragava e consumia [2].
Que a sabia fantasia,
Nas azas se levanta
Da torpe vaidade:
E a vossa humilde e santa
Procura assi negar-se de verdade,
E por melhor servir-nos
Tomar a cruz ás costas e seguir-vos [3].
Só he sabio quem contra a natureza
Tem na maior deshonra
Toda a nobreza e honra,
Na pena o gosto; as posses na pobreza.
Só he sabio quem preza
As cousas desta vida
Como huma semelhança
Daquella gloria unida,
Da qual com fé só temos 'sperança,
E a quem serve de escada
Esta riqueza debil e emprestada.
Mas ah que atada a carga que me peza,
Bem que entendo o que digo,
Não entendo o que sigo
Preza do mundo, e de meus vicios preza.
A cousa que he defeza,
No desterro presente
Tudo conheço, e vejo,
Mas vejo juntamente
Que val pouco sem obras o desejo:
Nem ha quem obrar possa,
Se não tem luz da sapiencia vossa.

1 Gen. 12.
2 Exod. 7.
3 Corint. 2. Math. 10. Luc. 9.

Entra na rede o peixe, e na agoa o lenho
Por si mesmo levados,
Porém não são tirados
Sem mãos alheias, e mais nobre engenho.
Isto só de meu tenho
Por proprio e natural,
Perder-me no peccado;
Mas do vosso immortal
Braço ser de meus vicios arrancado.
Toda a minha fraqueza,
Minha he sómente, e vossa a fortaleza.
Dai-me pois desse pego alto infinito
Huma só gota vossa,
Pera que achar-vos possa,
Pera que só a vós traga n'alma 'scrito.
Que bem como no Egypto
Estando tudo escuro,
Donde Israel andava
A sombra se apartava,
E o ar corria luminoso e puro;
Assi perpetuamente
Em luz só vive quem vos sabe e sente.
Saiba pois vossa esposa conhecer-se
Cheia de tanto lume,
E livre do costume
Faça o que he bem, saiba o que he bem fazer-se.
Procure sempre ver-se
No espelho da humildade
De vossa santa vida,
E nelle de verdade
Se orne, se affeite, e o vão saber despida:
Pois neste mundo injusto
Só he sabio quem he mais puro, e justo.

Por onde parece a ouvio Deos nosso Senhor, e alumiou; porque rompendo por todos os inconvenientes se veio meter com estas nove molheres com quanto tinha de raiz e movel (que he o que o mosteiro hoje tem), sem reservar cousa alguma. E feito o mesmo voto, poz logo a mão na obra como sua prelada. Oh ditosa e bem aconselhada parenta, quão bem vós soubestes encaminhar alma vida, e salvação, e

vossas cousas, despindo-as todas por amor de Deos, vestindo-vos desse nada tão rico, e com tantas usuras e ganhos! E pera que delles partais comigo, eia pois alma santa:

Dispe tudo, e veste nada,
Toma nada, e tudo dá,
Porque em nada tudo ha.
Riquezas, gloria mundana
He gosto que mente, e voa;
Se amima mais engana,
Mas por fim sempre magoa.
Por tanto santa Leitoa
Veste nada, e tudo dá,
Porque em nada tudo ha.

A qual considerando bem este sitio onde ora está este mosteiro ser o melhor daquella villa alto e plano, e por isso muito sadio, e com huma fonte que agora lhe fica á porta muito grossa e abundante, e da melhor agoa que se sabe. E porque era terra d'uma capella de minha mãi que Deos haja, lh'a pedio, e a meu pai, dizendo permitiria Deos a viessem lograr cousas suas, como aconteceo, que sempre houve neste mosteiro parentas nossas: e porém meus pais lhe derão a terra graciosamente, com muito gosto, com a qual e havidas outras, se começou a obra, com licença e confirmação da santa Sé Apostolica, que concedeo João Arcebispo Sipontino, Nuncio Apostolico, com poderes de Legado a latere, que neste reino residia pelo santo Padre Paulo terceiro o anno de 1549, como consta do breve da dita confirmação que está no archivo do dito mosteiro com nome de mosteiro de Santa Clara. E he de notar acertar a fundadora delle chamar-se Paulina, e o Papa que isso concedeo tambem Paulo [1].

Principiando o mosteiro, e já em fórma, ella mudou o nome de Paulina em Paula de Santo Antonio, e já Abbadeça o acabou com sua fazenda, e com alguns outros dotes das que forão entrando, cousa com tudo muito pouca. E sem até hoje terem outra ajuda de padroeiro Principe ou senhor algum, e com só isto de Paulina Leitoa, e pouco mais, sustenta 60 religiosas de veo preto, com todos os mais gastos, e isto póde importar 20 ou 21 moios de todo pão, e cousa de huma pipa de azeite, e tudo alguns annos muito mal pago, sem mais dinheiro ou outra cousa alguma.

[1] Fundou-se o mosteiro de Figueiró anno 1549.

E quando com tudo se fazião as obras, estas mesmas santinhas erão as que acarretavão a pedra, cal e materiaes, rotas e descalças, ardendo em fomes, mas com grande alegria, á imitação da outra nossa parenta Brites Leitoa, na edificação do mosteiro de Jesu de Aveiro, e sem terem até hoje communidade, nem com que a poder ter no refeitorio, mais que n'algumas festas ou dias de jejum, não deixão de ir a elle todos os dias, a ouvir o que se lê, e dar graças. E no serviço do coro são tão continuas, que em nenhum outro se fazem melhor os officios divinos, o que he muito pera louvar a Deos, que sendo mosteiro tão moderno, mandão delle reformar outros. E ao de Santa Anna de Lisboa foi daqui huma Abbadeça que lá o foi onze annos, e ao de São Vicente da Beira, e a outras partes.

E com toda sua pobreza, que he grande e muito maior que das que professão ter nada, como o da Madre de Deos de Lisboa e outros: porque este tem muito menos que aquelles nadas, pois a elles nada lhes falta e a este sobejão faltas, e falta tudo padecendo necessidades quasi extremas muito de ordinario; e com tudo com grandes abstinencias em augmento de grandes virtudes vivem muito alegres em Deos nosso Senhor, que taes são os effeitos da mesma virtude e santa pobreza, com a qual se achava esta serva de Deos tão consolada, que não cessava de lhe dar graças, com mil gabos da mesma pobreza, dizendo:

Mansa pobreza justamente amada,
   Segura, forte, doce, e deleitosa,
   Não triste, não pezada, mas ditosa,
   Serva de Deos querida, e regalada;
Dadiva santa bemaventurada,
   Rica, branda, quieta, e amorosa,
   Senhora universal de toda a cousa
   Que tudo tens de teu, não tendo nada:
Graça de muitos desagradecida,
   Do Ceo, e terra hum claro fundamento,
   De gloria, e de valor, e de grandeza;
Por ti a vida deixa enriquecida
   Tratas só de trazer o pensamento,
   Em não querer riqueza, e nisso és riqueza.

E houve neste mosteiro religiosas que com muita penitencia passarão desta vida com muitas mostras de santas, porque alguma predisse muito antes a hora de sua morte. Outra vio nella o menino Jesu. Outra a Virgem nossa Senhora, e sobre a cabeça de outra se vio huma pom-

ba alvissima quando expirou: e huma nossa parenta, Francisca da Paixão, disse, quando expirou, em latim, que *Videbat cœlos appertos.* E outras muitas cousas destas que todas são notorias no mesmo mosteiro, que muitas que são vivas virão, em prova da santidade delle, deixo.

E quanto a este outro convento nosso, de Nossa Senhora da Luz, he isso muito apparente, e visto, e esta capella mór da Igreja velha, era sepultura de meus pais, que nella jazem: mas porque na reedificação della a chegarão mais pera diante, ficou a sua sepultura de fóra contigua com a grade da dita capella mór de agora, que eu não quiz se mudasse pera dentro por justos respeitos dos quaes foi hum que:

No tempo da capella velha havia aqui hum padre havido por santo, e certo elle era varão de Deos, o qual se chamava Frei Nicoláo Dias, que foi o que fez o livro, que vos disse da fundação do mosteiro de Jesu de Aveiro. Vinha este varão de noute passal-a quasi toda em oração mental diante do Santissimo Sacramento, onde sentindo por muitas vezes huma suavidade admiravel de cheiro, e não sabendo o que fosse a causa, perguntou ao frade leigo (que vos disse) Frei Antonio das Regadas, e a outro Frei Christovão tambem leigo, os quaes erão naturaes, e antigos filhos da casa, e nella sempre moradores: Quem jazia naquella capella, porque não podia ser senão algum santo. Os quaes lhe disserão, não jazer ali outrem té então, se não meus pais, nomeando-lhos, e que quanto a santo, por tal fora havida Caterina Leitoa minha mãi, quando vivia, e isto me contarão estes dois religiosos, e o dizião a todos. E certo não sem algum fundamento, porque della se contão algumas cousas que forão milagrosas. E era a maior caridade a sua pera todos, e singeleza de coração do que vos posso encarecer nem dizer.

Succedeo pois que n'um anno de grandissima fome perecia a gente della, e não havendo em casa se não o pão que muito escassamente a pudesse sustentar esses mezes do cabo do anno, o que não attentando minha mãi, movida de grande commiseração, e dó, do que passavão os pobres, os soccorria o melhor que podia, mas mui attento pola multidão das necessidades que via passar ainda em casas abastadas, e honradas.

E com tudo foi dando de maneira que quando quiz attentar em si achou que era esgotada huma vasilha grande de pão, que levava cousa de dous moios (que ali chamão dornas) e se gastava de outras tudo vasio. Vede agora o que sentiria, vendo que meu pai por força o havia de saber: porém ella se poz de joelhos em oração a Deos nosso Senhor

na mesma logea, e celeiro com assás afflicção, e angustia do coração, esperando no mesmo Senhor lhe acudiria. E indo acaso outro dia ao mesmo celeiro (eis cousa admiravel!) que vê a mesma dorna cheia de trigo com grande cogulo que nella não cabia. E pondo-se de joelhos com muitas lagrimas, deo muitas graças a Deos, e se calou, porém logo se soube tudo, e n'outra cousa se não falava.

Tinha eu prometida huma festa a Nossa Senhora, que nesta villa da Assumpção he o orago da matriz della a 15 de Agosto, e lh'a prometi estando cativo, com condição se ella me trouxesse livre a Portugal como fez. Que entrei fugido, e não esperado a minha mãi pela porta. Porém não acabava eu de pôr em azo a festa, e nenhuma outra cousa minha mãi desejava mais, e pedia mui efficazmente a Deos que lh'a deixasse fazer, e a levasse logo pera si, e assi aconteceo. Porque feita a festa, que durou tres dias, ao outro seguinte, e na mesma noite contigua com a ultima hora das festas; adoeceo de huma colica passio de que faleceo dentro em cinco dias. E dando-lhe eu a nova de como morria, lhe pedi primeiro me prometesse huma mercê, o que prometendo lhe disse: Senhora, a mercê seja que, quando vossa mercê se vir diante da Magestade divina (que dizem os medicos será cedo), lhe peça a minha salvação, e hum estado em que eu o sirva. Sou muito contente meu filho, respondeu ella, e hajais a benção de Deos e a minha por essa nova, que mal sabeis quanto me alegrou: e ao outro dia faleceo, recebidos todos os sacramentos, e com mui claros sinais de sua salvação, e que estará gozando de Deos. E ácerca disto vos pudera dizer muitas cousas, e não ouso por suspeito. Mas espero no mesmo Senhor me alcance esta mercê de sua infinita misericordia. E cuido que os trances varios em que me tenho visto, e inquietações, o permitio Deos pera castigo de meus peccados, e pera melhor saber conhecer a tranquilidade desta alma, no estado presente. E porém do seu falecimento escrevi logo ao Padre Frei João d'Andrada meu irmão, pera por sua alma fazer os divinos officios, escrevendo-lhe esta Elegia:

Em que esta dura absencia longa, e triste
   Minh'alma com dor grave tenha preza
   Cujo alivio irmão em vós consiste.
Que pois de Christo sois hum tocha aceza,
   Não he vosso mudar c'o bem o rosto,
   Nem c'o sobejo mal mostrar tristeza.
Bem que em estado tal vos terá posto
   O amor que onde arde em viva fragoa,

Mal encobre seu bem, nem seu desgosto.
Que se veja nos vossos olhos agoa
Na voz hum triste, e grave sentimento,
Sinais certos de dor, sinais de magoa.
Por este a nós tão triste apartamento,
Quanto á clara mãi que Deos lá tem
Alegre, e cheio de contentamento.
Porque se vê segura, e salva além
Dos perigosos mares desta vida,
Já tão fóra de mal, com tanto bem.
Ve-se com a corôa merescida
Pelas muitas virtudes que cá teve,
De mil contos de santos recebida.
Vestida de huma clara e pura neve,
De resplendor divino toda cheia,
Em cima desse ar fermoso, e leve,
Essa facha do sol que cá rodeia
Com sua luz fermosa a terra escura,
Pera as cousas de lá he cousa feia.
Não se occupa em ver a fermosura
Dos estrellados Ceos, que he maravilha
Que alcançar bem não pode a conjectura.
Tudo isto despreza, e tudo trilha,
Só no divino Amor toda se inflama
De Deos, e na de Deos só mãi, e filha,
Ali só toda está: onde tudo ama
Já da terra perdeo toda a memoria,
Onde deixou tão clara, e santa fama.
Mas pera magoa mór, a sua historia
Nos fica; e pera dor, e pera pena,
E ella se nos foi pera mór gloria.
Tudo pera bem he, que o Ceo ordena;
Mas nosso interesse ás vezes cego,
O bem alheio pelo seu condena.
Vi-me tão pouco ha (nem isso nego)
Com mil mimos, e bens de tal pastora
Por quem mil vezes minhas faces rego.
Vejo-me triste só sem ver agora
Aquelle gasalhado, e amor puro
Aos de casa tão certo, e aos de fóra.

Ao Ceo bradarei, e ao tempo duro;
   Tudo gritos serão: serão gemidos,
   E o ar mais claro a mi será escuro.
Ella que entre os sp'ritos escolhidos
   Está louvando a Deos glorificada
   A nada do de cá já dá ouvidos.
Oh morte por tal vida bem trocada,
   Oh ditoso morrer: morte ditosa,
   Que vem a dar em vida descançada!
Que choramos irmão, pois gloriosa
   Está esta por quem tanto choramos
   Já fóra desta carne trabalhosa.
Vós Virgem, a quem sempre suspiramos,
   A puzestes nesse seio de Abrahão,
   Onde nos alcançai que todos vamos.
Quizestes-lhe pagar a devoção
   Com que vos servio na vossa festa,
   Com tão acugulado galardão.
   Que de vosso serviço a paga he esta.

E faleceo no anno 1582, notavel pola correição delle a que se tirarão dez dias, e reformação do rezar. E posso cuidar estará no ceo, porque alem do suave cheiro, que da sua sepultura sahia, sendo ella aberta dahi a doze annos pera enterramento de seu filho Pero d'Andrada, foi achado seu corpo inteiro sem corrupção alguma, e com a mesma fragrancia de cheiro. E da mesma maneira se tornou a achar despois, sendo tornada a abrir pera enterramento d'uma sua neta, de seu nome, filha do dito seu filho.

E indo eu muitos annos depois áquella villa, lhe puz outra pedra azul em sua sepultura de onze palmos de comprido, e sete de largo, e com as nossas armas de Leitões, e Andradas, e este epitaphio:

Aqui jaz Belchior de Andrada
   Que em dia de Reis passou,
   E em tal naceo, e casou;
   Aqui seu pó, e ossada,
   Que alma onde elle a ordenou.

Faleceo no anno 1568.

E foi assi que naceo, casou, e faleceo em dia de Reis, e sempre pola manhã (cousa notavel), e porque viveo vida muito inculpavel tenho muita confiança em sua salvação, e assi na de nove filhos já falecidos pelo bom acabamento que tiverão. E porque ha na nossa geração alguns santos, havidos piamente por tais, a saber:

O Padre Diogo de Andrada, meu primo com irmão, e padrinho de pia, que foi martyrisado pelos Herejes na costa do Brazil o anno 1570 em 15 de julho, só pola confissão de nossa santa Fé Catholica, exhortando seus companheiros ao mesmo martyrio, sendo Capitão destes Herejes piratas Jaques Zoria Frances, grande cossairo. E o retrato deste varão de Deos, está em S. Roque de Lisboa (porque era elle da Companhia), onde os padres tem a Relação de seu martyrio; o qual era natural desta villa, e sitio, filho de Anna de Andrada minha tia. Donde tambem he natural o Padre Antonio de Andrade, e da mesma ordem, que hoje vive. O qual com hum zêlo muito ardente, da exaltação da fé, cometeo hum feito verdadeiramente heroico, que foi o descobrimento dos reinos do Tibet, tão desejados, e procurados de descobrir tantos annos. Rompendo difficuldades, quasi impossiveis, caminhando mezes, sempre por neves, e serras de neves, humas e outras, té conseguir o que tanto se desejava, por ser aquella gente quasi da nossa crença, onde hora anda fazendo grandes fruitos, e se espera que todos aquelles reinos se fação christãos, o que se pode dever a este padre, nosso parente, segundo este descobrimento. Que foi pelos annos 1625.

Tambem era natural daqui outro varão de Deos o Padre Frei Nicoláo do Rozario Leitão, muito nosso parente, da ordem do senhor S. Domingos, e filho desta casa de nossa Senhora da Luz, e de Antonio de Figueiredo, e Izabel Leitoa, o qual foi martyrisado na Ethiopia em Cuamá no anno 1592, pola prégação do sagrado Evangelho, como o affirma o Padre Frei João dos Santos no livro que escreveo da Ethiopia Oriental.

Daqui tambem era natural a freirinha que agora vos disse, Francisca da Paixão, a qual expirando vio os ceos abertos, como se diz no mesmo seu mosteiro. A qual era filha de Nuno Leitão meu tio, e Izabel de Andrada minha prima com irmã, e neta de Rodriguienes Sotil.

Do qual se contão cousas notaveis de sinais de santo, e muitas virtudes, e caridades, em annos que por aquelles tempos houve de grandes fomes, deitando de noite polas portas onde se mais padecia escondidamente o que podia. E aconteceo que lhe roubavão, e escorchavão as colmeias, que tinha muitas (que he huma das fazendas deste sitio),

e espreitando o ladrão eil-o, que veio, e era pessoa honrada de quem tal se não podia presumir. O qual antes de abrir a colmeia, se poz de geolhos, e com as mãos, e olhos no ceo, disse: Bem sabeis vós, Senhor, a extrema necessidade com que isto faço, em vós espero provereis como quem sois, e me perdoareis. E tirando hum favo de mel, que comeo, e dois ou tres mais, que atou n'um lenço, e concertada a colmeia se foi sem o dono Rodriguienes bulir comsigo. E antes chorando muitas lagrimas de compaixão, na noute seguinte lhe mandou trigo, e o foi provendo em quanto durou a fome. E por estas obras, e outras aconteceo: Que na noute de seu falecimento toda, e o dia seguinte em quanto seu corpo não foi enterrado, foi vista huma como estrada embranquecida ao modo da que se chama no ceo via lactea, e vulgarmente estrada de Sanctiago, desde o mesmo ceo té o telhado de sua casa onde seu corpo estava. E chorando sua molher, e filhos, com muita dor, seu falecimento, forão por sua consolação trazidos fóra a ver os claros sinais da salvação, e santidade de seu marido, e pai. Com o que ficarão mui consolados, e todo o povo (porque todos virão isto) maravilhado assás dando graças a Deos, e mo contarão, e sua filha Izabel d'Andrada, e que por isso os officios de seu enterramento, e do mez, e anno se lhe fizerão com ornamentos de festa, e aos oito dias faleceo sua molher minha tia, e desapareceo o sinal.

E o Padre Frei Antonio Pestana da ordem do senhor S. Domingos deste sitio foi natural, a saber: do Mourisco, lugar defronte deste convento de Nossa Senhora da Luz, freguezia do Espirito Santo do Castello, o qual foi filho de Alvaro Pires, e Domingas Pires; e sendo menino prégava remedando os prégadores, com muita graça té já grandinho, e açoutando-o o pai por isso, lhe fogio, e se embarcou pera a India onde se meteo frade, e fez vida santa, e milagrosa, tanto que dizião ser visto em oração, levantado do chão hum covado. E no cerco de Malaca foi muito ferido ajudando, e exortando os defensores della. E de ahi foi mandado a Solor, e Timor prégar, e indo de ahi a Siam ao mesmo fim, e por Prior de outros padres que lá andavão: e sendo essa cidade assolada pelo grão Bramá gentio, elle lhe deu cruelissimos martyrios, pola prégação, e confissão de nossa santa Fé, entre os quaes lhe meterão rachas de canas, polas juntas, e polas unhas todas. Com o que expirando, fez Deos por elle muitos milagres, e faz, e foi isto pelos annos 1605, e consta das relações que tem os padres da ordem.

Tambem daqui defronte deste sitio, foi natural o Padre João Matella, filho de Antonio Matella, e Antonia Colaça, da Companhia de Jesu; a saber: do bom Jardim, termo da villa da Certã. O qual em

Manteigama, andando prégando a santa Fé, foi por isso alanceado de banda a banda, no anno 1616, segundo as relações que tem os mesmos padres.

Deixo o Padre Frei João de Andrada, meu irmão, da ordem de S. Bernardo, o qual no dia de seu falecimento no mosteiro de Maceiradão, foi visto no mesmo dia, no mosteiro das freiras de S. Bernardo de Portalegre, onde fora confessor muitos annos (que distão vinte e oito legoas), e nas mesmas horas ir pelo ar revestido como pera dizer missa, e com as mãos levantadas, e o vio assi na hora do dia huma religiosa Francisca de Albuquerque, tida naquelle mosteiro por santa, e outras que ainda são vivas, e averigoarão depois o dia e hora ser a mesma de seu falecimento.

E o mesmo Maria de Andrada, minha irmã, que falecendo na minha quinta do Carregado, termo de Alemquer, o anno 1596, que os Hollandezes saquearão Cales, nesse mesmo dia foi falar a outra nossa irmã freira em S. Bernardo de Portalegre, Marqueza de Andrada, que a vio com outras que com ella estavão na hora do dia que hoje o contão. A qual lhe disse algumas cousas que ella não diz.

E não vos pareça isto impossivel, pois S. Geronymo, quando faleceo, dizem, veio falar a Santo Agostinho seu amigo, estando-lhe escrevendo huma carta, ou a S. Cirillo, porque são favores que Deos faz aos seus escolhidos. E por sinal que entre algumas perguntas que lhe fez de muita sustancia foi huma: Se as almas tinhão lá tudo o que desejavão, e elle respondeo que si: Que tudo Deos lhe concedia. Porém que nunca desejavão se não o que Deos queria que desejassem.

Galac. He tudo isto que me contais tanto pera estimar, e vos honrar de tais parentes, e naturais que quizera delo mais probabilidade.

Devot. Já vos disse quão notorias forão, e são todas estas cousas, e não se falava em outras nesse tempo em todo este povo, e onde se virão acontecer. Quanto mais que todos os direitos outorgão, possão os parentes, e ainda os mesmos pais, e filhos, ser testemunhas inteiras acerca dos parentescos, e idade dos filhos, e outras cousas tais, dos parentes pola rezão que tem de o melhor saber. Por onde parece, que os decendentes, e parentes poderão tambem de alguma maneira testemunhar destas cousas de seus parentes, e eu vos affirmo em minha conciencia, que tudo o que delles vos digo he o que na verdade sempre ouvi, e sei como cousa notoria, e vol-o disse pera gloria de Deos, e pera imitação do bom, que a virtude louvada crece.

Mas tornando ao novo convento que se fazia nos meus primeiros annos. Parece (segundo aos mesmos Padres, desse mesmo tempo, ouvi)

que vindo aqui aquelle varão de Deos, o Padre Frei Luis de Granada, e conhecendo bem, e notando as qualidades deste sitio poderem ser fundamento de muito maiores cousas, e muito acommodado pera convento de muitos Religiosos, e dando conta aos Prelados, e alcançando da Rainha Dona Caterina, já viuva del-Rei Dom João o terceiro, dous, ou tres mil cruzados de esmola, e com outras, se assentou em capitulo fosse, e se mudasse esta vigairaria pera sempre em convento, como hoje he, e se cometeo essa obra, e mudança com o dinheiro pera isso ao Padre Frei Antonio de Caria, que o começou, e acabou no seu trienio ou pouco mais no anno 1560. Havendo cento annos que durava a vigairaria pouco mais ou menos.

Mas em quanto não são horas de caminhar, vos quero mostrar algumas curiosidades, que neste convento me communicava o Padre que vos disse, Frei Nicoláo Dias, varão de Deos devotissimo. O qual sempre aos domingos dizia a missa do Rosairo, a que acodia, quasi toda a villa a ouvil-o, porque ao lavar das mãos se virava ao povo, a quem dava por almoço huma pratica espiritual excelente, e de grande consolação, e comigo tratava estas materias, levando-me pera isso á fontinha do seu pomar, e era elle muito veneravel pessoa, assi polas palavras santas, e cans, como pola muita idade de mais de oitenta annos: e hum dia depois de me dizer muitas cousas espirituaes, e do ceo disse, como que falava com os seus Padres:

Laudate nomen Domini, laudate servi Dominum, que he o Psalmo 134, e sobre elle este discurso.

Siervos de Dios queridos
Que de sus mandamientos,
Os haceis voluntad, ley, y govierno,
Biviendo mas contentos
Que todos los nascidos,
Load al Señor eterno,
Y su nombre espantoso al mismo infierno.
Con puros sacrificios,
Y divinos cantares,
Load al senhor vosotros que sagrados
En sus santos altares,
Los divinos officios
Celebrais dedicados
A servir en sus templos consagrados.

Con son agudo, y grave
En vuestros instrumentos,
Alabad al Señor, que es bueno, y santo,
Y con suaves acentos,
Su nombre que es suave,
Cantad, moviendo en tanto
El diestro pie a compaz del sacro canto.
Que del linage humano
Como diesmo, y primicias,
Los hijos de Jacob fue escogiendo,
El Señor de su mano,
Luego que las dilicias,
Y gracia Adan perdiendo
El mundo de hombre en hombre fue creciendo,
Al Señor sin segundo,
Load, y su santo nombre,
Que conoce en sus obras claramente:
Que deve honrarle el hombre
Por Dios solò del mundo,
Y que es grande, y potente,
Sobre todos los dioses de impia gente.

E virando os olhos pera mi, me disse muitas cousas da bemaventurança, e logo outras sobre a immortalidade da alma, quasi desta maneira desta Canção.

Rompe los lazos de la prision fuerte,
Anima venturosa en la partida,
Con que saldras de amargas confusiones
Pera la eternidad y inmortal vida,
Por la estrada comun que llaman muerte,
Y es termino de enojos, y passiones,
Dexarás de seguir las illusiones,
De los sentidos debiles que engañan,
Y mientras te acompañan,
(Aunque baxos grosseros) se le inclina,
Tu parte mas divina,
Que vá pedir soccorro al aposento,
De las phantasmas: el entendimiento.
Desnuda quedarás de la librea

Que de color mortal humores varios
Para hacerte a su mano te componen,
Ni de elementos entre si contrarios,
Offenderá tus fuerças la pelea
Con que lo que an compuesto descomponen:
No miras que peligros se te opponen?
Mientras cubierta desta vil corteza,
Escondes la nobreza,
Que a tu criador te buelve semejante,
Camina: y en un instante
Te hallarás libre, y en la patria fuera,
De donde el tiempo sigue su carrera.
Quando veas del cuerpo desasirte
No temas el morir: que tu no mueres,
Solo la tierra en tierra se deshaze:
Como de mortal mano hechura no eres,
Spiritu desnudo has de partirte
Ansi al movedor primero applaze,
Las obras son señal de aquien los haze.
Mientras te tiene el cuerpo en sus cadenas
Cosas de cuerpo agenas,
Entendiendo, y amando tal te paras,
Que en tus obras declaras,
Poder estar sin cuerpo, y si esto puedes,
Quien podrá hazerte que inmortal no quedes?
No la triste veiez, no enfermedades,
No riesgos de la mar, y de la tierra,
No batalha sangrienta, y peligrosa,
Solo al cuerpo estas cosas hacen guerra;
Tu que tienes con el contrariedades
Mal puedes ser con el la misma cosa,
Manda la voluntad imperiosa,
Han de servir los membros obedientes,
Son cosas differentes,
Una que manda del otra que obedece:
Lo mismo es que acontece,
Entre el entendimiento, y los sentidos,
De parte en parte en votos divididos.
La continua ambicion, la inmortal hambre,
De hazer eterno el curso de la fama,

Que con cien lenguas, y cien alas buela,
De sperançaꞩ urdir perpetua trama:
Pensando que las parcas en su estambre,
Podran incorruptible hazer su tela,
Bivir como soldado en centinela,
Lo por venir buscando en las estrellas,
Que son? sino centellas,
De la immortalidad? con cuya lumbre,
Por natural costumbre,
Columnas, letras, arcos, mausuleos,
Contra los años dexas por tropheos.
Ni con esto se quieta el movimiento
De un deseo que corre a rienda suelta,
Tras cosas que de un soplo desvanecen,
Y aun no las halla bien, quando dà buelta,
Sin parar hasta el mas sublime assiento,
Do las vidas sin muerte permanecen,
Otros mas anchos campos se le offrecen,
Do sin trocar verano con invierno,
Se goza un prado eterno,
Otras montañas, selvas, rios, fuentes,
Cuyas limpias corrientes,
Hazen con que del todo alla se enfria
La ardiente sed de nuestra hydropesia.
Dexa este vaso que es de vil escoria,
Todo de llanto, y de dolor compuesto,
Hediondo, quebradizo, y corruptible.
Quando buelvas despues al mismo puesto,
Rendundará de ti en el tal gloria,
Que lo haga sotil, claro, impassible,
Spectaculo aora tan horrible,
Verase en tu presencia todo hermoso,
Un cuerpo glorioso,
Libre del jugo del mortal stado,
Tanto meyor ornado,
Quanto beldad divina es mas perfeta,
Que esta otra que a la muerte está sugeta.
Neste dia que piensas que es postrero,
Será con mas razon tu nacimiento,
Mira los passos bien por dò veniste,

Nueve vezes con propio movimiento
Renovado la luna su luzero,
Que nel maternal vientre te estuviste,
Desta prision a ver la luz saliste,
Mas no clara del todo: que ha quedado,
Embuelta en un nũblado
Que aun assi no puedes bien gozalla,
Que tien para miralla,
Dos ventanas tus ojos, cuyas puertas
Aora estan cerradas, aora abiertas.
Es todo quanto miras fragil cosa,
Debil este ayre que tu luz reparte,
Descansando una noche cada dia:
Que es lo que te acobarda a no passarte
Para otra region mas clara, y hermosa,
Do habita eternamente el alegria?
O quien alla se viera! Y que seria,
A una alma ver que todo lo passado,
A escuras lo ha andado,
Quando jusgue por burla, y por mentira.
Quanto aora lo admira,
Ni tema escuridad, ni sienta pena,
Toda de luz divina, y gloria llena.
Renacerás aora, y este segundo
Nacimiento te lleva a meyor vida:
Tambien en el primero atada estavas,
Desátate otra ves, que entretenida,
En la carcel estás del cuerpo inmundo
En el officio vil de tus esclavas,
Veras quan sin respeto te quexavas
De las oras que buelan con presteza.
Diote naturaleza,
Esta vida, ella misma te procura
Otra con grande usura:
Aggráviasla en llorar hombre sciente
Como hiziste al nacer niño inocente.
Vete a tu patria, y no será qualquiera
De los estrechos limites deste suelo,
Esta o aquella region, ciudad o villa,
Mas será todo el estrellado velo

Sobre los fuertes axes de la esphera,
Onde el supremo Juez tiene su silla.
O siempre nueva, y antiga maravilla,
Montes eternos, cuyo gran desseo,
Por las sombras que veo,
Me llevarà seguro entre esquadrones
De barbaras naciones,
Aunque vea provar del duro Geta,
En mi desnudo pecho su jaeta.
Conviene reposar un breve sueño,
An sido trabajosas las jornadas,
Tras quien halla descanso sin medida,
A Dios, mis prendas; fuistesme prestadas
Por poco tiempo, y pideos el dueño,
No me importa saber por quien os pida:
O os vengua a buscar mano homicida,
O traicion, o dolencia, y duro caso,
Basta que llegue el plazo:
Muchos caminos van a este camino,
Y aya me determino,
Lo mismo es ir sorviendo gota, a gota,
Que de un trago: pues todo alfin se esgota.
Tocan a recoger, en paz se vaya,
El alma a eterno reposo:
Quien ay que de un naufragio peligroso,
No quiera irse a la playa?
Se esto es nuevo bivir, que mas pretendo?
En tus manos, o muerte, me encomiendo.

Nessa devação (lhe disse eu), e entrega que vossa paternidade mostra ter de si feito a Deos, se pode bem ver quão acommodado seja este sitio pera huma alma religiosa, que só a Deos busca, achar a tranquilidade de sua alma. A cujo proposito me lembra hum soneto: como a commodidade do lugar ajuda muito a tranquilidade da alma.

O sp'rito que subir ao ceo pretende
Julgando o mundo cá por cousa estreita,
E por seguir a via mais direita
Que a elle guia, aqui se encerra, e prende.
Daqui a terra, o mar, o ceo comprende

Vive aqui sem receio, nem suspeita,
De pôr, deixar a vida mais perfeita,
Tornar ás honras vãs que o mundo vende.
E como triumphador desta victoria,
Do louro concedido a vencedores,
O ornado tropheo tem nesta serra.
Por despojos tem já mais certa a gloria
Onde certos estão premios maiores,
Que pode imaginar quem está na terra.

Ao que este varão de Deos, respondeo: Em toda a parte se pode, e deve louvar ao Senhor, e alcançar a salvação; que na vida não ha outro maior bem que ser ella o meio de podermos alcançar a eterna bemaventurada. E nisto chegou o padre Prior com outros padres, e falando n'outras cousas, e refrescando-nos bebendo naquella sua fontinha, nos fomos recolhendo.

DIALOGO SEXTO

Continua-se com diversos poemas todos devotissimos, e mui acommodados pera a oração mental, e falar com Deos nosso Senhor.

GALACIO. — DEVOTO.

Devot. Passados alguns dias depois das praticas que vos disse tive com este Padre me tornei a ver com elle, e o fazia muitas vezes porque me trazia elle mui abalado pera frade. E logo nos fomos pera o mesmo lugar desta fontinha, onde depois de praticarmos em algumas cousas suas que erão sempre do ceo, viemos a falar na correnteza da agoa daquelle ribeiro que por ali passa, e na espadana de agoa que ali fazia, e na pressa com que se precipitava: do que (mostrando-me com o dedo o furioso Zenzere cuja corrente apressada dali se via), tomou elle motivo de me dizer: Vedes aquella ligeireza, e pressa com que corre a agoa deste ribeiro, e daquelle rio? Pois assi he nossa vida, que ainda mais depressa nos foge. E discorrendo mais sobre isso disse:

Qual Tobias sentado,
Na ribeira do Tigris, contemplava
O curso arrebatado,
Das presurosas agoas que levava,
Onde estando seguro em companhia,
De Azarias prudente,
Na agoa corrente os pés lavar queria:
Assi da vida humana
Contempla alma de assento a pressa rara,
Que a mesma vista engana,
Que ate não dar na morte nunca para,
E de affeições que trazes por antolhos,
Os pés, de quando em quando,
Vai lavando n'um rio de teus olhos.
Que rio com tal pressa
Vai pera o mar correndo donde veio,
Como a vida se apressa,
Pera tornar-nos ao terreno seio,
Bem qual nos ceos o raio que aparece,
Se nos mostra diante,
Mas n'um instante, só desaparece.
Quanto mais vai crecendo,

Quanto mais he a cousa que he finita,
Tanto mais vai perdendo,
Do ser que a natureza lhe limita,
Menos de vida tem quem tem mais della,
Que emfim só de corrida
Fugir da vida, he o nosso viver nella.
Nossos dias contados
Como flores do campo desfalecem,
E os annos abastados,
Qual orvalho do prado assi perecem:
Nossa vida he vapor terreno, e falto,
Que com seu puro lume,
O sol consume quando está mais alto.
Que então despida, e nua
Fica, quando do mundo mais se arreia,
Bem qual a incerta lua,
Que então padece eclipse quando cheia,
Ou qual aranha que suas teas obra,
Mas logo n'um momento,
Se assopra o vento lhe desfaz a obra.
Ah quantos enlevados,
Estão no somno desta vida escassa,
Á sombra descansados,
De huma honra vam, que como sombra passa!
E o coração que tem do mundo a flor,
C'o falcão se parece,
Que não conhece farto a seu senhor.
Ah filhos de Ruben,
Filhos de Gad, que os pastos desta vida
Tendo por summo bem,
Renunciais á terra prometida!
Não vedes como o tempo sem sentir-se,
Com seu avaro dente
Caladamente a leva a consumir-se?
Povo Samaritano,
Não Christão, não, que sem temor honrais,
A Deos em vosso dano,
Vossos vãos appetites adorais,
Viverdes sem castigo que vos monta,
Se inda haveis por medida,

Dar desta vida larga, estreita conta?
Mas tu, oh alma minha,
Ve não nos ache a morte que cahindo
Vem sobre nós azinha,
Como Jael a Sisara dormindo,
Mas como quem do porto se desterra,
Que porque da cabeça,
Não desvaneça, os olhos põem na terra.
Assi tu contemplando
Que em fragil náo de barro navegamos,
Está sempre attentando,
Na terra destes corpos que adoramos.
Então de teus imigos abatidos,
Triumphando a razão,
Terás na mão os freios dos sentidos.
Então não tão sómente,
Ensinarás com a pena mal pulida,
Mas á perdida gente,
Emendarás co'as obras, e co'a vida.
Que o bom servo co'a vella se parece,
Que em quanto se consume,
Arde em seu lume, e ardendo resplandece.

E tornando a mostrar-me apontado com a mão o soberbo rio Zenzere, me disse: Se a vida he tão breve, e passa com tanta ligeireza como a corrente daquelle arrebatado, e furioso rio:

Que andas alma fazendo
Com tanto custo adobes vis da terra,
Se quanto a vida encerra,
Em si o vai á terra convertendo?
A estatua deste mundo que estás vendo,
Só porque acaba em mal quanto começa,
Os pés de barro tem, d'ouro a cabeça,
Promete de si muito,
Mas nunca flores suas derão fruito.
Na aparencia fingida,
Ah não te enleves, não, que engana, e mente,
Mas antes brevemente,
Vira as costas aos gostos desta vida;

São estas glorias com que nos convida,
Montes de Gelboe, onde perecem
As virtudes gentis, que em nós florecem,
Onde a terra infamada,
Nem de orvalho celeste he visitada.
Com mimos te namora
Por te privar de hum bem que he infinito;
Com mimos que no Egypto,
O casto Joseph tinha da Senhora.
Não corras após bem que o mundo adora,
Injusto, e vão, toma antes por partido
Acompanhar a Christo perseguido,
Que o ser attribulado,
Da corrupção preserva do peccado.
Como a nação ingrata,
A face não podia ver do justo,
Assi o mundo injusto,
Não conhece, nem vê quem com Deos trata:
Porém se a contrição que os vicios mata
Puzer nestes teus olhos que não vem
O fel, e azedo, ou doce que em si tem,
Verás que nada vias,
Como co'fel do peixe vio Tobias.
Verás com pressa tanta,
(Que não se vê fugir) a gloria humana,
Verás ser fragil cana,
Disfarçado veneno esteril planta,
Verás quem sobre os cedros se levanta
Do Libano passar pera mór magoa,
Como trovão que se converte em agoa;
Verás no mar da morte,
Perder toda a doçura a melhor sorte[1].
Verás a fermosura,
Veo de olhos, dos pés laço, e visco d'alma[2],
Como feno com calma,
Perder com qualquer febre a graça pura.
Verás ser lua instabel que afigura,

[1] Isai. 2. Eccles. 40.
[2] Isai. 14.

Quando da luz do sol he visitada,
Ser de luzentes cornos rodeada;
Mas fica escura, e cega,
Tanto que o sol os raios seus lhe nega.
Começa pois co'a vara
Da contrição tocada abrir os olhos,
E teus cegos antolhos,
Do peito arranque a magoa santa, e rara.
O gado de Rachel fermosa, e cara,
Não podia beber se não tirava
Jacob do poço a pedra, e o cerrava;
Tu inda não choraste
Porque a culpa do peito não arrancaste.
Pudéras desfazel-a,
Com dor de teus peccados só nacida,
Que só curão a ferida,
Desta vibora os pós, e cinza della.
Filha he da culpa, e parecida bella,
A viva dor, que nace do peccado,
(Por quem o proprio pai á morte he dado)
Traça que noite, e dia,
Consume o baixo pano que em si cria.
Todo teu desvario
No Jordam de teus olhos banha, e lava,
Bem como se lavava,
O leproso Námão no santo rio.
Do banho sahirás como confio,
Com tanta graça, e gesto tão fermoso,
Que possas vista ser de teu esposo,
Ó quanta fermosura,
Só com a ver, poem Deos n'uma alma pura!
Dar-te-ha vista perfeita
D'aguia com que possas ver-te, e vel-o,
E de ouro acceso, e bello,
Pés com que a caridade vá direita:
E assi com teu esposo satisfeita,
Sendo por penitencia á cruz unida,
Terás seus dões per graça nesta vida,
Até que emfim contente,
Gozes delle per gloria eternamente.

E após estas, e outras muitas cousas que a este proposito me dizia muitas vezes: Hum dia, estando sentados, junto da mesma fontinha, se levantou em pé, e com os braços abertos levantados, os olhos pregados no Ceo, disse rebentando em lagrimas:

Quando, Senhor, de vida tão cansada,
Verei eterna vida?
Quando de tão comprida,
Prizão será minh'alma desatada?
Quando pera voar á patria amada,
Poderei Deos eterno,
Abrir as portas deste duro inferno?
Antes que a terra os montes produzidos
Com bello parto desse,
Antes que o mar tivesse
Por toda a terra os braços estendidos;
Antes dos Ceos c'os raios seus unidos,
Antes do tempo, e fado,
Em ti, Senhor, estavas sublimado.
Nem com mudar-se o tempo que ordenaste,
Fizeste em ti mudança,
Muda-se na balança,
Da sorte varia, o mundo que criaste,
Que inda que a vista humana limitaste,
Vê teu eterno assento,
Sem mudança, sem fim, sem movimento.
Mas nós, que pera a morte emfim nacemos,
Vivemos pouco ou nada,
Com morte prolongada,
Quando mais prolongada a vida temos:
He tudo hum breve ponto o que vivemos,
De nossa vida escassa,
Que não deixa sinal por onde passa.
Bem qual onda do mar na seca areia.
Se desfaz n'um momento;
Qual vago pensamento,
Que os sentidos de noute senhoreia;
Ou qual a flor que na manhã se arreia,
Toda de esmalte verde:
Que logo folha, e graça á tarde perde.

Que ponho em vão na debil gloria humana
Meus dissenhos, e traças?
Que corro após negaças
De hum bem que sempre foge, e sempre engana?
A vida he como a abelha que mais dana,
Co' bico, e mais offende,
Quem mais seus favos busca, e mais pretende.
Triste quem nestes gostos enlevado,
Em sombras vans de gosto,
Tem o cuidado posto,
Passa a vida sem pena, e sem cuidado!
Este vive de ti desemparado,
Que sempre de corrida
Castigas teus mimosos nesta vida.
Deixas viver huma alma em seu desterro,
Descuidada, e segura,
Qual chagado sem cura,
Que nem com fogo o tocão, nem com ferro;
Mas se tarda o castigo de seu erro,
Desconta-se a tardança,
Em ser maior o pezo da vingança.
Tal com mór força vai ferindo a setta,
D'arco mais apertado;
Tal rio reprezado,
Com mór corrente os campos inquieta;
Tal agoa que na parte mais secreta
Do ar o tempo encerra,
Fere depois mais solta a seca terra.
Isto, Senhor, que alcanço da hospedagem
Dos santos nesta vida,
Minh'alma enfraquecida,
Na mór tormenta esforça da viagem.
Vivo retrato teu, de tua imagem,
Que tendo a patria perto,
Não posso ter no mundo lugar certo.
Pera partir-me donde estou cativo
Como he justo, e pretendo,
Já que vivo morrendo,
Ensina-me a morrer em quanto vivo.
Em premio da fugida
De ti, Senhor, receba eterna vida.

Tivera este Padre algumas perseguições, e com ellas desconsolações, por materias de fóra da ordem, na mudança das cousas do reino causadas pelo desbarato, e morte del-Rei Dom Sebastião, e depois pelo senhor Dom Antonio, filho do Infante Dom Luis. De que tudo este santo se veio acolhendo a este remanso deste sitio, e valhacouto desta Senhora da Luz, onde se achava consoladissimo. Em tanto que em nenhuma outra cousa falava se não em louvores desta Senhora, e abono deste mesmo sitio, a que elle chamava excelente deserto. Do que tomando occasião, porque de qualquer cousa tirava doutrina, dizendo algumas vezes, por si mesmo, e por todos, que nós mesmos eramos o deserto, e não este tão cheio de consolações: sobre o que se fez este discurso.

Por este vão deserto
Não sei se inferno ou mundo os elementos,
Contra meus pensamentos,
Se indignão já com odio descuberto.
Põe-me o Ceo em aperto,
E a mesma natureza
Me deita já de si,
E toda a redondeza
Do mundo se levanta contra mim,
Porque gozar queria,
Cousas em que nem só cuidar devia.
Vingança bem devida,
Por seu criador peleija a criatura,
Eu cuja vida impura,
Tem a vista das cousas offendida:
Qual na tormenta erguida,
Que por justo decreto
A elle só buscava,
Dorme Jonas quieto,
Sem se lembrar dos males que causava,
Tal de mim descuidado,
Durmo em profundo sono sepultado.
O Ceo me está bradando,
Que vou a dar de rosto no perigo,
A terra o mal que sigo,
O inferno pena que me está guardando;
Eu que após sombras ando,
Enlevado, e perdido,

Aos brados do Ceo nego,
(Qual surdo) o prompto ouvido,
E em mil perigos caio como cego,
E com dano insoffrivel,
Não cuido no futuro de insensivel.
Amada esposa minha,
Se o mundo mais offende a quem sujeita,
Quando de si nos deita,
Não he de Deos castigo, mas mezinha,
Nunca o Senhor que a vinha
Cultiva curioso,
Procura o dano della:
Assi teu doce esposo,
(Que quando estás dormindo por ti vela)
Te exercita, e cultiva,
Pera que a graça frutifique, e viva.
Pois como perseguido
O claro povo de Israel crécia,
Quando mais pretendia,
Destruil-o o Tirano indurecido.
Se em mundo tão perdido,
Te mentir a esperança
De algum bastardo gosto,
Se á tua confiança,
Sempre a fortuna, e o tempo der de rosto,
De paciencia rica,
Então em mais virtudes multiplica.
Então mais levantada,
Sobre as agoas a fiel Arca estava,
Quando mais se mostrava,
A enchente do diluvio acrecentada.
Se a honra delicada,
Te espedaça co'a fortuna,
(Golpe que mais magôa)
Se te cansa, e importuna,
Hum mal que dura, hum bem que passa, e vôa,
Com paciencia santa,
Então mais sobre as agoas te levanta.
Bonançosa tormenta
Se no meio dos males que padeces.

Por remedio os conheces,
Que costuma sarar quando atormenta.
O Senhor te apresenta,
Por mimo, e por afago,
Estas adversidades,
Porque de tão máo pago,
Conheças as humanas vaidades,
Que o bem que o Ceo nega,
Ou se parte em chegando, ou nunca chega.
Foi-se Agar da querida
Casa de seu senhor pelo deserto,
Vio-se em perigo, e aperto,
Morta de sêde, e em solidão perdida,
Se os falsos bens que a vida
Tão fermosos te pinta,
De teu senhor te apartão,
Sempre andarás faminta,
Que nunca matão sêde, e nunca fartão,
E inda terás peior,
Fóra de casa emfim de teu senhor.
A pomba que mandara
Por espia Noé, como não teve
Fóra descanso em breve,
Se tornou ao Profeta que a salvara:
Pomba suave, e cara,
Se no mundo presente
Não tens descanso visto,
Torna-te diligente,
Em mãos do verdadeiro Noé Christo,
Que recolhida dentro
Vivirás descansada no teu centro.

Muitas outras vezes nos hiamos passeando pelo pomar, e hum dia tratamos muito dos grandes proveitos que se tiravão de trazer sempre na memoria aquelle derradeiro passo, em que todos nos havemos de ver, e hora da morte. Porque dizia elle:

Se os falsos bens presentes
Porque ninguem sua gloria nelles ponha,
São ovos de serpentes,
Que a quem os quebra matão co'a peçonha:

Se estes gostos que a vida lisonjeira,
Nos offerece á mão,
Correios são, da gloria verdadeira.
Que estás, esposa minha,
Toda em gostos mundanos occupada?
Sem cuidar na vizinha
Hora fatal, que tens aparelhada:
Que te lembras sómente por acerto,
Da bem aventurança,
Que he nossa herança, e patrimonio certo.
Desperta alma, desperta,
Vê detraz minha vida mal segura,
Diante a morte certa,
Em cima o Ceo, debaixo a sepultura.
Vás em quatro cavallos caminhando,
Pera a patria celeste,
Que o carro deste corpo vão guiando.
Quando huma bella vista
Qual falsa Jesabel quer enganar-te,
Pera que lhe resista
A razão, que só pode assegurar-te,
Poem no fim da belleza o pensamento,
Que então poderás ver,
Como hei de ser, de bichos mantimento.
Então verás perdido
O sol que nos Ceos ambos resplandece,
E em pó ser convertido,
O cabelo que do ouro te parece:
Então verás os laços dos amantes,
A terra, á terra dada,
Tudo emfim nada, o que foi nada dantes.
Da ave offerecida
Em sacrificio, a pena se deitava
Na parte conhecida,
Aonde a cinza do holocausto estava:
Assi quando em soberbas tais, e tantas,
Gloriosa te abrazas,
E em suas azas toda te levantas.
Essa gloria desfeita,
C'um meditar honesto, e são cuidado,

Na sepultura a deita,
Lugar da cinza em que hei de ser tornado:
Pera te desfazer a roda insana,
Ver a terra te basta,
Selar da casta, e da belleza humana.
O propheta Eliseo
Huma carga de terra lhe pedia,
A Námão, porque entendeo
Que só com vela os Deoses deixaria.
Não tires, não da vista aquella terra,
Em que hei de ser desfeito,
Que então defeito vencerás á guerra.
Então os sacrificios,
Que á custa de teus olhos offereces
A tão disformes vicios,
Darás puros a Deos de quem te esqueces.
Triumpharás dos vãos desejos nossos,
Se a vida te afigura
A sepultura, o fim, a cinza, os ossos.
Na casa recolhido
D'um que o barro co's pés lavrando estava,
O Propheta escolhido,
Verdadeiras sciencias alcançava.
Bem he casa de barro a sepultura,
Na qual se em vida estás,
Alcançarás sciencia bem segura.
Antes que se consinta
Qualquer vã fantasia, n'um momento,
Morto dentro me pinta,
Pera matar de todo o pensamento.
E como o fim a todo desordena,
Vê tambem por officio,
Que o fim do vicio he sempiterna pena.
Assi no fim cuidando,
De gostos vãos, e glorias tão finitas,
Que se as vás buscando
Banquete pera bichos solicitas:
Em quanto em Babilonia estou cativo,
Traze-me deste modo,
Morto todo ao mundo, a Deos só vivo.

E proseguindo as praticas, olhando pera hum crucifixo muito devoto foi dizendo porém:

Sempre terei diante
De meus olhos, Jesu, teu doce objeito,
Antes que se levante,
O sol do roxo estreito,
E quando nace, e quando está no leito.
A Lyra, que vãmente
Foi em gostos terrenos occupada,
Por ti, Senhor, sómente,
E a ti só temperada,
Será em teus louvores empregada.
Por hum Senhor que tinha,
Fui qual Nabucho, em féra convertido,
Entre a musica minha,
Nem por ti prohibido,
Me foi o pão aos filhos só devido.
Bebi co'peito em terra
As venenosas agoas que em seu prado
O falso mundo encerra,
Nem pera teu soldado,
Celeste Gedeão fui desprezado.
Hum dia, e outro dia,
Estás aos peccadores aguardando,
Que deixem a falsa guia,
Que á morte os vai levando,
E que por ti seu Deos se vão guiando.
Nem dás cruel castigo,
Por mais, Senhor, que sejas offendido,
Mas a Saul, imigo,
Tu santo, tu soffrido,
Cortas sómente a ponta do vestido.
Que ou a saude perde,
Com qualquer febre aceza que o inflama,
Ou lhe cortas em verde,
O descanço ou a fama,
Ou lhe levas o filho que mais ama.
A vida magoada
Faz que só d'alma cuide, e se conheça,

Como vendo a espada,
  Porque o mais não pereça,
  Acodem os membros todos á cabeça.
Vida bella, e serena,
  Onde seus vicios purga quem padece,
  Que então dás maior pena
  A quem de ti se esquece,
  Quando a pena lhe negas que merece,
Quem tu deixas de assento,
  Na terra estar sem pena conhecida,
  Acha seu mantimento
  No Egypto desta vida,
  Porque o não tem na terra promettida.
Depois da vida sua
  Será qual seco lenho ao fogo dado,
  Que emfim da paixão tua
  O calix consagrado,
  Sempre o dás a beber ao mais amado.
Mas pois peregrinando,
  Tão diversos os fins dos meios temos,
  Que então sómente quando
  Em aperto nos vemos,
  Joseph divino, os teus te conhecemos.
Eu pedra informe viva,
  Seja co's golpes de tua mão lavrado,
  Pera que sempre viva,
  Firmemente assentado
  No alto edificio de Sião sagrado.
Com tua vara erguida
  Desperta-me, Senhor, do esquecimento,
  Em quanto dura a vida,
  Mas em todo tormento,
  A virtude me dá do soffrimento.
Perseguido comtigo
  Não me aparte de ti na adversidade,
  Mas como grão de trigo,
  Batido de verdade,
  Caia a teus pés co'pezo da humildade.
Na eira deste mundo
  Aonde está c'o santo juntamente.

O peccador immundo,
Quando assoprar se sente,
C'o vento do desgosto ou mal presente.
Qual palha os máos, e injustos
Se derramão com ira que tiverão,
Mas os humildes, justos,
C'os olhos no que esperão,
Juntos em paciencia perseverão.
Por este mar incerto
Tua gente passa, e a mais fica perdida;
Como o mar roxo aberto,
Co'a agoa dividida,
A huns deu morte, a outros via, e vida.
Se com teu braço forte
Me sustentares que não caia em erro,
Não temo adversa sorte,
De pobreza, ou desterro,
Que o fogo apura o ouro, a lima o ferro.
Por tanto tu presente
Chega, Senhor, de sorte a ajudar-me,
Que em tua cruz sómente
Queira antes gloriar-me,
Que em quanto pode o mundo todo dar-me.

Quiz-vos dizer tudo isto por passarmos a sesta, que este Padre aqui passava comigo naquelles dias, pera que vejais quão accommodado este sitio he pera estas e semelhantes contemplações que os Padres de ordinario aqui podem ter, e tem: convidados da quietação, e qualidades do mesmo sitio. E muitas outras cousas deixo, porque vão sendo horas de caminhar: mas em quanto selão (ó lá, selai vós outros) vos quero mostrar em louvor da nossa ordem de Christo, e obrigação de seus cavalleiros este soneto.

Do sol a lua toma, e as estrellas
A luz com que de noite resplandecem:
Mas se aparece o sol, desaparecem,
Porque não podem já parecer bellas.
Logo do sol, se he a luz que vemos nellas,
Por serem do sol luzes, só merecem,
E mais ficão valendo os que ennobrecem,
Que os que as honras vemos recebel-as.

E pois de Christo a ordem soberana
  Luz de tal sol, que ás tres inferiores,
  Como a estrellas seus rayos communica,
Com que honra responder seus professores,
  (Pois mais aos mais de casa a luz emana)
  Devem ao sol que os raya, e clarifica?

DIALOGO SETIMO

A jornada d'Africa del-Rei Sebastião, erros della, a fórma do campo, carta do Maluco, de partidos: os avisos que teve té do mesmo Ceo, pera não fazer esta jornada. Responde-se ás calumnias d'alguns autores mostrando quão valerosamente o fizerão os Portuguezes, e as causas que houve pera se cuidar ser este Rei vivo, e movimentos que disso resultarão, com hum Romance sentido desta batalha, e alguns outros successos. E como a Princeza sua mãi vio, andando prenhe delle, entrar, e sahir fantasmas em figura de Mouros, que foi roim augurio deste successo.

GALACIO.—DEVOTO.

Galacio. Pois sahimos tão tarde da pousada, que he já quasi sol posto, deviamos fazer noite em Thomar, donde conforme nos acharmos, faremos a jornada de ámanhã, repartindo as horas, de maneira que a quaesquer da noite seguinte possamos chegar ao vosso sitio, e vossa festa.

Devoto. Bem me parece, e mais fazendo nestas noites tão fermoso luar: posto que tive sempre por melhor antes o madrugar mais, que o pernoitar muito, e a razão he porque acontecendo errar o caminho, ia buscando o dia, e o desengano, e o contrario no pernoitar. Alem de que acontecem menos desastres na madrugada.

Gal. Isso será onde o caminho for menos conhecido, e seguro. Por onde seguramente podemos tratar de nossa commodidade. E vós de me contar de vosso cativeiro, e daquella batalha, e morte del-Rei Dom Sebastião, como ficastes.

Dev. Assi he, e eu vos quero satisfazer. Ficaria eu de treze annos quando meu pai faleceu, deixando dez filhos, e eu delles o penultimo de sua velhice, hum dos quaes o Padre Frei João d'Andrada, (de que atrás vos disse) que ao seu falecimento se achou, depois de se ter achado no Concilio Tridentino, trouxe hum breve do Papa pera poder estudar dez annos, em qualquer universidade de Hespanha. E isto por se lhe haver tirado o estudo, por certas razões, e escolhendo Salamanca me levou lá comsigo estudar. Donde o Cardeal Dom Anrique, que depois foi Rei, e neste tempo Commendatario de Alcobaça, o fez vir com rogo por sua carta, dando-lhe estudo em Coimbra onde o acabou, e antes que se tornasse a Portugal, fomos a Madrid visitar hum parente de valia, que deste Reino havia ido com a Imperatriz molher de Carlos Quinto, e irmã del-Rei Dom João o terceiro, onde gastando alguns mezes, nos viemos elle continuar com seu estudo, e eu a casa de minha mãi, donde me fui tambem a Coimbra. E já na Instituta, e primeiro anno de Canones, se começou a revolver todo o Reino em reboliços de guerra, com grande estrondo de passar el-Rei

em Africa fazel-a, e a mim o sangue de o acompanhar, e dando conta a dous amigos estudantes naturaes da Beira, nobres, e de parentes illustres, muito facilmente os commovi a meu intento, e aprestando-nos do fatinho que era pouco mais que de coelho, em dizendo, e fazendo, puzemos por obra a vinda a Lisboa. Onde achando já todo homem della quasi com as esporas (como dizem) calçadas pera a viagem. E este porto coalhado de vélas a pique pera as dar ao vento. E nesses poucos dias que não desamarravão nos fomos aprestando, e sabe Deos com quão poucas commodidades, e quão mal apercebidos nos embarcamos em hum navio, que ia por conta de hum parente de meus camaradas, dia de São João Baptista do anno 1578, com muita festa em todos os navios, (os quaes se dizia serem mil) de charamellas, trombetas bastardas, e outros instrumentos bellicos, que estrugião os ares, que todos com prospera viagem, e sem receber damno algum chegamos a Arzilla na costa de Africa, havendo estado quatro dias em Lagos no Algarve, e oito em Cales, onde o Duque de Medina Cidonia festejou el-Rei com touros, e jogo de canas, e outras festas.

Ao terceiro dia que chegamos a Arzilla, chegou el-Rei, que dous dias de antes se tinha apartado da Armada nas galés, que erão cinco, pera Tangere a dar ordem a algumas cousas daquella cidade. E as do Xarife, que no mesmo dia tambem por terra chegou a Arzilla com a sua pouca gente, de que não trato, nem dos particulares da nossa, e da jornada, porque alem de não ser esse o meu intento, os conta tambem Jeronymo de Mendonça, e com tão claro estylo que escusarei eu por ora de me meter nisso. E melhor Luis Cabreira de Cordova, part. I, lib. 12, cap. V, VI, VII e VIII, Hist. del-Rei Philippe, e lib. 11, cap. X. Posto que poderão elles cargar ainda mais a mão nas culpas, e erros de Jeronymo Franqui, Ginoves, que escreveu hum livro a que elle chama da união de Portugal á corôa de Castella. E do Padre Frei Jeronymo Romão, que o segue, por serem erros muito manifestos, e em muitas cousas muito substanciaes, em que tambem fizerão cahir outros que os seguem, contra a honra dos Portuguezes de que eu, e muitos que ainda são vivos, e nesta jornada se acharão podemos ser testemunhas de vista, dos quaes elle não podia ter as informações, no tempo que escreveo, que foi logo depois da jornada, por estarem todos cativos, e tudo em notavel confusão. Mas porque meu intento he só contar-vos as muitas mercês que em particular recebi nesta jornada da minha Senhora da Conceição, e da Luz: disso vos direi algumas cousas, e se quereis saber o mais, lede os ditos Jeronymo de Mendonça, e Luis Cabreira de Cordova no dito livro no fim.

O dia pois daquella infelicissima batalha que el-Rei Dom Sebastião teve, nos campos de Alcaçar Quiber junto ao rio Lucus, com Mulei Abdemelech, a quem commummente chamamos Maluco (que Mulei na lingoa Arabiga significa sua Alteza, ou Magestade, Nosso Senhor, e só se attribue aos Reis e Principes), mas eu por Maluco vol-o nomearei Rei de todos os reinos de Berberia, que foi a 4 de Agosto do anno de Christo 1578, dia de São Domingos; havendo-me eu confessado em pé detrás da tenda del-Rei ao Padre Frei Vicente d'Affonseca da sua ordem, que depois foi Arcebispo de Goa, me fui pôr na primeira fileira dos ventureiros, sem ordem alguma de official, onde por recrecerem muitos, porque todos querião ir na primeira fileira, ficou ella por isso mui comprida, ao que acodindo os officiaes, e estando-nos metendo em ordem com difficuldade, acertou de passar el-Rei só (como sempre andava), e vendo-nos nesta contenção, levou da espada, e remeteo a nós, que lhe abrimos como meia lua, do esquadrão dizendo: Como? e tempo he este de porfia, se não cada qual ficar no lugar onde o puzerem, e nelle fazer o que deve: E isto com a espada alta na mão. E deixando-nos contentes com sua vista, e palavras se partio dahi contente de ver tão honrada porfia, e por isto houve eu de ficar na terceira fileira, e nella o terceiro da parte direita, e o segundo á minha mão direita Francisco de Medeiros, sobrinho de Miguel de Moura, que depois foi hum de cinco Governadores deste Reino: que ali nos demos as mãos de nos ajudarmos, e dar depois novas do que de nós succedesse, sem mais eu ver meus camaradas, com esta revolta, nem nova alguma delles té o dia de hoje. E posto assi em ordem nosso esquadrão dos ventureiros, estivemos esperando hum bom espaço o sinal da batalha, e o Santiago; com os Mouros defronte, que da mesma maneira parece o esperavão, em hum plano como huma mensa tão largo, quanto a vista alcançava, em distancia de hum ao outro exercito, menos de meio quarto de legoa, que pouco a pouco se forão chegando hum ao outro.

E todo o nosso campo estava em fórma quadrada, na fórma que podeis ver neste debuxo, inda que triangular diga Franqui [1].

E no meio da vanguarda delle o nosso terço dos ventureiros, e diante da fronte trinta peças de artilharia em competente distancia. Inda que Jeronymo de Mendonça diga que erão quarenta, eu contei só trinta com seus officiaes, e sem outra guarda. E haveria neste nosso terço 1400 ventureiros de pé, pouco mais ou menos, porém guarne-

[1] Aqui a estampa do campo.



cido com a arcabuzaria de Tangere e Ceita, destrissima, e excellente, que não sei quantos serião.

O campo dos Mouros vinha como meia lua, quando he quasi nova, todo de cavallaria que parecia innumeravel com tres fileiras de escopeteiros diante, que vindo a nós cingindo-nos, nos fomos a elles, os quaes tinhão a sua artilharia que erão vinte e quatro peças, (inda que alguns dizem quarenta) entre certo milho como senhores do campo, e que sabião o lugar por onde necessariamente haviamos de passar o váo na maré vazia, encubertas da noite antes, com hum milho, pera que quando nos fossemos chegando, nos convidar antes de tal podermos esperar, e com isso nos desordenar, pelo menos impedir o disparar da nossa, como aconteceo.

Dado o sinal da batalha remetemos aos inimigos, que tambem se vinhão chegando a nós cingindo sempre o nosso campo, que parecia muito piqueno, ou nada em sua comparação, assi por elles serem muitos, e largos, como nós poucos, e juntos. E com tal furia com as picas baixas, os investimos, que os arrancamos, e fizemos fugir, de que muitos não pararão senão em Fés, e n'outras partes mais e menos longe com muito damno, e estrago que receberão de nossa arcabuzaria, que era como disse destrissima, e tirada dos lugares nossos de Africa. Aclamando: vitoria, vitoria, vitoria, e logo acrescentando, vitoria, vitoria, o Maluco morto. Com a alegria, e alvoroço, que podeis cuidar, indo com esta mesma furia, e vitoria, té quasi da artilharia dos Mouros, vendo ir nossos inimigos, huns sobre outros fugindo desordenadamente, e morto o Rei nosso inimigo.

Que tenho por certissimo o matámos, e o achou algum pilouro dos nossos arcabuzeiros, junto da liteira onde vinha a cavallo, dizem mal disposto, como o virão os nossos dianteiros que quasi a elle chegarão, e vimos todos o reboliço de sua morte, e levarem-no em braços, por sinal com mangas verdes, que me parecerão de veludo reclamadas, nem era possivel se sua morte fora natural, estando tão perto della poder-se pôr a cavallo, e com o alfange desembainhado na mão, como os seus dizem, e sem embargo de os Mouros, poucos que o amortalharão, esconderem esta sua morte, e persuadirem aos seus morrera de doença, e apregoarem isso aos nossos. Porque parece cousa ridicula crer, acertar logo morrer no ponto quem começou a peleja, porque ainda que na sua mão estivera, o partir-se dali, e dizer ao cativo Christão, que tinha comsigo, tivesse sua partida encuberta, não pudera ser isso tanto ao justo, e nas primeiras rociadas dos pelouros, se não achado de algum. Nem era possivel, se elle mandou ter encuberta sua morte,

sabel-a nós e apregoal-a no mesmo ponto, se não viramos que o mataramos. E todos aquelles que da nossa vanguarda escaparão, que forão muito poucos, firmissimamente affirmavão ser esta a verdade, e não o que os Mouros fingirão, porque alem de que a não tem em nada, quizerão estes poucos, que o amortalharão, fingir isto, por fazerem mais gloriosa sua vitoria, e a memoria de seu Rei, e porque escaparão poucos dos nossos, da vanguarda dos ventureiros, que isto virão, pera poderem declarar esta verdade, e o engano dos Mouros: disso naceo ficar persuadida, em geral esta mentira, té dos nossos escritores erradamente, e he isto tanto assi que praticando eu com alguns cativos que isto virão, e antes de sabermos deste fingimento dos Mouros (posto que muitos delles confessavão que nós mataramos o Maluco) diziamos por nossa consolação, que não fora pequeno bem matarmos o Maluco, pelos danos que vivendo, causara á Christandade pelas convenções, e contratos que tinha feito com o grão Turco, que foi o que o ajudou a fazer-se Rei de Berberia, que dizem lhe dava Larache pera ter nelle numero de Galés, e outras cousas de grande prejuizo nosso.

E indo assi com esta alegria aclamando a vitoria: Quando ouvimos aquelle infausto, e pera sempre lamentavel, ter, ter, que alguma furia infernal deveo de dar, pondo-se na boca (dizem) do Capitão Pero Lopes tenente do nosso Capitão dos ventureiros Alvaro Pires de Tavora, irmão de Christovão de Tavora grande privado deste Rei, que daria a tal voz por lhe parecer nos tinhamos adiantado muito do nosso campo, ou contentando-se de havermos quasi ganhada a artilharia dos inimigos, e com ella duas bandeiras (segundo depois elle me disse) ou por peccados, que he o mais certo, com que nos tirou das mãos o mais fermoso successo que jamais se vio, porque ainda que sem manifesto milagre não pudessemos ordinariamente vencer pola grande desigualdade do numero de nossos inimigos destros, e vitoriosos de cinco, ou seis batalhas, que acabavão de vencer em guerras, que o mesmo Maluco tivera com o Xarife que levavamos, e com o mesmo Maluco por Capitão valerosissimo, e muito experimentado, e escapado da batalha naval do senhor Dom João d'Austria pera nosso dano. Comtudo ainda que no nosso campo era tudo pelo contrario, consideradas porém as circumstancias, a saber a muita parte dos que trazia o Maluco affeiçoados ao Xarife seu Rei natural, e quarenta annos Rei, e muitos de animos duvidosos ao mesmo Xarife que comnosco levavamos, junto isto ao nome, que naquella provincia tinha el-Rei Sebastião de muito valeroso, e tendo visto o mar cuberto de tantos navios, e presumindo disso muito maior poder, do que era o nosso, e tendo experimentado

quantas vezes os nossos os tinhão vencido com muito menos poder ametade, que o seu. Se proseguiramos acabando de ganhar a artilharia e com ella a liteira do Maluco onde já estava morto, perto della, e cortando-lhe a cabeça, e com ella levantada, n'um pique aclamando a vitoria com que ali nos vimos, cousas erão pera se poder conseguir, com tão bello successo, a maior vitoria que nunca no mundo se vio com menos de quinze ou dezeseis mil homens, a maior parte delles bizonhos, e tirados por força do arado, e das cabras (não falando em seis mil gastadores, e muitos carreteiros, e escravos que não era gente, nem mais que impedimento) vencer mais de cento mil valerosos, e a maior parte experimentados soldados. E quando tantos não fossem porque a certeza do numero ainda agora se não sabe, sabe-se comtudo, que os que menos dizem, passavão de sessenta mil de cavallo; posto que Franqui diga que erão quarenta mil.

E comtudo não deixou o Maluco de considerar todas estas, e outras circumstancias, como prudente, e prevenil-as como astuto, e as recear como muito experimentado, fazendo de sua parte tudo, pera que nenhuma se conseguisse, mandando muitas espias, recados, e cometendo partidos a el-Rei Sebastião: escrevendo-lhe cartas sobre isso, de que nunca delle pode haver resposta, de que o Maluco perdia a paciencia, segundo lá soube, mas por fim lhe escreveo esta carta.

Carta do Maluco a el-Rei Dom Sebastião

«Hum só Deos seja em todo cabo louvado, como aquelle a quem se deve tudo.

«Muito alto, e muito poderoso Rei de nome, que o mais estará naquelle que tiver verdade, justiça, e razão. Não sei qual foi a causa, e razão, Rei Dom Sebastião, que te moveo a quereres guerra comigo tão injusta, pois a Deos desaprazem semrazões. Quando muito se queres conquistar-me pera me tomar meu estado, que hum só Deos com o favor dos bons me deu, e delle me empossou, de que o perro do Xarife me tinha desapossado, contra razão, e contra toda razão, e verdade, e hum só Deos que toda boa cousa quer, menos culpa te dera posto que em isto assim ser não te podes escusar de culpa, porque da-me quantos aggravos, ou os teus tem recebido de mim, ou em que te quizeste servir de mim que achasses menos esta verdade, ou que perdas de mim, ou dos meus ou por meu querer houveste, e a ti te deve lembrar com quanta mais verdade, te tem esse traidor dada muita perda, no cerco de Marzagão, e te matou Ruy de Sousa de Carvalho

que mandaste a Tangere por Capitão, e outras cousas que devião com verdade lembrar, pera que te não fiasses delle (e sabe Deos com quanto amor, e verdade isto te digo); mas vires-me a tirar a posse do meu reino, e estado pera o dares a outro Mouro, por meios, e interesses, que te promete pera isso, metendo-te em cabeça que te dará o que desejas. Não to dará em quanto a vida me durar, porque o hei de fazer escravo dos meus escravos, que nesta conta o tenho e tu com todo teu estado não lhe has de valer. E pera saberes Rei, e senhor com quanta injustificação isto he, o prometerei a ti, e se mo attribuires a medo, ou covardia, isso será o principio, e meio da tua perdição. Promete-te esse o que não pode dar-te. A saber, os lugares maritimos com mais tres legoas pera dentro do sertão pera provimento desses teus moradores. Isso que elle não pode dar, por ser eu senhor de tudo em quanto me a vida durar, eu to quero dar, com mais amor, e verdade do que ha nesse perro pagão, e desleal como foi aos seus, que os entregou todos a Christãos: que verdade te parece pode ter quem tanta perda te tem dado, e alem disso terei pazes comtigo toda a minha vida.

«Dizem-me que trazes bandeira de Imperador do meu Reino de Marrocos, e que vens com corôa pera te coroares, não sei quem te engana?

«Ora mais quero tua amizade, e tua vizinhança, que a desse perro, vejamo-nos tu, e eu irmãmente, onde mais seguro quizeres, e entrega-me tua bandeira, que eu te fico pola lei que sigo que por minha mão a ponha nos pomos mais altos dos muros que as torres da minha cidade de Marrocos tem, até confirmar-te por esse Imperador que tu desejas ser. Tudo farei por escusar tua perdição, a qual tenho por certa de que estou certificado, pelo que disso me tens desenganado, porque de tal maneira venho armado que cá quizera toda Castella, e França, porque tudo houvera de ser meu.

«Toma Rei, e senhor meu conselho, e aceita partido comigo pera se escusar tanta perdição como está aparelhada. E mais te quero senhor fazer, que se desejas favorecer a esse cão, digo-te que por aqui entenderás, quantos desejos tenho de servir-te, que tirando o assento de Marrocos, do mais escolha elle, que eu lho darei a esse cão, e entregarei, e demarcarei. E se quizer o cabo de Guce eu lho ajudarei a tirar.

«Assossega-te a ti, e a teu Reino, e estado, e repousa que assás he de mal feito, se meteres todo teu resto em favorecer hum Mouro contra outro Mouro, sem interessar cousa alguma, a ti nem pera teu estado.

«Olha senhor o que fazes, não te metas onde te não has de poder

tirar quando quizeres: isto he meu, e eu o possuo por meu, e com verdade, e esse cão me desapossou, e me tirou do meu, e como mordido dos cães, me acolhi a Argel onde me casei, e o casamento que me derão foi o favor do grão Turco que me empossou do meu, e isto foi determinado na corte do grão Turco, por meu, e por meu estou empossado, e vendo tu senhor minhas cousas, por mi julgarás tudo.

«E porque me não fique nada por fazer. Dizem-me que no teu Reino tens mesa da conciencia, onde se não tira o seu a seu dono, digo, a cujo he: Havendo tu senhor por bem, eu quero lá mandar minhas cousas, e sou contente que de novo se determine lá. E quero senhor que tu sejas o juiz, e sou contente de estar pelo que se determinar.

«Lança bom Rei conta, quantos homens haverá mister pera lançar hum morador fóra de sua casa, e patria, e quanta mais vantagem tem o morador, e natural, que os estrangeiros; não trazes a decima parte que eu trago, afóra a que espero, e isto só te deverá obrigar a recolher-te, quando mais não fora.

«Olha senhor, que Deos he verdadeiro, e eu comtudo quero seguir tua tenção injusta, sendo a minha verdadeira, se não queres nenhuma cousa destas que te digo, a tempo te aconselho, e amoesto, e entre mim, e ti seja Deos testemunha, que elle sabe a quem ha de ajudar, que será a quem anda com verdade.

«Tu me vens buscar sem razão, e queres guerra comigo injusta, porque a Deos não apraz, nem he disso contente nem servido. Sabe que isto ha de custar mais vidas do que pode caber de grãos de mostarda em hum grande saco. E es moço, e cavalleiro, tens com quem te aconselhar. Deos entre ti, e mim seja a justiça feita, a 22 de Julho de 1578.»

E tornando ao que da batalha vos ia dizendo. Com aquella maldita voz, ter, ter, paramos sem saber o pera que, ou porque, nem o que houvessemos de fazer, nem ainda o que se passava no nosso campo. E bem cuido que o Capitão Pero Lopes, (se elle deu esta voz) a daria por ver que o nosso terço se tinha muito adiantado do corpo da batalha, e do nosso campo, o qual por ficar pelejando por todos os lados (porque todos obrigarão os inimigos a ser vanguarda) não pode adiantar-se tanto, e vendo os Mouros que de nós arrancados ião fugindo desbaratados daquella banda: dando-lhe nós tempo aos mesmos que ião fugindo de poder ver nossa desordem em que ficamos com aquella maldita voz, (o que elles me disserão em Fés conhecerão no baralhar de nossos piques) fizerão vir outros d'outras partes, e tornarão sobre nós com muitas rociadas de sua escopetaria, e os de cavallo com muitas entra-

das a nós, que pelejamos a pé quedo recebendo quanto dano podeis imaginar, té que este nosso terço, ao menos a dianteira delle, dos ventureiros (porque todo não seguio tanto adiante) foi todo desfeito, e mortos quasi todos, sem nunca os Mouros se chegarem a nos medir comnosco suas espadas. Pelo que muitos, que eu vi, se ião como leões raivosos meter por elles desesperados, fazendo feitos tambem desesperados, e proezas que não ouso contar-vos. De maneira que de huns, e outros ficou aquillo por ali té onde chegamos cuberto de mortos, homens, e cavallos, em tanto, que difficultosamente se podia por ali entrar a cavallo, depois: e tanto o sangue que em partes me dava quasi pelo artelho. E tudo gritos, e lamentos, mortos em cima de vivos, e vivos de mortos, todos feitos pedaços, Christãos, e Mouros abraçados, chorando e morrendo, huns sobre a artilharia, outros braços, e tripas arrastando, debaixo de cavallos, e em cima espedaçados, e tudo muito mais do que já vos posso dizer, porque aperta commigo a dor, na lembrança do que passei. E antes vos quero fazer huma breve digressão por tomar allivio.

Nos mezes que vos contei estivera em Madrid com o Padre Frei João meu irmão, aconteceo em Palacio, sahir-se huma dama da Princeza Dona Joanna mãi del-Rei Dom Sebastião (que Dona Luiza de Castro se chamava) fóra da porta da antecamara na prima noite ao acender das candeias, falar ou parece dar algum outro favor mais cordial a hum fidalgo, seu servidor, que naquella corte andava, bellissimo, por nome Dom Gonçalo Chacão, muito aparentado com todos os grandes de Castella, e sua mãi camareira mór da mesma Princeza. E detendo-se com elle mais, que o tempo limitado, (o qual aos que bem se querem sempre parece breve) se cerrou a porta ficando a senhora de fóra: o que vendo, e nisso a perdição de ambos, elle se poz em salvo, e ella se recolheo em casa de certo senhor, o que logo sentindo-se se deu conta pola posta a el-Rei ao Prado onde estava, que mandou nesse ponto fazer as maiores diligencias pelo prender do que se pode crer, tomando-se todos os portos e caminhos, e dando-se recado a todas as justiças, té nas rayas com seu retrato, e apregoando-se premios, e perdão de casos graves a quem quer que o desse.

Mas emfim escapou por milagre, e dizem que no telhado do jogo da pella, em Madrid a descudo lugar publico, e aberto onde esteve quinze dias, e dali desmentindo as espias se poude mudar a parte mais segura. E a senhora foi levada a hum mosteiro de freiras, a Toledo.

Porém um dos servidores desta senhora que se chamava Dom Ro-

drigo de Mendonça, foi hum dos que pola posta levou esta nova a el-Rei, dizendo-lhe: Si viera vuestra Magestad ful, rebuelta en su propria sangre a la puerta de la antecamara de la Princesa su hermana, quedarse de fuera, que hiziera? E passarão muitos mezes sem haver nova de Dom Gonçalo, té que emfim foi prezo, n'um mosteiro de frades. Mas como elle e a Dama fossem pessoas tão aparentadas, alcançarão emfim del-Rei que se fosse pera Orão, té sua mercê. O qual alcançada a segurança da vida que teve por tão incerta, e aprestando-se donde estava pera ir-se a Orão, mandou á corte esta trova:

Desterrado y perseguido [1],
  Me voy para barbara gente,
  De mi Rey avorrecido,
  Que es lo que mi alma siente.
Bien puede ley tan esquiva,
  Porque mas penado quede,
  Quitarme tierra a dó viva,
  Mas a dó muera, no puede.

E como aquelle Rei Philippe segundo de Castella, o prudente, fosse em tudo excellente, tambem o era em gostar, e festejar huma trovinha bem feita; por onde os valedores de Dom Gonçalo aceitos a el-Rei achando hum dia occasião que o espiavão, lhe disse rindo hum: Quiere vuestra Magestad ver una copla muy donosa, que agora ha parecido en Palacio? E dizendo que si, e em lha metendo na mão, senhor, es de Dom Gonçalo Chacon: e lida a trova por el-Rei disse: Hora vayase con su muger pera Portugal, e foi esta mercê em hora que não devera. Porque como diz Francisco de Sá de Miranda no seu livro, que muitas vezes busca o homem com suor de seu rosto sua má ventura, por quanto recebida a dama se veio com ella pera Campo Maior quando este Reino era tudo tumultos de guerra da passada del-Rei em Africa, e por isso o houve de acompanhar nesta jornada, e foi hum dos que ficarão na primeira fileira dos ventureiros, onde indo com a furia que vos disse, o passou hum pelouro, e o fez ficar estatalado ao pique, e a mi dizendo: Adelante cavallero, que yo voy muerto, sem nunca haver mais outra nova delle. A qual eu dei despois em Sevilha, vindo ali de cativo, ao Arcebispo daquella cidade seu tio.

Tornando pois a esta nossa infeliz, e sempre lamentavel, e em tudo

[1] Cornel. Tac., lib. 3, disse isto Boiocalo a Nero.

temeraria batalha. E digo temeraria, pois nella e na jornada toda, tudo forão erros commetidos pola cabeça de hum só homem, Rei endurecido a todo bom conselho, e razão, pera não seguir outra, senão sua propria vontade, em lugar della, sendo assim que *in maxima fortuna,* na mór alteza menos liberdade, *minima licentia est* [1]. Por onde ainda que muitas pessoas de conta vião nossa total perdição, nos procedimentos desta guerra, e jornada, ninguem comtudo ousava dizer-lhe o que todos sentião, por lhe não acontecer como o Duque de Aveiro Dom Jorge de Lencastre. A quem não lhe soffrendo o sangue, e o coração, vendo tudo ir cabeça abaixo em perdição, deixar de advertir a el-Rei de algumas cousas um dia, ou dous antes da batalha... Mas nas primeiras razões lhas atalhou el-Rei, e sem o deixar ir por diante lhe disse: Duque, se não quereis pelejar podeis-vos ir embarcar. Ao que o Duque: Senhor, nem eu nem aquelles donde eu venho se embarcarão, senão em serviço de vossa Alteza, mas espero mostrar cedo a vossa Alteza por obras se me hei de embarcar, e o zêlo da verdade que lhe devo falar.

Era o Duque excellente Principe, e muito valeroso, e esforçado cavalleiro, entendido, airoso, e engraçado, e não sei se por isso invejado. Porque em humas canas, e touros que el-Rei tivera, diante dos paços de Emxobregas, onde estava a Rainha Dona Caterina sua avó, e a Infanta Dona Maria, que forão os derradeiros, que este Reino vio, de Rei proprio, nos quaes entrou el-Rei, e o senhor Dom Antonio Prior do Crato, filho do Infante Dom Luis, que despois deu tantos trabalhos a este Reino, levantando-se Rei por morte del-Rei Dom Anrique seu tio: e não sei com que fundamento que justo fosse. E digo isto posto que era fidalgo de sua casa, por dizer verdade. E nestas canas o Duque d'Aveiro, e Francisco Teixeira, tambem fidalgo do senhor Dom Antonio, e primo co-irmão de Christovão de Tavora, por grande homem de cavallo, porém embuçado com hum tafetá negro, e o Duque andou tão gentil homem especialmente nos touros, que acinte só a elle buscavão, fazendo-lhes bellissimas sortes, sem nunca quererem attentar em el-Rei que andava por isso muito dessaboreado, e carrancudo, e me contarão muitas pessoas em Fés, falando neste principe, feitos que lhe virão fazer na batalha admiraveis, dando muitas mortes desesperadas, porque durou elle vivo muito espaço, e que topando-se com el-Rei, lhe dissera todo tinto em sangue, mostrando-lhe o valor de seu braço levantado, e com a espada apertada que o mesmo Rei

[1] Diz Euripedes.


R
AL
AL6
R
AL
AL6



tinha bem visto: Veja vossa Alteza se sou eu homem, que me embarco. E que el-Rei nada lhe respondera, que devia andar já bem cahido na conta da pouca que fizera de seus bons conselhos, e de seus leaes vassallos, e dos muitos erros que em toda esta jornada commetera. Pois devendo aportar, e desembarcar em Larache com toda a armada, e ter primeiro especulado o estado das cousas do Maluco, e daquella fortaleza tão vizinha de Arzilla, pera que tomando essa fortaleza (a qual não estava fortalecida) atemorizar os Mouros, e convidar com isso os que ao Xarife, e a nós se quizessem passar, ou poder com liberdade seguir o que o discurso da guerra, e successos della, lhe offerecesse com ter naquelle porto de Larache segura toda a armada, sem penhorar-se. O que pudera fazer, se dera de subito nesta fortaleza. Ou já que houvesse de ir a ella desde Arzilla por terra, não fazer as detenças que teve de quatro dias em Lagos, oito em Cales, e dezoito em Arzilla, todos escusados, que forão a principal e total causa de nossa perdição, dando com isso tempo ao Maluco de se preparar e melhor prover, e chegar a nós antes de nenhum feito nosso: afóra muitos outros erros. Como levar tão pouco mantimento, a saber, pera só cinco dias, metendo-se por terra de inimigos. Sendo assi que o dia da batalha, que foi ao setimo da partida de Arzilla, não havia já em todo o nosso campo duas costas de biscouto nem cousa que comer, sequer pera nos entretermos hum dia, e aconselhar do que houvessemos de fazer, pelo que foi forçado dar batalha, como tudo bem aponta Jeronymo de Mendonça. Ou com os partidos que o Maluco lhe offerecia, (inda que não parecia se devia fiar nelles nem por elles, quando fossem certos, desemparar o Xarife). Pudera pelo menos entretel-os com o que elle dizia, se visse a justiça de cada hum; e com o que lhe queria dar: e trabalhar que pera segurança da Armada em quanto isso se compunha, se lhe entregasse logo Larache, e não desprezar tudo. Do que dizem o Maluco perdia a paciencia. E se o que elle dizia erão ardis, e manha, uzar tambem com elle do mesmo, e acolher Larache, mas certo que pelo que lá soube, e entendi depois, cuido viera nisso o Maluco.

Ora eu me fiquei no mesmo lugar, ou por ali onde se nos deu aquella infausta voz de, ter, ter. Junto e á vista da artilharia dos Mouros, e entre a multidão de mortos, e de miserias que vos contei, onde recebi estas duas feridas que me vedes nesta cabeça (não falando na terceira que recebi sendo menino, que vos contei) e outras tres nesta perna esquerda. E a primeira que recebi foi por cima do morrião, o qual cortando-mo hum Mouro de cavallo me chegou ao casco, (pera que vejais o como cortão os seus alfanges, e a mais força do homem a

cavallo) com tamanho pezo, que cuidei cahia sobre mim huma casa, do qual golpe, e d'outros perdi o mesmo morrião, e tal foi por ali o estrago que eu me vi entre todos estes Mouros, e lamentos sem por ali poder entrar homem a cavallo, nem eu ver vivo nosso em estado de lhe poder falar como a vivo, e entre elles mil espadas douradas, alfanges, cadeias de ouro, sem haver quem o tomasse, pelo que me pude assentar hum pouco sobre hum lio que não sei de que era, onde tirei da aljabeira huma costa de biscouto, que comi sem vontade por alimentar as forças, tendo já do sangue, e do suor, e pó, a cabeça e rosto n'uma codea, e attentei perdera huma borracha de agoa, com outra que havia tomado a hum morto.

Jazia hum Frade de São Domingos diante de mim de barriga morto, e com a mão e braço esquerdo estendido pera diante, o qual vendo, me lembrei da minha criação, e Padres de Nossa Senhora da Luz, e me encommendei muito a esta Senhora, fazendo minhas contas, pedindo perdão a Deos, tendo-a já feita de lha haver de dar logo por me não passar por pensamento haver, ou poder escapar com vida, e nisto resoluto comecei a desejar muito (falo verdade diante de Deos) occasião de vender a vida o mais caro que pudesse, pola disposição do lugar onde me achava, e não saber das feridas se erão mortaes ou que a morte fosse d'algum pelouro por não morrer penando como via tantos, e pera me esforçar a isso comi o biscouto que vos digo. E estando nesta determinação, e consideração da immortalidade da alma, eis que dá hum pelouro na cabeça de um cavallinho castanho, que estava sobre as mãos passadas as ancias que me ficava como emparo daquella banda, e me salpicou o rosto com os miolos, ficando elle de todo estirado, e detrás delle descuberto. Seis ou sete Mouros, que vinhão fazendo gazua com os alfanges, (como elles chamão) e dando golpes por esses corpos, que estavão gemendo com que acabavão de os matar, usando com elles nisso crueldade assás piedosa, com a vista dos quaes me alegrei, e alvorocei muito, e quanto vos não sei encarecer, por ser a cousa que no extremo desejava como já entregue á morte poder vender a vida.

Levava eu huma espada larga, e tão cortadora, que achando no dia atrás hum ramo em huma arvore muito verde lha lancei, e deci de hum golpe, sendo grosso como este braço, e indo com elle ao hombro cubrindo a cabeça da calma acertou de passar el-Rei que tudo corria cheio de pó e suor, e a camisa como o mesmo carvão. E olhando pera mim me envergonhei de maneira que logo á sua vista deitei no chão o ramo, com riso assás de meus camaradas; então me disse um delles

dono da espada, que ma emprestara: essa espada se nos salvarmos, não vol-a dou, e ma haveis de restituir: oxalá nos vissemos já nesta contenda, lhe respondi eu.

Com esta espada pois na mão, e com o rosto e cabeça de huma cadeia, com o coração, e vontade muito resoluta, e desesperada, e contente, em boa verdade, indireito com estes Mouros, que tambem se vinhão a mim, e cuidando eu cahir aos primeiros golpes, succedeo pelo contrario a dous delles, e não vos digo mais, porque onde ha perder, não ha que contar, o que he pelo contrario nas vitorias que se alcanção, e successos alegres onde a todos he licito blasonar. Nem eu vos contara isto, se não por vos contar favor, e mercê que aqui me fez Nossa Senhora, a quem confesso dever irem-se os outros sem quererem brincar comigo mais.

O que vendo, e este favor da minha Senhora, comecei a cuidar poderia haver escapar com vida, e por ella prometi aqui huma novena á mesma Senhora. E já neste tempo, que seria pelo meio dia, era tudo desfeito, e acabado aldemenos em grande espaço ao redor donde me achava. Quando veio huma manga de gente de cavallo a tiro de pedra donde eu estava, onde elles não podião entrar, e entre elles alguns de pé, e me acenarão me fosse a elles, a quem eu (não entendendo me querião cativar) respondi acenando da mesma maneira, e com a espada levantada que viessem elles a mim, e depois me disse em Fés hum dos que me cativarão, que todos cuidarão tinha eu ali algum artificio de polvora pera os queimar, e que por isso receavão chegar: e comtudo determinando-se levar-me cativo antes que matar-me, cuidando era eu alguem, com cujo resgate ficarião ricos, me rodearão huns e outros, e se vierão a mim, e dando, e tomando, sem me quererem dar a morte, me tomarão outros, por detrás, e me tirarão logo a espada da mão, e deitarão huma laçada ao pescoço, que foi a maior agonia em que nunca me vi, e muito maior sem comparação que a mesma morte diante, por me parecer m'a querião dar vil, por eu não ter espada, e olhando pera huma dourada dos que jazião, dou hum arranco pera a tomar, ficando quasi afogado da laçada, sem poder chegar-lhe, e assi me levarão ao seu arraial, que estava distante cousa de hum quarto de legoa, a huma tenda onde já estavão dez ou doze Mouros atassalhados, e curados a seu modo, e a mim com me deitarem nas feridas pós de çumagre, onde estive com estes Mouros, como se todos foramos filhos de hum pai e de huma terra, e criação, té o terceiro dia que dali nos partimos.

O dia antes da batalha vejo vir hum Mouro tirada a touca pelo ar como em sinal de paz, que foi trazido ante el-Rei estando com elle

Dom Duarte de Menezes General do Campo, Christovão de Tavora, Luis da Silva, seus privados, e Cide Azús dos Bentudes de Alcaçar que entregarão Arzilla, o qual Mouro disse em alta voz estas palavras as quaes forão bem verdadeiras: Vossa real Magestade tem diante de si o maior Capitão, que nunca houve na Berberia, e com o maior poder, e foi proseguindo; e respondendo ao mais que eu não ouvi, tudo em Portuguez. E levado dali consultarão se seria aquillo invenção do Maluco, e houve quem disse lhe dessem tratos, e não sei em que parou o mais, mas despois conheci eu este renegado em Fés, que se chamava Aly Raposo onde me fez algumas amizades, e disse fora frade, e que matara hum homem junto da Sé de Lisboa de noite, e se fora por isso meter soldado, e cativado tivera amores com sua ama que era judia, e accusado por isso ambos se fizerão Mouros por escapar a vida, mas que nenhum delles o era, e elle mesmo bautizava os filhos com nomes Christãos, em casa, e fora della de Mouros. Foi privado do Maluco, por valente, e os filhos o mesmo, e foi perdoado pelo perdão, que houve geral por dizer que elle não se fora pera Christãos se não pera o Xarife, e quando eu despois fugi por Melilha estava elle por Capitão da cidade de Teza com que foi despachado, que he fronteira por Melilha.

O dia depois da batalha, estando eu na tenda com os feridos companheiros Mouros, seria pelas oito ou nove horas da manhã, ouvi em todo o arraial dos Mouros grandes algazarras, festas e disparar de seus tiros. E veio de fóra a mim meu amo, que Abderehamen se chamava, e pegando em mim pera me levantar me disse: Abecor Soltan, Abecor Soltan, do que eu nada entendendo, me disse hum dos feridos, que era Mouro dos de Granada: dize tu Amo, que vayas ver tu Rey, que va por ali. E levando-me pera detrás da tenda, vejo passar diante de mim, espaço de cinco ou seis varas, o infelicissimo Rei Dom Sebastião muito interissado, e de bruços atravesado em huma sela, vestido em hum gibão de Olanda branca, calções de raxa arenosa, em hum cavallinho castanho, e Sebastião de Rezende seu moço da Camara do serviço nas ancas delle. O qual deveo tirar de sobre as fronhas que então se costumavão, os ditos calções e despir o gibão pera cobrir o corpo do seu Rei, que já achou nu, e despojado como logo todos o forão dos Alarves, nem levava camiza nem cousa na cabeça, e pernas, mas pola grande dor, e magoa me não dar logar me não cheguei mais a levantar-lhe o rosto, pera o ver bem: como meu amo quizera, e por tambem não ser tido na conta, e confirmar a que os Mouros fazião de mim, do que despois, e ainda agora me acho muito pezaroso, e arrependido.

E desta maneira foi levado este corpo á tenda do novo Rei irmão do Maluco morto, que se chamava Mulei Hamet, onde já se achavão cousa de vinte fidalgos cativos, a saber: o Duque de Barcellos Dom Theodosio, hoje de Bragança, Dom Duarte de Menezes General do nosso Campo, que depois faleceo Visorey da India, e o meirinho mór Dom Duarte de Castelbranco despois Conde do Sabugal, Dom Miguel de Noronha, hum dos quatro Coroneis da gente Portugueza, Belchior do Amaral Corregedor da Corte, e outros que todos conhecerão ser aquelle o corpo del-Rei Dom Sebastião, e assim o jurarão ali, e disso mandarão instrumento a el-Rei Dom Anrique seu tio que lhe succedeo, e Luis Cesar que trouxe o corpo a Belem que o Mouro deu graciosamente, e despois a pessoa do dito Duque, e Dom João da Silva Embaixador de Castella.

E comtudo não deixou de se murmurar logo, entre Christãos e Mouros, duvidando ser aquelle o corpo del-Rei, e huns dizião huma cousa, e outros outras, e que pera se poder salvar, se estivesse cativo, ou fosse escapando-se, e outros respeitos. Porque muita parte dessa Mourama o desejavão, e desejão vivo hoje tanto como os mesmos Portuguezes por seus respeitos, e a mudança de suas cousas cuidarem tomarião com elle outra forma. E comtudo os mesmos fidalgos, alem de que não havião de jurar senão a verdade, nem ousarião pelo perigo de suas vidas, se ratificarão despois neste Reino, todos dentro do Carmo de Lisboa neste seu juramento, e ser aquelle o corpo del-Rei Dom Sebastião. Por onde não ha nisso que duvidar, porque nem elle pudera escapar-se, nem occultar-se hum anno, quanto mais tantos em nenhuma parte do mundo, assi de Christãos, como infieis, e huns e outros folgarião muito salval-o, e metel-o neste Reino, muito empapelado (como dizem) por razão de estado, por se não ajuntar com estes Reinos aos de Castella tamanha potencia.

Porém o que fez duvidar a muitos ser este o corpo deste Rei Dom Sebastião, e que elle se salvara da batalha forão huns embuçados, que a mesma noite da batalha entrarão em Arzilla, e se embarcarão embuçados em hum navio dos da Armada, que logo se levantou, e o levantar-se ella logo, e vir-se, que Jeronymo de Mendonça conta no seu livro, e assi foi. Onde eu quizera, que pois disso deveo ter informações verdadeiras, (dó que eu nada sei) e teve razão de saber quem fossem estes embuçados, os houvera de nomear pera se fazer com elles diligencia, por não dar materia de mais duvida, pois nisso se arriscava tanto menos, principalmente porque nenhuma ignominia foi salvar-se de huma batalha tão perigosa onde todos ficamos cercados de innume-

raveis inimigos e os campos, e os montes cubertos de Alarves, sem numero nem conto, antes foi valor, e esforço grande, saber e poder escapar-se. Porém pois este embuçamento deu causa ainda a tantas desaventuras mais, fora muito bom que Pero de Mesquita, que era Capitão em Arzilla, publicara ao mundo todo, quem forão estes embuçados, e que Jeronymo de Mendonça os desembuçara de todo, ainda que nisso se lhes seguira aos mesmos grande menoscabo de suas pessoas, os houvera de nomear pola maior obrigação que temos ao bem commum do Reino, e á nossa republica.

Mas como em tudo a Divina Providencia queria castigar este seu mimoso Reino como filho, bastou hum homem só Rei pera o levar ao cutello, e o ter, ter, da boca de hum homem só, Capitão Pero Lopes, pera impedir hum grande successo, e com elle quiçais huma notabilissima vitoria, e hum só homem embuçado em Arzilla pera causar tantos danos de levantamentos, e confusões em diversas partes, e tempos deste affligido Reino. E hum só Dom Antonio pera o acabar de prostrar, e destruir, reservado e escapado pera isso de cativeiro, como por milagre. E hum só homem conteiro Matheus Alvares, fingindo-se Rei Dom Sebastião na Eiriceira pera causar muitos danos, e outros o mesmo em diversas partes. São tudo cousas occultas do Juizo divino, que ninguem sabe, nem pode comprehender, e que ordinariamente os prégadores amoestando ao povo a emenda de peccados, e dizendo que olhassemos que se Deos nos ia castigando como filhos, não viesse a castigar-nos como escravos vendendo-nos pera Castella como nós aos nossos faziamos.

E o mesmo me contou Jorge de Albuquerque Coelho Capitão, e Governador da cidade de Pernambuco na costa do Brazil. E outros que achando-se fóra já da batalha vencida no seu cavallo, ruço escuro, e tão ferido, que já se não podia ter, nem apear, com huma arcabuzada junto da verilha da perna direita, e huma setta metida pelo peito direito, e muito ferido na cabeça, e na mão direita e nas canellas das pernas tres, ou quatro cutiladas, viera ter com elle el-Rei a caso só, a quem elle perguntara: como vem vossa Alteza? E el-Rei lhe respondeo, eu bom estou, mas este meu cavallo já não pode dar passada, o qual trazia huma escopetada no pescoço. E elle Jorge de Albuquerque lhe respondera: Senhor, o meu cavallo está muito bom pera vossa Alteza se servir, e salvar nelle. E el-Rei: ora dai-mo Jorge de Albuquerque; senhor si, que pera esta hora estimo guardar-vol-o, e salvai-vos nelle, senhor salve-se vossa Alteza, pois não ha remedio nem que fazer. Pois apeai-vos, lhe dissera el-Rei. E o Albuquerque, senhor

mandai-me apear por aquelles soldados, os quaes o tirarão da sela ao collo, e em o largando pera ajudar a sobir el-Rei, caíra de costas por se não poder ter de nenhuma maneira em pé, e que olhando el-Rei, e vendo-o assi estirado dissera: quanto me peza, Jorge de Albuquerque, ver-vos dessa maneira. E elle lhe respondera, senhor, salve-se vossa Alteza, que he o que releva, que eu assás contente morro, aqui por serviço de Deos e vosso. E que partido dali el-Rei o vira ir já fora da batalha, quanto lhe alcançou a vista. E outros que da mesma maneira o virão, e ajudarão a decer do cavallo, ao Albuquerque que em Fés lhe passarão disso certidões, que eu despois vi em Lisboa a seus filhos. A saber seis ou sete destas pessoas de que alguns erão fidalgos, e pessoas de verdade. Posto que dizem nellas que dali se foi el-Rei naquelle cavallo perá os Mouros. Porque tudo era cheio delles, em magotes, e nós de todo desfeitos como nesta estampa podereis ver [1].

E como estes devião ser as figuras muitas, de Mouros de diversas cores, e fantasmas que a Princeza Dona Joana mãi deste Rei Dom Sebastião, andando prenhe delle, vio entrar, e sahir de noite na antecamara onde estava nos paços da ribeira de Lisboa, de que não fazendo caso, parecendo-lhe ser gente officiaes da casa. Mas tornando a entrar, e entendendo serem fantasmas, se esmoreceo, e cahio no regaço de huma dama das que com ella estavão, que nenhuma porém as via senão ella. Que muitas prenhes virão já, e sonharão prodigios de bem, e de mal, que despois se cumprirão. Como a mãi de São Domingos, que trazia hum cão com huma tocha na boca, e Astiages Rei de Media, que via que do ventre da filha sahia huma vide que cobria toda Asia, que foi seu neto Cyro, o qual foi Rei da Persia, e lhe tirou o Reino de Media, mudando esse Imperio á Persia, e outros mil.

Mas antes que passe adiante vos quero contar huma cousa que dizem se passou sobre este cavallo, de Jorge de Albuquerque, não sem mysterio. Que sendo gabado muito a el-Rei, elle o desejou muito mais, e pera o poder haver se buscarão logo os modos. Primeiro por corretores, offerecendo quanto dinheiro o Albuquerque pedisse, ao que não differindo se deu ordem a fidalgos, que lhe dissessem como el-Rei gabava, e desejava o seu cavallo, parecendo que isso bastasse pera lho offerecer, porém nem isso bastando, lhe mandou el-Rei rogar pelos mesmos que lho vendesse, ao que dando tambem suas escusas, foi tal o desejo del-Rei, que de rosto a rosto lhe rogou que lho vendesse. Ao que Jorge de Albuquerque respondeo: Senhor, não quero

[1] Aqui a estampa dos Campos desfeitos.

vender a vossa Alteza o meu cavallo, vossa Alteza he Rei poderoso, e pode haver do cabo do mundo quantos cavallos quizer, e eu, senhor, tenho, e quero este pera vos servir com elle, e já pode ser que vos hajais por mais bem servido nisso que se agora vol-o desse. Como aconteceo.

E dali do chão onde ficara de costas pizado dos que passavão, o puzerão os mesmos soldados que o decerão. Com hum Padre da Companhia, digo irmão della, que se chamava Francisco Alvares que acertou de passar, e que o contou despois, em huma carreta por não acabar pizado, onde por ficar com as pernas dependuradas me disse passara nellas de dores o maior tormento que se pode imaginar, e sempre porém com a espada na mão sem nunca a largar. E que passando Mouros de pé, e de cavallo, lhe tirarão algumas escopetadas, e lanças de remesso, que quiz Deos nenhuma lhe acertasse. Té que passando hum renegado, o levou, e curou, o qual tornou a este Reino, inda que sempre aleijado, e com muletas, e assi casou com a irmã da Duqueza de Leiria, Marqueza de Villa Real, da qual houve dous filhos Duarte de Albuquerque Coelho, que casou com a filha do Conde do Basto, Dom Diogo de Castro, Presidente do Desembargo do Paço, e ora Governador deste Reino, e Mathias de Albuquerque seu irmão. O qual me contou tudo isto além de o ouvir a muitas outras pessoas, e constar das certidões que vi.

E affirmar tanto isto, hum tão honrado fidalgo, e que era hum santo, e ser este Rei visto de muitos fóra da batalha, e já ella acabada, e vencida, além do que me disse o Fontevejuna meu companheiro, junto ao embuçado de Arzilla, e affirmar o fisico Namorado que o curara, neste Reino, pelo que foi prezo, e á vergonha levado. E hum capuchinho que o confessara, e vira, e outras mil patranhas que daqui nacerão, que outros disserão, e o vir-se Diogo de Sousa, General da armada, logo com ella, e dando-se-lhe recado do fingido Rei da Eiriceira, Matheus Alvares que o chamava, respondera, e que sinal vos deu que me desseis. Isto a quem lhe deu o recado, e ó ir todavia ter com elle, deu tudo occasião de se cuidar ser vivo, e que de vergonha não ousou mais aparecer, (e com razão, quando assi fora) por haver levado ao cutello a flor de hum tão levantado Reino, e tão famoso por tantas vitorias, em todos esses Reinos de Oriente e na vizinha Africa, e ainda na mesma Hespanha de Mouros que della lançarão, e dos mesmos Hespanhoes vizinhos: com tantos outros descobrimentos, e conquistas de novas regiões nunca vistas de nossas gentes, e novos mares, e ilhas que descubrirão, plantando em todo a santa Fé Catholica.

E agora sua gloria debaixo dos pés da mais vil gente do mundo, posto que muito cavalleiros.

E tudo pelo desordenado desejo de gloria mundana, sem outro fundamento forçoso, nem razão urgente. Por onde não vejo que este reino lhe tenha obrigações, nem muita razão de tanto o desejar (bem que suspirar por esses tempos) recebendo delle tão poucas utilidades, assi nas materias de justiça, que em seu tempo padeceo algum detrimento, dissimulando-se algumas cousas, por favores dos que andavão junto a elle, que chamavão da cochada, por cuja causa tenho pera mim foi sua perdição; pois he certo que pela justiça levantou Deos grandes reinos e imperios de mui pequenos fundamentos, e pela injustiça os destruio e abaixou. Pois as mercês que este Rei fizesse não vimos que fossem muitas, nem edificios, memorias e ampliações. E agora com lhe causar a este reino tal bofetada por sua só cabeça, sem conselho, nem necessidade alguma.

Dando com isso occasião a Jeronymo Franqui, Genoves que naquelles tempos residia em Lisboa feitorisando na alfandega della em serviço de outrem, a fazer hum livro desta jornada a que elle chama da união dos reinos de Portugal aos de Castella, no qual (ainda que bem ordenado) disse nelle mil erros. Nem podia falar ao certo, por escrever logo, a poucos dias despois da jornada, estando as cousas ainda muito confusas, e julgadas dos vizinhos deste reino emulos de sua gloria, pelo tolle, tolle, do infeliz successo. E eu sei de certo, que as informações que teve principaes, ainda que de pessoas muito principaes, ou principal, comtudo muito suspeitos, e não naturaes nossos deste reino. E por que de hum erro nascem ordinariamente muitos, cahio nos mesmos, por cabeça deste Jeronymo Franqui, o Padre Frei Jeronymo Romão, frade de Santo Agostinho, que nos seus livros de Republica o seguio; e tresladou e outros Castelhanos e Italianos o mesmo, todos erradissimamente por não terem nesse tempo outros originaes nem donde haver as verdadeiras informações, procurando diminuir o valor dos Portuguezes, os quaes naquella batalha fizerão maravilhas em prova delle, e de sua lealdade. Carregando a elles a culpa do erro de hum só homem Rei, por adulação de seus parentes em defraudamento da verdade, que ante os mesmos devia ter o primeiro logar pera exemplo, e receio de todos. E pudera com mais razão o dito Jeronymo Franqui fazer antes um largo epilogo em louvor da lealdade, e valor dos Portuguezes, que vendo-se levar ao cutello, se fizerão outro Isaac, na obediencia do sacrificio, e no peleijar cousas mais dignas de eternos louvores que de calumnia. E fora melhor empregado

que o que faz Sallustio em Catilina: dizendo dos seus, que o lugar que cada qual vivo havia tomado, seu corpo morto ainda o guardava: porquanto aquelles morrerão contra a patria e estes pela lei de Deos, e por seu Rei. Em cuja prova se veja quem matou mais de dezoito mil Mouros, que nesta batalha só dos alistados elles acharão forão mortos? que é quasi o dobro do numero de toda a nossa soldadesca Portugueza, que os ia cortando em quanto se atreverão a medir com elles seus alfanjes, pelo que não se ousavão chegar a elles. E os mesmos Mouros, e Turcos louvão té o dia de hoje, e confessão seu esforço, e já no cerco de Dio, e de Mazagão, e Chaul, e outros, hião dizendo: que só os Portuguezes merecião ter barbas (que então costumavão): e tanto he isto assi que mais estimão hum cativo Portuguez, que dous de qualquer outra nação: assi no respeito, como no preço, pelo bom nome que entre elles vulgarmente tem.

Mas quero-lhes perguntar a Jeronymo Franqui, e ao Padre Frei Jeronymo Romão, me digão, pois se remessárão temerariamente, e erradamente, a calumniar, que he o que os Portuguezes houverão de fazer? Porque tirar a obediencia a seu Rei, pois os metia em perdição sabida, e vista, sem necessidade alguma, não he cousa que nenhum Portuguez haja de soffrer, nem ainda ouvir falar nisso. Pois aconselhal-o, e dissuadir este Rei? nisso se fez tudo quanto foi possivel; sem se tirar outro fructo, que o que vos contei tirara o Duque de Aveiro, e outros. E antes da jornada teve mil avisos de todos, que podião aconselhar, principalmente del-Rei Philippe II de Castella seu tio irmão de sua mãi. O qual sabendo sua determinação, procurou umas vistas que teve com elle em nossa Senhora de Guadalupe, a modo de romaria em fim de Dezembro de 1576, tudo a fim de o dissuadir desta jornada, e trabalhando nisso muito (que devia ser de coração sendo seu sobrinho sem outros intentos) e nada aproveitou. E té do mesmo ceo com hum cometa espantoso caudato, e muito comprido, e fogoso, que durou corenta dias, e appareceu a 9 de Novembro de 1577, pera a parte de Belem, onde se enterrão os Reis de Portugal (por onde, e ser de noite, foi este muito infelice augurio pera este Rei, e todo o reino) que pudera meter-lhe algum receio. Deixo outros mil advirtimentos da Rainha Dona Caterina sua avó, e do Cardeal Dom Henrique seu tio, e de todos os grandes, e pequenos. E a todos que nisso se metião, trombejava, e fazia focinho, e dava em tudo dissabores. O que vendo os homens, e que não havia remedio, lhe vierão alguns a approvar sua determinação, indevidamente, pelo adularem a elle, e montarem elles. E tantos meos se buscarão, sem nenhum aprovei-

tar, té que o mesmo Rei Dom João seu antecessor, e avó (disserão) o mandara advertir por via de um frade de nossa Senhora da Graça de Lisboa, da Ordem de Santo Agostinho, Frei Luis de Moura, e foi desta maneira.

Estando o dito Padre Frei Luis de Moura na sua cela de noite estudando, lhe falou uma voz, e disse: Eu sou a alma del-Rei Dom João, que te venho falar, e dizer cousas que muito importão. E o Padre se benzeo muitas vezes, chamando muitas mais o nome de Jesus, e de sua parte, dizendo, se fosse. E logo foi dar conta ao Padre Frei Luiz de Montoya seu Provincial: o qual lhe disse, se encommendasse muito a Deos, e não temesse nada, que aquillo era diabo, que nada lhe podia empecer, com outras muitas razões, que sobre isso tiverão. Porém na outra noite, eis que ouvio da mesma maneira a mesma voz, e tudo era que lhe queria falar, e que pedisse elle licença ao Prelado: a quem tornando o dito Padre a dar conta, e praticando ambos o caso, elle lhe deu licença pera falar, e ouvir esta voz. E o dito Padre Frei Luis de Moura deu conta a dois irmãos, Antonio de Moura Telles, senhor das Meadas, e Miguel Telles de Moura, que faleceo depois Capitão e Governador da Ilha de S. Thomé, homem muito virtuoso, e ambos valentissimos cavalleiros, pedindo-lhes o quizessem acompanhar, e estar presentes pera lhe darem animo, e ousadia, pera ouvir sem medo, e falar a esta voz. Os quaes deitados sobre a cama do irmão frade vestidos, e com suas espadas e adagas, e o Padre posta huma mesa no meio da cela, e nella um Crucifixo, e duas velas acezas bentas, e o Missal aberto, onde estão as palavras da sacra, e elle de giolhos, feitas primeiro suas orações e preparações, benzendo-se, disse: Da parte de Deos, Padre, Filho, e Espirito Santo, que he hum só Deos verdadeiro, que eu creio e adoro, te requeiro, que se tu não és a alma del-Rei Dom João, e pera bem como dizes, que tu me não fales nem apareças, etc. E no ponto da derradeira palavra, começou a voz repetir todas as mesmas, dizendo que elle era a alma del-Rei Dom João, e que pera bem lhe vinha falar. E dado o consentimento pelo frade, se puzerão a falar grande espaço muitas cousas das quais algumas ouvião os irmãos, e a voz disse, dissesse a Rainha sua mulher, dando-lhe pera mais credito, alguns sinais que só ella sabia. A quem o dito Padre foi logo dizer tudo, o que ella ouvio com muitas lagrimas. E esta historia além de que logo então foi mui publica e notoria, a contou depois hum dos irmãos Antonio de Moura Telles ao Padre Frei João de Andrada meu irmão, que era seu confessor, e grande amigo, algumas vezes, e a mim estando com elles: por sinal que lhe perguntamos de

que servião as espadas e adagas; e disse que as armas fazião e davão ao homem mais animo, como he muita verdade: e apertando com elle nos dissesse algumas das cousas que a voz dissera, e nenhuma quiz dizer, mais se não que: Se se fizera o que a voz advertio, meu padre, outro fora este reino, e outra esta capa. O que sabido por el-Rei, zombou disso. E ainda que não faltou então quem dissesse, que tudo isto fora ficticio, a verdade Deos a sabe. Outras mil advertencias se fizerão a este Rei, dando-se-lhe papeis sem autor, e pondo-se onde os visse, sem nada aproveitar. E huma vez huma grossa sobre este mote:

Pensamentos, donde vais?
Catad que os despeñareis
Pues ventura no teneis,
Pera que os aventurais?

Bolved a mirar la cuenta
Mientras teneis aparejo,
Que de mudar el consejo
El que es sabio no se afrenta.
No corrais a rienda suelta,
Que no podreis dar la buelta
Del camino que llevais,
Y pues la caida es mas cierta
Pensamientos donde vais?
Donde vais locos furiosos
Ciegos con vuestros engaños,
Do teneis ciertos los danos
Y los remedios dudosos,
Empreza vana es aquella
Que por nuestra fiera estrella,
O porque vós lo quereis,
Si no desistires della,
Catad que os despeñareis.
Que siendo de alas falto
Es muy loco devaneyo,
Por solo seguir deseio,
El querer bolar mas alto.
Phaeton por la locura,
Cayo de la misma altura,
A que vos subir quereis,

No os pongais en ventura
Pues ventura no teneis.
Hechays os por pedregales
Y riscos sin fundamiento,
Y por cosas muy de viento
En peligros desiguales.
Sea la mano mas avara,
De la vida dulce y cara,
Onde mil gustos hallais,
Y en desventura tan clara
Para que os aventurais?

Outros muitos avisos teve este Rei, por muitas vias que pera isso se buscarão, sem nada aproveitar: té que hum dia lhe meteo na mão o Padre Mestre Ignacio Martins da Companhia de Jesus, e havido por santo, esta carta, pedindo-lhe a lesse.

Carta de aviso a el-Rei Dom Sebastião, sobre a jornada de Africa

Ainda que, senhor, aqui governas
As vezes limitadas do alto Deos,
Que nelle acharás depois eternas:
E inda que por graça tens dos Ceos,
A ordem de dispol-as finalmente,
Teu proprio coração na mão de Deos.
Lançado pola terra humildemente,
O servo não desprezes c'o talento,
Com que pode servir naturalmente.
Nem chames seu amor atrevimento,
Que imperios, monarquias se as tivera,
Te dera quem te dá seu pensamento.
Quanto a nos util, necessario te era,
Haver quem desse os premios á verdade,
Que á vil adulação negar pudera.
E que nos a nós da primeira idade
Fosse a razão de ti favorecida,
Por unica senhora da vontade.
Com lagrimas do povo foi pedida
A Deos esta mercê, que sem tardança
Lhe foi delle outorgada e concedida.

Em passo extremo dando com bonança.
  Teu nacimento havido e alcançado,
  Com lagrimas de amor, e de esperança.
E dellas em nacendo logo entrado
  Em teu sceptro real, vás cada hora
  Sendo de nós querido, mais amado.
Este bem que na paz gozas agora
  Sem della te apartar nem divertindo,
  Prospera teus estados, e os melhora.
Nelles crecerás com sempre ouvindo
  A bons, e máos com animo quieto,
  Seus casos, e juizos decidindo.
Em publico severo, e no secreto
  De proprios motos, e sciencia certa,
  Fujas o termo crasso, e indiscreto,
Que a poucos val, e muitos desconcerta.
  Com pressa, de vagar, sigas prudencia,
  Que he meio singular que tudo acerta.
A guerra he doce, vista em aparencia,
  Terrivel, feia, fera, e espantosa,
  A quem della tem mais experiencia.
Em aparato, e resplandor fermosa,
  Nos effeitos cruel serpe malina,
  Sobre todas as pestes perniciosa.
Quem nella vio da furia serpentina,
  Corpos nos campos feitos nothomin,
  Ter nos adibes sepultura indigna.
E quem as nuvens de arcabuzaria,
  Estrepito, furor, grita, e espanto,
  De horrendos tons de grossa artilharia;
E quem sangue de vivos correr tanto
  Que delle tintos vio correr os rios,
  E dos feridos o clamor, e pranto:
Perde da mocidade os altos brios,
  E teme com razão (delles isento)
  Tornar a tão crueis, e tais martyrios.
Em contra disto corre o pensamento,
  Com furia juvenil ao que não vio,
  E onde busca prazer acha tormento.
E como o não passou, vio, nem sentio,

O mal da guerra antes de entrar nella,
Não pode ver quão mal se persuadio.
Mas como cauto, bem podera della,
Ter em casos alheios advertencia,
Pera nos proprios ter fortuna bella.
Mas pera se acabar a competencia,
De propostas em si tão differentes,
De alguns farei mui breve conferencia.
O grande Xerxes com milhões de gentes
Gozando em paz a grande monarquia,
De seus reinos quietos e florentes,
Quis conquistar a Grecia com porfia
De tomar pera si o que era alheio,
Tocado de soberba, e frenesia.
Chegando a ella conheceo o enleio,
E de poucos alli roto, e vencido,
Desbaratado a seu reino veio.
O outro Cyro fero tão temido,
Se o peito domara denodado,
E fora satisfeito c'o adquerido,
Não fora por Tomiris degolado,
Nem seu peito, que em sangue se mantinha,
No vazo do seu proprio mergulhado.
Casos são da cruel vida mesquinha,
Em que por culpa de homens temerarios,
Por graves desventuras se caminha.
Ninguem se livra de successos varios,
Se não se conservar com a paz amada,
Em seus termos suaves e ordinarios.
Cousa foi dos antigos bem notada
Nos Alexandres, Pyrros, e outros tais,
Reprovando das guerras as jornadas
Por verem que nos paços seus reais
Puderão ser supremos, e excellentes
Gozando fama, e nome de immortais.
E sem dano cruel de tantas gentes
Puderão com viver menos famosos,
Mais quietos viver, e mais contentes.
Sentença foi de sabios curiosos
Dizerem, que mais val aos Reis da terra

Ser justos do que val ser poderosos.
Charles o diga, que movendo guerra
De Borgonha pacifico senhor,
A França com armadas de Inglaterra,
Com ira pertinaz e grão furor,
Morto ficou na empreza, em que perdido
As esperanças perdeo de seu valor.
O mesmo se dirá do mui temido,
E poderoso Rei grão Carlo oitavo,
Em seu reino quieto, e bem servido.
Lançou na roda da fortuna hum cravo,
Com que cuidando em si a tinha preza,
Sahio de França poderoso, e bravo.
Sem por toda a Italia achar defeza
Com só fama das armas poude tanto,
Que de todo se fez senhor da empreza.
Dando, partindo, e dispondo quanto
Quiz ordenar na prospera ventura,
Sem nas voltas cuidar do rizo em pranto,
Seus mimos da fortuna mal segura,
Qual maravilha forão, que n'um dia
Abrindo a flor se seca, e desfigura.
Tal foi a deste Carlo a monarquia,
Que vendo-se famoso, e mui potente,
Se quiz perder por fumos, e ufania.
Voltando-se o que fez prosperamente,
Em tantas perdas, e adversidades,
Que escapou dellas milagrosamente.
E cheio de ancias, e necessidades
Veio de Italia roto, e perseguido,
A seu reino por mil difficuldades.
E trazendo-as vivas no sentido,
Atormentado sempre de sua sorte,
Do Ceo foy c'o remedio soccorrido.
Que a Rei tão triste não pareceo forte,
Antes mui amigavel, brando e leve,
O livral-o de angustias presta morte.
De Philippo seu pai tambem se deve
Lembrar na vinda pera Rei de Hespanha,
Quantos contrastes da fortuna teve.

E com não conseguir cousa tamanha,
  A França veio com perseguições,
  De armas, e força, que o dinheiro acanha.
Fóra do reino as expedições,
  Sempre derão trabalho neste mundo,
  Incendios, mortes, roubos, e afflições.
Qual no filho de Henrique Rei segundo,
  Dom João primeiro contra Portugal,
  O juizo de Deos se vio profundo.
E o mesmo depois em empreza tal,
  Tornou perdido Dom Affonso o quinto,
  A este reino com successo tal.
El-Rei Francisco, entre os mais que pinto,
  Vimos de Italia, com trabalho e pena,
  Humas vezes lançado, outras extincto.
E ainda que venceo na de Ravena,
  As mortes forão tantas, que a victoria,
  Foi mais adversa do que foi serena.
E ainda que deixou de si memoria,
  Nas partes onde foi, então famosa,
  Fora maior em França sua gloria,
Se sem contenda, nem tenção danosa,
  Tivera livre das expedições,
  Em seus reinos a mansa paz ditosa.
E sem querer domar outras nações,
  De todas as do mundo respeitado,
  Fora sempre nas grandes occasiões.
Não se vira depois desbaratado,
  Tendo na de Pavia o grave pezo,
  Da batalha té ser nella cercado.
E do bravo Hespanhol, c'o peito accezo,
  Mais que com força da espada, ou lança,
  Delle, nem d'outros fora entrado, e prezo.
Mostrou fortuna nisto sua mudança,
  De ir prezo a Hespanha Rei tão poderoso,
  A vista dos estados seus de França.
E ainda que tinha vencedor piadoso,
  Ia com tudo tal el-Rei infinto,
  Que nada lhe faltou de desditoso.
Mas ja quero sahir do laberinto

Destas tragedias, pois por mais que diga,
Em muitas cousas ficarei succinto.
De Principes a paz, felice amiga,
Seus estados conserva, e engrandece
(Ande, ou desande a fortuna imiga).
O bem ganhado, na concordia crece,
E na discordia tanto se consume,
Quanto na doce paz, e amor florece.
O Rei, que da razão com claro lume,
Seguir as ordens da Philosophia,
Vencido tem das cousas o alto cume.
Esta quiz Salomão, quando podia
Haver os bens de Deos, que lhe pedisse,
E só quiz delle a sabedoria.
E inda que de Deos a conseguisse,
Em só esta lhe dar tudo o da terra,
Quiz que nella gozasse e possuisse,
E de seu pai David, que a paz desterra,
Não quiz fosse seu templo edificado,
Por homicida e mui famoso em guerra.
De Egypcios simulacro foi louvado,
Mostrar seus Reis n'um ponto certo, e novo,
Que era hum olho n'um sceptro só pintado.
Porque o olho no sceptro (se o bem provo)
Avisa que veja o Rei com a prudencia,
Qual deve o sceptro governar seu povo.
Os de Thebas tambem por excelencia
Da justiça quizerão que sem mãos
Tivessem della os seus a presidencia,
E cegos juntamente e os peitos sãos
Com pureza julgassem as acções,
Livres de rogos, e respeitos vãos.
Imagens são de santas prevenções
Que os Principes, os Reis e Imperadores
Scriptas devem ter nos corações.
E como sobre a terra são maiores,
O sejão nas virtudes e inteireza,
E de todos os bons sempre os melhores.
E com real favor, e candideza
Defendão seus vassalos, e enriquecão,

Officio proprio de real grandeza.
E de falsas lisonjas se avorreção
Verdades amem com severidade,
Segurando mercês aos que as mereção.
Carneades sentindo esta verdade
Affirmava que tudo aos Reis mentia,
E que o cavallo só lhe diz verdade;
Que se dobrar seu brio não podia,
Dava com elle em terra furioso,
Ensinando a saber que não sabia.
Estado he o dos Reis sublime, e honroso,
Se com philosophia sempre unido
O Rei for sabio quanto he pod'roso.
E assi na paz com santas leis regido
Os bens conseguirá perfeitamente
Dos bons amado, e máos sempre temido.
Aqui lembro, senhor, humildemente
Exemplos de conquistas já passadas,
Que bem podem servir no que he presente.
Que sendo com resguardo ponderadas,
E antes de as provar bem entendidas,
Quanto forem de sabios aprovadas
Tanto serão de Deos favorecidas.

E já antes disto lhe pozerão a este Rei em Almeirim, no assento de huma janella da camara onde dormia, humas trovas ao modo pastoril, todas de advertimentos, as quaes achando-as elle as leo, e as meteo na algibeira, e dizem fez algumas mudanças, assi em homens como em cousas. Que muitas vezes he utilissimo dizerem-se aos Reis as verdades, ainda que amarguem, e buscarem-se pera isso modos; porquanto os aduladores, que de ordinario são os que lhe assistem, tomão mais de ordinario todos os caminhos de se lhe poderem dizer. E por isso os escriptores antigos contão claramente dos Principes assi as virtudes como os vicios que tiverão, pera que os vindouros humas sigão, e de outros temão a infamia, e não ser tudo adulação.

Por onde que muito foi? as reliquias de hum campo desfeito, e cortados os nervos delle, expostos á barreira de innumeraveis tiros, de escopetas, e béstas, frechas e lanças de remesso, sem poderem chegar já á espada, que só tinhão já (que pollas terem provado os inimigos fazião de longe, e a cavallo seu feito) que maravilha foi procurar

emparar-se com carretas, fardos, e com tudo o mais que podessem, e que maravilha deixar-se cativar? vendo tudo desfeito sem remedio algum? e conservar a vida pera melhor a empregar despois em serviço de Deos, e do seu Rei, como muitos fizerão, antes que deixar-se morrer bestialmente. Sendo cousa tão ordinaria, nas guerras, que muito foi isto? se não se por cousa nova, em Portuguezes poderem ser vencidos daquelles que sempre elles vencerão, e de quem se ouvirão milagres de seu esforço, porque não parece digno de calumnia poderem dezeseis mil (porquanto hum terço de Diogo Lopes de Siqueira ficou no mar) ser vencidos de cento mil.

Deixem pois de se maravilhar, e de nos calumniar, pois não passamos polas picas, como já forão forçados estes mesmos Romanos. Por quanto de calumniar fora se os Portuguezes vendêrão tanta parte da Christandade a Turcos, como Genovezes, antepassados de Jeronymo Franqui, fizerão passando sessenta mil Turcos da Asia na Europa por sesenta mil cruzados, a cruzado por cada cabeça, com o que lhe ficárão vendendo juntamente tantos Reinos de Christãos que elles conquistárão, a saber: dous imperios, de Constantinopla e Trapisonda, doze Reinos, e agora treze como o de Chipre, e muitas mais de duzentas cidades, que elles conquistárão, com esta passagem, e com esta nefanda e sempre deplorada venda, sem mais Deos que seu interesse, e ainda hoje em sendo cativos, e renegando a fé de Christo he tudo juntamente: os quais despois nos fazem muitos maiores danos que os mesmos Turcos e Mouros. Como fez Hamet Jataba, Genoves renegado, Capitão dos escopeteiros a cavallo, que nesta batalha, e aqui nos fez o maior dano, com as escopetas. E depois Jeronymo Franqui com a penna e lingoa. E não trato dos bons, porque varões houve sempre, e haverá hoje Genovezes excellentes, e que sempre ajudárão muito a Christandade. Mas sempre a corrupção do milhor, e mais perfeito, he pior. E o mesmo deixe o Padre Frei Jeronymo Romão, seguindo e tresladando a Franqui, de se maravilhar, pois sabe quantas vezes os seus forão vencidos dos nossos com muito menos numero. E antes se devera lembrar o dito Padre, que desde que Portugal abrio os olhos de seu nacimento que foi nas mesmas casas, e cidades de Mouros inimigos de nossa santa Fé, que dellas os foi lançando, sem ajuda alguma de algum Rei vezinho: antes sempre muitos estorvos, e grandes embaraços, porque no mesmo tempo em que este reino andava ás pancadas lançando delle os Mouros, e descobrindo novos mundos, e mares nunca de outrem navegados, e conquistando reinos, e povoando tantas ilhas, e plantando em tudo a Santa Fé Catholica, quando mais

occupados nisto nos havião, então nos cometião e picavão nas costas. Por onde nos éra necessario de tal maneira fazer estas guerras que no meio dellas nos vigiassemos, e defendessemos juntamente delles, e isto desde o primeiro parto de nossas cousas; porque quando o Conde Dom Henrique guerreava os Mouros, o cometeo el-Rei de Lião em lugar de o ajudar, pelo que lhe foi forçado tornar sobre elle, e cobrar o que lhe tinha tomado té Astorga onde faleceo, e jaz sepultado. A qual com outros lugares por trocas, e concertos se restituirão despois a Castella, contra a benção do dito Conde.

E nenhuma empreza teve Castella contra Mouros, despois que Portugal levantou a cabeça, em que Portuguezes não ajudassem: se não veja-se nessa batalha do Salado tão insigne, e famosa, que fora se el-Rey Dom Affonso IV o Bravo, a quem a Rainha de Castella sua filha veio de giolhos pedir lhe acodisse tendo entrado na Hespanha mais de seis centos mil Mouros, de Africa, e juntando-se com todo o poder del-Rei de Granada, dos quais se temia, e com razão outra segunda perdição, e total de Hespanha toda, que fora, se o dito Rei não acodira? Não lho merecendo el-Rei de Castella, o qual partindo-se logo contra os Mouros, a quem em hum momento seguirão, que se lhe ajuntárão vinte mil Portuguezes, com aquella sua tão natural fidelidade, e esforço, os quais na dita batalha investirão a batalha del-Rei de Granada, que era toda a força della, porque os de Africa era tudo gentalha que vinhão a povoar Hespanha, que havião já por sua, e o desbaratárão, e vencêrão primeiro, e com isso se deixarão logo vencer os outros de Africa com ajuda dos Portuguezes, sem desta batalha, havendo innumeravel despojo, querer el-Rei de Portugal nem os seus cousa alguma, como gente que estima em mais a gloria de Deos, e a honra que todos os haveres.

E o mesmo quando foi a tomada de Tunes, onde foi o Infante Dom Luis, com mui grossa armada com muita gente Portugueza. E tambem quando foi a tomada do Pinhão de beles, foi outra armada de muitos navios e galés, e muita gente Portugueza.

E em tudo o mais ajudou sempre Portugal a Castella, exceito contra Christãos, quais forão as guerras de Italia, e outras, pelo grande respeito que sempre tiverão ao nome de Christo Nosso Senhor, e suas cousas e religião, com grande pureza de sua santa Fé Catholica, e zêlo do culto divino, com grande ornato e limpeza de seus sagrados templos. Ao que tudo naturalmente são tão inclinados, que diz Justino fallando nos Lusitanos, que erão alem de bellicosos e guerreiros, muito inclinados e dados ao culto divino, como hoje o são. Pelo que nunca o demonio pode semear entre nós nenhuma má semente de heregias,

seja Deos infinitamente louvado, que nos vai tendo de sua mão. Mas certo que não sei como o Padre Frei Jeronymo Romão se não doia de sua consciencia pera se não precipitar a escrever hum tão enorme falso testemunho, a saber: que a el-Rei Philippe I nas côrtes que teve na villa de Thomar no anno 1581 o quizerão ali matar com huma mina de polvora: pode haver maior maldade? nem maior aleive? Dizei Padre, quem prenderão ou castigarão por esse crime, a quem tomarão com esse furto nas mãos? não forão nessas côrtes milhares de gentes, tantos grandes de Portugal e Castella, que eu vi por tambem nellas me achar; quem vio isso? e não se corre vossa R. de escrever tamanho erro e falsidade perante, e nos olhos de tantos? que credito espera que lhe demos a tantos volumes como escreveo? Meu Padre, não leo vossa paternidade na cidade de Deos do seu Padre Santo Agostinho, no cap. ... que ainda que o Poeta Virgilio não tivera outros peccados por onde ir ao inferno, e se perder, bastara só o falso testemunho que levantou á Rainha Dido, morta havia mais de cem annos no tempo que Eneas por ali passou? E vossa paternidade sem temor de Deos levanta tanto maior falso testemunho, não contra uma mulher gentia, e esquecida de tantos annos, se não contra um reino, vivos Christãos, e vossos Hespanhoes, não por huma nota de fraqueza de nossa humanidade como a de Dido, se não de crime de lesa magestade e traição, e infidelidade: e devera-se vossa paternidade lembrar o que tem a nossa santa Fé, e o cantão os meninos, a saber: que no Ceo não entrarás tendo o alheio tomado. Bem merecia por certo a lealdade Portugueza a Sua Magestade mandar emendar estes e outros taes livros. Sendo assim que nunca o mesmo Rei se achou estar mais seguro, nem mais a descuido, no seu Escurial, Pardo ou Aranjuez do que ali estava, e estará sempre entre Portuguezes, cuja fidelidade conhecia bem esse mesmo Rei. E por isso se servio sempre junto a sua pessoa e a fiava antes de Portuguezes. E se fazia boa eleição se póde ver, cotejando-se Ruy Gomes da Silva, que elle fez Principe de Ebuli, e Duque de Pastrana Portuguez, e seu grande privado, com D. Alvaro de Luna. E D. Christovão de Moura Portuguez, que tambem fez Marquez de Castel Rodrigo, seu muito valido, com o secretario Antonio Peres, que escapou por grão ventura de prisão, disfarçado com nome e trajo de sua mulher D. Joanna Coelho, a qual se deixou ficar na prisão por salvar o marido, por não ser justiçado, e com o Conde Franqueza, e com D. Rodrigo Calderon, Marquez de Sete Iglesias, que ambos forão justiçados em Madrid por cousas contra o estado do seu Rei que os honrara, e fizera de nada; e outros, não tratando do Duque Cardeal de Lerma, que

tambem foi dos que tão mal pagarão a Sua Magestade o muito que nelle fez.

Bem conhecia Portuguezes o mesmo Rei, quando no cerco de Marzagão, desconfiando-se no seu conselho de elles o defenderem, e só elle sustentou que sim, como de feito o defenderão com admiravel esforço e valor, o qual foi no anno 1562. Bem conhecia Portuguezes aquella grande Rainha Dona Isabel a Catholica, mulher del-Rei Dom Fernando: quando dizendo-se-lhe que el-Rei de Portugal com quem estava de guerra, tinha pouca gente, respondeo: Ah que os seus são filhos, e os meus são vassalos! E quando se perdeu a Goleta disse o mesmo Rei Philippe: A mi fé que si fueran Portugueses, ellos la defendieran.

Houve alguma hora em Portugal, Padre Frei Romão, as communidades de Castella? O infausto motim de Frandes, causa e principio da rebellião de Olanda e Gelanda, e de aquelles estados, alem de outros muitos, que tantos danos causou a seu Rei e a toda a christandade, e causa hoje em dia; ou os levantamentos dos Piçarras no Peru? Deixo outros mil casos que lá acontecerão, e n'outros estados de Sua Magestade, como os ditos Olanda e Gelanda com outros levantados contra seu Rei e senhor natural. E digo só que nunca se vio nota de traição em Portuguezes com verdade a seu Rei. E bem se vio em nossos dias, que batendo-lhes á porta o Senhor Dom Antonio, filho do Infante Dom Luis, e neto del-Rei Dom Manoel em Maio de 1589, com tamanho poder que trazia de Ingrezes: e comtudo não houve homem que a elle se fosse.

Bem se vio agora no extraordinario alvoroço com que Portugal todo festejou a vinda de Sua Magestade Philippe III, que Deos tem, a este Reino no anno de 1619. Principalmente Lisboa, que lhe fez as maiores festas que nunca se virão a Rei outro algum, não perdoando a gastos mui excessivos, dos grandes e povo, té os mosteiros todos, e ainda de religiosas em particular, com merendas, banquetes, e presentes, e todos té molherinhas de porta. O que ainda se espera que Sua Magestade Philippe III e IV nestes reinos, seu filho, reconheça com as mercês que del-Rei seu pai se esperarão.

Por onde a segurança da pessoa del-Rei Nosso Senhor de ninguem milhor a podia, e devia fiar que de Portuguezes que são filhos de coração. E por tanto, ó meus Portuguezes, prosegui, prosegui vossos tão honrados, quanto naturaes e proprios intentos, no serviço de Deos e de vosso Rei, imitando vossos antepassados, nos quaes se as lingoas forão conformes ás mãos, pera publicar ao mundo seus feitos, com a

penna, como outras nações, em todas ficara tudo o nosso muito mais levantado. Mas assi como hum libreo nobre não faz caso do ladrar de gosos, menos se deve fazer dos escritos de um falador de ventagem, nem do que diz hum chatinzinho da Alfandega de Lisboa Jeronymo Franqui, feitorisando por outrem, attento mais em seus ganhos, que em inquirir verdades no que escreveo, o qual o dito Padre Frei Romão o tresladou por encher papeladas, sem outra averiguação dellas, como outros fizerão por sua cabeça.

Mas tornando a el-Rei Sebastião: o qual muitos cuidarão que escapara da batalha, e que de aborrecido de si mesmo e da vida, largara o Reino a seu tio el-Rei Dom Philippe II de Castella, irmão de sua mãi (por quanto o Cardeal Dom Henrique tambem seu tio irmão del-Rei Dom João seu avô, que era quem immediatamente lhe devia succeder como succedeo, estava já com os pés na sepultura por sua muita idade) e se metera em alguma religião escondido, principalmente persuadindo-se fazia nisso serviço a Deos, ficando uma columna tanto mais forte com o ajuntamento destes Reinos aos de Castella, e com maiores forças pera resistir ás dos Turcos e herejes. E dizião não ser isso cousa nova, por quanto já muitos Imperadores e Reis deixarão tudo, e ainda a estranhos, e se recolherão em religião, quanto mais deixal-o a hum tio, e tal.

Mas eu não sei que religião essa podera ser, nem que virtude foi a del-Rei Dom Rodrigo, que sendo pessoa não sua, se não de seu povo, o deixou na boca do lobo e dentes em perdição; e se poz em salvo, em covas, na Pederneira, e Vizeu (se tal foi) com titulo de penitencia escondido, devendo como bom pastor ou rafeiro morrer antes na defensão de seu gado que desamparal-o, e fora essa mais honrada penitencia (que na maior adversidade da fortuna ahi deve ser o animo maior). Como o fez o valeroso Tomumbeo ultimo Rei Califa do Egypto, dos Mamalucos, que sendo desbaratado no Cairo por Celim grão Turco, se procurou refazer, e tornou cometer os Turcos, tendo passado meio do seu exercito o Nilo em pontes de barcas, trabalhando com animosissimo acometimento romper-lha e quebrar-lha. Onde com o Reino perdeo a vida, mas não a honra, porque antes a ficou ganhando, e immortal fama.

Pelo que não é de crer, nem cuidar que el-Rei Sebastião tal fizesse, onde os Confessores o devião obrigar a tornar, e vir governar seus reinos e defendel-os, e evitar tantos danos, mortes e confusões como houve. O que ainda agora alguns dizem, vendo que o Conde de Vimioso Dom Luis de Portugal, hora Frei Domingos do Rosario, largou o Con-

dado a seu filho, e se meteo frade de S. Domingos, e a Condessa sua molher nas Recoletas da mesma ordem, fazendo ambos nella huma vida santa, com raro exemplo de suas muitas virtudes e humildade. E o que mais he, vendo o Conde de Portalegre Dom Diogo da Silva, ora governador de Portugal, largar o Condado a seu irmão Dom Manrique da Silva, ora Marquez de Gouvea, sendo muito mancebo na idade, mas muito ancião na prudencia, modestia e pontualidade, acompanhado de muitas outras virtudes: e com o Condado o officio de Mordomo mór da casa dos Reis de Portugal tão soberano, que disse o Conde Dom João da Silva seu pae a el-Rei que Deos tem Filippe I deste reino, que antes queria ser Mordomo mór del-Rei de Portugal, que Rei de Portugal; e isto a certo proposito.

Mas porque tenho ser este que vos disse o corpo del-Rei Dom Sebastião, que vi, polas razões que apontei, me parece daria de resto indo assi escapando-se com a grande multidão dos alarves sem conto que a la mira cubrião os campos e outeiros, e deveo desconfiar delles, e tornar-se ao campo e lugar da batalha, ou buscar melhor ventura, ou a morte que achou peleijando, mais como esforçado cavalleiro, qual em todo o tempo que durou a batalha se tinha mostrado, que como prudente e experimentado capitão sem se deixar cativar.

Mas como meu intento não he de historia (deixando isto aos chronistas) senão contar-vos de mim na memoria das muitas mercês que a Virgem Nossa Senhora da Luz me fez, isto quero proseguir, que me tenho divertido e alargado muito da materia: mas primeiro vos quero mostrar hum romance que despois se cantou do infelice successo desta batalha que muitos grozarão de muitas maneiras por huma toada tristissima, e ainda mais triste e sentida, que isto que neste papel podeis ver de minha curiosidade.

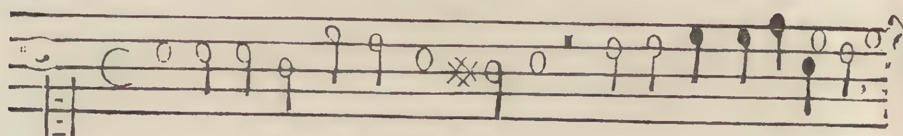
Puestos estan frente a frente
Los dos valerosos campos;
Uno es del Rei Maluco,
Otro de Sebastiano el lusitano.
Moço animoso y valiente,
Robusto, determinado,
Aunque de poca experiencia
Y no bien aconsejado
El lusitano.
Quando los Moros sin cuento
Su hueste la van cercando

Que pera uno de los suyos
Son mais deziocho tantos.
Ardiendo em fuego su pecho
Rabia por ponerlos mano,
Piensa que todos son nada,
Manda a pelea echarbando el lusitano.
Brama que envistan los moros
Y el exercito contrario;
Ya se van llegando cerca
A ellos (dize) Santiago el lusitano.
Dispara la artilharia,
La nuestra mal disparando,
Lluevem balas, llueven muertes,
Saetas y mosquetazos.
Empuxan picas los moros,
Ya huyen rotos rodando,
Los ventureros victoria
Pregonan con grande aplauso,
Que mataron el Maluco,
Y lo ha llevado el diablo,
Porque junto a su litera
Lo passaron de un balazo.
Y en la mora artilharia
Dos banderas se han ganado,
Con victoria tan pujante,
Que semejó a milagro.
Pero por peccados nuestros
La gozamos poco espacio;
Que a socorrer retroguardia
La delantera ha parado.
Que por los lados ya todos
Es vanguardia nuestro campo.
Y con sangre de los muertos,
Está hecho un grande lago.
Todo lo anda el buen Rey,
Dando muertes muy gallardo,
La espada tinta de sangre,
Lança rota, y sin cavallo.
Que el suyo passado el pecho
Ya no puede dar un passo,

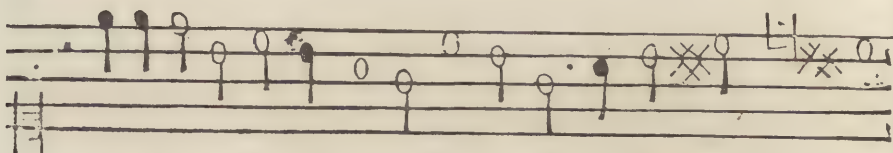
A George d'Albuquerque pide
Le dé su rucio rodado.
  Daselo de buena gana,
Y el-Rey cavalga de un salto,
Mirale el-Rey como jaze,
De espaldas casi espirando.
  Mas le dize que se salve,
Pues todo es roto en pedaços,
Y el-Rey se vá a los moros,
A los moros Sebastiano el lusitano,
  Busca la muerte en dar muertes,
Busca muerte Sebastiano el lusitano,
Diziendo: Aora es la hora,
Que un bel morir, tuta la vita honora. (*)

(*) Palavras que este Rey trazia dantes na boca, e costumava dizer muitas vezes.

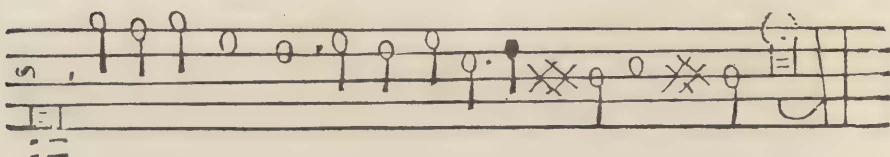
Cantus



Puestos estan frente a frente los dos valerosos campos

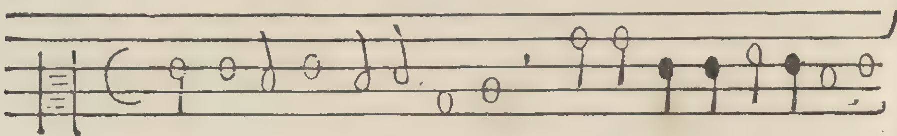


uno es del-Rei Maluco o tro de Sebastia no

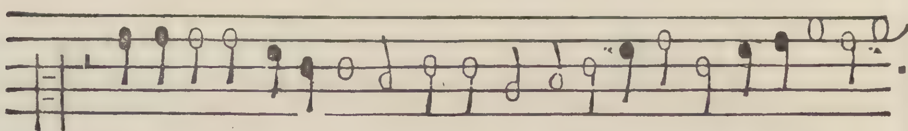


el lusi tano el lusi ta no

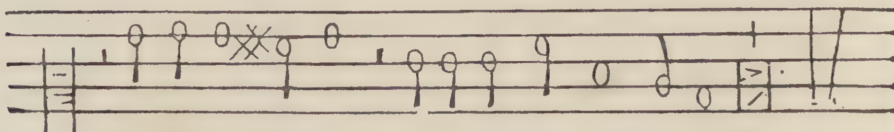
Altus



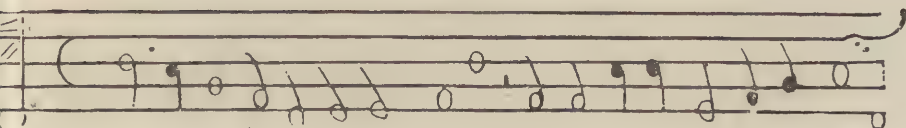
Puestos estan frente a frente los dos valerosos campos



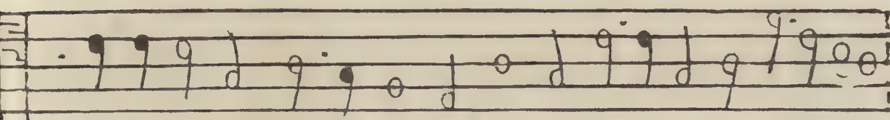
uno es del-Rei Malu co otro de Se basti no



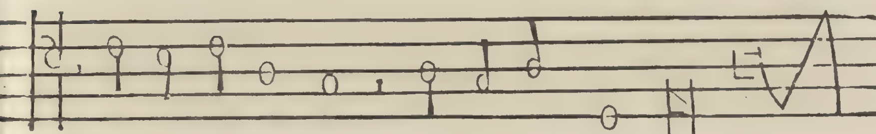
el lusi tano el lusi ta no



Puestos estan frente a frente los dos valerosos campos,



uno es del Rei Maluco otro de Seba stia no



el lusi ta no el lu si ta no.

DIALOGO OITAVO.

Contão-se algumas cousas notaveis do cativeiro, e mercês que Nossa Senhora fez ao Autor, e o livrou de huns tratos de polé, e delles o trouxe fugido a Melilha. E hum emprazamento de hum cativo com hum Mouro sobre cousas da Fé pera diante de Deos, onde ambos forão dentro em nove dias. E hum caso notavel de hum cativo com huma moura bellissima sua senhora.

DEVOTO. — GALACIO.

Devoto. Ao terceiro dia desta infelice batalha se partio dali o campo dos Mouros, e fomos dormir a Alcacerquibir, onde achando eu hum mercador Castelhano na estalagem (que era de hum Judeu) pera se partir esse dia pera o Porto de S. Maria por via de Larache, escrevi por elle ao Padre Frei João meu irmão, dando-lhe conta do triste successo e morte del-Rei, e foi esta a primeira carta que entrou neste reino depois delle. A qual se levou logo cá ao Cardeal Dom Henrique que logo foi Rei. De aqui nos partimos pera Fez, onde meu amo era morador. E porque muitas vezes ha mal que vem por bem, quiz Nossa Senhora que das feridas de que temia a morte pola má cura, que foi só com sumagre huma só vez, nellas não mais que bichos e fedor: dellas mesmas me viesse a vida. Porque meu amo me alugou hum cavallo em que fui, e elle a pé: e se não forão as feridas, he certo haver eu de ir a pé, e com isso arriscar a vida assando os pés e o figado, pola insofrivel calma que havia, de que via irem morrendo muitos, e em cansando cortarem-os a ferro por passatempo, ou se adoecião, ou por desavenças das partilhas, e a cada passo hum retrato da mesma crueldade e miseravel desaventura.

Em Fez me vinhão ver os conhecidos de meu amo pasmados de verem as minhas armas, e do que o Mouro lhes contava, e querendo elle, ou elles proval-as já nunca acertarão, nem com huma só peça, mas querendo-as eu vestir mo não consentirão, e as fomos vender a hum Ferreiro por cincoenta e dois réis, dos quaes me deu dois pera grãos torrados, e cuido que todas nossas armas e espadas levarão esse caminho, sem em nada se aproveitarem dellas.

Logo mercadores andarão pera me comprar, cuidando ser eu alguem, e enricar comigo. Porém meu amo ainda que pobre mostrou desejar vender-me antes pera minha liberdade, levando-me aos religiosos Padres da Santissima Trindade do resgate, que já hum era chegado, mas como elle não tivesse dinheiro pera de contado, houve de me vender.

E os que me comprarão derão parte a hum Mouro nobilissimo, e a huma sua irmã casada, por me não tomar el-Rei.

De maneira que fiquei sendo de quatro senhores, os quaes alguns dias se houverão comigo brandamente fazendo suas interrogatorias do que de mim cuidavão, por diversos modos, e despois por medos. Porem vendo minha constancia em dizer ser hum soldado pobre sem cousa alguma de meu, começarão apertar comigo pondo-me a diversos officios, e ora levando-me a vender a Turcos, ora a cavar em suas vinhas muitos mezes, pera ver se me abria com algum resgate.

Neste meio tempo me contratei com hum cativo velho taverneiro, o qual tinha taverna de vinho (cousa em que na Corte se ganha muito dinheiro), o qual era quasi senhor da casa de sua ama que viuva era, que me comprasse, parecendo-me que vendo meus amos dinheiro folgassem de me vender, visto poderem ter já perdido de mim a suspeita, e o que eu lhe custasse lho dobraria.

E aceitando o partido o poz por obra, por meio de hum sobrinho de sua ama, que não poude comprar mais que hum quinhão que era de hum Judeu feito Mouro, e logo meus amos forão sabedores de tudo, e foi causa de minha mais impossibilidade de poder sahir por via de resgate: por onde me determinei em fugir, e dando conta a hum companheiro Belchior Curado de Penella natural, achou elle huma occasião de huns Mouros que nos querião trazer, e mostrando-me primeiro a casa se meteo nella, e eu ao outro dia, onde os Mouros tendo-nos alguns nos tornarão a nossos amos, dizendo que nos acharão, e alcançando delles as alviçaras, que lá são grandes, e juntamente perdão, nos não ousarão castigar, entendendo serem soldados ladrões, e de medo delles guardarão a palavra; carregando-nos porém de ferros, com duas bragas a cada hum, e huma travessa de huma perna, a outra, e descalso, e despido me fazião ir cavar longe hum quarto de legoa, e tudo isto foi depois de morto o Mouro nobre, que em quanto viveo fomos muito bem tratados, de cuja morte vos quero contar huma cousa estranha, e quiçais misteriosa.

❡ Aconteceo pois que tratando este Mouro algumas vezes comnosco pontos de sua seita, veio a tratar das imagens de Christo Nosso Senhor, que elle dizia era Nabi grande santo, enviado de Deos a dar lei aos homens (que isso quer dizer Nabi) e criado no ventre de Nossa Senhora, por obra de Deos, sendo ella Virgem, e sem conhecer varão, e Senhora muito grande, (sobre minha cabeça dizia o Mouro), e por grande encarecimento dizia: Miguel, Deos poder fazer isto. A quem eu respondi: se Deos poder fazer isso, porque não poderia fazer-se homem, e morrer homem por amor dos homens? E não levava em paciencia ouvir que morrera, e por mãos de Judeus. E certo cuido que

se elles tal cuidassem não lhes pararia Judeu com vida, porque tem em grande veneração o santissimo Jesus, a quem elles chamão Cid Naa Yçáa. E com não cuidarem ser Deos, se não homem enviado de Deos ou Missias, como dizem ser o seu maldito Mafoma, comtudo ainda a Christo Nosso Senhor dão muito maior honra, nomeando-o por Cid Naa Yçaa, que quer dizer Nosso Senhor.

E a Mafoma sómente Cid Mahamet, sem a palavra Naa que quer dizer nosso, por maneira que não pode negar o maldito Arrio, de quem dizem foi discipulo Sergio, pera mestre do infernal Mafoma, ou Mahamet como elles lhe chamão: nem tirar o ser Christo Jesus Nosso Senhor, e a elle só chamarem nosso (como o dizia este Mouro), e que se maravilhava muito de homens como nós, e de tanto entendimento tivessemos por Deos hum páo, e as imagens de páo, e as adorassemos. Ao que respondendo-se-lhe, que nos não adoravamos as imagens, nem o páo se não o que isso significava: lembrando-me um verso latino, que com outros dizem se achou, como por milagre dentro de huma parede que se abrio no Concilio Niceno, onde isso das imagens se tratava:

Nam Deus est, quod imago docet sed non Deus ipsa,
Hanc videas, sed mente colas quod cervis in ipsa.

Ao que hum dos companheiros Antonio Cordovil, que fora guarda reposta del-Rei, acodio dizendo: principalmente tendo Deos approvado tantas vezes a veneração das imagens, fazendo cada dia tantos milagres por meio da devoção dellas, e do que ellas representavão. E que se elle Mouro visse o retrato de seu pai pintado, bem sabia que não era seu pai, e que comtudo lhe teria alguma reverencia. E contando-lhe alguns milagres, dos muitos que cada dia vião muitos Christãos, com outras razões muito fundas, falando Deos por sua boca, ao que mostrando-se o Mouro atalhado, e confuso (porque lhe fazem lá outros cuidar de nós mil patranhas) respondeo: Ora Antonio, lá iremos e saberemos verdade quem tem razão. Ao que o Cordovil movido de huma ira santa, puxando-lhe pelo bedem ou capa lhe disse: Ora Cide Hamete, eu te hei por requerido pera diante do tribunal de Deos, onde veremos a verdade, e acharás que ta digo. E com isto se apartarão, e acabou a pratica depois de muitas, que cada dia tinhamos com este nosso amo, que erá nobilissimo e algimiado letrado e claro entendimento, e fálo verdade diante de Deos, foi isso huma quinta feira, e tendo elle pedido humas tezouras ao Mouro pera o tosquiarmos, que fossem como as nossas (por quanto as ordinarias de que usão são de

feição das de tozador) e trazidas, estando eu tosquiando-o me disse se sentia com grande dor de cabeça, e mais á tarde com febre, a qual crecendo-lhe muito pedio a nosso amo o deixasse ir pera a Judiaria pera casa de hum Judeu que nelle tinha a metade; por quanto estavão lá os fidalgos 80, e os Judeus fallão castelhano, seria milhor curado, e por que era já dinheiro, e estava cortado em 400 cruzados o Mouro o mandou pera lá, onde eu o fui ver já muito mal, de modo que faleceo dentro em nove dias depois do emprazamento, nos quaes adoeceo o Mouro, e falleceo dentro de outros nove dias depois do Cordovil, sem saber da sua morte porque me vedarão, indo eu vel-o, o dizer-lho.

Gal. Raro acontecimento por certo foi esse.

Dev. E eu por tal vol-o contei, e pelo teremos então todos meus companheiros, e cativos a que o contamos por milagroso, e nos confirmamos mais e consolamos em Deos Nosso Senhor, fazendo de noite nossas devoções e ladainhas com muitas lagrimas, e oxalá fora eu agora como então; como bem nol-o dizia o Padre Frei Vicente de Afonseca nas pregações que nos fazia na Sagena (que he casa dos cativos del-Rei) que viria tempo que aquelles ferros, miserias e trabalhos, que delles teriamos ainda saudade porque tudo erão maiores mimos de Deos Nosso Senhor com que nos queria castigar, milhores que a mesma liberdade pera os que usassem mal della. E certo elle tinha razão, porque naquelle estado não havia pola maior parte homem que ousasse nem ainda com o pensamento consentir em hum peccado mortal.

O que bem se vio em hum caso muito notavel que aconteceo, a hum meu amigo e visinho, que se livrou de sua senhora, e de offender a Deos como já o Santo Joseph o fez no Egypto. O qual se chamava Estevão Curado, natural da villa de Figueiró dos Vinhos, homem muito nobre e da mais nobre gente daquella terra, sendo nesse tempo de vinte e dous annos, gentil e fermoso mancebo, alto, de corpo alvo, e de partes muito proporcionado. E acertando a ser cativo de hum cavalleiro soldado que continuo andava na guerra, que acabada a nossa se foi com el-Rei a Marrocos oitenta legoas de Fez, onde tinha sua casa e deixou seu cativo nella com sua sogra e molher, sem mais outra pessoa, a qual seria de dezenove annos, porém a mais fermosa e galharda dama que devia haver naquella terra, e nesta não vi nunca quem lhe fizesse vantagem, porque era alvissima, corada, olhos pretos grandes, quaes pola maior parte são os daquella cidade, e de pessoa e feições a mais proporcionada que podia ser. O que digo pola ver muitas vezes, e sempre despida e descalça, como todas as Mouras andão sempre em casa sem pejo algum dos cativos, sendo assi que fóra não se lhes

vê nem ainda dos olhos grossura de hum tostão pera a vista, e nenhum Mouro vê a molher nem filhas de outro, nem ellas apparecem nem a vender em tendas, nem praças, nem ruas. Nem entrão nas suas Igrejas, digo Mesquitas, que tudo fazem os homens.

Ora esta Moura, que Zaida se chamava, se veio a namorar do seu Estevão de maneira que ardia, e morria por elle (e que muito em tal idade ambos, e tal occasião, e sem estorvo algum, que antes a mãe della ajudava nisso a filha quanto podia) e pera ficar mais gloriosa a victoria desta batalha, todos tres comiam juntos em hum banquinho.

Começando pois esta Moura com mil branduras, e remoques longes, parecendo-lhe bastassem pera o seu Estevão, como pera qualquer outro homem bastarão, porém não lhe sahindo suas traças ajustadas com seu desejo, se veio a declarar de todo com elle, o que fez por muitas vezes. E todas o valeroso mancebo se defendeo com escusas da religião, e nossa lei o defender. E continuando ella com sua porfia continua o mandava algumas vezes a humas varandas em cima levar folhas de amoreiras aos bichos de seda que criava. E logo se ia após elle, despida de todo e descalça, com só a camisa muito curta, e depois de muitos modos lhe dizia: Estevão não vês que sou tua senhora, e que te posso dar liberdade, e fazer bem? Que queres mais? quem tem isto em Berberia? E o forte mancebo: Senhora bem vejo tudo isso, mas sou Christão, e tu és Moura, e não quero ir ao inferno que mo defende Deos, e a minha lei. Porém vendo que por aqui não podia satisfazer a seu desejo, e fogo em que se abrazava, intentou outro meio, que foi ameaçal-o com peçonha se não viesse no que ella queria, e porque eramos vizinhos elle me ia contando todos estes termos, temendo-se muito della o matar, cousa muito ordinaria e costumada entre Mouras, porém fora muito mais certo matal-o se conseguira o fim de seu intento. E assi todos os que lá cahirão, lá ficarão mortos por ellas mesmas. O que seja aviso pera os que lá se virem. Porém durando esta batalha alguns mezes de grandes tentações e perseguição, em que elle por não ousar comer o que se lhe dava (quando não comião todos juntos) o deitava secretamente por hum cano. Pelo que eu lhe acodia alguns dias com alguns vintens, que de meus furtos alcançava. E finalmente no ultimo da mór perseguição lhe acodio Deos, e indo eu hum dia buscal-o, ella me disse, com huma dor ainda e magoa: Estevão já andar. E foi assi que seu senhor mandou de Marrocos a hum seu amigo que fosse a sua casa e entregasse Estevão seu cativo á pessoa que tratava de o libertar, por quanto tinha já recebido o dinheiro, permitindo Deos que a Moura não tivesse tempo de por não conseguir

seu intento lhe dar com que logo morresse, em cobrando sua liberdade. E em Lisboa casou honradamente, e viveo muitos annos prospero, servindo-se Sua Magestade delle em cargos honrados. E falecendo santamente o anno 1620, está enterrado em huma capella sua que fez no mosteiro de Santa Marta, onde tem duas sobrinhas freiras professas, Maria de Ressurreição ora prelada, e Francisca da Paixão dotadas de muitas virtudes e raro exemplo de santidade naturaes deste sitio de Pedrogão Grande. Que taes são os effeitos de hum acontecimento, tão santo qual foi o deste cavalleiro de Christo, que elle veio a ser, que parece se apega a suas cousas pera por elle lhes fazer Deos muitas mercês, como aos Israelitas por outro tal do Santo Joseph. Com a morte deste nosso amo, que emfim era nobilissimo algimiado, que sabia a nossa lingoa, como o são pela maior parte os nobres, e se prezão disso, muito lido, e de opinião de se haver de ter e casar com huma só molher, contra o que se tem e usa, grande jejuador e abstinente, e de bello sugeito, em tanto que eu lhe dizia que se eu soubera bem a sua lingoa ou elle a minha, que segundo tinha claro o entendimento o houvera de fazer Christão. E porque os mais lhe tinhão grande respeito, em elle morrendo começarão logo chover sobre mi mil generos de afflições e trabalhos, em tanto que meus companheiros de magoa se desanimavão de mos ver. Aos quaes eu ainda no meio de angustias os consolava pelos animar, e tirando forças de fraqueza dava duas voltas e trincos, e sabe Deos qual eu estava algumas vezes quando isto fazia; a quem por minha consolação lá fiz hum dia este Soneto:

Se lá no tribunal vosso sagrado,
  Onde tudo o de cá está presente,
  Este castigo tinha justamente,
  Em pena de meu erro aparelhado.
E se a mim, Senhor, de meu peccado,
  Quereis fazer alheio, e penitente,
  Com o que agora aqui minha alma sente,
  Cumpra-se em mim, meu Deos, vosso mandado.
Que assás misericordia usais comigo
  Curar-me aqui meu mal com o que peno,
  Em quanto tem remedio estes herpes.
Mas desta gente má, e Reino imigo,
  Me livrai, meu Deos, que tem veneno
  Mortifero, e peor que das serpes.

E a Nossa Senhora de Guadelupe:

E vós, Virgem sagrada sem exemplo,
De nossa redempção ditosa porta,
Do santo espirito Deos sagrado templo,
Em que entrando revive huma alma morta;
Com piedoso olhar que em vós contemplo
Da estrada me tirai obliqua e torta,
Valei-me, grão Senhora, pois que Deos
Por mim vos fez sua mãe, vindo dos Ceos.

O que eu lhe repetia muitas vezes por outras palavras pera a obrigar, e que attentasse que essa sua maior honra de ser mãe de Deos a mim a devia, porque se eu não fora e outros taes, não tinha Deos tanto pera que se fazer homem, e ainda que isto era dito polas minhas mossas de páo e letras de sequiero, eu lho dizia, e a Senhora se houve por obrigada, e me trouxe como por milagre como logo vereis.

Neste comenos me foi dada huma carta do Padre Frei João, meu irmão. Em que me dizia me vinha credito, por via de hum mercador de Cales a outro que estava na Aduana de Fez, George Lopes, té dous mil cruzados pera meu resgate (o que vindo-se a saber por via do Christão que vos disse comprara em mim hum quinhão) fiquei impossibilitado de poder vir por resgate, porque não havia falar em menos de doze mil cruzados. E vendo-me impossibilitado e perseguido, por outra parte, de afflicções e tormentos, huns sobre outros, me fui a minha Senhora pôr-lhe tudo diante o que houvera de ser o primeiro.

Senhora vós sabeis o que eu posso, e o estado em que meus peccados me tem posto, isso que eu puder ajuntar melhor será pera vos ir fazer huma festa na vossa casa e sitio, o que vos prometo se lá me levares com liberdade. Feito este voto e contrato com minha Senhora, permittio ella que desde aqui crecessem ainda mais os trabalhos e perseguições, para que eu visse que só ella me tirava delles como por milagre, e não outra diligencia nem saber. E depois de tudo soffrer constantissimamente determinarão os mouros dar-me tratos desta maneira.

Atão-vos as mãos de traz com huma corda, a qual vão atar em hum lugar alto, varanda ou janella, tendo-vos posto primeiro em banco alto do chão huma vara, e furtando-vos os bancos ficaes depindurados pelos braços, que com o peso do corpo se vem torcendo pera cima com as maiores dores que se podem imaginar, alem de que ficaes aleijado sem braços.

E pera meu terror os derão primeiro a hum Gaspar Fernandes, natural de Penella, que dizia conhecer-me, pera que descobrisse quem elles desejavão eu fosse, e com medo desse o que elles cuidavão podia.

Vendo estas preparações que eu dissimulava entendel-as, e elles o mesmo, me escapuli de entre elles como que ia a hum mandado, e me fui meter em casa de minha ama, irmã do morto que tinha parte em mim, confiando que por ser pessoa tão nobre, não consentisse nos tratos, e ainda que não sabiamos a lingoa, como a necessidade seja mestra da retorica, eu lhe pude significar minha affliição. E que a sua fidalguia e sangue, nem ainda a sua lei devião permittir opprimir-se tanto hum miseravel cativo, pera dar o que não tinha, que pera que quereria eu guardar riqueza em Portugal? pera estar a essa conta cativo em Fez, pois a liberdade valia mais que todas as riquezas do mundo: que olhasse ella pera huns passarinhos que ali tinha n'uma gaiola, que por mais mimos que lhe fizesse antes querião sua liberdade, em tanto que por ella se deixavão morrer de paixão, quanto mais hum homem sem nenhuma consolação se não carregado de ferros, e mil outras miserias, por onde quem podia desejar mais minha liberdade que eu? que pois me soffria com meu cativeiro que me deixassem com elle que assás bastava de mal. E tanto lhe disse que a lella (que assi nomeão as senhoras como dom) deitou muitas lagrimas de compaixão, e me fez assentar a par de si, e mandou convidar onde passei o dia té quasi noite, em que os Mouros derão os tratos ao outro coitado. E não me achando a mim pera o mesmo me buscárão como desatinados, senão quando entrão dous filhos do irmão morto que erão os que como moços muito desejavão ver estes touros, e disserão á tia mil injurias, chamando-lhe Christã bem Christã. E ella muito agastada bradava com elles, e devia dizer-lhes não ser contente dos tratos, porém elles me levarão, e sempre dissimulando todos o que pola manhã se havia de fazer.

Entrando vejo estar a corda dependurada onde me havião de dar os tratos como a outro se derão. E recolhendo-me em hum canto onde dormia com outro cativo, elle me contou o que se passara, com que passei essa noite com assás tribulação, fazendo mil discursos e rogativas a minha Senhora em quem sempre confiei me livraria, ainda no meio dos tratos. E entre outras temeridades, me vim a resolver em huma mais temeraria, que era fechar-me com os braços, e não os dar por nenhuma via, fazendo-me com elles hum novelo, e por ser moço e de muita força nelles seria difficultoso tomarmos, e que quando isso não podesse, não queria viver sem braços aleijado, e metendo huma

perna de tezouras ao longo da perna debaixo dos trapos das bragas de ferro me resolvi estripar com ella todos quantos estivessem pegados em mim e eu podesse alcançar, e isto com hum animo mui resoluto e forte, a exemplo de hum Tudesco, com o qual apertando-se com elle muito, tomou hum alfanje e matou com elle quatorze pessoas que havia em casa, e foi matando té o matarem á espingarda. E a minha Senhora da Luz deu outro milhor modo a minha salvação, e tudo daqui por diante forão milagres, té me trazer a este seu sitio e casa.

Amanhecendo o outro dia me fui pera a porta onde já estavão dous moços filhos do amo morto, incerto do que houvesse de fazer, e querendo passar, disse o maior: onde he ida? e teve-me, e o menor: deixa-o ir não entenda alguma cousa. E na rua pera baixo estavão quatro administradores do acto, esperando todos o lingoa: me fui pera casa do pae de outro meu amo que ali estava pera outros quatro ou cinco cativos que achei desafigurados de medo, aos quaes disse não temessem que agora era Deos comnosco, em quem confiava me não havia de desamparar, e que me quizessem elles abrir huma porta que ia para outra rua, pera me ir pera a minha ama de hontem, e que entretanto proveria Deos. E não se atrevendo a abrir-me, comtudo hum que era o Belchior Curado, com quem cometera a fugida passada, e hoje vive em Penella, disse: seja o que for, eu me quero aventurar.

E passando pelo pateo das casas fechadas, nelle estava a sua ama lavando e pensando hum menino, e passando ambos por ella carregados de ferro, não nos sentio nem o abrir da porta, que foi milagre e maravilha, e ao sahir della lhe disse eu: Compadre, eu não hei cá de tornar, porque me hei de ir por esses campos a quem me tomar, dizendo ser de Judeu pera não haver escrupulo, e isto com todo segredo, porque fugidas não se devem confiar dos cativos, que logo as descobrem com temor do castigo.

E indo por essas ruas em demanda da casa de minha ama, sem saber o que fizesse, ou se entraria, vi que estava á porta hum mouro malissimo, e com os olhos nelle vi que não me via, sendo a rua estreita e sem nenhuma gente, e passei e foi milagre que podia parecel-o.

E sahindo da cidade topo hum cativo que se veio a mim consolarme dos muitos ferros que trazia, cousa não muito costumada em Fez, que por ser a terra tanto dentro andão os cativos soltos, e vão fora legoas, e ás vezes a cavallo, sem poderem fugir, pelos campos serem cobertos de Mouros vigilantissimos. E contando-lhe meu aperto, por onde aquelles ferros me ficavão em sua comparação parecendo rosas, e que por este aperto me ia ver com o Padre do resgate, pera ver se

podia achar algum remedio, sem lhe boquejar na determinação que levava. O qual me contou como era impossivel entrar em Fez o novo, onde estava o dito Padre, donde por fugir hum renegado com oitenta cativos todos a cavallo, que todos se perderão, se mandou que nenhum cativo podesse lá entrar, nem ainda com seu amo, sem licença do justiça maior Hamut Bençalla: e comtudo por ser elle ali na porta conhecido por trabalhar ali com seu amo, no rio que por ella passa em curar panos, que se eu dentro lhe podesse dar hum vintem com que ia buscar carne, tentariamos com elle a entrada. Onde chegando com elle nos ameaçárão, e que tornassemos n'horamalla. Estão naquella porta de ordinario seiscentos escopeteiros de guarda com as mechas incendidas. E comtudo tentamos hum soldado com vintem que elles chamão temeniáa. E foi pior, então nos fomos o rio abaixo, que por aquella porta passa muito espraiado de industria pera se passar por humas pedrinhas. E rogamos com o vintem hum Mouro velho e negro, que são entre elles os mais venerados, o qual prometendo aos soldados tornar-me, me meteo dentro, e se foi logo. E tudo isto forão milagres que o podião parecer.

Como o foi tambem que antes desta entrada topamos hum Mouro Cacis nosso vezinho, o qual sabia dos tratos, e vendo-me neste instante, e ali e só, se maravilhou, e disse: fugir, fugir tu; a quem eu mostrando-lhe os ferros: pera onde fugir? E perguntando por meu amo lhe disse que ali atraz vinha, que iamos fallar ao frade, e estando hum pouco duvidoso me deixou ir, e foi milagre, quero dizer, quando digo milagre mercê maravilhosa.

Entrando pois em Fez o novo, onde está a corte, soldadesca, renegados e mercadores Christãos, na Aduana, ou alfandega, me fui (pago primeiro o vintem, que ajuntei ceitil e ceitil) ter com o mercador George Lopes que era a quem viera o meu credito. E dizendo-lhe quem era, e o estado em que estava, no qual antes me era muito pior qualquer dinheiro, que lhe pedia me quizesse recolher comsigo aquella noite té tirar os ferros, do que escusando-se com o seguro real del-Rei, me fui á horta del-Rei, onde conhecia dous cativos pera ali me ocultar té tirar os ferros. E chegando á porta que he entre Fez o novo, e a Judiaria acho hum Italiano que della tinha a chave. E duvidou abrir-me, dizendo não estar dentro quem eu buscava, e que esperasse conjunção, e apertando com elle me abrio, e eu dentro. Eis que passa meu amo com hum cativo companheiro, que pelo que lhe disse o Cacis, se veio como hum raio. E foi milagre escapar-lhe ali: porque eu entrado chegou o cativo del-Rei, que eu buscava Ruy da Vide, natu-

ral de Figueiró, que á porta encontrou meu amo, e o cativo, que lhe disse como eu era fugido, e mo contou dentro onde me achou sem saber de mi. E que todo Fez se revolvia sobre isso, e elles erão martyrisados. E tambem foi milagre entrar na horta estando isso muito defezo, por della se aprestarem os oitenta cativos que fugirão.

Dentro contei a estes amigos minha afflição, e determinação que era só de tirar os ferros com sua ordem, o que hum recusando, disse o outro: mas que me matem a páos, não havemos de deixar de acodir a hum Christão que vem tão atribulado. E com isso me proverão de algum comer, e esconderão em huma balseira em quanto buscavão cordas pera me tirar os ferros.

A outro dia, vindo com huma corda e hum tirante de páo nos fomos a hum marmeleiro, no pé do qual posto o meu em huma pedra, mo atarão a elle com algumas voltas. E estando nisto eis que vem hum cativo correndo, que vinha a justiça com meus amos, de que todos ficárão cortados e fugirão, deixando-me atado ao páo e ao marmeleiro. E como a pressa que pude impedindo-me ella cada vez mais, me fui desatando, levando de cada volta couro e carne dos artelhos, e deitando tudo em huma balseira, me lancei nú por cima de outra que cobria outro marmeleiro, e do cimo delle me vim por entre as silvas, ennovelar no pé do mesmo marmeleiro, onde estive té de noite sem mais ver nada.

E porque nesta horta não fica ninguem de noite, e se vigião os Mouros nella como nos lugares de guerra, lá pela noite me fui sahindo arrastando como cobra por baixo das silvas, de que todo estava arranhado e lavado em sangue, a buscar agoa em hum cano que por ali junto passava. E foi este sobresalto ou rebate, milagre ou mercê da minha Senhora.

Porque se isto não succedera, e me tirarão os ferros, me houvera de tornar a recolher na outra balseira dantes, que ficava encostada ao muro, e nella eu descoberto aos que andassem por cima delle. E naquella noite andárão por elle muitos Judeus, por ser dia de huma nova Pascoa que instituirão em fazimento de graças, al Dio, que elles dizem, pela victoria que de nós dera aos Mouros, pelos adular ou pelo grande medo que de nossa entrada em Africa tinhão concebido, e naquelle dia que era a 20 de Agosto, fazião elles o anno de nossa perdição lá pola sua conta de luas, e modo de contar do seu kalendario. E assi lhes escapei da vista no pé do marmeleiro, o que não pudera no outro logar, pelo grande luar que fazia. E porque de ali se tinhão apparelhado e fugido os oitenta cativos, que disse, e se falava muito

nisso, dizião os Judeus passeando pelo muro: Mira que çarçales aqui ay que se pueden esconder en ellos mil Christianos. E esta licença de andarem pelo muro tomando fresco, se lhe concedeo neste dia em respeito da Pascoa que instituirão, por onde foi milagroso o rebate. E isso me veio dizer outro dia hum cativo de corrida, que não erão meus amos, se não outra occasião de justiça, trazendo-me hum pão, e huma talhada de queijo com o qual e desta maneira passei cinco dias no pé do marmeleiro, sahindo de noite a beber, sem saber o que de mim houvesse de fazer, nem os meus amigos ali parecerem mais. Ao quinto dia a hora de completa que os Mouros cessão de trabalhar, vierão acaso dous dos guardas lavar-se na agoa do cano. E parece atentou hum nas folhas das silvas viradas, o que causára as minhas sahidas, e chegando-se a especular o marmeleiro dentro, lhe fiquei de todo patente, mas como dentro era escuro não se acabou logo de determinar, e foi chamar o companheiro, e ambos afastando algumas silvas perguntárão: Lain Ascon Antina? pera onde he ida e quem és? ao que sahindo-me fora respondi ser de hum Judeu, o qual me queria apalear, e deitara aquelles ferros cuidando lhe furtara mandil, que he pano, e que com medo delle me viera ali meter, pelo postigo do Xeque (por quanto está a Judiaria cercada com muro de per si, e entre ella e Fés o novo está esta horta, e o Xeque dos Judeus tem pera ella hum postigo como meia adarga, ao longo do chão com hum pedacinho de horta cousa de seis varas cercada de por si). E com poucas mais palavras disserão entre si ambos: A nós que nos releva entregar este? nem que o matem, ganhemos as alviçaras do Judeu; e logo a mim como se chamava, e lhe disse o nome de hum Benzamerro, rogando-lhes em confirmação do que elles dizião, cuidando não os entender, que rogassem ao Judeu que me não castigasse, e me perdoasse. E dizendo que si, me tornarão ao marmeleiro, e que dali me não bulisse, e com grande alvoroço se forão ganhar as alviçaras, e eu nas suas costas acachado me fui demandar o dito postigo do Xeque, e eu que me subia n'uma paredinha da sua cerca, que os vejo ambos dentro a quebrar com pressa o postigo que lhe abrissem, e baqueando-me pera detraz, vou como por demais demandar a porta da horta por onde entrara, posto não erão horas de poder abrir-se, posta já a guarda. E os della de cima perguntavão que cousa era a tal ida, como cousa nova e defeza. E como ia com ferros, que calei devi parecer-lhes algum bestial.

Mas eis outro milagre, que chegando-me á porta quer Nossa Senhora, que como se nenhuma outra cousa se esperasse, se não vir

eu, se abrio a porta acaso, que veio o porteiro della buscar hum cinto que dentro lhe ficara, e pondo-lhe a mão e chegar eu tudo foi hum. E logo se tornou a fechar, dizendo eu ao porteiro, vinha da Judiaria pelo postigo do Xeque, e soube despois vierão á horta Mouros e Judeus, e não ficou nem ainda a cova de hum grilo, que não esquadrinhassem, e os dous Mouros se desentranhavão, e gritavam que ali estava. E mostravão o lugar e rasto da estada. Seja Deos e a minha Senhora muito louvados. E se fizerão notaveis diligencias, e foi citado Dom Constantino, filho do Conde de Tentuguel, e Pedro Guedes, que despois foi Veador da fazenda, perque me levárão meus amos a elles, pera me cortar com o frade, e cuidarão me conhecião. E lhes foi dado juramento, pola justiça maior em audiencia, os quaes me affirmárão cá despois que isto mo contarão, que se souberão onde eu estava o houverão de declarar pelo juramento.

Daqui me entrei outra vez em Fés o novo, que não tem guarda naquella porta, pera a Judiaria, e buscando cativos com quem me recolher, e dos que topei não se atrevendo nenhum, fui dar entre humas paredes velhas em huma taverna onde se vendia vinho escondido (porque he grave peccado nos Mouros beber vinho, e grande pena vendel-o). Donde idos logo os cativos que o vendião fiquei sem saber o que fizesse, por ser já noite, e de todo entregue nas mãos do que succedesse. E ainda que a Aduana dos mercadores por se fechar com de dia, tive por escusado achal-a aberta, com tudo fui. E eis outro milagre, que fóra de todo costume e ordem, acho o postigo aberto, por onde dei comigo dentro, e logo se fechou com que pude quietar algum tanto. E sem tornar ao meu mercador, nem me fiar delle, falei ao mestre da polvora, Italiano, chamado Jaques, e dando-lhe conta de mim, por me terem dito corria elle com algumas fugidas com Mouros ladrões por meio de dinheiro (que pera tudo val com todos muito) quiz Nossa Senhora que aceitou ordenar-me a fugida, e deixando passar parte da noite por não sermos sentidos, ordenou a hum seu cunhado o tirar-me os ferros, e metidos n'uma logea d'um mercador Inglez, feito hum buraco no muro com vinagre, e metido nelle hum pedaço de viga atárão nelle, e no ferro da argola huma corda, ficando eu com a perna levantada no ar, e outra corda no mesmo ferro da outra banda preso a huma trave do sobrado, e assentando-se dous na ponta da viga ou tirante que se tinha metido a ponta na parede, e dando com o corpo todo pancadas pera baixo, saltou o ferro feito em dois pedaços, e com o mesmo na outra perna, fiquei livre dos ferros, mas sem poder ter no chão os pés, que se me levantavão por si mesmos pera

cima, por onde conheci ser muito bom remedio pera fazer levantar as mãos aos cavallos, por-lhe nas ferraduras peso de chumbo.

Tirados os ferros me subi á varanda do pateo desta Aduana, onde estando encostado, por andarem passeando em huma casa dentro dous Judeus, os quaes contavão de hum seu cativo, e entre outras cousas que delle dizião, e de outros que doentes chamavão pola Madre de Deos, e fazião disto grande escarneo, que Deos houvesse de ter mãi. O que ouvindo-lhes ainda que estava tão escondido e trabalhado, não me pude ter, e entrando a elles com sobeja ira lhe chamei bestiaes infernaes com outros nomes, que pola grandeza de vossos peccados e maldades, não permitte Deos dar-vos a entender e conhecer seus misterios, se mais falaes palavra das que agora dissestes, com os dentes e a bocados vos hei de comer e tirar a vida; ao que elles amesquinhando-se, que elles não dizião nada, se não contar do seu cativo e que lhe perdoasse. Tornei-me então pera a varanda, e elles recolhidos me deitei pera dormir, e a pouco espaço me sobreveio huma febre ardentissima. E tal que me pareceo isso que ficava da noite, cento noites, e angustiando-me e lamentando-me muito com Nossa Senhora lhe disse:

Senhora, agora vejo eu que me não detem ferros, nem Mouros, nem legoas, se não só meus peccados, pois no ponto que com os ferros fóra pudera ter sequer alguma esperança de escapar tamanhos males, me está atando e prendendo esta febre: com outras cousas que lhe dizia, com a força da mesma febre, a qual quiz a mesma Senhora que passasse, e ao amanhecer fui chamar o Jaques como elle me tinha dito, o qual aberta a porta da Aduana me levou a casa de hum arrenegado, ido fora, e falando com hum seu cativo, tornamos a sahir, pera que despois tornasse a entrar só. E isto o fez, porque se algum me vira entrar com elle me visse sahir pera não suspeitar, e assi o fiz.

E em huma ladroeira que ali se tinha feita pera estes successos, estive doze dias esperando os ladrões, no meio dos quaes elles vierão. E pedindo-me o cativo do renegado alviçaras, e que desse ordem ao dinheiro que havia de ser 200 patacas, e mandando eu ao mercador que as havia de dar, o achárão ido a Mequinez; do que fiquei cortadissimo, e me tornei a lamentar muito com Nossa Senhora, que nisto mesmo ser assi me fez particular mercê e milagre, porque não podendo os Mouros esperar se partirão com outros, e os matárão no caminho por se não saber delles, que nada querião mais que o dinheiro como cada dia acontece, que a tudo isto se arrisca hum cativo afflito, de que Nossa Senhora me livrou com a absencia do mercador.

No cabo destes doze dias, eis que vem o cativo meu hospede, e me levantou no ar de prazer, dizendo ser vindo hum ladrão muito certo e fiel, o qual tinha trazido Dom Christovão de Noronha, que cada dia agora cá falamos nisto, e Christovão Falcão de Sousa, e o Padre Pero Martins da Companhia, e outros. E mandando saber do Mercador, o qual já era vindo, que logo contou o dinheiro ao Jaques, que pera o que Deos quer, todos os estorvos se desfazem, e os caminhos se aplanão.

Daqui com huma gaiola na mão, a descudo, e hum trapo no rosto, cobrindo hum olho como que trazia dor, por não ser conhecido, rodeando a cidade por entre os muros (porque ella é cingida de dous) me fui meter no moinho da polvora que está entre elles, onde desmintindo os Mouros, que nelle trabalhão, ao mudar da massa me meteo o Jaques em hum buspataro, na levada da agoa do dito moinho onde já achei outro cativo, e ali estivemos dous dias, e medindo eu o dito escondilho, tinha tres palmos de largo, sete de comprido, e seis de alto, feito a modo de arca, debaixo de hum sobrado, que parecia o mesmo sobrado, e dando com a cabeça se levantava huma taboa, e vos meteis, e tornando a abaixar a taboa nada se pode suspeitar, de modo que ainda que ali fosse a justiça, não podia descubrir esta ladroeira, com o peso dos de dentro, e estando pola parte de cima argamassado, e desta mesma feição era o da casa do renegado onde estive os doze dias. E aqui se veio meter comnosco o cativo, meu hospede, e ao outro dia o Mouro ladrão que nos havia de levar, o qual entrou de dia, e após elle o cunhado do Jaques a tirar o cativo do renegado, que não queria viesse sem licença de seu amo, de maneira que nesta estreiteza de lugar estivemos metidos cinco homens, em dias da entrada de Setembro, rebentando de calma, por ficarmos fechados em huma arca. Donde sahindo de noite a hum pateo, estando tudo de fóra com mil fechaduras, como em Lisboa a casa da India, e comidos huns bocados, se lançou o Mouro diante por huma corda como de lampada, e logo o companheiro que achei no buraco, e após elles me lancei eu do muro abaixo, e parecendo-me a mim tinha acabado de descer, por o muro ser muito alto, e eu dar com os pés n'uns ortigões que cuidei ser no chão, soltei as mãos e dei comigo por hum calabouço abaixo, que por ali ia, e quiz Nossa Senhora que nada me fez dano; mas sahindo fóra, se me oppozeram quatro Mouros com suas lancinhas, por graça, por serem companheiros do primeiro, ao qual pelo contentar dei huns sapatos novos, que mandara comprar ficando com humas alparcas de corda de linho nos pés, que houverão de ser minha perdição, porque

enchendo-se-me os pés de terra e areia, e de pedrinhas não podia com isso dar passada, e vim n'um perpetuo tormento.

Logo me meterão na mão huma lancinha, perguntando-me se era gandor, que he forte, valente; e despido com minha aljaravia ao hombro, e no capello grãos torrados e passas, nos pozemos a caminhar por fóra da cidade.

E passamos hum rio, que abaixo de Fés entra no Lucus que por elle passa, que he o de Larache, a váo, e andariamos aquella noite cousa de duas pera tres legoas. E passado o rio nos meterão ao amanhecer em huma barroca que as enxurradas tinhão cavado, e nella feito hum buraco comprido. E se tornárão a Fés em busca de mais cativos. E aqui estivemos dous dias, onde olhando na barroca que era escura hum pouco, vimos o esterco de liões; vede que taes ficariamos, que em tudo isto me ia metendo Nossa Senhora, pera que eu visse que só ella me trazia, e tenho por milagre que em dous dias não acertasse entrar ali nenhuma fera, vendo nós os sinaes dellas.

A noite seguinte eis que vem nossos ladrões amigos, queixando-se muito do Jaques, que tendo-lhes prometido quatro Christãos, lhe não dera mais que dous, porque vai isto muito attento, além de cudar dinheiro que poucos podem alcançar. E caminhando toda essa noite, ao amanhecer que foi entre huns aduares em huma ribeira seca, nos meterão em huma mouteira de tamargueira pequena e baixa: e em sendo de dia tudo era gente, gado, e bois, por entre a tamargueira, e cães que erão os que mais temiamos nos descobrissem, e feitos ambos duas lesmas nos estivemos á torreira do sol, sem pestanejar, nem ousar cerrar olho, por não resonar, porque logo foramos sentidos, em tanto que pera rezar minhas devoções fazia a conta pelos dedos, de huma só mão, sem a mover, e a cada dez hum risco com a unha em huma folha de tamargueira. E assim fomos passando com muito trabalho, por enfraquecer-nos muito a vigia, e o não comer, e o andar toda a noite, com o tormento das alparcas que vos disse. E sendo noite vierão nossos Mouros, e postos a caminho passamos esta noite alguns rios, que tambem ajudavão a enfraquecer, por nos chegarem aos peitos. Mas cuido caminhariamos essa noite oito legoas, e ao amanhecer nos pozerão n'outro barranco desfeito das cheias em huma ribeira de todo seca. E o barranco alcantilado, e que desfizera parte do caminho, porém parecia perigoso, se alguem por cima se chegasse a borda que cahia sobre nós. E em sendo de dia ficou tudo hum arraial de gente, e porque daquella parte do barranco estavão arvores, esteve á sombra dellas muita gente todo o dia conversando, e devia

aquelle valle ser todo hum Aduar, porque o vimos de huma parte e da outra cuberto de lumes de candeas, e tamanho alarido de gritos que estrugião, e parecia o mesmo inferno. E deveo ser prantear algum defunto pessoa grande. E aqui estivemos como cubertos de area, com só o rosto descuberto, que tudo era da mesma côr. Outro milagre, eis que dous meninos de cousa de sete ou oito annos se vem a nós que andavão brincando buscando pedrinhas e tirando. E certo chegárão quasi a nossos pés, e quiz Nossa Senhora que andassem tão embebidos no brincar, que a pouco espaço se tornárão sem attentarem em nós, que lhes estavamos tão patentes como agora o estou de vós. E antes delles passavão muitos bois quasi pondo-nos os pés, e emfim quiz Nossa Senhora que escapassemos. E pelo perigo do lugar desconfiarão nossos Mouros tornar-nos a achar, e por isso nos levarão huma bilha que traziamos com agoa, e essa pouca governita de comer.

Mas vindo á noite se alegrárão muito quando nos achárão, mas nella andariamos mais o dobro, sendo já menos as forças, e vendo-me eu por vezes de todo falto dellas, sem poder dar hum passo, porque padecia muito mais na vigia do dia, que nunca ousei confiar de meu companheiro, e por fim como a empuxões, chegamos á cidade ou villa de Teza, onde eu sabia estava por capitão o renegado Aly Raposo, e me animei que se alguma cousa me acontecesse acharia nelle alguma cortezia, e passando pelos arrabaldes nos sentamos nelles hum pedaço descançando. E cuidando eu que aqui era a vivenda de nossos amos, me achei enganado, porque tornamos a caminhar mais de duas legoas, té darmos n'uns matos todos de ciprestes piquenos em terra muito vermelha, e certo me vi acabado por aqui, e hum dos Mouros me tomou hum espaço levando-me como sobraçado, porque lhe fui prometendo que em Melilha lhe havia de dar e pagar a boa obra. E emfim chegamos a huma cova deshabitada, onde nos meterão, e isto era já na terra destes nossos Mouros, que vivem nestas covas feitas em meias ladeiras por onde a entrada nellas, que he estreita, fica com pouca decida, e as covas são redondas maiores ou menores, segundo a possibilidade de cada hum; mas nesta onde nos deixárão, que era apartada hum espaço das onde vivião, e deshabitada porque tinha humas silvinhas á porta, estivemos dous dias fartando-nos de sono que tanto haviamos mister.

Estando ali, veio ter comnosco hum Mouro com seu alfange na mão, e elle bem tratado, e se nos poz na porta como se nos achara, e perguntando onde, e com quem iamos, pedio a meu companheiro a al-

jaravia e gibão, e a mi nada, porque nada via que me pedir. E com isso se foi, e deixou confusos do que fariamos, ou nos ir por esses matos, ou tornar pera Teza onde estava o renegado Raposo por Capitão, com outros discursos, té assentarmos ser o milhor o deixar estar, porque o Mouro devia ser mandado dos outros, tomar-nos esse fatinho, que os mesmos não quererião por não levarmos esse aggravo delles, a Melilha, e assim achamos que fôra: e ao outro dia á noite veio o nosso Mouro, e nos levou á sua propria cova, a cuja porta de fóra tinha duas vaquinhas e sete ou oito cabras com seu estrume, e huma cancelinha, porque a cova nenhuma cousa tem de tapume, e seria como de quatro ou seis varas de largo e comprido, e redonda, e nella sua molher que moça era. E n'uma estaca hum gallo, e gallinha, e huma esteirinha de palma que era sua cama, e huma frigideira, onde a molher por nos regalar fez huma bola de farinha de cevada de que todos e ella comemos, e logo com quatro bocados de agua nos partimos, levando pera mantimento de todos cousa de meio alqueire de farinha de cevada em huma folla sem mais.

Postos assi a caminho por entre estes matos de ciprestes, a pouco espaço sentimos detraz alguma gente, e os Mouros nos fizerão deitar de barriga cozidos com o chão por não fazer vulto desviados, e estando assi esperando passassem. Ouvimos que falavão portuguez, e tocando em meu companheiro lhe disse: boa linguagem he aquella, e erão nove cativos, que outro ladrão torto companheiro dos nossos trazia, e juntos todos onze proseguimos nossa viagem.

E ao amanhecer viemos dar em hum campo muito plano e razo, que seria de seis legoas em quadrado, e fica detraz da serrania do Pinhão de Belles, bem pola terra dentro, e no meio do comprimento deste campo, e borda delle, huma cidade sumptuosa ao que de fóra parecia com os muros e torres, tudo tão novo e inteiro que parecia feito de agora, sendo em si tudo muito alto. E sem nem na cidade, nem no campo haver cousa viva, nem ave, nem fera alguma, o que disserão causara hum rio que vem rodeando este campo, o qual vindo a salgar-se, que o sal de Berberia he todo estillado, e descido dos montes, e serras, ao modo que a escorea desce da fragoa do ferreiro. E assi se vai alastrando como escuma muito alva, como aconteceo neste rio, que salgou com isto de maneira que não só o campo, mas tudo ao redor delle ficou huma argamassa muito dura e solida, mas a agoa do rio que vermelha he, não se pode explicar o fedor della infernal, nem ha cousa com que se possa comparar.

E por este campo passamos de dia, e junto da cidade, e descan-

çamos em huma quebrada que a agoa fizera onde ainda havia alguma humidade. E acordando achei sobre mim no peito quatro ou cinco sapos, como esta minha mão, e os companheiros o mesmo, que tal he a peçonha do sapo, que aqui onde nenhuma cousa viva se cria·acha elle o seu elemento. E a mim me contou hum capuchinho da Carnota, vira na sua cerca hum sapo ir de saltos apoz hum lagarto já como atordoado, o qual se subira em hum pessegueiro, e chegando o sapo levantara a cabeça, e o bafejara inchando-se e vaziando-se; e com isso cahira o lagarto em que logo o sapo se pegou, e o comeo. E huma tecedeira moça, e valente no lugar de Giestosa, termo d'esta villa, indo-se mirrando sem remedio, nem se poder saber a causa, se vio acaso defronte donde ella tecia, hum sapo em hum buraco na raiz da parede; que morto, tornou em si a tecedeira a qual mo contou.

Passado pois este rio caminhamos tambem de noite, e ao meio dia do outro dia fomos dar n'outro rio sequissimo, e nelle tamanho pedregulho que bem mostrava seria mui grosso no inverno, e hum redemoinho que elle fizera em huma pedra que os Mouros sabião ter agoa, porque ficava fundo como poço, já a não achamos se não muito pouca no fundo, e com muitos bichos, e acabamos, e juntamente a farinha, que por ser tão pouca, e nos acrescerem tantos companheiros, que nada trazião, não pode durar mais, e nos coube della a cada hum na palma da mão quanta mal encheria hum ovo.

Vou contando-vos estas particularidades, porque se bem as notardes em todas achareis mãocheias de mercês que Nossa Senhora me ia fazendo neste caminho: ao qual logo nos pozemos com estes poucos bocados, com pouco espaço de repouso. E no que restou desse dia, e no seguinte, e no terceiro caminhamos de dia, e de noite, sem nelles mais comermos nem bebermos outro bocado, té o quarto que, achando eu huns troços de funcho verde n'uma rebanceira (porque em todo o caminho destes quatro dias não achamos cousa criada por tudo ser hum salão, como o campo salgado) os quaes comi, e neste dia, entramos todos a salvamento em Melilha, passando a boca da sua lagoa n'um barco que lá acertou de estar, a quem se deu recado adiantando-se pera isso hum dos Mouros por hum atalho, e passando nós o barco nos veio tomar nas ancas a gente de cavallo, mandada a isso pelo Capitão, que nos levárão aquellas quatro ou cinco legoas todas d'um espinhaço, que se faz entre o mar e a lagoa, não mais grosso que hum tiro de pedra.

Porém vos confesso que ao entrar no barco não pude ter as lagrimas de prazer, effeito que não fez o ver-me atassalhado cativo n'uma

tenda com tantos Mouros tambem feridos, incerto donde me levaria minha fortuna, e com tão poucas esperanças de recuperar a liberdade, e tornar a ver os meus, que não sómente não lancei lagrima, mas despois de beber huma gamela de agoa, adormeci tão profundamente toda a tarde que não havia desapegar, e agora tão cançado em muitos dias não havia pregar olho.

Então me lembrei de acontecer o mesmo a el-Rei Dom Affonso o Quinto, que escapado da batalha que teve com el-Rei Dom Fernando de Castella entre Touro e Çamora, onde o Principe Dom João seu filho ficava vencedor e senhor do campo, que recolhendo-o o alcalde mór Pero de Mendanha na fortaleza de Castroniño que por elle estava com muita lealdade, e deitando-se na cama adormeceo como huma pedra. O que vendo a molher do alcalde tomou o marido pola mão, que viesse ver aquelle dormir e roncar: e mostrando-lhe com o dedo el-Rei lhe disse: Mirad por quien os perdistes; por não saber quão natural he huma afflicção quando he grande, se se ajunta com cansaço, do corpo ser vencido de hum profundo sono por socorro da natureza, como aconteceo aos Apostolos em huma tão grave afflicção qual era a em que vião seu mestre Christo Nosso Redemptor no horto orando, que não havia acordar. O que foi pelo contrario no grande gosto do breve retrato da gloria na transfiguração do mesmo Senhor no monte Tabor. E agora aqui a mim.

DIALOGO NONO

Conta-se de Melilha onde chegou fugido, e a vinda té Almeirim, etc.

GALACIO.—DEVOTO.

Dev. Recebeo-nos em Melilha o Capitão, que Antonio Texeda se chamava, com muito amor, provendo-nos todo o tempo, que ali estivemos muito bem. E hum Padre da Trindade, Portuguez, Fr. André dos Anjos, que ali estava, com camisas, e nos fomos ajuntando ali oitenta cativos. E por este bom gasalhado que este Capitão ali fazia aos Portuguezes, lhe deu el-Rei Dom Henrique uma commenda de 500 cruzados de renda, que elle pouco logrou por lhe durar pouco a vida.

E em quanto aqui esperamos embarcação pera Hespanha, que forão quarenta dias, nos fazia mil afagos, e festas por nos aliviar da dor que podiamos trazer. E porque era solteiro posto que já de idade se dizia queria casar-se com huma donzela menor, de duas filhas que ali tinha hum Doutor que aqui estava por ordem del-Rei, a qual era de boas partes, muito engraçada, e cantava muito bonito, e tangia; e por que entre os cativos que ali viemos havia dous ou tres musicos del-Rei Dom Sebastião, me disse a mi hum dia o Capitão os levasse a casa destas donzelas pera lá cantarem, e lhas festejarem, o que eu fiz, e fui com dous delles, como que iamos falar ao Capitão que lá já estava, e recebidos com muito gazalhado, a poucas palavras tomou o Capitão huma guitarra, do estrado dellas, dizendo ao pai: Com licencia de vuestra merced. E a meteo na mão a hum dos musicos, rogando-lhe quizesse cantar áquellas damas alguma cousa polas alegrar, e a todos. O qual tomando-lha da mão, e temperada começou a cantar o seguinte:

Como podra cantar en tierra agena
Ningun cantar que sea de alegria,
Quien ja no avra plazer, ni cosa buena?

Cantou o musico isto com tanto sentimento, que quasi moveo em alguns algumas lagrimas, ao que o Capitão atalhou dizendo: No estamos ora en lamentaciones ni lagrimas, basten las que deven aver llorado, queriamos alguna cosilha alegre. E tomando o outro companheiro a guitarra, o qual já sabia como o Capitão festejava a mais nova por mais engraçada, e bonita, posto que a irmãa maior realmente era mais fermosa e se prezava muito disso, e tangendo primeiro hum pouco cantou este mote:

Por sola la hermosura
Nunca yo me perderé,
Sino per un no se que
Que se halla por ventura.

Que vale que sea hermosa
La dama que es desgraciada,
Pues como cosa pintada
No dá de si otra cosa.
Discricion, gracia y blandura
Esto en ella alabaré,
Y un aviso, y un no se que,
Que se halla por ventura.

Contentissimo que não cabia de prazer ficou o Capitão da letrinha por lhe cahir tanto a seu proposito, e tambem porque foi cantada lindissimamente, e as damas a festejárão muito, e a maior ainda muito mais, por não mostrar desconfiança. E ora praticando ora tangendo se lançárão alguns remoques, dizendo (isto com muita cortezia) quanta mercê todos receberiamos de ouvir cantar aquella senhora, pois se sabia quão estremadamente o fazia, ao menos pera termos que contar em nossas terras; e olhando pera o Capitão como que a elle tomavamos por intercessor nesta mercê, tornou o musico a cantar por outra toada, com os olhos na dama menor (que Dona Elvira Soares se chamava) o seguinte:

Se pelo que de vos soa
Se passa a vida em pezares,
Que será por vós Soares?

Se Soares, e ouvida
For essa voz excellente,
Bem sei eu alguma gente,
Que dará a troco a vida:
Não queirais que a partida,
Se passe toda em pezares,
Com, Senhora, não Soares.

No extremo se mostrarão alegres estas donzellas da cantiga, assi por nella verem métido o seu nome, como pelo remoque, e toada, e

por serem Portuguezes, que as Castelhanas geralmente gostão muito ouvir, ou quiçais porque naturalmente as molheres apetecem muito qualquer novidade qual era ver-nos, e ouvir-nos; cousa que ali nunca virão, e não acabavão de dar-nos graças, e ainda por mais favor, e se mostrar mais agradecidas a quizerão por escrito. Aora, lhe disse o Capitão, no se puede vuestra merced escusar de nos hacer a todos merced. E tomando a guitarra lha poz com muita cortezia no regaço, a qual ella, só erguendo-se hum pouco tomou, com hum descahido, ou descuido de mãos e braços muito lindo e airoso, e olhando pera a irmãa como que a ella cantava, e o pai que lho mandava revendo-se com a mãe em ambas, começou a tocar a guitarra como que não sabia, e sorrindo-se com muita graça cantou o seguinte:

En occasion alguna
No ay que desconfiar,
Que el tiempo puede curar,
Lo que mal quiso fortuna.

Mil casos de desesperacion,
Y lamentable cayda,
Como de muerte a vida
Tuvieron restauracion,
Y visto havemos vez mas de una,
Por la tierra, y por la mar,
El tiempo remedear
Los revezes de fortuna.

E logo poz de parte a guitarra dizendo (eis-aqui dando com as mãos): Vuestras mercedes me quisieron hacer correr, y no se me dá nada pera que estos caballeros vayen desengañados. Porém nós dando-lhe todas as graças lhe disse eu: Senhora, no passado não tem o tempo poder; permita Deos no porvir dar muito cedo a vossa mercê hum estado muito formoso como deseja, e tão excellentes partes suas estão merecendo. Ao que ella olhando pera o Capitão, sorrindo-se: Amen. Señor a vuestras mercedes lleve con bien a salvamiento a sus casas. E com isto nos despedimos.

Em quanto nos tardava embarcação, buscavamos nosso modo de passar o tempo, e ao jogo que he ordinario entre soldados, vinha hum Mouro muito mais ordinario, por ser grande taful, jogar quanto aos seus podia furtar, do qual o Capitão se aproveitava nos avisos, e hum

dia trouxe huma Mourinha certo linda cousa, alva e loura, e bonitas feições, e de idade pera doze annos. A qual hum Pero Fernandes Dalmeida, nosso camarada lhe ganhou em pouco preço, e vindo com ella onde estavamos com o Capitão, endireitou pera hum Castelhano que comnosco estava, homem nobre, e mais alto de corpo que nunca vi, inda que muito desazado, e pondo-se escanchado ao hombro d'outro, pera lhe falar igual, lhe tirou o chapeo dizendo: Quer vossa mercê comprar-me esta dama? O qual desconfiou por não ter barba, e ser tido por isso por capado. Porém o capitão, e todos festejarão o chiste, e as donzellas que assentadas dentro de uma janella raza estavão muito mais, e quizerão logo ver a Mourinha.

Aqui nos contou o Capitão, e se contava vulgarmente hum successo que acontecera ao Capitão desta fortaleza Pero Venegas seu antecessor, que despois morreo Capitão da fortaleza de S. Julião de Lisboa, em cujo tempo se levantou hum Mouro Santão prégando por aquella comarca, onde elles são mui barbaros bestiais, e persuadio que havia de entrar, e tomar Melilha sem resistencia alguma encantando a artilheria, e todas as armas té os mesmos homens, por onde se lhe ajuntárão té vinte mil destes barbaros com a cobiça do sacco. E o Santão feiticeiro mandou hum Judeu ao Capitão, a dizer como havia de entrar, e tomar aquella cidade que Deos lha queria entregar, porém que a elle avisava primeiro, e que por escusar mortes lha quizesse entregar, e a elle daria bom tratamento. O Capitão, que já tinha as toardas do reboliço, mostrou ao Judeu grande sentimento de não poder entregar a cidade pola grande deshonra que a elle, e toda sua geração se seguiria, e que antes queria morrer, porém que lhe rogava tivesse delle piedade, e outras cousas a este modo, que o Judeu que vinha por espia levou por resposta, que contando o grande medo dos Christãos, e do Capitão se alvoroçárão muito os barbaros. E tornando o Judeu logo, com outro tal recado, o Capitão o recebeo com mostras de grande sentimento, e desconfiança de suas cousas, alimpando os olhos com hum lenço que pera isso tinha molhado em çumo de cebola: e quanto mais alimpava, tanto mais sahiam as lagrimas vivas quatro a quatro, e se encarniçavão os olhos, com o que o demo do Judeu se persuadio de todo do medo que o Capitão e todos tinhão, principalmente por o Capitão o levar a lugar secreto, e enterrando nelle perante o Judeu sua prata, concertando com elle que despois que o visse cativo a desenterrasse, e o resgatasse, já que não podia evitar o dano ao menos se queria remediar com honra, tomando do Judeu grandes promessas de lhe comprir, e tratar verdade. O qual em vendo a prata de todo

ficou entregue em mãos da cubiça, e foi dizer ao Santão, e barbaros que não havia duvida ter na mão tudo senão quanto se tardassem, porque o Capitão, e todos se havião por entregues chorando sua má ventura. Com o que o Santão abalou com todos que vinhão cobrindo aquelles outeiros, e chegando já perto da fortaleza disparando a artilharia huns fumos das escorvas sem ellas quererem tomar fogo, por estarem tapadas. O que attentando os barbaros lhe disse o Santão: vedes como não pode disparar a artelharia, com o que ousadamente se forão entrando pola porta da cerca que chamão villa velha que fica fora de Melilha contigoa, e com huma torre sobre a porta que estava pera isso aberta. Onde entrados os que pareceo ao Capitão, cousa de quatrocentos ou quinhentos, deu sinal aos do alçapão com que a dita porta se fecha, que logo o deixárão cahir, e posto fogo na artelharia fez na multidão de fóra notavel estrago, varejando todos os outeiros, e feitos pedaços se forão com o seu Santão com todolos mil diabos. E aos de dentro se disse se entregassem, o que recusando alguns procuravão trepar com as lancinhas pola cerca. E em algum aparecendo os picava a gente de acavallo, que o Capitão mandou sahir pola couraça segurar por defora a dita cerca. E o Santão fez crer que as ferraduras destes cavallos forão as que lhe desfizerão o encantamento, e tirárão a Cidade das unhas, pera que vejais quão bestial gente he esta. E porém dizem que Sua Magestade não aprovara isto que o Capitão fez pelo que pudera succeder.

Chegado a Melilha hum navio de Malaga d'onde esta força se provê, nos embarcamos nelle oitenta cativos que ali viemos fugidos (onde se ouvera fazenda da rendição dos cativos, ainda que fora em panos, e toucas da India puderão por aqui escapar-se muitos). E navegando com bom vento a poucas legoas elle se mudou, e nos deu hum temporal norte, que de todo nos levava a dar á costa nas penedias do Pinhão sem remedio, por ser penedia muito alta e tudo alcantilado, onde pera pior se pegou o papafigo na proa, sem haver cousa com que cortar a corda, e nos viamos perder, e quiz Nossa Senhora que com milagre fossemos safando quasi com as entenas nas pedras arribando a Melilha. Donde outro dia tornamos a dar á vela, e como o rabo do gato he máo de esfolar, nos acalmou o vento, e deixou em calmaria nos olhos de toda aquella costa de Berberia, em hum navio manco, oitenta homens sem em todos haver huma faca, onde os Mouros estão de continuo a la mira em galotas pera pescarem os tais navios, e quiz Nossa Senhora livrar-nos trazendo-nos a Malaga, onde desembarcamos, e fomos em procissão a Nossa Senhora da Victoria, Mosteiro dos

Mininos fora da Cidade, dar-lhe graças por tantas mercês. E aqui na fortaleza que chamão Alcaçava vimos a porta por onde pera Africa se embarcou Florinda (que os Mouros chamão a Cava que significa manceba) tapada em detestação de tão má molher. E huma torre que dizem de los Infantes onde elles forão degolados, com as paredes cheias de sangue.

E porque meu intento he contar-vos as muitas mercês que a minha Senhora me fez (como já vos disse) me deparou ella huma estalajadeira onde fui ter, rica e honrada casada, a qual se chamava Fulana de Seixas, galega de nação, que dizia ser natural da villa de Andrada, cabeça de aquelle Condado, e vendo que eu me chamava Andrada me disse, que ella era ainda parenta de aquella casa, e a essa conta lhe deu Nossa Senhora tal graça, que fiou de mim dinheiro com que me vesti, e ainda acudi a alguns companheiros despois de lhes dar a alguns quinze ou vinte nesta pousada hum jantar pelos consolar, que tudo despois lhes paguei a ella, e com agradecimento do que ali me fez. E destes companheiros são vivos Manoel Cordeiro, meirinho de Coimbra, Pero de Paiva em Aviz, Antonio Preto, escrivão em Tancos, Manoel Drago em Lisboa, e Pero Fernandez de Almeida, que foi hum dos musicos e outros. E porque alguns delles não podião crer, que estas boas obras e amizade tão depressa desta honradissima molher fosse por virtude sua, como era, e graça que a minha Senhora lhe quiz dar, eu lhe disse em abono della, e cargo de consciencia delles este

SONETO CONTRA JUIZOS TEMERARIOS

Bem como o enfermo o doce que aborrece
 Tem por amargo, e por contrario á vida,
 Ou como a vara na agoa estar torcida
 Por reflexão da sombra nos parece.
Assi condena o máo que em vicios crece
 O bem por mal, sem orde e sem medida:
 Mas condena-se a si, que conhecida
 A tenção d'onde nasce se conhece.
Temos de errar julgando bem, desculpa,
 Nenhuma de acertar-se com a verdade
 Offendendo a honra que val tanto,
Que o julgar temerario he grave culpa,
 Mas enganar-se he mostra de bondade
 Que ante os olhos do santo tudo he santo.

De aqui me parti pera Portugal, e de Gibraltar escrevi a Fés a meus companheiros da mercê que Nossa Senhora me fizera pelos animar e alegrar, dos quais hum Antonio Pinto da Castanheira mulato, e o Belchior Curado de Penela, me contarão que despois que estando elles lendo a minha carta, derão com elles nossos amos, que isto de cartas andão sempre espiando: Carta carta tener padre, tener madre, dinheiro muito: a quem os cativos responderão: Si carta, carta de Miguel de Gibrilterra. Com que ficarão cortados sem poder mais falar palavra.

Cheguei a Almeirim onde el-Rei Dom Henrique estava muito mal, por onde lhe não pude beijar a mão, e por isso me vim ver minha mãi, e os meus a esta villa e sitio. E passando em Santarem na Torruja, e saltando em hum barco acho nelle acaso Pero de Andrada meu irmão, e hum cunhado Gaspar de Almeida, que elle levava pera receber huma minha irmãa. E vinhão de Lisboa de se aperceber do necessario pera o recebimento. Vede agora que alegria seria em todos, que juntos entramos pola porta a minha mãi, na qual todavia sem entrar, mas tomada a benção, e visitado o Santissimo Sacramento na igreja de meu bautismo, me fui comprir a novena a Nossa Senhora da Conceição, que na batalha lhe prometi. Onde fui visitado dos parentes, e naturais todos da villa, e termo, té das donzellas nobres que com pretexto de romaria me vinhão todos visitar, e despois fiz a festa a Nossa Senhora, que vos disse lhe prometera em Fés, que minha mãi tanto desejava comprir que pedia a Deos a levasse logo, como já vos contei.

Gal. Logo não he esta que imos fazer essa festa que lá prometestes em Barberia em reconhecimento de tantas mercês suas como me tendes contado?

Dev. Já vos disse que não, e que por outras cousas maiores, e mercês tão bem maiores, lhe prometi esta.

Gal. Ainda maiores?

Dev. Ainda maiores cotejadas, e consideradas bem, que vos contarei na jornada de ámanhã, derradeira antes que cheguemos.

Gal. Já me quizera ámanhã por vos ouvir isso. E de peita vos quero contar hum milagre da natureza, inda que seja fora da materia, que os autores contão por verdade, por consideração de nossa fraqueza n'este soneto:

Nasce nel Nilo al alva hum paxarillo
Que detiene las aguas con su canto,
Y a las doce convierte el canto en llanto,
Y el color roxo, y verde en amarillo.

Muere al ponerse el sol el pobrezillo
Dexando de su ser, y vida, entanto,
Que al mas sublime pone horror y espanto,
Si mira el hilo tenue de su ovillo.
Porque, que es si no un dia nuestra vida?
Verde, florida, hermosa, clara y bella,
A la mañana, y al medio de la suerte.
En negro llanto siendo consumida.
Como la seca, y marchitada rosa,
Y en poniendose el sol, vien a la muerte.

E sem duvida alguma, disse o Devoto.

DIALOGO DECIMO.

A linhagem de Andradas ou Andrades, e livramento do autor, com algumas poesias.

DEVOTO. — GALACIO.

Gal. Pois nas duas legoas atraz pola difficuldade do caminho dellas vos não quiz obrigar pola palavra de hontem a acabar de me contar de vossas cousas, polas quaes prometestes estas festas a que himos, e já nos não ficão se não outras duas legoas, ainda que sejão as onze da noite me fazei mercê, de mo cumprir; pois o promettido he devido.

Dev. Sou muito contente, principalmente pois tudo será contar-vos mercês, e favores da minha Senhora mãi de Deos da Luz, ao menos pois a confissão do beneficio recebido, he parte do agradecimento delle.

Por falecimento de minha mulher Brites de Andrade, que Deos tem, me deixei estar sete ou oito annos viuvo (cousa que a ninguem aconselharia, homem nem mulher, se não que havendo de casar-se case logo por evitar mil inconvenientes) porque a amava muito, e reciprocamente lho dever, assi por parenta Andrade, que he o mesmo que Andrada, e por honestissima e ornada de muitas virtudes, como quem se havia criado na vizinhança, e doutrina dos padres de São Roque de Lisboa da Companhia de Jesus, nas casas da quinta de seu pai Nicolao de Altero: a qual depois foi dividida em ruas como outras daquelle bairro, que todo foi da nossa geração, o que he fóra da porta de Santa Catharina até a Esperança, e do mar até os moinhos do vento alem de São Roque, como consta do meu livro do Tombo dos fóros de seis ruas que ainda ali tenho. E tudo erão campos, haverá cousa de cento annos. Os quaes (estendendo se Lisboa) se forão aforando em chãos (he chão huma medida de que usa esta cidade de sessenta palmos de comprido e trinta de largo) e fazendo ruas que se chamavão todas as dessas novas povoações, e bairro, Villa Nova de Andrade, do nome dos aforadores nossos antepassados, como ainda hoje se chama principalmente o primeiro que vai da dita porta de Santa Catharina até a igreja das Chagas. Como vereis em todas as escripturas desse tempo, e em algumas do de agora. E ainda que se desmembrarão alguns pedaços, ultimamente veio a herdar tudo, ou quasi Dona Isabel de Andrade, filha unica de Bartholomeu de Andrade nosso tio, a qual el-Rei Dom João III casou com Vasco de Pina, Alcaide mór de Alcobaça, por lhe pagar

os serviços de fundador, Capitão e defensor de Mazagão, que elle edificou ás lançadas té o acabar; que era mui esforçado cavalleiro: porém o casamento foi como por força contra vontade dos parentes della. Do qual ficando viuva, e com filhos a tornou o dito Rei a casar com Dom Martinho da Cunha, que della herdou ametade, e seus filhos outra ametade deste bairro.

Os quaes depois de darem gratis por rogo da Rainha Dona Catharina o sitio em que se fundou a igreja das Chagas, e a de Santa Catharina de Monte Sinay, fallecendo solteiros deixárão a dita outra ametade á Misericordia de Lisboa, a quem a comprou o dito Dom Martinho da Cunha, dizem em nove mil cruzados. E assi havendo tudo se passou de nossa geração dos Andrades aos Cunhas, que hoje o possuem, não nos ficando mais que o nome do bairro, e seis ruas que eu tenho, que são a da Rosa, a de São Boaventura, a da Vinha, a da Cruz, a do Loureiro, e rua Fermosa com suas travessas, e hum casal que Marta de Andrade, minha sogra e tia, antes quiz na partilha que huma courella que hia da porta de Santa Catharina até São Roque[1], dizendo que por ser como era hum monturo, que então chamavão de São Roque. Quiz-vos contar estas antigualhas, que constão do meu Tombo, aforamentos, e cartas de partilhas que tenho, por ser isto agora huma tão nobre parte de Lisboa. E as mais ruas forão meus cunhados, e herdeiros vendendo.

E pera que vejaes de quam antigo tenho obrigação ser devoto de Nossa Senhora, e como he herança minha desde meus avoengos: os quaes trazião no nosso brazão por orla a Ave Maria. E isto muitos centos de annos mais antiga que os de Garcillasso de la Vega, a quem justissimamente foi dada pelos Reis Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel por elle a tirar do rabo do cavallo, matando em desafio hum valentissimo Mouro que nelle por desprezo a trazia na veiga de Granada, estando sobre ella de cerco, como ainda hoje a trazem em Castella os deste appellido. E posto que em Portugal se não usa, vos quero contar a razão disto, como consta das memorias antigas de Galiza.

Onde se acha que no tempo que se pagavão aos Mouros o triste, e vergonhoso tributo das cem donzellas, vierão os Mouros com exercito a Galiza cobral-o (que sempre se lhe pagava quasi por força), e juntando-se os cavalleiros Templarios pera a defensa, o mesmo fizerão os Andradas, e estando já os Mouros perto mandárão dizer aos Templarios, se querião se juntassem todos para mais seguramente darem nos Mouros: e elles responderão com muita soberba, que nem se querião ajuntar, nem ajuda sua, que elles bastavão.

[1] Tombo das ruas de Villa Nova de Andrade de Lisboa.

E porém dando batalha aos Mouros, forão delles vencidos, e lhe tomárão seu estandarte, em que trazião por insignia a Ave Maria. O que vendo os Andradas forão em busca dos Mouros, e os vencerão, e cobrárão o estandarte, o qual pedindo-lho os Templarios depois nunca lho quizerão dar, e houve sobre isto grandes odios entre elles, e pe-leijas notaveis.

E antes plantárão no brazão de suas armas a Ave Maria atravessada na sua barra, como hoje a trazem em Castella, e ao redor do seu escudo dezoito bandeiras em campo vermelho, que elles ganhárão na insigne batalha da Chirinola. E já que agora veio isto a proposito, vos quero contar, o que da nobreza, e antiguidade desta nossa geração, conta Gonçalo Argote de Molina, no seu livro da Nobreza de Andaluzia, fol. 111, e outros autores que com elle conformão, e se lê na historia de San-Tiago, capitulos 18, 19, e 24.

Dom Fernão Rodrigues de Castro, filho maior de Dom Denis de Portugal, e de D. Brites de Castro, Condessa de Lemos, foi o primeiro Marquez de Sarria, casou com Dona Tereza de Andrada, filha de Dom Fernando de Andrada, Conde de Villalva, e da Condessa Dona Francisca de Ulhoa, e Estunhiga, segundo se acha nas memorias que disso ha.

Era o Conde Dom Fernando filho de Diogo de Andrada senhor deste estado, e de Dona Tereza de Haro sua mulher; e Diogo de Andrada era filho de Fernão Peres de Andrada e de huma filha de Gomes Peres de las Marinas, de cuja linhagem farei uma breve digressão.

A origem d'esta linhagem he da grão cidade de Roma, de hum de cinco cavalleiros que passárão em Hespanha á guerra dos Mouros com o Conde Dom Mendo, que era da linhagem dos Godos. Dos quaes como escreve o Conde Dom Pedro no titulo 7.º, descendem as linhagens de Andrada, Ambias, Trazentos, Marinhos, e Beltranes: seu solar antigo, e senhorio são as pontes de Hume e Ferrol no Reino de Galiza; cujos senhores tiverão por appellido Freyles de Andrada, juntamente. E he tão antigo que no anno 1190 na Historia da Ordem de San-Tiago no capitulo 2.º ha memoria de Ruy Peres Freire, treze daquella ordem, irmão de Bermudo Freire, o qual fez doação á mesma ordem de herdamentos na merindade de Noya, no Reino de Galiza, que se annexárão á commenda da Barra. E no anno 1294 foi treze, e commendador de Castro Torral, Dom Ruy Freire de Andrada. E no anno 1408 foi commendador da Barra Martim Freire de Andrada, filho natural de Nuno Freire de Andrada senhor das pontes de Hume e Ferrol, e Villalva, como se lê na historia de San-Tiago, nos capitulos 19.º, 28.º e 42.º

São estes senhores descendentes de Dom Fernão Peres de Andrada, vassalo del-Rei Dom Henrique o segundo, do qual escreve o Licenciado Molina na sua descripção do Reino de Galiza, que no tempo que el-Rei Dom Pedro, e Dom Henrique seu irmão se combaterão na tenda do Condestable Dom Beltrão de Caliquim: que lutando ambos, como Dom Henrique ficasse debaixo, visto por Dom Fernão Peres de Andrada soccorreo a seu senhor, dizendo: Eu não quito Rei, nem ponho Rei se não livro a meu senhor. E deu lugar a que el-Rei Dom Henrique se melhorasse, e matasse a el-Rei Dom Pedro. Por isto el-Rei lhe deu certas villas em Castella, que são do Condado de Andrada. Suas armas são huma banda de ouro com cabeças de serpentes em campo verde, e por orla em campo de prata a Ave Maria de letras negras. E os desta linhagem diz Garcia, Dei, que foi hum autor assi chamado, que ficarão contrarios dos Templarios, quando ganhárão seu estandarte com Ave Maria e outros bens que ali perderão.

Vi los valientes Templarios
Batallar en claro dia,
Y los Freiles sus contrarios,
De sus bienes proprietarios
Traer el Ave Maria.
Su seña verde serrada
A quien su vanda dorada
El-Rey con tres villas dió,
Que en la vitoria ganó,
Don Fernão Peres de Andrada.

Teve o Marquez Dom Fernando, na Marqueza Dona Tereza filhos, a saber: Dom Pedro e Dona Francisca Condessa de Medelhim. E a Dona Isabel mulher de Dom Rodrigo de Moscoso Conde de Altamira, e a Dom Nuno que morreo minino.

Dom Pedro de Castro e Andrada, Conde de Villalva e Andrada, successor nos estados de Sarria e Lemos, casou com Dona Lianor de la Cueva, filha de Dom Beltrão de la Cueva, Duque de Albuquerque, de quem teve filhos, a saber: Dom Fernando de Castro, Dom Beltrão, Dona Tereza, Dona Isabel que morreo minina.

Casou segunda vez o Conde de Andrada com Dona Tereza de Bobadilha e Lacerda, filha de Dom Pedro de Bobadilha Conde de Chinchão de quem teve filhos Dom Pedro, e Dona Mencia que morreo minina. E Dom Pedro de Castro acrescentou este cavalleiro a suas armas

as de Andrada, e destes ha hi antigos fidalgos neste Reino de Jaen, e na cidade de Guadix.

Dom Fernando de Castro e Andrada, primogenito do Conde de Andrada, casou com Dona Caterina de Zunhiga e Sandoval filha do Marquez de Denia, e de Dona Isabel de Borgia, filha do duque de Gandia. Em quem tem a Dom Pedro Fernandes de Castro, etc,

E desta linhagem descendem os Freires de Andrada, que nós dizemos Freires de Andrade, senhores da casa de Bobadella em Portugal, e os da casa de Sousa por via de Dom Nuno Freyle de Andrada, alias Nuno Rodrigues Freire de Andrada. O qual por matar na praça de huma villa em Galiza a hum Corregedor ou Juiz, se veio pera Portugal a el-Rei Dom Pedro que chamárão o Crú, o qual por sua muita qualidade, e grande esforço o fez Mestre da Ordem de Christo, e foi nella o sexto Mestre; e por nesse tempo não poderem ser casados os cavalleiros daquella ordem o não foi, mas teve dous filhos Ruy Freire de Andrada, e Gomes Freire de Andrada ou Andrade.

Ruy Freire filho primeiro, foi Comendador de Palmella, e de Arruda, e não teve filho macho, mas teve filhas: Dona Caterina de Andrade que foi casada com Estevão Soares de Mello, senhor de Mello, e por morte deste marido casou segunda vez com Fernando Alvares Cabral, senhor de Zurara, Alcaide mór de Belmonte. E teve Dona Brites de Andrade, que casou com Dom Fernando de Menezes, senhor de Cantanhede; e teve Dona Isabel de Andrade, que casou com Bernardo Barbudo.

Gomes Freire de Andrade, filho segundo do mestre de Christo Dom Nuno Freire de Andrade, foi pagem del-Rei Dom João I, e foi casado com Lianor Pereira, filha do Marechal Alvaro Pereira, senhor da terra de Santa Maria, de quem houve João Freire de Andrada.

E João Freire foi casado com huma filha de Vasco Lourenço, Alcaide mór de Olivença, de que não houve filhos: mas por morte della casou com Dona Caterina de Sousa, filha de Martim Affonso de Sousa o velho, de quem houve Gomes Freire, e João Freire que morreo no poço em Evora, onde estando com outros fidalgos, estava sobre o poço hum ramo com huma laranja que pendia sobre o poço. E vindo a falar se haveria quem de salto saltasse alem do poço, levando na mão aquella laranja, ao que elle se offereceo por ser muito ligeiro, e de grandes forças. Porém com a laranja se embaraçou, que cahio dentro no poço onde morreo, sem lhe poderem valer.

E João Freire de Andrade, este do poço, deixou Gomes Freire de Andrade, que foi senhor da Bobadella, e de outras terras, e foi casado

com Dona Isabel Coutinha, filha do Marechal Gonçalo Vas Coutinho, da qual houve filhos Luis Freire, Nuno Fernandes Freire segundo, e João Freire terceiro; e Dona Maria Coutinha, mulher de Dom Martinho de Menezes, filho de Dom Fernando de Menezes, senhor de Cantanhede, e Dona Joanna, mulher de Estevão de Brito, Alcaide Mór de Beja.

E Luis Freire, filho primeiro de Gomes Freire, foi casado com Dona Ignez da Cunha, filha de Fernão de Sá, Alcaide mór do Porto, de quem houve filhos Gomes Freire, e Dona Caterina mulher primeira de Ruy Pereira de Berredo: e porque este Luis Freire foi homem que se governou por seu modo, que a el-Rei Philippe I não pareceo bem, lhe tirou todas as terras do morgado de seu pai, em que elle succedeo, e pelo conseguinte succedeo seu filho, e as deu com a posse d'esse morgado a João Freire que era o terceiro filho de Gomes Freire, e irmão mais moço deste Luis Freire.

Gomes Freire de Andrade, filho deste Luis Freire, foi casado com Dona Cecilia, filha de João de Sousa o Romanisco, chamado assi porque foi Embaixador em Roma, de que houve tres filhos Miguel Freire, e Gaspar de Sousa, e Luis Freire, e Dona Guiomar, mulher de Belchior de Sousa Tavares. E Miguel Freire não houve filhos.

Manoel Freire de Andrade, filho segundo, casou com Dona Ursula de Sousa, filha de Gaspar de Sousa, e Dona Anna de Mesquita; de quem houve João Freire de Andrade. E João Freire casado com Dona Maria da Cunha, houve Diogo Freire que hoje vive, e tem hum filho natural Simão Freire.

E da dita linhagem dos Condes de Andrada descendem tambem estes nossos Andrades, ou Andradas. Por via de minha bisavó Dona Isabel Affonso de Andrada, filha do Conde de Andrada, casando ella com Gil Thomé Paes, Capitão mór daquellas fronteiras, meu bisavô pai de meu avô Pero de Andrada, Alcaide mór de Penamacor, pai de meu pai Belchior de Andrada, e teve outros muitos filhos, e o mesmo teve outros muitos filhos o dito Pero de Andrada meu avô. E este casamento foi no tempo das guerras deste Reino com Castella del-Rei Dom Affonso V, e seu filho el-Rei Dom João II com el-Rei Dom Fernando e Dona Isabel que chamárão os Catholicos.

E os filhos do dito Gil Thomé forão: Bertolameu de Andrada, senhor do Bairro de Villanova de Andrade em Lisboa como atras digo; e Francisco de Andrade, que foi Provedor dos Almazens della, de quem procedem os Andrades dessa cidade, e de Villa Franca. E duas filhas Antonia de Andrada, que casou do mosteiro de Chellas em Montemor

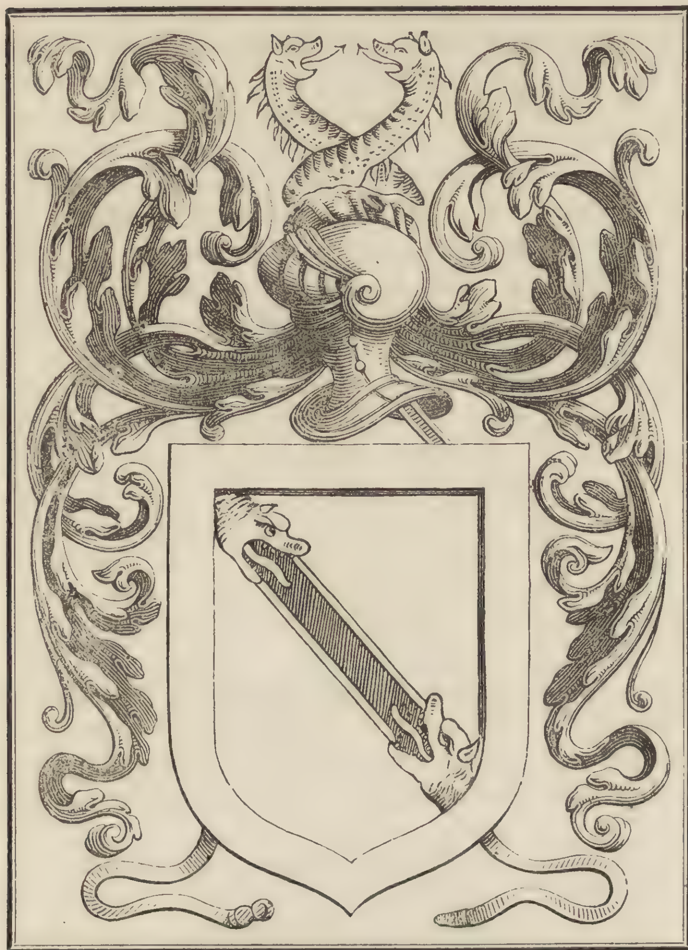
o velho, com hum fidalgo fulano Jusarte de quem procedem os Andradas de ali e dessa Beira. E outra filha que casou com hum fulano Betancourt das ilhas, de quem são os Andradas de lá, das quaes houve grande geração. E o mesmo teve Pedro de Andrade meu avô muitos filhos, e filhas de quem ha grande geração.

E porém na Torre do Tombo, e n'hum livro que da nobreza escreveo João Rodrigues de Sá, tratando das armas e brazão dos Freires e Andradas diz desta maneira.

A banda que atravez fende,
Sobre esmeralda luzente,
Com cabeças de serpente,
Freire de Andrade comprende
Da Galiza descendente.
Em que lá tenha lugar,
Pera se mais nomear,
E nos Reinos de Castella,
Nos de Sosa e Bobadella,
Não se devem de calar.

E posto que em alguns brazões antigos achei que trazião por orla *Sicut Serpentes*, a saber, sabios valentes, e já possa ser que de aqui tomassem os Hollandezes a empreza que trazem nas suas moedas: *Diomedis Robore, Ulissis concilio.*

As armas são estas



E tornando ao que vos dizia, he-me forçado por vos contar mercês da Senhora da Luz mãi de Deos, contar-vos como me foi imputada huma morte, não mais que por ser apressada; sobre que houve grandes exames, por hum Corregedor da Corte, com medicos, cirurgiões e parteiras, e mil perguntas perigosissimas, e barrancos, ou laços em que cahir, que vos não quero contar, porém tão persuadida ficou esta morte do Viso-rei, e dos tribunaes todos, e de todo o povo em geral, que não havia cuidar outra cousa: de que tudo a minha Senhora da Luz me foi livrando, permitindo Deos que eu fosse prezo, pera ficarem mais em luz as mercês suas. Porque sendo as partes muito poderosos, de que alguns erão Desembargadores principaes, e Corregedores,

e tendo grandes correlações com os tribunaes todos, té no conselho de Castella, me mandou o Viso-rei prender com carta de seguro, escrevendo logo a Sua Magestade mandasse que sem embargo della, me livrasse da cadeia, summariamente, porque não era caso o meu a que devesse valer nenhum favor das leis. O que sabendo eu por via do bom Conde de Linhares Dom Fernando de Noronha, que por me fazer mercê, e honrar-me dizia ser eu seu parente por Andrada: escrevi tambem a el-Rei, que não pedia a Sua Magestade me fizesse justiça como a Portuguez seu vassallo, se não como a Turco ou Hollandez. Porque senhor (lhe dizia eu) que Hollandez, ou Turco não veio muito seguro a vossas fortalezas com só hum escripto de qualquer vosso Capitão, em vosso nome? Pois a mim senhor, não me prenderão na raia de Castella fugindo, se não na vossa audiencia, onde fui confiado no seguro que em nome de Vossa Magestade me foi dado: este mande Vossa Magestade se me guarde sendo justiça, que não peço favor das leis, se não que não se torção leis em minha destruição. E comtudo havendo naquelle conselho alguns de voto que se fizesse o que o Viso-rei escrevia, e grandes favores das partes, mandou Sua Magestade se me fizesse justiça ordinaria, a cabo de cinco mezes de Limoeiro. E tendo eu aggravado da injusta prisão pera a Mesa da consciencia, que he a Relação dos cavaleiros das ordens militares, se mandou que eu era aggravado e que fosse solto: sobre o que ainda houve grandes reluctancias, e contradicções de que tudo Nossa Senhora me livrou. E no mesmo dia que fui solto se tinha levantado grande rumor em toda a cidade me tiravão a degolar. E eis que lhes apareço solto!

Mas neste comenos de tanto sobresalto cada hora, me ia logo com tudo valer-me da Virgem da Luz minha Senhora, valendo-me tambem pera com ella de alguns santos que entendia lhe podião ser mais aceitos, dos quaes me pareceo o seria Santa Caterina, por muitas razões que nella ha pera isso assim ser, e por me parecer a maior santa depois da Virgem Nossa Senhora, e tambem porque esteve preza em carcere, e sabia o que isso era, lhe pedi me valesse com a mesma Senhora com este soneto.

Com o numero das cinco, Virgem bella,
 Prudentes, o esposo recebestes,
 E por vossa prudencia merecestes,
 Coroar-vos no Ceo, sacra donzella:
Quem foi igual a vós, oh clara estrella,
 Quem fez as maravilhas que fizestes?

Pois, grande Caterina, só vencestes
Potencia onde a do mundo estava nella.
O oleo que a estas não faltou,
Pera poderem ver o sacro esposo,
Como no Ceo o estão vendo presente.
De tal maneira em vós, Virge, abundou,
Que do recebimento glorioso,
Manou o que hoje dais a toda a gente.
E pois em carcere fostes perseguida,
Falai por mim á Virge esclarecida.

Mas foi tal a terribilidade da tormenta, e perseguição estando prezo, que se me apertava este coração de maneira que esses ultimos horisontes desse Ceo me parecião ainda vazo estreito, e desejava traspassal-os. Pelo que, e da mercê que Nossa Senhora me fez de me livrar, alargando-me o mesmo coração, vim depois a entender aquellas palavras do psalmo *Cum invocarem. In tribulatione dilatasti mihi,* que o atribulado Santo dizia a Deos em agradecimento da mercê que lhe fizera. Alargaste-me, Senhor, este coração *et viam mandatorum tuorum custodini cum dilatasti cor meum:* pola mesma razão quiçais que eu o podia dizer, e por isso me ia comtudo diante de hum Crucifixo, apresentando a Deos a dor, e angustia deste coração, e com algumas palavras áquelle modo do Romance de Dom Diogo Ordonhes de Lara, o bravo, na morte del-Rei Dom Sancho sobre Çamora; que diz:

Hincado está de rodillas,
Con un crucefixo hablando,
Las palabras que dizia,
Son de hombre mui lastimado:
Bien sabeis vos, Señor mio,
La verdad de aqueste caso,
Que persiguen sin razon,
A aqueste aflicto Don Sancho,
Mas si me dais vuestra ayuda,
Buen Señor pienso mostrarlo,
La verdad de mi intencion,
Que es de coraçon honrado.
Estas palabras diciendo,
A vos Virgen mi amparo,
Pido soccorro y ayuda,

Que salgais por mi al campo,
Vuestro soy desde muy niño,
Y me aveis siempre livrado,
Ahora que es mas tormenta,
Mas soccorro es necessario.

E fui recontando á mesma Senhora algumas das muitas mercês que me havia feito, parecendo-me a obrigaria mais com isso, pedindo-lhe que pois tantas mercês me tinha feito não me desamparasse agora, nem permitisse andar minha honra, e fama tão menoscabada (que era o que mais sentia que tudo). E imaginando lhe fora aceito o voto que lhe fiz em Fés, noutra grave afflição, de lhe vir fazer aqui a sua festa se me livrasse como livrou (e vos já contei) lhe fiz o mesmo voto condicional, que se me puzesse na rua solto e livre lhe viria aqui fazer outra festa como melhor pudesse.

E (eis cousa maravilhosa) que desde o mesmo dia deste voto começou logo a tormenta a abrandar, e abonançar a tempestade, e as nuvens medonhas a espalhar-se, e abrir hum Ceo muito sereno. Dizendo huns: oh! he sem culpa: outros pondo-as aos outros, e com muitas razões desculpar-me, e o que mais he, que os tribunaes todos voltárão logo em meu favor.

E por estas mercês, e outras sem comparação maiores que vos não posso dizer, que Nossa Senhora me fez, devidamente lhe imos agora cumprir a promessa, e fazer a sua festa, a quem peço a aceite com os mesmos olhos de piedade suprindo nella, e em mim meus defeitos.

Gal. Ditosissimo me acho em acompanhar-vos neste caminho, por me parecer vendo tantas mercês como vos tem feito esta Senhora, vos traz pola mão, e que o mesmo fará aos que em seu serviço imos comvosco.

Dev. Andar em seu serviço he o que faz ao caso pera Deos e esta Senhora nos ajudar, e não ir, nem ficar; e isto he o que deviamos sempre pedir-lhe. E porém em quanto o Marquez Viso-rei que já era, e não o Dom Pedro de Castilho Bispo, despachava o feito de meu livramento, e soltura sobre a queixa que o juiz lhe fez dos da Mesa da Consciencia por me mandarem soltar, recitava eu a esta Senhora o que se diz nos Cantares desde o capitulo 1.º *Osculetur me osculo oris sui.*

Venga mi dulce esposo,
Y librará su amada,
Del mal que le causo con su tardança.

Dême el maná sabroso,
De su boca melada
Que el amante enfermo alcansa,
Salud con solo el fin de su sperança.
Venga que son mejores
Y al gusto mas amables,
Que los vinos de Candia generosos,
Pera mi tus amores
Y muy mas saludables,
Que los mas olorosos,
Unguentos; y que balsamos preciosos
[1] Qual oleo se derrama,
Tu nombre que se siente,
Con suavidad que sube a las estrellas:
Por eso alaba, y ama,
Tus costumbres la gente,
Peró mas las donzellas,
Que un incendio de amor, siempre arde en ellas.
[2] Tras ti mi bien me lleva
Que a do quiera que vayas,
Contigo aunque mal sana bolaremos
O por dó siempre nieva,
O por ardientes playas,
Contentes seguiremos,
De tu nombre el olor que sentiremos.
[3] Que quando la fatiga
Del caminar me canse,
Por seguir a mi Rey, y a mi contento,
El llevará su amiga,
Do alegre descanse,
Y goze en un momento,
Los gustos que amor dá, que son sin cuento.
[4] Ally con summa gloria,
Y gustos immortales,
Cogeremos de amor el fructo y flores,
Quedando em mi memoria,

[1] Oleum efusum.
[2] Trahe me.
[3] Introduxit me.
[4] Exultabimus.

Que son mas cordiales,
De todos los licores,
Que el coraçon alegran tus amores.
[1] Y por eso se emplean,
Las que una ves te miran,
En amarte como hace el alma mia,
Por eso te desean,
Por eso te suspiran,
Y buscan a porfia,
Las honestas zagalas noche, y dia.
[2] Hijas de Sion, que en ella
Gozais a boca llena,
Celebradas por fama de beleza,
Soi agraciada y bella,
Aunque ruda y morena,
Que dá gracia, y lindeza,
Mi esposo en mi color, y mi rudeza.
[3] De cuero por defuera
Negras son, mas costosas,
Y de Cedar las tiendas recamadas,
De la misma manera,
Negras son, mas hermosas,
Las marthas estimadas,
De Salomon por gala mas usadas.
[4] No me mireis la cara,
Que por el mas rosado,
Y blanco rostro y tiez no trocara,
Si el Sol no me quemara,
Y mientras el ganado,
Y las viñas guardara,
Del ayre, ni del Sol me resguardara.
[5] Riñieron mis hermanos,
Por verme sin sosiego,
Correr (modesta aunque moça e covarde)
Correr sierras e llanos,

1 Recte diligunt.
2 Nigra sum.
3 Sicut tabernacula.
4 Nolite me considerare.
5 Filij matris meae.

(Que mal se esconde el fuego,
Quando de veras arde)
En busca de mi amor mañana, y tarde.
[1] A las viñas por fuerça,
En goardia me mandaron,
Por sugetarme en medio del Estio,
Mas quien el Amor fuerça,
Los ganados se entraron,
Comiendo a su alvidrio,
Mientras iva buscando el amor mio.
[2] Dime que ha mil años
Amor del alma mia,
Que buscandote voy; dime em que prados,
Repastas tus rebaños,
Y adonde a medio dia,
Los llevas repastados,
Gozar de sombras de arboles copados.
[3] Dime ya mis dilicias,
Do pueda hallarte presto?
Sin que por ti pregunte a quantos veyo,
Prometendole albricias,
Que quiça poco honesto,
Jusgaran mi desseyo,
Viendo quanto por ti busco, y rodeyo.
[4] Ven ya si no lo sabes,
Bellissima Pastora,
Flor deste valle, honor de nuestra aldea,
Ven ya para que acabes,
De hallar quien la hora,
No sabe en que te vea,
Si tu coraçon tanto lo desea.
[5] Ven tras tus corderillos,
Quando por las campañas
En busca de las madres van corriendo,
Hambrientas en saltillos,

[1] Posuerunt me.
[2] Indica mihi.
[3] Ne vagare incipiam.
[4] Se ignoras tibi.
[5] Egredere et abi.

Junto a nuestras cabanas,
Tu rebaño trahiendo,
Do siempre con el mio irá pasciendo.
[1] Y llevalos a pasto
Junto a nuestras cabanas,
A do de verde, y erva todo el año
Abundan las campañas;
Que alli siempre repasto
Mi lanudo rebaño,
Y de ti solamente canto, y taño.
[2] Pacees a mis ojos
Qual yegoa generosa,
Que los Egypcios coches a par tira,
Y rica de despojos,
De si mesma gloriosa,
Se muestra a quien la mira,
Y sobervia relincha, y fuego aspira.
[3] Que hermosuras descubren
A ratos tus mexillas,
Entre aljofar minudo y fluecos de oro,
Que tu frente nos cubren,
Y entre gargantillas,
Con que gracia y decoro,
Esse cuello sustenta en si un thesoro!

Porém logo passados cinco ou seis dias, mandou o Viso-rei o feito com huma portaria que deu o secretario Christovão Soares, pera que fosse solto. No mesmo dia que já vos disse andava rumor e fama por toda Lisboa, me tiravão a degolar: pera que estas mercês de Nossa Senhora ficassem ainda mais fermosas. Mas em quanto se fazia o mandado da soltura, entre outras graças que dei a Deos Nosso Senhor lhe disse o Psalmo *In exitu Israel de Egypto*, desta maneira:

En el salir de Egypto,
Los tribus de Israel y de entre gente
De impio, y barbaro rito,

[1] Et pasce.
[2] Equitatui meo.
[3] Pulchræ sunt.

De Jacob la simiente,
A quien libró la mano omnipotente.
La ley del pueblo santo,
Y su verdad se hizo assas notoria;
Con general espanto,
Y con eterna gloria,
Del poder de Israel quedò memoria.
De una vara temblaron
Las olas, y el furor del mar undoso,
Las agoas se eriçaron,
Del Jordan temeroso,
Que atras bolvio su curso de medroso.
Movieron por los prados,
Sus immovibles pies como carneros,
Los montes levantados
Saltaron los oteros
Como van tras sus madres los corderos.
Que es esto? que temblaron
De una vara tus olas mar furioso
O de que se eriçaron?
Tus agoas temeroso
Jordan, que atras bolviste de medroso?
Con sola la presencia
Del gran Dios de Jacob tembló la tierra;
Tembló de la potencia
Que derrueca una sierra
Con solo el rayo que una nube encierra.
Tembló de quien del seno
De esteril rocca lagos abundosos
De agua por el terreno
Y campos arenosos
Hizo correr en rios caudelosos.
Que nada he impossivel a Deos.

E vindo o mandado assinado fui com elle logo solto dar graças ao Santissimo Sacramento á Sé, e a Nossa Senhora a Grande, por serem tão grandes as mercês que me fez; a quem entre outras cousas de fazimento de graças disse:

[1] Senhora dona mayor

[1] Ps. 24. Vias tuas.

No nome, e em tudo grande,
Rogai a Frei Salvador
Me mostre a via em que ande
Pois he meu Prelado mór.
Que em que seja da Trindade,
E tal que me maravilho,
Haverá mais piedade,
Pois sabe toda a cidade,
Que he o senhor vosso filho.
E pois por vosso respeito,
E sua branda condição,
Me libertou da prisão,
Falai-lhe porque suspeito,
Dar-me toda salvação.
Quisera beijar-lhe o pé
Se quer emgradecimento,
De favores mais de cento
Que me fez como quem he,
E temo seu acatamento.
Que em que se mostra esquecido
De minhas culpas passadas
Se por mi duas passadas,
Senhora, der, não duvido,
De todo serem riscadas.
Quando fores na Igreja
Ali lhe podeis falar,
E comvosco me levar,
Porque comvosco me veja,
E dar-me-ha melhor lugar.
Fazei-o, que de senhoras
Grandes he levar criados,
E fazel-os bem criados
Porque lhe demos emboras
Livre os fazer, e honrados.
E pois já vos devo tanto,
E tirar-me hora da cadeia,
Em sinal de boa estreia,
E que por vós me levanto
Aqui deixo esta candeia.

Gal. E com essa soltura ficastes vós livre de todo?

Dev. Isso não, mas logo me dei por livre visto estes favores do Ceo. E as partes quasi não falarão mais, que devião ter bem visto, e sabido não haver na devassa cousa alguma; e elles não tinhão outra que dizer contra mim, e por isso se esfriarão na accusação que dantes fazião acerrima. E contrariando o seu libelo negativamente, como sempre o determinei, posto que confessei na carta de seguro, pera mais segurança della, por isto então ainda se poder fazer (o que despois se vedou por lei, por meu respeito) e com larga prova de minha innocencia se deu sentença, que eu me fosse em paz solto e livre.

E não cuideis que só té qui houve perigos, e que guardar, porque sabei os houve depois muito maiores, e se fizerão nesse meio tempo grandes diligencias pera me matarem alguns destas partes, e outros que o não quizerão ser só a este fim. Mas foi sempre tamanha a confiança que tive, e tenho nesta Senhora, e segurança que ella me dava neste coração, que sendo muitas vezes avisado desta damnada determinação, e como e por onde, e a que horas se pretendia executar, e vendo por meus olhos serem certos os sinaes, e uns que passavão dissimulando, outros postos em paradas, nenhuma torvação isso me dava, e não deixava de ir fora, cada dia, e tambem de noite; porém mui arrecado, e bem armado. E tudo Nossa Senhora fez desvanecer, e resolver em fumo, e ar (que por isso volo conto). E os autores, e ajudadores disto, forão falecendo em mui breves dias, e se algum ficasse se quietou, desenganando-se elles, e os mais, com a verdade.

Mas escutai, que parece ouço sinos.

Gal. Sinos são, e nelles grande repicar.

Dev. Quereis apostar que se adiantárão os nossos a dar a nova de nossa vinda?

Gal. Isso he, porque nenhum parece. Olá!.. Nenhum responde.

Dev. Pois nos havemos antes de entrar na villa, de ir beijar o pé de Nossa Senhora da Conceição, e desviemo-nos pera cá por fóra, não vos venhão encontrar alguns parentes, ou amigos por mais quietação da Romaria.

Gal. Eu ouço gente de cavallo, que parece nos errárão em quanto estivestes rezando na hermida, e vedel-os vem.

Cavalleiros. Hora vossas mercês sejão mui bem chegados, que he a maior festa que todos seus servidores, e naturaes puderamos ter, que he a sua vinda a ella.

Dev. Vossas mercês em tudo nos querem fazer mercê sobre tantas, de que agora, pois não ha tempo, não quero tratar. São aquelles os nossos criados? disparai vós outros essas espingardas, já que imos

entrando na villa, e vamos primeiro offerecer-nos ao Santissimo Sacramento.

Cav. Vamos senhores, que a Igreja aberta está todas estas noites, que se anda armando, e agora inda que de madrugada cheia de gente que se levantou com os repiques a festejar a boa vinda de vossas mercês.

DIALOGO DECIMO PRIMEIRO

Descrevem-se humas festas, e representações que se fizerão á Virgem Nossa Senhora da Luz, na Villa de Pedrogão grande. Huma das nove musas dançando. Outra hum coloquio das pessoas da Santissima Trindade com a Senhora sobre a encarnação do filho de Deos.

GALACIO. — DEVOTO. — CRISPO.

Gal. Razão será que do trabalho, e cansaço destes dias nestas vossas festas tomemos agora algum alivio, pois tendes cumprido o voto; que tambem Deos Nosso Senhor quando fabricou o mundo, *quievit ab opere suo.* E podemos ir pera a Deveza lograr as sombras desses copados, e frondosos carvalhos, e frescura da viração do mar, e do norte que sempre ali ha, que realmente não se pode negar ser o lugar muito aprazivel, e bella sahida desta villa.

Dev. Ao menos eu disso que tenho visto em nenhuma parte a vi tal, nem he sua comparação esse prado de S. Hieronimo de Madrid tão celebrado. Mas quem será aquelle recostado lá á sombra que me parece ser meu amigo Crispo?

Gal. Elle o parece certo, e mais não he outro.

Dev. A bello tempo chegamos, porque era huma das pessoas pera quem trazia alvoroço, e sentia muito dizerem-me não estar na terra, e pois tambem vimos gozar da frescura deste sitio cheguemo-nos a elle, e passaremos o melhor pedaço de tarde, que ha muito tivestes, que he excellente por seu modo.

Gal. Pera aqui, que está a relva mais verde.

Dev. Mas que? o que ficar mais perto do meu senhor Crispo (a quem quero dar este abraço) he pera mim o mais aprazivel, e seja vossa mercê o bem estado.

Crisp. E vossas mercês os bem vindos, e deixai-me levantar pera poder melhor apertar-vos com estoutro abraço, inda que puderamos trocar as bolas, pois vossas mercês são os que estão já aqui ha huma semana, e eu cheguei ainda hoje de Sanctiago de Galiza, romaria que tinha prometida, e a quiz cumprir em vida estando já tão chegado ao fim della. Mas vendo esses caminhos cheios de rumor, e estrondo destas vossas festas, quiz fazer maiores jornadas por me achar nellas, e por onde cuidei atalhar fiquei rodeando, porque me incharão os pés de maneira, que com vir quasi arrastando não pude chegar se não hoje, e ainda com tirar forças de fraqueza. Por vos não achar idos, como as festas achei acabadas, que fora pera mim a perda dobrada, que no estremo sentira, e quiçais se festinara lente (como dizem que

o Imperador Octaviano, e Tito trazião por empreza, do Golfinho, rodeado na ancora, segundo diz Alciato, a qual diz Jeronymo Ruscelli ser empreza grosseira, e não bem apposita) pudera chegar a tempo.

Dev. Eu não sei quem isso sentira mais. O que sei he que me não houvera de partir de aqui sem vos ver, inda que esperara muitos dias, pelo grande alvoroço que pera isso trazia, por ter mui fresca na memoria nossa muita amizade. E a que tivestes com meus pais, e mimos de minha criação: por onde os dias que aqui nos detivermos vos não hei de largar, e havereis paciencia.

Crisp. A paciencia seja que me cumprais essa promessa, se quer em restauração da perda de não ver as festas, de que me contão tantos gabos, e tanto que por muito mo não sabem encaminhar. E no extremo folgara me contasseis tudo por ordem.

Dev. Senhor Crispo, quem isso vos gabasse seria pessoa vossa, e por vos dar esse gosto sabendo nossa amizade, sendo na verdade tudo o que se fez pouco, e ainda muito mais pouco respeito da pessoa a quem se fez, e do muito que eu lhe devo.

Crisp. A este respeito assi he bem o cuideis, e porém isso que foi estimarei ouvirvo-lo, e farei conta o vejo, e passaremos a tarde, na qual não poderemos fazer outro melhor emprego.

Dev. O senhor Galacio por nos fazer mercê poderá satisfazer a esse desejo, e se disser tudo achareis tudo faltas minhas.

Gal. Contarei eu o que me lembrar, e as faltas que eu não vi em nada, nem sei entender, essas notará o senhor Crispo, que como pessoa daquella idade, e de tanto entendimento, e experiencia verá tudo melhor que eu, que como cego não posso julgar de cores, e porém não tratando da causa do voto destas festas, que todos sabemos, direi do comprimento desse voto.

Em cuja execução se poz dia da Assumpção de Nossa Senhora, que foi a 15 do mez passado de Agosto (dia em que esta festa se houvera de fazer, e se mudou pera esta de Setembro), huma figura da Fama de estatura de qualquer mulher, vestida ao estrangeiro, e com grandes azas, e huma buzina na boca em publicação das festas pera este dia. E no meio daquella praça defronte da Igreja onde tomava quatro ruas, sobre huma arvore estranha na feição, que era hum loureiro grande, e muito frondoso, e verde, e todo entretecido de era, que fazia huma verdura tão densa, e fechada, que escassamente poderia hum passaro meter-se no seio, e isto desde o pé até o cimo da arvore, que seria de quatro ou cinco varas de alto, e parecia vinda lá do monte Parnaso, ou de algum valle incognito por via de encantamento.

E deste dia até o da festa, tudo forão repiques frequentissimos nos sinos de dia, e de noite aos ensaios de duas comedias que nestas festas se representarão excellentissimamente; huma de Lope da Vega intitulada «de la Occasion perdida,» ainda não impressa, outra de hum Salteador fidalgo que livrou seu pai da morte.

Nesta figura da Fama, e na porta da Igreja matriz onde se fazia a festa se puzerão carteis com letras cabidolas grandes, em que se publicavão as festas, e os premios que se prometião, a saber:

Ao que melhor o fizesse no jogo das canas, e melhor trajado viesse, hum remessão com ferro dourado, guião de tafetá azul com cordões, e franjas de ouro, gazua, e conto de prata, e hum anel de ouro com hum rubi.

Ao que melhor sorte fizesse aos touros a cavallo huma cadeia de ouro de pezo de vinte e cinco cruzados e outro rubi: a quem melhor levasse a argolinha humas luvas de ambre, e a mesma que era de prata.

Por segundo e terceiro premio da Argolinha, e pato, luvas de polvilhos que se derão a muitos. Ao melhor encavalgado, e galhardo nas carreiras outras diversidades de luvas.

Ao que melhor sorte fizesse de pé aos touros hum corte de gibão, e dinheiro a todas as sortes, e a tudo os toureiros.

A quem melhor concertada tivesse sua janella, e porta na procissão duzias de pastillas, e pevetes.

A todas as donzellas das danças a cada huma seu par de sapatas, e vara e meia de fita de diversas cores de resplandor. E o mesmo a duas pellas.

Item que o ferrador tinha ordem pera ferrar de graça todos os cavallos, como ferrou.

E o mesmo nas estalagens para se dar cevada, e palha, de graça. O que tudo se cumprio inteiramente.

E forão juizes destes premios tres cavalleiros da Ordem de Christo, s. Frei Sebastião Coelho Contador do mestrado da dita Ordem, Bernardo Arnao Monteiro, e Gabriel Caldeira de Brito, que os derão com muita igualdade, e magestade como logo vos direi.

Mandou o senhor Devoto rogar a parentes, e amigos e naturaes lhe agasalhassem os hospedes; o que todos fizerão de boa vontade, e assim n'uma casa se agasalhou a capella que erão padres de Coimbra e da Sertã, os melhores na musica, noutra os de harpa, e rabequinha, noutra as charamelas que mandou o Bispo de Coimbra Dom Affonso Castel Branco, noutras as folias, noutra as trombetas, noutra as chacotas, que era huma da villa de Avris do Sardoal estranha, outra hum volteador com alguns toureiros.

E a cada pousada se mandou pernas, ou arrobas de vaca, carneiros, ou carneiro na conformidade dos hospedes, e alqueires de trigo, e almudes de vinho, e outras miudezas de arroz, e doces.

E porém os fidalgos, e cavalleiros se agasalhárão todos comnosco em casa do senhor Gregorio Ribeiro Florim, e da senhora Antonia de Andrade sua mulher, irmãos do senhor Devoto, que como sabeis tem duas moradas de casas juntas, e ambas grandes por onde couberão todos.

A Igreja se armou, a capella mór, frontespicio, as columnas todas da Igreja que são dez, tudo de brocado muito novo, e excellente de diversas cores. Os arcos de damasco carmesim, com seus pendurados volantes de seda, e em todos a imagem de Nossa Senhora. E as paredes todas de alto abaixo, e ainda da banda de fora, debaixo da torre tudo de tafetas carmesis, e amarelos, e sobre elles seus cortados. E toda a Igreja (que he tão grande como vemos) lastrada de hervas cheirosas, mentrastos, e outras, e junco muito verde que aqui ha.

Em todos os altares sua lampada, e castiçaes de prata, e cirios brancos, e grandes, e muitas caçoulas, e pivetes, e outros cheiros de agoas, com que a Igreja estava toda recendendo.

Em quanto se fazia esta armação chegou huma imagem da Senhora do tamanho de huma molher de doze annos, de vulto fermosissima, toda de ouro, e cores, da invocação das Mercês, polas muitas que a mesma Senhora tem feito ao senhor Devoto, que elle por isso mandou fazer em Lisboa, e com a deviza da ordem de la Merced, e com seu andor todo cosido em oiro, e seus pontaletes.

A qual imagem se aposentou de fora da villa na hermida de S. Dinis, dous ou tres estadios como sabeis, onde logo foi muito visitada de devotos, que logo contárão alguns milagres, que esta Senhora por a devoção delles foi fazendo, e aqui esteve sete dias, té que vespora de festa a tarde partio desta hermida em devotissimo triunfo neste seu andor, em hombros de quatro cavalleiros de Christo com seus mantos brancos, e era muita razão dar-lhes esta Senhora esta honra como a cavalleiros de seu Filho bemditissimo Jesus.

Vinha esta santa imagem vestida de caminho com seu bohemio, ou capote nos hombros de brocado de cores, e guarnecido de ouro de bastidor com seus botões de ouro, e hum chapeo de setim aveludado de ouro, com hum trancellim de pedraria, e perolas com suas plumas muito bizarro.

Vinhão dançando ao redor deste andor duas danças, cada huma de donzellas lindissimas vestidas de diversas sortes de sedas, e já gran-

dinhas, de dezeseis pera dezoito annos; que como esta terra he fóra de trafegos he isto aqui muito licito, e costumado, e mais aprazivel por entenderem melhor a quem festejão. As quaes nas voltas se chegavão de quando em quando reverenciar esta Senhora e Princesa, com suas misuras e acatamento, crendo cada qual ficar mais ditosa, quanto mais se chegasse ou se tocasse no seu andor, e com mais razão que os que pegando nas cordas com que ião metendo dentro o cavallo de Troia, cuidando ser consagrado á falsa deosa Palas, como o conta Virgilio:

Scandit fatalis machina muros.
Fœta armis, circum pueri inuptæque, puellæ
Sacra conunt, funemque, manu contingere gaudent.

Vinhão tambem festejando a boa vinda desta Senhora outras folias ou choreyas, e chacotas, e todos tangendo diversos instrumentos, e cantando muitos vilancetes em seu louvor, e bailando ao redor do seu andor. E as charamelas e trombetas bastardas, e outras que tudo estrugia esses ares, e fazião retumbar os eccos desses vales inda que afastados, e as duas pellas diante, que se desfazião fazendo mil geitos, tudo muito pera folgar de ver.

E principalmente os cavalleiros que serião trinta, em muito fermosos cavallos fermosamente ajaezados, e elles bizarramente vestidos, que vinhão acompanhando esta soberana Princesa, que das cidades e villas mais perto, e alguns de longe vierão juntar-se, como os cavalleiros desta villa festejar esta Senhora, convidados tambem dos premios que se publicarão. E era cousa bella de ver e muito devota, as muitas carreiras e escaramuças por todos aquelles campos e estrada ao redor deste andor. E muitos emmascarados e com muitas trovas, chistes, disfarces, tregeitos e meneios tudo de festa. E pera acrescentar mais festa, davão todos a esta Senhora as boas vindas em vozes altas. E foi tanta a gente que aqui concorreo, que alem de não haver casa sem hospede, e muitos hospedes, se agasalharão muitas pessoas por pés de arvores, e a essas sombras de castanheiros.

Com estes regosijos e folgares chegou a Senhora á entrada da villa, onde a esperava toda a cleresia, de que muitos com capas de brocado e de sedas. E assi todos os padres do convento de Nossa Senhora da Luz, e officiaes da Camara com todo o mais povo, que todos receberão esta Senhora com extraordinario alvoroço, alegria e devação, que em muitos fez deitar algumas lagrimas de prazer, e cantando o

Hymno, «Ave Maris stella», e o «Gloriosa domina», e a «Magnifica», e a «Salve Regina», e outros cantares da Igreja Catholica, tudo em canto de orgão e vozes excellentes, e com os parabens e hora buena de todo o povo, veio dali a Senhora em procissão pelo meio da villa, cubertas as ruas de hervas cheirosas e verdes, e recendendo em perfumes, e banhadas de agoas cheirosas, que as donas e donzellas prodigamente derramavão das janellas, e os sinos quebrando-se com repiques, e té os mininos saltando de prazer, chegou a Senhora á Igreja com a gente diante de cavallo, que ao redor della, e por aquella praça que he grande tudo erão carreiras, festas, vivas, e boas vindas desta Senhora, pedindo-lhe todos fosse pera bem de todos, como nella confio será.

E logo ao entrar na Igreja se lhe representou huma dança das nove Musas que sahirão a festeja-la, offerecendo-lhe cada qual dellas a arte de que foi inventora. Começando Clio com hum livro na mão, a qual era a guia da dança.

Eu que fiz a historia,
Que ledes, e trataes curiosa gente,
Venho fazer notoria
Nas partes do Ocidente,
Quem no berço do sol já fiz patente.

E com outro livro na mão disse Caliope:

Eu Caliope Musa,
Inventora do verso arrogante,
De meu saber confusa,
Me venho aos pés diante,
D'outra musa mais nobre e elegante.

E com huma comedia na mão disse Thalia:

Thalia eu, que vantagem
Não dava em meus discursos a Minerva,
Ja pago vassalagem,
A quem o Ceo reserva,
Por quem sendo Senhora já sou serva.

E Melpomene com huma tragedia na mão:

Melpomene eu, que dantes
Cantei tragedias tristes e chorosas,
Com alegres discantes,
Direi divinas prosas,
Que logo Virgem o são quando são vossas.

URANIA

Eu a musa Urania
Que entendendo dos Ceos o movimento,
Ensino Astrologia,
Por saber outro Ceo, outro elemento.

E com hum livro de Retorica disse Polimnia:

Polimnia eu, que ensino
O modo de dizer mais eloquente,
Já do que fui declino,
Que o vosso excellente,
Faz que pareça rudo o mais sciente.

Com hum papel de solfa na mão, disse Euterpe:

Eu Euterpe, que o ponto
Da musica inventei, e o doce canto,
Já de mi me afronto,
Porque não chego a tanto,
Que diga hum novo solfa de hum sol tanto.

Erato com hum compasso na mão disse:

Não pode em louvor vosso,
Faltar Erato ó Virgem Maria,
Que neste intento nosso,
Alem da Poesia
Mais importa saber que a geometria.

Terpsicore com huma cithara na mão disse:

Se eu cantei té agora
Terpsicore ao som deste instrumento,
Meu canto se melhora
Depois que em doce accento
A Assumpção canto vossa, e o subimento.

E acabando de dizer as Musas começárão logo todas huma dança muito airosa, porque erão todos moços nobres e estudantes. Porém descançando no meio desta dança offerecerão logo á Senhora suas sciencias, pondo-lhe no andor a seus pés cada qual seu instrumento que as representava com muitos louvores em prosa e versos elegantissimos.

Logo vierão dous meninos bellos, e ricamente vestidos como pagens, e embaixadores das Nymphas com ramalhetes que da parte dellas derão ás Musas, como em paga de quam bem souberão empregar, e render suas sciencias. E ficando-lhe na mão a cada hum dos meninos sua capella, e bailando com ellas hum pouco diante da Senhora. E com os ramalhetes antes de os darem, e apoz isso se vierão com elles, e os entregarão ás Musas dizendo primeiro hum delles desta maneira:

As Nymphas mui primorosas
Em quem tenho meus amores,
Por mim vos mandão estas flores,
Estes cravos, e estas rosas.
Mas não sei se em taes primores
Se mostrão mui orgulhosas;
Pois mandão rosas a rosas,
E flores as mesmas flores.
Porém he juizo meo
Que nestas mãos que hão de tel-as,
As rosas ficão estrellas,
As flores flores do Ceo.
E porque taes flores possão
Ser flores que frutifiquem,
Quando em mãos tão bellas fiquem,
De fruto, e belleza gozão.

E logo entregarão ás Musas os ramalhetes, as quaes dançando com elles se forão pondo de duas em duas de giolhos diante da Senhora, e

lhos derão pondo-lhos no andor por ordem, que nelle ficarão formosos. E dizendo primeiro:

CLIO

As flores que nos mandarão
Nymphas, que os prados correrão,
Só pera vós as colherão
Só para vós se criárão.

CALIOPE E THALIA

O menos que eu imagino,
De vosso ser soberano,
He que o que em nos he prophano
Em vossas mãos he divino.

THALIA

Estas flores naturaes
Que são terrenas por nossas,
Logo como forem vossas
Hão de ser celestiaes.

MELPOMENE E URANIA

Podeis, Princesa, tomar
Flores que em nossas mãos vem,
Que se aqui não estão bem,
Ahi estão em seu lugar.

URANIA

Vós lhe dais valores taes
Junto a vós, que pelo menos
Se ellas por nossas são menos,
Por vossas são sempre mais.

POLIMNIA E EUTERPE

A vós com mais igualdade

Se dão flores de belleza,
Que sois rosa de pureza,
E lirio de castidade.

EUTERPE

Sois rosa que a terra deo,
Que em si tal cheiro encerra,
Que enchendo de cheiro a terra
Recendestes lá no Ceo.

ERATO E TERPSICORE

Entre tanto vosso esposo
De boninas se contenta,
Que entre ellas se apacenta,
E seu cheiro glorioso.

TERPSICORE

Vós Virgem, que por ser flor
Dais por fruito todo bem,
Tomai estas, pois tambem
Flores buscão a mesma flor.

E após as Nymphas offerecerão tambem os dous meninos, as duas capellas que lhe ficarão á Senhora, e postos de giolhos depois de bailarem, disse em alta voz o primeiro:

O cravo, a rosa e a flor
Bem parecem na cabeça;
Mas aos vossos pés, Princesa,
Parecem estas milhor.

E com isto poz logo a capella no andor aos pés da Senhora, dizendo logo o segundo menino o seguinte:

Por façanhas gloriosas
Tendes, Virgem, por thesouro
Na cabeça mythra de ouro,
Ós pés capella de rosas.

Que a elles no andor lhe poz, e logo elle e as Musas forão andando por diante dançando, indo tambem a Senhora que a tudo isto esteve á entrada da Igreja, em hombros dos cavalleiros que a levavão em seus pontaletes. E chegando assi ao cruzeiro nelle foi posta a Senhora, pera de ali ir ao outro dia em procissão.

Onde logo se começou outra representação que foi hum colloquio ao divino sobre a restauração do mundo entre tres pastores em nome das tres pessoas da Santissima Trindade. E Nossa Senhora feita tambem pastora, com hum Profeta que foi o que primeiro falou desta maneira:

No se que me he de hacer
Que de veras me he metido,
En theatro tan subido,
Donde por fuerça he de ser
Jusgado por atrevido.
Porque do el saber se esmalta
En hermosura tan alta
Claramente todos ven,
Que aunque el hombre hable bien,
El atrevimiento es falta.
Pero alfin ya es cada dia
Y de ordinario en tal fiesta,
Siempre el hombre manifiesta
Parte de su grosseria,
Con poesia mal compuesta,
Aunque si en el algun lugar
Tuve occasion de hablar
Y de salir sin verguença
Es en lo que oy se comiença,
A quererse os declarar.
Porque veran contender
Tres divinos amadores,
Los mas altos, y mejores,
Por la mas linda muger
Que ja mas supo de amores.
Y sobre esta pretencion,
Se funda la redempcion,
Del mundo: y como esto sea
Si es la Virgen la presea,
Ya vereis ellos quien son.

Las tres divinas personas,
Son que vienen a altercar,
Sobre qual ha de encarnar
En Maria, y quales dones,
Cada uno le ha de dar.
Y han de mostrarse en figura,
De pastoril vestidura,
Que si no es en nuestro trage,
No entendemos el lengoage,
De la divina scritura.
La del Autor lengua muerta
Es para tan alto officio,
Mas vemos que Dios despierta,
Al grosero con que acierta,
Quando es en su servicio.
Callad todos si os parece
Pues la invencion lo merece,
Que si en representacion
Fue necesario atencion,
Es en esta que se ofrece.

E após isto se começou a dita representação, que foi sutilissima, e de excellentes conceitos, e pontos tão subidos de ponto, quanto vos não sei encarecer. Aparecendo o Padre Eterno, dizendo á Virgem Nossa Senhora estes louvores:

Es de tanta gracia llena
Mi pastora y mi Zagala,
Que no tiene cosa mala,
Ni le falta cosa buena.
Ella no tiene maldad,
Y tiene gracia divina,
Ella ha de ser medicina,
Y no tiene enfermedad.
Y es del mundo tan agena,
Que en el Cielo se regala,
Y no tiene cosa mala,
Ni le falta cosa buena.

E despois Deos Filho, e Deos Espirito Santo, e de dizerem da Vir-

gem outros gabos, vierão a concluir por muitas razões, que se derão altissimas. E por consentimento da mesma Virgem, que o Filho encarnasse, e se fizesse homem em seu preciosissimo ventre, e remisse a geração humana, ficando sempre entre homens no Santissimo Sacramento do Altar, e se acabou a representação nesta cantilena, que se cantou excellentissimamente, s. huma voz a som de instrumentos que disse:

Dios que tiene quanto quiere,
Despues que se dá en manjar
No le queda mas que dar.

E logo a tres vozes, e instrumento muito de vagar e suavissimamente:

No puede un enamorado
Dar mas, ni dar mas ha,
Quando a si mismo se dá.
Y la vida por lo amado
Ya el hijo de Dios se ha dado,
Y haziendose manjar,
No le queda mas que dar.

E logo se começárão as vesporas que forão muito solemnes, a tres choros, a saber: a capella do Bispo de Coimbra e a da Sertã com as da terra, e os instrumentos musicos de harpa, rabequinha, doçainas, e cornetas, ora com huma voz, ora com duas ou com tres, que parecia hum paraizo, e a Igreja que não cabia de gente recendendo em perfumes.

Acabadas as vesporas, se correo hum touro que foi muito bravo, o qual o senhor Devoto mandou dar aos toureiros que em hum momento o fizerão pedaços, mas não sem sangue de alguns por se quererem avantajar, que o touro ferio: mas quiz Nossa Senhora que nenhum perigasse.

E logo as danças, chacotas, e folias, trombetas e charamelas, e rodeando primeiro a Igreja, andárão por todas essas ruas fazendo festa e alegrando todos.

Crisp. Maravilhado estou de se poderem fazer tantas cousas em huma tarde, onde as vesporas e representação parece a tomarião toda.

Gal. Por isso se começárão logo em dando meio dia, que a Senhora abalou de S. Dinis, e com tudo ainda faltou tempo pera muitas cousas que de noite se fizerão de invenções de emmascarados vistos

das janellas que estavão cheias de gente, e de luminarias, alem das tochas que trazião todos os de cavallo, que todas se gastárão em muita parte da noite em carreiras por toda a villa.

E os musicos dando musicas té a madrugada com todos os instrumentos, cantando a todas as donzellas por toda a villa, que bem sabeis são aqui muito lindas, e certo que em huma corte, e vodas de hum grande Principe não pudera ser isto melhor.

E todos forão agasalhados muito bem, e providos abundantemente assim nesse dia como em todos, que não foi pouco poder-se acodir a tanto, e vos posso affirmar com verdade que nestes tres dias nunca houve tempo de dormir, com sempre haver tudo festas, e entre ellas muito comer e beber, sem o que ellas ficão perdendo muito de sua perfeição e gosto. E como ora he verdade, disse Crispo. Mas Galacio, e as do dia seguinte fique pera amanham, que são horas de vos ir repousar do cansaço do caminho.

DIALOGO DECIMO SEGUNDO

Continua-se com humas festas, e invectiva contra ciganos e vagamundos, e o remedio que isso teria, etc. E que sejão os çaloyos, com hum colloquio da Terra com o Ceo sobre a Assumpção de Nossa Senhora.

CRISPO.—GALACIO.—DEVOTO.

Crisp. Não pude tirar do sentido toda èsta noite a bella entrada que esta Senhora fez nesta villa, que me parece foi a mais devota e solemne que podia ser, e nunca tal a ouvi, por onde por me fazer mercê vos rogo senhor Galacio acabeis de me contar o mais.

Gal. Sou muito contente, pois mostrais disso o sereis, e por cuja a materia he.

Ao outro dia que foi Domingo, em amanhecendo (porque quasi se não deitou ninguem em cama) se deu logo ordem na procissão, assi por evitar a calma como para ficar tempo pera outras cousas: e da procissão vos não direi tudo por não cansar, se não que foi solemnissima e muito concertada. Diante muitas invenções, muitos emmascarados que por serem estudantes, e pessoas muito nobres, fazião milhares de cousas gostosissimas com mil ditos e chistes pera essas janellas, e pera todos de muito riso.

Em tres lugares acommodados, houve representações de entremeses muito apraziveis sobre argumentos e sentenças que vos não digo por acodir ao mais. E não tratando das muitas cruzes, e bandeiras de que a procissão ia ornada, levava muitas imagens de santos em suas charolas, e de meninos os martyres de Marrocos, e as Virgens santas de meninas lindissimas junto ao andor da Senhora com suas palmas na mão. E por dentro da procissão as chacotas, folias, danças de donzellas que dançavão extremadissimamente, vindo de quando em quando rodear o andor da Senhora com mil misuras, e o mesmo as duas pellas, e todas lindissimas. Posto que já erão grandinhas como digo, porque os machatins e tregeitadores ião diante.

E os tres choros de musicos cantando alternadamente com as charamelas, cornetas, e doçainos, que as trombetas lá ião tambem diante, e no fim a Senhora das Mercês no seu andor com coroa imperial na cabeça, e sem outro vestido, que o proprio da imagem, em hombros dos mesmos quatro cavalleiros de Christo com seus mantos brancos.

E diante da Senhora toda a cleresia com suas capas, e diante delles todos os padres do Convento de São Domingos, cantando todos á Senhora os cantares sagrados da Igreja.

E de quando em quando vinha o Rei David bailando cantar algumas prosas em lingoagem. E o mesmo fazia hum mascarado, que devia ser pessoa de sustancia pola que tinhão suas prosas, e por quam bem o fazia, posto que não pudemos saber quem fosse, pola grande multidão dos mascarados a pé e a cavallo que aqui se juntárão. E acabada a procissão se começou hum passo da Assumpção da Senhora aos Ceos desta maneira.

Estavão pera hum pedestal do arco do cruzeiro da banda da epistola feitos nove degraos largos, e espaçosos, que chegavam ao alto do cruzeiro cubertos de alcatifas, e outras sedas muito bem concertados, e no cimo delles hum Ceo por maravilhoso artificio feito de hum pavelhão de damasco azul que se abria por si, e cerrava, e nelle pegadas muitas estrellas. E ao pé desta escada havia hum cubiculo que sahia de debaixo della, donde sahio Nossa Senhora que era hum menino lindissimo com as mãos levantadas, acompanhada de dous Anjos, e em cada degrao estavão outros dous Anjos defronte hum do outro. E posta a Senhora ao pé da escada, e querendo poer o pé, fallárão logo duas figuras, huma em nome do Ceo que estava no primeiro degrao, e outra afastada em nome da Terra, ambas vestidas em modo que bem o assemelhavão; e a Terra disse:

TERRA

Alto Ceo, por bem vos seja
Este bem que me levais:
Quam bem hoje vos vingais
De vossa passada inveja
Nesta que me ora deixais.
Ninguem mereceres nega
Thesouro tão rico e bello:
Mas a magoa de perdel-o
(Se a confessar isto chega)
Chegar não pode a sofrel-o.
Que farei á saudade
Vossa, divina Maria?
Com quanta razão temia
Faltar-me tal claridade
Quando mais nella me via.
Is-vos de mim, meu fiel
Emparo, podeis deixar-me?

De vós não posso queixar-me
Do Ceo si: pois tão cruel
Me vos deo pera roubar-me.
O summo bem que em mi tinha
Tudo brando me fazia,
E se a dor me combatia
Tinha mais perto a mesinha
No emparo de Maria.
Agora tão desditosa
Que faça não sei por certo:
He meu nojo descuberto
Pois me leva o Ceo tal rosa
Pera eu ficar hum deserto.

CEO

Terra em que tua inveja
He tão justa como a minha;
Eu porém mais razão tinha
Na falta que em ti sobeja
Com me reter tal Rainha.
Honra-te do beneficio
De a teres tão barata;
No passado a inveja mata,
Pois vês ser minha ab initio
Ante secula creata.
Ante secula creata
Sem mais temporalidade,
Principio foi a vontade
De Deos pera ser gerada
Sem idade a sua idade.
Pelo que, Terra, excluida
Da queixa torna-te atrás,
Com eu guerra me farás
Terra baste estar subida
Por ella onde hoje estás.
Nesta joia que me deste
Tambem a ti sobreveio
Novo gabo, e sem meio
Pois dirás que em ti tiveste
Os bens de que eu estou cheio.

TERRA

Ceo, tamanha saudade
Não se acaba onde sobeja;
Pois he forçado que veja
Que não pode essa vontade
Fazer amor que o não seja.
Minha gloria, minha gloria,
De mi ao Ceo traspassada,
Bem estais nelle empregada.
Mas magoa-me a memoria
De vós vendo-me apartada.
Embora vades Senhora
Que tanto deseja o Ceo,
Em que o modo se excedeo
Dando Deos mais a penho,
Do que em Eva se perdeo.
Recebei Ceo, tende charo
O bem que meu ser sohia:
Fazei-lhe tal companhia
Que se entenda, e veja claro
Quanto ganhais com Maria.

E logo o Ceo disse pera a Senhora estando perto dos Anjos desta maneira:

CEO

Entrai nas posses divinas,
Que convem á honra minha
Terem Anjos tal Rainha,
E ter eu almas tão dignas
Em corpos que antes não tinha.
Estas chaves vos entrego
Pelo que a homens importa,
Que Deos tudo em vós reporta
Pera que me abrais não nego,
Pois sois felix cœli porta.

E fallando com os Anjos:

Anjos, pois, começai já
Louvar vossa Emperadora.

GABRIEL

Ave Maria Senhora
Quero-vos saudar qua,
Como na terra fiz outrora.
Não foi a troca pequena
Deixar vida transitoria,
Por esta que com vitoria
Vos recebe gracia plena,
Pera ser cheia de gloria.
De graça cheia comnosco
Vos teremos por coroa,
Nesta entrada tão boa,
Dominus tecum, comvosco,
Tereis a Deos em pessoa.
Vede pelo que já vistes,
Se ficou de effeito nu
Em conceber a Jesu,
Lá Virgem quando o paristes,
E qua benedicta tu.

E dando-lhe huma palma:

Esta palma por ser forte,
Senhora vos he devida:
Vossa he, pois não vencida
Já triumphastes da morte,
Que venceo a mesma vida.
Benta Joia hi por diante,
Não se impida vossa via.

E pera os Thronos:

Thronos, recebei Maria,
Recebei-a triumphante,
Com prazer, e alegria.

THRONOS

Com que sinaes de prazer
Senhora vos mostraremos
O bem que comvoscó temos,
Se não com nos parecer
Que he pouco fazer estremos.
Virgem cheia de pureza,
Livre de todo peccado,
Pois de vós foi sopeado,
Entrai em titulo de Alteza
Que vos dá o vosso amado.
Tomai pois, Senhora minha,
Aquesta offerta de mim,
A vós vem como a seu fim,
E he bem que a tal Rainha,
Thronos lhe dem o coxim.

E subindo outro degrao lhe offerecerão hum coxim de veludo, guarnecido de ouro, e posta a Senhora nelle disse hum Throno pera as Dominações ò seguinte:

Dominações, a vós passa
O prazer de mão em mão:
Quem prendera esta razão,
Que não fora tão escassa,
Do que seus gostos nos dão.
Passai Senhora, mui clara,
De rever-me em vós não acabo.

E logo as Dominações:

Chegai Virgem, que a vós gabo,
Que vosso chegar não para
Se não n'um cabo sem cabo.
Salve, Regina Senhora,
Termo da velha discordia
E principio da concordia,
Que a justiça vingadora
Tornastes misericordia.

Por vós, e a vós suspirando
Mil annos ha temos posto
Mil espias a este gosto,
Té assomar este quando,
Com a manham desse rosto.
Pois tendes lugar segundo
Deos consente ser assim
Que vos coroem aqui,
Pois sois Senhora do mundo
Ex hoc nunc até o fim.

E pondo-lhe logo huma coroa na cabeça disserão pera os Principados:

Principados, porta aberta
Recebei hospeda tal.

PRINCIPADOS

O' mais pura que cristal,
Vossa vinda he descuberta,
Na luz que em vós deu sinal.
Não passeis, alta princeza,
Sem honrar o nosso choro,
E pera isso vos penhoro,
Com ter vossa humilde alteza
Em principados seu foro.
Ditosa foi a tardança
De tal bonina no matto,
Entre espinhos e mao trato,
Porque hora nossa esperança,
Mais estime o não barato.
Encheis o Ceo de alegria
Gloria delle, honra da terra;
O sol seus raios encerra,
Vendo em vossa luz Maria,
Luz que sua luz desterra.
E pois ter-vos mais não impetro
No caminho que a Deos segue,
Tal Magestade não negue
A mão a este bom sceptro
Dino que nella se empregue.

E dando-lhe na mão o sceptro, disse virando-se pera as Virtudes:

Virtudes, lograi-vos já
Deste bem que a nós fugio:
Quem na terra vos servio,
Senhora no Ceo será,
Do que por vós adquirio.

E logo hum Anjo das Virtudes disse este soneto:

VIRTUDES

Tres nomes nos trazeis por novidade,
Senhora entre as mulheres só ditosa,
Tres nomes que não podem achar grosa,
No Ceo pera vos dar mór dignidade,
Sois mãi do Verbo, esposa da Trindade,
Ser mãi não vos tirou ser venturosa,
Parindo virgem, virgem sendo esposa,
Pera ser virgem e mãi em igualdade,
Nós Virtudes, que em vossa alta morada,
Lá vivemos na terra e cá estamos,
Mui honradas por vós com mil favores:
Que vos daremos, Virgem, nesta entrada?
Com que a vossas graças respondamos,
Se não estas em vós divinas flores?

E dando-lhe logo hum lindissimo ramalhete disserão:

Ditosa vinda que encerra,
Em vós, Virgem, tal tropheo,
Que na pureza e no veo
Os Ceos levastes a terra
E trazeis a terra ao Ceo.
Passai Senhora adiante,
A móres prosperidades.

E virando pera as Potestades:

Angelicas potestades,

Fazei festa que discante
Sobre estranhas novidades.

POTESTADES

Vinde, thesouro da vida,
Rainha mui poderosa,
Tão bella quanto fermosa,
Fermosa quanto querida,
Tão querida e gloriosa.
Tal sois Virgem, por nobreza,
Neste vosso subimento,
Alta em tanto comprimento.
Que sois cedro na grandeza,
Cypreste em merecimento.
Sois o cume da prudencia,
Castello forte em bondade,
Murado de castidade,
Fundado na paciencia,
Com as cavas de humildade.
Sois a vara de Jessé,
Em a mão de Deos florente
Sois em charidade ardente,
Viva tocha em mãos da Fé,
Que vê passado e presente.
Pois tal sois, esta cadeira
As Potestades vos dão,
Dada conforme a razão,
Que quem na terra foi inteira
Merece tal galardão.

E logo hum Cherubim, e Seraphim, lhe apresentárão huma cadeira rica, e a elles disse um Anjo das Potestades:

POTESTADES

Cherubim, Seraphim de novo,
Mostrai vossa melodia,
E ambos em companhia,
Conforme cortezão povo,
Realçai nossa alegria.

E assentada a Senhora na cadeira, olhando o Cherubim, e Seraphim hum pera o outro, cantarão este

SONETO

Cher. Quem he esta que com suave cheiro
De virtudes subindo poem espanto?
He Eva? *Seraph.* Não, mas quem seu pranto
Acaba: e livra Adam de cativeiro.
Cher. Quem tinha a terra d'um ser tão inteiro?
Seraph. Esta a quem o Ceo hoje deu tanto:
Cher. Seu nome? *Seraph.* Maria o mais santo:
Cher. Que lugar? *Seraph.* Despois de Deos he o primeiro.
Cher. Esta he Maria, sobre os coros subida,
Inda quasi o duvido porque engana,
Vel-a da terra vir, e ser tão dina.
Seraph. He dina pois de Deos foi escolhida,
Cher. Porque da terra vem? *Seraph.* Porque he humana.
Cher. E porque sobe ao Ceo? *Seraph.* Porque he divina.

Estando assi a Senhora no alto assentada na cadeira rodeada de Anjos, se tocárão os instrumentos, e os musicos cantando suavissimamente se foi abrindo o Ceo muito devagar, que quasi se não via, e foi pouco a pouco cubrindo a Senhora, que ficando dentro com os Anjos se cerrou por maravilhoso artificio.

E logo se começou a missa, que se cantou ainda com mais solemnidade que as vesporas, e porque faltava o tempo foi a pregação breve, e o senhor Devoto commungou a esta missa, que acabada, houve no meio do cruzeiro hum volteador, e hum tregeitador que fez maravilhas, e logo dançarão todas as danças juntas, e cada donzella por si, e o mesmo as pellas, e tudo diante da Senhora.

Pelas duas horas se representou huma comedia cujo argumento foi hum fidalgo que com salteadores se fez salteador, a fim de livrar a seu pai da morte, como livrou com prizão de todos os salteadores, em que houve muitos enredos, e entremeses de muito gosto.

Após isso se correrão os touros de pé, que forão muitos, e muito bravos, e houve muitos toureiros afamados que fizerão sortes maravilhosas, a quem o senhor Devoto logo convidava com muitas patacas, e houve muitos emmascarados.

E mais á tarde sahirão dous toureiros a cavallo, Bertolameu Sotil da

Golegã, e Jorge Antunes, cavalleiros muito nobres que sempre andárão mui concertados fazendo arriscadissimas sortes, entre as quaes furtando Jorge Antunes o cavallo n'uma volta quando cuidámos que o touro o levava nos cornos, deixando-lhe por entre elles metido o remessão no cachaço, com hum pedaço delle mais de huma vara por onde quebrou, ficando o touro feito Unicornio com grande festa de todos, e o cavalleiro com o pedaço da lança na mão fazendo sortes muito galhardas. E elle não menos galhardo e gentil-homem, e as charamelas, trombetas, e atabales estrugindo os ares e os ouvidos, té ser já noite. Na qual da mesma maneira se continuárão as musicas, e folgares por toda a villa.

E o outro dia terceiro da festa, houve da mesma maneira missa solemne por obrigação da confraria de Nossa Senhora, e outra procissão com a mesma Senhora por outras ruas que vão dando volta á Igreja, e por esta deveza onde estamos, e com toda a pompa do dia atrás, levando o senhor Devoto diante a Cruz da dita confraria por sua devação. E na Igreja houve as mesmas danças, e á porta hum volteador, que em huma corda fez cousas que parecia hum espirito malino, e o mesmo fez o tregeitador.

Á tarde se jogárão as canas nesta deveza, que como vedes he lugar pera isso o mais apto que pode ser, por quanto os touros, e tudo o mais se fez no adro e praça, onde se fez hum grande terreiro, pera que as festas ficassem defronte da casa da Senhora, e como em seu terreiro do paço.

E estas canas forão oito cavalleiros contra oito ricamente vestidos, e em bons cavallos ricamente enjaezados, que dando vista primeiro a toda a villa com sua trombeta bastarda, diante atabales, e charamelas, e as canas em duas azemillas com bons reposteiros, e entrárão todos por ordem nesta deveza, e recio, onde postas as charamelas a huma parte com os atabales; oppostas as trombetas, e dando os cavalleiros huma assaz fermosa e alegre vista, porque estava já o recio cheio de gente, e as janellas que não cabião com muitas damas, e muitos outros palanques, e recebimentos sobre todas estas paredes destes quintaes.

Mas os cavalleiros passando primeiro o campo, e corridas de dous em dous suas carreiras, se apartárão os oito contra oito, e começárão o feito destrissima e airosamente, por todos serem pessoas mui destras e costumadas a cousas taes.

Estava o campo demarcado com quatro vergueiros altos e frondosos, com sua rama verde dous de cada banda oppostos a outros dous, e como este plano he tambem verde, e a sombra destes estendidos

carvalhos cobria já tudo, puderão fazer como fizerão maravilhas sem pó, sem sol, cavalleiros e cavallos, convidados da commodidade do lugar, e brandura do campo.

E acabadas as canas escaramuçárão de dous em dous sem lanças, e com espadas, e adargas, e logo com lanças: e correrão muitas carreiras, té que o senhor Devoto se meteo no meio pera virem ver representar huma famosa comedia.

No adro defronte da Igreja, onde já a sombra vinha cubrindo se armou hum theatro em cima de quatro tinas com vigas e taboas, e ao redor delle cadeiras, e os bancos das Igrejas, e as janellas e telhados cubertos de donzellas, e de moços, e outras molheres, que todos se tinhão vindo das canas. Onde se representou a comedia de Lope da Vega intitulada Dom João de Haro, la ocasion perdida, excelentissimamente, porque as figuras erão mancebos nobres e estudantes de muita habilidade, e o bobo, e outras figuras forão buscadas de diversas partes, e de tal maneira o fizerão, que afirmárão muitos o não puderão fazer milhor os mesmos mechanicos do officio.

Porque tambem os ornamentos, e trajos erão muito bons, trazidos pera isso de Lisboa, que he o que dá muita graça, e perfeição a estas cousas, e se acabou a comedia mais de huma hora, ou duas da noite, pera o que se puserão quatro tochas nos quatro cantos do theatro, e veio isto a cahir muito a pelo como dizem, e a proposito, por quanto o argumento da obra se acaba em auto de amores que se trata acontecerem de noite, entre a Princesa de Bretanha e el-Rei Dom Sancho de Lião, que com ella entrou sem nenhum delles saber quem o outro era, e se vierão acaso a descobrir Reis; perdendo Dom João de Haro a occasião por lealdade, e por isso se chama a—occasião perdida.

Ao quarto dia destas festas fomos todos pola manhãa dar graças a Nossa Senhora, e logo se começou o auto do dar dos premios, que foi com grande magestade e concerto, pera o que no mesmo palanque da comedia se puserão tres cadeiras de brocado, e nella os tres juizes, (que já vos disse) com hum bufete diante cuberto com seu pano de damasco cramesi franjado de ouro, e nelle hum prato grande de prata, no qual estava a cadeia de ouro, e anel, e muitos pares de luvas, e de huma banda do bufete as muitas fitas de cores, e pera a outra muitas çapatas, e encostado ao theatro diante dos juizes o remessão com seu guião.

E posta a argolinha de prata na corda preza a dous vergueiros verdes, correrão os cavalleiros todos por ordem sua carreira pera a argolinha com o mesmo remessão que se dava por ordem dos Juizes. E

corrida a carreira, logo o cavalleiro com muita cortezia beijando o remessão o tornava a seu lugar, donde se ia entregando a outro, e desta maneira forão correndo todos cada hum tres carreiras; as quaes acabadas rodearam todos o theatro, fazendo diante dos Juizes huma meia lua. E em cima do theatro estavão assentadas todas as donzellas das danças, e as pellas todas da mesma maneira em que dançaram.

E começando por ellas os Juizes as foram chamando huma e huma, e gabada primeiro de fermosa linda, e airosa, se lhe dava primeiro sua vara e meia de fita, e logo suas çapatas. E desta maneira as forão alegrando todas com grande prazer de todos. E o senhor Devoto dandolhes os agradecimentos da mercê de lhe honrarem a sua festa com muitos gabos e palavras, e feita sua mesura se tornavão asentar em seu lugar.

Logo os Juizes virando-se rindo perã os cavalleiros, se chegárão primeiro os naturaes da villa, e disserão aos Juizes que elles não querião cousa alguma dos premios, nem outro maior, que a honra e gosto que todos receberão de todos aquelles cavalleiros em virem honràr esta villa, e em particular ao senhor Devoto a quem todos desejavão dar gosto. O qual a uns e outros disse, que beijava as mãos, pola mercê, pera elle no estremo grande.

E os Juizes a todos, que inda que qualquer delles cavalleiros o fizera tambem, que pudera com muita razão pretender, e deverem-selhe maiores premios, com tudo como era cousa de Nossa Senhora, que em seu nome davão, a saber.

A Jorge Antunes da Golegam, pelas sortes dos touros a cavallo, a cadeia de ouro, que logo hum dos Juizes lhe deitou ao pescoço, chegando-se elle a cavallo ao theatro, e hum anel com hum rubi.

Bertolameu Sotil da Golegam, o remessão com seu guião, conto e gazua de prata, que logo lhe meteo na mão, e outro tal anel.

A Francisco de Moraes de Coimbra, as luvas de ambar, e a mesma argolinha.

A Antonio Gomes Colaço de Coimbra, as luvas de polvilhos.

E repartindo as mais luvas pelos outros cavalleiros, todos se houverão por mui contentes.

E logo derão o corte do gibão a hum dos toureiros, cujo nome me não lembra, o qual duas, ou tres vezes se escapulio dos cornos do touro como por milagre.

Acabado este auto que se fez com muita solemnidade, e com charamelas, e trombetas a cada premio, se começárão a correr os patos na mesma corda da argolinha, os de cavallo. Mas a poucas carreiras

se atravessárão os emmascarados que os correrão, hora huns em cima de outros, hora em cavallos de canas, e com mil festas se foi acabando esta; em huma luta que ainda ficou pera a tarde.

Em todas estas festas destes quatro dias andárão doze homens sempre a cavallo, com mascaras de tafetá negro sem nunca se descubrirem, e pousárão nas estalagens sem quererem aceitar outras pousadas que se lhes offerecerão, e se suspeitou serem senhores de titulo, Condes ou Marquezes.

Crisp. Razão tiverão esses senhores, e os muitos que dizeis aqui se achárão nestas festas, porque forão ellas muito pera se ver. Porém ainda me parece vos ficou por contar, huma dança de ciganas que eu encontrei no caminho.

Gal. Outras cousas fóra dessa, deixei eu por serem miudas, como huma fonte de vinho, que o senhor Devoto mandou pôr á nossa porta, que de cima corria em huma bacia por huma penna, onde estava huma taça de prata com guarda, e bebião quantos querião. E quanto ás ciganas não as quiz aceitar nesta festa o senhor Devoto, antes as despedio, e elle dirá o porque.

Dev. Tenho tamanho aborrecimento a essa gente, que nem esmola á porta quero se lhes dê, por os ter por indinos della.

Crisp. Disso me maravilho eu muito, porque a esmola dada por amor de Deos, ainda que seja a indino não deixará de ter seu merecimento, por donde se deve dar a todo o necessitado, ou que mostrar sel o. E ainda que o não seja basta ser por amor de Deos.

Dev. Bem sei que a esmola, conforme nella foi o intento, e caridade terá seu merecimento. E quem a pudesse dar a todos por amor de Deos faria bem, quando isso não fosse occasião de peccar, ou de não deixar o peccado, que o sol a todos alumia, porém quem não pode se não limitadamente, parece a deve antes de dar, ao dino, que ao indino, quaes são quasi todos estes ciganos, ladrões, salteadores, matadores, sem lei, nem temor della: e ellas ladras, feiticeiras, inquietadoras da honestidade das molheres, e fazendo-as mal parir. Embaidoras que por dois vintens, ou dous pães, não duvidarão trazer á vossa escrava ou criada a peçonha, e o mesmo solimão pera matar seus senhores, e enganar a simples donzella com nome de mesinha pera o outro casar com ella. E ainda á casada, a titulo de o marido lhe querer bem, lhe dão com que os coitados vão ao outro mundo fazer a experiencia da mesinha, ou ficão pera nunca mais prestar. Então a descarga disto he, que digão que o marido era hum amancebado, e andava toda a noite, e que disso morreo assi mal.

E sabe Deos, e suas proprias molheres o como, e auzadas, a quantos isto cada dia acontece. E seja verdade que todos somos peccadores, estes o são por officio, e por carta, e delle se mantém. E os que introduzirão em Portugal mil feitiçarias, e males que nelle não se sabião. Por onde eu aconselharia a todo homem, que evitasse o fallar qualquer cousa sua com esta gente, nem ainda zombando ou com achaque de bonadicha, muito mais cautelosamente, e com mais rigor que com hum ferido de peste, e falo de sciencia certa. E he de notar, que se hum nosso Portuguez vai ser morador em outro Reino, em poucos annos logo falla a lingoa desse Reino, e seus filhos já nella e em tudo o mais como naturais mesmo da terra. E esta gente com haver tantos centos de annos que Hespanha os agasalhou, que quasi elles mesmos não sabem de que nação, ou reino procedem, porque sendo Gregos que se vierão fugindo dos Turcos, se fazem Egypcios, ou Gitanos. E pelo contrario, e sendo Chaldeos, como diz Jacobo Philippo Bergamate no seu livro, *Supplementum chronicarum,* que de certos povos chamados Zigaros, se sahirão a encher toda Europa; porém que nenhures os consentem mais de tres dias, pola sutileza de seus furtos, e que por essa causa os Venezianos, e os terem por suspeitos os lançárão de todas suas terras, e que nunca deixárão a sua lingoa Chaldea, que deve ser a que lhe ouvimos falar, e parece são estes de Portugal. Os quaes dos Zigaros se chamão Ciganos, que he o mesmo. E o não perderem nunca a sua lingoa, não foi por certo pera nella se lerem e usarem dos livros catholicos, ou de sciencias e artes que trouxessem boas, se não pera melhor intelligencia de suas malas artes, latrocinios, e embelecos, ou enganos, porque usando tudo isto como usão por officio os não possamos entender. E nós tão cegos, e descuidados, que ninguem attenta nisto: falo dos que governão, que o puderão remediar, e vendo-o, e palpando-o cada dia e cada hora a nossas portas, e dentro de nossas proprias casas, passão por isso. E não sei como os conselheiros dos Reis, e os que governão as Republicas desvelando-se tanto em novas prematicas sobre ninharias, não buscão remedio a cousa tão importante como fora não estar Portugal e Hespanha toda criando em suas entranhas estas lombrigas, ou digo viboras que o estão roendo de continuo por todas as partes de seu todo. Agasalhando-os Portugal, vindo perseguidos dos Turcos, usão tão mal desse gasalhado e beneficio.

E pudera isso ter muito bom remedio, embarcando-os divididos pera o Brasil e Angola, e outras nossas conquistas, e agora pera a nova povoação do Maranhão poucos a poucos em cada navio que fosse, e se

irião acabando de sahir do reino, ou delles estes máos costumes: e quando isso não parecesse, fazendo-os viver dentro no meio das cidades repartidos pelo reino, vedando-lhes o uso do trajo, e da lingoagem, e o sahir fora das cidades e villas. O que he muito importante, e mais essencial, e obrigando-os a officios com tenda sua, ou obreiros nas alheias. E que não fossem ferreiros, que só usão a fim de fazer gazuas, e instrumentos de roubar. E a ellas o mesmo a officios, ou vender em tendas, ou polas ruas, e outros exercicios, com o que ou outros remedios, se lhes atalhasse o furtar, e outros maleficios. E o pedir esmola que aos pobres se deve necessitados (que ha muitos nossos naturaes) e não a elles que podem bem com trabalhar remediar sua vida. Pois a verdadeira caridade deve começar por nós mesmos, e pelos mais chegados nossos.

Crisp. Nem por isso deixaria de haver outros ciganos, como ha naturaes, que por se darem a boa vida se lanção a pedir.

Dev. Tambem esse he hum grande descuido dos que governão não atalharem a essa desordem com algum remedio.

Crisp. Não deve de o ter, pois té agora se lhe não deu.

Dev. Não he essa boa consequencia, que cada dia vemos dar-se, e achar-se remedio a cousas, que a nossos maiores não passou por pensamento. Quanto mais que leis houve, e ordenações excellentes sobre isso, que já não se praticão, nem se guardão. E puderão as Republicas, ou os Reis criar magistrado, ou tribunal só pera isso, dando-lhe leis e regimento. Pondo-se os coxos a officios que não hão mister pernas, como sapateiros, alfaiates, ourives, e outros, e os cegos nas casas dos ferreiros, tanger os folles, rodas de esparteiros, cordoeiros, cirgueiros, lapidarios, e outras rodas, e na ribeira das náos a puxar por cordas, e o mais que ali ha. E os aleijados de mãos, conforme o aleijão, porteiros de concelhos, e em portas de fidalgos, pastores, egoarisos e caminheiros. Aplicando a todos o exercicio, e trabalho de que se manter conforme sua sufficiencia, tirando-os das tavernas que destes de continuo estão cheias, obrigando alternadamente aos officiaes servirem-se delles, e pagar-lhes, ou mante-los (como dizem o fazem na China, e mandando vir de lá essas leis, que dizem são excellentissimas em muitas cousas; que as leis em todas as idades se buscárão, e passárão de huns Reinos a outros pera tomar dellas o mais conveniente). E guardando-se com rigor não se cortarião muitos os braços a si mesmos com a cobiça de pedir, e nem cegarião muitos pais os filhos meninos acinte pelos lançar a pedir (como se diz por cousa certa o fazem em certos lugares) nem se farião outros a si mes-

mos outras aleijões, e chagas com este intento. Nem andarião tantas molheres pera sustentarem o máo estado em que vivem, de dia, e de noite pedindo, lamentando-se com huma voz muito lastimosa, e toada muito prolongada, como tudo, e outros mil excessos cada dia vemos. E passão com toda a liberdade, e a seu alvedrio de cada hum.

E da mesma maneira se puderão poer as molheres a officios, e exercicios convenientes, e acommodando-as por casas a servir onde estivessem recolhidas, que he vergonha ver isto, e ellas logo se darem a esta vida calaceira de pedir com seus capelos, e bordão, sem haver quem acuda a esta calaçaria, se quer por rezão de estado.

E desta ou de outras maneiras, mandando-se o primeiro com todo o rigor que ninguem pudesse pedir sem expressa licença do tal tribunal ou magistrado. E com trazer essa tal licença ao colo escrita em taboas, e com letras muito grossas e de forma, não haveria tantas desordens, e peccados mortaes, como ha, nem tantos males, e haveria bastante esmola pera quem direitamente pertence; e não padecerião os necessitados nobres, e envergonhados tantas necessidades. E muitas vezes extremas, por estes velhacos lha usurparem, e tyranisarem; e nas igrejas mais quietação pera as pessoas se poderem encomendar a Deos, vedando-lhes o pedir dentro, e o dar a esmola dentro, pois basta pedirem-na á porta.

Crisp. Deixemos os pobres ciganos, e ir as cousas por onde vão, que nós não havemos de governar, nem emendar o mundo. E pois o senhor Galacio me fez mercê festejar-me tanto esta tarde, e vós de me haveres de dar algumas, juntemo-nos aqui ámanhãa, donde poderemos ir dar quatro passeios por recreação, refrescando-nos por essas fontes, e sombras.

Dev. Assim seja, e adeos.

Gal. Quão acertado he procurarem os homens vá diante delles, onde forem, boa informação, como aconselha o Conde Baltezar Castilhione no seu livro do Cortezão! Porque como o homem seja hum pego sem fundo, e que nunca de todo se pode vadear, ao contrario das cidades, e fabricas, e ainda deste vosso sitio, que logo com a vista se pode perceber o que he, sempre pola boa informação se presume do homem alguma cousa conforme a ella, e digo isto porque ainda que este vosso amigo Crispo tratou de tão poucas, com tudo pelo que delle me dissestes me ficou parecendo homem entendido, no pezo de suas palavras e geito, ainda que seja o que for.

Dev. Por tal o tive eu sempre, e nestes dias que o trataremos, o podereis enxergar. Mas vedes ainda ali vai o cigano da luta, não sei que diabo andará ainda aqui fazendo.

Gal. Espreitará alguma occasião de algum salto pera dar aviso aos outros lá pola sua lingoagem Chaldea, pera tornaram de noite a executal-o como costumão. E foi muito como agora dissestes nunca perderem esta sua lingoagem Chaldea em tantos tempos, e tantos centos de annos, como nem os Judeos a contumacia das cerimonias Judaicas, ao contrario dos Gentios e Mouros, misturados comnosco como estes andão, que de tal maneira perdêrão a memoria de huma e outra cousa, que a não ha já entre elles, nem entre nós de sua progenie, mais que só do nome hum rasto, em tanto que ficando em todo o termo de Lisboa, quando foi tomada aos Mouros, os mesmos Mouros por moradores que dantes erão; nem podia ser menos, que hum Rei de tão pequeno Reino, com que começou tamanhas conquistas que foi povoando, pudesse ter povoadores pera tudo, de puros Portuguezes, e mais ficar com exercito bastante.

Pois nem os Reis Catholicos, na conquista do Reino de Granada, o puderão logo povoar, sendo já senhores da maior parte de Hespanha, e por isso deixárão os mesmos Mouros, nos mesmos lugares em suas fazendas, com pagarem o mesmo que dantes pagavão aos Reis Mouros, e a estes chamavão mudejares, que quer dizer tributarios. E o mesmo se fez no termo de Lisboa, deixando el-Rei Dom Affonso Henriques (como se diz na sua Chronica) ficar os Mouros delle em suas fazendas e lugares, pagando o mesmo que aos seus Reis Mouros, que he o quarto de todas suas novidades, como vedes hoje o pagão, e a estes chamavão, não mudejares como os de Ronda, e Granada se não çaloios, que era nome mais nobre respeito delles, que quer dizer gente da Çalaa, e daquella ceita de Mouros, e o mesmo foi no Reino do Algarve, em tempo del-Rei Dom Dinis. E o que entre nós significa Christão, seja Portuguez, ou Italiano ou d'outra nação, he entre elles miscelania, de maneira que çaloio quer dizer Mouro. Não por ser de Mauritania, se não de aquella ceita, por onde estes çaloios não ha duvida serem e procederem destes que el-Rei Dom Affonso Henriques deixou por todo o termo de Lisboa, e logo tambem o mostrão, porque são muito barbaros, porém de tal maneira se forão fazendo christãos, e esquecendo sua progenie, que nem memoria ha disso mais que a retenção do nome de çaloios. E o mesmo será de algum rabisco que ficasse dos Mouriscos que el-Rei Filippe III de Castella deitou della, o anno 1609, por se quererem rebelar. O que estes ciganos nunca esquecêrão, nem a lingoagem, e tudo pera máos fins. E por descuido nosso, como nem os Judeos aquelle ruim saibro da lei velha, da qual elles pola maior parte não sabem nada.

E ainda que destes çaloios ficassem poucos, desses poucos se estendeo o nome a todos do termo de Lisboa; como os ratinhos, que sendo o concelho de Rates huma só freguezia de quatorze ou quinze lugarinhos, ou aldeias, e estes sós sejão os ratinhos, delles se estendeo o nome a quasi toda a Beira, que quer dizer bordas do mar. E a outras comarcas. Como do Lacio, que erão pouco mais de outros tantos lugares no territorio de Roma, se estendeo o nome e a lingoa latina a toda Italia, e della a outras provincias remotas, qual era a nossa Hespanha, onde se veio a falar antigamente essa lingoa, a que chamavão falar em romance como quem diz falar romano.

DIALOGO DECIMO TERCEIRO

Descreve-se o reino e corte del-Rei Arunce. Os amores de Escalor com Iris. E os de Petronio e Zacor com Peralta. A vida do hermitão santo, com a natureza de algumas fontes.

CRISPO. — GALACIO. — DEVOTO.

Dev. Apostarei que esteja já lá na deveza meu amigo Crispo que he mui pontual, e não faltará por nenhum caso ao que hontem ficámos.

Gal. Que chamaes faltar? vedel-o que se levanta, que parece nos vio já.

Crisp. E ouvio, e ha pedaço está aqui esperando vossas mercês pola sede de sua vista, e conversação.

Dev. Certo, senhor Crispo, vos temos inveja a este bem de que gozaes de continuo da frescura, e deleite deste lugar, e não sei se o sabeis conhecer, e cuido realmente não haver d'outro tal dentro de huma villa ou quasi como este está, porque deixando estas sombras frias, e esta herva verde e viração fresca o vejo atravessar de continuo de tantas Nimphas moças lindissimas, encrespadinhas, e bonitamente ataviadas, alvas, e coradas que he o primeiro attributo seu ordinario, e de olhos pretos e azues, com outras graças de que são dotadas té as de cantaro com seus pucarinhos em cima, de que cada hora lançaes mão, e vos aproveitaes de agoa tão fria, e tão excellente. He tambem acommodadissimo aos jogos de canas, que tantas vezes no anno aqui tendes com outras escaramuças, e folgares á vista de tão bellas damas como aqui vos vem ver de todas estas janelas, e quintaes que parece cercão todo o sitio com ser tão capaz, e grande, que hum mosquete não sei se alcançaria de hum cabo a outro. E o mesmo ver-vos nos vossos jogos de choca, que aqui no inverno quasi cada domingo jogaes trinta com trinta e mais, e menos, e solteiros contra casados, e com trombetas, e premios, a quem, ou a quaes metem primeiro tres vezes a choca pola boca daquella rua debaixo, ou pola de cima que faz a estrada de São Sebastião, cavada que parece outra rua. E huma batalha muito pera ver por muito pelejada, pera o que tudo he este o mais acomodado lugar que se pode desejar. Deixo as lutas, as danças, os cantares: são as malhas do centeio que aqui se fazem huma cousa pera se vir ver de longe por muita recreação, oito contra outros oito d'outra banda, ou dez a dez, ou menos, com os mangoais a compasso, huma pancada junta de todos levantada, e outra cahida no mesmo lugar, mostrando cada qual sua força, e qual ella seja se pode bem ver, pois o tom dessa pancada no chão a sentem os que jazem desviados

mais de dez, ou quinze passos, como que treme o mesmo chão, e se ouve longe cousa de duas legoas e mais. Por onde digo vos tenho inveja, e quisera poder fazer aqui minha habitação, e não me ser tão forçado como sabeis tornar-me pera Lisboa, onde tenho minha vivenda.

Assim he, respondeo Crispo, considerando bem o que dizeis, mas nós pelo costume, e porque tambem o que se possue não se deseja, parece não fazemos caso disso, porém quando himos a essa vossa cidade ou outras, então conhecemos isso que acabastes de dizer; e por isso nos desejamos logo no caminho, que hum dia de lá nos parecem centos.

Mas o que dissestes das damas, e ainda as moças de cantaro serem quasi todas lindas, alvas e coradas como de ordinario o são, cuido que he pola delgadeza dos ares e frescura da terra, e deste sitio, e de ahi devêrão nascer as fabulas que se contão deste lugar, e deveza, e de alguns outros deste mesmo sitio ao redor. A saber, que os fadou huma fada que aqui habitava, e que esta se chamava Venus, e que ellas fossem lindas e fermosas, por se dizer que a mesma fada era tida, e venerada desta gentilidade de então pola Deosa da fermosura. E que defessou este lugar só pera estes jogos que dissestes, e outros semelhantes. E que por isso lhe chamárão, como ainda hoje chamão, a defeza de Venus, ou deveza como vedes, com outras mil patranhas, que seria longo e nunca acabar contarvol-as.

Gal. Por vida vossa, senhor Crispo, por nos fazer mercê que nos conteis tudo o que disso vos lembrar, e passaremos neste entretimento esta tarde, e agora nestas horas me lembrou ouvir já alguma cousa disso, e pois veio agora a proposito vos rogo queiraes dar hum esfolagato á memoria: do que o senhor Devoto deve tambem receber gosto e recreação.

Dev. E mercê muito grande, que o senhor Crispo nos fará nisso.

Crisp. Não sei, se poderei enfiar a fabula como a ouvia sendo muito moço a meu bisavô que tambem se chamava Crispo como eu: de quem me ficárão alguns papeis tocantes ao proposito, em versos, e trovas; inda que muito esperdicei como moço, e que nem os entendia nem estimava, que despois senti muito perdel-os, mas pois mostraes disso gosto procurarei satisfazer-vos no que puder. Porém pera melhor podermos falar, e ouvir-nos o senhor Devoto, vamo-nos passeando té á fonte da Mogueira, que já estou melhorado dos pés, e iremos por entre aquellas hortas, e prados té a pedra da fatta, donde veremos este nosso soberbo Rio Zenzere, pois de todas estas cousas, e

outras ha que fabular e contar, e quiçais venha a dar alguma no vosso escudo.—Vamos nas boas horas, disserão

Dev. e *Gal.* Que nos fizestes crescer tanto a sede, que quizera já beber a fonte toda, onde nos levaes, não da agoa posto que muito fria seja, se não de ouvir-vos todas essas cousas.

Crisp. De huma e outra beberemos, que já imos perto. Que vos parece do sabor desta agoa?

Gal. Maravilhosa.

Crisp. Pois eu tenho por muito melhor a da fonte da Ronca.

Dev. Outro dia iremos fazer dellas experiencia.

Crisp. Aldemenos pera criar herva he esta da Mogueira a melhor que eu nunca vi, e cuido deve ter alguma certa virtude occulta, pera este effeito, como outras pera outros, que parecem milagrosas. Qual he a fonte do Ervedal no termo, e junto de Avis, que toda a cousa que se lhe mete dentro, hora seja páo, palhas, ferro, metal, e qualquer outra, em breve espaço vem, e sahe feita pedra, ou cuberta toda de pedra. E eu tive palhas, e páo, que de lá me vierão feito pedra, cuberta de pedra feita sobre elle como canudo, e se deve fazer aquelle modo que se vai cobrindo huma vella de cera ou sebo sobre o pavio. E me dizia hum criado que tive natural de ali, que he tanta a agoa desta fonte que moe huma acenha pegado com ella, porém que lhe picão muito a miudo as rodas pera lhe tirarem a pedra que nellas se congela, e que de ali té entrar em huma ribeira perto, está lageada cuberta de lagens, por não beberem os gados, porque mata esta agoa.

E junto a Cantanhede está huma fonte, digo olho de agoa, no qual qualquer páo que se lhe deita o sorve com admiravel violencia, e metendo o Conde de Cantanhede nelle hum tirante, e páo atado a quatro mulas do seu coche por as cordas o puxou de maneira que as mulas o não puderão sustentar nem arrancar. E antes puxava por ellas, e as houvera de sorver se lhe não cortárão as cordas. E não tratando da diversidade de virtudes de diversas fontes de Portugal de que se pudera fazer hum livro curioso, esta me parece tem alguma virtude particular pera criar mais a herva, e desfazer a pedra da bexiga, bem que isto de ser boa pera a pedra tambem o cuido da fonte da Ronca.

Gal. Por onde julgaes e vos parece isso?

Crisp. Porque de dor de pedra nunca vi queixar-se aqui ninguem dos que usão estas agoas, e vi a dous irmãos meus frades, e outras pessoas de fora, que estando aqui quaesquer mezes, logo deitavão areas, e nellas desfeita essa pedra de que se muito trabalhavão onde erão moradores. E quanto as hervagens attentai pera ellas que nesta villa

se chamão prados, e sabei que he tal sua fertilidade, que bastão cousa de quarenta varas e menos de terra em quadrado pera manter hum cavalo todos os seis mezes do anno no verão, e ainda de inverno, por que segando cada dia d'um cabo a eito quanto basta a esse cavalo (por que he a herva de dous, e tres palmos de alto) quando chegão ao outro cabo ficando tudo segado, já podem começar a segar de novo se se tem cuidado que lhe não falte a agoa, e assi o costumão fazer muitas vezes n'um verão, e não deixando no inverno ter sempre herva: logo da agoa deve proceder, por que, dizei-me se vistes ou ouvistes em alguma outra parte outra tal fertilidade, ou outros taes prados? e se não fora isto pola virtude da agoa houvera nesta villa n'outras partes outras hervagens e prados, o que não ha; por onde parece procede da virtude da agoa desta fonte, e por isto ha nesta villa de ordinario muitos ginetes, e cavalleiros; porque sendo a terra não rica lhes fica mais facil a mantença delles.

Gal. Assi parece, mas deixemos os prados, que quizeramos já ouvir-vos contar dessas fabulas, que aldemenos, quem vir aquella pedra que chamão da fatta (vede lá que já parece) tão redonda, e no meio de aquelle olival, e quasi na declinação delle pera esse rio Zenzere, e ella chamar-se da fatta, ou da fada, e outros nomes de lugares que ha por estes, alguma cousa dá que fabular na ethymologia delles.

Crisp. Sentemo-nos, que em quanto me estaveis agora dizendo isso, estava eu dando hum rebusco á memoria do que ouvia a meu bisavô.

Vivia elle a modo de philosopho n'umas casinhas que fizera, ou forão de nossos maiores, junto a huma fonte que do seu nome se chamou de Crispo, e agora fonte do Crespo, da qual começa, e se deriva hum ribeiro que chamão de Val de Goes, por o valle se chamar assi, que tem outras muitas fontes. No fundo do qual pera a banda deste rio Zenzere acima habitava naquelles tempos hum hermitão, que dizem por cousa certa foi santo, e se chamava Frei João, o qual á imitação dos Santos Padres do ermo fazia ali sua vivenda e vida de santo, n'uma cella que fez de lagens, ou casinhas de que ainda hoje ha e se parecem as ruinas e vestigios dellas, e se chamão ellas e o lugar as casas de Frei João, onde se vê huma lousa sobre seu pé, que era a meza deste santo, e huma pia que elle teria pera suas comodidades, e algumas arvores de fruto, e oliveiras que delle ainda por entre aquella penedia ficárão, mas já muito velhas, e por entre aquelles rochedos outros vestigios: o qual santo se dizia, e he tradição antiga de pai a filhos ser tio del-Rei de França, ou outro Principe seu muito chegado, que

se perdera nas rotas que o mesmo Rei teve, quando os Inglezes o privárão do reino, que lhe forão tomando sem nelle lhe ficar mais que huma fortaleza em que ultimamente se recolheo e encerrou, e della (estando cercado pelos mesmos Inglezes) tornou milagrosamente a recuperar, e recobrar o reino por virtude, e milagrosas proezas da Poncella, que vulgarmente se chama a Poncella de França: nella ainda hoje tão venerada, e tida quasi por divina, de que não trato, porque ha livro seu della particular impresso a qual se chamava Joana Puella. O que foi pelos annos 1430 té 1437.

Porém nestas guerras dizem foi desbaratado este tio del-Rei, o qual ou se chamasse João ou mudasse o nome (o que he mui verosimil) aqui acabou seus dias santamente, onde viveo muitos, e muitos annos sem mais tornar a França, dando nella tudo por perdido, nem se saber delle, como dizem o fez el-Rei Dom Rodrigo de Hespanha quando ella se perdeo, que na ultima batalha que teve com os Mouros, junto ao Rio Betis que despois, e agora se chamou Guadalquibir, se desapareceo, sem delle aparecer mais que os cothurnos (que erão huns sapatos de ouro, e o sceptro, e o carro em que o dito Rei ia, e então se costumava, com que peleijavão) junto ao dito rio, porém foi fama despois que acabara santamente feito hermitão n'uma hermida que ainda hoje se mostra junto a Viseu.

Mas este nosso santo entre outras mostras, e autos de santo, e virtudes que delle se contão, era que muitas vezes de noite vinha escondido á villa, e metia pelos buracos das portas dos que sabia tinhão necessidades de dinheiro com que lhes acodia, por onde se suspeitava que alguma pessoa grande sabia delle, e o provia ali secretamente, onde fazia vida absterissima, em nada differente, antes muito semelhante á que no hermo fizerão aquelles santos padres pola qual merecerão além do premio do Ceo serem cá honrados, e canonisados por santos.

Com este santo pois tinha meu bisavô Crispo (que tambem vivia como solitario) grande amizade e communicação. E delle houve alguns papeis, e noticia de muitas cousas, assi de segredos da natureza, como de historias, e com o que das nossas, e desta villa meu bisavô contava. Era que no tempo antigo, quando esta nossa Hespanha...

Dev. Tende mão antes que passeis por diante. Dizei: As cousas que nos quereis contar dessas fadas, e ethymologias, não são ellas profanas e fabulosas?

Crisp. Em parte si são, e como as de Ovidio algumas, e outras taes.

Dev. Pois como as quereis misturar com as divinas, quaes são as que vos contou o senhor Galacio das festas de Nossa Senhora, e milagres seus, e mercês, e sitio de sua santa casa, e o que hora nos acabaes de contar da santidade deste santo Frei João, que sem duvida o devia ser, e como tal o venerar, segundo o que delle tambem ouvi sempre. E me maravilho como essa sua cella, ou ruinas della, e essas casinhas de sua habitação se não visitão como as dos santos padres do hermo, pois a sua vida foi á delles tão semelhante, quanto o parece o lugar.

Crisp. Neste santo, quando se falla entre os que delle temos noticia por fama, e tradição antiga de suas muitas virtudes, e santidade, he sempre com acatamento, e o mesmo quando nomeamos esta sua cella que chamamos as casas de Frei João, dizendo algumas vezes do Santo Frei João, e os que lá alguma hora chegão, que são muito poucos pola difficuldade, e aspereza do lugar, he com devoção e respeito por cuja vivenda foi; mas como este varão não está posto no kalendario, ou catalogo dos Santos pola Igreja Catholica, nem houve quem isso procurasse, ficará elle posto no livro de Deos Nosso Senhor, e memoria de seus Anjos, e Santos do Paraizo, conforme seu merecimento, que he o que mais faz ao caso, com outros muitos milhares que houve, e ha cada dia. E quanto á mistura que estranhaes tratar cousas profanas de mistura com as divinas, não vol-as contarei senão áquelle modo, que em hum retabolo de hum santo se pinta com elle hum tyrano, e ainda hum diabo historicamente, e tambem como em huma Igreja sagrada entrão Turcos, charamelas, ou pera algum serviço da mesma Igreja, quanto mais que muitas vezes pode acontecer entrar nella hum peccador só por curiosidade, e a fim de ver a armação, ou ouvir hum musico, sem outro intento em Deos, porém como for casa onde está Deos, pode trazer comsigo o mesmo Deos. Que a Samaritana não ia buscar a Deos, senão agoa áquelle poço. Mas por que ali estava Deos trouxe-o. Por onde poderá alguem só por nos ouvir estas patranhas, e fabulas applicar a orelha, e achando de mistura verdades do Ceo, inclinar-se mais a ellas, que as cousas divinas não estão em mais, que começarem de gostar-se, como aconteceo a aquella Magdalena santa, a qual por pura curiosidade foi ver, e ouvir a Christo Nosso Senhor, por lho gabarem de fermoso, e bem falante, e em o vendo e ouvindo as mãos se comia (como dizem) tras elle, sem mais lhe lembrar outro bem algum, nem deleite dos do mundo. E por tanto tornando ao que vos começava dizer:

No tempo antigo, quando esta nossa Hespanha começou assi a

chamar-se, deixando o seu primeiro nome que dizem se chamava Hesperia e Sapharagh, pera a parte do Ponente, e Setemptrião della houve hum Rei que Arunce se chamava, o qual tinha sua Regia (dizem) n'uma cidade chamada Colimbriga, terminação com que por aquelles tempos se compunhão os nomes de muitas cidades de Hespanha, principalmente na nossa Lusitania, que acabavão em briga, como Medobriga, e Cetobriga, hoje Setubal, e não de Tubal, e Seth, como alguns afeiçoados, ou levados da semelhança do nome quiserão affirmar com pouco fundamento, a fim de mostrar ser a primeira povoação depois do diluvio universal em Hespanha, pelo mesmo Patriarcha Tubal de quem tomara, ou elle lhe dera o nome do seu, e de Seth seu companheiro, que por aqui entrara a povoar a Hespanha. Mas o mais de crer he, que de briga e cete como outros muitos, que em briga acabão, que quer dizer ajuntamento de gente, por onde inda hoje chamamos briga huma peleja onde se ajuntão muitos, e inda pelo uso, ao modo dos Gregos, cujas cidades, ou os nomes dellas acabão em polis, como Adrianopolis, Constantinopolis, Pompeopolis, e mil outras.

Era Colimbriga naquelles tempos huma Corte muito florente, assi pola potencia, e prosperidades, e riqueza do Reino, como por ser porto do mar onde ancoravão e aportavão muitas náos, e baixeis de diversas partes do mundo, de que inda hoje aparece o caes, com as argolas em que as ditas embarcações se amarravão, e muitos sinaes, e vestigios disso, que todavia não devião ser de grande porte que demandassem muito fundo, pois vemos hoje o que nesse tempo erão mares, serem hoje campos contiguos com a mesma cidade, e o mar cousa de tres legoas distante della. A qual ainda hoje se vê com quasi todos os seus muros, que o tempo gastador de tudo não pode extinguir, e nelles se vê bem a grandeza, e opulencia que a dita cidade devia de ter sendo porto de mar, e com hum Rei poderoso, e rico, e por isso respeitado, e temido, porque tambem tinha em sua Corte muitos, e mui valerosos cavalleiros, e muitas damas fermosissimas de muito preço, de que algumas andavão no Paço em serviço da Princesa Peralta sua unica filha, e herdeira do seu reino, riquezas, e estado. A qual além de este dote, era dotada de outros mais excellentes, que são os pessoaes, além de sua muito estremada fermosura, que era hum milagre de natureza, e no estremo engraçada, e com certos sinaes em seu rosto que lhe acrescentavão mais sua fermosura. E porque el-Rei seu pai era entrado em annos, e viuvo, a amava de maneira, que huma hora não podia sofrer-se sem ver a filha.

Havia na Corte de ordinario muitas festas, e jogos, galantarias de

trovas, motes, invenções, tudo por festejar a Princesa, e dar gosto a el-Rei, e por serviço, e regalo das damas; porque andavão naquella Corte muitos Embaixadores, de Reis, e Principes de toda Hespanha, que pretendião casar com a Princesa, os quaes a fim de a agradar, e grangear, cada dia sahião com novas maneiras de festas. E entre os muitos Principes que a pretendião, era hum muito principal da mesma Lusitania chamado Zacor valentissimo cavalleiro, e de muito grandes forças, mas tão soberbo por tambem ser agigantado, que de todo o mundo era temido, quanto o diabo de todos, e o mesmo de toda a Corte del-Rei Arunce, especialmente da Princesa Peralta sua filha, que de nenhuma maneira podia ouvir falar nelle, nem em suas cousas (effeitos ordinarios que pare a soberba, e arrogancia). Outros muitos Principes tinhão a mesma pretenção como os Petronios, e Sertorio, dos quaes vos irei contando.

Porém entre os Embaixadores que nesta Corte andavão era hum cavalleiro nella muito bem recebido por nome Escalor, o qual tratava com el-Rei Arunce os negocios, e ligas de certas cidades, e povos da Lusitania, e era muito aceito a el-Rei por brando, cortez, e de boas partes, e além de bom cavalleiro era muito gentil homem, e sobretudo de mui claro entendimento, por onde folgava el-Rei muito de fallar com elle e pola qualidade da pessoa; bastante pera seu meio, e respeito conservar em amizade os povos e cidades de que era Embaixador, cousa que em rezão de estado a el-Rei, e Reino era utilissima. E assi nos conselhos de estado, e praticas que el-Rei com Escalor tinha se achava de ordinario presente a Princesa Peralta, assi pola muita parte que em tudo devia ser, pois era herdeira do Reino, e com hum pai velho, como pelo raro entendimento de que era dotada: com a qual muitas vezes assistia a sua aia, e grande privada Iris (que assi se chamava esta senhora, ou Iria ao nosso modo de falar de agora) dama de muito alta geração e merecimentos, e muito chegada parenta da mesma Princesa Peralta, por onde os pensamentos seus não erão menos altos, parecendo-lhe merecer casar com Principe tal com a Princesa, que posto era herdeira do Reino de seu pai, ella era já herdada em hum estado grande, e já muito rica por ser fallecido seu pai, que era, ou fora a principal pessoa do Reino, e ella por si na verdade tudo estava merecendo por sua estremada fermosura, alva loura, olhos garços e grandes, nariz afilado, boca pequena grosseta, e corada, mãos compridas, dedos grossos, e com covinhas delgadas nos cabos, e corados os altos delles, e ella de collo levantado, alta de corpo, cintura delgada, e a pessoa grave, e muito alegre, e sobretudo sum-

ma modestia, que arrebatava a si os olhos, e corações de quantos a vião.

Escalor com as licenças de Embaixador, e entradas a el-Rei e Princesa fazia a Iris seus comprimentos como a pessoa que tanta parte tinha na casa real, e tão valida da Princesa, e por seus muitos merecimentos, em nome das suas cidades, e seu.

Porém de tal maneira foi nelle lavrando o fogo dos amores de Iris, já embebido no intimo de seu coração, e nas mesmas veas, e tutanos dos ossos, que nenhuma quietação, nem repouso lhe dava já seu cuidado, nem de hum momento (e que muito sendo tal Iris) sem saber o remedio que poderia achar a tamanho incendio como o de que se via abrazar, mas sofrendo-se o mais que poude algum tempo, e buscando modo de satisfazer aos seus, e com a obrigação do cargo que trazia se determinou não se partir jámais da Corte del-Rei Arunce, té ver o que sua fortuna lhe concedia, procurando em palacio ter pessoa que o pudesse ajudar, e favorecer com sua amada Iris, e dando-lhe parte de seus pensamentos e cuidado, ainda que fosse á custa de larga satisfação, e interesse (o que nestas materias he de muita importancia).

Isto assi melhor traçado que poude foi lançando alguns remoques, inda que muito a medo, a sua amada Iris, quando com ella se lhe offerecia occasião de falar, que erão muito poucas segundo seu desejo, a que nunca Iris se deu por achada de o entender, té que Escalor se determinou, como por graça e galantaria de corte, por tental-a, e ver como o recebia, mandar-lhe pola pessoa, que já tinha grangeado, e dado parte de seus pensamentos este soneto, parecendo-lhe que ainda que Iris se não dava por entendida, com tudo se retirava de lhe falar como costumava, e essas poucas vezes como por força, e mais esquiva e secamente:

SONETO DE ESCALOR A IRIS.

Quando huma hora a vista bella suave
Piedosa a mim volveis em hum momento,
Sinto alegria tal, e tal contento
Que dor, nem mal algum temo me agrave.
Mas quando com desdem esquivo e grave
De mim a retiraes, com rosto isento,
Sinto huma fera dor, hum tal tormento
Que só o não vos ver, temo me acabe.
Vede como está minha vida ou morte

No volver desses olhos, pois podeis
Em hum momento só, dar morte ou vida:
Ditoso se o Ceo quer, e minha sorte
Que pera vos servir vida me deis,
Pois nessas mãos a tenho offerecida.
Que beijo vezes sem conto.

Recebeo Iris o soneto por força, pois lho mandava hum Embaixador, e esse aceito tanto a el-Rei: mas lido concebeo hum desdem mui seco, e sacudido a Escalor, e a suas cousas, e revolvendo no pensamento muitas de como se haveria com elle, por quanto se desse conta á Princesa sua senhora receava que antes se pusesse da parte de Escalor, por onde lhe pareceo por então fazer da necessidade virtude, e deitar o feito (que já dantes hia entendendo) á zombaria, e assi não deixava de ouvir a Escalor como dantes, mas com tal isenção, que bem mostrava a dureza do animo que trazia, e a poucas palavras interrompendo a pratica se afastava com qualquer achaque, por não ser entendida da Princesa, o que Escalor não deixava de notar, mas como ao que muito se deseja lhe damos as interpretações a nosso modo, o mesmo desejo o fazia cuidar, que as mulheres de ordinario mostrão no principio grandes carrancas ainda ao que muito desejão, pelo que passados alguns dias, parecendo-lhe estaria Iris quiçais mais branda, lhe tornou a mandar estoutro

SONETO

Senão se emprega mal qualquer mercê
E a hum brando amor, amor se deve,
Meu tão ardente amor qual mais se teve
Que esperará de vós com firme fé?
E pois meu padecer tão grande he
Quanto vossa belleza (em que he de neve)
Não tereis meu tormento por tão leve
Pois vossa fermosura o mundo vê.
Mas que farei senhora? se não for
Conforme a essa belleza a condição,
O remedio será a morte fera.
Pois vendo-me arder por vosso amor
Então mostraes mais duro o coração
Quando o meu por vós he fogo e cera.

A fermosa Iris que trazia levantado o intento té as estrelas, ou na barriga (como dizem) Principes e Infantes, e os pensamentos tão altivos como os podia trazia a mesma Princesa Peralta sua senhora, acabando de conhecer os de Escalor, por este soneto em que mais declarava sua tenção, quanto mais elle se lhe mostrava servidor, tanto ella mais se lhe ia endurecendo, por elle não ser Principe, ou Infante filho de Rei, posto que muito nobre, e bom cavalleiro fosse. Por onde não sómente o soneto a não abrandou, mas obrou o contrario effeito, como acontece aos doentes com fastio, que lho causa maior as muitas iguarias, inda que boas sejão. E por isso muitos dias se recolheo de maneira que Escalor a não pude ver, com o que lastimado se via mais arder, e consumir. E com tudo lhe tornou a mandar alguns sonetos, porque só com isso se entretinha, e passava seus males; entre os quaes foi este:

Nascendo o sol, do mar logo aparece
Huma herva, que o segue de hora em hora,
Sahindo das ondas do Eufrates fora
E estando no meio Ceo toda florece.
Mas como no Oceano o carro dece,
Sua belleza que lhe dava Flora
Pouco a pouco se murcha, e se dessora
Tanto com sua absencia se entristece!
Meu Sol, quando alegraes esta alma vossa
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,
Cria flores em seu contentamento:
Mas logo em vos não vendo entristecida
Se murcha, e se consome em grão tormento
Nem ha quem vossa absencia sofrer possa.

Porém vendo Escalor como Iris mais se lhe absentava, e sua grande sequidão, se recolhia, e fechava em seu aposento, sem querer ver, nem ser visto de pessoa alguma, onde com mil suspiros, e banhado em lagrimas, só comsigo se lamentava. Mas hum dia por alivio de sua pena fez este soneto:

Este terreste chaos com seus vapores
Não pode condensar as nuvens tanto
Que o claro sol não rompa o fusco manto
Com seus ardentes raios, suas cores.
Ingratidão, esquivos desfavores
Vapores são da terra, e durão quanto

Nos não converte o Ceo em triste pranto
Suas vãs esperanças, e favores.
Pode-se contrapor ao Ceo a terra
E o Sol estar por horas eclipsado,
Mas não pode ficar escurecido:
Pode prevalecer vosso odio e guerra;
O Sol será depois deste nubrado
Inda que ás nuvens pez, obedecido.

Isto dizia o afflito Escalor por sua consolação, parecendo-lhe não seria possivel passar-se muito tempo sem ver sua senhora, que era já o com que se contentara, e sua muita fermosura, assi como não podia estar escondida, nem eclipsada muito tempo, assi nem a ella escondido o muito que por sua causa, e seus amores padecia. E porque ião já passando sete semanas que a não via (porque contava elle os dias) lhe mandou este soneto já desconfiado de querer ella recebel-o.

Poude Amor, esperança e affeição
Fazer servir sete annos a Jacob,
E despois outros sete por dar nó
Com a branca de Rachel, a sua mão.
Não bastão os enganos de Labão
Seu gosto lhe alongando, sem ter dó
Do triste, que amava a Rachel só
Mais que a propria vida, de coração.
Poude fortuna esquiva, e invejosa
Sete semanas ha (que forão annos)
Por premio de esperar sete outros dar-me:
Dilação não haverá tão trabalhosa,
Da fortuna desvios, ou enganos
Que de vos sempre amar, possa tirar-me.
Se pera Amor, e gloria tão crescida
Não fora, a vos servir tão curta a vida.

Mas como a fermosa Iris estava a monte (como dizem) endurecida cada vez mais; não poude o trabalhado Escalor por maneira alguma saber o que ella fizera, ou se fizera deste soneto, pelo que lhe conveio acolher-se ao valhacouto de suas ancias, e sobeja dor; que era o fecharse em seu aposento, e nelle soltar a redea a mil suspiros, e imaginações onde entre outras lamentações, se lamentou hum dia desta maneira:

Excelso monte, onde o Romano estrago
   Eterna deixará vossa memoria,
   Soberbos edificios, que da gloria
   Ainda resplandecem de Carthago:
Praia deserta, que alegre lago
   Fostes já de triumphos, e de gloria,
   Despedaçados marmores, historia
   Em que se vê do mundo qual he o pago:
Arcos, Amphiteatro, Banhos, Templo
   Que n'outro tempo fostes celebrados
   De que só agora vemos os sinaes:
Grão remedio a meus males vosso exemplo,
   Que se do tempo fostes acabados
   O tempo acabar poderá meus ais.

Por outra parte os Embaixadores que andavão na corte del-Rei Arunce, fazião suas diligencias, e instancias sobre effeituar seu negocio, que era o casamento da Princesa Peralta com seu Principe e senhor. Mas como fossem muitos os pretensores, e o negocio de tanta importancia, ia devagar a resolução delle; porque nem el-Rei se determinava, nem queria agravar nenhum delles. E assi buscava as escusas mais honestas, e melhor coradas de os entreter, escrevendo-lhes, e recebendo suas cartas, e recados com alegre rosto. Pelo que havia na corte muitas galantarias de festas, e jogos de a cavallo, e pé, muitas libreas, muitos sonetos, e trovas, de que meu bisavô tinha muitos papeis que eu esperdicei em menino, mas dos pedaços que ainda achei são os sonetos que vos tenho referido, e outros que vos irei atando o menos mal que puder, que tudo meu bisavô trasladava na linguagem sua de então, inda que sem aquella graça que elles devião ter na propria, como a tem menos toda a cousa trasladada de huma lingua n'outra. Estes sonetos que ora vos quero mostrar, dizia elle erão de hum dos Petronios pretensores do casamento, e amores de Peralta.

SONETO DE PETRONIO EM LOUVOR DA PRINCESA PERALTA

Se a casa do Sultão he celebrada
   Per alta, e de si resplandecente
   Sobre colunas alvas excellente
   Lisas, duras, e grossas, sublimada:

Onde as graças tres fazem morada
   Com elle, e habita o ser contente
   Com grande admiração commum da gente
   De divinos raios adornada:
Com quanta mais justiça, ó bella dama,
   Sois sol, e do sol palacio e casa
   Pér alta em perfeições, e em tudo alta:
Pois della ao sol vai vossa fama,
   Que neste nosso hemispherio nos abraza
   E das graças os dons nenhum vos falta.

Soube Petronio como a Princesa lera este soneto sorrindo-se, e disso tomou atrevimento a que pola mesma via lhe fosse estoutro:

Crecei desejo meu, pois que a ventura
   Em seus braços vos leva levantado;
   Que o principio de que sois gerado
   O mais ditoso fim vos assegura.
Se subis por ousado á mór altura
   Não vos espante ver ao sol chegado,
   Porque he de aguia real vosso cuidado
   Que quanto ao sol se achega mais se apura.
Animo, coração; que o pensamento
   Te pode inda fazer mui mais ditoso
   Sem que respeite teu merecimento.
Creceres inda mais he já forçoso;
   Porque se foi de ousado teu intento
   Já hoje de atrevido he venturoso.

E pouco a pouco se lhe foi declarando mais, té lhe affirmar que nada o poderia apartar deste pensamento, e amor por mais tormentas e mares que viessem, como podereis ver nest'outro soneto, em que tomando por fundamento disso a historia de Leandro, que naquelles tempos aconteceria, nos quaes em outra cousa se não falava nas Cortes dos Principes:

Apertando a Leandro o triste jogo,
   Que a amorosa chamma lhe causava,
   Vendo o lume já que na torre estava
   No mar se arremessou, e deitou logo.

E como são contrarios agoa e fogo.
   O mar se encapellou com furia brava;
   Neptuno vendo a agoa qual andava
   Gritou: Fogo em agoa moura todo.
Disso (Leandro disse) não havereis palma:
   Minha chamma estará sempre encendida
   Em que a queira extinguir todo esse mar:
O corpo podereis privar da vida,
   Mas não que possais tal fogo apagar;
   Que o levo pera sempre acezo n'alma.

E ainda pera mais segurança de sua fé, e mostrar que o bem que pretendia assi como era o maior que na vida podia desejar, assi excedia nisto sempre a todos, que alcançado, e possuido (como esperava effeituando-se o casamento que pretendia) sempre viviria em mais desejo, e sede desse mesmo bem, lhe mandou outro dia est'outro soneto:

He o gozado bem em agoa escrito,
   Vive no desejar, morre no effeito;
   Mas o bem desejado he mais perfeito
   Pois tem o não acabar-se de infinito.
Dar a huma alma immortal gozo infinito
   Em verdadeiro amor fora defeito,
   Por modo superior não imperfeito
   Sois excepção de quanto aqui limito.
Da esperança nunca conhecida,
   Da fé do desejar, não alcançada
   Sereis mais desejada possuida.
Não podereis da esperança ser amada
   Vista podereis ser, e então mais querida,
   Porém não sem agravo comparada.

Não deixava a Princeza de festejar estes sonetos, e outras galantarias, que de continuo havia na Corte, e diante della se contavão e lião. De que as damas ora zombando dizião: Este parece de fulano; outras notavão o sentido delles. E posto que a Princeza fazia que os não entendia, e desvanecia os remoques: com tudo com huma real inda que artificiosa dissimulação mostrava alegria, mas como de cousa em commum sem dono, té que hum dia aparecerão na Corte humas tro-

vas todas de seus gabos e louvor, que Petronio lhe fizera, que dizião assi:

Amor es antojadizo
Que por novedades muere;
Y quanto ve hazer quiere,
Vio pintar y pintar quiso.
No pintó como Narciso
En el agua de cristal,
Que aquel pintó nescio e mal
Pues se borró la pintura,
Sino nel alma que dura
Por ser la tabla inmortal.
El ser ciego no le impide
Antes muestra alli el poder
Que el arte del bien querer
A ciegas las lineas mide.
El las junta y las divide
Sin hazer falta los ojos,
Que son superfluos despojos
De la rendida razon,
Pues la venta en occasion
Le sirve al rapaz de entojos.
Flecha de rigor cruel,
Y flecha de dulce amor
Previno el falso pintor
Solo en imitar fiel.
De la una hizo pincel,
De la otra a mano atiento
Para aumentar mi tormento,
Que como en tabla viva
Una lavre, otra escriva
Es de dos el sentimento.
Colores hurtó y previno
Para hazer el retrato
De mi original ingrato
(Si ay ingrato en ser divino):
El roxo de nacar fino,
Del cielo la hermosura,
Del campo la compostura,
Lo verde de la esmeralda

Del oro la alegre gualda,
Las sombras de mi ventura.
Quizo hazer los cabellos
Y tomó nel pincel oro
Para imitar el tesoro
Y el valor que avia en ellos:
Algo supo contrahazellos,
Y ayudando industria y arte
Un intento en dos reparte,
Que en redes trocando el riço,
Por una parte armas hizo
Cabellos por otra parte.
Despues de muchos desvelos
La frente copiar no pudo,
Que sintio el pincel rudo
Y a falta copió los cielos:
Pero su color de celos
Dexolo por no ser bueno,
Que lo tiene por veneno
Con ser effeto de Amor,
Y ansi quitole el colòr
Y dexola en lo sereno.
Pensó el discreto rapaz
Que en esto levanta el buelo,
Pues junto al sereno cielo
Pintó un arco de paz:
Pero no haziendo mas
Es poco uno a tanta guerra,
Y ansi hizo otro y no yerra
Que antes duda el sabio Dios
Si seran bastantes dos
A tener en paz la tierra.
Dos soles debuxó luego,
Tales que el amor astuto
Por pagarles su tributo
Dizen que le han hecho ciego:
A los rayos de aquel fuego
Que traslada al ciego Appeles
Si huviera Daphnes crueles
A la fugitiva iguales

Por no huyr rayos tales
Se querrian ser laureles.
Con todo a piedad movido
Como vio notorio el daño,
Uzó de un ardid estraño
Al fin como de Cupido:
Que las pestañas han sido
Rayos bellos y serenos
De ojos tan de fuego llenos
Puso ya, que no nublados
Con negra sombra bañados
Para que offendan menos.
Pintó roxos arreboles,
Que no pintó bellas rosas
Sino dos nubes hermosas
Mas que dos mil tornasoles:
Y ansi los mas arredoles
Que si el alva los colora
Lagrimas mi alma llora
Por no poderlos mirar,
Que estos suelen anunciar
Arreboles al aurora.
Una linea delicada
Con el pincel perficiona,
Y aunque destos cielos zona
No está en su fuego tostada:
Como espada está afilada
Y aunque no la veis teñida
En sangre guardad la vida,
Y prevenid la defensa
Pues es de rayo la offensa
Que mata y no da herida.
No halló color igual
Con que sus labios retoque,
Que a su lado es bien se apoque
Nacar, purpura y coral:
A todas es desigual
Su belisima color,
Y ansi el valiente pintor
Bañó en su sangre una flecha

Y quedò la boca hecha
Con dulce sangre de Amor.
Hizo una torre gentil
Y casa de recreacion,
Para propria habitacion
De blanco y terso marfil:
Esta escogió entre mil
Por ser ayrosa y gallarda,
Por ser vigilante en goarda,
Por ser casa de armas fuerte,
Por ser barrera a la muerte
Y cuerpo que mi alma aguarda.
Sacó de la fuerte aljava
Dies flechezillas, y dellas
Compuso unas manos bellas
Tales, como deseava:
Acavòlas, y no acava
Aunque se halla sin flechas,
Y con las armas desechas
Mas reparo no previene,
Pues armas mas fuertes tiene
En ver tales manos hechas.
En una concha mezcló
Dulce leche, y nieve clara,
Y la mano se turbara
Sin querer la derramó:
Todo el retrato cubrió
De un blanco y hermoso velo,
Quedando aquel velo cielo
Por la color con blancura,
Por la leche con dulçura
Y por la nieve con yelo.
Por llevar en todo palma
Un alma buscó amorosa,
No cruel y rigurosa
Y dió al retrato mi alma:
El cuerpo ha quedado en calma,
Mas juzgase por dichoso
Plugiera al cielo piedoso
Como ella anima el retrato

Animara el dueño ingrato,
Fuera en ello venturoso.
Como perfeto lo vido
En el rotulo el pintor
No puso, hizolo Amor,
Pero hazialo Cupido;
Entre un celaje de olvido
Juntó obscuros desdenes,
Y coronale ambas ciénes
Por ser ingrata con palma,
Y en los vazios del alma
Pintolos lexos de bienes.
Afficioneme al retrato,
El pintor le vino a dar
Por el precio de esperar
Favores de un pecho ingrato:
Bien sè que compré barato,
Mas porque mi dolor siento
Desminuyose el tormento
A la afligida memoria,
Y si el alma no està en gloria
Vive en ella el pensamiento.

Caladas ficárão por hum espaço assi a Princesa Peralta como as damas depois de lidas as trovas, por lhe parecerem demandarem mais fundo, e falarem direitamente com a Princesa, mas dando logo seus pareceres concluião que bem ao vivo retratara o pintor quem quer que elle fosse a dona do retrato, e isto sorrindo-se, e olhando pera a Princesa, mostrando ser ella o dono, e não poder ser outrem: e que bem se soubera entremeter nelle quem o fizera. E logo quem será? quem será? que parece ave de bico revolto, e gavião de unha preta, e ora falando em huns dos que sabião ser servidores da Princesa, e assi das damas: ora falavão em Certorio, ora em Petronio, té que de pratica em pratica vierão a concluir serem de Petronio, e a falar em Zacor: e ainda que vião que a Princesa não mostrava ás cousas de Petronio máo semblante, ou doairo (como dizem) ou desdem algum, porque na verdade elle era na Hespanha quem melhor a merecia, o que a outros era pelo contrario: com tudo não deixavão de se ler alguns sonetos de Zacor com muita dissimulação da Princesa, que não podia, nem ouvir falar nelle, por ser muito arrogante, soberbo, e aloucado. E com tudo

por rezão de estado, e por seguir os modos del-Rei seu pai, que erão não dissaborear ninguem, quanto mais a hum Principe tão poderoso, e valente como Zacor, e tão temido na Hespanha: o qual por pretender a Princesa, e se publicar ser seu servidor lhe mandou este soneto:

DE ZACOR A PERALTA

Nunca em Amor damnou atrevimento,
Favorece fortuna a ousadia,
Que sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem sobe ao estrellado firmamento
Lá acha sua estrella, que o guia,
Que o bem que encerra em si a fantasia
São humas illusões que as leva o vento.
Abrir se deve o passo á ventura,
Ninguem sem si mesmo haverá ditoso,
Os principios sómente a sorte os move.
Atrever-se he valor, e não loucura;
Perdera por covarde, o venturoso
O bem que vossa graça dar-lhe pode.

E logo se leo outro do mesmo Zacor, que na arrogancia das palavras mostrava ser tão fanfarrão como seu dono:

Por Hercules juro que o pensamento
Vos adora, e traz em si tão insculpida,
Que não tenho outra gloria mais subida
Que padecer por vós pena e tormento.
Por Jupiter, que de cento em cento
Vidas perderei por vossa vida,
Trazendo a minha sempre offerecida
A tudo que vos der contentamento.
Não sinto cousa que por vós não faça,
Inda que seja qual Orpheo cantando
Trazer-vos do inferno á luz dourada.
E se favor me dais com vossa graça
Impossiveis irei facilitando
Que só a vós quero, amo, e o mais me enfada.

Todas as damas tiverão que rir da soberba, e desatino dos sonetos, quando huma dellas tirou da manga outro dizendo, pois ainda este que por certos rodeios me veio á mão, não me parece menos louco:

Levanta Alcides de la tierra Antheo
Por conseguir en tiempo la vitoria,
Bien differente de la amarga historia
Y lastimero trance en que me veo.
Pues quanto mas levanto mi deseo
Tanto mas lexos de alcançar la gloria
Me hallo: do quedará memoria
Al mundo de mi loco devaneo.
Felice Alcides: que si tu luchaste
Al fin fue con un hijo de la tierra,
Y solo te bastó lo alçar del suelo:
Mas contra quien yo lucho no ay quien baste,
Pues quanto la alço mas, muy mas me atierra
Tocando a do nacio, que es en su cielo.

Era Zacor curto de rezões, resoluto, e porque lhe escreverão da Corte, que sua pretenção parecia querer-se levar ao largo, refreando o dissabor que disso recebeo, por não dissaborear a Princesa lhe mandou com tudo estas trovas:

DE ZACOR A PERALTA

Han me traido mis daños,
Por camino tan estraño
Que quando remedie el daño,
Tendre gastados los años:
Con embelecos y engaños,
Anda fortuna comigo,
Mas esta verdad te digo
Para assegurarte mas,
Que mientras tu mas atras,
Quedo entonces mas contigo.
Y como deveras amo
Quando de ti mas me alexo,
Con mayor rabia me quexo
Y mas apriessa te llamo.

Como quando el triste amo,
Se le ha perdido su halcon,
Te llamo con coraçon,
Mas como alças tanto el buelo
Ni divisas el señuelo,
Ni te alcança mi passion.
Tan desdichado naci,
Quanto tu hermosa eres,
Y aunque digas que me quieres
Mas que te quieres a ti:
Fio tan poco de mi,
Que a creerlo no me atrevo,
Porque tanto miedo llevo
En cosas de mi provecho,
Que me deven de derecho,
Que soy yo siempre el que devo.
Por donde quiera que voy
Viendome la S. y clavo
Me aprisionan por esclavo
Y confieso que lo soy:
Las divinas señas doi
Del dueño a quien entreguè
Con la libertad la fee,
Y luego mandan soltarme
Viendo que es fuerça tornarme
Donde tal prenda dexé.
Bolveré sin duda alguna
Aunque lo impidan mis hados,
Y aquellos desatinados,
Vaivienes de mi fortuna.
Que de una y otra coluna
Abraçado con mis braços,
Quedaron hechos pedaços,
Quantos inimigos son,
Que es Amor otro Sanson,
Y son mas fuertes sus laços.
Con alas arteficiales
Hace mi ingenio subuelo,
Pera saber de tu Cielo,
Los secretos naturales,

Icaro por otras tales,
Hiço fin amargo y triste ;
Mas pues tu las mias diste
Si de tu Sol llegare a vista,
Morirè en tu conquista,
Pues a ti nadie resiste.

DIALOGO DECIMO QUARTO.

Trata dos amores de Certorio com Peralta, forma da letra antiquissima. Reino de Colimbriga. Aparecimento de huma fada com avisos dissimulados, principio da perdição del-Rei e reino de Arunce, invectiva contra a esperança, sua definição, e dos ciumes.

GALACIO. — CRISPO. — DEVOTO.

Gal. Bem parecem as palavras destas trovas e sonetos de Zacor, logo de valentão soberbo, por onde não me maravilho da Princesa lhe ser pouco affeiçoada, porque seja verdade, que naturalmente as damas querem servidores valentes, que cortẽm, fendão, e despedacem, com tudo as de entendimento, e avisadas (qual dizeis era esta Princesa) querem essa valentia sesuda e assentada.

Crisp. Tal dizem era a de Certorio, hum dos principaes pretensores, e servidores seus como vereis nestes sonetos, e trovas que entre outras que lhe devia mandar (porque trabalhou elle muito pola alcançar) me lembrão, por onde dizem que Peralta ouvia suas cousas com melhor doairo.

SONETO DE CERTORIO Á PRINCESA PERALTA.

Si mil vidas tuviera que entregaros
Vuestras fueron, divina prenda mia,
Y todo el oro que la Arabia cria
Tener quisiera solo para daros.
Argos quisera ser para miraros,
Orpheo para daros alegria
Y sol que os alumbrasse noche e dia,
Arbol y viento para regalaros.
Abril quisera ser para vestiros,
Amor quisiera ser para quereros
Y yedra quisiera ser para ceñiros.
Muralla para solo defenderos,
Señor quisiera ser para serviros
Y Rey por solamente obedeceros.

Este soneto mandou Certorio por via de huma dama á Princesa, a qual vendo no bom semblante que a Princesa mostrava quando se lia, achava o vao, e entrada que desejava tirou da manga outro (e devia de estar pera isso bem peitada por parte de Certorio) dizendo: Pois

ainda eu quero mostrar a Vossa Alteza outro que responde ao sentido das trovas do Amor pintado de Petronio, que aqui vimos o outro dia; pera que veja como todos concordão em huma verdade dos merecimentos e partes do dono.

OUTRO SONETO DE CERTORIO EM GABO DE PERALTA.

De quantas graças tinha a natureza
Fez hum bello e riquissimo thesouro;
E com rubis, com rosas, neve e ouro
Formou divina e angelica beleza.
Poz na boca os rubis, e na pureza
Do belissimo rosto, por quem mouro,
As rosas: no cabello raios de ouro,
No peito a neve em que alma tenho preza.
Mas nos olhos mostrou quanto podia;
E fez delles hum sol, em que se apura
Com que fez mais clara a luz do dia;
Em fim, em vossa angelica figura
Mostrou a perfeição que em vós havia
De rubis, rosas, ouro e neve pura.

E como por toda a Lusitania tivesse Certorio tão grande nome de valente, e valeroso Capitão, parecia a todos ser elle a pessoa que mais conveniente era pera haver de casar com a Princesa Peralta, e succeder no reino del-Rei Arunce seu pai; o qual nenhuma resolução tomava em a casar, cousa que seus povos desejavão, e igual lhe fora tel-a casada com elle.

Mas os amigos de Certorio todos, e assi o Embaixador que elle naquella Corte trazia, lhe escreverão que se elle viesse a ella, sem duvida se effeituaria logo o casamento, por quanto el-Rei lhe era affeiçoado, e a Princesa não mostrava não lhe parecerem bem suas cousas. Pelo que Certorio se determinou vir-se ver com el-Rei com algum pretexto: porém em quanto isso se assentava desejava elle muito alcançar saber a tenção da Princesa ácerca de sua presença naquella Corte. E por quanto a elle já sua absencia lhe dava assás em que cuidar, por isso lhe mandou por via secreta, que elle teria procurado, este outro soneto:

Ya puesto en soledad me quexo en vano,
Por tardarme sperança de alegria,

Y doi mis tristes quexas noche y dia,
Al pobre, al rico, al noble, y al villano.
De cosa alguna puedo hechar mano
Que pueda divirtir mi fantasia,
Aunque con una sola noche y dia,
Me trae engañado, y mui ufano.
Y es que mui presto aunque no lo creo,
Me ha de recrear vuestra presencia,
Dando satisfacion a mi desseo.
Mas tal estoi que le hago resistencia,
Pensando que en todo devanèo;
Mirad los effetos ya de vuestra absencia.

Vendo pois Certorio que se não acabavão de concluir as vistas com el-Rei Arunce com a brevidade que elle quisera, antes se achavão cada vez mais desvios, e inconvenientes a isso, se determinou em ir áquella Corte o mais secretamente que fosse possivel disfarçado, e escondidamente trabalhar por ver com seus olhos a Princesa Peralta, de quem por fama de sua estremada fermosura (apregoada no mundo por hum milagre da natureza) se achava mui penhorado. E alcançando isso que tanto desejava, que foi ver elle a Princesa mui de perto por ordem, e traça do seu Embaixador, sem na Corte tal se sentir; de todo ficou fora de si entregue em poder e mãos de Peralta porque seja verdade que ha amar por fama, he comtudo differente á vista. A qual he o começo e crescimento do Amor, offerecendo huma imagem ou retrato disso que vio á imaginação que o volve, e revolve na fantasia onde julga a cousa que vio por digna de ser amada, e pretendida, e com lhe ficar já ali presente se vai acrescentando esse Amor. E o cuidar nelle de cada vez mais, vai acendendo mais ardor.

E com tudo ainda que a sua vinda foi tão secreta não poude comsigo deixar de escrever esta carta á Princesa Peralta:

Un atrevido temor
Y una covarde osadia,
Me causa un ciego que guia,
Que suelen llamar Amor.
Es mi amigo y mi contrario,
Inimigo de reposo,
Haceme estar temeroso,
Tanto como temerario.

Y ansi por participar
Del uno y del otro estremo
Aventuro lo que temo,
Y temo el aventurar.
Y como en un mismo punto,
Llega el osar y el temer,
Llega el quererme atrever
Y el repentirme junto.
Mil vezes de puro amor
Digo contra el sufrimento:
Mateme el atrevimiento,
Si ha de matarme el temor.
Y otras tantas temeroso
Del mismo amor obligado,
Entre cuydado e cuydado
Quedo rendido y medroso.
Finjo a raros confiança
En todo lo que no creo
Por ver se saco esperança
De las fuerças del desseo.
Luego pienso que en tenella
Vengo a ser mas homicida,
Procurando alargar vida
Que diera mil por perdella.
Y torname a confiar
No hallar vida mas costosa,
Ni muerte mas rigurosa
Como la del esperar.
Que quien conoce su suerte
Y adora el braço y herida,
No busca muerte a la vida
Sino dar vida a la muerte.
Y estimando lo que vi
Por milagro de mi fee,
Vivo murindo estaré
Y la muerte viva en mi.
Y solo lo que sintiera
Fuera aver immudecido
Si llegara a lo sufrido
Lo que dezir se pudiera.

O hermosura sin igual,
Y effetos ya mas oydos,
Que dexais los offendidos
Enamorados del mal.
El alma y vida os consagro
Señora, en cuya belleza
Se excedio naturaleza
Con particular milagro.
Y este secreto de Amor
Que veis quanto se aventura,
Sepalo vuestra hermosura
Y no vuestro disfavor.

Não foi possivel mostrar-se esta carta logo á Princesa, por quanto por certa occasião lhe sobreveio hum desmaio (cousa nella desacostumada) e como nella só tivesse el-Rei, e o reino postos os olhos, e as esperanças, tudo andou alvorotado e revolto.

Attonito Certorio, e como fora de si de sobeja paixão, e de sua desgraça acertar logo trazel-o aqui nesta conjuncção, não sabia que fazer-se, mas como o accidente passou, que foi breve, e quieto tudo, mandou á Princesa este soneto pera que lhe podesse ser dado junto com a carta como por recreação e passatempo quando o houvesse opportuno, e se partio.

Luego que tuvo el buen conocimiento
Lugar de sujetarme y elegiros,
El alma disfraçada entre sospiros
Os entregó, y os entregara ciento.
No le valió el disfraz porque el momento
Mil maneras buscastes para huyros,
Y solo porque no sepa seguiros
Fuera de vos estais, y sin aliento.
Y si el desmayo fue para acabarme,
Porque lo pueda hazer y contentaros
Quiero saber de min y obedeceros.
Mas ado he de buscar-vos para hallarme,
Si yo sali de min para buscaros
Y vos de vos salis para esconderos?

Por outra parte como desesperado, sem quietação alguma nem repouso andava Escalor, vendo ser-lhe tão certa a dureza de Iris sua se-

nhora que sempre lhe pareceo abrandaria. Mas Iris vendo tantos Principes tão occupados nos amores, e pretenção da Princesa Peralta, e tendo ella não menos altos os pensamentos, parecia-lhe que casada a Princesa, que em fim era herdeira de um Reino (por quanto na fermosura não lhe queria reconhecer ventagem) qualquer destes Principes se haveria por ditoso de seus amores, e casamento, o que a ella estava milhor que os de Escalor, o qual além de não ser dessa qualidade, não era senhor de tantas terras que fosse sua comparação. E por este intento, e supposto nunca lhe puderão entrar as cousas de Escalor, e porque tambem de sua natureza era aspera e seca, e nada se lhe dava de quanto via, e lhe dizião que por sua causa passava o coitado Escalor, pera sequer lhe dar hum minimo favor. E assi nenhum caso fez do soneto ultimo que vos disse elle lhe mandara por segurança de sua fé. E com tudo elle em seu encerramento por alivio de seus males fez hum dia estas trovas:

No mas, injusta justa,
Que ay por mis daños años
Que sin sosiego, ciego
Por lo que agoardo ardo.
No mas, cabellos bellos,
Onde me enlaçó laço
Que a dos devidas vidas,
Estan matando attando.
No mas, enojos ojos,
Sed ya de ingratos gratos,
Que yo de indigno digno
Por vuestro ya valgo algo.

Mas ay ayrados hados,
Que son sin fructo mis cuidados dados!

Ay sin blandura dura,
Que aunque callo hallo
Blandos diamantes antes,
Que a un pecho ablando blando.
Ay boladoras horas
Para mis daños años,
Ay passatiempos tiempos
Que tan de passo passo.

Edad florida ida
  Por quen un lago hago,
  Y sin consuelo suelo,
  En el pecho esclavo clavo.

Mas ay ayrados hados,
  Que son sin fruto mis cuidados dados!

Piedad Cupido pido,
  Vete mudando dando
  A mi remedio medio
  Y al mal do acabo cabo.
Y a mi locura cura
  Y al desemparo emparo,
  A la inquietud, quietud,
  Y al mar turvado vado.
De quantas flechas hechas
  Amor en vano, vano,
  Una siguiera hiera
  Al mas elado lado.

Mas ay ayrados hados,
  Que son sin fruto mis cuidados dados!

A la desdicha dicha
  Estoy llamando amando,
  Y al bien incierto cierto
  Y al mal insano sano.
Al disfavor favor,
  Y al desengaño engaño,
  Ni en mi descuido, cuido,
  Ni en mi reparo, paro.
En el disgusto gusto,
  En el descanso canso
  Y un Ethna el pecho echo,
  Y un mar, llorando ando.

Mas ay ayrados hados,
  Que son sin fruto mis cuidados dados!

Estas e outras muitas queixas, e lamentações fazia o attribulado Escalor, e hum dia fazendo animo lhe pareceo mandar com estas trovas, este soneto, á sua fermosa e amada Iris, determinando ir-se, e absentar-se da Corte.

DE ESCALOR A IRIS, QUERENDO ABSENTARSE

Soy tan dichosamente desdichado
Si de veros nacio mi desventura,
Que ay gran duda si en si tiene ventura,
Mas bien que la disdicha me ha causado.
Y como ansi lo entiende mi cuidado,
Y vé quanto la absencia se apressura,
En la imaginacion os afigura
Templo lleno de amor, de fé cercado.
Que es como claro espejo cristalino,
Donde la reflecion maravillosa
Haze el absente parecer de azero:
Y con un abrasado desatino
El alma embrevecida y temerosa
Vive en lo que imagino y considero.

Pareceo a Escalor (dado o soneto e trovas que ouvistes, a quem nas mãos de Iris as posesse) absentar-se da Corte, assi por ir dar razão de si ás cidades, e povos de cuja parte á Corte del-Rei Arunce viera por Embaixador: como pera ver se com sua absencia se movia alguma cousa a dureza de Iris, pera se doer de seus males que com suas esquivanças e aspereza lhe causava. E quando nem isso bastasse, a queria até nisto comprazer, tirando-se-lhe de diante, pola aliviar do carregume que com sua vista ou estada na Corte mostrava ter. E com tudo como o amor de Escalor não era dos ordinarios, se não do intimo do coração, nada pode a mudança dos lugares, ou distancia nem ainda o intervalo do tempo, desarraigar, nem diminuir hum ponto este seu amor, antes crecia mais, e se augmentava em muito, trazendo-a sempre na imaginação, e diante dos olhos, e nas mesmas ideas de sua alma, por onde não deixava de quando em quando por suas inteligencias mandar a Iris seus pensamentos, e queixas hora em outras trovas, de que se perderão muitas de varios successos destes amores, e dos da Princesa Peralta, e damas e cavalleiros de aquella Corte.

DE ESCALOR ABSENTE A SUA AMADA EM VÃO IRIS

Si gran gloria me vino de mirarte
  Es pena desigual dexar de verte;
  Si presumo con obras merecerte
  Gran premio del engaño es desearte.
Si quiero por quien eres alabarte
  Es cierto de quien soy el offenderte;
  Si mal me quiero a mi por bien quererte,
  Que premio quiero mas que solo amarte?
Si un amor tan raro se prefiere
  Al humano tesoro y dulce gloria,
  Que quieres mas de un alma que te quiere?
Escrita vivirás em mi memoria:
  El alma vivirá, que por ti muere,
  Que al fin de la batalla es la victoria.

OUTRO

No tiene, dama, Amor por donde entrarse
  En esse coraçon de marmol hecho,
  Que si herir los ojos va derecho
  Heridos dellos ha de retirarse.
Si por la boca avra el de abrazarse
  En un divino ardor a su despecho,
  Si haze lance a tu nevado pecho
  En el suelen sus rayos despuntarse.
Si en ojos eres bella, en pecho dura
  Y en tu boca se aciende aquel ardor,
  Que con causa amo, y con razon adoro:
A manos morirá de tu hermosura,
  Pues en tus ojos, boca, pecho, Amor
  Se hiere, abraza y rompe flechas de oro.

OUTRO DO MESMO A IRIS

No es mio el coraçon porque os lo he dado,
  Ni vuestro porque no le aveis querido,

A mi no ha de bolver, que avorrecido
Le tengo, pues de vos es desamado.
Pues darle a otra muger, tan escusado
Será como de vós ser admetido,
Ni en mi, ni en vós, ni en otra recebido,
A donde albergará luego el cuidado?
Amor, que ni por fuerça ni por ruego,
Con el vuestro ha podido que le quiera,
Que de altivo desprecia sus despojos,
Porque siervo tan fiel no se le muera,
En el ayre lo sustenta con el fuego,
Que vos mi gloria hechais de vuestros ojos.

Não sabia Escalor dar-se a conselho, nem que se fazer, vendo-se apertadissimo, e mui acossado, e atormentado dos amores de Iris: por onde apoz os sonetos lhe escreveo hum dia esta carta, por quanto Iris como o via afastado e absente, como por demais não deixava de ver estes escritos como dama do Paço.

CARTA DE ESCALOR A IRIS.

Si como puedo screvir
Ir a vierte me atreviera,
Viera el bien que he perdido
Ido de ver tal belleza.
Desterreme en mis enojos
Ojos cuya luz es flecha
Hecha de fuego que abraza,
Braza que el pecho me quema.
Desterrome mi desdicha,
Dicha he tenido en tenella,
Ella aunque se detiene
Tiene mi muerte al fin cerca.
La querida muerte insana
Sana todo y remedia,
Media es en los remedios,
Medios al fin de hechicera.
Hechizos iva beviendo
Viendo aunque fue depriessa,

Essa frente y ojos bellos,
Ellos lo son, y es lo ella.
   Pues nel alma estan de assiento
Siento lo que ella se encierra,
Sierra fortuna mi mal,
Al bien una y otra puerta.
   Corre a remediarme presto
Esto dime que te cuesta,
Esta dolencia bien es,
Es mortal, pues es de absencia.

Depois lhe mandou humas endechas sobre suas saudades, que terrivelmente o apertavão, e como via que Iris recebia seus recados os frequentava, ainda com entender o fazia em seu despeito, e como pera passatempo seu, e das damas, e Princesa.

SAUDADES DE ESCALOR A IRIS

   Traigo soledades
A la soledad,
Porque mi verdad
Huye de verdades.
   Pueblo este desierto
De desconfianças,
Se sueño speranças,
Que presto despierto.
   Pues bienes passados
Son males presentes,
Dad fuentes a fuentes
Ojos no cançados.
   Quien te llama buena
O triste memoria!
Representas gloria
Para aumentar pena.
   Yo no llamo mios
Mis ojos absentes,
Ojos son de fuentes
Por do passan rios.
   Morir determino,
Quierelo un desvio

Que para fin mio
Inventó camino.
Covarde partida
Que mucho es que aciertes,
Si con tantas muertes
Quitas una vida?
Porfiada absencia
No aumentes temor,
Porque un mismo amor
Dá e quita paciencia.
Cuydado importuno
Opuesto a mis hados,
Eres mil cuydados
Siendo solo uno.
Trahesme y llevas
Loco pensamiento
Estando de assiento
Como no sossiegas?
Quien con mi tormento
No confiessa luego,
No ha provado el fuego
De un apartamiento.
Muero confessado,
Y no repentido;
Siempre he padecido
Como condenado.
Trata de mi entierro,
Mi mortal herida
Muerte es la vida
Del alma en destierro.
Si vida tuviere
El viver prohibe:
Como muerte vive?
Como vida muere?
En mi sepultura
El Amor escriva:
La fé quedó viva
Murió la ventura.

E porque té em sonhos trazia sempre o pobre, e desvelado Esca-

lor, e no sentido sua amada, e desejada Iris, aconteceo que depois de muito desvelado em suas lembranças adormeceo sonhando tel-a presente, e contar-lhe o que por ella passava, e ella branda já estar ouvindo-o: sobre que fez este soneto:

DE ESCALOR A HUM SONHO DE VER IRIS

Amado engaño de la fantasia,
De la color vestido del desseo,
Esfuerço contra el tiempo y su rodeo,
Gusto, que como sombra se desvia:
Luz aparente, que cegando guia,
Culpa y vida del loco devaneo,
Si alcansar já mas lo que desseo,
Se me figura en ti quanto queria.
Dulce sueño del alma desvelada,
En solo buscar sueño al pensamiento,
Por dilatar del alma el bien postrero.
Largo morir y muerte alimentada
De la sangre mejor del sufrimiento,
Por quien moriendo bivo, e nunca muero.

Gal. De quanto té agora nos contastes, nem destes papeis que nos lestes posso conjecturar, de onde fossem senhores esses Principes, servidores, e pretensores da Princesa Peralta, ou que reino podesse ser o del-Rei Arunce seu pai, que dizeis era Rei poderoso?

Crisp. Nem eu achei disso rastro, nem certeza alguma; porque os papeis que meu bisavô tresladava parecia serem como historia daquelles tempos, que nestes de nenhuma maneira se puderão entender: por quanto a letra erão outros caracteres muito differentes dos que hoje se sabem. E o mesmo a lingoagem, e huma, e outra cousa dizia meu bisavô que só elle naquelle seu tempo entendia, e não de todo: o que tudo lhe ensinara hum Escolar velhissimo sendo elle menino; e erão estes como agora Doutores, e chamavão Escolar em degredos, por decretos ou leis. Porém as letras que parecem Gothicas, vos quero eu mostrar e são estas pera que achando dellas algumas antigualhas as entendais:

A. b. c. D. d. E. e. f. G. g. h. I. i. K. l. m.

n. o. p. q. r. S. s. T. t. u. X. x. Y. y. z. ct. n. b.

Mas o que disso que de meu bisavó pude, ou posso agora rastejar, parece seria o reino deste Rei Arunce estendido ao longo do mar, e pelo sertão menos povoado, que não devia ser grande, como digamos o reino de Valencia, ou de Murcia, ou de Jaen: e quanto a poderoso, o seria pelos comercios, e contratação destas cidades e logares maritimos de que se fazia mais conta, tendo pouca dos da terra dentro. Pois dizia essa historia que Certorio, Principe entre os Lusitanos, edificara hum castello em fronteira do reino del-Rei Arunce, o qual do seu nome, e da amizade que tinha com Carthaginezes lhe chamara Certhago, e que o edificara pera effeito de suas pretenções, e segurança em acontecimentos varios dos tempos, por quanto o sitio era forte, entre dous rios, no cabo de huns montes onde os rios se metião hum no outro, e no mais intimo centro da Lusitania, e entre brenhas serradas, e asperissimas. E que o mesmo Certorio residia de ordinario em huma cidade da mesma Lusitania chamada Ebora, donde com os mesmos Lusitanos fazia muitas guerras, e alcançara muitas victorias contra as gentes do reino de Roma mui poderoso. Pelo que parece faria té o Zênzere todo acima, pois o dito castello Certhago da outra banda do rio ficava já fora desse reino.

E que da mesma maneira el-Rei Arunce, sabendo deste castello edificara outro em fronteira delle, ao qual de seu nome chamou o castello de Arunce; tão metido, e escondido em hum vale entre taes serranias, que quasi se não sabia delle por ser tudo por ali ao redor cerrado de bastissimo arvoredo.

E pois vemos hoje que deste castello Certhago á cidade de Colimbriga, agora Condexa a velha, não são vinte legoas, e delle ao castello de Arunce, hoje Arouce, somente são sete legoas: podemos daqui inferir ser o reino del-Rei Arunce pequeno ao menos na largura, se não se tivesse alguma ponta, e se estendesse pera outra parte.

E quanto aos Principes, que pretendião o casamento de Peralta, serião senhores de muitos vassalos, e villas por essa Hespanha vizinhos (como he de crer) deste reino, e ainda que Reis não fossem, nem

por isso deixarião de ser poderosos, pois sabemos que Cipião depois de tomada em Hespanha a nova Carthago, praça de armas, e massa da grande Carthago, cativando-se ali huma senhora, dama de rara e estremada fermosura, e por tal sendo apresentada a Cipião, o qual sabendo della quem era, e como estava desposada com hum Principe da Hespanha chamado Indibil: não sómente a não tocou, mas mui guardada, e reservada a entregou a seu esposo, e com o dote o mesmo resgate que era grande suma de dinheiro, que da sua bolsa pagou ao senhor que a cativara: por cujo reconhecimento desse beneficio, o mesmo esposo Indibil ajudou depois a Cipião, noutras emprezas, e nas guerras com quatrocentos de cavallo: o qual já dantes viera com cinco mil homens contra outros Cipiões em favor de Carthaginezes, do que poderemos conjecturar quão poderosos senhores havia por estes tempos na Hespanha, posto que Reis não fossem, quaes serião os Petronios, e Zacor e outros pretensores da Princesa Peralta cujos nomes não vierão á minha noticia.

Porém entre elles começarão apparecer suspeitas de revoltas, e rompimento, e receios, e ciumes huns dos outros sobre esta pretenção do casamento desta Princesa: por cujo respeito el-Rei seu pai, se dantes andava lento na resolução de a casar, ficou agora mais duvidoso por não querer tomar inimigos, e a todos entretinha com as melhores escusas como já vos disse. E de tudo isto se praticava muito entre as damas diante da Princesa, e de como huns tinhão ciumes dos outros, e como alguns cuidavão ter certa sua esperança, té que hum dia disserão humas ás outras: Senhoras que cousa serão ciumes? E que cousa será esperança? que tanto anda nas bocas destes galantes, e sempre vemos, que em se falando em materia de Amor, e em damas, e seus galantes, e servidores, logo se fala em ciumes, e tudo são esperanças, que cousas serão estas? O que vindo á noticia dos cavalleiros cortezões daquella Corte, servidores das mesmas damas, apparecerão nella humas trovas em definição e declaração de ciumes, que alguma dama pediria a seu galante, e o mesmo da esperança.

DEFINIÇÃO DE CIUMES, E DECLARAÇÃO DELLES

Temo obedeceros tarde
Ya que rehusar no puedo,
Ser temerario de miedo
No es dexar de ser covarde.

Si acierto o desvario
Solo que obedesco muestro:
El atrevimiento es vuestro
Pues mi coraçon no es mio.
Que en fin pues es vuestro intento
Diré logo que celos son,
Que donde no ay coraçon
No ay miedo o atrevimiento.
Sobra materia y razones
Para bivir recatado;
Si arguye trato doblado
Tener vos dos coraçones.
Son celos sin tener ser
Un Amor, que con porfia
Y con sed de hydropesia
Del miedo empeço a bever.
De nada se satisfazen,
Son escrupuloso enredo,
Proceden de Amor e miedo
Porque no mueren no nacen.
Entre dudar y creer
Vacilando perseveran,
Non son nada, si algo fueran
Pudieran dexar de ser.
Illusion acreditada,
Lucifer en presumir
Con Dios quieren competir
En hazer algo de nada.
Mina de eterno despecho
Allá nel alma metida
Infiernos son de porvida
Portatiles en el pecho.
Laberintos fabricados
De contrarios pensamientos,
Y guerra de entendimentos
Muertos por ser condenados.
Fixo en la imaginacion
Tienen todo movimiento,
Ya natural, ya violento
Y es todo trepidacion.

De tierra lo muy pesado,
Del agua las avenidas
Incendio son de las vidas
Ayre en la mano apretado.
Son todo lo que tenemos
No admiten algun abono,
Otro cahos en novo tono
Minuto en muchos extremos.
Son accidente traidor
A su propria causa ingrato,
Influencias de recato
Y exalaciones de Amor.
Son cosecha del absencia,
Archivos de la tristeza,
Fuerça que haze una flaqueza
Que excede toda violencia.
Solicitos porfiados
Ya timidos, ya furiosos,
Son compitiendo embidiosos
Por seren desconfiados.
Viven siempre en emboscada,
Son offensa resumida,
Tienen tanto de creida
Que parece averiguada.
Son fantasiada evidencia
Y casi honrosa locura,
Presumen de architetura
Y tachan correspondencia.
Procuradores de pena
Cargados de informaciones,
Juez que por presunciones
A dar tormento condena.
Son relampado antojado,
Rayo de furor despues;
Solo si es, o no es
Pleito y tribunal formado.
Son suenos que quitan sueño
Y de pesadumbres junta,
Tiro que a outra parte apunta
Y rebienta contra el dueño.

Curiosidad insaciable,
Malicia de fe doliente,
Hazen cierto lo aparente
Y lo invisible palpable.
Parecen demonstraciones,
Son pesadas liviandades,
Son mentiras y verdades
Fundadas en presunciones.
Vencen com puro temor
Mas que el esfuerço ha vencido;
Por apaziguar roido
Le hazen mucho mayor.
Desculpa no les contenta,
Si muerden dexan rabiando
Amigos son que agraviando,
Matan a quien los sustenta.
Todo les aprieta, y duele,
De sombras hazen cimiento;
Un molino son de viento
Que con qualquer ayre muele.
Sientense, pero no ay vellos;
Cansanse con la razon,
No ven la calva occasion
Traenla por los cabellos.
Es inquirir su officio
Ciegos ministros de Amor,
Averiguar lo peor
Tienen por mejor servicio.
No ven con ojos abiertos
Y con sol andan a escuras;
Lluvia y mezcla de locuras
Pesadilla de despiertos.
Duermen en cama de espinas,
No hallan seguro lado
A todo lo que han minado
Buelven hazer contraminas.
De assombros de ageno bien
Alimentan los sentidos,
Sin ojos, lengua, ni oydos
Tras ojan, gritan y ven.

Siempre dan malos consejos,
Buscan lo que no procuran,
De cerca no se asseguran
Y saben matar sus lexos.
Tornasoladas colores
Con indifferentes visos
Dan equivocos avisos
Linces para ver temores.
Differencian los sospechas
En no dexarse fundar,
Quanto va de sospechar
A dar las cosas por hechas.
Carcoman que aun no se cria
De evidente gloria agena,
Porque madrugó la pena
Desde quando se temia.
De agueros sacan afrenta
De desconfiança obstinada,
Zeros que no siendo nada
Hazen muy mayor la cuenta.
Guerra sin paz, paz de Judas,
Burlas que afligen de veras,
De incierto hazen quimeras
Alquimia sacan de dudas.
Son una eterna querella,
Mar que no consiente calma;
Y fragandose el alma
Se quedan por fragoa en ella.
Buscan el desassosiego
Vida entre brazas y llama,
Aunque mas parecen llama
Que está nel ayre su fuego.
Son seminario de duelos,
Ansia nel alma arraigada,
Si son celos no son nada
Si son algo no son celos.
Y si pueden tener ser
Los que digo monstruos son,
Pues os concibe varon
Y los engendra muger.

Esta hydra, esta quimera
De vos resulta, y redunda
Pues todo es causa segunda
Vos solo causa primera.
Termino con paz ni pausa
No conceden sus aprietos;
Causa son de mil deffetos
Y vos de su causa causa.

A Princesa e suas damas, a quem nunca té aquella hora tinha tocado este mal, e infernal peste de ciumes mais que de ouvida, attonitas ficarão, e como pasmadas olhando humas pera as outras de ver que em cousa que tinhão por de zombaria houvesse taes, e tantos effeitos. Porém logo quizerão tambem ver e saber se na esperança achavão melhor rosto e doairo: e praticando sobre isso variamente não faltou outra dama, que por agradar a Princesa, quando o outro dia nisso se falou mandou a hum seu servidor lhe mandasse dizer o que era Esperança. E tirando do seio disse, esta he

A DEFFINIÇÃO E DECLARAÇÃO DA ESPERANÇA DO MUNDO

Es la esperança la vida
Que puede aver en absencia,
Y el alma de la paciencia
Que está en la fee detenida.
Es esfuerço del cuydado,
Nunca cabe en temeroso:
Es un aliento forçoso
Para mejorar de estado.
Nace luego que el desseo
Habita en la fantasia.
Mantienese de porfia
No la acobarda rodeo.
Resiste a qualquer tardança,
Con ella se está en presencia:
Y en un absente paciencia
Quiere dezir esperança.
Alivio de perseguidos
No consiente desmayados,
No dexa los levantados
Ni desampara caidos.

La que pone en dignidad
Y sustenta pretensiones,
La que mantiene aficiones
Y allana difficuldad.
Disculpa de los sufridos
Y culpa en los devaneos,
La que despierta desseos
Dando sueño a los sentidos.
En todos estados guia,
Aprovecha para el cielo,
Del desdichado consuelo
Del prospero hydropesia.
Valedora en los aprietos,
Descargo de los excessos,
Fiadora de sucessos,
Camino de los effetos.
Aun el mas desesperado
No tiene vida sin ella;
Pues espera que en perdella
La halle mudando estado.
Aparece por instantes,
Reside en lo que adevina;
Ya se esfuerça, ya se inclina,
Crece, mengua en los semblantes.
Si se atreve es esperança;
Obstinada es casi fè:
Favorecida dirè
Que para en ser confiança.
Offrecese en todo aprieto
Sin poner limite al tiempo;
No alcançada es passatiempo
Y conseguida es effeto.
Madre de la diligencia
Que es madre de la ventura,
Reparo en la desventura
Y socorro de la absencia.
De contento el alma cevas,
Por ti esperança respiro,
Y por ti tambien aspiro
A llegar donde me llevas.

La muerte no te deshaze,
Quien te tiene el mal suspende;
Contigo que no se emprehende,
Que sumision no se haze?
Esfuerças los pensamientos
En todas partes te hallas,
Ministra de las batallas
Causa de los vencimientos.
Aunque engaños satisfazes,
Ves el bien de muchas leguas,
Por lo menos eres treguas
De quien no esperava pazes.
Sirveste de la memoria,
Tratas de lo que ha de ser,
Y affirmas que está el vencer
En intentar la victoria.
Valeste de conjecturas,
De traças, de consequencias,
Opponeste a las violencias,
Passas tiempo y le procuras.
Vienes sin saber porque,
Y otras vezes compellida,
Das alimento a la vida,
Y eres bordon de la fé.
El mal contigo se aplaca,
Si das dolor le mitigas,
Consuelo das sin fatigas,
Eres toxico, y triaca.
Sobervia y humilde suerte
Alivio de su sosiego,
Lexos cerca, tarde luego,
En ti todo se convierte.
Eres ansia del cuidado
Que lo mejor le assegura,
Sobre que coger procura
De lo que te has figurado.
Y aunque mas os desatines
Nacen de ti los remedios,
Pues los principios, y medios
Te deven todos los fines.

Mais airosas e risonhas se mostrárão assi a Princesa como as damas com a declaração da esperança. E ainda que nella se incluião muitas cousas de differentes entendimentos, com tudo ao costume das mulheres quizerão as damas que as esperanças forão todas, e se entendessem sómente de esperar seus favores, como de cousa muito do Ceo, quaes ellas cuidavão ser estimadas, e gabadas de todos.

Porém achando-se presente huma dona honrada acaso que viera pedir á Princesa favor pera com el-Rei seu pai pera certo negocio, quando assi as vio enlevadas, e presuntuosas de si mesmas, lhes disse: Filhas, a minha idade junto com a experiencia do que tenho passado, e visto passar, me dá licença, e atrevimento pera vos dizer duas palavras com licença de Sua Alteza. E a Princesa: que dissesse nas boas horas; e logo a bõa velha: Filhas, não cuideis que porque os homens vos gabem tanto, e levantem té as nuvens vossos louvores, que por isso hajaes de vos fiar delles pera cuidar que tudo o que vos dizem, cuidão elles ser assi. Sabei filhas, que só á fim de alcançar o que desejão o dizem, e muitas vezes fingidamente pera depois zombarem de nós. Por tanto nos convem não sómente em quanto donzellas, senão ainda depois de casadas viver com muita cautela, e as que agora lhe podeis ser esquivas, deveis em casadas ser-lhes muito amorosas, e obedientes (que em fim lhes ficamos em poder) por lhes não virmos a aborrecer, sobre que outro dia vos direi o como vos haveis de haver com elles pera vos estimarem, e terem por alivio e gosto, e não por cruz e pezada carga como a muitas acontece, e podeis ver neste

SONETO Á CARGA DO CASADO

Del mar sobervio y vientos combatida
 Una nave ya en puntos de perderse,
 Alivio de la ropa importa hazerse,
 Dixo el maestro con la voz rendida.
Cada qual hecha por salvar la vida
 Al mar su mayor carga, y por no verse
 Morir alli quien mas penso perderse,
 Toda su hacienda da por bien perdida.
Llevava su muger un hombre honrado
 (Si tal nombre merece pues tal hiço)
 Y luego la arrojó la mar abaxo:
Cómo tal pudo hacer fue preguntado,
 Y con esta respuesta satisfizo:
 Ay mayor carga, ni mayor trabajo?

Por onde (dizia ella) té os pensamentos além disso, quanto mais os procedimentos deveis ter muito honestos e recatados, que não basta ser virtuosa, se não que he tambem necessario parecel-o; que a virtude nas mulheres, e ainda nos homens deve ser muito recatada, evitando toda occasião de nota, pois aconteceo muitas vezes padecerem muitas sem mais culpa que a de seu descuido grandes infortunios, assi na pessoa como na fazenda: que os homens quanto mais descuidados se nos mostrão então nos espreitão mais, e espião, té fazerem nisso experiencias taes como a que se diz neste soneto:

En la Holanda manchada del tributo
Que todas las Kalendas paga Lice,
Clava una rana biva el infelice,
Clito su esposo, felizmente astuto.
Pusole en odio el adulterio (fruto
Del ranicidio) segun Plinio disse;
De oy mas ni Ptolomeo a Berenice,
Ni de casta a su Porcia alabe Bruto.
Ó Cesar, ó Republicas, ó Reis;
Si, Lice vence a Egypcias y Romanas,
Edificad a Clito estatua y arcos:
Peresca la ley Julia, vengan ranas;
Pesquenlas magistrados en los charcos,
Pues pueden mas las ranas que las leys.

Como a boa velha se mostrava tão sabia, e tão amiga com tão bons conselhos, cuidárão as damas ser alguma sabia maga, e logo como he natural de moças, e quasi de toda a molher, lhe descubrirão seus amores, e intentos, e assi dos pretensores e servidores da Princesa Peralta sua senhora, pera saber com qual casaria; mostrando-lhe quantos sonetos, e cartas se lhes tinhão mandado, pedindo-lhe cada qual conselho, e declaração do fim que terião suas pretenções. E das que mais enlevadas estavão no que ouvião a esta velha sabia, erão duas damas muito moças, chamada huma Docinia, outra Agilia, mui aceitas á Princesa, offerecendo-lhe as mãos pera que lhe dissesse a bona dicha (que tão antigo como isto he este abuso): mas outra dama muito grave a tomou de parte, e lhe mostrou cartas de hum seu galante a que queria bem, e desejava por marido, perguntando-lhe se teria isso o desejado fim. E entre outros escritos lhe mostrou hum soneto que

elle lhe mandara, metendo nelle o nome della que era Vilante, que já nesses tempos havia este nome em damas de preço.

AO NOME DE VILANTE

Vilante, esse valor he tudo quanto
No mundo pode ter ou dar valia;
Nem a manhãa rosada, alegre e fria
Antes de ti ser vista he bella tanto.
Ante esse resplandor da noite o manto
Desaparece escuro, e torna o dia
Tão sereno, e rico de alegria
Quanto por ti minha alma está de pranto.
Como sol escureces lume, e a luz
E o tenebroso triste, baixo ou vil,
Ante esse claro gesto alegre fica.
Que esses divinos olhos poem na Cruz
Aos que olhal-os ousão, mas de mil
Bens, a alma (se elles olhão) fazem rica.

Nisto se chegou pera ellas a fermosa Iris com hum papel na mão, dando com elle na outra, como por escarneo de hum romance que naquella hora lhe mandara Escalor, a qual lhe disse: Tambem isto he de hum meu servidor bem escusado, pois quantos maiores estremos elle faz, ou mostra, tanto menos me lembra, e mais o esquivo por nada me convir: dizendo logo, que não era sua comparação, nem Principe, ou filho de Rei, levantando-se assi (cousa que pouco agrada): a que à velha se torceo hum pouco, e dizia assi:

ROMANCE DE ESCALOR A IRIS

Entre castaños, y alisos
Que un rio bañando va,
A quien mira con desprecio
Mirandose en su cristal.
El triste Escalor por Iris
Llorava su soledad
Que un alma absente descansa
Quando cansa de llorar.

Ay claras olas (dize)
Grato silencio prestad
Que dar oyda al quexoso
Es dar alivio a su mal.
Vistesme alegre algun dia,
Y triste me veis estar,
Porque es de amante absente
La tristeza natural.
Faciles son las mudanças
Del plazer para el pesar,
Que los bienes buelan mucho
Males no saben bolar.
Mi mal estuvo em partirme
De do el pensamiento está,
Adorando aquella humana
Que en la tierra es mi deidad.
Partime y senti partirse
El alma, que si es verdad
Que puede partirse el alma
Partioseme la mitad.
Bivo en la que allá me queda,
Muero en la que tengo acá,
Morir absente es lo menos
Porque vivir es lo mas.
Ingrata Señora mia,
Como no as piedad,
Pues esta ribera llora
Las piedras sienten mi mal?
Y quando en la mano del hombre
Estuviera su principio,
Fuera gloria, o fuera afrenta
Ser bien, o ser o mal nacido.
Y quando en fin la elecion
De aguelo fuera alvedrio
Ninguno naciera humilde,
Y todos nacieran ricos.
Son todos hasta nacer
Aunque de padres defuntos,
Hijos de naturaleza,
Despues de sus obras hijos.

No haze lo que es ageno
Al hombre digno o indigno;
La virtud es cosa propria
Esta es quien nobles hizo.
Naci humilde en tu respeto
Entre estes sobervios riscos,
En quien del agua se quiebran
Peñascos, e se desquician.
A do nacen hombres fuertes
Limpios sabios y de juicio,
A nadie conceden palma
En merecer tu servicio.
Mejor es merecer Reynos
Que ser Rey de burla, y riso,
Que estos ja perdieron todo,
Outros supieron aquirillos.
Ingrata señora mia
Que azar tomastes comigo
Que te amo, quiero, y adoro
Sino si adorarte es vicio.
Eres mi sol, y me ardes,
Soy yo tu sombra y te sigo;
Alumbra con tu luz mi obscuro
No sigas lo que aun no as visto.
Que pensamientos nel ayre
Son pensamientos sin quicio.

Em quanto as damas lião, e contavão estas cousas á boa da velha (que são suas ordinarias praticas) ia ella mudando de cores, e fazendo gestos pouco apraziveis, não podendo já de todo encobrir o desdem, e grande ira que de cada vez mais ia concebendo. E como viera com dissimulação, e pretexto de pedir favor á Princesa pera com el-Rei seu pai fingidamente, fazendo-se velha só a fim de a ver (como vio com seus olhos) a altiveza desta Princesa, e arrogancia de suas damas, especialmente de Iris, que tanto presumião de fermosas, e de quem tantos gabos se dizião, e apregoavão, e por isso presumião competir com a mesma deosa Venus, sem fazer caso algum de sua deidade que dizião ser vã. E vendo o desprezo, que mostravão a tudo, principalmente Iris, sendo Venus tida, y venerada naquelles tempos de gentilidade por deosa da fermosura, e fada dos Amores: Ella com huma muito

medonha acatadura, e olhar atravessado, o rosto sobre o hombro se foi sahindo, dizendo entre dentes, que mal a entenderão: Eu abaixarei a soberba destas doudas: com outras palavras que as damas não entenderão de que ficárão mui assombradas, e attonitas como pasmadas não sabendo quem esta mulher fosse, nem mais que o grande medo que della conceberão em seus corações, tremendo de pé, e mão sem sangue, enfiadissimas com as cores differentes que

De generes animos timor arguit.

E mandando depois que tornárão alguma cousa em si saber della, nenhuma nova, rasto, nem caminho se poude saber; o que causou ainda maior medo. E foi o primeiro dia, pronostico das grandes calamidades e desventuras que começárão cahir sobre a casa del-Rei Arunce, e da Princesa Peralta sua filha unica, e herdeira de seu reino, riqueza e estado. Do que amanhãa, pois vão sendo horas de nos recolher, vos contarei: que ás horas de hoje poderemos ir passeando por essas sombras a Nossa Senhora da Conceição e refrescar-nos na sua fonte.

Dev. e *Gal.* Assi seja, e adeos.

DIALOGO DECIMO QUINTO

A perdição del-Rei Arunce, a ida deste Rei a Africa. Armas de Coimbra. A fundação do castello Arouce, agora da Lousam. E de alguns thesouros. Com huma invectiva contra a esperança. E alguns romances, e trovas.

DEVOTO. — CRISPO. — GALACIO.

Dev. Quanto hoje, senhor Crispo, nos não podereis negar que o desejo de vos ouvir nos não fizesse vir primeiro: pois ha pedaço que aqui vos esperamos nesta hermida de São Sebastião.

Crisp. Como, senhores, em tudo me ganhais, assim o adiantar-vos, por me fazer mercê foi fazer-me perder terra no que perdi nesta de vos não acompanhar té aqui.

Gal. Nós fomos os que nisso perdemos; em cuja restauração nos fazei mercê contar-nos em que parárão as cousas del-Rei Arunce, que hontem deixastes á porta e em vesporas de grandes infortunios.

Crisp. Dos pedaços da historia desse Rei que acertei a achar, e do que me lembra ouvir a meu bisavô, não pude collegir tanto, que vos possa dar inteira satisfação e noticia de suas cousas, porque alem do que esperdicei, e o tempo gastou, erão as escripturas desses tempos antigos (ainda que se acharão inteiras) muito curtas, e diminutas nestas nossas partes, e por isso ha tanta confusão, e diversidade de opiniões, entre os nossos escritores de historia, como na figura de Protheo, que por significar a antiguidade o pintão em diversas formas: por quanto nas cousas muito antigas cada qual lhe dá as cores, e sentido que quer sonhar: e com tudo trabalharei eu, de serzir, e atar estas antigualhas de maneira que vos pareção quanto menos mal for possivel. Mas vamos assim passeando por estas bellas sombras, fazer oração a Nossa Senhora da Conceição, por este val da Manta, da ethymologia de cujo nome vos direi outro dia, ou ainda hoje alguma cousa.

Dev. Não sei que tem esta hermida da Senhora, que achão aqui muitos mais devoção que noutras casas da mesma Senhora devendo tel-a muita em todas.

Crisp. Parece será vontade sua, e mercê de Deos Nosso Senhor dar devoção, e fazer mais milagres e mercês em huma casa de oração que noutras, ainda que sempre nol-as faz em todas, nem eu sei dar outra razão se não esta do cabo, nem he meu dal-a. Mas pois temos rezado, e offerecendo-nos a mesma Senhora, deviamos ir sentar-nos junto

daquella sua fonte, e beberemos sobre estes doces, que ainda a mim abrangerão da vossa festa, e os quiz trazer como esquecidos de cotos de galinha assada em voda de noivo de aldeia.

Dev. Maravilhosa agoa certo; he esta fria, e delgada e gostosa.

Gal. Isso de gostosa dizem não ha de ter a agoa; ao contrario do vinho, que o bom, dizem ha de ter cor, olor, e sabor, e a agoa carecer dessas tres cousas, nem cor, nem olor nem sabor.

Crisp. O sabor tal póde ser o da agoa, que lhe acrescente a bondade, como a esta.

Gal. Se se pudera lavar a devesa fora aquelle o mais deleitoso, e aprazivel sitio do mundo, como já ouvi ao senhor Devoto.

Dev. A mim parece cousa factivel, e que com pouco custo se poderia lavar.

Crisp. Folgarei eu muito de entender isso, porque se alguma ora vir occasião o possa persuadir, sendo de pouco custo como dizeis.

Dev. Pois attentai pera este outeirinho, e digo que fazendo-se hum valle ao redor delle a olivel desta fonte, que se podia buscar mais acima, chamando pera isso as vintenas alternadamente que não custa dinheiro, e abrindo os mesmos os altos que são poucos, onde por medida tomada primeiro fosse necessario. E nestes valles meter telhões dos quaes se fizesse huma fornada ou duas, e cubertos de lagens, obrigando a cada carreiro a trazer tantas em pago dos pastos que comem com seus bois. E pera os lugares baixos obrigar os moradores cada hum, ou cada tantos contribuir com hum canal aberto em paos compridos, pois ha aqui tanta madeira, e estes canais postos em porções fortes: parece que pois pola pobreza deste conselho, e rendas da Camara, se não podem fazer outros aqueductos de pedraria, poderia desta maneira vir esta agoa a tão pouco custo como vedes.

Crisp. Ainda que não espero ver isso, nem o poder persuadir, folgo muito de o saber que realmente parece factivel, se as medidas e alturas o não contradisserem.

Dev. Isso he o que suponho primeiro. E porém deixando isso, que razão haveria pera chamar-se esta fonte, fonte do Val do barco, que parece nome despropositado, sendo assi que tudo tem seu por que buscada sua origem.

Crisp. Assi he, e não vos parecerá despropositado depois que vos disser a causa, que tambem disso achei algum rasto. Mas quero-vos primeiro dizer das cousas del-Rei Arunce, e da Princesa Peralta sua filha, que bem vistes a turbação, e sobresalto com que ficou ella, e suas damas da entrada, ou pera melhor dizer da sahida daquella dona

pelo terrivel gesto que mostrou, e palavras com que ameaçando se foi sahindo, e mais por se não poder saber quem fosse.

Conta pois a historia, que ainda que a Princesa, nem os de sua casa puderão nunca saber quem esta boa velha era, com tudo se soube depois ser huma das tres fadas chamada Venus; a qual enfadada das grandes revoltas que via na sua Roma, onde principalmente era venerada por Deosa da fermosura, e amores entre os seus Romanos, e por não ver tantos males, e desaventuras como se aparelhavão, e havião de succeder entre Scilla e Mario autores, e depois Cesar e Pompeo, e logo Augusto Cesar e Marco Antonio, e outros, se viera de lá, como já outras vezes o fizera sahindo-se de huma ilha, e outras partes onde muito estimada era, e tida por Deosa, se viera agora a estas da Lusitania, por ser a gente della, assi na lingoagem do fallar, como no esforço de seus animos com que commetião grandes feitos lhes parecerem ainda os mesmos Romanos com os quaes cuidava estar, amando e favorecendo estes quanto pudesse: e vendo-se nestas partes mui venerada só Peralta e suas damas, particularmente Iris, a não acatavão, antes a tinhão em grande desprezo, e a si mesmas por mais divinas e fermosas: pelo que esta fada Venus lhes concebera grande e mortal odio e aborrecimento, e se determinara empecer-lhes em quanto pudesse. Porém que antes disso as quizera ir ver demudada em fórma de velha como vistes, e a ouvistes il-as ameaçando, inda que entre dentes, que ella abaixaria a soberba, e altiveza destas doudas como aconteceo, e por culpa dellas destruição da casa, e reino del-Rei Arunce, que he o fim ordinario da soberba.

Por quanto a poucos dias passados despois disto, apparecerão lá no mar grande, e espantoso numero de velas, e naos que turbárão grandemente el-Rei Arunce, e revolverão toda a sua Corte, por não saberem quem fossem, nem a que fim se vinhão chegando á cidade Colimbriga, que já vos disse era nesses tempos porto de mar.

Achava-se el-Rei Arunce desapercebido de gente de guerra (porque de multidão de povo não ha que fazer caso) sem armas, sem munições, e sem todas as mais cousas necessarias á sua defensão; por onde tudo era confusão e medo, sem nenhuma ordem, nem conselho em tão repentino perigo, como era, e tanto pera temer o em que se vião, expostos a huma total perdição, como ordinariamente acontece aos Reis, e com só o intento de esfolar os vassallos, e quebrar-lhe as forças, e as armas, que quando menos o cuidão vem sobre si sua destruição: como aconteceo a el-Rei Rodrigo na sua perdição de Hespa-

nha e mil outras occasiões, e agora veremos neste descuidado Rei, e he isto mais ordinario nos Reinos e lugares maritimos, onde os casos são mais repentinos, e elles mesmos mais sugeitos a calamidades e desventuras, que os da terra dentro, e por isso mais obrigados a estar mais prevenidos, e viver mais recatados, como o costumavão estar os Reis deste Reino, que tinhão dentro no paço hum almazem de todas as armas onde em huma hora ou em hum dia se podião armar vinte mil homens, porque havia nelle doze mil corpos de armas, muitos milhares de mosquetes, e arcabuzes, e todo genero de armas e muita artilharia, tudo muito bem aparelhado e prestes. Por se não verem em alguma desventura, sem terem tempo de se valer e remediar, como temos vistos muitos, assi antigos como modernos, e como digo veremos neste pobre Rei Arunce. O qual com a turbação sua, e de toda a cidade que podeis cuidar, não deixou de acodir com a mais gente que poude estorvar a desembarcação destas gentes, o que não podendo, com morte da mór parte dos seus, foi entrada a cidade Colimbriga tão populosa, e insigne saqueada e assolada, e elle desbaratado quando menos o cuidou, estando na mór prosperidade, e a seu parecer segurança, e potencia de seu reinado. Que taes são as felicidades, e cousas deste mundo caducas, e perecedeiras, sem ter firmeza alguma mais que em a não ter em nada.

Porém el-Rei Arunce em quanto durou o desbarato de sua gente, vendo a grande potencia dos inimigos, os quaes se não sabe em certeza quem fossem, nem a historia o declara, mais que dizer serem almozudes de Grecia ou almonides de Alemanha.

E desconfiando de se lhes poder defender na cidade, com a maior pressa que poude, metendo-se nella, e tomando sua filha e toda sua familia, e com alguns outros que o puderão seguir, e com quanto poude levar de seus thesouros, se meteo por dentro dessas brenhas, e arvoredos, embrenhando-se, e escondendo-se por elles, o melhor que poude: a quem os inimigos deixárão de seguir, nem isso lhes lembrou intentos, e ensopados, no grande e rico saco que derão á cidade, que durou muitos dias, em que se encherão, e fartárão sua grande cobiça, que deveo ser a que ali os trouxera.

E tal foi o estrago que fizerão naquella insigne e populosa cidade metropoli daquelle Reino, não perdoando a cousa viva, nem ainda aos mesmos edificios (e dizem os havia nella admiraveis, que o fogo consumio) e de tal feição ficou destruida, que nunca mais té o dia de hoje tornou, não tão sómente a seu antigo ser, e prosperidade, mas nem ainda a ser povoada, nem habitada. E tal o terror, e medo dos que se

puderão escapar da grande crueldade dos inimigos, que nunca mais nella quiserão entrar nem morar.

El-Rei Arunce se foi escapando pola terra dentro, que nesses tempos era pouco povoada, e tudo erão florestas, e bosques de arvoredos muito cerrados, e habitados de feras, deixando sua cidade, e reino em poder de seus inimigos, os quaes como já vos disse não diz a historia quem fossem, nem delles mais, que dizer-se que seu Capitão era hum Conde, nome (nem se diz outro) nesses tempos pouco usado, o qual por deixar de ali a alguns tempos a dita cidade Colimbriga, de todo destruida, quando della se partio, sem se declarar como foi esta partida, ou se com toda sua gente, ou depois: os moradores, e naturaes, pola assi verem assolada, de lastima e grande dor de coração que recebião, quando nella falavão, a não nomeavão por seu nome Colimbriga, se não Condeixa, como deixada do dito Conde que a destruira.

E todavia ficou na memoria de alguns o que se dizia de sua fundação, e nome: porque diz a historia, que huns dizião chamar-se Colimbriga, de colis, e briga (como já vos disse) porque colis queria dizer bosque de arvoredos, e briga ajuntamento de gentes, as quaes edificando esta cidade neste lugar onde então haveria muitos arvoredos, e ajuntando-se nelle pera isso lhe puserão nome Colimbriga.

Outros dizem, que de huma grande serpente que por ali habitava chamada Colubris, a qual pelos muitos danos que fazia, e medo que causava, não deixava que por muitas legoas ao redor se povoasse, e sendo morta por grande ventura por hum cavalleiro que por amores de huma Princesa se veio provar ventura com esta serpente, e a matou por admiravel valentia, e ardil, que seria largo de contar. Porém que casando depois desse feito com essa Princesa, por cujo respeito acabara tamanha façanha, e na memoria della, edificou no mesmo lugar huma cidade, e do nome de Colubris que elle matou, e de briga que nesses tempos era muito commum e ordinario nome nas povoações, lhe pusera este de Colimbriga, dando-lhe por armas e empresa a mesma serpente, e Princesa sua dama, em virtude da qual dizia acabara essa empreza, tudo em huma salva de ouro ou de prata; e desta maneira as trazia elle em seu escudo, e isto se tem por menos fabuloso, ou por mais certo, vendo-se ainda hoje estas mesmas armas as ter a nossa Coimbra, que dizem que das reliquias desta Colimbriga foi edificada.

A qual destruida como fica dito, dahi a annos, os moradores que della puderão escapar por estes bosques com outras gentes vizinhas, ou por medo, e escarmento de tornar a habitar em parte maritima,

como he de cuidar, ou para melhor sua segurança, se determinárão edificar-se outra cidade afastada do mar, e em sitio forte, onde não pudessem ser outra vez repentinamente salteados e destruidos, como lhes tinha acontecido, e pondo por obra este conselho edificárão outra nova Colimbriga.

Esta he agora nossa Coimbra, que depois foi amplificada, e enobrecida por aquelle famoso Hercules, com aquelle castello tão nobre que nellá fabricou, e famosa torre que ainda hoje se chama do seu nome. Cidade tão florescente em letras com huma Universidade tão famosa da Hespanha, como depois de sua edificação o foi em armas, ficando-lhe sempre as que forão dadas á antiga Colimbriga, da serpente, e Princesa, por ella significada a sabedoria de Minerva, e por aquella o esforço dos Cavalleiros. No presagio de haver de ser sempre Princesa nas letras, como he que vemos aos letrados de aqui ordinarios, irem a outras Universidades, onde logo são os principaes lentes de prima e vespera; e nas armas se podem chamar os cavalleiros que daqui sahirão Hercules, como seu fundador desta sua fortaleza, ou serpes, nascidos, e criados nesta terra, dos dentes desta serpente Colubris; quaes as fabulas dizem nascerão da serpente, que Cadmo matador della semeou; e da maneira que a náo que Lisboa tomou por divisa, e armas, foi presagio, e pronostico das grandes, e estupendas navegações, descubrimentos e conquistas que della se havião de fazer. Pois se pode com verdade dizer dos cavalleiros de Coimbra, que todos forão Hercules, e serpes, e ella conquistadora de todo este reino de Portugal, de tantas cidades, villas, e castellos, e com tão pouca gente tantas victorias que parecem incrediveis poderem-se alcançar sem manifesto milagre, qual foi a do campo de Ourique, e com outras muitas: porém deixando a historia de Colimbriga, e Coimbra, que se conta por muitos modos, e pinta como a figura, que vos disse de Protheo. Mas certo que cada dia vemos cousas feitas a descuido virem a ser andando o tempo como profecia de outras, e té nos nomes de homens virem a parecer-se com elles depois, e os homens com os nomes; no que el-Rei, que Deos haja, Filippe dizem tinha grande fé.

Dizem que el-Rei Arunce determinado em ir pessoalmente, e passar em Africa pedir soccorro (ou fosse a Carthago com quem teria alliança, e amisade ou outro reino) contra seus inimigos, que via estar de assento, e cobrar seu reino, que fortificou e proveo o melhor que poude o castello que tinha edificado (como vos disse) quasi nas entranhas, e coração de humas serras, entre bastissimos, e cerrados arvoredos, e que com muito segredo meteo nelle a Princesa Peralta sua fi-

lha com outra gente escolhida de sua casa, e com muita parte de seus thesouros, lançando fama de seu caminho, fingindo levar comsigo sua filha, parecendo-lhe ficava nelle bem segura, visto que os inimigos não procuravão entrar pela terra dentro, e contentarem-se com o do mar, assi por o castello ser forte, respeito daquelles tempos, e metido no mais escondido da serra, e fechado com tantos bosques, como tambem por estar quasi feito ilha cercado de huma ribeira muito fresca, a qual tambem como o dito castello do nome do dito Rei se chamou depois a ribeira de Arunce, e agora de Arouce. E querem dizer que pera maior segurança de seus receios, e temores de deixar assi ali sua filha, e thesouros, e com elles o coração, fez encantar o dito castello com todos os thesouros que nelle deixou, fora do que deixou á Princesa sua filha pera seu gasto, e dos que devia de levar, os quaes algum dia os achará quem tiver essa dita. E com isso se partio el-Rei Arunce em demanda de sua pretenção; e bem se pode cuidar qual iria. Mas delle vos não tratarei por ora, por vos contar da Princesa sua filha, a qual ficou com tantas saudades, e com tantas lagrimas pela ausencia, e apartamento de seu amado pai, e de se ver em tal estado que não havia podel-a consolar, vendo-se apartar della seu pai todo banhado em lagrimas, e com muitos roncos com o impeto de sua desconsolação.

Dev. Lastimoso caso certo foi esse del-Rei Arunce, e digno de grande comiseração, vendo hum Rei tão poderoso, rico, e pacifico em tão breve espaço privado do reino, e de tudo, ir vagando por casas e terras alheias pedir remedio, aquelle que tão poucos dias dantes a muitos o pudera dar; e essa Princesa sua filha dotada com esse mesmo reino, e com tantas partes outras tão pomposa, e altiva, quanto pedida, e requestada de tantos principes, agora tão só metida n'uma cova, que isso parece estar esse castello, e ficar tão arriscada, que coração haveria que vendo isso, e essas lagrimas de pai, e filha com tanta rezão choradas, possa ser tão duro, que possa reter as suas sem chorar juntamente? Bom espelho nos pode ser esse pera nos não confiar das cousas, e prosperidades deste mundo, nem nellas cousa alguma.

Crisp. E com mais rezão sabendo o que depois succedeo, podeis isso dizer e considerar.

Gal. O té agora assás lastimoso he, mas tomara eu pera lembrança dessas saudades, e lagrimas puder enxugar as minhas, topar com esses encantados thesouros del-Rei Arunce, se quer polos tirar desse encantamento, e cativeiro em que estão ha tantas idades.

Crisp. Tudo tem seu quando, que outros se achárão já bem descuidados, e não menos antigos nestes nossos tempos, e nos passados, e he sem duvida que ha muitos.

Dev. Vi eu ha quatro dias, se poz hum homem a cavar no meio da rua na Mouraria, defronte de S. Sebastião de Lisboa, e ia tirando, e metendo na aljibeira; no que atendendo-se, e visto que tirava moedas de ouro, e dinheiro, correo o rumor, e acudio a justiça, e tomárão o homem com muitas moedas de ouro, e perguntado disse sonhara as achava ali naquelle lugar: de que tudo dando-se conta ao Viso-rei que era o Marquez de Castello Rodrigo, pera ordenar o que se faria, disse dessem ao homem outra enxada pera tornar a cavar mais, e elle que desse huma esmola, ou arratel de cera ao Santissimo Sacramento.

E por estes mesmos dias, estando outro homem em hum olival pegado com Lisboa, ao pé de huma oliveira com sua necessidade corporal, quiz tomar hum trapinho de linho, e puxando o achou preso, escravando o tirou atado com dous mil cruzados em ouro, que parece algum ferido de peste ali enterraria, porque nestas occasiões de pestes e guerras, ha ordinariamente muito disto de esconder dinheiro; além de que os Mouros e gentios de que esta nossa Hespanha foi habitada, tem por costume já convertido em natureza, esconder e enterrar o dinheiro. Deixo o thesouro que se achou em huma parede de huma torre em Coimbra no mosteiro de Santa Cruz, por ser mui notorio, e que erão cousa de outo mil cruzados.

Crisp. As pessoas de mais conta, que el-Rei Arunce dizem deixou á Princesa sua filha neste castello de que acho feito menção, e memoria, forão hum seu tio chamado Tiberio, pessoa de muita authoridade, e já entrado em annos, com hum filho menino chamado Ribeiro, e outro velho que era como mordomo mór de sua casa, por nome Castalio, homem de muito conselho e prudencia, com cujo parecer, com os mais a Princesa se governasse em tudo, e elles fossem sua guarda, e ficárão outros fidalgos velhos, e donas, a saber: Antigona, que era como sua camareira mór, e a criara de menina, a quem el-Rei a entregou por fallecimento da Rainha sua mãi, de cuja criação ella fora, que como filha, e senhora a amava em todo estremo, e da mesma maneira a Princesa a ella, por não conhecer outra mãi, e como tal a acatava e respeitava. Ficou tambem Iris aia da Princesa, e Docinia, e Agilia suas damas com outras donas, e gente de serviço, que devião ser muitas mais, cujos nomes não achei, que todos com muito amor, e cuidado servião a Princesa, e regalavão, procurando-lhe quantos mais passatempos podião, pola entreter, consolar, e animar, vendo-a em

tal estado, e infortunios acompanhada de perpetuas saudades, e continuas tristezas, em quem tudo era bem necessario: com o que forão passando todo o tempo que naquelle castello estiverão, que seria hum anno, ou mais, inda que a historia o não declara, pois não requeria menos tempo, a pretenção, e negocio com que seu pai se partio como ouvistes.

Porém por mais entretenimentos, jogos, e graças que todos á Princesa sua senhora procuravão, nenhuma cousa disto lhe entrava, posto lhes mostrasse receber prazer, antes com isso mesmo se lhe acrescentavão, e ião carregando, e multiplicando cada vez mais suas tristezas, e melancolias. E porque as consolações que Tiberio, e Castalio, e assi as damas lhe davão, todas vinhão a parar, e resolver-se no fundamento só das esperanças de seu amado pai, que tanto lhe ia tardando, e cansado com isso seu lastimado, e angustiado coração (sendo assi que qualquer cousa que esperada tarda cansa muito, quanto mais esta de tanta sustancia) se lamentou hum dia a Princesa, e se lamentava muitos da mesma esperança que já ouvira gabar, como ouvistes quando perante aquella boa velha fingida, que disfarçada a veio ver em hora que não devera, se lerão os louvores da mesma esperança. E dizia agora esta Princesa que não sabia que bem podesse haver na esperança das cousas do mundo pera poder ser gabada, dando muitas rezões pera isso, as quaes hum Poeta de nossos tempos tresladou da lingoagem daquelles tempos desta maneira:

INVECTIVA DE PERALTA CONTRA A ESPERANÇA DO MUNDO

Esperança tardia
Por defuera tan verde, y dentro seca,
Pesada compañia,
Error commun en quien la vida peca,
Lisonja del desseo,
Cruz de la alma y ciego devaneo.
Manjar de desdichados,
Refugio de faltos de ventura,
Sustento de cuydados,
Enmascarado engaño que assegura,
Dama falsa y risueña
Que encubre el coraçon, la cara enseña.
Camaleon hambriento
Buytre que a Ticio comes las entrañas,

Sisipho en el tormento,
Agua falsa que a Tantalo engañas,
Y huyas de la boca
Quando ya tu promessa al labio toca.
Pierdeste nel mal presente
Y nel bien futuro segurarte sabes;
Y nel mal absente
Entre lá soga y garganta cabes:
Y vas bolando asida
Hasta el postrer aliento de la vida.
Quando Pandora quiso
Descobrir aquel bien que acompañaste,
No fuiste al parayso,
Que en la boca del cantaro quedaste
Al fin en fragil vaso,
Que lo rompe qualquier pequeño caso.
Tregua, que dá la muerte,
Para hazer mas pezada nuestra vida,
Pena prolixa y fuerte,
Laberinto que niegas la salida,
De larga vida antojos,
Que la paciencia cansas y los ojos.
En contino mar incierto,
Y en rota nave pintan tu morada,
Ya entrando nel puerto,
Ya de las ondas sumida, y anegada,
O esperança terrible,
[1]Que ni pintada eres aprazible!
No se que tienes bueno,
Si el desseado bien quando se alcança
Es tu muerte, y veneno;
Mas no eres bien, ni mal, falsa esperança,
Que si esto assi fuera,
El cielo, o el infierno te admitiera.
Campanilla leviana,
Atomo sin sustancia, niebla al viento,
Y en la miseria humana,
Machina fabricada, sin cimiento

[1] Da falsa se trata; que a verdadeira he grande virtude.

Humo enfadoso,
Que de la casa quitas el reposo.
Quien te conoce puede
De tu tienda sacar mercaderias,
Que aunque rentas no herede,
Compralas puede, pues a pobres fias
Que siempre haces tu feria,
En el sitio y lugar de la miseria.

As quaes palavras dizia e repetia Peralta muitas vezes, e ainda algumas mandava a Docinia, que tinha huma voz do Ceo, e cantava estremadissimamente, lhas cantasse na mais triste toada, e quanto mais sentida pudesse, que a hum triste só tristezas parece o consolão.

Por toda Hespanha foi logo sabido o triste successo das cousas del-Rei Arunce, e seu desbarato, e bem he de crer, que cada qual dos Principes, pretensores do casamento da Princesa Peralta sua filha, desejaria muito soccorrel-o e ajudal-o com todas suas forças; mas ficárão tão quebradas as deste Rei, que pera restauração dellas lhe seria necessario muito maior poder, que o de cada hum destes Principes, e quiçais que o de todos juntos, o que não se podia esperar, ajuntaremse todos, sendo emulos competidores: pois valer-se de hum delles, posto que bastantemente fora poderoso, ficava nisso tomando os mais por inimigos, e por tanto, se partio deitando fama levar comsigo a Princesa sua filha, como fica dito, o que tendo-se por certo, esteve encuberta muito tempo sua estada no dito castello.

E com tudo assi como o sol, ou lua, se não podem esconder, nem estar muitos dias eclipsada sua luz, assi nem os grandes Principes estar muito tempo encubertos, nem esta Princesa tanto que se não viesse a aventar sua estada. Mas quem primeiro isso aventou foi Escalor, porque como estivera devagar em Colimbriga, e corte del-Rei Arunce, e sabia os passos, veio por sua pessoa tomar verdadeira, e certa informação que caminho levara el-Rei, e novas de sua amada Iris, que era o que o atormentava, cousa que os servidores de Peralta não podião fazer por si, respeito de suas qualidades, e razão de seus estados.

E porque ficou Escalor tão cortado, confuso e atalhado, do infeliz e desastrado caso del-Rei Arunce, por não saber o que aconteceria a Iris sua amada inimiga, que a imaginação disso o trazia posto em tanto aperto de cuidado, e sentimento que andava pera pasmar, e perder o juizo de pura paixão, o que vendo hum seu amigo o quiz consolar com lhe mandar esta

OITAVA DE HUM AMIGO A ESCALOR

Huye de la tristeza y duro enojo
  Que traye esta mortal vida consigo;
Nace entre suaves flores el abrojo
  No ay gloria a do el pezar no hallo abrigo.
Por tanto mientras no cierras el ojo,
  Huelgate honestamente, buen amigo.
Tan presto passa el bien, si no le tomas,
  Quan cito formosas Populus altas comas.

Não sabia o amigo a causa das tristezas de Escalor, nem mais que vel-o andar como fora de si pasmado, e pensativo sem querer ver os amigos, nem cousa alguma de passatempo como sohia, antes solitario apartando-se, e fugindo de tudo, e por isso o quiz consolar com a oitava, a quem Escalores respondeo, applicando a si outra que diz:

Vestir quiero de oy mas un triste luto,
  La tristeza será mi compañia,
Jamas nadie verá mi rosto enxuto,
  Ni mis ojos veran la luz del dia:
De lagrimas daran tanto tributo,
  Que en llanto acabará la vida mia.
El plazer me será siempre inimigo,
  Yo me lo se el porque, mas no lo digo.

Parece que o coração dava a adivinhar a Escalor, quando esta oitava escreveo, e mandou o que lhe havia de acontecer: o qual fazendo exquisitissimas diligencias, veio a suspeitar por indicios, como a familia del-Rei Arunce, elle a deixara encerrada naquelle seu castello, pelo que, por entre o basto arvoredo, que o cercava, se lhe veio chegando, pera ver se sahia delle alguem que elle conhecesse, ou lavadeira, ou qualquer outra gente do serviço da Princesa, que todavia nenhuma sahia, nem aparecia, se não quando muito alguem a deshoras, buscar ao rio agoa, ou lavar, e isto com muito recato.

Porém, em quanto o triste, e inquieto Escalor, por ali se deixou andar, fazendo debalde mil diligencias por ver Iris, ou pelo menos poder achar caminho de lhe fazer saber quanto sentia seus males, e como ali vinha prestes pera sacrificar por ella mil vidas, assentando-

se hum dia na borda daquelle rio, ou ribeira que aquelle castello cingia, onde tinha encerrado seu coração, e a liberdade, e fazendo suas saudades fallando com o mesmo rio disse:

Tu que la gruessa arena
Besas en señal de paz,
Midiendo los altos montes
A vezes con tu caudal.
Tan noble en tu nacimiento
Y conocido tan mal,
Rio que mi bien me escondes
Naquel castillo ciudad.
Que Yris do está es corte
Y ciudad esse lugar;
La mia a mi me es destierro,
Mirad si ay desdicha igual.
Hazer mi patria destierro
Por nel destierro morar,
Siguiendo un triste destino
Y sin consuelo esperar.
Desdichas como las mias
Adonde iran a parar,
Que en la muerte no es posible,
Que quieren mas que matar.
Llora mis males comigo,
Porque aquesta soledad
Con sus doloridos eccos
Tambien me yude a llorar.
Y en oyllos tengo alivio,
Que para un triste es solaz
Hallar quien sus males sienta
O quien los quiera escuchar.
Conmigo llora, o consuela
Si como en tus agoas ha
Lagrimas que dar llorando,
Tienes palabras que dar.
Mas ah que tus olas son
Sordas lenguas de cristal
Que si antigamente hablaron
Quedoles el murmurar.

Asi mismas se hazen fuerça
Rompiendo con furia tal
Nestos montes, que parece
Que rebientan por hablar.
Si de mi murmuran callen.
Porque me vendra a vengar
Agosto quando tus aguas
Convierta en seco arenal.
Sabras a que saben faltas
Quando el agua te faltar.
Para que de quien las llora
No terias nunca mas.
Sintirás el mal que siento,
Y en tu daño aprenderás
Quando vieres los agenos
Tener dellos piedad.
Faltas de mis bienes lloro,
Y tu murmurando vas
Y de contento no miras,
Mi extrema calamidad.
Mas no es mucho ufano rio,
Si llanto pudo ablandar
Las aguas del rio obscuro,
Que buelas tu curso atras.
Y que escondas tus olas
Por no ver la crueldad,
De Yris hermosa, y bella
Si acertare de passar.
Y que el Sol desvie el carro
Muy lexos deste lugar,
Por no ver su gran dureza,
Y mayor impiedad.
Tal es la desdicha mia
Que a sua belleza es igual.

E ainda que Escalor vinha demudado em trajos de pastor, por mais dissimulação, e melhor poder alcançar o que desejava, e pretendia, que era a vista ou novas de sua Iris, e por isso nelle se não attentava, não deixou de o escutar huma serrana do serviço de Peralta, e nas palavras do romance de Escalor; a qual estava lavando no mesmo rio.

e em ouvindo nomear Iris ficou muito sobresaltada de ver se soubesse ou suspeitasse da estada ali daquella gente, e ouvindo tudo o foi logo dizer a Iris, o que ouvira em muito segredo, a hum pastor: e posto que Iris suspeitou logo quem o pastor podia ser, encommendou muito á serrana o mesmo segredo, e que com elle attentasse mais neste pastor, assi nas feições do rosto, como nas palavras que lhe ouvisse, tudo pera mais se afirmar.

E indo outro dia a serrana ao mesmo lugar, com roupa a lavar, como Escalor isto espreitava se lhe veio pouco a pouco chegando, e assentando-se sobre a ribeira em parte onde a serrana o melhor podesse ouvir, começou a cantar muito a descuido, com muito sentimento o seguinte:

ROMANCE DE ESCALOR LAMENTANDO-SE DE IRIS

Igualava como en Libra
   Despues de dexar los Peces,
   El Sol los dias y noches,
   En el velocino de Heles.
Del año las speranças,
   Van creciendo entre las miesses,
   Animando com engaños,
   Que animan quando mas mienten.
Todo visten de alegria
   Parten riendo las fuentes,
   Entre la yerva menuda,
   Que tambien rie de alegre.
Todo se viste de vierde,
   Sola mi alma su esperança pierde.
Todo renueva y mejora,
   Que el verano como Apeles
   En el lienço de la tierra
   Muestra la mano que tiene.
Colorando y animando
   La montaña mas esteril.
   Que el invierno tras aguadas
   Puso de color de muerte.
Y con tan finas colores
   Le matiza, que parece

Que retratan en las flores,
Las estrellas sus pinceles.
Todo se viste de vierde,
Solo mi alma su esperança pierde.
Sale Flora por los campos,
Tras ella la gracia viene
Derramando de su copia
Sus riquezas y sus bienes.
Brotan a invidia las flores,
Y los olores que vierten
En un regalado soplo
Zefiro el galan le ofrece.
Los arboles que despiertan
Se miran con ojos vierdes,
Llenos de engaños aunque bellos
Que ansi mi Yris los tiene.
Todo se viste de vierde
Solo mi alma su esperança pierde.

Mui attenta esteve a serrana ouvindo cantar e lamentar-se o pastor, o qual acabando sua cantiga com algumas lagrimas e suspiros, se foi chegando mais, vendo que a serrana o ouvira; o qual saudando-a, ella lhe disse: Pastor em pago do muito que folguei de vos ouvir cantar, ainda que com tanto sentimento como mostrastes, folgarei tambem lavar-vos aqui algum lenço se o trazeis. Tão humedecidos de lagrimas trago os panos, disse o pastor, quanto molhados me vedes estes olhos, que temo, que só com elles não se vos enxuguem esses vossos convertendo-se em minhas tristezas. A serrana que outra cousa não desejava mais que poder levar a Iris inteira informação do pastor, o qual no cabo da cantiga a nomeara por seu nome, como o outro dia de antes, lhe replicou: Grande deve ser a causa, que faz a hum homem chorar tão vivas lagrimas. E mais tal como me pareceis, e se he de amores folgara saber quem he essa dama tão dura, e cruel que a taes effeitos vos obriga, que parece vos ouvi nomear huma que eu conheço. O pastor como vio a serrana declarar-se tanto, porque sabia a condição de Iris, temeo alargar-se por então mais, té descobrir mais terra, e desviou o remoque, a huma pastora da sua aldeia; o que vendo a serrana lhe disse: Folgarei, pastor, saber aquella vossa cantiga, dai-ma se por ventura a trazeis escripta. Ao que Escalor respondeo: As minhas cantigas gentil serrana, como todas são de tristeza só no coração as trago

escriptas, e nelle só as leio: mas pois esta quereis, quero buscar modo de vol-a escrever, e tirando humas costas da carta, que com a oitava lhe escreveo o amigo, affeiçoou huma caninha, e com a baga de huma herva que chamão arranhosa, que he finissima tinta, escreveo a seguinte

CARTA DE ESCALOR A IRIS

Inclina tu dura alteza,
Y tus oydos applica
Querida Iris ingrata,
Y eternamente querida.
A mis postreras razones
Desta alma tuya salidas,
Si por razones del alma,
Y por postreras te obligan.
Ya es tiempo que las creas
De quien costumbra dezirlas,
Que a la vista de la muerte
Ninguno ay que las finja.
Y no te cances señora,
Quando principios repita;
Que se acuerda una alma amante
Hasta de cosas muy chicas.
Todo te quise en te viendo
Y olvidé quanto tenia,
Que en mirando son tus ojos
Señores de quanto miran.
Acuerdente aquellas letras
Que en este rostro escritas
Traspassaron dentro el alma
Y tu nombre puesto en cifra.
Adorete como Diosa,
Como a Sirena te oya;
Porque estes nombres te pone
Quem te escucha, y quem te mira.
Llevado de tus estremos
Mas ojos y almas crian,
Ojos por verte con mas,
Almas por darte mas vidas.

Dexava de ser humano
Teniendote por divina,
Y sin cuerpo te miravan
Los ojos quando te vian.
Paravan mis pensamientos
En aquella maravilla
Por quien me dexava el alma
Arrebatada en si misma.
Eran effetos de Amor
Tibezas te parecian,
Sin mirar que en el que es fuego
No puede aver cosa tibia.
Quantas vezes, bella Iris,
Mas ay quantas me oyrias
Que era yelo en tu presencia
El fuego que mas ardia?
Si eran de Amor effetos,
Como llamas osadia
A una encogida humildad
A tus respetos devida?
Con ella ante tus altares
Como pobre te offrecia
Las primicias de mi alma,
Que era la prenda mas rica.
Alli te sacrificava
Con la fé mas pura y limpia
Que cupo en humano pecho
Los despojos de mi vida.
Alli cantava llorando
Hymnos que te componia,
Alabanças de tu nombre
De mi rudeza primicias.
No acetaste el sacrificio
Destas lagrimas vertidas
Sobre el fuego de mi fee
Que hasta tu cielo subia.
No creiste mis verdades,
Y quiçá creiste mentiras
Dequien primero se amava
Nel amor que te tenia.

Solo este llevo de pena
En el fin que se avesina,
Do muero como embevido
Pues vas en mi alma viva.

Mui alvoroçada tomou a serrana a cantiga, e a levou com a informação do pastor a Iris, que logo lhe pareceo ir mais funda esta ribeira, dando-lhe tudo, e acabando de o ler, ambas se alterárão muito. A serrana pasmada de ouvir ler tão differente do que cuidava levava, Iris por conhecer cujo escripto era. E posto que a serrana vio e enxergou bem na mudança de cores, e no infiar-se de Iris ser ella a que atormentava tanto aquelle pobre pastor (fosse quem fosse) sem nenhuma piedade, com tudo sem ousar dizer-lhe o que sentia se sahio; mandando-lhe Iris, que por nenhum caso dissesse a ninguem nada, buscando traças com que por huns dias a serrana não sahisse fora, té que passados alguns em que lhe pareceo seria ido o pastor, tornou a continuar com seu rio, e o pastor a aparecer-lhe; e não lhe querendo a serrana fallar, elle com caricias, e palavras brandas (cousa que muitas vezes pode e val, especialmente com mulheres) acabou com ella levasse esta canção a Iris:

Quem com solido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto de Athenas preza
Entregue ao mar irado, ao leve vento;
Em forjar meu tormento
Nova philosophia
De experiencias feita Amor me ensina.
Das leis do tempo antigo assás declina
Que Amor a natureza em mi varia,
Donde Escollas de sabios nunca vio
Em natural sugeito
Quanto Amor em meu peito descubrio.
As aves no ar sereno,
O gado de Protheo nas agoas pasce;
O homem vive e nasce
Neste mundo qual mundo mais pequeno:
Eu tudo desordeno
Em todos dividido
A boca no ar, na terra o entendimento
Dá-me este Amor, aquella o pensamento,

O coração no fogo he consumido,
Mas a agoa que dos olhos sempre dece
Tem effeito tão vario
Que em hum humor contrario o fogo crece.
Da vista Amor sohia
Abrir ao coração segura entrada;
Ley he já profanada
Que quando a luz de huns olhos me feria
Amando o que não via
Qual de bombarda o lume
Primeiro o querer vi que a causa visse;
Quem o desejo com a esperança unisse!
Cego iria apoz cego e vil costume,
Que eu nesta alma das leis do mundo isenta
Morta a esperança vejo
Onde sempre o desejo se sustenta.
Em vão se considera
Que hum semelhante a outro busca e ama,
E que foge e desama
Todo mortal a morte esquiva e fera:
Sigo huma linda fera
Que esconde em vista humana
Coração de diamante e peito de aço,
De meu sangue faminta, e satisfaço
Com cruel morte, a sede deshumana;
Assi que sendo em tudo differente,
Corro apoz minha sorte,
E se me entrego á morte estou contente.
Cae em maior defeito,
Quem cuida ser sciencia clara, e certa,
Que a causa descuberta
Sempre produz a si conforme o effeito.
Rendeu-me hum lindo objeito,
Que sendo neve pura,
Me abraza vivo, e o fogo interno aviva,
Que esta bella fugitiva,
Com ser neve do fogo se assegura.
Donde infiro por certo (e cesse a fama
Vãa, mentirosa, e leve)
Que não desfaz a neve ardente chamma.

Bem no effeito se sente
  Cessar, cessando a causa donde pende,
  Que o fogo mais se accende
  Estando á vista donde nasce absente;
  Mas na alma vivamente
  A trazem debuxada
  De noite Amor, de dia o pensamento:
  E quando Apollo deixa o claro assento,
  Por entre sombras vejo a Nimpha amada,
  Pois se sem luz Amor os olhos ceva,
  Cego quem não concede
  Que em nada á vista impede escura treva.
Erra quem atrevido
  Pregoa ser maior que a parte o todo:
  Amor me tem de modo
  Que estou em huma alma convertido.
  Desta gloria he nacido
  O temor de perdel-a,
  E posto que o receio a muitos finge
  Na imaginação quimera e Esphinge
  De mal futuro que urde imiga estrela,
  Vejo em mim por incognito segredo
  Quando estou mais contente
  Que só do bem presente nasce o medo.
Tem-se por manifesto
  Perecer co' sujeito o accidente;
  Mas ainda em mi se sente
  O pensamento, a cor, o riso, o gesto:
  E tendo todo o resto
  Da vida já perdido,
  Assi que neste meu tormento esquivo
  Estou só a gostos morto: apenas vivo
  E sendo morto já, vive o sentido;
  Porque sinta que n'alma despedida
  Pode em meu mal unir-se
  O ficar e o partir-se, a morte e a vida.
Canção, destas razões infiro e creio
  Que ou se mudou em tudo a forma usada
  Da natural firmeza,
  Ou tenho a natureza em mi mudada.

Não pode o afflito Escalor alcançar o que Iris fizera com a canção que ouvistes, de que andava confuso e pensativo, e como o que muito trazemos no sentido, e desejamos no-lo representa muitas vezes em sonhos a fantasia, por quanto sonho não he outra cousa, que huma representação de algum objecto na imaginativa, mediante a especie sensivel: acertou elle a sonhar algum contentamento de ver, ou fallar a sua Iris, que deveo ser o primeiro que nem ainda em sonhos pode ver della, e por isso lhe mandou estoutra canção:

A IRIS SOBRE CERTO SONHO

Que he isto, sonho? ou vejo a nimpha pura
Que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo
O bem que em vão cada hora me afigura?
Mal pode a noite escura
Amando a sombra fria
Mandar-me em sonho a luz fermosa e bella,
Que se não torne em dia
De seus luzentes raios inflamada:
Oh vista desejada
De nimpha graciosa e viva estrella!
Quanto ha que por este mar navego,
Sem ver meu claro Polo, escuro, e cego.
Nesses fermosos olhos de enlevada
Minha alma se escondeo,
Quando ordenava o Ceo
Que vivesse comigo desterrada,
Vós a mais certa estrada
De ver a summa alteza
Do effeito a causa abris a esta alma minha.
Assi mortal belleza,
Só della nasce, e nella se resume:
Assi celeste lume
Lá dos Ceos se deriva, e lá caminha:
Pois como a Deos unir-me a vista possa,
Porque a negais, meu Sol, a esta alma vossa!
Se me quereis prender a parte a parte,
Cabello ondado, e louro,

Tecei-me a rede de ouro
Em que prendeo Vulcano a Cypria, e Marte:
Pois que com gentil arte,
Vestis de flores bellas,
Onde estampais a bella amada planta,
Quantas vezes com vel-as,
Quiz n'uma dessas flores transformar-me;
Porque vendo pisar-me
Vosso puro marfim, que a neve espanta,
Pode ser que na flor mudado fora,
Que deu a Juno irada a bella Flora.
Mas onde te acolheste, oh doce vida,
Mais leve, e presurosa
Do que na selva umbrosa
Cerva de aguda seta vai ferida:
Se pera tal partida
Meus olhos vos abristes,
Cerrara-vos o somno eternamente,
Antes que serdes tristes,
Perdendo tão suave, e doce engano.
Agora com meu dano,
Vedes pera mór magoa claramente
Neste bem fugitivo, e somno leve,
Que não ha maior mal, que hum gosto breve.
Ditoso Endimião, que a Deosa cara,
Que a noite vai guiando,
Teve em braços sonhando!
Ah quem de sonho tal nunca acordara!
Tu só, Aurora avara,
Quando os olhos feriste,
Me mataste cruel de inveja pura:
Mas se desta alma triste,
A negra escuridão vencer quiseste
Sabe, que em vão nasceste,
Que pera desfazer-se a nevoa escura
De meus olhos, importa estar presente
Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.
Se a luz de meu Planeta não me aviva,
Qual flor de chuva em breve consumida,
Irá desfeita em lagrimas a vida.

Com isto, que a serrana deveo dar a Iris a não poude Escalor acolher em muitos dias, pera lhe poder fallar, porém nelles veio a suspeitar, ou fosse por conjecturas, ou algum rumor, que a Princesa tratava de partir-se daquelle castello, sem saber, porém, a certeza pera onde, sómente lhe pareceo, levaria o caminho em seguimento de seu pai a Africa, e que pera isso teria recado seu, pera a ter mais segura comsigo, té se lhe acabar de aprestar o soccorro, que pretendia, com o qual a poderia trazer quando viesse: que estas cousas de soccorro, e armadas, não se podem logo fazer na unha, e acabar. Mas hum dia, vindo-lhe a mão que a serrana veio como hum relampado ao rio, lhe deu estas saudades, dizendo-lhe as desse a ler a Iris, já que era sua amiga, ou a quem quizesse, que nada prejudicava esse papel, pois não era carta, e o podia romper logo; com o que persuadida a serrana o levou, e dizia assi:

Vais-vos amores
De aqueste lugar,
Tristes de meus olhos,
Que tudo he chorar.

Eu vinha por ver-vos
Ardendo em desejo,
Mas agora vejo,
O não merecer-vos:
Pois his acolher-vos
De mi, do lugar,
E deixais meus olhos,
Fontes de chorar.
Antes que meus olhos
Vos vissem, Senhora,
Me davão cada hora,
De ver-vos antolhos:
Vem-vos de giolhos
Aqui a buscar,
E porque vos virão,
Os fazeis chorar.
Depois que vos vi,
Tão bella, e fermosa,
Deixei toda a cousa,
A vós me rendi.

Por fugir de mi
Fugis do lugar,
Pagais mal meus olhos,
Quem vos vem buscar.
  Não me hei de deter,
Sem vós nesta terra,
Pois com crua guerra,
Me fazeis morrer.
Não se ha de sofrer,
Ir-vos do lugar,
Sem que vão meus olhos,
Comvosco a chorar.
  Leve alma e vida,
Com o coração,
Vossa condição
Mal agradecida:
Que sendo querida
Fugis do lugar,
Sabei que lá longe
Vos hei de ir amar.
  His a povoar
Onde se desterra,
Por alheia terra,
Deixais natural.
Degredo o lugar,
He sem vós, amores:
Tristes de meus olhos,
Que o hão de pagar.

DIALOGO DECIMO SEXTO

Ardil de Certorio pera alcançar a Princesa. O nome da serra da Estrella. Morte e sepultura de Antigona. Lamentações de Peralta. E o sonho horrendo que teve, em que lhe foi denunciada sua desaventura.

CRISPO. — DEVOTO. — GALACIO.

Crisp. Em quanto Escalor andava assi trabalhado com ancias suas, e esquivanças de Iris, negociava Certorio por outra parte suas pretenções com Peralta, por caminhos e rodeios não cuidados, e admiravel artefício. O qual certificado da estada da Princesa neste castello, dando rebate a hum seu amigo chamado Estella, que se lhe veio logo, e dando-lhe conta de tudo o que tinha alcançado saber das cousas de Peralta, depois de muito praticado, no que se poderia fazer em sua pretenção, tomarão esta resolução, que logo vos direi: porque me he necessario dar-vos primeiro noticia de quem fosse este Estella, que quanto a Certorio, já sabeis como era hum nobilissimo Capitão Romano, e muito valeroso, o qual, por certas occasiões largas de contar, foi em Roma condemnado a morte, pelo que se acolheo pera esta nossa Lusitania, onde sendo eleito pelos Lusitanos seu Capitão geral contra os mesmos Romanos, alcançou delles com os Lusitanos insignes, e admiraveis victorias, por onde tambem em Roma estava declarado por inimigo da patria.

Sabei pois, que da mesma maneira o estava este Estella em Roma condemnado á morte por certos delictos que devião ser graves, por Estella ser pessoa muito grave, e de nobilissima familia, e que na mesma Roma, sendo sacerdote, e com a dignidade de Augur, que significa agoureiro (dignidade de grande preeminencia e honra) fora tambem Triumvir; que quer dizer hum de tres varões que governavão, titulos, e cargos todos de grande authoridade: o qual Estella acolhendo-se tambem a estas partes da Lusitania, nella andou sempre escondido, e disfarçado, por montes e serras, com muito recato, e temor das partes que devia ter muito poderosas.

Andava Estella feito hum santão, e como morto ao mundo, com grande desprezo, que mostrava ás cousas delle, em habitos vis, ainda que de sacerdote, e sem mais companhia, que a de hum criado, que por cá tomara, homem pião, idiota, e que o servia, e ajudava a administrar nos sacrificios como sancristão.

Com este Estella pois, tinha Certorio amizade muito estreita, assi por ambos serem de hum natural, e quiçais parentes, como pola se-

melhança de seus delictos, e sentenças. E ainda que Estella não queria ser conhecido, se vião algumas vezes secretamente, e se aconselhavão, e davão conta de suas cousas, e já devião nesta da pretenção de Peralta, ter bem praticado; e agora se resolverão, que Estella com toda a dissimulação, se lhe insinuasse a esta Princesa, e procurasse sua amizade, e entrada, conforme visse a disposição do tempo, e animo da Princesa, e depois a persuadisse com algum estratagema, e engano (apontando alguns) a faze-la vir esperar o pai ao castello de Certago, que vos disse o mesmo Certorio edificara no mais escondido da Lusitania, por razão de estado em sua segurança nos acontecimentos dos tempos. Porém, tambem se murmurou depois, que o edificara já na pretenção de casar, e haver a Princesa Peralta, e com ella o Reino de seu pai, e riquezas, e por isso na raia do dito seu Reino.

A tenção de Certorio era, que havendo desta maneira esta Princesa em seu poder (por quanto por outra via não ousaria commetter este feito, por não agravar os Lusitanos, que tinhão amizade e alianças confirmadas de muitos annos com el-Rei Arunce, cujo reino era parte da mesma Lusitania: e em confirmação destas amizades, trazião naquella Corte seu embaixador, como vistes nella esteve muitos annos Escalor. E havendo desta maneira como digo, a dita Princesa, se apoderaria de todo o reino, com o favor dos amigos Lusitanos que tinha por certo, apesar dos mais pretensores, e viesse, ou não viesse el-Rei seu pai com o soccorro que se dizia, se uniria com elle, e se buscarião modos de elle haver por bem feito o feito.

Nem parecia este máo conselho, se a fortuna o não desviara, como muitas vezes faz, desvanecendo as cousas, quando cuidais as tendes mais certas na mão.

Partido Estella de Certorio, em Evora, com a resolução que ouvistes, se foi por aquelles montes, e serras com grande dissimulação, e sagacidade, por não dar que falar, chegando-se pouco a pouco, quanto mais perto poude ser ao castello da Princesa, e fingindo certo sacrificio, e festa a seus Deoses, e que havia de ser no mais alto da serra, em parte donde se divisasse o mar, ordenou hum altar pera o dito sacrificio, á vista do castello da Princesa, a fim que ella delle pudesse ver tudo: e perguntar pelo autor das festas, pera por esta via se lhe dar a conhecer, pois era certo, folgaria de ver a festa, inda que era de tão longe, e perguntaria pelo autor della, como aconteceo.

Porque, ficando este altar, o qual era de pedra tosca, a modo de hum castellete, como de atalaia, a eminencia, e quasi a cavalleiro do

dito castello, delle se vio tudo muito bem, e se vêem hoje em dia as ruinas delle.

E ainda que Estella era sacerdote e Augur, ou agoureiro, com tudo se honrava mais do titulo, e nome de Triumvir, e ordinariamente assi lhe chamavão o Triumvir Estella: pela qual rezão, ainda hoje se aparecem, e vivem as ruinas deste altar, que para este effeito nesse tempo Estella edificou, e se chama o altar do Triumvir, ou de Trivim como o podeis ver, se por ali passares.

Porém, antes do dito sacrificio, e festas, se tinha Estella feito lançar grande fama, por via do seu criado, e como que o descobria em grande segredo, ser grande agoureiro, e ter isso por officio em Roma, e isto a fim de fazer sede á Princesa, a querer saber delle o successo de suas cousas, e da vinda del-Rei seu pai, sabendo quanto toda a molher he affeiçoada a todas estas cousas de agouros, e querer saber por feiticeiros o porvir, como logo aconteceo.

Porque feitos os sacrificios, e festas, que a Princesa bem vio, e dizendo-lhe que o que as fizera, era homem de muita qualidade, Sacerdote, Triumvir, e Agoureiro, por officio, e dignidade tão autorisada em Roma, bem lhe pareceo differente das feiticeirinhas, que então já havia, e as devia ter consultado (e inda hoje ha por aquellas serras) e pessoa digna de poder saber delle como por semelhas de suas cousas.

E mandando pessoa de confiança ao Estella, consultar algumas, pera ver o que era, primeiro que viesse a se lhe declarar, taes respostas soube dar Estella, e tal se soube fingir de santão, e desprezador do mundo, que mandando a Princesa consultal-o algumas vezes, por fim veio a desejar de o ver, e falar com elle, que tudo Estella fez ajustar á medida de sua pretenção, e desejo.

Admittido pois Estella de Peralta, elle se soube fingir e dar tal manha, que lhe veio a ser muito aceito, e ella a dar-lhe suas contas, e em tudo querer seu conselho. E indo, e vindo Estella ao castello, com se fazer sempre desejar, trazia á Princesa alguns mimos, como de pobre hermitão, e por fim ella lhe veio a dar conta da vinda de huma bruxa a sua presença, a qual a ella, e a suas damas, e a toda sua casa deixara muito sobresaltadas, como ainda té agora o andavão, sem a poder tirar do sentido, entendendo que ella fora o agouro, e azar de suas desaventuras. Ao que Estella, pola consolar, respondeo contando-lhe outros taes casos, e maiores que já acontecêrão de grande adversidade, e entre elles a destruição de Troia, e como ardera toda, e com ella tantas pessoas reaes e outros muitos Principes, e Princesas, e

com tudo, dos que escapárão, como de pequena semente se multiplicara esse Imperio Romano, tão estendido pelo mundo: quanto mais ella, não tendo se não a perda de huma cidade, ou poucas outras, e estando em idade tão florente, e com seu pai vivo, e são, que podia ter por certo ver muito cedo muito prospero, que isto elle lho affirmava, porque o tinha sabido de certo. E que pois tudo o mais do Reino estava com sua voz por sua parte, estivesse muito alegre, e com bom animo, animando, e alegrando os seus. E que quanto ao sobresalto que dizia, se fosse apparecimento de alguma Deosa, entendesse, que sempre isso era pera melhor, como acontecera a Eneas, vindo escapado do incendio da dita Troia, e perseguido das tormentas dos mares, em que perdera muita parte dos companheiros, lhe aparecera Venus disfarçada em figura de outra mulher, ou Deosa nas praias de Carthago, a fim de o consolar, e ajudar, como fizera depois: de cuja materia, lhe trouxe ao outro dia Estella este soneto:

De la patria abrasada aviendo huido
   Por largo mar con tempestad furiosa,
   Perseguido de Juno rigorosa
   Rota la nave en Libia recogido,
El pio Eneas; y aviendose salido
   En la playa desierta y arenosa,
   El alma entristecida y congoxosa
   Tiene; viendo la gente que ha perdido.
La madre le visita, el gesto hermoso
   Teniendo en otra diosa trasmudado,
   Mas bolviendose, del fue conocida.
Muy contento quedó, o venturoso:
   Que donde hallô descanso su cuydado
   Se levantará, señora, tu cayda.

Porém ainda que a isto deste soneto pudera a Princesa dar muitas respostas por ter em si contradições, respeito della, com tudo se alegrava com o que Estella lhe sabia dizer (que era muita sua sagacidade) e tal confiança ia fazendo delle, que se persuadia ter nelle grande ajuda de conselho, e alivio em suas cousas (que tanto em todas val, e monta o saber): por onde o Estella nas praticas, metia sempre (mas com grande modestia, e artificio) algum gabo á Princesa, sabendo quanto isto val com molheres, e ainda com alguns homens, trazendolhe algumas vezes versos na sua lingoa latina, que a Princesa gostava

muito ouvir pera melhor aprender, por ter della algum conhecimento, como he costume dos Reis saberem muitas lingoas, e hum dia lhe trouxe estes versos dizendo:

Tenho senhora por certo e sem duvida, que se Paris vira essa real presença e angelica face (que assi chamavão os latinos ao rosto) de Vossa Magestade, com muita justiça lhe dera o preço do vencimento da fermosura daquellas tres deosas, que Vossa Magestade já ouviria, e pode agora ver por seu passatempo nestes versos, dando-lhos na mão em hora que não devera, pelo que isso custou:

Tres Paris ante Deas Illeo invertice dixit
Cedite vos ambæ vicit varanque Venus.
Si tamen hanc faciem pugna vidisset in illa
Dixisset Veneri, tu quoque cede Venus.

Tomou a Princesa o papel, e o leu mostrando prazer por dar contento a Estella, e metendo-o na manga fingio não o entender, e por isso outro dia lhe trouxe Estella outros da mesma materia, declarando-se ainda mais.

Juno, Venus, Palas nemorosa in valibus Idæ
Certamen forma concievere suæ:
Inter certantes si tu Dea quarta fuisses
Vicisses reliquas tua Dea quarta Deas:
Quam jejuna foret Juno, quam palida Palas
Quam Dea vana Venus, tu Dea sola fores.

E porque nem estoutros versos a Princesa por sua modestia mostrava entendel-os, e as damas fazião instancias a Estella lhos declarasse, elle os tresladou na lingoagem dellas que na nossa vinhão a dizer desta maneira (os quaes versos se aplicarão depois a Isabel Rainha de Inglaterra):

Juno, Venus, e Palas gran porfia
Nos valles do monte Ida entre si tem;
A qual a maçãa de ouro mais convêm
Por palma de belleza e galhardia:
Mas se vós, quarta deosa, nesse dia
Entre ellas vos achareis: quanto áquem

De vós todas ficarão? que sois quem
Da fermosura o preço se devia.
Oh quanto em jejum a deosa Juno,
E a Pallas de palha se achara,
E Venus quanto em vão, que he muito mais!
Pois vossa fermosura em tudo rara
(Não fallo lisongeiro ou importuno)
De deosa dá mais que ellas mil sinais.

Com a declaração que neste soneto Estella deu de seus versos ás damas, mostrou a Princesa huma certa verecundia, fazendo-se algum tanto mais corada, mas o dissimulando falou com Estella n'outras cousas. O qual por ir fazendo a cama, e dispondo a materia do que pretendia, tambem ás damas trazia seus versos, e motes, pelo que de todos os de casa quando a ella vinha era recebido com alvoroço, e tambem pelo encerramento em que se vião. E porque Iris alem de suas partes, e fermosura, era muito parénta da Princesa, e muito aceita, a ella deu hum dia este distichon:

Florida forma decus naturæ gloria gentis
Paladis, os Venèris, dulcis et artis honor:
Regia progenies, Jovis os, Jovis inclita proles
Nil deerat votis nisi Iris ista tuis.

Isto olhando pera a Princesa, a quem dizia os dous ultimos versos, diante quem Iris estava.

E a outra dama chamada Mariana disse, que depois de outra desse nome Rainha de Jerusalem, e da Palestina, e nella, e quiçais no mundo todo tambem Rainha da fermosura, só ella, e a senhora Iris, e não outra (depois de Sua Magestade) podião ser sua comparação, com outros gabos destoutro distichon:

Si Maria Ana animos terrasque, exurere tentas
Non tua vis silicis non caret ignis ope:
Non calamo flamas pellente, nec arte nec armis
Lumina sufficiunt gratia sors, et Amor.

Os quaes versos ellas lhos pedirão em lingoagem que os pudessem entender, e vinhão a dizer assi:

Se quizeres Mariana
Gente, mar, terra domar,
No heis mister guerrear
Com arte de fogo insana,
Nem outras armas buscar.
Que esses olhos graciosos
Tão bellos, e alegre vista
De tudo fazem conquista;
Cujos tiros amorosos
Não achão quem lhe resista.

Nestas idas, e vindas do Estella ao castello, ordinariamente levava comsigo o seu criado com mimos da serra pera a Princesa, ora de cousas de leite, frutas, ora de caças: o qual sempre ficava á porta, e via passar a serrana que vos disse. E com ella travando suas praticas a seu modo, mas como escaldada das que tivera com Escalor, e advertida de Iris, se lhe fazia orelhas de mercador sem lhe querer responder palavra a seus remoques: antes mostrando não entendel-o, porque falava elle como enxacoco meio latim; do que elle sorrindo-se alguma vez, tomando disto motivo se aventurou a escrever-lhe este soneto:

Si dabis mihi attentas tus auriculas,
Audies mi passion serrana angelica,
Et videbis mi pena sancristelica
Con mas fuego que tienen mil caniculas:
Que posto amanti suni en las matriculas
Rhetorica non habeo Aristotelica,
Pera narrarti mi contenda belica
Per parabulas falsas in redicula:
Ambulo per las nuves como un Icaro,
Y quanto mas mi mostro quiromantico
Muy mas me engañas tu, sicut vulpecula.
De que sirve tratarme como un picaro,
Si un aspid convertiera já mi cantico,
Pois mi amor a ti es per in sæcula?

A serrana achando em hum assento de huma janella da escada (por onde passava) este papel, e entendendo o que devia ser, o tomou e deu a ler ás damas, que fizerão com elle grande festa, e o mesmo a Princesa, sabido de quem e pera quem era, por ser o amante torpis-

simamente desmazelado, que isto de amar até os delfins se mueren de amores, quanto y mas los hombres.

Depois que a Princesa teve satisfação de Estella, polas razões, e praticas que lhe ouvia, e modos de proceder, e por já lhe ser notoria sua qualidade, e dignidades, lhe foi abrindo seu coração, dando-lhe conta da ida del-Rei seu pai, e de seus desenhos, cuja tardança, e novas que delle não tinha, lhe trazião o mesmo coração, e animo cansadissimo, e mui atribulado, por onde tomara (se por alguma via pudesse ser) saber destas cousas alguma com que se animar, e entreter. O que ouvindo-lhe o sagaz Estella pelos ares a entendeo logo a que fim lhe isto dizia, que era, pera por via de seus sacrificios, conjuros, ou juizios escoadrinhar, e buscar o que nisso achasse, em fim por feitiçarias, que estas erão as que chamavão sacrificios ao diabo. E lhe respondeo: Senhora, eu farei nisso por vosso serviço taes cousas, que possais com vossos olhos ver tudo o que desejais saber, por onde Vossa Magestade (palavra com que melhor na sua lingoa latina se podia declarar a cortezia com que á Princesa na sua della se costumava falar) fique bem satisfeita de tudo.

E em cumprimento disso, de ahi a huns dias perante a Princesa, inda que como em segredo, fez muitas, e diversas demonstrações todas diabolicas, ora em huma bacia de agoa mostrando-lhe dentro della a propria figura del-Rei seu pai, como dando pressa a embarcação de muita gente; ora sacrificando animaes aos deoses, mostrando-lhe em suas entranhas sinaes de felicidade: ora com outros caracteres, e sinos, e riscos, convocando demonios, e furias infernaes, fazia dar-se resposta, e por via de aves, e outros mil agouros, e tudo com tanta destreza, e efficacia de palavras que a Princesa se dava por mais que persuadida na certeza do bem que esperava, e tendo a Estella por hum só no mundo, e por huma só cousa quasi do Ceo vinda, e por tal o nomeava aos seus.

E como Estella vio disposta a materia no peito da Princesa á medida de seus intentos, ordenou com grande artificio hum correio, ou mensageiro del-Rei Arunce com cartas fingidas, e recados á Princesa sua filha, em que lhe dava conta de sua vinda, avisando-a do muito que importava o secreto della pera tomar os inimigos de improviso, mandando-lhe que com toda a gente de sua casa viesse encontral-o, e esperal-o ao castello de Certago, por onde havia de passar, e encaminhar suas cousas.

A Princesa com esta nova tão desejada ficou tão alvoroçada, e toda sua casa, como podeis cuidar; e mandando chamar o Estella, e dando-

lhe conta, elle lhe disse que pera elle não era nova essa cousa, porque muito primeiro que ella o sabia elle de certo, como lho afirmara, e mostrara os dias passados, por onde não havia se não pôr tudo por obra. E com tudo, posto o negocio em conselho de seu tio, Tiberio, e Castalio, e de outros fidalgos velhos que comsigo tinha, não deixárão alguns delles de pôr muitas duvidas neste caso; porque seja verdade, que o que muito se deseja por huma parte o mesmo desejo o facilita, por outra nunca de todo se acaba de crer: e comtudo fazendo muitas perguntas ao mensageiro, e inquirindo-o da certeza, assi por se segurarem neste caso, como pera ver se em alguma cousa discrepava: e foi com tudo tal a astucia, e saber do Estella, que a tudo deu bastante satisfação; com o que, e com as grandes instancias de Antigona, e de todas as damas, e donas, as quaes, alem de que naturalmente crem mais de ligeiro, desejavão estas no extremo sahir daquellas aperturas, e solidão, como cada dia acontece a muitas, a quem o encerramento as precipita a desejarem pestes, e guerras, só á conta de sahirem (inda que por breve tempo) gosar de alguma liberdade.

Nunca porém os prudentes velhos, Tiberio e Castalio, consentírão nesta precipitada sahida, representando á Princesa mil inconvenientes, e difficuldades: mas como a Princesa, posto que muito discreta fosse, era em fim molher, venceo a parte, e conselho das suas molheres, que de continuo lhe estavão á orelha, enchendo-lhas de bens imaginados, e esperanças vazias; com o que se resolveo vir esperar seu amado pai, onde, e como dizia o fingido seu recado, e o astuto Estella lhe aconselhava, havida comtudo primeiro informação do castello de Certago (que o mesmo Estella encaminharia, e teria primeiro prevenido) e deixar o castello de Aruce ou Arunce.

E com este reboliço, deveo esta partida vir ás orelhas de Escalor, como vos contei, elle a aventara, e o mesmo seria, á noticia dos Petronios, e Zacor.

Mas, porque assi como a Princesa depois da partida deste castello, a elle não tornou mais, nem eu haverei de tornar-vos a falar nelle, quero antes que vá acompanhando esta Princesa, como he rezão, acabar de vos dizer delle, segundo a informação que achei.

Dizem que depois que este castello de Arouce foi deixado desta Princesa, e sua gente, veio passadas muitas idades a poder de barbaros estrangeiros Arabios que o possuirão muitos annos, ou centos de annos, té que o invicto Rei Dom Affonso Henriques primeiro deste Reino de Portugal, lho tirou de poder, segundo parece de humas letras quasi gastadas, e faltas, que inda hoje parecem na igreja de S. Payo,

que dizem foi oratorio desta Princesa Peralta, que os barbaros fizerão mesquita, e o dito Rei fez alimpar, e benzer em igreja de S. Payo, as quaes parece querem dizer o da primeira regra, ou conjecturar que na era 1120 annos seria o repairo desta igreja e benzimento, e a segunda e terceira mal se pode rastrear.

Está este castello inda hoje tão inteiro como se fosse feito em nossos tempos, com quatro baluartes ao redor quasi em quadrado delle, que he bem alto, e posto na entrada de huma peninsula que faz este rio ou ribeira em que estava a villa, a qual ainda tem sua cerca de muros pequenos e baixos, e dentro as casas desabitadas com só as paredes tambem baixas, e nenhuma das casas tinha porta pera a rua direita, senão em travessas muito estreitas, parece pera não poderem ser offendidas dos tiros de fóra. E do nome deste Rei Arunce, como já vos disse se chamava a villa, e castello de Arouce, que deu o nome tambem á ribeira como hoje ainda se chama Arouce; o qual nome não cabendo bem na lingoa dos Arabios, por Arouce dizião Aloçan, que elles chamão ao cavallo: e porque no tempo que foi cobrado dos Christãos, a nossa lingoa de esses tempos, e muitos depois, como ainda agora em algumas partes de Portugal, pronunciavão as palavras com huma toada prolongada no cabo polas adocicarem em ans, como dizendo Maria, dizião Mariam, achando Arouce convertido pelos Arabios em Aloçan, dizião, e a chamavão Alouçam, que lhe ficou té agora esse nome. A qual villa ou povoação della, os antigos mudárão de seu antigo e primeiro assento, com o mesmo nome pera onde agora está deixando só as paredes das casas como agora se vê, e isto pera melhor commodidade da cultura de seus bellos campos, daquella sua varzea, ficando todavia o castello em poder dos officiaes da Camara, que delle são Alcaides mores em nome dos illustrissimos Duques de Averire senhores de aquella villa, e castello, o qual esta villa tem por suas armas e sello. E neste castello quando foi tomado aos mouros Arabios se achárão huns pedaços de hum livro, que tratava, e continha a destruição de Hespanha, na linguagem daquelles tempos, que por ser muito differente da que agora usamos vos quero dizer duas, ou quatro oitavas por curiosidade, e pera que vejais quão antigo he este modo de verso entre nós, pois esta destruição de Hespanha ha, cousa de mil annos, e estes versos parecem ser feitos por esses tempos, e devião conservar aqui esse livro alguns cativos Christãos que sempre houve em poder de Mouros que disso se honrão muito.

OITAVAS NA LINGOAGEM ANTIGA QUANDO SE PERDEO HESPANHA

[1]O rouço da [2]Cava [3]imprio de tal sanha
A Juliani et Horpas a saa grey daninhos,
Que em [4]sembra co os netos de Agar [5]fornezinhos
Huma [6]atimarão [7]prasmada façanha:
Ca Muça e Zariph com [8]basta companha
De [9]jusu da [10]sina do Miramolino
Co falso [11]Infançon et [12]Præstes malino
De Cepta [13]adduxerom ao [14]solar de Espanha.

Et porque era força [15]adarve e [16]foçado
Da [17]Betica Almina e o seu [18]Casteval
O Conde per [19]encha et [20]pró [21]comunal
Em terra os encreos [22]poyarão a saa [23]grado:
Et Gibraltar [24]maguer que [25]adarvado
Et co compridouro pera [26]saa deffensão
Pelo suso dito sem algo de [27]afão
Presto foi delles entrado et filhado.

Et os [28]ende filhados leaes á verdade
Os [29]hostes sedentos do sangue de [30]onjudos
Meterão a cutelo [31]apres de rendudos
Sem esgoardarem a seixo nem idade:
Et tendo [32]atimada a tal crueldade,
O templo e orada de Deos profanarão
Voltando em mesquita [33]hu logo adorarão
[34]Saa besta Mafoma a [35]medes maldade.

O [36]gazu et assalto que os da aleivosia
Tramarom (poz [37]voltos de [38]algos [39]sayões)
Co os dous Almirantes da [40]hoste mandões
Quedarom com farta soberba, et [41]folia:

[1]Forçar mulher [2]manceba [3]encheo [4]juntamente [5]bastardos [6]acabárão [7]admiravel [8]muita [9]debaixo [10]bandeira [11]fidalgo [12]bispo [13]trouxerão [14]terras [15]fortaleza [16]cava [17].... [18]alcaidemór [19]ira [20]proveito [21]comum [22]desembarcárão [23]a vontade [24]inda que [25]murado [26]sua [27]fadiga [28]ali [29]inimigos [30]Christãos [31]logo [32]acabada [33]onde [34]sua [35]mesma [36]matança [37]tornados [38]fidalgos [39]algozes [40]exercito [41]ufania.

Et Algezira que o [1]medes temia
  Por ter a [2]maleza [3]cruenta [4]sabuda
Mandou mandadeiro como era [5]teuda
  Ao [6]rouçom do Rey que em Toledo [7]sia......

Não se poude ler nem entender mais do dito livro por todo estar despedaçado, e cheio de sangue, e foi perda: porque parece ia contando o triste successo com verdade, mais ordenadamente do que o temos.

E porque tambem se achárão neste castello cartas que Egas Moniz, primo que dizem era do grande Egas Moniz aio do dito Rei Dom Affonso Henriques, que elle escrevia a sua dama, Dama da Rainha Dona Mafalda, que parece viria aqui estar e folgar algumas vezes, por esta terra ser fresquissima, e quatro legoas de Coimbra, assento, e régia dos Reis deste, e dos mais de Portugal, que devia ser outra Cintra, mas muito de vantagem, ou Aranjuez aos de Castella, e devião ficar-lhe aqui a esta dama quando se fosse por descuido. E dizem as cartas desta maneira:

CARTA DE EGAS MONIZ COELHO A SUA DAMA

Fincaredes bos embora
  Taom coitada
  Que ei boi-me por hi fora
  De longada.
Bai-se o bulto do mei corpo
  Mas ei nom,
  Que ós [8]çocos bos finca morto
  O coraçom.
Se pensades que ei vom
  Non no pensedes,
  Que chantado em bos estom
  E nom me bedes.
Mei jazido, e mei amar
  Em bos [9]accara:
  [10]Grenhas tendes [11]despelhar
  E [12]luzia cara.

[1]Mesmo [2]maldade [3]cruel [4]sabida [5]obrigada [6]forçador [7]estava [8]Tamancas por chapins [9]emprega [10]cabellos [11]resplandecer [12]luzida.

Nom farom estes meis olhos
Tal [1]abesso,
Que [2]esgravizem os meis [3]dolos
Da compeço.
Mas se ei for pera Mondego
Pois la vom,
[4]Carulhas me fagaom cego
Como ei som.
Se das penas do amorio
Que ei retouço
Me figerem tornar frio
Com'ei ouço.
[5]Asmade-me se queredes
Como [6]lusco
Senaom [7]torvo m'acharedes
A mui [8]fusco.
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde,
Nom asmeis bos de queimardes
Isto que arde.
Hora nom deixedes, nom,
Que sois garrida,
A sanom Cristelejom
Por minha bida.

Egas Moniz Coelho.

Outra carta se achou aqui do mesmo, tornando do Mondego, e achando-a casada com hum fidalgo Castelhano, que viera com a Rainha Dona Mafalda; por onde parece, vinha esta Rainha estar neste castello, e querem dizer, que elle morreo de paixão disso, e que ella sabendo-o, e porque a Rainha a casara como por força, se matara com peçonha que tomou.

Bem satisfeita ficades
Corpo d'oiro,
Alegrade a quem amades,
Que ei já moiro.

[1]Sem rezão [2]esmiuçar [3]dores [4]gralhas [5]amai-me [6]luz [7]turbado [8]triste.

Ey bos rogo bos lembredes,
  Que bos quige,
  A que dolos nom abedes,
  Que bos fige.
Cambastes a Portugal
  Por Castilha,
  Abasmades o mei mal
  Que dôr me filha.
Granhais-me por Castijanos,
  E pestineque,
  Achantais-me binte enganos
  Que me seque.
Bedes moiro, bedes moiro,
  Biolante,
  Longe ba o cestro agoiro
  Por diante.
Bos bibede hum [1]centanairo,
  Muy garrioso,
  Que ei me boy pera o [2]trintairo
  [3]Lagrimoso.
Ah se a bossa remembrança
  Ei bier,
  Dizei Egas com folgança,
  Hu xiquer.
Ah se ouvirdes na mortulha
  Os campaneiros,
  Retouçade na mormulha
  Os meis marteiros.
Quando ouvires papear
  O Castejom,
  Lembrebos lhe fige dar,
  Ja de cotom.
Ah que bos quige, e requige,
  Como ber,
  A nunca em coisa bos fige
  Desprazer.
Nom bos podo mais falar,
  Qua nom falejo,

[1] Cento annos [2] Pera a outra vida [3] de lagrimas.

Qua bem podedes asmar,
Qual ey sejo.
Tenho todo o arcaboiço
Sem feiçom;
Mae ei bos bejo, e oyço,
No coraçom;
Bedes me boi descaindo
Nesta hora,
Bos Amor fincade rindo
Muyto embora.

Egas Moniis Coelho.

E tornando a acompanhar a Princesa, ella se determinou, como vos dizia, cumprir o que el-Rey seu pai lhe fizerão crer lhe mandava, e fazendo como por força vir nessa resolução, seu tio Tiberio, e Castalio seus conselheiros, que seu pai lhe deixara pera se governar por elles, com outros de sua casa, e aprestada com suas riquezas, e alfaias, pera se pôr a caminho, e por guia delle o embaiador Estella, lhe sobreveio hum estorvo e inconveniente, que parece lhe trazia a fortuna pera desviar-lhe esta ida, que tão cara lhe havia de custar, e foi adoecer-lhe a sua Antigona, que sendo no amor como sua mãi, parecia não poderia fazer esta mudança tão depressa, mas era tal a que lhe davão as outras donas e assi as damas, junto ao desejo da mesma Antigona, a quem o que tinha grande de ver sua Princesa, e senhora com vida (que assi chamão as molheres ao casar) e com gostos, e prosperidades, que na mesma mudança de cousas imaginava achar, tirando forças de fraqueza, lhe affirmava, que já estava bem, e com saude, pera a poder servir na jornada, com o que se puserão todos ao caminho, com assás infelizes auspicios, e peiores agouros, se isto houvesse como elles o cuidavão.

E como a serra por onde era forçoso passar, era muito ingreme, e aspera, além de muito cheia de basto arvoredo, com assás trabalho a puderão subir, e passar, e assi toda a jornada que o Estella guiou á vista, e por junto do seu altar, que já começava chamar-se o Altar de Triumvir, como sempre té hoje se chamou, e chama sem nunca perder esse nome o Altar de Trivim, onde o Estella, mostrando-o á Princesa lhe disse fizera por ella, e suas cousas aos Deoses muitos sacrificios. E por alguns rodeios, e muito cansaço, e afflicção da Princesa, puderão ali arribar, ou montar pola sobeja aspereza do caminho que trazião, que quasi se não podia soster n'um palafrem em que vinha, e lhe foi forçado apear-se delle, té poder chegar ao cimo escampado do monte.

Onde assentando-se a Princesa por descansar, é sentindo ali alguma viração do mar, e podendo dali bem alargar a vista, que té aquella hora tivera como fechada, e estendendo os olhos té onde divisava bem o mar, e assi sentada desabafando hum pouco o coração, e aliviando do grande cansaço, sem tirar os olhos daquella parte onde lhe parecia, e se lhe figurava estar sua amada patria Colimbriga, e arrazandose-lhe os mesmos olhos em agoa, e dando hum profundo, e grande suspiro disse:

Saudade minha,
Quando vos veria.

Alegre lugar
Donde o mar diviso,
Sejais paraiso,
A quem por vós passar,
E a mi em pezar,
E em triste vida,
Sem minha Colimbria.
Neste apartamento,
De tão grave dor,
Se conhece amor
Ter merecimento,
Que em ti o pensamento
Terei toda a vida,
Colimbria minha.

Parece que muitas vezes somos profecia de nós mesmos, e sem attentar o que falamos, vem a cumprir-se o que dizemos. Digo isto, porque posto que estas palavras que aqui disse esta Princesa, que da sua lingoa se traduzirão na nossa, forão tanto a descuido ditas, com tudo se vierão a cumprir nella á letra. Por quanto este mesmo lugar da maneira que ella o disse fosse paraiso, pelo refrigerio, que nelle recebera, e com a vista do mar, e ares da sua Colimbriga, e pelo fechamento do castello e cansaço da subida, desde aquella hora, té o dia de hoje, se chamou, e chama o Paraiso da Louzam. E o que tambem de seus pezares, e vida, disse, logo o vereis como se cumprio.

Bem quizera a Princesa deixar-se ali estar mais devagar, assim por lhe parecer gosava dos ares da sua desejada patria, como obrigada do trabalho do caminho, e pelo refrigerio do lugar, e sobre tudo não sei

que lhe adivinhava o coração, que soe algumas vezes ser presago de futuros males; mas obrigada dos seus, principalmente de Estella, que depois de lhe estar mostrando o seu altar, e a elle fazer suas deprecações fervia pola brevidade, receando algum desvio a suas cousas, ou poderem ser descubertos seus enleios, antes do effeito delles, pelo que forão continuando pelo alto do monte, e serra seu caminho.

Ia a Princesa mui cheia de calma, e sequiosa, desejando achar alguma fonte, em que refrescar-se, o que vendo Estella, lhe disse, como logo adiante estava huma de agoa muito excellente, e fria, entre huma espessura de arvoredo, com o que a Princesa se abalou de melhor vontade, com todos por sua ordem. E como Estella sabia bem a terra, guiou pera a dita fonte, que logo achárão, que no estremo a Princesa estimou, vendo-a tanto como a desejava, por lhe parecer, que com a frescura do lugar, e daquella agoa, e refrigerio, que com ella receberia, cobraria tambem o do animo, que tanto a ia molestando, e affligindo-se-lhe, com huma terrivel angustia, a qual lhe acrescentava a doença de sua amada Antigona, que muito empeiorara, desde a hora que se pusèra em caminho, muito differente do que ella mesma lhe affirmara ao partir. E crescia o mal, e ia tanto por davante, que temeo muito a Princesa se lhe acabasse a vida, antes que pudessem chegar ao castello de Certago, e por isso fez a Princesa parar. E se desceo á fonte, onde tratando-se primeiro da saude da Antigona, a Princesa bebeo, gabando muito a bondade, e frieza da agoa, com que ella, e todos se recreárão, e em quanto sua gente comia, e se tratava dos remedios, e cura de Antigona, mandou, que ao pé de hum carvalho verde, e frondoso, que junto á fonte estava, lhe ordenassem onde repousar hum pouco. O que sendo logo feito, se encostou, mandando-se cobrir com huma cortina de seda, pera ver se podia tomar algum somno, e com elle algum repouso a seu cansado animo, pelo desassocego, e desvelos com que andava desde muitos dias antes da partida, e recolhendo-se comsigo, quanto mais se trabalhava por dormir menos o podia fazer, ora cerrando os olhos, ora procurando suspender os sentidos, e desviar de si imaginações, sem poder por modo algum achar o somno que pretendia, e forcejando hum grande espaço comsigo, por fim afastando a cortina se levantou dando com a cabeça, e dizendo:

Fil a cama nel espino,
Nunca mas pude dormir:
Por mi se puede dezir
Nunca mas perro al molino.

Não entenderão os seus logo estas palavras, que huns dizião que o dizia por lhe parecer não tornaria mais ao seu castello de Arouce, por ter ao pé hum moinho, e espinheiros. Outros que ião estas palavras mais fundadas e prenhes por se haver precipitado a esta vinda, e não esperar tornar jámais a seu estado. E outros davão outras interpretações: mas o certo he que dellas se chamou muito tempo depois, e ainda agora aquella fonte, e o porto Espinho, e que ella nem tornou ao dito castello, nem ao estado que teve e pretendia.

E com isto mandou caminhar, e proseguir a via que levavão, depois de mostrar Antigona alguma melhoria com o repouso, e regalo que naquella fonte do Espinho teve, com mostras de recuperação de saude mais do que nesta doença nunca dera.

Porém postos assi em caminho, a poucos passos andados, começou a mostrar como os sinaes da saude que mostrara ao partir da fonte, forão os da candeia, quando se quer acabar, que dá mais claridade, começando ella a dar os verdadeiros de seus derradeiros dias, té que ao descer da serra, lhe foi descendo, e faltando a luz dos olhos, que voltou pera onde ia sua amada senhora a Princesa Peralta, se fechárão de todo, e a ella se lhe acabou a vida.

Sabida a morte de Antigona, não havia quem se atrevesse ao dizer á Princesa, pola grande dor de coração, e sentimento, que della havia de receber, e se deixárão ir assi descendo hum pouco espaço, té que a mesma Princesa pelo reboliço dos seus, a entendeo, e como desacordada, se deixou cahir de suas forças, com hum grande desmaio, e não menos lagrimas em todos.

Mas tornando depois de grande espaço em si, e com a brevidade que o tempo em que se via requeria, a mandou ali sepultar, n'um grande penhasco, que para isso se abrio com muita brevidade desde aquella hora, té o outro dia, determinando que dando-lhe fortuna alguma hora repouso, mandal-a dali levar pera huma sepultura, que lhe faria muito sumptuosa na sua Colimbriga; e no penhasco mandou pera memoria do lugar, e pera o que determinava fazer insculpir estas letras, e epithaphio:

ANTIGONA. DE PERALTA.

AQUI FOI DA VIDA FALTA.

As quaes letras muito pouco tempo durárão inteiras no dito penhasco, porquanto a poucos dias, pedio Venus a Vulcano hum coris-

co, ou raio, com que dando nelle, o desfez em muita parte, levando quasi todas estas letras, sem dellas ficarem mais que humas poucas, e a causa porque isto fez, vos contarei eu depois. Mas estas são as letras que ficárão, que as mais, forão feitas em cinza:

ANTIG / / / / / A DE PERA / / / / /

/ / / / / / / / / / / / / / / / / /

Porém estas durárão muitas idades, que se lião n'um pedaço que ficou do penhasco, por onde se chamou aquelle lugar, o que só dizião estas letras que ficárão, a saber, Antiga de Pera, té este dia presente. E se vem ainda muitas pedras soltas, e espalhadas, que forão, e ficárão desta sepultura de Antigona. Além de outras, que os que passavão deitavão sobre ella, que erão os suffragios da gentilidade de aquelles tempos, fazer montes de pedras que deitavão sobre as sepulturas, como tambem deitar-lhe tres vezes terra na cova ao tempo que os enterravão, segundo se vê n'uma sepultura que se achou desses tempos, com estes dous versos:

Hic jacet ante annos crudeli tabe peremptus,
Molsa: ter injecto pulvere pastor abi.

Que querem dizer: Aqui jaz Molsa, a quem matou a peste no melhor de sua idade: deitando-me oh pastor tres vezes terra, passa embora.

Tal ficou a Princesa Peralta, e tão cortada deste triste successo, que junto a occupação do enterramento, e obra da sepultura de Antigona, não poude passar adiante aquelle dia (pera ella tão triste, e lamentavel, e pera toda sua gente), aonde levavão determinado fazer noite, e por ella tambem se vir chegando. O que vendo o sagaz Estella, depois de consolar a Princesa com muitas palavras, de que elle muito abundava, lhe perguntou, se no pé desta grande decida, queria lhe apparelhassem, pera albergarem essa noite, que era ao pé d'umas arvores, onde tambem descia hum valle pequeno, com alguma agoa, (cousa tão precisamente necessaria no alojamento de tanta gente) pois não era possivel poderem chegar onde elle lhe tinha dito, e levavão determinado. E porque a Princesa havia grande espaço estava desacordada, sem falar, nem lhe poderem tirar huma só palavra, pola grande dôr de coração, que trazia, que com o lastimoso successo se

lhe acrescentou, com o que todos vinhão suspensos como pasmados. E respondendo agora ao Estella na sua lingoa delle, de que ia tomando muito, *Volo*, que queria dizer, que si queria, todos os seus se alegrárão, ouvirem-na se quer huma só palavra, por cuidarem seria passada da vida, ou estaria pera isso. A qual palavra, todos dizião uns aos outros, como que ella já estava com fala, e a repetião bem, ou mal pronunciada. E daqui ficou a este lugar o Volo, ou Bolo de Peralta, ou de Pera, como ficou dizendo sómente o epitaphio de Antigona, depois de quebrado.

A Princesa passou esta noite com assás agonia, sentimento, e maiores cuidados, e tristissimas imaginações em seu pensamento, recolhida n'umas choupanas, que dos ramos das arvores, e sovaros, que por ali havia, lhe ordenárão, que della ali ficou, de que os pastores depois se aproveitárão, cobrindo-a com palha, e durárão estas ramadas muitas idades, e dizem durão, renovando-se sempre, e com o mesmo nome do Volo, ou Bolo de Peralta, ou de Pera. E sobretudo, o que mais a molestava, era a incerteza do caminho que levava, e do que traria seu amado pai, e se o traria, indo cahindo mais na conta de suas desaventuras.

E sendo já alto dia, chegárão a ella os seus juntamente com o Estella, animando-a e consolando-a: dizendo-lhe tambem, que erão horas de proseguir seu caminho, ao que ella respondeo, que pera o caminho, pois estava posta nelle, começassem a caminhar. E quanto ás consolações, essas pera ella erão já acabadas: ao que tudo o astuto Estella dava mil desvios; com muitas palavras acommodadas á presente occasião, e seus intentos, que nada aproveitava com Peralta, pelo que lhe ia dizendo seu coração (presago de maiores desaventuras) vendo-se desamparada, e tão só, sem pai, nem mãi, e sem a sua Antigona, privada de seu reino, e quasi de suas altas esperanças, de que ia em seu pensamento, pouco a pouco descahindo. E proseguindo o caminho, que Estella guiava, forão fazer alto, e ter a sesta n'um valle fresco, onde Peralta mandou lhe fizessem seu recolhimento, e armassem sua tenda só e apartada de todos, ao pé d'uma mouta, pera ali se fartar de chorar. Onde recostada, e com a mão na face, soltou as lagrimas em tanta abundancia, que cahidas no chão, no lugar onde tinha a cabeça, o humedecerão de maneira, que dizem se fez dellas huma fonte ao pé daquella mesma mouta que inda hoje dura e se chama o lugar onde isto foi, a mouta de Peralta, ou de Pera. Onde ella queixando-se da fortuna desfeita em lagrimas, dizia palavras de muito sentimento, que alguns poetas antigos, e outros deste nosso tempo escreverão desta maneira:

LAMENTAÇÕES CONTRA A FORTUNA DA PRINCESA PERALTA

Fortuna (diz) cruel, que hazerte queda
   Para hartarte de mi, que me destruyes?
Que puedo darte ya que darte pueda
   Que esta misera vida, e della huyes?
Del Reyno me sacaste con tu rueda
   Onde acabar podia, y no concluyes
Que inhumanidade es esta fiera,
   De verme atormentar antes que muera?

Que puedas mas dañarme nolo siento
   De aquello que cruel tu me has dañado;
Fuera voy por ti del Real assiento
   Do no pienso tornar ya en tal estado:
Voi perdiendo de honor, que mas yo siento
   Porque aunque yo no hare peccado
Voi dando occasion que digan, basta,
   No puede vagabunda ser muy casta.

Que bien puede tener una donzela
   Que aquella castidad aya perdido?
Ai que es mi daño ser tan moça y bela,
   Sea berdad, o no tal apellido
No lo agradezco a mi fatal estrela
   Pues desto nace el mal que me ha venido:
Ai y quantos males me estoy viendo!
   Salid sin duelo lagrimas corriendo.

Por esto el inimigo tomó osadia
   De deshazer al Rey que me engendrara,
Que el mundo su poder tanto temia
   De que mi perdimento se causara:
Que errando albergue mudo noche e dia,
   Y fiel Reyno, y padre y honra chara
Quitado me has: y el mal que puedes darme
   Me has dado: que mas mal quieres guardarme?

Si acabarme alli, muerte no era
   Cruel, por que tu sed en mi se amate

No te rehusaré, embia una fiera
  Que me devore, y mi dolor remate:
Qualquier martyrio que a mi alma hiera
  Agradecerè, con tal que a mi me mate:
Y aun esto me niegas? y me estás viendo
  Salir sin duelo lagrimas corriendo?

A mi madre en naciendo me quitaste
  Con crueldad de tigre, y de serpiente;
Aora estotra madre me mataste
  Que sola vi y amava tiernamente:
Mi padre no se adonde lo llevaste
  Ni se si lo verè jamas presente.
Y este don me das? por cierto bueno!
  Salid sin duelo lagrimas corriendo.

Com tanto sentimento, e dôr dizia esta Princesa todas estas, e outras cousas, que não havia quem podesse deixar de chorar muitas lagrimas, acodindo todos a estorvar as muitas que ella derramava; e querendo ainda ella proseguir, pareceo a todos, e ao mesmo Estella, que devião appressar-lhe o caminho, pera que com a variedade da vista, e movimento, se lhe afastasse algum tanto do coração a grande tristeza que levava; por onde todos se forão a ella: Senhora, vamos, vamos: e fazendo pouca demora neste lugar, no qual deixárão com a pressa, feito o mesmo recolhimento, e ramada em que a Princesa estivera (que muito tempo ali durou, com nome da mouta de Peralta, ou de Pera, e dura té o dia de hoje) proseguirão seu caminho, por onde o Triumvir Estella guiava, que já neste tempo tudo se governava por elle.

O qual ia já receando muito algum estorvo a seus intentos, parecendo-lhe, e com razão, não poderia deixar de se divulgar esta partida, e caminho da Princesa, que elle já guiava pelo mais desviado de gente, e menos povoado que podia, pelo muito que a desejava secreta, antes de poder vir ás orelhas de tantos cavalleiros, Principes, que a pretendião; por onde vinha sempre metendo-se pelos mais bastos arvoredos, de que tudo então era cuberto, e de grandes mattas, e brenhas, té chegar a hum valle, longo, e sombrio, que com huma fonte de muita agoa o fazia fresco, no qual Estella quizera pera mais encubertos fizesse a Princesa noite, e parasse aquella, o que Peralta não quiz, por ser ainda de dia, e grande medo, do tormento de suas aflic-

ções, que andando, procurava divertir. Mas vendo o valle tão longo e sombrio, disse no cabo delle já junto da fonte, com a voz rouca de chorar, humas palavras na sua lingoa, que na nossa vinha a dizer desta maneira:

Longa he minha desdita,
E breve foi meu prazer;
Longo vejo o padecer,
Já não espero por dita.

E isto dizia a Princesa alludindo a longura do valle: e vendo Estella tão desesperada Peralta, e tão entregue a tristezas, lhe pareceo muito necessario traçar algum estratagema, com que a poder, se não aliviar, ao menos entreter, e por isso sahindo deste valle, a que a Princesa chamou o valle longo (nome que della sempre lhe ficou) e indo todos assi pera mais adiante pousarem, e antes de passarem huma soberba, e nobre ponte de pedra, que por força havião de passar, e naquelles tempos muito famosa, e nós de agoa arrancada té os alicerces, que só ficárão pera memoria do que depois aconteceo, sem rasto, nem ainda dos caminhos, que a ella ião ter: como logo vos direi: se veio o Estella á Princesa, depois de com hum artificio se apartar da companhia, e quando já entravão n'um souto alegre e desabafado á vista. E lhe disse muito mais alegre e risonho: Alviçaras, senhora, prazeres, prazeres: alto que todos o ouvirão, boas novas, boas novas, e já grande rumor, e fama, como el-Rei vosso pai he chegado, e desembarca com grande poder, e são as estradas cheias disso, e ali o vão dizendo, e antes de quinze dias o vereis, e podereis descobrir-vos, e que se saiba quem he a que agora vai desconhecida: por tanto tomai prazer, e todos tomemos prazeres, e nos alegremos. E com taes razões, e dissimulação lhe soube dizer isto, que a todos alvoroçou muito a nova, que naquelle souto lhe foi dada; e porém a Princesa a Iris que a ella se foi com mil mostras de prazer, pola alegrar, mas a Princesa sorrindo-se com hum riso secco disse estas palavras, que dellas se fez depois esta cantiga, que foi muito usada:

No se hizieron Pascoala
Los plazeres para mi,
Penas y dolores si.

E repetindo este si, si muitas vezes, como que nada do que se dizia lhe entrava, e com tudo ficou aquelle lugar, e souto donde isto se

passou chamando-se depois té o dia presente o souto dos Prazeres. E descendo hum pouco pera o meio-dia perto de huma fonte, por se ir já fazendo tarde alojárão essa noite ao parecer com algum mais alivio das tristezas de Peralta, que ella quiz mostrar aos seus, vendo-os tão alvoroçados com as fingidas novas do Estella polos consolar, e animar, não já porque ellas lhe entrassem.

E feito ali hum recolhimento para a Princesa, cobrindo com panos humas paredes velhas que ali estavão, repousárão essa noite, esperándo no dia seguinte chegar ao castello de Certago descansar do caminho, e aliviar do nojo que todos levavão pelo de sua senhora a Princesa, e poderião ali ter mais certas novas da vinda del-Rei, e dar a suas cousas alguma ordem.

E porque a mesma tristeza, depois de desvelar muito e inquietar o animo, causa muitas vezes hum somno muito profundo, adormeceo a Princesa de maneira que as suas donzellas houverão que ao amanhecer a verião alegre, e fóra de melancolias que tanto a perseguião: mas succedeo ao contrario, porque pela madrugada acordou a Princesa gritando lhe acudissem, ao que vindo todos com pressa a achárão mui passada e desfigurada, e tal que por grande espaço não poude falar palavra, do que toda a gente que comsigo levava (porque logo isto se soube) ficou muito sobresaltada, por não saberem o que era, e huns perguntavão aos outros. E como de todos as esperanças, e remedio pendia só da vida da Princesa, não se sabião dar a conselho. A qual tornando alguma cousa em si, e tremendo-lhe a voz, e o corpo todo, contou, como vira a sua amada Antigona toda banhada em lagrimas chorando, e com ella huma outra molher toda descabelada, e de idade, e vestida de negro fiando em huma roca, já quasi acabando a estopa, e de mui feia e medonha catadura, e mostrando-lha Antigona com o dedo lhe dissera: Minha senhora, e minha filha animai-vos pera outros successos differentes dos que vos desejei. Esta que aqui vedes he a parca Atropos, que fia naquella roca a vida de nós outros mortaes; a estriga que vedes quasi acabada he vossa vida, que pouco vos ha de durar, mas ficará vosso nome nesta região em quanto o mundo durar; e isto vos console, e este lugar onde ora estais lá nos tempos vindouros, será lugar de verdadeira adoração, e assi o outro onde de aqui fores mui famoso, e nomeado por tal, e as pedras e rios. E querendo dizer-me mais, acordei como vistes, que melhor fora nunca acordar, e ir-me com minha amada Antigona, por acabar já tão tristes dias. E dando hum grande suspiro, ficou sem mais poder ir por diante, e eu o mesmo com dó della. E o mais fique pera ámanhãa nos ajuntar-

mos em Nossa Senhora da Luz, e na sua fonte, de cujo sitio tratamos.

E vamos cá por outro caminho, por onde nos disse o senhor Devoto, podia levar-se á devesa a agoa desta fonte, vendo se nos parece isso possivel. A qual deste sonho desta Princesa, e ver nelle a Parca que ouvistes, se chamou depois, e este valle onde foi o sonho, e assi esta fonte, a fonte do Valle da Parca. E pola affinidade, e parentesco, que entre si tem o P com o B de parca se veio mudando em barca, e depois em barco, como vedes agora chamar-se a fonte do Val do Barco: e esta he a origem, e ethymologia, que eu no principio vos disse do nome desta fonte.

DIALOGO DECIMO SETIMO

As transfigurações de Peralta, e dos seus. E ethymologia de alguns lugares, etc.

DEVOTO.—CRISPO.—GALACIO.

Dev. Não se pode negar ser esta casa de Nossa Senhora da Luz devotissima, e o sitio della tambem devoto, e aprazivel, que parece move a humas saudades, olhando estes rochedos, penedias, e oiteiros, cuberto tudo de tal verdura, e com aquella outra hermida de Nossa Senhora dos Milagres, e a vista destes dous arrebatados rios, que a rodeião, e solidão.

Crisp. Assi he por certo, e não ha muitos annos, que tudo isto ao redor desta igreja era mui ordinariamente cheio de devotos, que aqui vinhão em romaria, e ter suas novenas, e ainda mais, quando este convento era vigairaria.

Gal. Que seria a causa de haver hoje tanto menos disso?

Crisp. Muitas vezes cuidei nisso, e não me sei determinar, havendo agora tanto mais razão de ser mais frequentada esta romagem (não falando nos naturaes, que he sua ordinaria devoção) sendo esta casa agora mais ennobrecida, assi nos edificios como com tantos mais religiosos, prégadores, e não havendo nella acontecido, por mercê desta Senhora excesso algum, que são a causa que muitas vezes faz perder a devação.

Gal. Parece-me ouvir dizer, que por se levar esta ponte do Cabril, ha muitos annos, e não haver outra passagem, por onde se poder vir, tudo o dessas bandas, que sohia ser o mais, se fora diminuindo desta frequencia, junto a que em toda a parte, mal peccado, he hoje menos a devação. Outros dizem, que porque nestes tempos, como não havia padres, que se occupassem em seus estudos, tanto como agora (porque não erão mais que dous), se não na cultura deste seu pomar, o qual abundava por isso de muita fruta, que elles com larga mão repartião com os devotos, achavão tambem por isso mais charidades, que huma mão (como dizem) lava a outra.

Dev. A mi quadra mais a falta da ponte, e agora quererá Deos, e a mesma Senhora da Luz, que com ella acabada seja esta sua casa ainda mais frequentada do que nunca foi, e haja mais devação. Mas qual vos parece he melhor agoa, a desta sua fonte, ou da Senhora da Conceição, onde hontem estivemos, que dizeis se chamava do val da Parca, ou do Barco?

Crisp. A falta das cousas as faz sempre qualificar mais que a abundancia, e porque lá não ha mais que essa, pode por isso parecer melhor que esta, acompanhada de tantas outras, tão perto de si, sendo tão boa, e excedente esta, que se não poderá achar melhor.

Gal. Apostarei, que não deixe o senhor Crispo de ter achado a razão, por onde esta se chama a fonte das Mayas, pois achou origem a do val do Barco.

Crisp. E com mais evidencia, pera servir a v. m.

Gal. Isso estimaria eu agora saber, que he certo grande curiosidade.

Dev. Não nos embaracemos com isso agora, que não lhe faltará seu lugar, e nos fazei senhor Crispo mercê, continuar com a pratica que hontem deixastes pera este lugar, que he o seu proprio, pois tudo o que pretendemos destes nossos dialogos, e praticas he em abono deste sitio, e pois nelle estamos, busquemos a ethymologia dos nomes dos lugares vizinhos deste mesmo sitio.

Crisp. E eu por vos servir, e dar nisso satisfação, me não sahirei delle, e seus arredores, e continuando a historia, pois como dizeis, he toda deste lugar, e desta Senhora:

Bem vistes, quam quebrantada ficou hontem esta Princesa Peralta com a terribilidade do sonho, que todos houvemos dó della. A qual por essa causa quisera descansar ali alguns dias, mas começou a rugir-se, era sentida sua vinda, que 'té esta hora cuidavão estava encuberta, como o esteve sua estada no castello de Arouce, e de cada vez se ia multiplicando mais este rumor, e dizer-se, que o gigante Zacor (que assi o nomeava a gente) era abalado em seu seguimento, e que os Petronios (porque tinha Petronio outro irmão menor) estavão atravessados no caminho, por onde de necessidade havião de passar muito firmes, e constantes, com proposito de roubar a Princesa, ou por força, ou como podessem (e podião muito): o que a todos causou grande medo, e confusão, vendo-se á porta de grande perdição, principalmente se Zacor se encontrasse com os Petronios, cuja furia e braveza em todo o mundo era notoria e temida, nem pararia em menos, que em total ruina de todos e perdição, se a seu poder viessem.

E ainda que parecia obrigação de dar conta disto á Princesa, mas por não estar em estado pera isso, e não se dever dar a hum afflicto mais afflicção, pegárão todos com o Triumvir Estella, que desse o remedio que melhor parecesse em tão repentino caso, como homem que todos tinhão por de grande tomo e saber. Ao qual pareceo por então o melhor, deixarem o caminho que levavão, pola ponte de pe-

dra, que estava naquelle direito, por onde era forçado passar, por não haver outra passagem, e declinarem pera a mão direita, pera onde tudo erão bosques, e arvoredos muito cerrados, e nelles se embrenharem demandando huma fonte, que elle mui bem sabia (que he esta em que estamos) onde poderião estar escondidos (por ser lugar fóra de toda passagem) alguns dias, té verem o que a fortuna sua boa lhes concedia, e em que parava o intento, ou successo destes contrarios, pois pera qualquer outra parte que fossem havia mil inconvenientes, e certa sua perdição.

A todos pareceo bem este conselho do Estella, e com dissimulação disserão á Princesa, que pera sua saude e alivio, convinha fazer alguma detença, pois ella assi o queria, mas não já naquelle lugar, dizendo-lhe quanto melhor estaria n'outra fonte, contando-lhe do lugar muitos gabos e de sua fresquidão, que pera ella erão acrescentar-lhe tristezas. E porém disse que fizessem como quizessem, que já não curava de si nada, com o que logo dali se partirão, com quanta mais diligencia, e menos rumor puderão, deixando aquelle valle e fonte, com o nome do val da Parca, e agora do Barco, como ouvistes, o qual té hoje lhe dura.

E se forão metendo pelo mais espesso do arvoredo por hum valle tão cerrado e cuberto, que pareceo á Princesa, e o disse, que parecia irem cubertos com alguma manta, porque nem o ceo se descobria. Pelo que, e pelo valle ser muito plano, lhe ficou esse nome do valle da Manta, que inda hoje tem (tanto podem, e valem as palavras dos Reis, e Principes em tudo), e pouco a pouco forão andando por entre estes arvoredos, té acharem hum escampado e descuberto, no qual a Princesa, e suas damas, forão vistas de certos pastores: e porque naquelles tempos chamavão na sua lingoa, mayas ás damas e donzellas, e neste escampado forão descubertas, e vistas destes pastores: e aos caminhos chamavão carreiras, se chamou este mesmo lugar, a Carreira das Mayas, que té agora lhe dura.

E vindo estes pastores em seu seguimento, e espreita té esta fonte onde parárão, chamárão a fonte, a fonte das Mayas. E esta he a razão que vos disse vos daria do nome desta fonte: e a hum outeiro que ficava algum tanto longe (que depois foi dividido) do qual se vinhão a espreitar, e ver estas senhoras, chamárão o Cabeço das Mayas, que a todos dura esse nome, té o dia presente.

Chegada aqui a Princesa Peralta, se lhe ordenou de pedras, e ramos certo modo de choupanas, e recolhimento pera ella, e suas damas, e donas o melhor, que por então poude ser, como os que deter-

minavão estar aqui alguns dias, segundo vissem na disposição de suas cousas e receios (que mal peccado forão bem poucos) porque a fortuna cega, e invejosa dos grandes merecimentos, e partes desta Princesa, se ia armando, e encruelecendo contra ella, com toda sua força sem parar: mas tão encubertos vierão, que nada se soube de sua estada aqui, salvo os pastores, os quaes nem sabião quem fossem, nem disso se curavão, nem de mais que de espreitar as mayas (como elles lhe chamavão), e travar com alguma moça de serviço, ou com a serrana, quando por alguma occasião se apartavão da mais companhia. Porém, vendo Estella quanto ião engrossando as novas que de Zacor, e dos Petronios se publicavão, e tudo já em tal estado, que se não podia já encubrir, communicou tudo com os da Princesa, dizendo-lhes que posto que ella estivesse tal como todos vião pola fresca chaga, e sentimento da morte de sua Antigona, e com as mais imaginações e temores, que elles melhor sabião, com tudo pois as cousas presentes não davão lugar de se lhe poderem encubrir, e nas que ia a salvação, ou vida, e de tanta importancia, era necessario e forçado cortar pelo são, e romper inconvenientes, pelo que convinha dar de tudo conta á Princesa: ao menos já que não podião deixar de vir-lhe á noticia, as soubesse pelos melhores termos, e de menos sobresalto. O que parecendo bem a todos, houve o Estella de descubrir á Princesa parte do muito que se dizia: a saber da apressada vinda de Zacor, com muito poder, soberbo e desenfreado, que ella e todos temião como a mesma morte.

E como os Petronios lhe estavão oppostos, e atravessados no caminho, pera lhe fazerem força, sabendo que Zacor lha vinha fazer, que cada qual queria chegar a braza á sua sardinha (como dizem). E antes pera si, que pera outrem (e tenho pera mi, que se não fora o recato, e se temerem elles entre si huns dos outros; onde não ousarião desordenar-se, não puderão deixar de ter descuberto este lugar, e feito o seu negocio com força e violencia desta senhora). E dizia mais, que pera se evitarem os damnos e males, que se podião seguir, lhe parecia, e a todos os seus, deterem-se ali alguns dias, como lhe tinha dito. E que naquelle logar (que he este em que estamos) pola espessura do arvoredo, e por ser fora de todo caminho, poderião estar seguramente escondidos, té passar a furia desta tempestade, e poderem tomar algum bom conselho em suas cousas.

E ainda que tudo foi dito á Princesa com as mais leves razões possiveis, facilitando-lhe o perigo em que se achavão, comtudo ficou ella de todo cortada e sobresaltada, e vendo logo quantas verdades lhe ia pronosticando seu coração, de suas desaventuras, e sua amada Anti-

gona em sonhos lhe dissera: mas como tinha grande coração, e em fim real, esforçou-se quanto mais poude, encubrindo seus receios, por não desanimar os seus. E já o Estella buscava, e desejava achar maneira de se poder escapulir, por ver tão mal paradas suas traças e pretenções, de que já de todo desconfiava, e de poder escapar com vida, se viesse a poder de Zacor, principalmente que já sabia de seus enredos, tudo tão contrario ás pretenções de Zacor, e por ser cousa de Certorio, seu competidor, e mortal inimigo, que a consciencia do crime dá grandes receios do castigo. Mas como todos trazião os olhos nelle, não era possivel escapar-se. E assi com isto passárão aquelle dia, e alguns mais, em que os pastores, com animo bem descansado e bem differente do que o tinhão todos os da Princesa, que era assás attribulado, não deixavão de continuar com o espreitar suas mayas, e começárão travar praticas com a serrana, especialmente dous delles. Hum dos quaes, por ser muito gordo, e tangedor de rabil, lhe chamavão os pastores por alcunha o Rabilgordo. E o outro, porque só nos dias festivaes, e de domingo, se achava com os mais pastores nas lutas e folgares, lhe chamavão com outra alcunha o Mingacho, como que só no domingo com elles se achava; os quaes depois de apertarem com a serrana, e ella com outra moça de serviço, se lhe esquivarem sempre, tangendolhe hum dia em quanto ellas lavavão no seu rabil, e cantando algumas cantigas rusticas a seu modo, por fim lhe cantou este

SONETO DO PASTOR RABILGORDO Á SERRANA DE PERALTA

Oh Maya tão aquella, e tão birrenta,
  Contra este seu leigal enamorado,
  Que me tem o sangue tão crestado
  Com sua condição mui peçonhenta:
Pois vossa louçam vista me sustenta
  Mais que pão, mais que carne, e que pescado,
  Não consintais que moura mal lograd,
  Mas morrerei, pois que isso vos contenta.
Depois que por vós perdido fui, me vai
  Senhora de feição, que nunca pude
  Com males tão crueis desabalados.
Haja dó de mi, por vida de seu pai;
  Assi Nosso Senhor lhe dê saude,
  E pelas almas tambem dos seus finados.

Attento estava o outro pastor Mingacho, e de quando em quando sorrindo-se de prazer, por lhe toar bem na orelha o que cantava Rabilgordo, e olhando pera outra serrana, como que a ella tambem dizia o mesmo, encolhendo os hombros: e pondo as mãos nos peitos, em acabando o pastor de cantar, disse pera a outra serrana, vendo-a tão esquiva:

Pois amor em mi chantou
Huma seta tão aquella,
Pode tambem chantar nella,
Se lhe vier a vontade.

Que em que senhora seja
Bella, discreta, e louçam,
Alguma tarde, ou manhãa,
Pode ser que amor a veja.
E pois elle em mi chantou,
Huma seta tão aquella,
Pode tambem chantar nella,
Se lhe vier a vontade.

Estas, e outras cousas, a este modo dizião estes pastores a estas serranas, do serviço da Princesa, sem nunca as largar, depois de entradas nestas brenhas e arvoredos, em que elles vivião, assás descuidados (como costumão) dos cuidados dos Reis e Principes, e cortezões, e da afflicção com que toda esta gente aqui estava.

Porém Escalor, que sempre desde que se partirão do castello de Arouce, viera seguindo os passos de sua doce inimiga Iris, que havendo já dous dias que neste lugar estavão, parecendo-lhe que pera mais devagar, não sabendo a tenção e caminho que levavão, mandou a Iris por estas serranas este romance, como em sinal.

ROMANCE DE ESCALOR A IRIS

Regadas as faces,
Meus annos primeiros,
E por ti regadas,
Forão meus começos.

Por ti, Iris bella,
Estes meus rodeios
Não são pensamentos
Baixos, nem rasteiros.
Sendo por ti todos
Os meus pensamentos,
Que em tua esphera alta,
Ardem mil cimeiros.
Não só da ametade,
De mim tens o reino:
De meus bens senhora,
Té dos mais fundeiros.
Tens sceptro, e mando,
E tens os tropheos:
Que em lagrimas vivas
Desfeito me vejo.
E em que me vês de agoa,
Em fogo padeço:
Que moer me fazem,
Tua arte, e engenho.
De vento moinhos
Não são meus enleios,
Mas são uns castellos,
Que faço de vento.
E como hum lagar,
As rodas de dentro,
Que andão e desandão,
C'um só seu meneio.
E como pavão,
Gallo pyruleiro,
Desfaço a roda,
Que faz meu desejo.
Ver que o coração
Tens de pedra, e o peito:
Ouve, Iris bella,
Meu choro, e lamentos.
E suspiros proprios,
Não faças alheios:
Olha inda não pagues,
Esquivares de mi teus olhos bellos.

Pareceo a Escalor, que o aperto em que Iris se achava a poderia obrigar, ao menos em caso de necessidade lançar mão em tal occasião, do bom e leal animo seu, ou se quer, dos serviços que agora lhe poderia fazer. Mas tão empedernido trazia já Iris o coração, que nada a podia abrandar, antes cada vez se endurecia mais.

Porém, nestes dias, em quanto os da Princesa Peralta, com o astuto Estella, entendião em espiar os intentos, e dissenhos de seus contrarios, e se alcançava noticia delles, pera mudarem de conselho e assento: e as damas entendião em regalar a Princesa, que tanto o havia mister, e os pastores em namorar as serranas, e Escalor seguia sua louca porfia. Vinha aqui huma pastora vender cousas de leite, e outras frutas, que tudo de boa vontade se lhe comprava: a qual, mostrando-se-lhe que adivinhava a modo de cigana, começou a ver-lhes as mãos a todas, e dizer a bonadicha, por onde todas a porfia se offerecião com as mãos á pastora (cousa que as donzellas devem muito refusar) a qual pera mais se acreditar com ellas, lhes falava como estrangeira, noutra lingoagem (que não esta em mais pera cuidarem d'um matasanos, que sabe, se não, não o entenderem) com o que se lhe forão abrindo, té o mais secreto de seus corações, e a pastora a vir cada dia a ellas em quanto aqui estiverão.

E bem vos lembrará daquella dona honrada, que foi a palacio del-Rei Arunce em Colimbriga, á presença da Princesa sua filha, com pretexto de lhe pedir favor pera com el-Rei seu pai, pera certo negocio: e como della se partio ardendo em ira, ameaçando todas, que as deixou tremendo de medo: da qual ainda que nunca té agora ellas puderão saber quem fosse, se soube depois ser a fada, ou Deosa Venus, que quiz ir ver por seus olhos a altiveza desta Princesa de que tantos gabos se pregoavão, e a arrogancia e presunção das suas damas, as quaes todas a desprezavão, como a cousa vã (que era), sendo tida, e venerada por Deosa da fermosura, e fada dos Amores, e vendo por seus olhos ser assi o que se dizia, as viera ameaçando determinada de as abater, e castigar. A qual devia ser alguma grande bruxa, e maga, que a gente ignorante chama Deosa, do que naceo contarem-se mil patranhas, tudo mentira.

A qual Venus, habitando por estes tempos por todos estes bosques e valles, no meio da Lusitania, depois de se absentar de Roma, polas causas de tumultos, e guerras que vos contei (por ser muito amiga de ocio), procurou trazer aqui a Peralta, e suas damas, pelos rodeios que ouvistes, que determinava de as abater, onde lhes tinha preparado o castigo, e pera mais satisfação de sua ira, vinha agora

aqui por seu passatempo, (como gato com rato) feita pastora. E abrindo-se-lhe as damas, como digo, lhe mostrárão seus sonetos, e cartas de amores, que erão as suas reliquias, e lhe mostrárão os versos que o Estella dera a ellas, e á mesma Princesa, rogando-lhe muito em segredo lhos declarasse, que os não entendião, parecendo-lhes que a boa da pastora, por mostrar-se estrangeira, e d'outra lingoa os entenderia. E que nelles haveria alguma cousa mais funda, pois a Princesa se fizera com elles tão corada.

Mas em a pastora tomando na mão os versos, e começando de ler a primeira regra delles, fez logo tamanha carranca e acatadura, por não poder encubrir já a grande ira e desdem, que a todos meteo grandissimo medo (por onde nunca o mal fora tamanho, se não fora a leviandade destas moças); porque a pastora se partio furiosissima, mais do que nunca tanto o foi (que na verdade os impetos e paixões de Venus, são mui impulsivas) mas chegando ao cabo destes versos a ler o desprezo com que nella se falava, chamando-lhe Venus vãa. Aqui foi e fez a impaciencia todo o excesso de maior effeito, e ainda pera peior: além de a ella desgabarem, achou o nome de Iris mais levantado e gabado sendo assim, que era o tal nome o ornamento e empreza da outra fada, ou Deosa Juno, sua capital inimiga, e de quem tantos damnos, e inimizades tinha recebido, assi nos seus Romanos como já nos Troyanos, e que tantas differenças havião tido: por quanto Iris, ou Iria, que he o que chamamos arco da velha, ou arco do ceo, era o sinal, e ornamento dessa Juno, de que se mais ella presava e arreava. Por onde diz Virgilio, que por mimo, *Irim de cœlo misit Saturnia Juno*. Que tudo encheo mais de ira o animo de Venus, que era esta pastora.

O que vendo as damas, ficárão todas como pasmadas, sem saber entender-se, nem entender a monstruosidade do que vião, nem o que isto fosse, nem porque fosse, nem quem esta pastora fosse, nem cahir no porque aquelles escriptos, e versos pudessem ser a causa, nem se o erão.

E porque já neste tempo tudo era tormenta desfeita, com que a fortuna perseguia de escancara esta pobre Princesa, tão desamparada, tanto sem razão, quiz que com grande tumulto, e poder junto com a tormenta apparecesse o soberbo Zacor á vista já dos Petronios, que sabendo sua vinda, o esperavão com grande animo e valor de suas pessoas. O que tudo vendo a fada Venus, que como huma leoa ou fero javali ferido, estava rangendo os dentes, abrazada em sanha, dizendo:

Como? e soffrerei mais huma ninguem em minha comparação vi-

ver huma hora? nem a estes doudos fazer por ella estremos á minha vista? Pode a fada Juno, por hum desprezo tanto mais leve, e por só aquellas palavras escritas naquella maçã de ouro, que o padre Jupiter lançou do ceo, que dizião: «*Dê-se á mais fermosa*», a qual a mi se julgou, destruir por isso o imperio Troyano, por ser quem isso julgou filho del-Rei Priamo, chamado Paris; e abrazar Troya, e suas riquezas, e tantas pessoas reaes, e povo, com guerra de dez annos: e eu, a vencedora dessa mesmo Juno, e filha do grão Jupiter tonante, sofrerei palavras tanto mais sanguinolentas e injuriosas, e tantos desprezos cada dia? Que vos parece, chamarem-me a mi, a mi ninguem, huma ninguem! Bem vãa, e bem ninguem seria eu se dilatasse o castigo dez annos, como Juno, sendo minha condição e natureza tanto mais accelerada, nem quero que chegue a outros sem culpa o castigo, como fez Juno, esta só, e estas, e estes seus amantes, quero hajão seu merecido castigo.

E dizendo isto, fez turbar o ar, e revolver tudo com trovões, coriscos e relampagos, e o primeiro que fez foi converter o gigante Zacor em rio da mesma sua natureza, soberbo e arrogante, e de verdenegras agoas quaes erão as cores de seu rosto, medonhas: e dizem, que porque Zacor era terrivel e forte guerreiro, que temperado o ferro nestas suas agoas, o faz muito mais duro e cruel. O qual rio ficou com o mesmo nome de Zacor, chamando-se depois Ozecaro e agora Zenzere, como vedes.

Mas quiz a fada, que atravessasse por meio dos Petronios, como o trazia determinado, e com a furia que trouxe, rompeo a ponte de pedra, e a desfez té os fundamentos (por onde vos disse a Princesa a havia de passar) sem della deixar, nem ainda dos mesmos caminhos que a ella ião, rasto algum, salvo pera memoria de sua sanha, os alicerces no fundo dos poiares, que ficão em direito do valle da Parca, ou do Barco, por onde a Princesa vinha pera passar.

E aos Petronios converteo a fada em penedos altos, e fortes rochedos, com toda a sua gente, assi como erão grandes as forças que trazião, pera se combater com Zacor, e roubar a Princesa Peralta, e assi ficárão té o dia de hoje; e com o mesmo nome de Petronios, ou Pedrogos grande, e pequeno, como os Petronios erão maior, e menor: divididos porém, e apartados com a furia do gigante Zacor, com que os cometeo, e a fada ordenou.

Os quaes Petronios, ou Pedrogos, a fada depois povoou fazendo nelles villas mui frescas, qual vedes esta deste nosso sitio de nossa Senhora da Luz, e a ornou e favoreceo, dando-lhe as mesmas armas,

e divisa dos seus Romanos, que he huma aguia sobre hum rochedo, e por entre seus pés o rio Zenzere, ou Ozecaro, e ella olhando direito ao Sol, e com estas letras:

GRANDE SÓ DE PEDROGUESES.

Mostrando, que assi como a grande e real aguia, he só a que olha direito ao Sol, assi o nome de grande, só o tem aquella villa, cujos naturaes devem emprehender cousas grandes, e com só o tento em Deos, que he o verdadeiro Sol. E as ditas armas são estas, que aqui podeis ver.



Em quanto a fada executava com furia estes estragos, se espalhárão a Princesa Peralta, e todos os seus, fugindo da tormenta por onde cada hum poude e acertou, pola grande escuridade da mesma tormenta, e a fada os foi alcançando, e ao velho Castalio, que pola idade não poude correr tanto, e primeiro topou, o converteo em fonte, e o mesmo a Tiberio, de agua muito sadia e boa, porque na verdade, sempre seus conselhos forão bons, e de saude, se a Princesa os seguira. As

quaes fontes, do nome delles se ficárão chamando dali por diante a fonte de Castalio o velho, e o mesmo a de Tiberio Riberio, o velho, e agora Ribeiro o velho: do nome destes dous velhos.

Mas levava o pobre Tiberio comsigo hum minino, que só tinha, seu filho que amava como a mesma vida, e lume de seus olhos. O qual a fada com a furia grande e desatento, tomou e o esbarrou a humas pedras e rocha que ali estava; porém attentando nelle, que era lindissimo, se rependeo, attento sua fermosura e innocencia, e lhe acodio com pressa, e decendo-o levemente pola fragoa abaixo, que muito ingreme era, e alta, e o curou, e deu depois a criar: do qual houve aqui grande geração e decendencia (como adiante direi). E deste successo ficou o nome, e chamando-se aquella penedia assi pendurada pera a parte da fonte, em que tinha convertido seu pai, a Esbarradella da fada. E por isso os mininos inda hoje em memoria deste minino Riberio, (que assi se chamava elle) que a fada ali esbarrou, vão por seu passatempo deitar-se do mais alto desta fragoa, escorregando té o chão, como he fama veio o minino Riberio. E por isso, a propria rocha, inda hoje se chama a Esbarradella.

Outro caminho levárão Docinia e Agilia, donzellas da Princesa, as quaes indo como desatinadas, em fim, como moças, buscando onde acharião sua senhora, e remedio a tamanha desaventura, fugindo da tormenta, e alcançadas da fada, assi banhadas em lagrimas de pura dôr, e tristeza de ver tal estrago, no mesmo logar as converteo em fontes, ambas juntas; que ainda hoje chorão a mesma desaventura, com muita tristeza, e por isso lhe chamão as Mestas, que na lingoa de aquelles tempos, queria dizer as tristes; e porque ião com desacordo, desgrenhadas, mal compostas, e meio despidas, assi dessa mesma maneira se vem ainda hoje. As quaes depois hum certo seu devoto curioso, havendo dó dellas de as ver assi desataviadas, e por isso em desprezo seu valor e merecimento (como he costume mal peccado e se diz por isso: mangas comede aqui, que a vós honrão, e não a mi), lhe escreveo de seu louvor n'uma pedra junto dellas o seguinte:

EPIGRAMMA A DOCINIA, E AGILIA, ORA FONTES DAS MESTAS

Docinia, Agilia, os cuidados
Perdei: não mestas, nem tristes;
Que inda os dias que vos vistes
Alegres não são passados.

Vossa graça, e fermosura,
Do antigo tempo gloria,
Apagar sua memoria
Não pode descompostura.

Que a dama fermosa, e bella,
A poder do ornamento,
Sua belleza he de vento;
Vossa, si, que he só aquella
Conforme meu pensamento.

A mal afortunada Princesa Peralta, não vendo já comsigo pessoa alguma, que todas a fada lhe espalhou, e não sabendo que fazer-se, lançou toda a pressa pera a parte de suas terras, pois não sabia outras, e alcançada de Venus sua inimiga, nella executou maiores crueldades, como autora e causa de todo seu furor. E a converteo em ribeiro muito caudal, e de muita agoa; pera que como Princesa, o ficasse tambem sendo das outras ribeiras, dizendo: Assi quero seja castigada tua soberba e altiveza, e fermosura pera sempre, e percas o nome de alta, e te fique só de Pera, pera memoria de teu castigo. O qual nome lhe durã té o dia presente, e dizem durará pera sempre, como a sua Antigona em sonhos lhe dissera. E dizem que ella foi a que fez vir os raios e corisco, que pedio a Vulcano, que desfizerão a sepultura de Antigona, quebrando della a palavra alta, e ficando só a de Pera, por não ficar rasto algum, nem memoria das excellencias, e grande fermosura desta Princesa, tão invejada por isso, e odiada de Venus, se não só a de seu castigo. Em tanto, que havendo em muitas partes da Hespanha familias deste appelido de Peralta muito nobres, só nestes lugares os não consentio a fada té agora; nem vereis se chame alta nenhuma destas transfigurações, se não, só de Pera. Porém se diz, que da gente desta Princesa Peralta que escapou da tormenta procedem os desta familia e appelido de Peralta, e por que ella trazia n'uma joia de muito preço, por armas hum grifo de ouro em campo vermelho: elles as trazem assi agora, com mais oito aspas por orla, de ouro em campo vermelho.

E antes dizem que dos sinaes, que Peralta tinha em seu bello rosto, pola muita graça que elles lhe acrescentavão, por della escarnecer, os poz a fada n'uns peixes, que nesta ribeira se crião, que chamão Truitas, os quaes, inda que postos por escarneo, não deixão de lhes

dar aos mesmos peixes muita graça; que tal, e tanta era a do rosto de Peralta, que os mesmos sinaes lhe davão.

E dizem mais, que algumas vezes se ouve inda hoje gemer, e suspirar esta Peralta, indo assi desfeita em agoas ao entrar no rio Zacor, ou Ozecaro (agora este nosso Zenzere) e com huns ais, ou aas muito prolongados e sentidos, como quem diz: Ah a que desaventurado fim me chegou minha fortuna e fado, haver de entrar n'um leito, com hum tão mortal, quanto aborrecido inimigo á vista, e que vejão isto aquelles que tanto desprezei!

E se chama esta voz (que se ouve quando ha maiores tormentas) a voz, ou foz de Pera sómente, sem dizerem de Peralta, porque assi o ordenou a fada.

Este foi o fim triste e desaventurado, de aquella tão fermosa e excellente Princesa Peralta, causado por pura inveja (de que Deos nos livre, pois a tantos fez já tanto mal). Este o de aquelles soberbos e arrogantes cavalleiros, que se imaginavão merecer, e alcançar por força e soberba (que ninguem tenha) tão grandes cousas. Que tal he pola maior parte o fim em que parão as soberbas deste mundo, e esquecimento de Deos, em vento e agoa desfeitas.

Quando a fada, acabando de ler os infelices versos de Estella, ia ameaçando todos com a braveza que ouvistes, Iris, como era coraçuda, teve animo pera aplicar o sentido: e posto que entre dentes a fada ia falando, Iris lhe entendeo o que dizia, e como logo todos se espalhárão com a tormenta e escuridão, sem nenhum saber do outro o caminho que levava, nem onde parara, tambem Iris, com o mesmo medo e desatino, foi fugindo pera aquella parte, pera onde lhe pareceo devia ir a Princesa Peralta, ou poderia achar o seu leal servidor Escalor, que bem sabia não se apartava de a seguir, já bem rependida das esquivanças com que sempre o tratara (que assi o permite Deos, e a ventura dellas, que muitas vezes venham a haver mister, e meter-se polas portas, rogando áquelles que mais desprezárão, sem lhes valer). Porém, indo Iris assi correndo, e sentindo que Peralta sua senhora, pelo reboliço de sua conversão, ia em parte que a poderia ouvir (não sabendo ainda sua desaventura) começou a gritar, que se guardasse da pastora, que era huma grande feiticeira, apregoando em alta voz quanto lhe ouvira: que sempre foi perigoso publicar, e descobrir paixões de Venus, e apregoal-as, e acontecerão já sobre isso grandes desastres, como agora aconteceo.

Que achando Venus a Iris, apregoando quanto lhe ouvira, e ainda pera peior, chamando-lhe feiticeira, no mesmo lugar, a converteo em

fonte, que por isso té o dia de hoje se chama a fonte da Pregoeira. E a deixou ir correndo, dizendo-lhe que fosse atalhar os males de sua senhora. Pelo que este caminho por onde a fez ir acodir-lhe, se chamou de ali por diante, e té o dia presente, os atalhos de Pera, não porém de Peralta, e ficou por estes lugares em proverbio, ou ditado, do remedio tarde ou impossivel,

OS ATALHOS DE PERA.

Porque por depressa que foi, já todo o mal era feito; e porém chegando a Peralta já feita em agoa, a converteo a fada em estatua de pedra, pera que ficasse em memoria seu castigo. A qual estatua dura té o dia de hoje, no meio desta ribeira de Pera, ao pé e em direito de onde nella entrão as agoas, agora desta fonte, que deste successo se chamou da Pregoeira, as quaes por isso dizem são de má digestão, e pouco sadias, pela grande crueza de Iris.

Escalor, que como vos disse, andava sempre ao geito, e perto da sua querida Iris, e doce inimiga, ouvindo estes terremotos, e vendo tão terrivel tempestade, e temendo de Iris alguma desgraça, lhe quiz vir acodir, em lugar de se pôr em salvo: (que tanto póde hum fino amor que o fez vir-se meter n'um tão conhecido perigo, com tanto risco de sua pessoa e vida). Mas quando chegou já a achou feita estatua de pedra, porém ainda nella convertida, mostrando sua grande fermosura.

E depois de a prantear, e se lamentar com muitas lagrimas, e com o sentimento que do muito que lhe sempre quiz se póde cuidar, por ultimo suffragio, e beneficio lhe escreveo ao pé hum epytaphio, que dizia desta maneira:

EPYTAPHIO A IRIS

Aquella Iris fermosa,
De Venus tão invejada,
Esta he: bem castigada
De cruel, e desdenhosa.

Desejos d'uma vangloria,
E de hum bem imaginado,
A puserão neste estado,
Pera perpetua memoria.

Que pouco a pouco morrendo
Em viva pedra tornada,
Não parece inda mudada,
Por ser tão dura vivendo.

Oh tarde repender-se!
Oh ultima brandura!
Como te succedeo ficar mais dura,
P'ra todas, como em espelho poder ver-se!

E porque Iris ainda assi convertida em pedra, ficou tal, que bem mostrava, e se podia nella ver, quam fermosa fora quando viva: Passando outra vez Venus, que com a braveza não parava, que tudo corria, e vendo-a, dizem que inda assi lhe teve inveja. Mas vendo o epytaphio e letras, que Escalor lhe escreveo, que tratavão de ella lha poder ter, e nellas o nome de Iris, que tanto aborrecia, por ser o ornamento de Juno sua inimiga (como já disse) lhe quebrou os braços, e cabeça, e a desassemelhou de maneira, que sua inveja não tivesse em que executar a ira. A qual estatua inda que assi quebrada, dura no mesmo lugar té o dia de hoje. E do medo grande que Iris concebeo da fada, e terribilidade da tormenta, dizem que quando ainda agora ouve alguma tormenta, se esconde de medo debaixo da agoa mais e menos, segundo he maior ou menor a tormenta.

Mas o pobre Escalor, que com as entranhas cheias de dôr e magoa, de ver a desaventura da sua amada embalde Iris, lhe quiz em seu louvor, e memoria por-lhe aquella do epytaphio, com toda a singeleza, sem tenção de prejudicar a ninguem, não póde, com tudo escapar-se (só por isso) da furia da fada; que taes vemos ordinariamente os effeitos nas mulheres, com desprezo, embravecidas (de que Deos nos livre!) porque esta fada, só por Escalor dizer naquellas letras, que era tal a fermosura de Iris, que Venus lhe tinha della inveja (tal falaste) porque ella se foi logo apoz elle, e no lugar mesmo onde o encontrou o converteo em rio ou ribeira, dizendo: Já que tanto sentis suas lagrimas e castigo, ficai com este em companhia dellas pera sempre. Por onde o triste cavalleiro, por serviço e amores de sua dama, se foi convertendo com lagrimas em rio de agoa, da muita que por ella chorou doudamente toda a vida, como e qual o vemos; mas conservando sempre o seu proprio nome Escalor, que corrompendo-se pouco a pouco alguma cousa, chamamos agora Escallos ou Escoallos.

E com todo o seu mal quando ainda agora chega á vista desta Princesa Peralta, e da sua amada Iris, se deixa por hum espaço vir mais attento, e com mais quietação, pelo respeito que a huma tal Princesa era devido, e muito que a Iris sempre quiz, chegando a ellas mais manso, por cortesia, e por lhes não causar mais sobresalto: que taes são os effeitos d'um verdadeiro amor, que dura mais que a mesma vida, como o da hera, que secca e morta a arvore, não deixa de a abraçar, não a desamparando nunca.

Muito geral foi na Hespanha o sentimento que todos tiverão do desaventurado fim de tão excellente Princesa, e de todos os seus, que todos forão convertidos em diversas fontes, arroios, arvores, e penedos, cujos nomes não vierão á minha noticia todos: e os que de fóra ousárão mostrar esse sentimento ao perto, tambem padecerão por isso seu infortunio, como aconteceo a hum grande magico, que por aquelles lugares habitava, a quem chamavão o feiticeiro Mocharro; o qual tanto que soube, e vio estas tormentas e desaventuras, parecendo-lhe serem causadas por arte magica, em a qual elle era muito consumado, e não por fadairo, determinou desfazer tudo, ou ao menos restituir pera si a Princesa, pola mesma via, por onde cuidava estes males acontecião. E juntas muitas ervas, que pera estas cousas sempre tinha havidas do cabo do mundo, e corações de aves, e cabellos, e entranhas de animaes, com outras mil cousas, e feitos sinaes no chão, e riscos intrincados, e elle no meio delles, com os olhos, ora nas estrellas fixos, ora fincados no chão, começou a dar grandes e horrendas vozes, lendo por hum livro da diabolica, escrito em pelles de lobo, e encadernado na de porco: e logo pizando os cabellos com as entranhas dos animaes, trabalhando-se com isto restituir pera si (como digo) esta Princesa em sua primeira figura.

O que ouvindo a fada bem longe, pelos grandes brados do Mocharro (que tudo discurria, pera lhe não ficar pessoa desta companhia) acodio logo, e chegando ao feiticeiro Mocharro, ainda occupado nestes embelecos, não fez mais que ali onde estava a borda das agoas já de Peralta, que por-lhe a mão na cabeça, dizendo: Assi te ficarás pera toda a vida, pizando esses teus badulaques, como de feito ficou, té agora: que ao fado, que Virgilio chama *Inevitabile fatum,* nem tem feitiços, nem a magica poder algum, nem ha outro fado, se não a vontade de Deos. Mas he fama, e se affirma por cousa certa, verem e ouvirem neste mesmo lugar estar pizando cada anno por estes mesmos tempos, que se diz acontecerão estas cousas, o mesmo Mocharro; a quem dura o mesmo nome té o dia presente.

Não ficava já á embravecida Venus em quem executar sua furia, e braveza, mas encontrando por seu mal os dous pastores, que entre outros que por ali havia se deixárão ficar enlevados na vista destas Mayas e donzellas, como elles lhe chamavão, e eu já vos disse, e nunca mais as deixárão, depois que a primeira vez as virão apparecer, e passar pola carreira, que dellas elles chamavão a carreira das Mayas, como inda hoje se chama, não se apartando donde as pudessem ver, inda que escondidos, e dando seus requebros, e trovas a seu modo ás serranas. E estes erão o pastor Mingacho, e o Rabilgordo, ambos por sua desaventura, posto que nada participavão das cousas da Princesa. Com tudo pagou o justo pelo peccador (como dizem) e não se podendo escapar da tormenta, que levava couro e cabello, forão convertidos em estatuas de palha, ficando com os mesmos nomes, e alcunhas como vilões grosseiros que erão. E muitos tempos os mesmos pastores chamárão a palhaça do Mingacho, e a palhaça de Rabilgordo, como ainda hoje chamão, por quanto forão sempre renovando-as, fazendo dellas suas cabanas. E os poz a fada á vista das agoas de Peralta, pois por ella, e suas criadas andavão tão enlevados, quanto esquecidos de si mesmos: como acontece aos que se deixão levar de seus appetites, esquecendo-se de suas obrigações, acontecerem-lhe não imaginados desastres.

Mas quando já a fada não teve, nem achou diante em quem mais executar sua ira e furor, dizem foi delle pouco a pouco abrandando, e se tornou ás agoas da mesma Peralta, e as fez ajuntar com as do gigante Zacor, á vista dos Petronios, tudo pera mais a acanhar, pelos ter muito aborrecidos, e pera mais desaventura della, que não póde ser maior pera huma mulher altiva, que vir a rogar aquelles que engeitou, e meter-se polas portas dos mesmos, que tanto desprezou, á vista de todo o mundo, como muitas vezes acontece, e eu já vos disse.

Acabado tudo, como ouvistes, e já mais branda Venus, dizem que em certo modo se lastimou destas transfigurações, e que por isso as foi apurando na melhor sua forma natural em que ficárão. Outros dizem (o que parece mais credivel) que por acabarem estas pessoas por estes lugares sua vida, lhe ficárão esses nomes, que não polas transfigurações. E isto parece mais certo, que dizer-se que ainda em algum tempo, tornando esta fada a estes lugares, hão de tornar estas figuras em seu primeiro ser.

Gal. Folgara, senhor Crispo, saber o caminho ou fim, que em tão geral calamidade levaria o velhaco do Estella, que desejara tivera peior fim, pois foi causa de tantos males.

Crisp. Delle não trata a historia mais que dizer, que por viver Estella sempre por estas serras, e nellas acabar, deixou a serra seu primeiro nome, que era Monte Herminio, e se chamou a serra do Estella: por onde parece escapou da tormenta, que em fim, como era Romano, e antes ordenava males a esta Princesa, dissimularia com elle Venus, e mais sendo tão qualificado Sacerdote Augur, e Triumvir: e assi seria, pois delle, como já vos disse, se chamou o seu altar de Triumvir, ou Trivim, té o dia de hoje, que inda se parece: e a serra se chamou do Estella, agora da Estrella, e se não fora tão qualificado, não ficara seu nome tão perpetuado nestas memorias, em tanto, que não ha muito tempo se achou por ali n'uma pedra este mote, que depois foi muito cantado e grozado, e com muitas voltas, que deveo ser feito em louvor de alguma serrana nobre, chamada Madanella, que diz assi:

Madanella
Naceo na serra da Estrella,
Que confina com as estrellas,
Tomou a aspereza della,
E a fermosura dellas.

Gal. Senhor Crispo, bem vos lembrará que já vos perguntei pelos thesouros del-Rei Arunce, por ver se por alguma via podia dar com elles, que lhe sou affeiçoado por me parecer cousa muito essencial ao viver, e ainda estou por dizer ao bem viver (fallando temporalmente): e como me dissestes ficárão encantados, perdi delles o sentido, deixando-os pera outrem, por entender que não he bom quebrar encantamentos, digo querel-os quebrar. Mas os que dissestes trouxera esta Princesa, que devião cõm elles vir joias de muito preço, e pois não houve tempo de serem encantados, e os que os trazião a cargo todos forão em perdição, e sendo a terra despovoada, que deveo ficar muito medonha, que se faria desses thesouros, e haveres? Pois tudo aconteceo neste lugar onde estamos, e digo isto pera ver se por entre estas pedras e rochas poderia dar com alguma destas joias. Como o gago da torre, que dizia achara naquelle outeiro de nossa Senhora dos Milagres huma grade de ouro mociço; e não fallo no haver que achou Isabel de Perrodrigues, que dizia a seu pai, que sonhava muitas vezes achava em certo lugar hum thesouro huma madrugada: onde deixando-a o pai ir algumas só (porque assi dizia ella havia de ir pera o

achar) e achou huma barriga que trouxe, com dous filhos, que lhe pario, de que naceo hum adagio nesta terra, ou ditado que dizem:

Ditoso como Isabel de Perrodrigues.

Crisp. De cuidar he poderem-se por aqui em algum tempo esconder, e achar thesouros, e alguns isso querem suspeitar daquella pedra, que chamão da fata, ou fada, não ser posta ali sem algum mysterio.

Dev. Que maiores thesouros se podem desejar aqui achar, que este desta santa casa, e nella esta reliquia, e bemditissima imagem de Nossa Senhora da Luz, e este convento edificado neste sitio, e nessas cabanas, e recolhimento dessa Princesa Peralta, e suas damas, agora casa e palacio da maior Princesa do mundo bem Peralta, e em fim Rainha dos ceos, acompanhada de outras mais fermosas damas, quaes são tantas virgens martyres e santas, que lhe assistem e servem? E em lugar desses fidalgos velhos conselheiros, agora religiosos velhos, e santos prégadores do Santo Evangelho cheio de verdadeiros conselhos, e outros servos de Deos, que nesta santa casa e sitio o servem, que maior thesouro quereis?

E por essa fada, Venus ou Rainha da fermosura vãa, e amores mundanos, que por estes lugares habitava, se possa agora (em lugar della) achar nelles huma devota, e fermosa contrição e penitencia (e como que he fermosa aos que merecerem alcançal-a) que nos fade, e encenda n'um Amor divino de nosso Criador, Redemptor, e Salvador, e nos converta a todos em rios de lagrimas choradas por peccados. E faça verdadeiros penitentes, e mude nossa má natureza e costumes, despindo o velho Adam de nossos embelecos, como os desse feiticeiro Mocharro, em que gastamos toda a vida. E a grosseria de peccados, como a destes rusticos; que não póde ser maior, que andar enlevados por cousas caducas do mundo, e estas serranas, e por ellas deixar de amar a verdadeira fermosura, e de buscar e achar o verdadeiro thesouro, que he Jesu Christo nosso verdadeiro Deos e Senhor.

DIALOGO DECIMO OITAVO

Da verdadeira nobreza. Senhoria, e mercê. Titulos, rico-homem, infanção, vassallo del-Rei. E tirar do chapeo. E fazer mesura. E que seja corte, e cortesia.

CRISPO.—GALACIO.—DEVOTO.

Crisp. Assim he, que esse he o verdadeiro thesouro, em que devia estar sempre nosso coração. E tornando á fabula de hontem, dizem que este valle por onde hora tornamos, se chamou do Ribeiro velho, de huma fonte ali acima em que dizem foi convertido o velho Tiberio, que el-Rei Arunce deixou á Princesa sua filha por ayo e conselheiro. O qual valle foi já muito fresco, cheio de pomares de que ainda se vem muitos sinaes, s. muitas arvores de frutas patentes a todos pro derelicto, tantos vallados desfeitos, tudo á vista de aquella rocha, que chamão a Esbarradella toda de huma pedra, e tão alta, com ser tão ingreme, que parece a poderá mal salvar por cima huma seta de bésta. E tão seguida como vedes de alto a baixo, dos mininos rapazes, que do cimo se deixão vir escorregando, como dizem veio o minino Riberio filho do dito Tiberio.

Diz pois a historia, que sendo passados alguns dias depois que acontecerão as transmutações que ouvistes, que Venus já branda, e esquecida de sua paixão, se lembrou deste minino Riberio, que ella curava da pancada da esbarradella, que com desatento fizera delle nesta penedia. O qual pola boa cura della, e cuidado de sua criação, que delle teve huma pastora a quem Venus o entregou, ficara muito são, e lindissimo minino ou moço, em tanto que a mesma Venus se lhe parecera muito a seu filho Cupido, que por diversas partes lhe andava como fugido, fazendo feitos, e effeitos de sua mocidade, e mininice. Porém, que indo este crecendo sempre em mais fermosura, e forças por diligencia, e mimos desta fada, houvera delle depois grande successão, e decendencia por esta região. E que vierão por discurso de tempos, a ser senhores de villas, que por aqui depois se fundárão. Os quaes posto que viessem a mudar esse appellido de Ribeiros conservão ainda hoje a preeminencia sem elle, que n'alguns sem ella, ainda dura assi nobre.

E sahirão deste sitio mui valentes cavalleiros Ribeiros, qual foi Gonçalo Rodrigues Ribeiro, que em tempo del-Rei Dom Affonso III, indo com outros dous, com seu cavallo, e armas á corte de França, e ou-

tras, por mostrar o valor de sua pessoa (como então se costumava) onde ganhando muita honra, e á vinda por Castella, encontrou o Mestre de Avis Dom Estevão Gonçalves Leitão, que depois foi Mestre da Ordem de Christo, que ia por embaixador del-Rei de Portugal a el-Rei de Castella. E o quiz acompanhar, por andarem esses Reis mal avindos; e sendo salteados de cincoenta Castelhanos, delles se defenderão, matando alguns. E chegados á corte, nella pedio hum irmão de hum dos mortos, ante el-Rei, campo com o dito Gonçalo Rodriguez Ribeiro, com quem lidando grande espaço lhe quebrou a espada, o que vendo se abraçou com o Castelhano, e o deitou no chão vencido, e querendo-lhe cortar a cabeça, lhe acodio el-Rei. E com ficar cansado, assi armado, deu tão grande salto no ar, que pasmou el-Rei, e toda a corte, porque dizem foi altura de hum homem. E pedindo de mercê, como se costuma aos Reis os vencedores ante elles não se lhes negar, que quizesse ordenar humas justas e torneios, el-Rei o outorgou, entrando elle mesmo nelles. E de sua parte Gonçalo Rodriguez Ribeiro e seus companheiros. Mas nelles hum Dom Martinho de Lara se falou com outros dous, ou tres pera juntos descomporem, e afrontarem Gonçalo Rodriguez, e se vingarem nelle das mortes, e vencimentos passados: o que entendendo Gonçalo Rodriguez, se lançou a elle, e tal golpe lhe deu com a espada, posto que sem gumes sobre as suas armas n'um braço, que lho migou, e quebrou dentro os ossos, de que morreo. E sendo disso accusado ante el Rei, se defendeo que era regra de cavallaria e costume, poder dar o golpe quão rijo quizesse, e isto o defenderia por armas em campo, e ninguem lhe sahio, e el-Rei o louvou muito, e despedio com muitas honras, o que tudo se passou pelos annos de 1336 [1].

Gal. Ou eu vos não ouvi bem, ou não entendo o que quizeste dizer por Seniores, por onde vos rogo me torneis a dizer isso, declarando-mo, e o que entendeis por senhor, senhoria, e nobreza, em modo que o entenda eu.

Crisp. Não vos pareça pouco, ou tão facil essa declaração, e averigoar que cousa he verdadeira nobreza. Porque Platina, Frei João de Pineda, Tiraquelo, Fernão Mexia, e outros mil, e Aristoteles primeiro que todos, escreverão muito sobre isso. E Jeronimo Blancas nos Annaes de Aragão. E cá o doutor George de Cabedo, meu antecessor, na segunda parte de suas decisões.

Porém, por vos dar alguma satisfação, vos direi disto o que sou-

[1] Duarte Nunes de Leão.

ber: respeito do muito que nisto ha, e sobre que se diz muito, e se pode dizer muito mais, que a materia he ampla. E da nobreza diz Cabedo[1]: que ao Rei sómente pertence fazer nobres, e que he isso superioridade real, e que por parte da mãi tambem se conserva nobrezas, e que os que assistem ao Rei em seu serviço, se reputão nobres. Item, que a nobreza se causa, ou por feitos illustres, ou por riqueza, porém que não se presume nobreza, sem se provar. E que se prova melhor por testemunhas, parentes, vezinhos, ou familiares, pola razão que tem de o melhor saber: e com tudo, que o que se trata como nobre, e conserva os appellidos avoengos nobres, se presume nobre, e diz sobre isto muitas particularidades, allegando muitos doutores, sem nunca declarar que cousa seja nobreza. E tratando dos titulos, dignidades, e preeminencias do reino, a saber: Condestable, Almirante, Mariscal, Capitão Mór, Alferes Mór, Capitão dos Ginetes, Barão, Visconde: Vem a tratar do vassallo del-Rei, rico homem, e infanção, dizendo que por serem ricos em bondade e fazenda, se chamavão ricos homens, e enganou-se nisso, que a palavra rico nunca em tempo antigo significou riqueza, que agora impropriamente chamamos, como declara S. Agostinho[2], sendo assi que nesses tempos antigos, quando os Godos, Suevos, e Alanos conquistárão Hespanha, se fizerão nella insolentissimos senhores, sendo gente barbarissima, e se inchárão muito com titulos de nobreza, respeito da outra gente, como senhores do campo, attribuindo-se a si tudo o que era nobreza. E em sendo Godo, logo dizião: « de la alta sangre dos Godos »: em tanto que ainda hoje querem alguns que os nossos Reis sejão antes dos Godos, por este costume, cuidando lhes dão nisso mais honra (como os Romanos, que tanto se trabalhão por descenderem dos Troyanos, dos quaes não sabemos outras virtudes, que traições e adulterios, e lhes fora mais honroso serem dos Latinos). Sendo assi que muito maior a meu ver, era serem puros Hespanhoes os nossos, desde sua primeira origem, que não de Godos. Os quaes, por seus Reis, Principes, descendentes, e collateraes, todos se chamavão de nomes, que acabavão em rico, como Roderico, Frederico, Atanarico, Alarico, Anriquo, e outros assi[3]. E estes taes, erão os que governavão, e usurpavão pera si tudo o bom: e chamavão rico homem, os que erão desta geração, ou destes, como se agora disseramos, he Austriades dos de Austria, ou Bragançãо dos de Bragança. E como estes de nome de rico tinhão

[1] Cab. 2 p. Decis.
[2] Agost. Cid. de Deos, lib. 7 cap. 12.
[3] Assi o diz Argote de Molina serem os seus nomes.

a nata, e melhor do reino, aos affazendados como estes Godos ricos erão, como quem diz: He fulano, como se fora dos Godos ricos. E assi se veio a chamar riqueza impropriamente, o que erão divicias e haveres, sendo palavra gothica, e de outra significação.

E sendo o nome de rico generico, respeito dos nomes proprios dos Principes Godos, e como por isso estivesse tão levantado: depois que elles se perderão, e forão de todo extinctos na perdição de Hespanha, quando depois ella se foi restaurando, lançárão os Reis mão desta palavra, fazendo della fazenda, e durando ainda a memoria de como os ricos homens havião sido os magnates, e maiores, fazião mercê desse titulo de rico homem, aos maiores, e de maior qualidade e serviços: mas isto muito raramente, e era fazel-os grandes, e era sómente em vida, e ninguem outrem se podia chamar rico homem, se não por mercê do Rei. E esta declaração assi achei eu em huns pedaços de Chronica de letra de mão muito antiga: e no foral do Reguengo del-Rei do Paço do Lumiar, termo de Lisboa, do qual eu tenho a terça parte por prazo do reverendo Cabido da Sé de Coimbra, n'uma sentença que se deu o anno 1442; diz el-Rei Dom Affonso V: Sabede, que ante nós se tratou huma demanda entre fulano e fulano, sobre os quartos do Reguengo do Paço do Lumiar, e entre Martim Affonso de Miranda[1] rico homem, e do nosso conselho: e Luis Gonçalvez, outro si rico homem, e do nosso conselho, veedor de nossa fazenda, como aquelle a que temos feito mercê de certa parte que nos desto pertence, etc. E n'uma confirmação de certo contrato que se fez entre estes quinhoeiros destes quartos, diz el-Rei, que o confirma pola parte que de nós tem Luis Gonçalvez, rico homem, do nosso conselho. Por onde, ricos homens, sempre se dizião, e erão fidalgos grandes, e de grande estado, e suas mulheres ricas donas, como agora Condessas, e outros titulos, por mulheres delles. E não por affazendados, como diz Cabedo, se não pelo predicamento, e altura em que estavão os deste appellido, ou dignidade de rico, procedido dos Principes Godos.

Vassallo del-Rei era nome generico, e comprendia tambem estes ricos homens, e os senhores de terras, e os que servião el-Rei com certo acostamento, a saber: maiores e menores, que agora responde a fidalgo cavalleiro acrescentado, e a cavalleiro fidalgo, e infanções. E ainda que Cabedo dá a estes vassallos del-Rei primeiro lugar que aos infanções, tenho pera mi, que differião pouco: ainda que nas doações do Duque de Bragança, lhe chama el-Rei nosso vassallo; tambem o

[1] E este Miranda tem capella em S. Christovão de Lisboa, onde jaz.

diz a homens ordinarios muito menores. Por quanto infanções, erão homens nobres, que agora dizemos fidalgos, ou hidalgos, senhores de terras, posto que pequenos, sem a jurisdição dos ricos homens, ou reguengos reaes, ou prazos da Coroa, ou alcaides mores. Em fim, como irmãos menores dos ricos homens, que isso quer dizer a palavra infanção, como a declara S. Thomas[1], posto que ao Conde Dom Julião, que perdeo Hespanha, lhe chama a copla antiga infanção, de que adiante vos direi. Mas quero primeiro dizer-vos o que primeiro perguntastes de senhores, e depois vos direi da nobreza o que souber.

TITULOS, E SENHORES QUE SÃO?

Diz Jeronimo Blancas, que esta palavra em commum de Senhor, não quer dizer o que se cuida na significação de domino, ou dono, porque ainda que se tenha estendido a senhor do escravo e da fazenda, e cousas assi, e dizemos senhor, diz-se isso impropriamente, não tendo feição alguma, nem por semelhança: com tudo, que a palavra Senior (que assi se deve escrever e pronunciar) não he mais que o que ella significa, nem se deve entender a mais, isto he, o mais ancião, como diz Bobadilha[2], e se lê nas letras sagradas, *Seniores populi:* os mais anciões do povo, em fim os da governança, ou Senadores, da palavra Senes, que significa os velhos. Assi o diz João de Mariana na sua Chronica de Hespanha, fol. 307, e o Abbade Biclarense.

E que os Reis nos tempos que não andavão na guerra, ou por invernos, ou pazes, ou tregoas, entretinhão os cavalleiros, e soldados velhos, segundo seus merecimentos, por algumas villas e lugares, e lhes concedião nesse interim, ou entretanto, isso que tinhão nelles, ou parte, que erão certos jantares, ou oitavos, ou outros tributos de jugadas. E estes assi entretenidos nos ditos lugares, ficavão sendo como colleitores das rendas reaes, ou executores dellas, de que havião a parte que esse Rei lhes concedia, e o mais lhe entregavão.

E porém em quanto aqui residião nesses lugares, erão respeitados, como se fossem dos Seniores, e mais anciões dessa governança, e povo, ao modo do que veio a ser em Roma, ou Veneza, ou Arragusa Senador desta Republica, ou em Lisboa Vereador, ou Cidadão della, e que a estes taes chamavão Seniores tambem.

Os quaes andando o tempo, nas occasiões de nova successão do

[1] S. Thom. in Reg. Princ. cap. 2.
[2] Bobad. Polit. lib. 2. cap. 16.

reino, os que acertavão achar-se entretidos nestas ancianidades, na cobrança destes tributos, como quer que tinhão esse cargo de recadar as rendas, e podião fazer amizades, vendião esse favor a esse pretensor do reino, fazendo nesses lugares tomar voz por elle, conforme as occasiões dos tempos, e pretenção dos pretensores: os quaes por isso lhes concedião muito, e desta maneira lhes forão concedendo esses mesmos direitos reaes que elles tinhão a cargo, em vida. E n'outras occasiões pera filhos, e depois pera netos, e sobre isso outros titulos, ou em vidas, ou pera sempre em Castella, e em Portugal, debaixo da condição da lei mental, que he não tendo filho varão torne á Coroa. Porém com isso nunca derão, nem podião dar mais força á palavra Senior, nem a esses Seniores, mais que nesses lugares o que tinhão, que erão esses jantares, ou valia delles, ou outros direitos reaes. Nem elles ficárão com isso, nem podião ficar, mais que sendo colleitores dessas rendas pera si concedidas, e nesses mesmos lugares com essa ancianidade.

Gal. A que proposito logo, senhor Crispo, falamos por senhoria a estes titulos, se elles não tem mais, e nos manda a lei lhe falemos assi, e não por mercê como a outra gente? que he este falar por senhoria, e mercê, tão escusados com tantos inconvenientes? depois de tirado o falar por tu, tão excellente, como os Latinos falavão, e hoje Turcos, e Mouros, e outras nações.

Crisp. Destes Seniores e Senes, procedeo a palavra Senhoria[1], e pola veneração que devemos aos velhos anciões, dizemos Vossa Senhoria, como quem diz vossa ancianidade, ou canicie, como aos Cardeaes, Arcebispos e Bispos, Prelados, e outras dignidades, suppondo nelles ancianidade, e authoridade de annos e cans. E por isso mandou a lei que como taes differenciemos estes titulos e dignidades na cortesia; e he como aos padres Vossa Paternidade, e aos religiosos Vossa Reverencia, posto já a desestimem; sendo assi que ao Papa se podia falar por Reverencia, quiçais não menos conveniente, por quanto Santidade tambem se pode considerar em qualquer pessoa, ou pastor. E pessoa reverenda, parece pode quadrar ao Papa, a quem se deve maior veneração.

Gal. E o mercê?

Crisp. Mercê procedeo da palavra merces latina, que quer dizer salario de serviço, ou soldada: por onde dizemos, por cortesia, Vossa mercê, como quem diz, vós que me podeis dar soldada, como meu

[1] Lei ou pragmatica das cortesias.

maior, e eu servir-vos: e em rigor, he tanto, e mais que senhoria, porque aos Reis nossos de Hespanha, se falou já por mercê e senhoria, depois Alteza, e Magestade, e não vejo onde se mais possa subir.

E porém, diz o mesmo Blancas, que destas ancianidades de lugares, e collectura nelles, se forão tomando os appellidos; por onde não se pode dizer: a minha villa, que he nome tyrannico como se diz na segunda partida das leis de Castella[1], se não no modo que o Cura pode dizer a minha freguezia, ou o Corregedor a minha comarca, porque as tem a cargo. Pois não tem mais que recadar, que he menos, ou nas eleições e officios fazer o que se lhes manda, como esse Corregedor; e neste sentido devemos entender a palavra Senior, e reverenciar os Seniores nestes lugares, como se fossem da governança delles, dos principaes e presidente.

Por quanto estendendo-a a mais, como alguns querem, fica palavra tyrannica, chegando-a ao sentido de domino, e he tão aborrecida nesse sentido, que os Imperadores Romanos senhores do mundo, a não quizerão admitir, como foi o Imperador Octaviano, que chamando-se-lhe hum dia senhor, ou Domine, se enojou grandemente, e reprendeo muito mais quem lho chamou, havendo-a por tyrannica e soberba. E o primeiro que a admitio foi Cayo Caligula, tendo-a primeiro rechaçada, sendo assi que os senhores, como são os Reis, são constituidos por Deos, pera que presidão na terra por elle, e sustentem as cousas em sua ordem, amor e concerto, por onde devem ser muito virtuosos, como obrigados a ser melhores, como diz S. Paulo[2], chamando-os coadjutores de Deos, aos que tem administração da justiça, ou governo a que chamão jurisdição, que nem todos a tem, nem mais que o titulo: e só Deos he senhor no sentido de Domino, como elle mesmo diz aos discipulos, isto he, vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu sou o Senhor, como vedes dizem na Missa: *Quoniam tu solus Santus, tu solus Dominus*. Pelo que só Deos he o Senhor no sentido de Domínus. E por isso na lei das cortesias se prohibe escrever-se senhor, senão só ao Rei, como Vigario de Deos na terra.

Gal. Logo dos nomes desses lugares, e por essa razão devem proceder os appellidos que vemos de nobreza.

Crisp. Assi o diz o mesmo Blancas. Além de que he isso mui apparentemente notorio. Porque os appellidos assi desses lugares são

[1] Partit. lib. 10. dos Tyranos.
[2] Paul 1 ad Cor. 3.

demonstrativos dessas ancianidades antiquissimas nelles, por onde, e por antigos, parece podião ter o primeiro lugar, como Portugal, Castella, Lencastre, Noronha, Menezes, Mello, Sousa, Coutinho, Almeida, Andrada, Castro, Tavares, Valladares, e outros mil, não tirando isso, poderem alguns do segundo, terceiro, e quarto lugar, ser tanto, e mais nobres, que os do primeiro lugar de nobres, que eu trato, segundo objecto, pois he mais nobre o animal que a arvore, e ella mais que a pedra.

E o segundo lugar, os appellidos de animaes, que se forão tomando por casos, e successos de cavallaria: como Lobos, Gamas, Carneiros, Coelhos, Leitões, Leões, Camellos, Raposo, Perdigão, e outros, porque são cousas sensitivas animadas.

E o terceiro, que tambem se tomárão de varios acontecimentos de cavallaria, de arvores, e plantas vegetativas, como Pereiras, Nogueiras, Carvalhos (inda que estes tambem são de lugar), e Figueiras, Pinheiros, Oliveiras, Moreiras, Silvas, posto que estes, huns dizem são de Silves, cidade do Algarve, outros, que procedem de Eneas Sylvio: e que por isso trazem hum Leão entre Silvas, com huma letra: *Per iter in suetum:* por onde diz Virgilio ia Eneas, quando foi ao inferno tirar a alma de seu pai.

E o quarto lugar, outros appellidos, que se tomárão varios, de varios feitos e successos notaveis, de cousas insensatas, como Correas, Machados, Caldeiras, Padilhas, Çapatas, Barretos, Pontes, Fontes, Estradas, Lagens, e mil outros, e Ribeiros, que são os que vos acabei de contar forão por aqui muito nobres.

Em tanto que dando el-Rei Dom João o Primeiro, a ancianidade desta villa, e direitos que nella tinha, a Men Rodrigues de Vasconcellos, valerosissimo cavalleiro, e que naquella memoravel batalha de Aljubarrota levou a carga a ala direita della, que diz delle Luis de Camões, ser:

Auto pera manda-los, e rege-los,
Men Rodrigues se diz de Vasconcellos.

O qual Men Rodrigues de Vasconcellos, achando-se huma vez em hum recontro com os Castelhanos, em que elles ficárão melhorados, e lamentando-se este Rei disso, estando á mesa, disse: Bem parece nos faltárão hoje os cavalleiros da tabola redonda; ao que Men Rodrigues, chegando-se, respondeo: Senhor, não faltárão, porque ahi se achou fulano, que he tão bom cavalleiro como Renaldos, e fulano como Angriote, e outros, como outros que foi nomeando, e ahi me achei eu,

que me não tenho em menos conta que Dom Roldão, mas faltou o conselho del-Rei Arthur, por quem se elles governavão. Ao que el-Rei se calou sem falar palavra.

Mas vindo outro dia o mesmo Men Rodrigues victorioso d'outro recontro, demandar el-Rei, que na tenda estava despachando, e trazendo o escudo todo cravado das setas, que lhe tirárão, o deitou aos pés del-Rei, dizendo: Despache V. S. lá essa petição: como despachou com a casa de Figueiró, e nella Senior, ou mais ancião, com todos os direitos reaes que ahi tinha. E por outros serviços, que por serem grandes, não parece que foi grande a satisfação, respeito do muito que então se deu.

E casando depois com huma donzella destes Ribeiros (que disse) era ella tal, que seu filho herdeiro se chamou João Rodrigues Ribeiro, tomando do pai o Rodrigues, e da mãi o Ribeiro, que nesta casa he tão proprio, como o de Vasconcellos.

Porém elle, e elles se havião de maneira com todos, que todos o amavão como a irmão maior, conversando como tal com todos, e em casa de todos. E achareis em todas as escrituras antigas desses tempos a elles por testemunhas nellas, que se fazião, ou em casa dos escrivães, ou n'outras casas, que eu li muitas vezes, e na escola.

Mas de antes destes appellidos de nobreza, que se forão introduzindo, não havia senão o nome proprio da pia, como Julianus, Orpas, Sarus, Sacarus, Rodrigo, Mendo, Gil, Froas, como vemos nos Concilios antigos, Chronicas, e escrituras destes tempos, e mil papeis.

Depois forão tomando por differença, e sobrenome o nome proprio do pai, ao modo que se acha na leitura sagrada, fulano filho de fulano. Jacobo Alfei, e Jacobo Zebedei, a saber, filho de Alfeu, e filho de Zebedeu: e de Alvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato, o filho Nuno, se chamou Nuno Alvares Pereira. E de Fernando o filho Pedro, se chamava Pedro Fernandi, e de Gonçalo o filho Antonio, dizião Antonio Gonsalvi, e Rodrigo, Roderici, e assi os mais. No genitivo da segunda conjunção, como o podeis ver em muitas escrituras e letreiros. E n'uma sepultura muito nobre, de fora da porta principal da Sé de Lisboa: Hic jacet Ferdinandus Gonsalvi, Fernando filho de Gonçalo. E outras mil.

E pouco a pouco, pera mais authoridade d'esse sobrenome patronimico, parecendo mais grave o de Ciceronis, Catonis, Platonis, etc. o tirárão da segunda conjugação pera o genitivo da terceira. E o Fernandi, disserão Fernandis, Gonsalvis Pyris, e Galindonis, por Galindi, e de Vasco, o que havia de ser Vasci, ou Vaaz, disserão Vasquis, ou

Vasques. E ainda Vasconcellos pera mais authoridade, e maiores mangas, ao modo dos Gregos, que tinhão por simbolo de nobreza dobrar as silabas no cabo dos nomes, segundo diz Terencio, como Simonides, Carneades, Tucidides, Aristoteles, etc. Como entre nós se usa no principio delles o dom, o que tambem vemos hoje no Japão terem os Reis, e senhores esse dom no cabo de seus nomes, como Cambacudono, Vayodono. E em Cambaya, o cam no cabo: como Hidalcam, Rumecam, Acedecam. E os Turcos, bech, que quer dizer Senhor, ou nobre, como Ecandorbech, Mirebech. Como tambem Mouros tem no principio de seus nomes Cid: como Cide Muça, Cide Hali. E os seus Reis e Principes, Mulee, como Muleexeque, Mulee Nacera, Mulee Abdemelech, que foi o Maluco da nossa batalha. E os negros dizem fumos, e os mais nobres Zovas. E no Malavar, Naires, e na China, Mandarins, e na Tartaria, Mongullos.

E este costume de tomar o nome patronimico por sobrenome, usárão no principio nossos Reis de Portugal, e seus filhos e senhores. E do Conde primeiro Dom Henrique seu filho, Rei primeiro Dom Affonso Henriques. E n'uma sepultura, em arca grande de pedra, que está em S. Braz de Lisboa: Aqui jaz Frei Lourenço Gil, Commendador desta Bailia de S. Bras, filho de Gil Affonso, o filho del-Rei Dom Affonso, Padre del Rei Dom Denijs, passou era 1383. Pater noster por sa alma.

E isso mesmo conservão hoje algumas familias illustres de Portugal, em demonstração de sua antiguidade, como os Tavoras. E de Lourenço o filho Pedro, se diz Pero Lourenço; e assi vão variando estas, e outras muitas familias deste reino.

E este mesmo modo se conserva hoje em muita parte de Portugal, principalmente por essa Beira, antiga cepa e origem deste reino, e da nobreza delle, e cuido que tambem em Castella em algumas partes.

Ainda que os Vasconcellos se diz procedem de Biscaia, origem da nobreza de Castella, onde a lingoagem e falar, se chama Vascuenço, e disso já pode ser se chamassem cá Vasconcellos como quem diz, os que falão vascuenço, e cá vierão. Porém, lá em Biscaia tiverão, e tem seu solar, a que lá chamão cabo de Armaria, e sobre o rio... cujo nome me não lembra etc. Hum castello, que trazem por armas, com as ondas do mesmo rio, pelo pé feitas em tres faxas de vieiras brancas, e vermelhas atravessadas no escudo, em campo negro. E por timbre hum leão rompente, faxado de tres faxas da mesma maneira avieiradas. Porém em Portugal as trazem sem o castello,

Alguns autores querem tirar da ethimologia do nome a origem deste appelido, como o Padre Antonio Soares de Albergaria, no seu livro muito curioso e douto, dos brazões e armas da nobreza de Portugal, com outros, que dizem, que mandando el-Rei de Leão hum cavaleiro de sua Corte muito esforçado, á conquista de certos lugares de Mouros, o qual por andar muito amartelado dos amores de huma dama do Paço, e muito receoso, ou cioso de certo competidor nesses amores, e entendendo el-Rei delle que ia muito pelos cabellos, lhe disse: Vas con cellos? Ora vai, que eu ta guardarei (que naquelles tempos ainda se falava meio latim, por tu. E as escrituras, e autos judiciaes, erão em latim.) E assi lho cumprio, e o casou com a dama, e lhe deu as terras de Ribera e Cabrera, que elle ganhara aos Mouros. E ainda que estes senhores se ficárão chamando deste appellido de Ribera e Cabrera, delles outros se chamárão Vasconcellos, da palavra que o dito Rei lhe dera, por memoria do acontecimento. Mas de cousas tão antigas, siga cada hum o que melhor lhe parecer. Porquanto a mi me move muito huma escritura do mosteiro de Arouca, feita na era 1303, que he no anno de Christo 1275, na qual Dona Sancha Peres de Santarem troca com Dona Maior Rodrigues Martins, Abbadeça do mesmo mosteiro, hum casal no sobradello coutromão, pola parte que a dita Abbadeça tinha em Vasconcellos, de sua mãi D. Estefania Soeira: a cuidar que deste lugar de Vasconcellos, ou por senhores delle, ou naturaes, procederão os deste appellido. E deste parecer foi o senhor Francisco de Pedrosa de Rebello, fidalgo muito antigo de noventa annos, pai da senhora D. Margarida Ribeira de Vasconcellos minha sogra, que por serem dessa familia, o tinha bem praticado com o Conde de Castelmelhor Ruy Mendes de Vasconcellos, seu primo segundo, por que de lugares são os mais nobres appelidos. E tornando aos Seniores, lhe forão os Reis concedendo alem dos direitos reaes o poder apresentar, e prover alguns officios de justiça em seu nome, e apurar as eleições, e a isto chamão jurdição em vida, com seu Ouvidor, á qual jurdição os Reis devião muito attentar, como, e a quem a concedem. E eu tivera muito escrupulo se fora confessor, de não advertir que a tal jurdição se não pode, nem deve em consciencia conceder, senão quando muito em vida dessa pessoa, a quem se concede, e essa bem examinada: porque assi como o governo de qualquer igreja, nem ainda de hum beneficio simples, o não confia a mesma igreja do que está por nascer, do qual se não pode saber se a merecerá, ou será apto pera elle: da mesma maneira a justiça que Deos confiou, e entregou na mão do Rei pera administrar, mal a pode esse Rei fiar do que está por nas-

cer, E ainda dos nascidos devia tomar primeiro grandes informações, e satisfação, e ainda dar-lha com comminação de lha tirar com causa, e mandar devassar dos taes cada certo tempo breve. Porque ha milhares de injustiças, dando tudo a seus criados. E he certo, que té hoje se não vio algum que fizesse justiça, encontrando o gosto ou interesse de seu amo, e deixasse de fazer tudo, ou crime, ou civel, que esse tal Senior delle quizesse, nem que désse sentença contra elle, e se a der, ou votar contra seu gosto, he muito mais certo ficar-lhe inimigo capital pera sempre. E raramente podem estas semrazões chegar ao Rei, e ha nisto mil peccados, injustiças, e tyrannias, e extorsões contra as pobres viuvas e orfãos, em grande offensa de Deos.

Sendo assi, o que he certissimo, que os trabalhos todos de fomes, pestes e guerras, e outros, té destruição de reinos o imperios, vierão sempre, ou pola maior parte, pola injustiça: como se diz no Ecclesiastico: *Regnum agente in gentem transfertur, propter injustitias, et injurias, et diversos dolos*[1]. E pelo contrario pola justiça, que he o fundamento, e base de todas as virtudes, as conserva Deos, e enche de milhares de mercês. Pelo que devião os Reis ter nisto muito tento, e andar muito vigilantes, primeiro de tudo.

Estes pois são os Seniores, e não senhores, que querem usurparse mais do que diz a palavra, e do que se lhes concedeo, nem podia conceder, querendo-se em tudo adeosar, e fazer deoses da terra, contra o que se diz na santa leitura, no Psalmo 81: *Deus stetit in Synagoga Deorum ego dixi dij estis vos, et filij excelsi omnes vos autem sicut homines moriemini, et sicut unus de pauperibus cadetis*, etc. E he certo tudo este Psalmo, pera que estes Seniores oução todos os dias, todo, porque com elles fala direitamente. E vendo nelles Deos as tyrannias que fazem, e injustiças, diz em conclusão que elle acodirá, e castigará: *Surge Deus judica terram*, etc.

E esta jurdição tal, nunca os Reis, conforme a direito a podem conceder, contra vontade do povo, a pessoa de menor qualidade, que a que d'antes a tivesse. Como digamos, terras da Rainha a outra pessoa não real, como se declara nas leis da partida, e o resolve Bobadilha[2] na sua Politica, com outros doutores.

E por isso o Marquez de Alemquer Dom Diogo da Silva, filho do Principe Ruy Gomes da Silva, procurou o consentimento de aquella villa primeiro, por ser da Rainha, pera com elle Sua Magestade lha po-

[1] Eccles. 10.
[2] Bobad. L. partit.

der conceder, como concedeo. Posto que se diga, que teve sómente o dos da camara, e o mais povo o contradiga, e ande requerendo a Sua Magestade, lhes não dê outro senhor, senão o que tinhão, que he a Rainha nossa Senhora, e que tem restituição.

Gal. Se esses que dizeis são os senhores, ou Seniores, que são logo os titulos de Principe, Duque, e Archiduque, Marquez, Conde, e outros, que Cabedo toca, sem os declarar?

Dev. Tambem esses mesmos são da mesma maneira senhores, ou Seniores, e ainda com mais essas prerogativas, que sobre isso se lhes forão concedendo, entre os quaes ha esta differença, que Condes e Duques, erão nomes de governo, e não de estado, s. Conde da Republica, e Duque da guerra, e exercitos, como diz João de Mariana na sua Chronica fol. 333, e podião bater moeda pera soldados, e delles se chamárão ducados as moedas.

PRINCIPES.

Principe se chamava antigamente só o Imperador de Roma, porque nella, e ali se começou o Imperio, cá na nossa Europa, e seu senhorio, e de ahi se chamárão Principes geralmente os Reis. Porque a palavra Principe he generica, e apta pera comprehender todo o genero de dominio, e principalmente o de nobreza, que he o de que tratamos. Porém o Imperio do mundo começou primeiro em Assiria, em Nemroth. *Nemroth arripuit in suetam in populo Tiranidem,* diz S. Hier. *in Tradit.* Depois Belo, Nino, e Nabucodonosor, e Semiramis, e Candaules, o qual gabando muito sua mulher a Giges seu privado (cousa que ninguem faça, como diz a regra de viver em paz: Nem tua mulher gabes a outro) lhe fez (metendo-o na camara escondido detraz da porta, que a visse despida) que só por isso perdesse a mesma mulher, a vida, o reino, e o amigo[1]: porque ella em vingança da injuria, obrigou por força ao mesmo Giges, encerrando-o no mesmo lugar d'onde a vira, que matasse el-Rei seu marido, e se casou com elle, e ficou Rei. E nestes, e outros Reis, durou o Imperio 1300 annos, inda que diz S. Agostinho, livro da Cidade de Deos 4, cap. 6, que forão 1240, té se acabar em Sardanapalo, o qual fez Artabano morrer, sendo governador de Media, e com essa occasião se fez Rei, e mudou o Imperio a Media, onde durou té que Cyro o tirou a Astiages seu avô (que foi o que sonhou que via sahir huma vide do ventre da filha, que cobria

[1] Just. l. 1.

toda Asia). É passou o Imperio á Persia, onde durou 350 annos, té se acabar em Dario, depois de 191 annos, a quem Alexandre Magno venceo, e passou o Imperio a Macedonia e Grecia, onde Alexandre era Rei, e natural, onde durou 495 annos, e de ali veio o Imperio aos Romanos, cujo primeiro Imperador foi Julio Cesar[1], e aqui andou o Imperio em diversas maneiras succedido, ora por successão, ora por eleição, té chegar a ser vendido em pregão, e ora dividido, ora diminuido, té o presente, que taes são as glorias maiores deste mundo, que a maior delle chega a ser vendida, como escravo. E esta foi a origem da nobreza.

Mas descendo ao particular: Principe propriamente quer dizer, senhor assinalado, que domina, e senhorea certa provincia, como Principe de Antiochia, de Alemanha, da Morea, Apulia, e outras semelhantes, que não reconhecem superior, porque se o reconhecem, posto que grandes senhores sejão, todavia, não se podem chamar Principes, e assi o resolve Gregorio Lopes com outros[2].

E a origem de se chamarem Principes, se pode deduzir de aquella ordem dos Anjos, que chamão Principados, porque assi como aquelles tem no ceo lugar avantejado, assi estes da terra o tem depois dos Pontifices, Imperador, e Reis, avantejado a respeito de outros senhores dos quaes parece falou Daniel[3], em quanto diz: O Principe dos Persas me resistio vinte e hum dias, que era o Anjo da guarda daquelle reino.

E tambem se chamão Principes os filhos dos Reis, e Imperador, ou pessoas que depois delles tem o segundo lugar, e lhe succedem, conforme aquelle lugar da Escritura, em que Joseph se chamava Principe do Egypto: mas segundo S. Thomas[4], parece que se possão antes chamar Principaes que Principes, os que tiverem o mando, e poder de Joseph.

DUQUE.

Duque, quer dizer guiador, ou caudilho de exercito, que tomou esse officio da mão do Imperador, e porque este cargo era muito honrado, e de muita importancia (hoje Capitão general) dotárão os Imperadores aos que o tinhão de grandes herdamentos, e terras, a que agora chamamos ducados. Pelos quaes ficão sendo vassallos d'esse Im-

[1] Lucan.
[2] Greg. Lopes. Partit. tit. I part. 20.
[3] Daniel c. II.
[4] S. Thom. lib I de Reg. c. 3.

perio. E começou esse cargo com esse nome, pelos annos de Christo 550 em tempo do Imperador Justino II, quando mandou a Longuinos a Italia por primeiro Exarcho, que he tanto como Viso-rei ou Governador. O qual substituia de sua mão polas cidades de Italia outros governadores, a que chamou Duces, ou Duques, que forão os primeiros, segundo se diz na Historia Imperial[1], e devião ser como os nossos capitães das fortalezas, e cidades da India. E á imitação dos Imperadores, e pola mesma razão da muita importancia do cargo, os Reis de Portugal e Castella, em suas pretenções, forão dando muito a estes Duques, depois de honrarem com esse titulo aos Seniores, como já disse.

E que se chamem Duques, porque tinhão officio de guiar, e governar os exercitos, se vê e prova pelo direito e leis[2]. E erão como Mestres do Campo, ou capitão general, nos confins do Imperio ou Reino, e lhes chamavão *Duces Limitœnei,* Duques dos confins. E destes Duques elegião os exercitos muitas vezes os Imperadores. E porque podião bater moeda, as de ouro chamavão ducados, como já vos disse.

Ainda que esta dignidade de Duque, diz Fernan Mexia, ser mais antiga que Reis, nem Imperadores, e Duque de Moscovia, na sua lingoa, quer dizer Rei[3]. E do reino de Borgonha se fizerão os ducados de Austria, e do reino Aquitania foi feito ducado por Carlos Calvo. E o reino de Alemanha converteo el-Rei Clodoveo em ducado: e finalmente el-Rei David, disse que elle era sómente Duque: de maneira, que esta dignidade he antiquissima, e os Reis Godos a introduzirão em Hespanha, que nas suas historias se acha Duque de Merida, de Cartagena e Cantabria.

ARCHIDUQUE.

Archiduque, he dignidade maior que Duque, como Arcebispo maior que Bispo. Qual he o Archiduque de Austria, e o Grão Duque de Florença, a quem o Papa ha pouco deu esta prerogativa de se chamar grande: e o de Saboya, que são Principes livres.

MARQUEZ.

Marquez, se segue apoz os Duques, quer dizer, senhor de alguma comarca, e tem varias interpretações este nome: dizem se deriva de

[1] Histor. Imp.
[2] Tex. l. 2. Pheu. tit. 10. Greg. Lopez partit. 2. l. 11. tit. I.
[3] Fernan Mexia lib. Nobilitar.

Marquia, palavra italiana, que significa terra maritima, que se lhes concedia pera a defender. E este tal dizião Marques, e hoje em dia dizem Marca de Ancona, Trivisiana, de Monferrat, e de Saluzes: e tambem se dizia liminarca no direito, que era como guarda dos limites do Imperio, e parece se póde applicar ao marquesado de Villa Real e Castel Rodrigo, que estão em confis, e estremadura. E deixadas varias iuterpretações: o Marquez he governador, e justiça de alguma provincia. E os Longobardos a introduzirão em Italia: a Marca de Ancona, e Trivisiana, ou Tarvisa perpetua, sendo d'antes em vida, e pera seus herdeiros. E todavia tem menos prerogativas que Duques. Porém podem ouvir missa debaixo de cortina, e beijar o Evangelho, e ter docel, e trazer coronel na cabeça e suas armas, como largamente o refere Bobadilha na sua Politica[1].

E este titulo não no houve em Hespanha, senão muito depois que os reinos de Leão e Castella se ajuntarão, e foi o primeiro Marquez Dom Affonso, filho do Infante Dom Pedro de Aragão, que foi Marquez de Vilhena. E ainda que em algumas provincias he maior dignidade que de Conde, com tudo em rigor de direito, esse titulo não he antigo, nem tal como de Conde.

CONDE.

Conde, quer dizer homem que de ordinario acompanha, e serve a El-Rei em algum officio sinalado, he dignidade terceira em ordem. Inda que segundo as leis da Partida[2], era apoz a real, e em Hespanha he a mais antiga, e antes que a de Duque, nem Marquez, como o Conde Dom Julião, que perdeo Hespanha ha mil annos. Porém he derivado este nome de Comes, que quer dizer companheiro, como se diz nas leis da Partida, e Suetonio, Cicero, e S. Thomas. E de servir, e acompanhar ao Rei em palacio, se chamárão Condes Palatinos: e se diz no Codigo, que os Imperadores Archadio e Honorio, os ordenárão n'uma lei, que diz[3]:

Postquam tranquillitatis nostræ consistorij dici comites meruerunt, spectabilibus Proconsulibus æquari generaliter decernimus. Que fazem os Condes iguaes aos Proconsules por seus merecimentos.

De maneira, que era o de Conde, officio de administração de justiça, ou de governo de alguma provincia, depois das de palacio. E houve Condes de Oriente, de Illirico, e de Italia: e na dita lei acima

[1] Bobad. Polit. lib. 2. cap. 16.
[2] Partit. lib. 3, tit. 14.
[3] L. Cod. lib. 12, tit. 10. Pola qual forão criados os Condes.

se lhes concedeo, que seus criados, colonos, e servos gozassem dos mesmos privilegios. Por onde os Reis Godos á imitação dos Imperadores, a todos os cargos principaes de sua casa chamavão Condes, e ao estribeiro mór, contador mór, e aos veadores da fazenda, e todos os mais chamárão Condes. *Ut comes flabuli*, etc. Condestable, Condes Cataphractarios, Clibanarios, Sagitarios, Tiuphados, como diz João de Mariana fol. 333. Porém, a mais antiga origem dos Condes, foi quando os Romanos depois de lançarem de si os Reis, segundo refere Pomponio Mella[1], escolherão outro modo de governo, elegendo todos os annos dous Consules, pera que hum tivesse o governo da milicia, e o outro das cousas da cidade: e porque ambos se juntavão em hum, e outro governo, lhe começou o povo a chamar comites, companheiros, do verbo comeando, como o diz Salustio[2], e Gregorio Lopes. Mas procedendo o tempo, se foi esquecendo este nome de governo Romano, tornando se ao de hum só, que chamárão Principe, como diz o mesmo Pomponio; e se transmudou o nome de Conde em significação do estado e dignidade, debaixo dos Reis e Imperadores, retendo o nome de comites: não porque o fossem no governo, como os Consules havião sido, senão, porque os que tinhão este nome de Consules, e titulos acompanhavão os Reis, ou na guerra, ou paz, ou em officios de palacio, como atraz digo, segundo refere Santo Thomas, e destes havia muitas ordens em diversos ministerios[3].

Porém, estes e outros taes, não merecem nome de Condes, falando-se propriamente; porque só são Condes verdadeiros, os que o Principe investio de algum certo condado ou provincia, ou terra particular; quaes erão antigamente os Condes de Oriente, Conde de Flandes, ou de Bolonha, conforme a direito, e lei dos feudos[4], e os mais são Condes de abuso, segundo Gregorio Lopes, e Garcia Toledano, e os não ha hoje Condes sem condado, e o reino de Castella primeiro foi condado, e foi o primeiro o Conde Fernão Gonçalves, filho de Gonçalo Nunes, e neto de Nuno Rasura Juiz: e em Portugal o mesmo, e foi o primeiro Dom Henrique de Bisançon, neto do Conde de Borgonha. E tambem Galiza foi condado, e foi o primeiro Conde Dom Reymão de Tolosa, que era tio do dito Dom Henrique: e em Aragão foi condado, e o primeiro Conde foi Dom Asnar: e hoje Barcelona, Frandes, e Tirol, condados são.

[1] Pomp. lib. 2. de Orig. I.
[2] Salust. Bello Jugurt. Greg. Lopes Princ. l. 2.
[3] S. Thom. lib. 3. de Reg. Princ. c. 21.
[4] Text. dos Feudos lib. 2. t. 10.

E he galante cousa a que se diz na Chronica del-Rei Dom Alonso XI de Castella, que querendo fazer Conde a Alvaro Nunes Osorio, que o foi de Trastama, de Lemos e Sarria, se diz:

«E porque havia longo tempo, que em Castella e Leão não havia Conde, era duvida em que modo o farião, e diz que o fizerão de tal guiza. El-Rei assentado em hum estrado trouxerão huma copa com vinho, e tres sopas. E el-Rei dixo: Tomad Conde, y el Conde dixo: Tomad Rey. Y fue esto dicho por ambos a dos tres vezes, y comieron de aquellas sopas ambos a dos, y luego todas las gentes, que estavan ende dixeron: Ebad el Conde, ebad el Conde. Y dende adelante troxo pendon, y caldera, e fazenda de Conde, que era. Viva o Conde, viva o Conde.» Chronica de João de Mariana, fol. 1010, o que foi pelos annos 1300.

Gal. Cousa ridicula me parece a mi essa ceremonia. Pois basta chamar el-Rei Conde a quem quizer, ou Duque, ou Marquez, ou outro titulo, pera o ficar sendo.

Crisp. Isso he hoje, que assi se pratica e usa. Porém, baste isto de Condes, e se quizeres saber mais, lede o livro do Mestre Pero de Medina, ou do Padre Frei João de Goardiola.

VISCONDES

Viscondes erão os que tinhão as vezes de Conde no governo. Porém, hoje he dignidade menor que Conde, e maior que Barão: e se dizião tambem Viscondes os filhos herdeiros dos Condes, e tinhão certa porção desse condado[1], té que succedessem nelle, ao modo dos Cesares, que criavão os Imperadores, pera lhes succederem; ou Principes, que hão de herdar o Reino, como o diz Ferrão Mexia, e Garibay.[2] Porém, em França, são grandes senhores os Viscondes.

Gal. Ainda que a ceremonia da sopa e vinho, seja ridicula, notei nella o dizer, que troxo pendon e caldera, e não entendo o pera que.

Crisp. Poder trazer pendão, e caldeira, era a insignia de maior dignidade concedida por el-Rei, e só a podião trazer os ricos homens, porém não todos, se não os a quem se concedia, como agora o habito do Tusão: e fazer el-Rei rico homem, era dar huma dignidade muito

[1] L. part. 11 part. 2.
[2] Cessan. in Cath. gloria mundi part. 5. consid. 55.

grande, porém nunca se não a fidalgos muito nobres, e nas leis da Partida se diz, que por serem filhos de bem.

E diz o Conde Dom Pedro, no livro das Linhagens, que Ruy Gomes de Briteiros era Infançon, e depois feze-o el-Rei Dom Affonso rico homem, e deu-lhe pendão e caldeira; e João de Aboim, que era bom e honrado, e feze-o el-Rei Dom Affonso Padre del-Rei Dom Diniz, rico homem: por onde, ricos homens, não erão por riqueza, como diz Cabedo.

E o pendão significava poder fazer gente, e capitaneal-a. E a caldeira, o sustental-a, ao menos de cento homens pera cima. E finalmente, ricos homens erão os que hoje tem qualidade de grandes, e titulos maiores, depois del-Rei, como diz S. Thomas. E a palavra rico he gotica, como já vos disse. A qual se usava com esta differença, que quando se antepunha a homem, dizendo rico homem significava estes magnetes e grandes. E quando se postpunha, como dizendo homem rico, significava Infanção, ou poderoso, afazendado. Porém, estes ricos homens, e todos os mais titulos, forão huns tempos administrações temporaes e pessoaes, e não hereditarias. Mas depois por serviços e contratos, e outros varios casos, se vierão a fazer de juro e herdade, como os Seniores, que atraz vos disse. E se veio a esquecer a insignia mais nobre do pendão e caldeira, que ninguem podia trazer, se não os ricos homens, e esses por mercê do Rei, e não todos. Porém, podião tambem, como diz o Doutor Salazar de Mendonça: Usar el alto prenombre de Don, cosa que no era permitida, mas que a los Reis, Infantes, y Prelados. De maneira, que ficavão sendo como Infantes Godos do nome de rico, que elles usavão. O qual Dom se foi baratando, como vedes.

Porém, os infanções, ditos assi da palavra latina Infantes, como diz S. Thomas, erão, como quem diz irmãos menores dos ricos homens, em ter, e poder, e dignidade, inda que da mesma nobreza, e com algum solar, inda que pequeno (como vos já disse) ou Alcaides mores, quaes são os que em Italia dizião Catanes, Valvassores, ou Hermunios de immunes, a saber, livres, e isentos, e em Castella, hijos dalgo, e em Portugal fidalgos, ou cavalleiros, ou escudeiros, que tem algum solar, ou trazem delle sua origem, e tem os mesmos privilegios. Os quaes tambem tem, e delles gosam os cidadãos de Lisboa, e da cidade de Coimbra, e da cidade do Porto.

Esta he a insignia que perguntastes de pendão e caldeira. E achareis ainda em algumas sepulturas antigas, alguns escudos com este pendão e caldeira, e elles com hum arco por cima de canto a canto,

que lhes servia de defensa da cabeça, e poderem ver, cobrindo-a o inimigo, e de o pendurarem por elle, andando na guerra, por essas arvores.

Mas todas estas prerogativas de vassallo del-Rei, nome generico que comprehendia todos os que o servião com acostamento desde o Duque de Bragança, em cujas doações lhe chama el-Rei, nosso vassallo, té Capitães menores, a quem tambem chamava vassallos: e os ricos homens de pendão e caldeira, e os sem ella, e os Infanções seus irmãos menores, se forão pouco a pouco baratando, e confusamente de tal maneira variando, que vierão os Reis a dar outros titulos em sua casa. E vi alvarás de fidalgos antigos, em que el-Rei diz que filhava fulano por seu moço, com seiscentos réis de moradia por mez, e fulano por seu cavalleiro, com tanto de acostamento: e em São Christovão de Lisboa n'uma capellá dos Mirandas, n'uma sepultura de pedra: Aqui jaz Martim Affonso de Miranda, Cavalleiro rico homem, que gastou cem mil dobras de seu patrimonio em Africa, em serviço dos Reis, anno 1478.

E houve outros modos diversos, té que pouco a pouco se vierão a esquecer estas preeminencias de rico homem, e infanção, e tomar a forma em que hoje estão, na qual el-Rei Dom Manoel foi reduzindo tudo, e el-Rei Dom João III do nome seu filho, acabou de aperfeiçoar, fazendo de toda a sorte de gente tres classes, ou hierarchias.

E na primeira hierarchia, ou classe, poz os ricos homens, na segunda os infanções, e na terceira os plebeos. E em cada classe ha lugares, primeiro, segundo, e os mais, até as ultimas. E com tal distincção, que na primeira dos ricos homens, toma seus filhos por moços fidalgos, com mil réis de moradia por mez, e alqueire e meio de cevada por dia. E aos filhos dos infanções os toma por moços da camara, com quatrocentos e seis réis de moradia por mez, e tres quartas de cevada por dia. E daqui os vai acrescentando a escudeiros, e cavalleiros: mas com esta differença, que da maneira que aos ricos homens se antepunha o rico a homem, assi nos acrescentamentos dos moços fidalgos, se antepõe, dizendo fidalgo escudeiro, e fidalgo cavalleiro, e como nos acrescentamentos dos infanções moços da camara, postpunha o rico a homem, dizendo homem rico, se lhes pospoem agora o fidalgo, dizendo escudeiro fidalgo, e cavalleiro fidalgo, aos quaes hoje chamão homens do meio, por andarem na gerarchia, ou classe do meio das tres. E muitos não querem ser acrescentados, de moços fidalgos, e da camara, e ficar antes nesse foro, polas mais entradas que

nelle tem ao Rei, e porque se tem por melhor começar desse foro, que ser tomado acrescentado.

E os plebeos de terceira classe, ou gerarchia tomavão por moços da estribeira, e dahi os acrescentavão a escudeiros razos, e cavalleiros razos, sem nobreza ou privilegio algum, porém a alguns confirmavão, que dizem cavalleiros confirmados, que he poder gozar de algum privilegio de nobreza. Porém huns e outros nunca erão acrescentados a cavalleiros, se não depois de serem armados cavalleiros, n'algum feito de guerra. E suas moradias erão maiores e menores, desde o primeiro filhamento de moços fidalgos, com mil réis. De hum tostão mais, ou dous, ou tres, té dous mil réis, e tres, até quatro mil réis. E a dos moços da camara, desde quatrocentos e seis réis da mesma maneira, té mil e quinhentos réis, a maior, segundo seus merecimentos, e alguns estimão mais suas moradias pequenas nos acrescentamentos, sendo antigas. E estes acrescentamentos de mais ou menos moradia, se lhes ia acrescentando, conforme seus serviços, mas sempre muito pola fieira raras. E em tanto se estimão, que Fernão de Magalhães, grande homem do mar, por se lhe não querer acrescentar hum tostão mais em sua moradia, que elle pedia por serviços, se agravou, e foi pera Castella dar por alvitre ao Imperador Carlos V, dizendo, cahirem as Ilhas de Maluco na sua demarcação de Castella, e o Imperador lhe deu armada pera as ir demandar pelo estreito, que elle descobrio o anno 1519 (inda que alguns digam 1513) que do seu nome se chama de Magalhães, onde foi morto justamente como traidor á seu Rei, e patria, dando causa a mil differenças e desgostos, que sobre isso depois houve entre este reino e o de Castella.

E tornando aos filhamentos tambem os havia dos ecclesiasticos, tomando el-Rei moços da capella pera o serviço della, e os fazia ordenar sacerdotes pera capellães com seus ordenados. E com distinção, que os fidalgos se declara logo, que os toma por capellães fidalgos. E a huns e outros, por esta ordem, conforme seus serviços, e qualidades dava igrejas, e beneficios, e dignidades. Porém, todos estes filhamentos e moradias, e ainda dos desembargadores e contadores, e officios da casa real, correm sempre pelo Mordomo mór, e não por outra via alguma. O qual cargo, ou officio, anda como em propriedade na casa dos Condes de Portalegre, hoje Dom Manrique da Silva, Marquez de Gouveia, e este modo, e costume destes filhamentos se usa agora nestes nossos tempos, e hoje em dia.

Gal. Bem pola fieira que dissestes erão, e são essas moradias, pois sendo moradia o mantimento de cada dia, mal se podião, ou po-

dem manter esses criados, e filhados dos Reis com mil réis: o moço fidalgo, e o da camara quatrocentos e seis réis, e os acrescentados a esse respeito, principalmente havendo de ter cavallo, como suppõe essa cevada, e com só isso hum mez inteiro.

Crisp. Nesses tempos antigos, quando começarão estas moradias, que antes chamavão acostamento, não era isso tão pouco, como agora vos parece. Porque a cevada bastava para esse cavallo, e o dinheiro havia então tão pouco, e valia tanto, que com isso que agora he nada, se podião manter, porque havia sobre isso mercês de dinheiro, que chamavão ordinarias, e vestiarias, e tanto pera capas nos acrescentamentos, e a mim me lembra mandarem comprar hum ceitil de cousas, como cheiros pera a panella, mostarda, papel, e disto assim: e aos pobres hum ceitil se dava, e tinha hum real seis ceitis, vede o que seria d'antes. Mas foi crescendo tanto a gente, e tudo, que foi necessario por menos embaraços pagar-se a cevada a dinheiro, que erão doze réis por alqueire, e a moradia he agora huma pouquidade. Mas não he esse todo o mal, se não que com ser huma miseria, nem essa se paga hoje.

E o peior he, que se diz não haver dinheiro, nem pera isso: sendo assi, que crescêrão as rendas deste reino depois de ajuntar-se ao de Castella, quasi o dobro, assi nos contratos que dellas todos se fazem como em outras cousas: do que d'antes se não fazia caso, a saber, as cartas de jogar, que d'antes se prohibião, e se devassava dos que as jogavão, agora se dão privilegios a quem as vende.

E na cruzada que temos, Deos louvado, cada anno, e d'antes mui de tarde em tarde, e no solymão, e sal, e n'outras mil cousas de que se tira dinheiro, e em mais direitos e tributos, como nos tres por cento, de todo o que entra, e sae, e outros.

E diminuindo-se os gastos do reino, quasi o dobro, a saber: o da pessoa do Rei, e sua cozinha, da qual comia quasi toda a corte. E faltando os gastos de tantos Principes e Infantes, e antes herdando delles a coroa muitas rendas, e não havendo o gasto das tres armadas que cada anno se fazião, a saber, de cinco galés, com outros baixeis a guardar a costa do Algarve, outra de caravellas e navios ao estreito, outra de galiões e náos, esperar as náos da India e frotas, e todas tão providas, que por muito gosto e passatempo se embarcavão os homens.

Porque tambem vencião aqui commendas, com seis embarcamentos nestas armadas, ou seis verões, como se fossem tres annos de Africa, com que se vencião e davão as commendas. E com todos estes gastos, e outros muitos que se forrárão, e muito grande crescimento de ren-

das, e não haver dinheiro pera nada, cousa he que não sei entender, por quanto as muitas tenças que se derão no tempo da união destes reinos, já são fallecidos quasi todos, a quem se derão. Além do que se pagavão d'antes os juros da casa da India e Mina, que depois disso se não pagárão, e antes se mandárão extinguir, e alguns comprados a dinheiro de contado, sem intervenção do contrato de João Gomes, da casa da India, que fazia em nome del-Rei, e quebrou, que foi o motivo que se tomou pera se mandarem extinguir todos.

E estes (tornando ao que falavamos) são os Seniores, titulos, e nobres, e nobreza, de que quizestes saber.

Gal. Com tudo isso, ainda não fico satisfeito, nem entendendo que cousa seja nobreza, e donde procedeo.

Crisp. Ser-nos-ha logo forçado fazer a pratica mais longa, e já que assim o quereis, sabei que nobreza he huma conhecessa (fallando assi), ou notoriedade de alguma cousa avantejada em calidades, ou feitos bons ou máos. E se derivou esta palavra de outra latina, ou verbo *Gnosco, Gnocis,* que quer dizer conhecer, e n'uns tempos se escrevia nobreza com g, dizendo gnobre e gnobreza. Vê-se isto em autores graves e antiquissimos, em mil lugares: porque Tulio[1] diz: *Lapsa est ipsa libido in muliere ignota dolor ad pauciores pertinet quam si petulans fuisset in aliqua nobili virgine.* Cahio esta nodoa em mulher ignota, não conhecida, o que foi menos mal, que se cahira em donzella nobre. E Virgilio[2]:

Est locus Italiae in medio sub montibus altis,
Nobilis, et fama multis memoratus in oris.

Ha hum lugar em Italia, nobre, e por fama conhecido. E Ovidio[3]:

Quid si legitimum flueres si nobile flumen
Si tibi per terras maxima fama foret.

Que fora se correras, rio, por teu caminho nobre, e polas terras famoso.

[1] Tul. in Parad.
[2] Virg. Eneid. 7.
[3] Ovid.

E Homero[1]: *Neque enim valde sic, ignobilis est, norunt autem vealde multi.* Não he tão pouco nobre, que o não conheção muitos: e no Deuteronomio[2], onde no hebreo se diz *Heduin,* por conhecidos, disserão, e interpretárão os setenta interpretes, nobres. E Plinio[3] diz no proemio, *nobilitar,* por dar a conhecer. De maneira, que nobre, quer dizer cousa conhecida, e nobreza conhecessa. Cujo contrario he ignobil, não conhecido; o que tambem se vê em muitos auctores, porque o mesmo Tulio[4] chama a Comageno Rei ignobil, por não conhecido, nomeado, ou famoso. Nem de hum Rei se podia dizer ignobil n'outro sentido. E Terencio[5]: *Nam vicium est ablatum Virgini olim a nescio quo.* Tirada a virgindade á donzella, por hum não sei quem, não conhecido. E diz Donato sobre este lugar, que não podia haver mor desprezo, que dizer hum não sei quem. E Tulio[6]: *Qui quos nemo propter ignobilitatem nominat sexcenti sunt.* Os quaes que por não serem gente conhecida nobre, ninguem os nomea, são seiscentos. Donde parece descortesia escrever em petições, nem em parte alguma, diz fulano, que hum fulano, porque aquelle hum he fazer o outro muito baixo, e vil. De maneira, que o não nobre, quer dizer não conhecido, e he opposto ao nobre conhecido. E nobreza he huma conhecessa, etc., por conseguinte, a qual tem muitos epithetos, e sinonimos como clareza, porque Tulio[7], na oração *pro Roscio post homo,* o chama homem claro por nobre, e no Paradoxo: *Quæ est servitus in tam claro homini tamque nobili:* que cativeiro pera hum homem tão claro e nobre. E Boecio[8], chama em muitas partes clareza á nobreza.

Tambem se chamão os nobres insignes, inclitos, sublimes, com outros epithetos, que todos são pera declarar mais esta conheceza, ou notoriedade sua, que dizemos nobreza, porque Estacio[9]: *Quis sublime genus famaque insignis Hetrusci, nesciat.* Quem póde haver, que não saiba a geração do insigne Hetrusco?

E Claudiano[10]: *Sufficeret sublime genus luxuque fluentem,* bastara

1 Homero, Odissea lib. 12.
2 Deuter. cap. I.
3 Plin. proem. lib. 23.
4 Tul. l. 2. epis. ad Qui.
5 Terent. in Hecy.
6 Tul. na Orat. pro Rosc.
7 Tul. in Parad. pro Rosc.
8 Boecio.
9 Estac. lib. sil. 3.
10 Claud.

ser geração nobre, cheia de todo regalo. E Horacio: *Æqua lege necessitas sortitur insignes, et imos.* Donde se vê que insignes são nobres, e nobres conhecidos, e pelo contrario, que he imos baixos, não nobres, não conhecidos.

E porque dissemos que nobreza era conheceza de alguma cousa avantejada: ella se póde entender tambem no escravo, no cavallo, no açor, no cão, no touro, e em outras cousas animadas, e ainda insensatas. Porque Virgilio[1]: *Continuo pecoris generosus pullus:* chama ao potro generoso. E Ovidio[2]: *Nobilium greges custos servabat æquorum.* Eguarizo de egoas nobres, infantis que dizemos.

E das insensatas, diz Horacio[3]: *Fortunam Priami cantabo, et nobile bellum.* Cantarei as desventuras de Priamo, e a guerra nobre. E Plinio[4] chama a palma nobre: e o mesmo Horacio[5]: *Palmaque nobilis terrarum Dominus enchit ad Deos.* A palma nobre, o senhor das terras arrancou pera os Deoses. E n'outra parte: Serás fonte a mais nobre das fontes. E dizemos terra nobre, e marmore, horta, oliveira, obra nobre, e edificios, que excedem em calidades boas ou más.

E porque tambem dissemos, ser nobreza conheceza de alguma cousa, que excede em feitos bons ou máos. Dos máos, diz Plauto[6]: *Ne te impiorum sit pollentia quam innocentum qui scelere fieri volunt nobiles.* Pera que tenha vantagem maior a dos máos, que a dos bons, que não querem ser nobres, em maldades e velhaquerias. E Terencio[7]: *Tu jam pendebis, qui stultum adolescentulum, nobilitas flagitiis.* Não podes deixar de ir á forca, porque ennobreces hum moço ignorante com velhaquerias.

E Ovidio[8]: *Insignis vitiis forsitan esse suis.* Será insigne com seus mesmos vicios. E os Evangelistas chamão a Barrabbas preso, malfeitor insigne. De maneira, que nobre, famoso, inclito, insigne, com outros sinonimos, dizemos conhecidos, ou nobres em feitos bons, ou máos, e em boa e má parte, como hum ladrão Sol-Posto, ou cossairo Jaques Zoria, nisso nobres e conhecidos, e o mesmo huma dama mundana, qual foi Venus tão insigne no officio, que veio a gentilidade a veneral-a por Deosa, e outras muitas que houve tal como ella: que no

[1] Virg. Georg. lib. 3.
[2] Ovid. Metam. 2.
[3] Horat. de Art. poet.
[4] Plin. lib. 3.
[5] Horat. Od. 13.
[6] Plaut. in Rud.
[7] Ter. in Eunuc.
[8] Ovid. Pont. 4. eleg. 1.

Egypto chegou huma, chamada Rodope (com haver sido escrava vendida com Ysopete, segundo diz Plinio) a tanto, que pode fazer a sua custa, e de seus amantes, hum pyramide, que são huma maquina quadrada, que se vai aguçando em alto, que affirma Pedro Bolonio, que medio hum, e que tinha trezentos e vinte quatro passos cada qual dos quatro lados. O qual se vai erguendo em alto por duzentos e cincoenta degraos de pedra, de altura cada degrao de quarenta e cinco polegadas geometricas[1]: e dizem autores, que trabalhárão n'um destes pyramides trezentos sessenta mil homens vinte annos, e que se gastárão sómente em cebollas, e alhos, e rabaos, pera esta gente, dous milhões de ouro: inda que Plinio[2] diz, que trabalhárão sessenta mil homens vinte annos. E que a maior occupava outo jugadas de terra, ou geiras, e cada face de oitocentos pés, e que dentro havia hum poço de oitenta e seis covados de alto. Mas Pero Martyr Milanes[3] n'uma carta aos Reis Catholicos (por cuja ordem foi ver estes pyramides) diz que são tão grandes, que na ponta de cima está hum plano de pedra, onde se podem assentar trinta homens, e o que vai lá acima se desvanece, e se lhe vai o lume dos olhos, e lhe parece, que todo o mundo, e todo o mar lhe fica debaixo dos pés, e que além do que hoje se parece por cima da terra (por quanto, grandissima parte fica debaixo da areia, que foi ajuntando-se-lhe) com tudo tem de roda mil e trezentos passos; e que tem huma via, que desce abaixo, ladrilhada de marmores, e que no fundo está huma camara, e hum tumulo com algumas sepulturas antiquissimas, e de marmore amarello goalde, ou bayo, e que d'ali a cousa de doze legoas além do Nilo, apparecem, e se vem muitos pyramides menores e huma cidade ruinada, que lá se tem por certo ser a antiga Memphis: e que o Cairo (junto do qual cousa de quatro legoas, estão estes dous pyramides) he a propria Babylonia. E ainda que ha diversas opiniões destes pyramides, eu tenho pera mi que se fabricárão pera sepulturas. E tornando ao que dizia destas damas insignes, inda hoje as ha em Roma, e n'outras partes, que só as visitão Principes, e grandes Senhores.

Do que tudo se vê, que nobreza he huma conheceza (falando assi) ou notoriedade de cousa avantejada em calidades, ou feitos bons, ou máos: verdade seja, que pola maior parte, tomada por si só, se deve tomar na melhor parte, e assi se deve entender, como S. Agostinho

[1] Pero Bolon.
[2] Plinio.
[3] Pero Mart.

faz no seu livro da Cidade de Deos, que sendo de duas cidades, de Deos, e do mundo toma o nome do melhor.

Gal. Nem inda agora com todas essas antigualhas de autores, e do que dizem esses Platinas, Torcatos, e outros, fico de todo satisfeito, nem elles me declarão esta nobreza, e nobres de hoje, e fidalguia, e fidalgos, que vejo o são, ainda que não sejão conhecidos, contra o que diz essa vossa definição, e metidos n'um canto de huma cella, ou na mais remota quinta, não deixão de o ser.

Crisp. Eu não vos tratei do que hoje se pratica, e só vos disse o que entendia ser nobreza em commum, e donde procedera; quanto mais, que a definição não deixa de comprehender esses fidalgos de hoje. Pois fidalgo, isso quer dizer, a saber, filho de alguem, a saber, noto, conhecido. Nem trato da divisão que da nobreza fazem os Doutores, s. em theologal, que referem aos ecclesiasticos, e civil aos magistrados leigos: e natural aos que vem a ser grandes, ou pola milicia ou feitos outros de sua pessoa. Mas pois vos não satisfiz, receberei mercê, que nos digaes na materia vosso parecer.

Dev. E pera mi será tambem mui grande, e sentemo-nos hum pouco ao pé desta rocha, a que o senhor Crispo chama Esparradella, a qual se o ser nobre, segundo elle diz, he o avantejado, e por isso conhecido, parece não desmerece ella esse nome.

Gal. Já que vossas mercês assi o querem, e estamos já assentados, não deixarei de dizer o que entendo bem, ou mal, segundo meu humor. Digo isto, porque sou affeiçoado a dinheiro, e bem vistes quanto desejei desencantar os thesouros del-Rei Arunce, e depois encontrar com os que devião ficar da Princesa Peralta, sua filha, quando aqui se perdeo nestes lugares, segundo sua historia destes dias. Pelo que senhores digo, e me parece, que nobreza he a riqueza, e a riqueza nobreza: e pelo menos a principal parte della.

Dev. E isso assi sem mais?

Gal. Por isso disse, ou a principal parte da nobreza, porque uns dizem que essa riqueza deve ser antiga já de antepassados ricos. Outros, que deve ser junta com a virtude, já de antepassados, e propria. Porém, o primeiro que disse que a nobreza era a riqueza dizem ser Euripides [1]. E Aristoteles parece conforme com elle, inda que depois se declarou mais: o que tambem disserão muitos dos antigos, e Horacio na Epistola primeira:

Scilicet uxorem cum dote fidemque et amicos.
Et genus, et formam Regina pecunia donat.

[1] Eurip. Arist. Horat.

A saber, que a riqueza dava nobreza, mulher com dote, credito e amigos. E no Ecclesiastico[1], se diz: Falou o rico, e calárão todos; e sua palavra levantárão té ás nuvens: fallou o pobre, e dizem: quem he este? E o mesmo Horacio diz:

Divitiis paret quas quis construxerit ille.
Clarus erit fortis, justus, sapiens, etiam Rex.

A saber, que tudo obedece ás riquezas, e o que as mais tiver, será nobre, valente, justo, sabio, e em fim Rei. E as nossas velhas assim o dizem; tenha porcos, e não tenha olhos. Porém, hum dos que dizem que a tal riqueza deve ser, não qualquer, se não as antigas, já de antepassados, he S. Hieronymo dizendo: A nobreza do mundo são humas envelhecidas riquezas. E o mesmo diz Plutarco ser opinião vulgar, e alguns Doutores dos mais graves na lei *Humilem* do Codigo dizem o mesmo, a saber: que a nobreza não he outra cousa se não humas envelhecidas riquezas de antepassados. Porque as novas não são de tanta reputação, segundo diz Aristoteles[2], e que antes são aborrecidos, e odiosos os novamente ricos, porque de ordinario são insolentes, soberbos, e máos, e contra os taes ha hum epygramma, que dizem ser de João Segundo:

Non fortuna favet dum te sic tollit in altum.
Sed docet arbitrio te quoque stare suo.

A saber, que não he favor da fortuna, levantar-te assi tão alto, se não aviso pera veres que tambem estás a seu alvedrio. O que bem se vio no Marquez de Siete Iglesias Dom Rodrigo Calderon, e no Conde Franquesa, novamente feitos de nada, que ricos não couberão com o bem, pelo que forão justiçados, e perderão tudo, como vistes neste anno 1620, por serem contra seu Rei, que os honrou e enricou, não tratando d'outro personagem Duque, e Cardeal de Lerma. Porém o principal dos que tem, que essa tal riqueza deve ser junta com a virtude, como que cada qual per si não baste, a saber, a riqueza sem a virtude, nem sejão bastantes ambas a produzir nobreza, se huma e outra nos não vier de nossos antepassados, he o mesmo Aristoteles[3], que diz: *Nobilitas est vetus opulentia, et virtus.* Nobreza, são humas ri-

[1] Eccles. c. 3.
[2] Arist. lib. 2. Rhet.
[3] Arist. Pol. 4. cap. 8.

quezas antigas, e virtude. E o mesmo declarando-se depois mais diz: *Nobiles enim, ii existimantur quibus ad est progenitorum virtus, et opulentia.* A saber: que nobres se devem reputar aquelles, em que houver virtude de seus antepassados e riqueza. E declarando-se ainda mais, diz n'um livro que fez da Nobreza (que não apparece) de que faz menção Estobeo: Que *est series seu virtus generis continuata cum divitiis.* Huma descendencia ordenada, ou virtude de geração continuada com riquezas, e o prova com muitos argumentos. E Dante Florentino[1] refere, que dizia hum Imperador, que a nobreza era huma antiga possessão de dinheiro, e riqueza, com bom modo de vida e costumes. Pelo que, senhores, a nobreza he a riqueza, e'a riqueza nobreza, a meu parecer, como primeiro vos disse: ora a queirais junta com isso que dizem, ora de per si: porque vemos, que ao rico nada lhe falta, e por ella se alcança tudo, e vemos cada dia por ella virem a ser fidalgos, e desses titulos que agora dissemos, como o Grão Duque de Florença, e outras dignidades maiores e menores. E ainda reinos, e imperios. E de riquezas, que em latim se dizem, divicias, se derivou a palavra divo por divino, como diz Marco'Varrão[2]: e ainda que os latinos errárão nisso, todavia, ellas valem muito, e podem muito em tanto, que ao mesmo Jupiter, Rei dos Deoses[3], vierão os Gentios a chamar-lhe pecunia, ou dinheiro, por encarecimento do seu poder, como refere S. Agostinho, e affirma Aristoteles no 8. das Ethicas, que o pobre he impossivel, ou muito difficil, que possa acabar cousas grandes e preclaras, por quanto a pobreza, ainda que vulgarmente se diga que não he vileza, eu a tenho por tal, respeito do que obriga, porque faz fazer muitas vilezas, e abaixar as gerações por casamentos indecentes, e por outras maneiras, por onde he chamada, *noverca nobilitatis,* madrasta da nobreza.

Porém, ordens sacras, milicia, letras, e o Rei, fazem nobres, e se diz no Direito, que se com hum doutor casar huma senhora de titulo, não he vista degenerar, inda que o Imperador Carlos V costumava dizer, que no avia mas que dos geraciones: tener, y no tener.

Dev. Muitas contradições acho senhor Galacio, a essa vossa diffinição tão affirmada por esses vossos Aristoteles, e tantos outros, contra os quaes he Lactancio, que diz: *Divitiæ non faciunt insignes nisi quos possunt facere clariores bonis operibus.* As riquezas não enobrecem senão os que com boas obras se fizerem mais claros. E o

[1] Dant. Florent.
[2] Varrão cap. 1.
[3] Aug. lib. 7. cap. 12.

grande Temistocles, trazendo-se-lhe dous casamentos pera sua filha, escolheo o virtuoso bem acostumado, antes que o rico, dizendo: Antes quero varão sem riquezas, que riquezas sem varão. E Plutarco diz o mesmo, e Dante Florentino, na canção *Le dolce rime de Amor*, diz que as riquezas de sua natureza são vis, e que mal podem dar nobreza: e isto mesmo dizem os Doutores Bartolo, e Baldo, e outros, que dissestes na lei *Humilem*, declarando-se mais no capitulo *Sedes*, se não forem as pessoas aliás nobres. Porque ainda que muitas vezes a nobreza se levante da riqueza, comtudo, ella per si, não faz nobres no sentido de hoje, ainda que os possa fazer conhecidos nisso, e ser instrumento de nobreza.

E o Doutor Lapus affirma, que não vem a honra das riquezas, por que muitas vezes caem em vilissimas pessoas, infames, e de todo incapazes de honras; o que parece não contradiz esse mesmo Aristoteles, pois diz mais abaixo falando dos ricos, que costumavão acompanhar mais as sciencias, que nobreza: e Marco Tulio[1], na oração pro Roscio, que seu pai, não sómente em nobreza, mas tambem em dinheiro, era o principal da sua terra: nas quaes palavras divide, e aparta a riqueza da nobreza, como cousa diversa, o que não fizera, se huma se comprehendera na outra. O que tambem faz na oração contra Verres, chamando-o homem rico, e nobre, e mais abaixo, homem em virtude, e nobreza, e dinheiro o principal: e mais adiante, homem rico e nobre. E Aristoteles[2] diz, com muita razão se tomão as honras os nobres e ricos, separando huma cousa da outra; e Horacio[3]:

Licet superbus ambules pecunia,
Fortuna non mutat genus.

Inda que andes inchado com dinheiro, fortuna não muda geração. E Ovidio[4]:

Si modo non sensus, nec clarum nomen avorum,
Sed probitas magnos ingeniumque facit.

As rendas, nem o nome claro de avós, não faz grandes e nobres, senão a virtude e bondade. Do que tudo infiro duas cousas. A pri-

[1] Tul. Orát. pro Roscio.
[2] Arist. Pol. 8.
[3] Horat.
[4] Ovid. lib 1. Pont.

meira, que a nobreza he cousa diversa da riqueza, pois Tulio, e Aris-
toteles, e muitos outros, a poem como cousa separada, o que não fi
zerão, se huma se comprehendera na outra.

A segunda, se a riqueza fôra a nobreza verdadeira (que he a qu
buscamos) bastara só a riqueza a produzir nobreza, como primeir
dissestes, e dizem muitos com esse vosso Horacio, a saber, geração
e nobreza, com gentileza, o rei dinheiro o dá, o que não he, como te
nho mostrado, polas authoridades, e razões referidas; logo não he no
breza ao menos a verdadeira a riqueza, nem por si, nem acompanhad
com os mais adjuntos, desses vossos authores que dissestes.

Gal. Já vejo que as riquezas per si não são nobreza, porém nã
se póde negar darem muitas vezes causa de nobreza, porque o que s
diz, que o rei dinheiro dá nobreza, se deve entender usando bem dess
dinheiro, que assi como pera os cargos se preferem os nobres ao
que o não são, assi os ricos aos pobres. Pelo que Isaias[1] disse: Se em
minha casa não ha pão, nem vestido, não me queiraes fazer governa
dor do povo. E Thucidides[2], conta dos costumes dos Athenienses, se
muito prohibido os pobres terem cargos, por não usarem mal delles
o que era conforme ás leis de Solon.

E o mesmo os Carthaginenses, como diz Aristoteles[3], e quando Ser
vio Sulpicio Galba, e Aurelio contenderão em Roma no Senado, qua
delles viria a Hespanha contra Viriato, e pedindo-se disso parecer
Scipião Emiliano, respondeo: que nenhum; por quanto hum delles ten
nada, e o outro nada lhe basta. Entendendo que tão occasionada he
pobreza, pera obrar mal, como a avareza.

Por onde a riqueza, algumas vezes se põe hombro com hombr
com a nobreza, mas deve-se de entender a bem adquirida, que a ma
adquirida, confesso não sómente não merecer ser nobreza, mas nem
ainda outra honra, ou privilegio algum, como o dizem todos os douto
res. E por isso Salamão[4] dizia a Deos, que lhe não desse pobreza tal
que o obrigasse a furtar, ou jurar falso, porque a pobreza obrigava
muitos males: e diz Sallustio[5], que os que acompanhavão a Catilin
erão uns pobretões cheios de maldades. E no livro da Guerra de Ju
gurtha diz o mesmo Sallustio, que ao necessitado tudo lhe parece licito

[1] Isai. 3.
[2] Thucid. lib. 2.
[3] Pol. c. 3.
[4] Salam. Prov.
[5] Sallust. in Cat.

e factivel por dinheiro. E Silo Italico[1], chama á pobreza *Sceleris proclivis egestas*, s. escorregativa, e pendente pera o mal, e diz Socrates: *Fraudulentiam atque malitiam ex indigentia nasci,* que da pobreza nasce a malicia, e o enganar: e dizem os Santos, que os ricos são mais receosos pera as maldades, por não perderem seus bens, e que os pobres nada disto temem, porque, que pode temer perder, quem não tem que?

Com muita razão logo digo com Aristoteles, que a nobreza he huma riqueza antiga, e virtude, ou huma propagação e virtude de geração, continuada com riquezas. E esta me parece he a que hoje se pratica em pessoas maiores e menores, a saber: titulos, fidalgos, e infanções, que são esses cavalleiros, e escudeiros, descendentes delles, ou os que el-Rei faz, como diz o senhor Crispo. E quão vil cousa seja a pobreza, e a quantas vilezas obrigue todas alheas da nobreza, o vede neste soneto, em vituperio da pobreza:

Hambrienta rota, inquieta y desgustada,
Palida, debil, triste y congoxosa,
Cortes, humilde, inutil, temerosa,
Manca, civil, ruin, occasionada.
De todo el mundo, con razon odiada,
De quantas cosas miras deseosa,
En sugetos honrados vergonçosa,
Y en los que no lo son desvergonçada.
Sin voto, sin razon, sola affligida,
Noche de la virtud y entendimiento,
Ruyna del valor, y de nobreza.
Riguroso verdugo de la vida;
Y de las almas infernal tormento,
Eres infame, y misera pobreza.

E assi lhe chama Virgilio[2] no sexto dos Eneidos. *Et metus et male suada fames, et turpis egestas,* a saber, acanhada, e torpe pobreza, conselheira de males.

[1] Sil. Italic. lib. 13.
[2] Virg. Eneid.

E diz Juvenal na Satira terceira[1], que hum dos males, e miseria da pobreza, he ser escarnecida de todos:

Nil habet infelix paupertas, durius in se,
Quam quod rediculos homines facit.

Porque se pede, a vergonha o confunde, e se não pede a necessidade o consume, e o que peior he, ser conselheira de males.

Dev. E esses vossos nobres, de que importancia lhes he essa sua tão desejada e estimada nobreza, ou fidalguia?

Gal. Gozarem de muitas prerogativas e privilegios, quaes são haverem de ser preferidos em todas as honras, dignidades, e lugares, e officios, e outras mil cousas, conforme a direito, aos que o não são: o que tambem se prova polas letras divinas, porque no Deuteronomio[2], no cap. I se diz: Tomai de vossos tribus varões sabios e nobres, pera os cargos e governo. E no Ecclesiastico[3]: beata a terra, cujo Rei he nobre, ou filho de nobre. E nos Machabeos[4] se diz, que Antiocho Rey fez Presidente em seus negocios a Lisias, porque era homem nobre. E diz Plutarcho[5], que Thesseo dividio, e apartou os nobres dos não nobres, pera o governo, dignidades, e officios, e o mesmo Romulo, e lhe chamou patricios. E diz Platão[6], que he hum dos sete modos de reinar, mandarem os nobres aos não nobres.

Por onde foi mui tachado o Imperador Helio Gaballo, por dar os cargos e officios indifferentemente a quem lhe vinha á vontade, e pelo contrario Alexandre Severo.

Crisp. E com muita razão se devem preferir os nobres de nobreza antiga, tanto por tanto, porque se pera cultivar hum campo se presume o fará melhor o que nelle se criou, e seus passados cultivárão, claro parece que melhor administrará o officio o filho do que já o administrou cargos, pois diz o adagio, que o philosopho gera o philosopho, e Platão, que se presume melhor natureza nos nascidos de nobres: e Aristoteles[7], que por isso he muito mais de estimar a nobreza; porque he de cuidar, que os nascidos dos melhores, serão melhores.

[1] Juven. sat. 3.
[2] Deuter. cap. I.
[3] Eccles.
[4] Mach. 6.
[5] Plutar.
[6] Plat. de Leg. l. 3.
[7] Arist. Pol. 3. cap. 8.

E adiante, que he verisimil, que o bom dos bons, sendo bem criado, será bom.

Gal. E além do que diz o senhor Crispo, tem os nobres mais fé em seus testemunhos, e suas certidões valem como escrituras, e seus escritos: deixo, que não são obrigados ir a desafio, provocados pelos não nobres, sem perder reputação. E se matarem em defensão de sua honra, ainda que puderão fugir, e escusar com isso essa morte, com tudo tem livramento, porque o que sem deshonra se não póde fazer, claro está que se não deve fazer: deixo as preferencias e cortesias, de lhes tirar o chapeo, e outras assi, as quaes, posto não as possão demandar, podem com tudo os grandes ao Rei, e os mais á justiça, requerer e queixar-se, e mandarão com penas que se lhes fação conforme a direito; e suas mulheres, inda que plebeas, ficão sendo nobres: deixo nas dispensações de casamentos, e para beneficios, e outras cousas mais, o respeitar-se muito esse ponto, dessa pessoa ser nobre.

Crisp. Quanto a mi, de vossa parte me tendes. Mas folgara saber, isto de tirar o chapeo que dissestes por cortesia, donde teria principio, pois não parece esta pergunta despropositada do que imos tratando.

Gal. Plinio, na sua Historia natural, nol-o diz. Que em Roma, no Senado, se mandou por lei, que ninguem podesse votar, senão assentado, e descobrindo a cabeça pera desencalmado, e socegado poder votar mais livre. E de aqui se foi fazendo, e convertendo esse costume em cortesia. Por quanto os Romanos por todas as provincias do seu imperio usavão o mesmo que na corte, descobrindo a cabeça nas consultações, e em juntas e praticas. E daqui, quando se fallavão, e topavão descobrião tambem a cabeça, dos quaes se foi tomando esse costume de descobrir-se. E daqui veio que S. Paulo[1], primeira aos Corinthios, lhes diz: Tenhão nas igrejas a cabeça descuberta por cortesia; e dizem que já S. Pedro o tinha mandado, e o Papa Lino deixou disso hum decreto, e era sinal de liberdade no homem, como no escravo obrigação de trazer a cabeça cuberta, e as mulheres tinhão a mesma nas igrejas, como se vê no Flos Santorum de Vilhegas, na vida de S. Lino.

Crisp. E a misura nas mulheres, e homens, que quer dizer?

Gal. Essa cortesia procedeo do que se costumava nas cortes dos Reis (que de corte, se diz cortesia, que significa uso galante da corte, que he o Paço dos Reis) onde, e diante dos quaes, quando havia serão ou serão, dançavão os Reis, e Rainhas, e damas, com os fidalgos, e

[1] Paul. 1. aos Cor.

pera isso erão ensinadas, e amestradas por mestres a dançar. E porque certos passos medidos fazião pausa, abaixando-se direitas, e com o rosto direito com acatamento a esses Reis, quando chegavão a elles, chamavão a essas pausas medidas, mensuras, e agora mesuras, porque com passos certos e medidos se fazião. E pouco a pouco se forão essas pausas, ou mensuras airosas, que se fazia aos Reis por cortesia, estendendo a outras pessoas por reverencia. A qual se faz ao maior, abaixando hum pouco a cabeça, como os frades, e a mesura ao igual, com a pessoa e rosto direito, requebrando hum pouco o corpo pera a parte esquerda. Por onde se diz no Cancioneiro, que apparecendo o Mestre de Calatrava armado a cavallo na veiga de Granada, buscando quem lhe sahisse, sahio a huma varanda a Rainha, e damas a vel-o,

Y el Maestre la conoce,
Y abaxara la cabeça,
La Reyna le hace mesura,
Y las Damas reverencia.

Porque, reverencia, vem d'uma palavra latina *revereri*, que he reverenciar com acatamento.

Crisp. Como logo se não inclinão essas damas a esses Reis, que dissestes ficavão com o rosto e corpo direito?

Gal. Porque he privilegio de damas, ficarem sempre com o rosto direito pera melhor vistas, e dellas se communica ás Donas, té aos mesmos galantes ficarem com o rosto direito, abaixando-se direitos, encurvando a perna esquerda pera traz com arte airosa, e abaixando a direita, e vereis que os pintores deixão sempre as damas com o rosto quanto mais descuberto pera mais graça da pintura. E daqui dizemos homem misurado, o attentado, e circumspecto em suas cousas.

Crisp. Dissestes, que corte era o paço dos Reis; folgara saber, que he Corte, e o que he Paço.

Gal. Corte, se diz aquelle corpo do Rei, com todos os que lhe assistem, officiaes, e grandes, e menores, morando onde elle mora, como Igreja todo o corpo, e ajuntamento dos Christãos e se diz em latim, *Curia* de *cura*, s. cuidado, e governo, a agencia, e negociação, e administração de todo aquelle corpo de gente: inda que na segunda Sinodo Romana, cap. 16 se diga, que Corte vem de *cruore*, s. sangue, porque o que mais nellas se pratica, se encaminha a carne e sangue, como o refere Navarrete na Conservação de monarquias: etimologia muito despropositada, a meu parecer. E a origem do nome do Paço,

ou Palacio, he muito antiga, segundo Tito Livio: porque no tempo que Roma se governava por Consules, tendo alianças com a Rainha Palanciana (nome derivado da Deosa Palas, como de Maria, Mariana) ouvindo ella da grandeza de Roma se veio viver nella, e o Senado lhe deu certo bairro de casas, pera si e sua corte (que então pareceo cousa de grande fausto) e a este bairro de casas juntas chamavão Palacio, do nome desta Palanciana; e quando muito depois Roma veio a ter Imperadores, as casas em que elles vivião e occupavão, chamarão tambem Palacio, como as de Palanciana. E daqui forão chamando as dos Reis, e Principes, e a mi me lembra, que quando querião dizer de alguma mulher ser muito presuntuosa e doçar, dizião lhe muito Palanciana: outros dizem, que do monte Palatino, dito assi de Palanteo, huma quinta que ali tinha el-Rei Evandro.

Dev. Todas essas franquezas e privilegios, ou prerogativas desses vossos nobres, me parecem a mi antes mais cativeiro, e hum viver em tallas (como dizem) pois quanto mais nobres e intitulados forem, mais cativos, e menos licenças terão, que *in maxima fortuna, minima licencia est,* diz Euripides[1], s. na mór alteza, menos licença, não podendo viver a seu alvedrio e gosto, que muitas vezes estão desejando milhares de cousas muito veniaes, sem poderem gozal-as. Vede o cativeiro de criados, não poder sair, nem estar sem elles, e havel-os de soffrer, não ousar de ir a casa de fulano, por cuidar ficará diminuta sua nobreza, o que se assi fosse pouco mociça mostrão que he, pois desconfião della. E o trabalho de contemporisar com isso, e buscar modos de não falar ao outro por mercê, ou senhoria, e o tormento disso, como a senhora Dona Catherina Duqueza de Bragança, na visita que lhe fez Dom Pedro de Medicis, irmão do Grão Duque de Florença, que perguntado como ella se houvera, disse que não sabia, porque tudo forão Jesus, Jesus. Deixo que as leis aos nobres dão muito dobrada pena n'um crime, e na guerra haverem de ser os primeiros, sem pé atraz, e inda assi, sempre notados com desfazimento, e poucas amizades; pola não terem com ninguem, que *non bene conveniunt neque in una sede morantur: Magestas, et Amor*, que altiveza, e amor, mal se avêm juntos, diz Ovidio. E trazem a vida sempre arriscada, por qualquer pontinho de honra, como Miguel Telles de Moura, que vindo huma noite só, á porta de Santa Catherina de Lisboa lhe pedirão quatro velhacos a capa, e elle cuidando não ser conhecido, lha largou por escusar inconvenientes, que sendo esforçadissimo cavalleiro, era homem

[1] Eurip

santo. E indo-se assi em corpo, com a espada debaixo do braço, lhe disserão elles: Como vai gentilhomem o senhor Miguel Telles! E em elle se ouvindo nomear, voltou a elles como hum raio: Oh vós conheceis-me? e os acutilou a todos, e cobrou sua capa, com mais duas espadas: que são mui precisas as obrigações dessa vossa nobreza. E vimos desafios muito perigosos de pessoas grandes, sobre pontinhos de falar por senhoria, e outros de muito pouco momento, muito arriscados. Deixemos o falar com dissabor, torcendo a boca, e riso seco, ao menor, com o que antes adquirem aborrecimento que estima, e odio no interior que boa fama. O que certo he grande ignorancia, podendo a tão pouco custo ter a gente benevola.

Pelo que dizia o grande Marquez de Pescara, vendo-se no cerco de Pavia, cercado de maiores necessidades e trabalho, e ser-lhe forçado haver de pedir aos soldados de seus remendos dous vintens, ou reales, em logar de lhes acodir com muitos, e isto pera os Tudescos de dentro, que por falta de pagas se querião passar aos Francezes. Ah soldados (e isto com muitas lagrimas) vós me destes esta honra de me fazer hum dos Principes de Italia, mas sabeis quão cara ma vendestes, e quão cara he de conservar, que se alguem soubesse o que isso custa, no chão que achasse taes honras, não se abaixaria a tomal-as. Hora ver o que custa buscar dinheiro pera a sustentar, e desvelar-se nisso, e sempre empenhado, e tudo artificios, por não dizer trapaças, contra a mesma nobreza, e ainda contra Deos. Certo senhores, que antes he carga, e cativeiro essa vossa nobreza, que franqueza ou liberdade, porém não entendais parecerem-me bem liberdades vis, como a de alguns senhores, que houve neste reino, que deixárão estados, por não deixar liberdades vis. E o grande Conde do Redondo dizia: que não havia vida como a do patife, se vestira camisa lavada: em encarecimento do que custa conservar essa vossa nobreza, e o estado della. Deixo o não poderem casar-se alguns, senão á vontade do Rei, e não á sua.

E quanto á riqueza, não sómente não he nobreza, mas muitas vezes causa de muitas vilezas e males. E diz Salustio[1], que o começo da ruina de Roma, foi depois que nella começárão as riquezas a terem-se por honra, ao que se seguio gloria, poder, e imperio, com o que cahio de todo a virtude. E Platão[2], que quando nas cidades são honradas as riquezas, se desestima a virtude, com o que a republica vem a

[1] Salust. in Cat.
[2] Platão, Repub. lib. 17.

perder-se: e inda mal, que tanto com verdade temos visto isto, e vemos cada dia, que depois que nestes reinos e tempos, cada hum tratou de adquirir riquezas pera si, e de só seu proveito, sem antepor o bem commum, assi aqui, como na India, começou logo tudo a ir cabeça abaixo, como o predisse o grande Affonso de Albuquerque.

Pelo que não obstante o que disse o senhor Crispo, que a nobreza era huma conheceza, ou notoriedade de alguma cousa avantejada em qualidades ou feitos bons ou máos: e do que diz o senhor Galacio, que a nobreza he a riqueza, ou humas riquezas antigas de antepassados, com virtude, como que huma não possa, sem a outra, nem ambas, se não sendo antigas, ou huma decendencia, ou virtude de geração continuada com riquezas, segundo Aristoteles. Digo senhores, que a mi me parece que só a virtude he a verdadeira nobreza, e o póde ser per si sem outros alguns adjuntos, ainda que seja n'um muito pobre. E nunca me dareis controversia, que a virtude não seja verdadeira nobreza, quaes tem mil, o que té agora nos dissestes della. Digo, da que hoje se pratica, tomada na melhor parte, nem essa haverá alguma que não começasse da virtude, e esse vosso Aristoteles assi o veio a confessar no quarto das Ethicas, e outavo, a saber, que a nobreza, e honra, era premio da virtude, e a virtude causa della. E que a virtude seja verdadeira nobreza, se prova pelo mesmo direito, por muitos textos, e no cap. *In nos*, diz o Cardeal Alexandrino, e João Andrea, e Antonio Smola, depois de muitas razões e argumentos, que a virtude he a unica e verdadeira nobreza, e põem huns versos que o declarão:

Nobilitas hominis mens est Deitatis imago
Nobilitas hominis virtutum clara propago, etc.

A nobreza do homem he huma vontade conformada com Deos, e huma clara propagação de virtudes. Porque claro está, que sendo os homens todos huns, nascidos de hum pai Adam, os que se avantejárão em virtude, se fizerão nobres, a cujo proposito põe Mattheus de Afflitis uns versos:

Si pater Adam est cunctis si mater, et Eva,
Cur ne omnes sumus nobilitate pares.
Degenerant homines vitiis: fiuntque minores,
Exaltat virtus, nobilitatque genus.

Que sendo todos filhos de Adam, os vicios nos abaixão, e a virtude levanta e ennobrece. E o disse primeiro o Propheta Malachias, no cap. 2, e vê-se isto bem, porque não haverá quem duvide ser Se-

neca mais nobre que Nero Imperador, e deste parecer he Platina, e Pogio, e outros. Porém escusados são pareceres, pois basta dizel-o Deos nosso Senhor no livro dos Reis[1]: Quem me honrar a mi, eu o honrarei, e os que me desprezarem, *erunt ignobiles,* serão vis, sem nobreza alguma. E isto não se póde negar, como diz S. Hieronymo, sem embargo do que disserão alguns, querendo distinguir a nobreza vulgar, e politica da virtude. E ainda estes não puderão deixar de confessar, que todavia a virtude dá causa da nobreza, e por ella se moverem os Principes a concedel-a, e que em todo o caso, a virtude e bons costumes se deve antepor a essa nobreza vulgar. E isto dizia Tullio, e Tito Livio, *Omnis repentina atque ex virtute nobilitas fit,* que toda a nobreza se faz da virtude.

Sint tibi Galorum Rex, et regina parentes,
Et maneat virtus pectore nulla tuo.
Non pluris faciam te; quam tibi rustica mater,
Si sit: et ignarus rusticus ipse pater.

Que em que seja hum filho del-Rei de França, se não tiver virtude o estimará como hum vil. E Horacio na satira, que começa *Non quia Mecenas lidorum quisquis Hetruscos,* etc. Em toda ella não trata senão de mostrar, que a verdadeira nobreza, não por geração, nem antigos brazões, nem riquezas, se não só ser da virtude.

Porém, eu não digo que não possão ser nobres, e ser nobreza e fidalguia, a que hoje se pratica, que diz Aristoteles, e só trato da verdadeira nobreza, e desta trata aqui Horacio: e que só a virtude he a verdadeira. E pode ser per si só, e alcançal-a qualquer pessoa, pois todos somos gerados de hum pai Adão, e regenerados de hum pai Christo Jesus, e pode-se esta tal derivar aos descendentes, como o diz o mesmo Aristoteles, nascida do justo habito da alma, o que as riquezas não podem, que o rico não engendra rico. Pelo que essa será mais verdadeira nobreza, que tiver mais semelhança da justiça, fundamento e basis de todas as virtudes, e póde estar n'um muito pobre, e por isso dizemos, que pobreza não he vileza, cahindo em sugeito virtuoso; bem que o pode ser cahindo em contrario.

Crisp. Contra isso que dizeis, que pobreza não he vileza, ha muito que dizer, e eu vos quero mostrar hum soneto, o qual me parece concerta com o que disse o senhor Galacio, e prova a sua opinião.

[1] Reg. 1. 62

Quien dize, que pobreza no es vileza,
En nada estima el titulo de honrado,
Ni sabe a lo que un hombre está obligado.
Que es a nunca ja mas hazer baxeza.
Sepultura es de buenos la pobreza.
Occasion de se hazer lo no pensado,
Mar, a do muchas vezes se ha anegado,
El saber, el avizo y la nobleza.
En el pobre no se haze entendimiento
Ni se le hecha de ver cosa que haga,
Es odioso quasi a toda gente.
La pobreza de spirito essa es contento,
Mas la del cuerpo, cuerpo y alma estraga,
El triste, que la passa, esse la siente.

Dev. Com tudo isso, não me podeis negar o que diz Plutarco, s. forão por ventura as riquezas del-Rei Midas mais nobres, que a pobreza de Aristides? ou a baixeza de Socrates, filho d'um entalhador, e de huma parteira, não foi mais nobre, que a gloria de Sardanapalo? Por onde dizia Marco Tullio[1], que com só a virtude se podia viver ditosa, e felicemente. Ao que allude Silo Italico[2] dizendo: *Ipsa quidem virtus sibimet pulcherrima merces*, a saber, que a virtude per si he sufficiente paga de si mesma. E diz Platão, que não faz nobre o brazão, senão o animo, ao qual he licito de qualquer baixa sorte levantar-se sobre a mesma fortuna. E Mario, naquella celebre oração, e pratica que teve no Senado Romano, sobre a pretenção do consulado, que refere Salustio[3], diz contra seus adversarios: Desprezão meu novo começo, e eu desestimo suas fanchonices. Dão-me em rosto, com que tive boa fortuna e dita, e eu a elles com cousas vergonhosas, que não digo. A natureza a todos he commum: e aquelle he generoso que tem o animo generoso, e já que falão desprezos, porque não fazem como seus maiores? aos quaes nasceo o nome de nobres, da virtude, como a mi. Vede senhores, quão perversos são, que o de que se jactão, e tomão pera si de alheias virtudes, a mi das proprias mo não concedem, porque a minha nobreza he nova. A qual, certo muito melhor he engendral-a eu, que havendo-a recebido corrompel-a.

[1] Tul. in Tusc.
[2] Sil. Italic.
[3] Sal. in Bello Jugurt.

E a este proposito respondeo o Papa Clemente a huma carta, que lhe escreveo o Imperador Carlos V, estando delle escandalisado, porque favorecia as partes del-Rei de França, com quem trazia guerra, na qual carta, entre outras cousas, lhe remocava o Imperador seu humilde nascimento. E o Papa lhe respondeo: Ella não he virtude alguma, nascer hum homem Rei, a virtude he vir por ella a sel-o como eu fiz. E o Cardeal de Toledo, sendo em Roma grande parte, no reconciliar-se á Igreja el-Rei de França Henrique de Vandoma, em tempo del-Rei Filippe I de Portugal, e sendo Embaixador naquella corte romana o Duque de Sessa, que encontrava muito essa reconciliação, tendo-a por suspeita. E encontrando-se com o dito Cardeal, lhe disse: Si vuestra Senhoria Illustrissima fuera tan buen cavallero como es christiano, no aconsejara a Su Santidad esta reconciliacion del-Rei de França. (Isto por lhe remocar seu humilde nascimento, que dizem era filho de hum boticario de Toledo.) E o Cardeal lhe respondeo: Si vuestra Illustrissima Senhoria fuera tan buen christiano como es cavallero, no me estranhara lo que hize, e hago.

E pola virtude vierão muitos a ser Papas e Cardeaes, Imperadores e Reis, e a outras dignidades innumeraveis de humilissimos nascimentos, como foi Tarquino Prisco Rei dos Romanos, e Servio Tullio, ambos filhos de escravos, e Tullio Hostilo guardou gado, e o famoso Augusto seu pai procurador, e seu avô ourives, como lho lançou em rosto Cicero n'uma carta, *ad Quintum fratrem*. Mil outros forão Imperadores de mui baixos principios, como Balbino, Philippo, Emiliano, Aurelio, Probo, Bonoso, Diocleciano, Licino, Maximiniano, Valentino, e outros muitos. E Saul, e David pastores forão primeiro, e Bamba do arado foi tirado nas Idanhas pera Rei de Hespanha (inda que dizem alguns era da geração dos Reis Godos). Deixo outro infinito numero, como Agatocles, que sendo filho de hum oleiro, veio a ser Rei de Sicilia, e elle mesmo o apregoava depois, em tanto que na memoria disso, não se servia senão com vazos de barro á sua mesa, nem ainda em festas e banquetes, como o refere Ammiano Marcelino, e disso se lhe fez hum epygramma, que dizem ser de Ausonio, ou de outrem. E ainda que este Rei tyrano teve outros muitos vicios e males, não se pode negar que reconhecer elle seu humilde principio foi virtude de coração humilde, que he grande bem conhecer-se homem asi mesmo.

E o epygramma he este:

Fama est fictilibus cœnasse Agatochlea Regem,
Atque Abacum samio, sæpe honorasse luto.

Fercula gemmatis cum poneret aurea vasis,
Et misceret opus pauperiemque simul.
Querenti causam: Respondit: Rex ego qui sum,
Sicania figulo sum genitore satus.

Que comia sempre em barro, e nos vasos delle engastava pedras preciosas (que devião ser como seixinhos em pucaros) e perguntado o porque? Respondeo: eu, que agora vedes Rei, sou filho de hum oleiro de Sicania.

E o gram Turco Solimão, fazendo Bassá a hum çapateiro (a qual dignidade he a maior entre Turcos) tinha elle sempre depois pendurado hum trinchete no meio da casa, onde estava, e lhe falavão. E costumava mostral-o a todos que lhe falavão, dizendo: Attentai pera aquillo e pera mim, e procurai obrar de maneira, que a magnificencia do grão Senhor ache em vós sitio pera semelhantes, e outras honras.

Por onde dizia São Hieronymo n'uma carta a Demetriade, que alguns dizem ser de Santo Agostinho: Aquelle he claro e sublime, e esse só seja nobre de inteira, e verdadeira nobreza, que não servir aos vicios, nem for vencido delles. E Santa Agatha dizia no meio dos tormentos, que a suprema nobreza, fidalguia e franqueza, era a virtude e servir a Christo. E São Hieronymo n'uma carta a Seleucia: Só diante de Deos he nobreza e liberdade, não servir aos peccados, e que a summa nobreza era ser claro em virtudes.

Porque, que maior cativeiro, que o de hum desses vossos nobres? sendo peccador, estar o fidalgo, e a senhora sofrendo o criado, ou criada, porque lhe sabe, e encubra o crime, ou peccado que commeteo, e o trazer ás costas o mesmo peccado por carga. Que bem pezado com esse gosto que cuidais receber, não tem equipendencia, nem comparação alguma, que essa he a natureza dos gostos do mundo, não o serem, nem fartarem, e os desgostos penetrão o intimo do coração, como dizia Tullio: *Ea est humanarum rerum conditio ut magis perturbent, quæ molesta sunt quam jucunda delectent.* E o grande Duque de Sessa, dizem que fez este mote:

Por entre casos injustos
Me han traydo mis engaños,
Onde los daños son daños,
Y los gustos, no son gustos.

Deixo o medo da justiça, os desastres que procedem disso, a fama,

a ignominia, a mesma inquietação de vossa alma, que mór cativeiro? Nem que mais verdadeira nobreza, e franqueza que a virtude? E em conclusão de que a virtude he a verdadeira nobreza, que outra prova he necessaria, mais que ver quem mais nobre, que S. Pedro, o qual foi pescador e pobre: qual mulher houve no mundo tão nobre, nem tão illustre, como a Virgem nossa Senhora, a qual foi esposa de hum pobre official carpinteiro: e com tudo, a Pedro, por suas virtudes, lhe forão dadas as chaves do Ceo, e o ser o mais honrado na terra, e á Virgem nossa Senhora a prerogativa de ser Mãi de Deos, e Rainha dos Ceos, que he a mais suprema honra, e nobreza do que se póde imaginar. Pelo que a virtude per si só he a verdadeira nobreza, e a nobreza sem ella, sendo acompanhada de vicios, não sómente, se não póde nem deve chamar nobreza, mas póde ser, e he vileza, como vemos alguns, que cuidão que só o nome de nobres lhes basta, e que podem commeter milhares de insultos, cheios de vinho, sem verdade nem pontualidade, com mil trapaças, covardes, adulteros, deshonestos, cobiçosos do alheio, trampistas, sendo assi que os taes nem o nome merecem de nobres, como affirma Hieronymo Rasulli na Empreza de Ferrant Garrafa Conde de Soriano. E Philon Hebreo. E dizia Dionisio Rei tirano de Sicilia, a seu filho, reprehendendo-o de insultos e adulterios, que commetia, que em suas mocidades elle nunca commetera essas cousas; e o filho: Vossa Alteza não tinha pai Rei, como eu tenho. E el-Rei: Nem terei filho que o seja, se levares esse caminho.

E em conclusão, digo, que se esta nobreza verdadeira, que he a virtude, aggregar a si essa nobreza politica e civil, que diz Aristoteles, e hoje se pratica, ou a mesma se surzir, e ajuntar com a virtude, não sómente ficará mais realçada, e levantada ao Ceo, se não, que me parece cousa vinda de lá, e divina, *et deitatis imago*, que diz o verso atraz. E aos que Deos nosso Senhor isso concedeo, me parecem angelicos, quaes vemos muitos, e se enxergão melhor no serviço das confrarias e irmandades, e nesta nossa da Misericordia, onde se exercitão na virtude e obras pias, de quem se deriva a verdadeira nobreza, como diz S. João: Como podeis ter por nobreza e gloria, só a do mundo, vinda dos homens, e não aquella que só he a verdadeira, se vos vier de Deos? E esta tal nobreza, com obras virtuosas califica a dos passados, assegura o credito da propria, que quem com obras não faz fé de bom sangue, mui em condição põe a opinião delle, e mui a cortesia deixa o crel-o, e se por elle se ensoberbece, falto he de entendimento, pois não vê que não a fortuna, senão o valor, e a virtude, he a que se estima, em quem se não acha na opinião dos homens, e cali-

lidade da pessoa pera com os meritos de seus passados, pois se tem por mais certos os bens, que trazem comsigo a fiança desde sua origem, como os ribeiros, que guardão o sabor de suas fontes, e levão sua virtude, se não passão por veias inficionadas. E parece nos homens o nascimento, como nos cavallos a casta, se os não faz degenerar a criação, por onde se envergonha de fazer, o de que não acha consequencia em sua linhagem. Inda que já por peccados, se bem a nobreza foi sol que nasceo com a virtude nos passados; agora em muitos dos presentes se põe, e desvanece com a sombra, e escuridade de seus vicios.

Crisp. Senhores, he tarde, o mais fique pera ámanhã; que na carreira das Mayas nos poderemos ajuntar, e dar outra vista ao nosso Zenzere. E adeos.

DIALOGO DECIMO NONO

A historia notavel de Tareja Longa, Pero Lobo, e Men Joanes, e a etimologia de seus nomes, e lugares do Cabril, Pedra da fata, e alguns partos suppostos. Jogo da choca ao antigo, com humas fabulas poeticas. E de huma estatua de Piza com letras ambiguas, e outras, que agora se achárão debaixo do chão.

GALACIO.—CRISPO.—DEVOTO.

Gal. Ora eis-nos aqui senhor Crispo, vos viemos esperar nesta carreira das Mayas, onde hontem vos pareceo nos deviamos hoje ajuntar a dar huma vista a este nosso Zenzere, ou gigante Zacor.

Crisp. Com razão, assi lhe podeis chamar por sua grande terribilidade, e maior furia, que a de todos os rios de Hespanha, e quiçais do mundo todo do seu tamanho. Entanto que chegando ao grande rio Tejo, com se lhe avizinhar já manso, o atravessa da outra banda, e corta pelo meio, sem fazer caso delle, sendo tanto maior, e á outra banda chega ainda com tanta furia, que lá vai arrancar as arvores que alcança, com outros damnos, levando suas agoas distinctas das do Tejo mais de huma legoa, por lhe não querer reconhecer ventagem, e antes o faz tornar atraz, e represar no lugar onde o atravessa, e por isso he causa de que o Tejo alague muitas vezes parte da villa de Punhete. A qual desta repugnancia, e peleja continua, que o Zenzere tem com o Tejo, se chamou dos Romanos Pugnategi, e pouco a pouco perdendo o gi do cabo, ficou chamando-se Pugnate, e agora Pugnete, como vemos se chama, por estar situada esta villa entre estes dous rios, a saber, onde no Tejo se mete o Zenzere, e elles tem esta continua guerra e reluctancia. E a fez villa el-Rei Sebastião, á petição de Simão Gomes o çapateiro santo, natural do Marmeleiro, junto a Thomar, passando por ali o anno da peste 1579, como diz o Padre Manoel da Veiga, na Vida deste santo.

Mas eu, por me dizerem andaveis de partida tomei occasião de humas antigoalhas que achei, por me lograr ainda hoje de vossa conversação, que não sei quando nos tornaremos a ver.

Dev. A partida assi he, e quanto a tornar-vos a ver, sempre nos tereis mui presentes a vosso serviço em toda a parte. E agora vejamos essas antigoalhas, em quanto vamos por esta de Pero Lobo, que não sei porque causa se chamaria assi esta propriedade, e fazendas.

Crisp. Folgo de levantares agora essa lebre, e pois veio a proposito, inda que seja fora do que levavamos, quero contar-vos o que ouvi desse Pero Lobo, e se achou em autos antigos n'um cartorio de hum

escrivão desta villa Heitor de Oliveira, e se diz aconteceo hum caso, e passou desta maneira. Dizem pois, que antigamente, sendo morador nesta villa este Pero Lobo, quando a mesma villa era mais povoada e grande, conforme ao nome Pedrogão grande. Por quanto veio em muita diminuição, pelo acrescentamento que os Seniores, a quem se deu, quizerão nella ir-se usurpando indevidamente na sua ancianidade, e collectoria que tiverão primeiro pera el-Rei contra o costume, e significação do nome, e cargo que se lhes deu. Absentando-se muitos por isso desta habitação e vivenda, por escusar inconvenientes. Por onde vedes tantas casas cahidas sem dono, muitas terras em mato, que d'antes erão pomares, e hortas, vinhas, e fazenda de gosto, e preço, de cujas reliquias, ainda parece que vemos muitas arvores de fruta patentes a todos, e desamparadas *pro de relicto,* que parece causão humas saudades e magoa.

No tempo pois deste Pero Lobo, vivia tambem aqui outro homem, que se chamava Men Joannes, ou Mendo Joannes, ambos ricos, e honrados, e abastados, e trazendo o Prior desta Igreja matriz de Nossa Senhora da Assumpção (porque então dizem era priorado, e do padroado real, da qual se veio a empossar o Cabido da Sé de Coimbra, onde sendo juntamente Conego ou dignidade, hum Prior, que aqui punha de sua mão o seu Cura) e vindo a falecer, ficou continuando o dito Cabido com o mesmo Cura, que o Prior defunto tinha posto; e recolhendo os dizimos como o mesmo Prior o fazia, e mim me lembra ser Cura hum padre, que se chamava Dinis Lopes, em nome do Cabido, e não sei se o fora já do Prior.

Mas o dito Cabido, pouco a pouco, por não haver quem lho contradissesse, se foi segurando na posse deste priorado. E adquirindo a propriedade, e terá havido suas bullas da Santa Sé Apostolica, e Summo Pontifice, e feito seus contratos, e confirmações com os Reis, e veio a fazer vigario o dito Dinis Lopes, ficando com dous mil cruzados de renda desta igreja.

Trouxe, como digo, este Prior que então era aqui, huma parenta, ou ama pera o servir, sendo homem já entrado em idade, a qual se chamava Tareja Longa, e era natural da Azinhaga, lugar, termo da Villa de Santarem, mulher de authoridade, e de muitos comprimentos. A qual curando do bom do Prior alguns annos, o fez de maneira, que veio elle a falecer, não sem suspeita de ser ajudado, por lhe ficar á ama, como ficou o fato (perigo e risco que de ordinario correm os clerigos ricos). Porém, ella de ahi a poucos dias, em lugar de obsequias ao defunto, se amigou com este Pero Lobo, em muito segredo.

E já pode ser fosse amisade desde antes do falecimento do padre Prior, e não contente com elle só pera perfeição desta architectura, quiz nesta obra correspondencia, tomando por coadjutor della a Men Joannes, e erão taes as artes della, que nenhum delles sabia do outro: e antes pera os segurar a ambos n'alguma suspeita, se a viessem a ter, que dizia a cada qual delles, males e escarneos do outro, e desta maneira os foi entretendo huma temporada.

Tinha o Pero Lobo huma herdade, que he esta por onde agora himos: e o Men Joannes outra, que he aquella, acolá além, ambas com vinha, olival, e souto, e terras de pão, e as dividia huma estrada, e caminho, que por entre ellas ia pera certas hortas e pomares lá pera baixo, que então havia.

Por este caminho pois ia a Tareja Longa muitas vezes com qualquer achaque das hortas, e de suas amigas que a ellas ião, e a estes ambos seus amantes dava a entender, que por respeito de cada qual delles, ia por ali polos ver a elles na occupação da cultura de sua fazenda, adubios e cobrança das novidades dellas: e elles assi o cuidavão. E como era mulher de authoridade, e pessoa com grandes capelorus, e rica de herança do padre e dinheiro, communicava as donas nobres da terra visitando-as, e conversando-as (cousa que todo homem prudente deve evitar em sua casa, que sempre estas querem sejão todas taes) e nestas idas, e vindas a casa de hum homem muito nobre, levando ora mimos, ora mostrando-se muito amiga da casa, se fez muito amiga de huma donzela sua filha, e falando muitas graças lhe veio a cahir em graça. E correndo muito com esta amisade entre estas graças lhe veio hum dia a dizer escarneos, e zombarias de certo galante, e pouco a pouco lhe veio a fazer queixume delle, que tivera tão pouca vergonha que a huma mulher como ella commetera desse recados á mesma donzela (dizendo lhe os recados inteiramente) fazendo della alcoviteira. Porém que ella lhe dizia isto pera que se guardasse delle, que bebia os ventos e ares por ella, e dizia e prometia havia de fazer o impossivel pola alcançar. E com estes bons conselhos, que se guardasse delle, e cautelas, lhe foi metendo no coração hum fogo infernal dos amores delle. A donzela, vendo por huma parte os bons conselhos da Tareja Longa; e por outra lavrando o fogo (que ella de continuo lhe assoprava) foi admitindo as praticas, que por zombaria e escarneo do outro, e passatempo de ambas a Tareja sempre movia, até tanto que delle se achou prenhe.

O que vendo a dona honrada dos grandes capelos, e o perigo de ambas, por a donzela (já não donzela) ser muito aparentada e honrada,

por remedear sua honra, e conservar sua reputação, depois de não acharem feição ou modo de a fazér mal parir, que muito procurou: ordenou hum remedio, e maranha do diabo, e assentárão que ella se faria prenhe a hum com quem se queria casar, e ao tempo de parir, levaria a criança, e daria remedio, com o que a afflicta donzela tomou algum alivio e consolação.

E logo cuidou este enredo, pera de tudo e de todos tirar seu proveito, e foi fazer-se prenhe a cada hum dos seus amantes della, Pero Lobo, e Men Joannes, que ambos festejárão em todo estremo esta nova, e continuando ella com sua prenhidão, por seus passos que erão os que levava a moça, e tudo em grandissimo segredo, cada qual da fingida, e da verdadeira barriga, vinha a offerta com quanto podia, e o mesmo com o necessario pera o tempo do parto, que ella dizia a todos havia de ser em muito segredo, e assim vião elles era necessario. E que quando parisse fingiria era engeitado, e como tal o aceitaria pera o criar por amor de Deos, e juntamente ia chuchando á pobre moça quanto podia haver, e furtar a seu pai (porque já ella não tinha mãi) e todos pagavão pera a serpe muito largo.

Chegada a hora do parto, a que a Tareja Longa se achou, trouxe comsigo o menino nascido pera sua casa, e fazendo-se doente á vizinhança, aos amantes se fez parida, com muito segredo e cautela, e nessa noite engeitou a criança (como o tinha dito a elles) á porta de hum clerigo muito virtuoso e velho, que de paixão havia de morrer, e vergonha, mas logo todos disserão era grande maldade respeito delle que era hum santo. E ajuntando-se muita gente (como he costume) a ver a criança, Tareja Longa a mandou trazer pera o ver assi como estava doente, e tomando-o nas mãos: Coitadinho engeitadinho como he bonito! (então disse) ora eu o quero por amor de Deos tomar pera minha alma, e mandal-o criar. E toda a vizinhança teve aquella obra por de grande caridade, e a ella por huma santa, e tomando huma mulher por criada, que tinha leite, foi criando o menino, tecendo com elle hum ninho de guincho, onde todos pingavão, e com que ella roubava a todos, e o que mais he adquirindo nisso nome de santa.

Aconteceo pois (permitindo-o assi Deos que não quer que taes maldades estejão muito tempo encubertas) que criado o menino, vierão a ter ciumes os seus dous pais, que se imaginavão sel-o, Pero Lobo, e Men Joannes. E posto que nunca souberão o contrario, nem mais, que cuidar hum do outro se lhe queria oppor a causa, e só por isso encontrando-se huma noite, se ferirão muito mal, e o Men Joannes veio a morrer das feridas, e o Pero Lobo se absentou, vendo que

o outro morria, com proposito de nunca mais tornar á terra; e dizem lá morreo nesta guerra, que houve de Hierusalem, e fez primeiro seu testamento, em que deixava a sua herdade ao engeitado de Tareja Longa, dando a entender ser seu filho, e a ella, que desde logo a lograsse em sua vida, e com isto se foi sem nunca mais tornar.

E o mesmo fez Men Joannes vendo que morria, que tudo a Tareja Longa sabia tecer. E deixou a sua herdade ao engeitado de Tareja Longa, e a ella o mesmo, que a comesse em sua vida, e se o menino falecesse lhe ficasse, e por sua morte a Tareja a houve assi e da maneira, que o dito Men Joannes e Pero Lobo lha deixou, que he esta onde estamos, ás quaes propriedades ficou o nome de seus donos Pero Lobo, e Men Joannes, que té o dia de hoje lhe dura.

Porém devião os homens ser muito recatados, e acautelados nisto de partos supostos, e tomar daqui exemplo, que ha grandes enganos cada dia nisso té entre casados. E eu conheci hum doutor muito insigne advogado, e foi Lente de vespora em Salamanca, e se chamava Acenso Gomes. E depois famoso advogado em Madrid muitos annos, de que veio adquirir muitos mais de cento mil cruzados, e a mulher se lhe fingio prenhe, e pario hum menino que houve de huma lavradora que vinha vender a Madrid, com quem se concertou, e o menino foi crescendo, e houve por morte do doutor sua herança, e se chamava Dom Francisco, e casou com esta herança muito bem. Porém dizem que sahio a mais má cousa do mundo, e a mãi postiça mulher do doutor, remordida da consciencia, não sabia que se fizesse pera remedear isto, e se poder salvar, té que aconselhada foi dar conta de tudo a el-Rei que Deos haja, Philippe I. o qual havida mui exacta informação da verdade, mandou restituir a herança aos parentes do doutor em Coimbra.

E servindo eu n'uma enfermaria, no hospital de Lisboa, ali foi ter hum homem, que mudou o nome, e depois por elle falecer logo me foi pedida certidão de como ali morrera, que eu não quiz dar, por achar o nome emendado, e soube que era neto putativo de hum Desembargador fulano Jaques, o qual casando-se-lhe hum só filho que tinha, e vindo a morrer, se fez a mulher ficar prenhe delle, e por mais diligencias que o Desembargador fez, sobre que fosse examinada, e o parto em sua casa, ou de pessoa de confiança, e com testemunhas, nunca pode pelas cavilações della. E nisto faleceo, e ella pario falsamente, e houve a herança pera o filho, neto putativo desse Desembargador. Mas houve nisto tanto depois, té que el-Rei veio a saber a verdade, e feitas diligencias lançou mão de tudo, por não se achar her-

deiro, té o decimo gráo do Desembargador. E vindo a crescer hum moço, por nome André da Silva, se oppoz a causa contra el-Rei, e provou ser parente dentro do decimo gráo, e por fim se lhe julgou a herança: que el-Rei já tinha repartida por muitos, com quem trouxe demanda, e sei isto por ser meu vizinho, e amigo, e me mostrar o feito. E alem destas, sei eu outras historias que vi acontecer, vede que tantas haverá que eu não sei.

Ora tornando á nossa Tareja Longa, em quanto o minino que com ella dormia na cama (cousa que estas muito costumão pera remoçar) foi crescendo, se foi ella fazendo velha e rica. Mas quiz o seu peccado que veio a adoecer a moça mãi do minino, mortalmente, a qual estimulada de sua consciencia, e por já nesse tempo ser falecido seu pai, e quiçais obrigada de seu confessor, declarou tudo aos parentes, e vizinhos, e chamando a justiça, fez diante della a mesma declaração por extenso, o que visto, e tanto que a moça faleceo prenderão logo a velha Tareja, a qual, com medo, confessou tudo, e outras cousas, e a morte do Prior: por onde foi enforcada por sentença, e houve depois grandes demandas sobre estas duas herdades, ou propriedades assi a de Men Joannes, como a de Pero Lobo.

Porém, huma terra que a moça defunta deixava ao minino seu filho, se julgou aos irmãos della, dizendo que assi como por estes enganos, não pudera o minino haver as herdades de Pero Lobo, e Men Joannes, que elles lhe deixavão, cuidando ser seu filho: menos dino era, desta da mãi, por ella ser nobre, e por outros defeitos do testamento. E por isto chamárão dali por diante a esta mesma terra, o outeiro do Mendinho, que ainda hoje lhe dura, como vedes.

E dizião que a Tareja Longa apparecia, passeando por aquelle caminho, que dividia estas fazendas de Men Joannes, e Pero Lobo, por onde ella passava vivendo muitas vezes, com tão máos propositos, traçando tantos enganos, por onde não houve mais quem quizesse passar por este caminho, nem ainda de dia, e foi crescendo a balseira, e silveiras sobre elle de huma banda, e da outra de maneira, que não havia rompel-o hum boi quando ali se metia.

E porque a Tareja Longa viera do lugar da Azinhaga, forão chamando a este caminho assi despovoado, o da azinhaga longa, por não nomear Tareja, pelo aborrecimento com que lhe ficárão, como ainda hoje se chama.

E desta maneira acabárão todos estes, destes máos tratos, cada hum por sua via, e por seu modo, como acontece a quem nelles se deixa envelhecer e perseverar, que quem com o demo anda, chora, e

não canta, de que todos deviamos tomar exemplo, e pedir a Deos nosso Senhor nos livre.

Gal. Ora senhor Crispo, já que té aqui nos viestes entretendo com a historia de Tareja, ou azinhaga longa, agora já assentados, á vista deste nosso Zenzere, e junto desta pedra, que chamão da Fatta, nos dizei por nos fazer mercê, o que della vos parece, pois como já tocastes, não devia ser aqui posta sem causa, pois vemos della mesma, que foi posta, e não naturalmente.

Crisp. Ainda que disso não pude té agora haver certeza, vos direi com tudo, o que se conta, de que vós conjecturai o que melhor vos parecer. E dizem pois, que tão assombrados ficárão todos, os que escapárão da terribilidade da tormenta, e furia da fada, que os pastores desemparárão toda esta região; de tal maneira, que nella se não via pessoa vivente humana. E que a fada vendo isto, por ser aqui a habitação de seu maior gosto, traçou modo com que a tornar a povoar, que fosse com muita vantagem, e que houvesse por aqui muitos lugares, ou villas nobres, que d'antes não havia, qual he esta nossa. Por onde, fazendo publicar certos jogos de lutas, e choca, bailos, danças, e choreias, prometendo pera tudo seus premios acommodados, e que pera estes jogos escolheo o mais ameno e fresco lugar, que por aqui havia, e o defezou de maneira que nunca mais servisse de outra cousa, nem pudesse ser semeado, nem cultivado; que he aquelle campo, e sahida desta nossa villa, que se chama a Deveza, onde dizem plantou certas arvores pera sombra, e recreação nas festas, as quaes crescerão em breve tempo, de maneira, e se fizerão tão frondosas e estendidas, que a sombra de qualquer dellas póde cobrir hum esquadrão de gente, e de quatro ou cinco, hum exercito. E que por isso se chamou este lugar assi a Deveza, ou defeza de Venus, por ella o haver defezado, como vedes lhe dura ainda hoje esse nome, e nella os mesmos exercicios. E o primeiro que a fada quiz se jogasse, foi que huns pastores desafiassem a outros tantos a jogar a choça, que esta primeira vez forão trinta contra trinta, prometendo aos vencedores, que ella os faria vencedores na pretenção de seus amores, com suas damas, pera que ellas os favorecessem, e aceitassem por maridos, e aos vencidos certos carneiros, e outras cousas pera sua consolação. E a estas festas acodirão muitos pastores, e pastoras, e assi muitas nimphas, e cavaleiros andantes, pera nas lutas provarem suas forças, com os mais robustos pastores, á vista de tantas pastoras e nimphas, como acodirão muito louçãs, pera nas danças ganharem outros muitos premios, que se prometerão, que a todas a fada prometia favorecer em seus amores, e casal-as.

E com a continuação destas festas e jogos, que se fazião muitas vezes no anno, se foi pouco a pouco perdendo o medo, e povoando estes campos e valles, de maneira que quasi já não lembravão os damnos passados; e aqui se entretinha Venus, por elles, achando-se pessoalmente em todas estas festas, por onde todos a amavão, e servião, como a cousa a seu parecer divina com muito acatamento, e temor, em tanto que hum dia se quiz provar n'uma luta com hum pastor, que n'outra passada ficara vencedor, e se mostrara nella muito galhardo: e vestida Venus de mancebo, appareceo nesta deveza, e tão bizarra, que levava após si os olhos de todos, sem saberem quem fosse.

E vindo a braços com o contrario, o foi esquentando de maneira, que suado todo pasmava de suas forças. Mas Venus ora fingindo se queria cahir, ora procurando levantar o pastor, forcejando tanto, té que com elle mansamente se deixou vir ao chão pelo não desconsolar, porém vencedora: mas não faltou hum dos cavaleiros andantes, que ali se achavão, que conhecendo nos modos e geitos quem era, disse sorrindo-se, que todos o ouvirão:

Venus se vistio una vez,
En habitos de soldado,
Mas Paris ya parte y juez,
Dixo de vela admirado:

Hermosura confirmada,
Con ningun traje se muda,
Veisla como vence armada?
Pues mejor vence desnuda.

Muitos dos que ali estavão, entenderão logo o remoque, e a mesma Venus vio logo ser conhecida, mas como era gabarem-na por Rainha, ou Deosa da fermosura e dos amores, dissimulou, e passou tudo em riso, e festa; e porque tambem queria mostrar-se muito benigna, pera se perder o medo, e se povoar tudo, que era o que pretendia.

E muitos annos e idades, com sua assistencia durou fazerem-se neste lugar, e deveza, estas festas e jogos (como ainda hoje em dia se fazem, e dura esse costume). Té que se forão mudando os tempos com mudanças nunca vistas no mundo, e se forão por isso desaparecendo do melhor delle, estas e outras taes falsas deidades, por onde a fada receando outro maior, e verdadeiro poder, e vendo chegar-se o tem-

po, no qual os habitadores destes lugares, centro da Lusitania, havião de ir conquistar a partes remotissimas, inda que em pequeno numero, reinos, e imperios grandes, como já o havião feito os seus Troyanos, que sendo quasi o mesmo numero, vierão, rompendo tormentas, e difficuldades, conquistar e fundar esse Imperio Romano, tão soberano e estendido, que ella tanto favorecera, acompanhando-o sempre.

Dessa mesma maneira se determinou acompanhar os seus Lusitanos, e achar-se com elles presente aos feitos de tão heroicos cavaleiros, como havião de ser os que tão grandes cousas emprendessem, na fundação de hum novo imperio, e sustentação delle lá nesse Oriente.

E parecendo-lhe, que n'uma navegação tão longa, tão nova, e tão estupenda, convinha ter-lhes aparelhado hum receptaculo, no meio das aguas, pera recrear taes cavaleiros, em tão comprida viagem á tornada, e não podia isto ser fabrica, se não de pedra muito fixa. E por que tambem ouvia dizer, quão grandes cousas se havião de edificar na mesma Roma, e della pera o mundo todo, sobre huma pedra ainda mais firme, e por remedar a verdade de taes cousas, costume muito usado das falsas deidades, querer remedar a verdadeira, como o diz Luis de Camões, que Bacco fez em Mombaça, dizendo:

Mas em fim por derradeiro,
O falso Deos adora o verdadeiro,

Arrancou do meio dos Petronios, que ella convertera em pedra, huma que fosse do tamanho de duas legoas de comprido, e meia de largo, e muito profunda, de que ficou este vazio, que vemos desta banda a outra que chamão Cabril, e este penhasco assi grande, assentou no meio das agoas do Oceano, pera ali esperar estes cavaleiros da vinda de tão prolixa navegação; onde lhe deu hum muito magnifico, e esplendido banquete, pelos recrear de muitas frutas excelentes, que ainda ali hoje durão, e outros manjares de caças, que a elles parece tudo do ceo, e por isso ordenou tivessem o mesmo pera sempre, cada anno, quando ali viessem (a quem os nossos tirárão o nome de Venus, e chamárão Santa Helena). Com o que ficou este gigante rio Zacor, ou Zenzere tanto metido em baixo, por ficar em vazio o lugar donde tão grande penhasco arrancou, que he mais de meia legoa daqui ao fundo, e outra de largo, com as duas de comprido, que já disse.

E porque logo ao arrancar disserão todos, que era o que havia de caber em tamanho vazio? se chamou o mesmo vazio o Cabril; outros dizem, que das muitas cabras montezas, que por aqui se criavão, e dizem que daqui procedeo a illustre familia dos Cabraes.

E porque não ficasse alta com isto a ribeira, ou rio, em que convertera sua inimiga Peralta, e por não querer, nem ainda ouvir essa palavra alta, abaixando-se o rio Zacor, arrancou hum penedo no lugar onde ella nelle estava, pera que tudo ficasse igualmente baixo, e levou este penedo, como por seu tropheo, lá a esse Oriente, pera onde se passou, e delle se mandou fabricar hum templo, e morada pera si todo de huma, e só esta pedra de admiravel architectura, o qual ainda hoje se lá vê muito inteiro, na ilha de Salsete Taná, junto a Baçaim. Mas tambem já desabitado, ausentando-se ella á vista, e por naquellas partes aparecer a verdadeira adoração; e tudo como digo fez a fada por tropheo de sua victoria, e vingança. E porém no frontespicio desta sua morada, escreveo estas letras:

Aunque me veais en tierra agena,
Allá en la mia tengo una prenda,
Y no la olvidaré, hasta que muera.

As quaes letras, os soldados e cavaleiros Portuguezes, que ainda hoje vem a esta ilha, a ver este templo por sua curiosidade, pola admiravel architectura que tem, sendo todo de huma pedra, com suas capelas e crastas, e cubiculos, e elle de todo deserto, e a mesma ilha despovoada, e com tudo, lhe deixão polas paredes muitas grozas sobre as sobreditas palavras, por serem a seu proposito, por que na verdade, cada qual delles tem em Portugal seus penhores de parentes, e amigos, e outras obrigações, e sempre humas saudades, e desejos vivos de suas patrias.

Porém Venus dizem as escreveo pera mostrar que antes que desta sua habitação partisse deixara huma memoria sua, como por penhor de sua tornada, que he esta pedra que ali vedes, que do nome desta fada se chamou, e chama ainda agora a pedra da Fata, ou da Fada, e dizem a fez á feição da cabeça de hum dos Petronios, que ella converteo em pedra: outros dizem, que por ella ser Deosa da fermosura, e a fada dos Amores, e ser sua divisa, ou armas a larangeira, e a laranja, por ser arvore sempre verde, e de flores de suavissimo cheiro, brancas, e seu fruto amarello, cujo amargo, he aprazivel, tudo propriedades, e attributos dos amantes, os quaes devem ser verdes, e apraziveis, como o são esta arvore, e flores, e que andem palidos, e amarellos, como o fruto, e que o azedo de seus tormentos, e padecer lhe seja gostoso, e aprazivel, qual he o da laranja, aos que tem ardores, ou febres. Por onde dizem lavrou esta pedra, ou memoria, em forma

de laranja, tão semelhante a ella como vedes, e a poz neste lugar, e dizem a encantou de maneira, que nunca mais a puderão dali mover: e já houve pessoas, que por curiosidade, ou levadas de alguma suspeita de thesouro, o intentárão. Como o da estatua da cidade de Pisa em Italia, que estava nas hortas, muito grande, e de pedra marmore, comida de antiquissima, sem se saber quem, ou quando, ou porque ali fora posta a qual tinha estas letras:

KALENDIAS MAII ORIENTE SOLE CAPVT AVREVM HABEBO.

A saber:

N'uma Kalenda de Mayo,
Em algum anno vindouro,
Nacendo do Sol o rayo,
Eu terei cabeça douro.

As quaes palavras, sendo inquiridas de muitos, não acertou algum com ellas, se não hum Agareno, no tempo que aquella parte de Italia foi occupada, e tomada delles em tempo do Imperador Constantino VI, que os chamou pera lhe ajudarem a conquistar Italia, pelos annos 930, que lhe estava rebelada, os quaes se ficárão nas unhas com o que puderão da mesma Italia. O qual Mouro, no primeiro dia do mez de Maio (que isso quer dizer Kalendas, o primeiro dia do mez) attentou onde dava a cabeça da estatua, e cavando ali, achou muito ouro, e dinheiro em grande quantidade.

Gal. Foi muito, senhor Crispo, em tantos annos e idades, como mostra a antiguidade dessa estatua, não acertar alguem a descobrir esse thesouro, se não esses Mouros a quem vós chamais Sarracenos, ou Agarenos. Mas como elles sejão muito dados a feitiçarias, já pode ser, que por ellas lho mostrasse o diabo.

Crisp. Assi seria, ainda que os thesouros do diabo todos se tornão em carvão, que foi huma das grandes merces de Deos, tirar-lhe o poder dar, ou mostrar dinheiro, pelo não seguirem ainda mais gentes perdidas, como esses Mouros. Os quaes alem de feiticeiros, são grandes agoureiros.

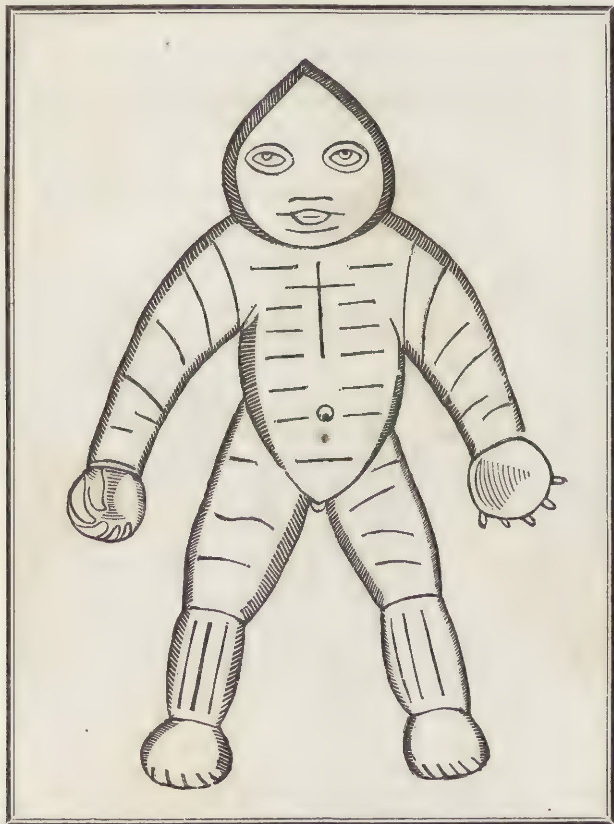
Gal. Tambem os Romanos se levavão muito por agouros, e antes delles, outras muitas gentes, e he isso muito proprio de gente de guerra, que de mui pequenos agouros houve já grandes calamidades, e casos mui desastrados; que tendo Amurates, grão Turco, cercada Croya, que he a principal força da Grecia, sem esperança de a poder entrar, bastou o agouro de cahir hum cão na cisterna daquella fortale-

za, pera só por isso os Gregos se entregarem, como se diz na historia de Escanderbech: sendo assi, que tudo se governa por só a vontade de Deos.

Crisp. Assi he, mas que espantos vos parece farião todos esses, com tantos prodigios, como nestes dous annos 1627 e 1628 se virão em Portugal, que todavia não deixão de dar muito em que cuidar, e que temer? pois vimos muitas vezes a elles, e aos cometas, e seguirem grandes males, como ao del-Rei Sebastião.

Dev. Quiçais por estas cousas nos quer Deos amoestar a emenda de peccados, pera que quando as virmos, o temamos. *Quæ posuit prodigia super terram.* Como se diz no Psalm. 35, e permita o mesmo Senhor se siga a estes, o que se segue no mesmo Psalmo, s. que tire guerras, e dê paz, té o fim da terra.

Gal. Ao menos, estes que aqui vemos, bem espantosos forão: que só da vista do retrato deste minino moveo a mulher do Desembarga-



dor Francisco de Andrade Leitão, hum minino de cinco mezes, e doutras se contão outros taes desastres.

Naceo este minino huma quarta feira, ás duas horas da manhã, em dez dias do mez de Abril, durou vivo quatro dias, mamando, e chorando como minino de maior idade, e todo vestido em huma pelle, de grossura de huma pataca, e dura, com as rayas, e sinaes que se vem no retrato, e por baixo era minino perfeito de rosto, pés, e mãos, e tudo o mais; mas por cima era cuberto, e filho de hum lapidario, que se chama Gaspar da Costa, e sua mulher Anna Manoel, moça de dezoito annos, bem assombrada, e o pai da mesma maneira, moradores ao Arco do Ouro, e tinha os pés, e mãos, olhos, boca, e a cruz do peito, e imbigo, tudo vermelho, e nasceo em Lisboa.

E neste mesmo anno de 628, em 26 de Julho, nascerão estas duas mininas n'um só corpo, no lugar de Chans, huma legoa da Cidade de Leiria, filhas de Domingos Francisco, e Margarida Francisca sua mulher; e forão bautisadas, e se chamão Isabeis, e ha poucos dias erão vivas.

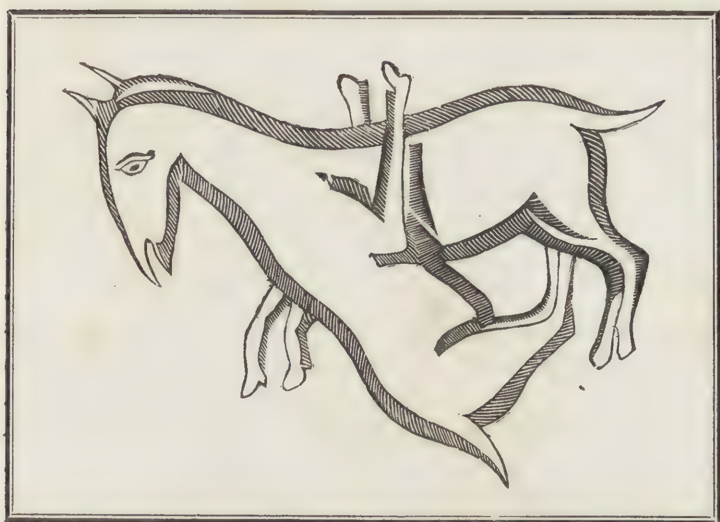


Crisp. Nam já, se ellas forão filhas de Mouros, que em lhe nascendo estes prodigios, ou monstros, os matão logo: e o mesmo fazem aos

cegos, e aleijados, por inuteis, e antes prejudiciaes á Republica, por onde os não ha entre elles.

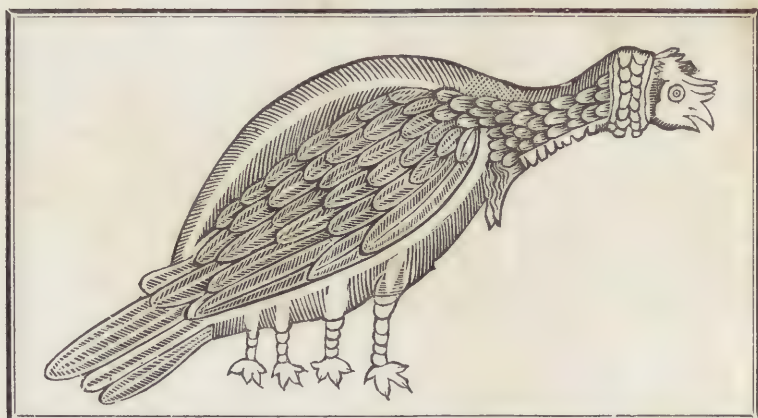
Dev. Fazem elles isso como quem são, contra a charidade; pelo que merecem grande castigo, os que cegão os filhos pera os lançarem a pedir; e os que se cortão membros, e fazem diversas chagas, tudo pola cobiça, e calaçaria do pedir.

Crisp. Pois o mesmo matão os Mouros aos animaes prodigiosos, como forão estas duas burras, que nascerão na villa de Couna, defronte de Lisboa, hum sabbado 26 de Agosto de 628, a huma Maria Dias Penalva, com dous corpos, e huma só cabeça.



E poucos dias ha que eu vi em Lisboa huma vacca com cinco pés, hum delles no fio do lombo direito, pera cima mais de dous palmos, do tamanho, e perfeição dos outros. E na villa de Certam, Priorado do Crato, pario huma mulla outra mulla, a hum Pero Mendes estalajadeiro.

E não sómente houve estes monstruosos prodigios, e outros muitos, em gente, e bestas, mas tambem os vimos nas aves; porque da Pederneira trouxerão a Lisboa este pyrú, ha poucos dias, que eu vi, com quatro pés.



E no lugar do Nesperal, termo da mesma villa da Certam, em Agosto de 628, nasceo huma ninhado de pintãos, que ao outro dia se investirão huns aos outros, e se picárão nos olhos de maneira, que todos morrerão.

E prodigioso parece foi hum passaro, que tem o Duque de Bragança, por nunca se ver outro tal neste nosso hemispherio, o qual se tomou no anno de 1626, e he tamanho como hum grande pyrú, e tem a cabeça como de borrego, com lãa, e o bico, ou boca, com duas ordens de dentes. E de aza a aza tem mais de treze palmos, e as pennas dellas, postas por tal ordem, que entre penna e penna tem hum capelo como de frade, e as pennas do rabo, são como juncos marinhos, e tres dellas com unhas. Os pés tem unhas como de leão, e correndo-lhe a mão pelo peito (que o tem descuberto, como de gente) cheira a algalea. Comerá cada dia huma cabra. A côr he pardo escuro. As pennas do pescoço, do meio pera o corpo louras, e compridas, e do meio pera a cabeça, tudo lãa. E estando só, que o não veja gente, canta muito sentido, e saudoso.

Apareceo em Alemtejo, n'uma herdade de Luis Lopes Lobo, pondo-se n'uma azinheira, vindo com grande estrondo das azas, ao pé da qual estava o seu feitor, que ficou admirado, porém, levantando-se, lhe disparou huma espingarda que tinha, e deu n'uma aza, e cahindo, remetia a elle, e com tudo o tomou, e trouxe ao Duque, e deveo temer, por ver huma cousa tão estranha, com tamanhas azas, e estrondo, e parece devia vir lá dessa Africa, ou Arabia. Porque a mi me contárão Mouros em Fez havia lá pelo interior passaros que levavão nas

unhas huma cabra, e hum bezerro: e ainda que os Mouros são muito mentirosos, eu vi pennas de tres palmos, vermelhas, e vi emas, passaros tão grandes, que chegão com o bico por essas janellas, cujos ovos vemos nas lampadas. Por onde devem ter grande força nas azas pera levantar grandes pezos, como a tem as dos moinhos de vento, porque em Lisboa, andando hum jumento perto de hum, onde levava trigo, e pascendo, se foi chegando onde huma aza do moinho o alcançou, e levou no ar, como se fora huma palha, onde o pobre capitão se vio no cume da roda de sua fortuna, levantado mais que nenhum outro de sua geração, e della n'um momento cahir precipitado em pedaços, como aconteceo a muitos, e vimos alguns nestes nossos dias.

DIALOGO VIGESIMO

Continua-se o Dialogo atraz, e origem da familia de Leitões, com hum catalogo dos varões della. Morte de Sertorio. Cerco do castello da Certam, admiraveis feitos de Celinda, e Olmida, victoria desse castello, e fundação delle, e armas dessa villa, e dos varões illustres que de si tem dado. Com hum romance no cabo, de seus feitos e louvores.

GALACIO.—CRISPO.—DEVOTO.

Gal. Se eu entendera, senhor Crispo, que o que dissestes desta pedra, podia dar indicio algum, ou suspeita de thesouro, como esta estatua de Pisa, nada me houvera a mi de remover, pera deixar de remover a ella, e esquadrinhar muito bem, pois (como já vos disse) sou affeiçoado a dinheiro e thesouros, e desejo muito encontrar com algum: mas cuido seria aqui posta por outro algum respeito, e por ter isso por fabula, o deixo de fazer.

Crisp. Nem eu vos vendo isto que vos digo, por cousa certa; antes o tenho tambem por fabula; como tambem o que outros dizem desta pedra, s. que Venus a poz aqui pera baliza, e memoria do lugar, que lá bem em baixo fabricou, ao longo deste nosso rio Zenzere, onde quiz esconder hum minino filho de Catão Uticense nas revoltas das guerras civis, quando.

Al tiempo que andava el mundo
Babaleando de miedo,
Sobre que hombros caeria,
De Cesar, o de Pompeyo.
Que dos aguilas Romanas,
Se desgarraron los pechos,
Y fue tan estrecho el mundo,
Que dos en el no cupieron.
Aquel magnifico Bruto,
Solo quiso en tanto estruendo
Ser un peñasco immovible,
A tantas olas y vientos.
A las puertas de su tio
Caton, rompiendo el silencio,
Tales razones consulta,
Con el venerable viejo:
Caton, pues as sido solo
El sagrado destos tiempos,

A do la virtud se acoge,
Guiame, que estoy perplexo.
  Que aunque veyo hombres y dioses
Ir tras Cesar y Pompeyo
Bruto determina de ir
A solo Caton siguiendo.
  Tu que siempre as sido Olympo
Livre de rayos y truenos,
Queras ser agora Atlante,
Y tenerte el mundo en peso.
  Sin estorvo de tu Marcia,
Coluna, y honor destos tiempos,
Y de matronas Romanas,
Limpio puro, y claro espejo.
  Que en las olas destos mares
Pondra su fuerça en tus remos,
Caton, mira por tu Roma,
Toma en la mano su freno.
  Esto te dize el Senado,
Y el Pueblo Romano esto.

Conta-se, pois, n'uns pedaços de papeis antigos, que achei do Escolar: Que deste Catão (que chamárão depois Uticense por differença de outros Catões, por elle se matar em Utica, cidade de Africa, vendo de todo prostrada, sem remedio a Republica, e liberdade romana, que elle emparava, polas vitorias de Cesar, e morte de Pompeyo) dizem houve por aqui grande descendencia e geração. Por quanto Catão se havia tornado a casar com aquella grande matrona romana Marcia Porcia, por seus altos merecimentos e sangue, sendo ella tanto no estremo honesta, e grave, quanto formosa e prudente. A qual sendo muito moça, fora já casada com o mesmo Catão, a quem pario tres filhos em pouco tempo, e por sua muita fecundidade foi dada por mulher a Hortencio, por consentimento do mesmo Catão, pera della poder haver filhos, em quem perpetuar sua descendencia, e desterrar a esterilidade de sua casa, e ajuntar duas familias com hum só seu sangue, como fez, que depois de dar a Hortencio filhos, e geração, e elle falecer, se tornou a Catão seu primeiro marido, já esquecido de casar, dizendo entre outras, aquellas memoraveis palavras que conta Lucano, s. que permitisse, que ao menos pudesse ella deixar de si esta memoria em sua sepultura, poder chamar-se nella *Marcia Catonis.*

Sepultura de Marcia, mulher de Catão. Palavras com que o acabou de render, e se effeituou outra vez o casamento com elle: o que foi quasi nos principios dos tumultos, e guerras de Cesar com Pompeyo.

E havendo delle hum filho (do qual ao tempo da ida de Catão acompanhando o Senado áquellas guerras, ficou prenhe em Roma) o escondeo depois Marcia, vendo tudo tão mal parado, e o fez prudentissimamente, e com grande artificio, por não vir a poder de Cesar, seu mortal inimigo. O qual fez muitas diligencias pelo haver á mão, pera se não poder levantar desta faisca algum grande incendio. Mas entendendo Marcia, como o tempo tudo descobre, e que aos Principes, e Monarchas, nada pode estar encuberto, mandou este minino a Hespanha, com todo o segredo a Sexto, e Gneo Pompeyos, filhos do grande Pompeyo, que nella andavão tão victoriosos, e puxantes, que em Roma se veio a temer, e ainda a ter por certo haverem elles de restaurar a mesma Roma em sua liberdade, e a si mesmos em seu primeiro estado.

Mas durou-lhes muito pouco este gosto, e esperanças, fazendo-as murchar a muita diligencia, valentia, e ventura de Cesar, o qual como hum raio se veio a elles, e os venceo, e acabou de todo em diversas batalhas, e a principal foi a de Munda, junto á cidade de Ronda, onde foi morto Gneo Pompeyo. O que sabendo seu irmão Sexto Pompeyo em Cordova, onde estava, e desconfiando das forças, que em Cordova tinha, se meteo pola Lusitania, e constrangido de seu inimigo, largou a terra, e no mar se fez marinheiro, por não ser conhecido, e entregue ao vencedor. Porém dando-se depois a conhecer aos que pode ajuntar, se tornou em Cicilia a refazer com grande poder: mas em fim depois de varios trances, foi vencido pelos de Octaviano Cesar, escapando mal ferido, e escondendo-se, foi malsinado, e querendo-se defender dos que o querião prender, ou matar, dizem, se embaraçou n'umas cordas, de maneira que não podia ser senhor de si, e querendo-lhas cortar hum amigo, com hum machado, lhe cortou o pé, e ali foi morto pelos de Marco Antonio, e com elle as esperanças dos que seguião as partes de Pompeyo.

E como este minino, filho de Catão, e Marcia andava em sua protecção, quando em Cordova veio a nova do desbarato, e morte de Gneo Pompeyo, onde o minino estava, logo dali os que o tinhão a cargo se sumirão com elle, e se meterão pelo mais desabitado da Lusitania, e guiado de Venus, veio ter a este logar onde estamos, e porque o minino foi muito buscado sem ficar algum, e com premios, e medo, era certo não poder escapar. Venus por tanto lhe ordenou, e fabricou

aqui bem em baixo ao longo deste rio huma muito escondida, e segura habitação, onde hoje vemos hum plano pequeno, quanto bastou a sua estancia, muito sadio e abrigado, e tal, que de nenhuma maneira podesse ser visto de nenhuma parte, nem achado, por mais diligencias que os de Cesar fizessem. E aqui lhe plantou arvores de frutas excellentes pera sua sustentação, e recreação, e de tal maneira cerrou o lugar, que por nenhuma via se pudesse entrar nelle, e só deixou hum canal, que he aquelle caminho tão estreito que ali vedes, tão dependurado, que he necessario ir apegando-se aos penedos, e matos, ou cordas. E porque a estes caminhos assi estreitos, e pendurados, chamavão então na sua lingoa latina callis, vierão a chamar a este quelha, e porque ia, e vinha onde estivera Cato, disserão quelha de Cato, e agora quelha do Gato.

Dev. Não vos ouvi té agora, senhor Crispo, dizer o nome, ou como se chamava este minino, que ainda nessa conjunção devia ser mui minino, segundo o tempo em que foi o casamento dos pais, que diz este Lucano, que foi no começo, ou quasi dessas guerras civis de Romanos, e vós o confessais; as quaes, por durarem pouco tempo, té se acabarem com a morte desses Pompeyos, parece não podia este minino nesse tempo ser de seis annos, e de menos, segundo fosse o tempo que houve do casamento té o rompimento das guerras.

Crisp. O nome do minino, que como dizeis, devia ser mui minino se me ia escapando, e nisso vejo vos devia dar alguma sombra de seus longes, pois dizem foi o cepo, e tronco velho de vossos antepassados Leitões.

Dev. E bem passados, pois devo ter com elle o parentesco, que com Adam, e com Noé.

Crisp. Seja elle qual for, o que se diz he, que este minino se chamava Porcio Cato, tomando o Porcio da mãi, que era da familia dos Porcios, prima, ou irmãa de Porcia, mulher de Marco Bruto, principal agressor da morte de Julio Cesar (o que fez pola liberdade da patria, pola qual trabalhou tanto, té que em fim se veio a matar, quando não pode mais, e o mesmo sua mulher Porcia, sabendo da morte de seu marido.) E o Cato do pai Catão, tio desse mesmo Bruto: e por sinal, dizem que delle se chamou aquelle caminho que ali vedes, callis de Cato, como já vos disse que os nomes proprios escrevião os latinos com c por g; como Cayo, pronunciavão Gayo, e outros, e assi deste Cato, disserão Gato, o que achei nos papeis antigos, que vos disse. E que pera balisa, e sinal onde começava este caminho, ou callis, que Venus (que devia ser alguma feiticeira, ou maga desse nome)

queria muito occulto, puzera esta pedra aqui, pera quando algum dos de Cato quizesse ver, ou falar a este minino, em quanto foi crescendo e durárão os receios. A qual pedra, por esta fada a pôr, se chamou da Fata, nome que inda hoje lhe dura, como vos já disse.

E foi este minino aqui crescendo, e criando-se em grande fermosura, e forças por ordem desta fada, ou maga, do qual dizem houve depois por esta região, grande geração, e descendencia, que Venus sempre favoreceo, dotando seus descendentes de fermosura, e partes, especialmente, as mulheres, que inda hoje ha Leitoas lindissimas. E que os descendentes deste Porcio Cato, se chamárão Porcellos, que he o mesmo que Leitões, escondendo o nome de Cato, com receio dos Cesares inimigos capitaes deste appellido, pelo que a elle não chamavão senão o Porcello.

E que destes Porcellos Leitões procedeo aquelle grande Diogo Porcellus, ou Leitão, Conde de Castella, do qual descendem direitamente os Reis de Castella, e que desta sua casa de Castella, he este seu direito appellido, nesse seu Condado, e morgado de Castella, que depois veio a ser Reino, pela via que he notoria, por quanto todos os mais Reinos, e senhorios desta grande Monarquia, são herdados, e adquiridos.

E deste mesmo Diogo Porcellus descenderão os Infantes de Lara, e os da casa de Lara, e outros principalissimos de Hespanha. E desse appellido, grandes varões, principalmente na Lusitania, que he este nosso Portugal, por via de seu neto Nuno Rasura, filho de sua filha Dona Sula: e Diogo Porcellus povoou Burgos, anno 884.

E dizem mais, e se diz nos ditos papeis, que quando Venus tomou nas mãos este minino Porcio Cato, e o escondeo neste lugar, o cingio com huma faixa vermelha, que se tirou a si mesma, e lhe deu com ella tres voltas, dizendo, por ser gordinho, e alvinho muito, que bem parecia Porcello, ou Leitão, em fim, filho de Porcia; e na memoria disso ficárão aos Leitões Porcellos (quero dizer verdadeiros Leitões, que são estes vossos) por armas esta faixa de Venus vermelha, com as mesmas tres voltas no escudo, em campo de prata branco, pola alvura do minino Porcio Cato, como Venus lh'as deu.

Porém, deixando fabulas, o certo he, que achando-se hum dos desta familia, que então se chamavão de Porcel e trazião por armas hum javali ao pé de huma arvore, com huma Cruz vermelha em cima, como a da ordem de Avis, por haverem procedido de terra de Vascos, onde o filho pequeno do javali, na sua lingua chamão Porcel, os quaes trazião primeiro por armas, huma cabeça de javali negra em

campo de ouro. E achando-se como digo, hum destes Leitões de Porcel, de que descendeo o Conde Diogo Porcellus, Conde de Castella, n'uma batalha contra Mouros, no principio da restauração de Hespanha, e sendo nella ferido de huma lançada na barriga, por onde lhe sahirão as tripas, e indo os nossos de vencida, o que vendo, se fez apertar a ferida, e cingir com huma toalha, ou faixa, com tres voltas, e se tornou desta maneira meter-se no mais perigoso da batalha, onde como desesperado da vida, fazia feitos desesperados e admiraveis, com o que animados os nossos, com a presença de seu capitão, se venceo a batalha: e sarando elle, como por milagre, se lhe derão por armas a mesma faixa, com tres voltas no escudo, como forão as com que se cingio, vermelhas, qual ella ficou do muito sangue das feridas, em campo branco de prata, por elle trazer o escudo em branco, como então costumavão os cavaleiros de grandes espiritos, pera nelle porem as armas, conforme a algum feito notavel, que fizessem, como se diz nos livros de Nobreza de Castela, e o refere Gracia Dei, Rei de Armas: e Rades D'andrade, e Gonçalo Argote de Molina, no livro de Nobreza de Andaluzia, folhas 9 e 306.

E dizem mais, que no reino de Jaem, n'uma villa notavel, chamada Obulco, em tempo de Romanos, a qual foi presidio, e assento da Ordem de Calatrava, havia inda muitos fidalgos, e cavaleiros por todo o reino deste appelido do Porcel.

ARMAS DE LEITÕES.



E por nesta villa haver parido huma porca trinta leitões, se veio a chamar, e chama hoje Porcuna, onde na Capella mór de Ubeda (que he de Bernal Porcel, valeroso cavaleiro contra Mouros) tem seu estendarte, ainda de huma grande batalha, que venceo o anno de 1420 huma terça feira, contra Mouros de Granada, sobre a queima de certos pinhaes, e hervagens; e se achão naquella villa muitos letreiros de tempo de Romanos, de nomes de Porcios, de quem descendem estes

de Porcel, porque tambem foi colonia de Romanos, e diz Ambrosio de Morales, que estão em São Bento estes letreiros:

L. PORTIVS. L. F. GALERIA. STILO.
OBVLCONENSIS. AN. LXX. ÆDI-
LIS. II. VIR. DESIGNATVS.
P. I. S. H. S. E. S. T. T. L.

A saber: Aqui jaz Lucio Porcio Stilo, filho de Lucio da Tribu Galeria natural de Obulco, que foi fiel executor, e esteve eleito pera ser hum dos dois do governo della: viveo setenta annos.

E outra pedra diz:

M. PORTIVS. P.
HEREDIBVS. MANDO ETIAM CINE-
RE. VT. M.
VOLITET. MEVS. HEBRIVS. PAPILIO. IP-
SA. OSSA. TEGANT. ET. SI. QVIS TITV-
LVM. AD. MEI. NOMINIS. ASTITERIT.
DICAT. AVIDVS. IGNIS. QVOD. COR-
PORE. RESOLVTO. SE. VERTIT. IN. FA.

Pedra de Marco Porcio, consagrada aos Deoses dos defuntos. Mando tambem a meus herdeiros, que cubrão meus ossos, porque minhas reliquias feitas cinza, não nas voe o vento, como a mosquito bebado. E o que ler este titulo, não diga, que o fogo sofrego consumio o corpo, e o converteo em faulhas.

Outra pedra diz assim:

C. CORNELIVS. C. F. C. N. GAL.
CÆSO. ÆD. FLAMEN. II. VIR. MV-
NICIPII. PONTIF. C. CORNEL.
CAESO. F. SACERDOS. GENT.
MVNICIPII. SCROFAM. CVM.
PORCIS. TRIGINTA. IMPENSA.
IPSORVM.
D. D.

Gayo Cornelio Ceso, foi filho de Gayo, e neto de Gayo, da tribu Galeria, Edil, e Sacerdote, e hum dos do governo do municipio Ponti-

ficense. Gayo Cornelio Ceso, filho deste, que por linhagem, e descendencia, era Sacerdote publico do mesmo lugar, á custa publica, ou dinheiro do concelho, fez sacrificio, e depois poz a estatua de huma porca, com trinta leitões que pario, etc.

E porque esta villa de Porcuna, que d'antes se chamava dos hespanhoes antigos Obulco: quando veio a ser colonia dos Romanos, elles lhe chamarão Pontificense, assi lho chama este letreiro: e porque Augusto Cesar se jactava descender de Eneas, o qual teve reposta do Oraculo e tomou por sinal, e bom agouro, o lugar onde achasse huma grande porca branca parida, com trinta leitões brancos, pera fundar Roma, os deste lugar de Porcuna pelo adularem, e por tambem aqui parir outra porca, outros trinta leitões, como disse, puserão esta estatua desta maneira, como a do lugar, onde se fundou Roma, que diz Virgilio no lib. 8 de sua Eneida, cuja lingoagem he o mesmo que dizemos acima.

Litorcis ingens inventa sub ilicibus sus,
Triginta capitum fœtus enixa jacebit,
Alba solo recubans, albi circum ubera nati
Hic locus urbis erit, requies ea certa laborum.

Pelo que esta nobre villa se veio a chamar Porcuna, e por nella, que a governavão haver tantos deste appellido de Porcel, e tantos Porcios, de quem elles descendião e agora Leitões.

Destes Porcios, e Porcellos, ou de Porcel antigos, procederão vossos antepassados Leitões, té Dom Estevão Gonçalves Leitão, Mestre da Ordem de Christo, o qual segundo o catalogo dos Mestres da dita Ordem, que está no convento de Thomar, e se vê na Torre do Tombo, foi o quarto Mestre della, e o foi nove annos té que faleceo no de 1344, reinando el-Rei Dom Affonso IV: o qual succedeo a seu irmão Dom Martim Gonçalves Leitão, que foi mui valeroso Capitão, vencedor de muitas batalhas contra Mouros, que foi o terceiro Mestre da dita Ordem, té que faleceo no anno de 1335, em que lhe succedeo o dito seu irmão Dom Estevão Gonçalves Leitão, como o reza o dito catalogo, e se acha nas memorias, e escrituras antigas da Torre do Tombo, onde se acha como o dito Dom Estevão Gonçalves Leitão, fora primeiro Mestre de Avis, o qual diz Duarte Nunes de Leão, na sua Chronica dos Reis de Portugal, e se lê em outras, que se achou com el-Rei Dom Affonso o IV, que chamarão o Bravo, naquella memoravel batalha do Salado, onde com el-Rei de Castella Dom Affonso XI, seu genro ven-

cerão o Miramolim de Marrocos, e a el-Rei de Granada, com morte de inumeravel multidão de Mouros, onde este Dom Estevão Gonçalves Leitão fizera feitos notabilissimos com os cavaleiros, que comsigo levava da sua Ordem de Avis, sendo ainda então mestre della.

A qual batalha foi no anno 1340, huma segunda feira, 28 de Outubro, e o numero dos Mouros mortos foi tão excessivo, que o não ouso a dizer, porque ha quem escreve, que forão quatrocentos e cincoenta mil.

Outros dizem que foi em 30 de Outubró, e que os mortos forão duzentos mil, segundo a Chronica do mesmo Rei XI de Castella, e o mesmo diz Çurita, c. 53, e se lê na Historia de Santiago, o que he mais verosimil, e todos dizem, que vinha naquella batalha toda Berberia, como a preito (a seu parecer vencido) povoar outra vez Hespanha que havião já por ganhada.

E por falecimento do dito Martim Gonçalves Leitão, Mestre da Ordem de Christo, melhorárão com esse mestrado a este seu irmão Dom Estevão Gonçalves Leitão, sendo Mestre de Avis. O que a mi parece mui conforme com huma certidão, que dos livros da nobreza de Portugal antigos, e modernos, que estão na Torre do Tombo, me passou o Desembargador Luis Ferreira de Azevedo, guarda mór da dita Torre do Tombo, pessoa de grande authoridade, e unico, na materia de linhagens: e vol-a quero referir lembrando-me o que se diz na santa leitura, no cap. 44 do Ecclesiastico: *Laudemus viros gloriosos, et parentes nostros in generatione sua.* A saber: louvemos nossos pais, e parentes gloriosos em sua geração: por onde seja-me licito falar nos meus.

«O Doutor Luis Ferreira de Azevedo, do Desembargo de Sua Magestade, e guarda mór da Torre do Tombo. Certefico pelo juramento de meu cargo. Que a linhagem dos Leitões he muito antiga, do tempo dos primeiros Reis deste reino, e que de Martim Leitão de Lodares, que foi hum fidalgo muito honrado, em tempo del-Rei D Sancho I, e sua mulher Dona Tareja Roiz Duroa, filha de Dom Ruy Dias Durão, neta de Diogo Gonçalves Durão, que matárão os Mouros diante del-Rey Dom Affonso Henriques, na batalha de Campo de Ourique, e de sua mulher Dona Orraca Mendes de Bragança, irmãa de Dom Fernão Mendes de Bragança o Bravo, que foi genro do dito Rei Dom Affonso Henriques; nascêrão do dito Martim Leitão de Lodares, e da dita sua mulher Dona Tareja, Gonçalo Leitão, Ruy Leitão, Pero Leitão, padre de...... Leitão Gordo.

E do dito Gonçalo Leitão, e sua mulher Dona Maria Estevens Fal-

cocheira, nascerão Dom Martim Gonçalves Leitão, e Dom Estevão Gonçalves Leitão, que forão muito valerosos heroes, dinos de grande memoria, e ambos Mestres da Ordem de Christo, em tempo del-Rei Dom Diniz, e del-Rei Dom Affonso IV o Bravo, e o dito Dom Estevão Gonçalves Leitão se achou com elle na memoravel batalha do Salado.

E do dito Dom Estevão Gonçalves Leitão, nasceo Estevão Leitão, do qual, e de sua mulher Dona Enes, filha do Mestre de Santiago, Dom Mem Rodrigues de Vasconcellos, nasceo Galiote Leitão, que el-Rei Dom Affonso IV casou na sua quinta de Otta, termo da villa de Alemquer, com Dona Lianor de Eça sua parenta dentro no quarto grao. E nasceo mais Vasco Martins Leitão, Alcaide mór de Santarem, e senhor da Villa de Albufeira, e de outros herdamentos. O qual se achou na memoravel batalha de Aljubarrota, com el-Rei Dom João I, que nella o armou cavaleiro, segundo diz Ruy de Pina, guarda mór da Torre do Tombo na sua Chronica. O qual sendo preso na batalha naval de Belem, e levado a el-Rei de Castella, que estava em Restelo (agora Belem) com a Rainha Dona Britis sua mulher, a qual em o vendo: Santa Maria, cá sodes vós Vasco Martins! E elle: Si senhora, á mercê de Deos, e vossa: e foi pera lhe beijar a mão[1]. Mas el-Rei: Agora lhe beija a mão, vindo com lança em punho contra sua senhora, e contra direito, merecieis que vol-a cortassem. Porém elle: Não vol-o dizem a vós assi, senão que britastes os concertos, e perdestes o direito do Reino, e nós fazemos o que devemos em defender nossa terra, de quem assi nol-a quer tomar. Ao que os grandes que ahi estavão: Tomade lá, bem vol-o diziamos nós, senhor, antes que começasseis este feito.

E deste Vasco Martins Leitão, neto do Mestre de Christo, nascerão Alvaro Leitão (de que não sabemos geração, mais que ajudar elle muito a seu padre, tendo a voz del-Rei Dom João, a quem fizerão ambos pai, e filho muito notaveis serviços, pelos quaes o dito Rei lhe fez as ditas mercês). E nasceo mais Ruy Vaz Leitão, e Lianor Leitoa, mulher de João Lopes de Azevedo, senhor de Boluto e S. João de Rey, e de outras terras, e nasceo mais Enes Leitoa, mulher de Gonçalo Lourenço de Gumides, senhor de Villa verde, visavô do grande Affonso de Albuquerque.

E de Ruy Vaz Leitão, bisneto do mestre de Christo, e filho do dito Vasco Martins Leitão o primeiro, e de sua mulher Lianor Ferreira, filha de Estevão Ferreira, nasceo Martim Leitão, que casou com Briolanja de Goes, filha de Gonçalo Borges, neta de Gonçalo Gonçalves

[1] Chronica del-Rei Dom João I, cap. 87.

Borges, e de huma filha de Pero Vaz de Pedralcada, filho de outro Pero Vaz de Pedralcada, escrivão da puridade del-Rei Dom Pedro de Portugal, e muito seu aceito.

E do dito Martim Leitão, tresneto do Mestre de Christo, e filho de Ruy Vaz Leitão, e da dita sua mulher, nasceo Vasco Martins Leitão, o segundo, que casou com Dona Britis de Sousa, filha de Fernão Rodrigues de Sousa, aio do Infante Dom Fernando (que morreo em Fez) e de Dona Geronyma de Brito sua mulher.

E do dito Vasco Martins Leitão, segundo, e quarto neto do Mestre de Christo, nascerão Vasco Martins Leitão, terceiro, e Manuel Leitão, e João Rodrigues Leitão.

E de João Rodrigues Leitão, quinto neto do Mestre de Christo, filho do dito Vasco Martins Leitão, segundo, que casou com Barbara Taveira, filho de Diogo Taveira e de sua mulher Catherina Anriques, nasceo Gomes Leitão Taveira.

E Gomes Leitão Taveira, sexto neto do Mestre de Christo, filho do dito João Rodrigues Leitão, casou com Cecilia Thomas, filha de Manoel Thomas preceitor dos Infantes, filhos del-Rei Dom Manoel, e teve della Estevão Leitão, e outros filhos muitos, e filhas, de que ha grande geração, e muitos fidalgos por todo o reino, e em Lisboa.

E de Estevão Leitão, setimo neto do Mestre de Christo, filho do dito Gomes Leitão Taveira, e sua mulher, nasceo Antonio Gonçalves Leitão, o das forças, que foi oitavo neto do Mestre de Christo, o qual faleceo na villa da Certam. Visavô de Miguel Leitão de Andrada, commendador da ordem de Christo, que hoje vive, e he morador nesta cidade de Lisboa, e meu vizinho, O que tudo sei pelo livro das Linhagens, e Chronicas, e outros documentos authenticos, e por me ser pedida a presente certidão, pelo dito Miguel Leitão de Andrada, a passei, em Lisboa, aos 18 dias do mez de Março de 1602 annos. = *Luis Ferreira de Azevedo.*»

Gal. Notorio he, senhor Crispo, principalmente aos que tem noticia de Chronicas, ser muito antiga, e nobre esta geração de Leitões, ainda que o não affirmara com juramento essa certidão. Porém, parece houvera de declarar nella por diante, desde esse Antonio Gonçalves Leitão, o das forças, que diz ser vosso visavô.

Crisp. Não faria essa declaração porque erão então vivos muitos desse tempo, que os conhecião, e porque elle não tratou, se não dos que achou nos livros de nobreza, e chronicas, mas eu vos direi os que conheci.

Antonio Gonçalves Leitão, o das forças, teve de sua mulher, Diogo Leitão, commendador da ordem de Santiago, que casou com Isabel

de Andrada, e teve mais Christovão Leitão, Violante Leitoa, e Paulina Leitoa, e outra filha, e do dito Diogo Leitão, e Isabel de Andrade sua mulher nasceo Miguel Leitão, que casou com Lianor Carvalha, sobrinha de João Carvalhinho grande aceito a el-Rei Dom João III, de quem ha filhos, George Leitão, e outros muitos, e netos, e nasceo Rafael Leitão de Andrade.

E de Rafael Leitão, e sua mulher Anna Correa, Luis Leitão Correa de Andrade, que hoje vive na villa do Pedrogão Grande casado com Innocencia Caldeira de Brito, filha de Gabriel Caldeira, e sobrinha de Vicente Caldeira de Brito, desembargador do Paço, o qual Luis Leitão he Padroeiro do convento de Nossa Senhora da Luz da dita villa.

E de Violante Leitoa, filha do dito Antonio Gonçalves Leitão, e de seu marido João Madeirão, que foi vassallo del-Rei, e seu capitão valeroso, nasceo Catherina Leitoa, que casou com Belchior de Andrada, que viverão, e falecerão na villa do Pedrogão Grande, e teve d'outro marido outros filhos, e filhas, de que ha grande geração.

E da dita Catherina Leitoa, e Belchior de Andrada seu marido, nasceo Miguel Leitão de Andrada, commendador da Ordem de Christo, que hoje vive morador em Lisboa, e nasceo Pero de Andrade, e outros muitos filhos, e filhas, s. Antonia de Andrade, mãi de Francisco d'Andrada Leitão, desembargador dos agravos da Relação.

E do dito Pero de Andrada, filho da dita Catherina Leitoa, e seu marido, nasceo, e de sua mulher, Agostinho de Andrada, e Bernardo de Andrada, e outros.

E do dito Agostinho de Andrada, nasceo Miguel de Andrada, que hoje vive, e Diogo de Andrada de Magalhães, e outros.

E do dito Antonio Gonçalves, o das forças, nasceo tambem Christovão Leitão, tambem de muitas forças, e não menor esforço, por cujos grandes feitos, chamárão o grande Christovão Leitão, o qual em Arzilla, estando cercada de Mouros, e quasi entrada, se meteo nella com o soccorro pelo meio delles, e a salvou, pelo que el-Rei Dom João lhe acrescentou a suas armas o castello de Arzilla, e o fez coronel deste reino, e que se chamasse Christovão Leitão Coronel, e lhe acrescentou mais moradia no seu foro de fidalgo, com outras mercês, que constão do livro dellas, e pelos feitos de Italia que fez á Igreja, lhe fez o Papa muitas mercês, e que pudesse entrar com sua mulher, e seis criadas em todos os mosteiros de freiras de Portugal, seis vezes cada anno, e communicar esta graça a outras seis pessoas, e eu tenho a Bulla disso, e o escusa do rezar pola obrigação do habito de Christo, porque era elle commendador de Janeiro.

Porém deste Christovão Leitão, ficou hum só filho natural do mesmo nome, o qual por falecer sem filhos, na cidade do Porto, deixou a estranhos a sua quinta, e lugar de Gaya, meia legoa dessa Cidade, que era patrimonio de seu pai, não sem alguma nota de tirar isso aos seus, por ser esse lugar, de cujo nome se derivou o de Portugal.

E Paulina Leitoa, filha do acima dito, Antonio Gonçalves Leitão, o das forças, foi a que fundou de seu dote (ficando viuva rica e moça) o mosteiro de Figueiró, de freiras, como atrás fica dito.

E da outra filha do dito Antonio Gonçalves Leitão, o das forças, naceo Christovão Leitão, que casou com Joanna Caldeira, filha de Christovão Caldeira, alcaide mór da villa da Certam, e outros filhos.

E de Christovão Leitão, e sua mulher, naceo Ruy Leitão, e Christovão Leitão, ambos commendadores da Ordem de Christo, hum morador na villa da Arruda, outro em Santarem, e naceo Manoel Leitão, que faleceo cativo em Fez, e Nuno Leitão, que casou com Isabel de Andrada do Pedrogão, e Vicente Caldeira, que casou na Certam com Auta de Moraes, e outros filhos.

E de Nuno Leitão, e Isabel de Andrade, naceo Violante Leitoa, que casou na villa da Certam com Christovão da Motta, da qual naceo Maria de Andrade, mãi de Belchior de Andrade, que hoje vive em Lisboa, secretario dos filhamentos do Mordomo mór, e nacerão outros filhos.

E de Vicente Caldeira, e Auta de Moraes sua mulher naceo Francisco Caldeira, que seguio as partes do senhor Dom Antonio, que se fez Rei, e foi seu embaixador, e da Rainha de Inglaterra, em Constantinopla, e faleceo na India. E naceo Gabriel Caldeira que hoje vive, e naceo Dom Vicente Caldeira de Brito, desembargador do Paço, casado com Dona Helena de Mello, cujo filho natural he Geronymo de Brito Caldeira, ambos fidalgos de Sua Magestade.

Tudo isto, quanto a este ramo; porque de outros, e collateraes he esta geração tão fertil, que seria processo infinito tratar delles, entre os quaes houve varões insignes, e tambem donas de preço, porque alem de Britis Leitoa, que fundou o Mosteiro de Jesus de Aveiro, e de Paulina Leitoa, que fundou o de Figueiró, tirou á luz agora a senhora Dona Bernarda de la Cerda, tambem Leitoa, filha de Ignacio Ferreira Leitão, chanceller mór, hum livro em verso heroico, e oitava rima, cujo titulo he Hespanha Libertada, obra certo excellente, e tal, que se não sabe outra de mulher, que possa ser sua comparação, e alem de outras obras, huma comedia de Santo Estacio, a quem ella chama, el Caçador del Cielo, devotissima, e de bellos conceitos, de Sonetos, e versos. E cada dia esperamos a segunda parte da sua Hespanha Li-

bertada (de que eu vi alguma parte) a qual acabada, deve ser muito pera ler. Por esta senhora, alem dos muitos dotes pessoaes, de que he dotada, o ser tambem de huma rara sutilesa de engenho, e felicissima memoria, com huma curiosidade grande de se applicar a ler livros honestos, e cousas curiosas, em que passa antes o tempo.

Gal. Já que senhor Crispo, nos dais razão de cousas tão particulares e miudas, folgara saber o porque chamando-se estes Mestres de Christo e Avis, e alguns outros antepassados, homens e mulheres de Dom, como outros delles, e de seus descendentes, se não chamão assi?

Crisp. No tempo destes Mestres das Ordens, e antes delles, era o Dom mais por cortesia, que attributo, por onde vereis, que nas chronicas de Portugal, e Castella antigas, hora se achão as mesmas pessoas com Dom, hora sem elle, como o Conde Fernão Gonçalves, o Conde Diogo Porcellus, ou Leitão, que he o mesmo, e outros mil personagens, como os juizes da mesma Castella, quando por elles se governou, posto que antigamente só aos Reis, e Infantes, e Ricos homens era permitido, como diz Salazar de Mendonça. E comtudo, os Chronistas modernos, por cortezia os nomeão com Dom: e o mesmo seria nos Mestres, os quaes em algumas chronicas, e memorias, hora os acho com Dom, hora sem elle. Por onde parece era isso cortezia, como agora dizemos, o senhor fulano, e muitos varões, e donas illustres achareis nas mesmas memorias antigas sem esse Dom, como algumas vezes com elle; pois não he, nem quer dizer mais que o senhor fulano. Por onde ainda que estes Mestres se nomeassem com Dom, quiçais o não terião de antes, como acontece aos Bispos. Por que tambem os Andradas, ou Freires de Andrada de Galiza, de cuja casa he agora chefe o Marquez de Sarria, Conde de Lemos, e Conde de Andrada, não se chamavão de Dom, os mais: e com tudo, Nuno Freire de Andrada, aliás Nuno Rodrigues Freire de Andrada, que de lá veio, em tempo del-Rei Dom Pedro, e foi cá Mestre de Christo, se chamou de Dom: e seus descendentes, que são senhores da casa de Bobadella, e da casa de Sousa, não se chamavão com Dom, senão Freires de Andrada, que o tempo, e os Reis forão fazendo disso grangearia, por terem mais de que fazer mercê. Porém vemos muitas familias illustres, e antigas, que se prezão muito mais de conservar sua antiga nobreza, sem admitirem esse Dom nunca, como estes Freires de Andrada, Vasconcellos, Monizes, Silvas, Sousas, Tavares, Mellos, Furtados, Mendonças, Sás, Cunhas, e mil outras illustres. Mas claro parece, que se os filhos, e descendentes daquelles que vierão a

ser Condes, se podem com direito chamar de Dom, e dos Bispos, té agora, com mais razão o poderão usar os filhos, e descendentes dos Mestres das Ordens militares, sendo dignidade tanto maior (temporalmente falando) quando isso não estivera tão baratado.

Mas tornando a Venus, a qual depois que com os jogos, e festas, que vos disse, e outros regalos, teve bem povoada esta região, e sitio, nella se deixou andar, e se entreteve muitos centos de annos, e idades: té que vio avezinhar-se o tempo, em que muitos dos naturaes della havião de abrir porta desta banda do Poente, pera todo esse Oriente, por esse Oceano incognito (cousa nunca cuidada, e antes tida por impossivel) e que lá havião de fazer tamanhas proezas por armas, que parecessem bem dos seus Romanos, e dignas de seus Lusitanos: por onde lhe pareceo havel-os de ir lá esperar, e apparelhar-lhes Reinos, e Imperios á sua obediencia, e com hum banquete, e outros regalos de gasalhado, e festa, no meio das agoas do mesmo Oceano, e sobre o penhasco, que daqui arrancou que vos disse.

E porém, antes de sua partida, não lhe parecendo levar comsigo duas Nimphas, que sempre a servirão s. a Nimpha Megaria, e a Nimpha Aronca, a partes tão remotas, determinando tornar a estas em algum tempo, as deixou como em refens de sua tornada, convertidas porém em fontes, mas com os seus proprios nomes, que dellas se chamão ainda hoje com pouca corrupção a fonte de Aronca, e a fonte da Mogueira, por Megaria. As quaes ambas fontes, dizem, que he certo, que inda agora mostrão, e se enxerga nellas o grande desejo com que estão esperando a vinda de sua senhora Venus, pera as tornar em seu primeiro ser; por quanto, se alguma pessoa especialmente mulher, apparece em cima, e á vista de suas agoas, logo ellas sahem, e aparecem de dentro, a ver se he sua senhora Venus, Rainha da fermosura, que muito desejão cobrar, e por cujas saudades sempre chorão; posto que por sua consolação as deixasse Venus mais perto da communicação das gentes, que todas as respeitão muito, pelo grande amor que Venus sempre lhes teve: e a huma e outra se fizerão estas endechas.

Á FONTE DA RONCA

Rouca de chorar
E com mil soluços
Me dão paz de bruços,
Por mais magoar.

Se quando repousa,
  Meu suspirar ronca,
  Me chamão da Ronca,
  Que falar não ousa.
Se calando chora
  Minha dor sobeja,
  He que ver deseja,
  Meu bem, e senhora.
Longa esperança,
  Incerto esperar;
  Não ha mor pezar,
  Cansada tardança.

E Á FONTE DA MOGUEIRA

Estes olhos de agoa
  Cheios sempre tenha,
  Té que me não venha,
  O fim desta magoa.
Que a Nimpha Megaria,
  De Venus Camaneira,
  Dizem da Mogueira,
  Cousa tão contraria.
Nimphas, sede amargas,
  Que em tanto tormento,
  Por falar rebento,
  Por estas ilhargas.
Que n'um S. João,
  Muy de madrugada,
  De mi ira fadada,
  A sem corrupção.

Gal. De Certorio que se faria? como não acodio a estas cousas, sendo tão valeroso, e com tanto poder? como se não veio meter neste seu castello Certago, que dizeis foi sua fundação, se o foi, que me parece ouvir contar já de sua origem outra cousa, e de suas armas, e folgara saber em certeza, o que disto tendes achado, que parece parte dependente deste nosso sitio, por confinar com seu distrito dividido com este nosso Zenzere, como por ser o lugar pera onde a nossa Princeza Peralta, de lastimosa memoria, levava seu caminho: e Certorio

ser hum dos principaes seus pertensores, e servidores, e o autor de tantas maranhas, e estratagemas.

Crisp. Parece que devia Certorio nesta conjunção estar-se em Evora, sua ordinaria estancia, e assi convinha, pera mais dissimulação das traças, que consultara com Estella, pois claro está, que se aqui estivera, e com poder, não he de crer se abalara a Princeza Peralta, quanto mais, que elle não queria dessaborear os Lusitanos, que com elle, e seu reino tinhão pazes. E todos em fim, erão Lusitanos, e por via de força não queria levar o negocio, nem era bem, senão com prudencia, como parecia o levava bem encaminhado, e tambem o successo e acontecimento foi tão repentino, subito e não cuidado, que mal poderia elle acodir-lhe a remedial-o: quanto mais, quem quereis, ousasse tomar-se com huma fada, ou Deosa: antes como soubesse os estragos que tinha feito, estaria tremendo de medo de algum castigo, que por fim não pôde evitar, porque foi morto depois á traição, tambem desastradamente. E que Evora fosse sua ordinaria estancia, se collige de vermos inda hoje nella hum edificio de casas antiquissimas, cujas paredes por fora são de columnas altas, quasi de tres estaturas de homem, que forão casas do mesmo Certorio.

Por cuja morte os Romanos em vingança das muitas que lhes tinha dado, achando-se sem esse obstaculo, senhores do campo, se determinárão destruir-lhe sua memoria, como tinhão feito á pessoa, e deitar por terra este seu castello, té os fundamentos, e tendo-o cercado muitos dias, e posto em muito aperto, com muitos assaltos que lhe derão, em que houve feitos, e valentias de huma e outra parte muito notaveis obstinadissimamente, té que roto hum pedaço de hum baluarte, que olhava ao Poente, com huma certa machina, a que chamavão Aries, que era huma trave, ou masto muito grande, forrado de ferro, e com argolas, e hum bico, ou rosto de ferro admiravel, no qual pegando muitos soldados, o levavão de longe, correndo, e dava tamanha marrada nos muros que os abalava e derrubava: e por isso lhe chamavão Aries, que quer dizer carneiro (que diz Florião do Campo, que foi inventada pelos Fenices nos muros de Cales.) E aberto com isto o baluarte, e mortos quasi todos os defensores delle, começárão os Romanos a entral-o de tropel, do que houve dentro a turbação que podeis cuidar. Mas tendo sua vivenda, ou estancia ali pegado a este baluarte hum dos que estavão na defensão delle (cujo nome não achei) sua mulher, que Celinda se chamava, lhe estava acaso guizando a comida nesta conjunção, e frigindo-lhe huns ovos, n'um instrumento de ferro, pera isso costumado, de que a feição era huma chapa de

ferro, do tamanho e da feição de huma meia folha de papel, mais ou menos, a qual chapa tinha suas bordas pera cima, por não cahir o azeite, e quatro pés de ferro, com seu rabo atravessado, ou pegado no meio da mesma chapa, comprido e forte, pera desviar do lume quem o tivesse na mão.

Vendo pois Celinda entrar o marido muito mal ferido de morte, dizendo deixava mortos os companheiros, e o castello entrado, foi tal a dôr de o ver assi, e furor de sua vingança pera os inimigos, que tomando subito o dito instrumento, com ambas as mãos, assi vermelho, e ardendo no fogo, como estava, e com o azeite, e ovos fervendo, como huma leoa embravecida se lançou aos inimigos, a tempo que elles de tropel como já disse, e embaraçados huns com outros, a quem entraria primeiro, e com seu capitão diante, vinhão entrando pola estreiteza da abertura do baluarte: e já senhores delle Celinda dando-lhes nos focinhos, e olhos, com o azeite, e ovos fervendo, amiudou os golpes, e carregou os inimigos com elles de maneira, sem nenhuma piedade, que o primeiro que fez, foi rachar os miolos ao capitão, que primeiro encontrou, dando com elle morto em terra, e recebendo os mais com o mesmo gasalhado, na pousada que vinhão buscar, que huns mortos, outros mal feridos, os foi entretendo, e despejando o baluarte, té que acodindo gente de outras partes, foi soccorrida, e seguindo todos a vitoria, sahirão com os imigos fora, e fizerão nelles grande estrago, os quaes com as mãos nos cabellos, vencidos, e desanimados, com a morte de seu capitão, desampararão o cerco, e se forão na má hora, desbaratados, e envergonhados de se verem assi vencidos por huma mulher, a qual desta maneira livrou sua patria, e parentes, e vingou seu marido, que já achou morto das feridas, quando tornou.

Oh valerosa matrona Celinda, mais digna, ou digna de maiores louvores de quantas celebra a memoria! Com que palavras engrandecerei vossos louvores, pois elles estão excedendo todas as palavras, e por tanto, se isso pudera ser, vos comparara com aquella santa, e fermosa Judith, a qual da mesma maneira livrou sua patria Bethulia, por permissão divina, do cerco e destruição em que a tinha o furibundo, e violento Holofernes, cortando-lhe a cabeça, por cuja morte desanimados os seus, que era hum poderosissimo, e numeroso exercito, se forão tambem na má hora vencidos e desbaratados, em tanto que de cada mouta se lhes figurava lhes sahia hum, e muitos Bethulianos, como vós, honra e gloria desta nossa terra, fizestes: e por isso com esta Santa vos desejo comparar.

Pois não he vossa comparação aquella Olmida, posto que muito

valerosa, vossa natural, e quiçais parenta, a qual acompanhando sempre seu marido nas guerras, em trajo, e feita soldado, e fazendo admiraveis feitos de valentia, e vindo a ser cativa de Romanos, e cahir em sorte a hum capitão delles, em certo desbarato, de que o marido se escapara, e sabido ser mulher, pasmavão os Romanos polas valentias que a ella lhe virão fazer.

Mas ella cortando a cabeça a seu senhor, huma noite, em vingança da força, que como tal lhe fizera em sua honestidade, se escapou com ella, e vindo ante seu marido, lha botou aos pés dizendo: Tomai, que se houve quem por força maculasse nossa honra, ao menos não lhe ficará lingoa pera o publicar: e com tudo, nem assi quero viver com essa vergonha, e dor de meu coração. E dizendo isto se meteo pelos peitos a mesma espada, com que cortára aquella cabeça, lançando-se sobre ella, e se matou.

E ainda que este fosse hum feito tão heroico, e tal nunca visto, com tudo não foi livrando a patria, já quasi em poder de inimigos, como vós heroa fizestes. E se Olmida matou o senhor em vingança de sua honra, o matou dormindo. Mas vós, valerosa Celinda, matastes não hum, senão muitos inimigos, não dormindo, senão vencedores peleijando, não despidos, se não muito armados, e em fim vencestes hum exercito, pois fostes causa total disso. E ainda que soccorrida fostes, se podera dizer por vós, e cantar, o que os Israelitas cantarão a David, vindo-o receber vencedor do gigante Goliath, ao qual cortara a cabeça em desafio, cantando com bailos, danças, e folias:

Saul percusit mille, David decem milia.

Saul ferio, e matou mil, e David dez mil.

Pois a vós só se deve attribuir a victoria havida aqui de aquelle exercito de Romanos, e a liberdade da vossa patria, por quem puzestes a vida, ficando viva pera a defender, e não vos matando debalde, e sem razão alguma, como fez Olmida, ainda que ella a desculpa sua grande verecundia, e dor de coração, e por ser por melhores respeitos do que o fez essa Lucrecia Romana, de Romanos tão celebrada, e louvada sem fundamento, nem razão. Por onde, se a fortuna, que tanto a Romanos levantou, lhes concedera huma Olmida, ou outra Celinda como vós, oh quantos livros encherão de vossos louovores, quando a Lucrecia dão tantos, sem os merecer: porque[1]

[1] Aug. Civit. Dei. li. 1 c. 19.

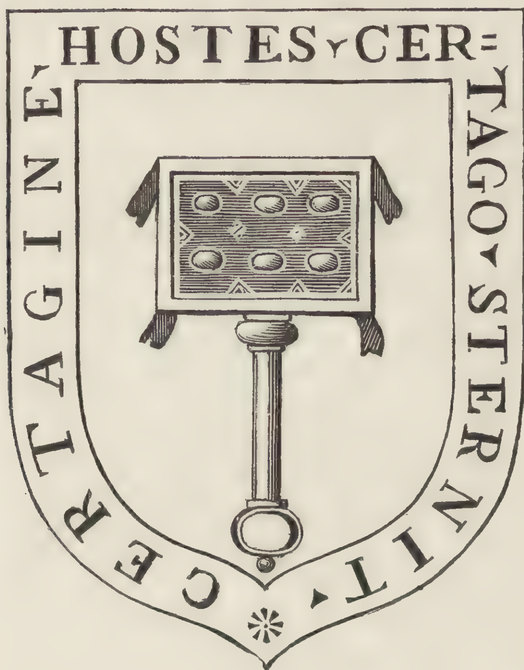
Se culpa tens Lucrecia, no adulterio,
Tem falsa gloria tua morte feia,
E se culpa não tens, foi vituperio,
Chegar a te matar por culpa alheia.
E posto que das castas tens o imperio,
E por fama geral, assi se creia,
Ainda nella duvidosa corres,
Se casta vives, se culpada morres.

E deste feito, que foi mui celebrado em toda a Lusitania, que n'outra cousa se não falava, ficou o nome a este instrumento de ferro, o instrumento de Certago, que pouco a pouco forão chamando Sartagem, e agora Certam, adocicando o nome no cabo, como dissemos da Louzã costumarem nossos antepassados falar como ainda agora em algumas partes.

O qual instrumento, os moradores desta villa tomarão por suas armas, e divisa, trazendo pintada esta Sartagem, ou Certam nas suas bandeiras de guerra, quando a gente de aqui hia a ella contra Romanos, em memoria deste feito de Celinda, cousa muito costumada, e que muitos fizerão. Como os Machados, que tomarão por appellido, e armas dous machados, com que quebrarão, e abrirão o postigo do Castello de Lisboa, que chamão do Muniz, por onde elle foi entrado, e tomado: e outros instrumentos, como Correas, Porras, Padilhas, Çapatas, Menezes.

Por onde estas armas da Certam (que assi vemos se chama hoje esta villa de Certago) são mais pera seus naturaes, e moradores se honrarem dellas, que pessoa, cidade, ou villa alguma das suas, principalmente, por serem tão decantadas, e nomeadas na leitura sagrada, onde Deos, pelo Propheta Ezechiel no cap. 4 diz: *Et tu sume tibi Sartaginam ferream, et pones eam in murum ferreum, inter te, et inter civitatisem, et obfirmabis faciem tuam ad eam, et erit in obsidione, et circumdabis eam, Signum est domui Israel.* E tu te toma huma Sartagem de ferro, e a porás, como muro de ferro entre ti, e a Cidade, e com ella firmarás teu rosto, no cerco, e a rodearás toda, e este será o sinal na casa de Israel. Diz S. Gregorio, que por Sartagem, por ser de ferro, metal forte, se entende huma espiritual fixura do ceo. E a grosa interlineal diz: *Haec* s. *Sarthago, ponitur quasi murus ferreus.* E esta Certam, se põe quasi hum muro de ferro.

ARMAS DA VILLA DA CERTAM



De maneira, que parece forão já armas dos Reis de Israel. E certo, tal parece foi o feito de Celinda neste muro, por ella de ferro, com esta Sarthage nas mãos de ferro.

Deixo a menção que de Sarthagem se faz, no Levitico, no cap. 2, e no 6; e no Paralipomenon, no cap. 9; e o mesmo no lib. 2 dos Machabeos[1].

Que armas logo póde haver de pessoa, cidade ou villa, que tenhão tão honrada prerogativa e nomeada, pois na Escritura sagrada se faz menção dellas tantas vezes, donde se veio a cuidar podia ser fundado este castello por gente, que da Palestina se veio habitar na cidade de Tyro, e dali se veio a Hespanha, como logo vos direi.

Por onde não falo nas dos Menezes, e Tellos, de que tanto se honra essa familia, que são humas malassadas de ovos fritos, quiçais em Sar-

[1] Levit. 2 e 6. — Par. 9. — Mach. 2.

thagem, porque elles assi feitos forão o meio, e causa del-Rei Ordonho de Lião vir em conhecimento de seus netos, que sua filha Dona Ximena, que lhe fugira com hum certo cavaleiro, que a deixou, houve de hum lavrador, em cuja casa se recolheo no lugar de Meneses, que se chamava Tello de Meneses, com quem depois de o servir alguns annos, e de elle viuvar veio a casar, onde vindo o dito Rei perdido da caça pousar a sua casa, e conhecendo acaso, por via das malassadas, que a filha lhe guizou, por saber ser a igoaria de que elle mais gostava, veio em noticia della, e dos netos: contando-lhe o marido, como ali viera ter, e não sabia quem, ou donde era: e perdoando el-Rei á filha, fez ao marido senhor do dito lugar, e de outros, e levou os netos, de quem decendem os Meneses, e Tellos e outras familias illustres.

E não ha que cuidar, que a fundação deste castello foi senão obra de Certorio, como vos tenho dito, porque se acha isso em escrituras antiquissimas, e o diz assi Laymundo historiador das cousas, e perdição de Hespanha, que refere Fr. Bernardo de Brito, e outros; porque dizer que foi fundado por gente, que da Palestina se veio fugindo habitar na cidade de Tyro, e lançados della, ou fugidos vierão alguns cá ter a esta parte da Lusitania; e que de hum castello, que havia junto a Hierusalem, chamado Sartham, lhe puserão elles esse nome (cousa muito usada em todos os estrangeiros, porem os nomes de sua patria aos lugares que occupão, ou fundão) e por Sartham na sua lingoa hebrea significar lugar de angustia, e estreiteza, qual he o sitio onde está ora este castello, no cabo, e onde fenecem certos montes, vindo fazendo como espinhaço, e entre dous rios, ou ribeiras, que logo á vista, e junto deste castello se metem hum no outro: e por sinal, que destes que aqui ficarão habitando, conserva huma rua que fica ao pé d'este castello e dece da praça, ainda o nome, e a chamão a Judiaria: he tudo falar de graça, sem fundamento, mais que a semelhança d'estes nomes. Porque esta gente hebrea, nunca nestes tempos veio a Lusitania, e se ficou no reino de Toledo, vindo fugindo de Tyro, inda que muito depois, mais de mil annos, viessem quando os Reis Catholicos de Castella, Dom Fernando, e Dona Isabel os lançarão della, na má hora, com que çujarão muitas familias nobilissimas, e muita gente nesta nossa terra. E a verdade mais certa he, que foi fundação de Certorio, que lhe poz esse nome do seu, e desta palavra certare, ou certamen, que na sua lingoa latina significa peleijar, ou peleija, como quem diz, sempre guerreiro, e invencivel, como he; que não se sabe fosse vencido em nenhum tempo. E antes este castello, villa e termo,

tem lançado de si muito valerosos cavaleiros, e capitães, assi n'esses tempos de Certorio, quando os d'aqui o acompanhavão n'essas batalhas tão sinaladas, que houve contra Romanos, e a seus successores, e se ajuntavão, pera fazer suas resenhas, aqui junto n'uma varzea, a que delles ficou o nome, e se chama ainda hoje a varzea dos cavaleiros, pelos que aqui se juntavão, esperando huns pelos outros. Porque d'aqui foi natural vosso tio, o grande Christovão Leitão, que já vos disse.

E daqui sahio aquelle invicto capitão Dom Nuno Alvares Pereira, que foi hum dos trinta e dois filhos que Dom Fr. Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato, aqui houve, e de outra mãi, a elle só no lugar do Carvalhal, que se chamava Iria Gonçalves do Carvalhal, termo desta villa da Certã, que foi instituidor do illustrissimo estado de Bragança, de cujas virtudes e proezas tenho por melhor não tratar, que dizer pouco como Salustio diz dos Cartaginenses. Porém, tão affeiçoado era a esta sua patria, e natureza, que nella vinha muitas vezes estar grandes temporadas, e em Cernache de Bom Jardim (que he hum bosque cercado, quasi de huma legoa que seu pai e elle plantárão, e cercárão, com fontes de pedraria, azulejos, e arvoredos, que se vão ao ceo, e muita caça de toda a sorte, veados, corços, porcos monteses, e outra, que ainda ha, e ficou do muito que d'isto havia em sua vida) pola singular devoção que sempre teve a N. S. do Olival, hermida devotissima, e muito nobre, que junto a esta villa ha (que elle chamava N. S. do Meio, dizendo estar no meio do reino de Portugal, que elle fez medir) e nella deixou por sua memoria huma estatua de cera, do seu tamanho tirada pelo seu natural, a qual estatua durou té estes nossos tempos, que todos a vimos, e eu muitas vezes n'um nicho desta igreja. E porque era tido por santo, lhe forão tirando bocados os doentes de maleitas, que dizem saravão com isso, e foi comido a bocados, não sem culpa de descuido de seus decendentes, que devêrão pôr nesta sua memoria mais resguardo, e acatamento: pois el-Rei Dom João II lho mostrava grande, quando vinha a esta hermida, por cuja estatua era; o qual Rei vinha muitas vezes estar n'este bosque de Bom Jardim, lograr seus gostos com aquella fermosa dama Dona Anna de Mendonça, de quem houve o senhor Dom George seu filho (que tanto desejou lhe succedesse no reino, e dizem lhe escapulio das mãos, por bem leve occasião) o qual nesta terra, e sitio foi gerado, e delle procedem os Illustrissimos Duques de Aveiro, que d'aqui tem suas raizes, como tambem os de Bragança, por sua mãi, Iria Gonçalves do Carvalhal, d'aqui natural, como já vos disse.

Por onde ambas estas casas de Bragança, e Aveiro, parece tem obrigação de favorecer as cousas desta villa e sitio, como suas naturaes.

D'aqui tambem foi natural aquelle grande cavaleiro Lopo Barriga, que em Çafim e Azamor fez tão grandes cavalarias, e foi o que pregou hum seu punhal nas portas de Marrocos, indo té ellas correndo os Mouros[1]. O qual vindo a ser cativo, e não podendo seu grande coração, nem ainda estando cativo, soffrer a hum Mouro Alcaide certa descortesia, o matou com huma racha de taboa. E tendo elle, e seus descendentes, a capella das Chagas, no cruzeiro de S. Francisco de Lisboa, pera a banda da Epistola, muito nobre, que elle fundou, e com hum devotissimo Crucifixo, onde el-Rei Dom Henrique, antes e depois de Rei, por sua devoção dizia missa: comtudo sua sepultura, e de seus descendentes, filho, e neto, té agora foi nos campos de Africa, pelejando pola Fé de Christo, assás mais honrada, que na dita capella, com ser muito nobre.

Era Lopo Barriga, com ser tão valente cavaleiro, muito curto, e vergonhoso, em tanto que estando hum dia ao jantar del-Rei Dom João III, com outros muitos fidalgos, lhe perguntou el-Rei, por lhe fazer favor de falar com elle: Se fora já ferido em tantos feitos como se tinha achado? Ao que elle por ficar atalhado de vergonha, não respondia: porém outro fidalgo mais despejado da lingoa, acodio, dizendo: Senhor, Lopo Barriga, he muito mofino, que sempre o ferem. Calouse el-Rei, e não deixaria de notar, que ainda que Lopo Barriga era curto da lingoa, o não era das mãos. E dahi a huns dias foi el-Rei á caça, e lá cahio o cavallo, ou embicou, e o derribou; e quando foi ao jantar, disse el-Rei: Em fim, hoje cahi: ao que chegando-se Lopo Barriga, respondeo com muita modestia: Senhor, quem corre cae, e quem peleja, ferem-no. Ao que el-Rei com o festejar: Assim he, Lopo Barriga, dizeis verdade.

Daqui deste Castello, e villa da Certam, sahio, e foi natural o Capitão Gonçalo Rodrigues Caldeira, que com a gente della se achou na memoravel batalha de Aljubarrota em companhia do Conde Dom Nuno Alvares Pereira, seu natural, e compatriota; o qual Gonçalo Rodrigues Caldeira ganhou nesta batalha a bagagem del-Rei Dom João de Castella, e nella aquella admiravel caldeira de bronze, que pera memoria deste feito, está ainda hoje na claustra do insigne mosteiro de Alcobaça, tão grande, que nella se cozião juntos, tres e quatro bois feitos

[1] Chron. del-Rei Dom João III.

em rações pera os soldados castelhanos. A qual caldeira, o dito Rei venceder Dom João de boa memoria, lhe deu por armas, pera todos seus descendentes, em memoria deste feito, como hoje elles as trazem, s. tres caldeiras n'uma barra atravessada n'um escudo, e daqui se chamou Gonçalo Rodrigues Caldeira. E estas caldeiras erão armas dos ricos homens: e que só elles podião trazer, como hoje as trazem os Duques de Naxera duas com sete cabeças de serpes em cada aza.

E forão estes Caldeiras muitos annos, té estes nossos dias, Alcaides móres deste castello de Certago e villas da Certam, e Pedrogão pequeno, onde por falecer João Tobias Caldeira, ultimo alcaide mór desta familia de Caldeiras, sem filhos, se passou esta alcaidaria (que he das melhores de Portugal) a outrem, e não sei o como, e com que descuido dos desta familia, em quem tantos annos andou.

Deixo o capitão Manoel da Motta, daqui natural, que todos conhecemos, cuja gloria e fama vendo outros capitães ir subindo sobre elles ás nuvens, dizem que por inveja foi morto por elles com peçonha, que se lhe deu.

E por elles se cantou este Romance, e por ser este o coração, e meio do reino de Portugal, e taes cavaleiros sahirem daqui.

Do Nuno velo las armas,
Con que acabo tantas lides,
Coração del Reyno a quien
Dio principio el Conde Anrique.
Entre unas desiertas torres,
Cuyos marmoles insignes
Midieron los altos cielos,
Y agora la tierra miden.
A las desiertas ruynas,
Obras del tiempo invencible,
Porque quien mirare en ellas,
Mudos desengaños mire.
Viendo que todo se acaba,
La memoria sola applique,
Pues de lo que fue de gloria,
Sola la memoria vive.
Quando el invicto Certorio
Con victorias se apercibe,
Levanta torres tan altas,
Haziendo su nombre insigne.

Que de Certorio Certago,
Es esta Certan terrible,
Por los gloriosos hechos,
De su natural Celinda.
Que librò sua patria amada
Con fierro y con flama sigue,
Un exercito deshecho,
Con una certan que frie.
De cuya gloria y fama,
Rabia pura la enviste,
Quando preza de Romanos,
Se ve la valiente Olmida.
Pues trayendo la cabeça
Del capitan, que la vicia,
Ante el marido se mata,
Aunque de culpa esta libre.
Y el gran Nuño Condestable
De Portugal, que aun vive,
Deste Castillo Certago,
Se ha llevado las raizes.
De que hizo un arbol tan alto
Que al cielo llegan sus vides,
Despues que dessa Castilla
Rompio pechos, vencio Cides.
A quien Christoval Leitão
Fue siguiendo los limites,
Esse que llamaron grande,
Por grandes hechos insignes.
Violos Italia feroz,
Africa violos y se afflige,
Por verle hecho Coronel,
Con armas, torre de Arzilla.
Y Lope Barriga el bravo,
Que en Azamor, y Çafines,
Hizo proezas tan grandes,
Que passan de creerlas tildes.
Que en las puertas de Marruecos
Siguiendo sus Marroquines,
Clavó su puñal dorado,
Diciendo, cerrad os viles.

A quien Caldera, y Motta
Siguen passos y tapizes,
Capitanes de valor,
Fuertes, bravos, no humildes.
Que Certan, y esta su varzea,
De cavalleros similes
Fue siempre fuente, y bivero,
De donde salieron miles.

E tudo sub censura Romanæ Ecclesiæ.

FINIS

TRADUCÇÃO EM CARACTERES MUSICAES MODERNOS DA CANÇÃO

PUBLICADA EM FAC-SIMILE A PAGINAS 164 E 165

Pues - - - - tos es - tan fren - te a fren - te

Pues - tos es - tan fren - te a fren - - - te

Pues - - tos es - - - - tan fren - te a fren - - - - te

los dos va - - le - ro - sos cam - - - - - - - - - - pos

los dos va - - le - ro - - - - - sos cam - - - pos

los dos va - le - ro - - - - - sos cam - - - - pos

u - no es del Rey Ma - lu - - - - - co o - - - - tro

u - no es del Rey Ma - lu - - - - - - - - - - co o - tro de

u - no es del Rey Ma - lu - - - - co o - - - - - tro

de Se - - bas - - tia - - - - - - - - - - - - - - - - no

Se - - - - - - - - - - - - - - - - - bas - tia - - - - - - - - no

de Se - bas - - ti - - a - - - - - - - - - - - - - - - no

el Lu - - - si - - - ta - - - - - - - no el

el Lu - - si - - - - - - ta - - - no el

el Lu - - si - - ta - - - - - - - no el

Lu - - si - - - ta - no.

Lu - - si - - - ta - no.

Lu - - si - - ta - no.

INDICE

[illegible]

ALGUMAS OBRAS QUE SE VENDEM NA IMPRENSA NACIONAL

E EM CASA DOS SEUS COMMISSARIOS E CORRESPONDENTES

Bibliotheca historica de Portugal e seus dominios ultramarinos, por José Carlos Pinto de Sousa. 1801. 4.º — 750 réis.

Camões, ode do cavalheiro Raynouard, traduzida em verso portuguez por Filinto Elysio, Vicente Pedro Nolasco e F. L. Verdier. Edição annotada. 1825. — 120 réis.

Canto heroico sobre as façanhas dos portuguezes na expedição de Tripoli em 1798; em latim por José Francisco Cardoso, e traduzido em portuguez por Manuel Maria Barbosa du Bocage. 1800. 4.º — 360 réis.

Conquista, antiguidade e nobreza da cidade de Coimbra, escriptas por Antonio Coelho Gasco, e obras ineditas de Antonio de Abreu, amigo e companheiro de Luiz de Camões no estado da India. 1805. 8.º — 240 réis.

Considerações politicas e commerciaes sobre os descobrimentos e possessões dos portuguezes na Africa e na Asia, por José Accursio das Neves. 1830. 8.º — 480 réis.

Decadas da Asia de João de Barros e de Diogo de Couto. 1778. 8.º, 24 vol. com estampas e mappas. — 7$500 réis. (Vendem-se tambem volumes avulsos a 320 réis.)

Deducção chronologica e analytica, por José de Seabra da Silva. 1768. 8.º, 5 vol. — 1$440 réis.

Descripção analytica da execução da real estatua equestre de D. José I, por Joaquim Machado de Castro. 1810. 4.º Com 25 estampas. — 1$920 réis.

Dialogo de varia historia, em que se referem as vidas dos senhores reis de Portugal, com os seus retratos, e noticias dos nossos reinos e conquistas, e varios successos do mundo, por Pedro de Mariz; acrescentada até á regencia do principe regente. 1806. Quinta edição. 4.º, 2 vol. — 1$920 réis.

Diccionario bibliographico portuguez, por Innocencio Francisco da Silva. 1858-1862. 8.º gr. Tomos I a VII. — 1$440 réis cada vol. (O tomo VIII, Supplemento, acha-se no prelo.)

Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza e latina por fr. Bernardo Maria de Cannecattim. 1804. 4.º — 1$200 réis.

Direcções para os novos militares. 1832. 4.º — 480 réis.

Discursos varios politicos, por Manuel Severim de Faria. Reimpressos e corrigidos segundo a edição feita em 1624. 1805. 8.º — 300 réis.

Dissertação historica, juridica e economica sobre a reforma dos foraes no reinado do senhor D. Manuel, por João Pedro Ribeiro. 1812. 4.º — 180 réis.

Elogio historico de Ricardo Raymundo Nogueira, por José Agostinho de Macedo. 1827. 4.º — 120 réis.

Epódos, que contêem sentenças uteis a todos os homens, ás quaes se acrescentam regras para a boa educação de um principe; compostos em latim por Diogo de Teive, e traduzidos em portuguez e em verso solto por Francisco de Andrada. 1803. Edição segundo a de 1565. 8.º — 135 réis.

Grammatica hollandeza, pelo padre Carlos Folqman. 1804. 8.º — 150 réis.

Grammatica indostana, a mais vulgar que se pratica no imperio do Grão Mogol. 1805. 8.º — 150 réis.

Grammatica marasta, a mais vulgar que se pratica nos reinos de Nizamaxá e Idalxá. 1805. 8.º — 90 réis.

Historia critica do theatro, na qual se tratam as causas da decadencia do seu verdadeiro gosto; traduzida por Luiz Antonio de Araujo. 1779. 8.º — 300 réis.

Historia nova e completa da America, colligida de diversos auctores, por José Feliciano Fernandes Pinheiro. 1807. 4.º — 300 réis.

Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII, por Luiz Augusto Rebello da Silva. 1860-1866. 8.º gr. Tomos I a III. — 1$440 réis cada vol.

Leis que existem no fim do manuscripto original das ordenações da India do senhor D. Manuel. 1807. 8.º — 100 réis.

Livro das grandezas de Lisboa, por fr. Nicolau de Oliveira. 1804. 4.º — 600 réis.

Meditação, poema philosophico, por José Agostinho de Macedo. 1813. 8.º — 450 réis.

Memorias para a historia e theoria das côrtes geraes, que em Portugal se celebraram pelos tres estados do reino, ordenadas e compostas no anno de 1824, pelo visconde de Santarem. 1828. 4.º, 4 vol. — 1$035 réis.

Memorias politicas sobre as verdadeiras bases da grandeza das nações, principalmente de Portugal; por Joaquim José Rodrigues de Brito. 1803. 4.º, 3 vol. — 1$350 réis.

Memorias para a historia das confirmações regias n'este reino, com as respectivas provas. 1816. 4.º — 450 réis.

Memorias para a historia das inquirições dos primeiros reinados de Portugal. 1815. 4.º — 540 réis.

Obras de Horacio, traducção por José Agostinho de Macedo. 8.º — 300 réis.

Obras do celebrado portuguez Francisco de Sá de Miranda. 1804. 4.º — 450 réis.

Obras ineditas de Diogo de Couto. 1808. 8.º Com 1 estampa. — 200 réis.

Obras poeticas de Nicolau Tolentino de Almeida. 1808. 8.º, 2 vol. — 360 réis.

Obras politicas (traducção das) do sabio jurisconsulto Jeremias Bentham; vertidas do inglez. 1822. 4.º, 2 vol. — 1$200 réis.

Observações sobre a ilha de S. Miguel, recolhidas pela commissão enviada á mesma ilha em agosto de 1825; por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque e seu ajudante Ignacio Pitta de Castro e Menezes. 1826. 4.º Com estampas. — 480 réis.

Odes de Anacreonte de Teos, paraphraseadas por Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão. 1804. 4.º — 120 réis.

Plantas, poema de Ricardo de Castel, traduzido da 2.ª edição, verso a verso, por Manuel Maria Barbosa du Bocage. 1813. 4.º Com estampas. — 600 réis.

Poesias de Elpino Duriense, dr. Antonio Ribeiro dos Santos. 1812-1817. 4.º, 3 vol. — 2$160 réis.

Relação ou noticia particular da infeliz viagem da nau Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcantara, do Rio de Janeiro para Lisboa em 1778; por Elias Alexandre da Silva. 1778. 4.º — 120 réis.

Resumo de chronologia, approvado para uso do real collegio militar, por Antonio Leite Ribeiro. 1825. 4.º — 120 réis.

Obras de Luiz de Camões, coordenadas pelo visconde de Juromenha. 1860-1865. 8.º gr. Tomos I a V. — 1$440 réis cada vol. (O tomo VI, contendo os Lusiadas, acha-se no prelo.)

Sitio de Lisboa, sua grandeza, povoação e commercio, etc. Dialogos de Luiz Mendes de Vasconcellos. 1803. 8.º — 270 réis

Summario chronologico da historia de Portugal, por Balthasar de Chermont. 1805. 4.º — 450 réis

Thesouro de meninos; obra elementar compilada e ordenada por Pedro Blanchard, e traduzida em portuguez por Matheus José da Costa. 8.º, 6 vol. Com muitas estampas. — 2$700 réis.

Tratado do sublime de Dionysio Longino, e Luciano sobre o modo de escrever a historia. Segunda edição corrigida e addicionada em suas notas por Custodio José de Oliveira. 1804. 4.º — 360 réis.

Uma viagem ao valle das Furnas da ilha de S. Miguel em junho de 1840, por Bernardino José de Senna Freitas. 1845. Fol. Com estampas. — 480 réis.

Vida de D. João de Castro, quarto viso-rei da India, por Jacinto Freire de Andrade. 1804. 4.º Com estampas. — 500 réis.

Vida e feitos de el-rei D. Manuel. Doze livros dedicados ao cardeal D. Henrique, seu filho, por Jeronymo Osorio, bispo de Silves; vertidos em portuguez pelo padre Francisco Manuel do Nascimento. 1804. 8.º, 3 vol. — 1$080 réis.

Vozes dos leaes portuguezes, ou fiel echo das suas novas acclamações á religião, a el-rei e ás côrtes, etc. 1820. 4.º, 2 vol. — 720 réis.





